

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais

Escolhas Relativas

Uma análise do recrutamento social nas faculdades da UNIFESP no contexto de reorganização do campo universitário

Dissertação

Autor: Wilver Cunha Portella

Orientadora: Carolina Pulici

Guarulhos, São Paulo, 2018

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	4
CAPÍTULO 1: OS DIFERENTES <i>CAMPI</i> DA UNIFESP E O CONFLITO DAS FACULDADES	12
1.0 HISTÓRICO DA EXPANSÃO DO ENSINO SUPERIOR NO BRASIL.....	12
1.1 ESTRUTURA DO CAMPO, RECRUTAMENTO SOCIAL E O HORIZONTE DOS POSSÍVEIS	19
1.2 ANÁLISE DAS DIFERENTES FACULDADES DOS <i>CAMPI</i> GUARULHOS E SÃO PAULO EM NÚMEROS.....	28
1.2.1 Sexo, cor, idade, local de residência, estado civil e filhos.....	30
1.2.2 Trabalho e renda	39
1.2.3 Escola, capital cultural e ingresso no curso.....	46
1.3 <i>HABITUS, ETHOS</i> E O RECRUTAMENTO NAS FACULDADES.....	60
CAPÍTULO 2: OS HERDEIROS E A ESCOLA PAULISTA DE MEDICINA.....	69
2.0 A FUNDAÇÃO DA MEDICINA E O ESTABELECIMENTO DO CAMPO NO BRASIL	69
2.0.1 A formação médica nos anos 90 e os possíveis ecos na atualidade.....	81
2.1 UM BREVE RESUMO DA HISTÓRIA DO <i>CAMPUS</i> SÃO PAULO	94
2.2 ANÁLISE DA FACULDADE DE MEDICINA NO <i>CAMPUS</i> SÃO PAULO	98
2.2.1 Iniciação Científica, vivência acadêmica e o ideal de trajetória dos alunos da faculdade de Medicina	113
CAPÍTULO 3: AS POSIÇÕES E DISPOSIÇÕES DOS AGENTES NA FACULDADE DE MEDICINA DA UNIFESP.....	124
3.0 ANÁLISE DE CORRESPONDÊNCIAS MÚLTIPLAS COMO FORMA DE MAPEAR O CAMPO	124
3.1 OS AGENTES, SUAS REPRESENTAÇÕES E A POSIÇÃO QUE OCUPAM NO CAMPO.....	137
3.1.1 O miraculado	137
3.1.2 A Ascendente	141
3.1.3 O pragmático	146
3.1.4 A Acadêmica	150
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	154

BIBLIOGRAFIA UTILIZADA.....	162
------------------------------------	------------

ANEXOS	165
---------------------	------------

ANEXO 1 – TABELA DA RAZÃO ENTRE OS CANDIDATOS PELO SISTEMA UNIVERSAL E COTISTAS COM RENDA INFERIOR A 1,5 SALÁRIOS MÍNIMOS AO VESTIBULAR DE TODOS <i>CAMPI</i> E FACULDADES DA UNIFESP ENTRE OS ANOS DE 2013 E 2015.....	165
ANEXO 2 – QUESTIONÁRIO DA PROGRAD.....	167
ANEXO 3 – QUESTIONÁRIO DA PESQUISA.....	181
ANEXO 4 – ROTEIRO BASE DE ENTREVISTAS.....	187
ANEXO 5 – QUADRO SINÓTICO	188
ANEXO 6 – TABELA DE LIGAS ACADÊMICAS.....	188
ANEXO 7 – ACM AMPLIADAS	191
ANEXO 8 – ENTREVISTA COM ALUNO 3	197
ANEXO 9 – ENTREVISTA COM ALUNO 6	203
ANEXO 10 – ENTREVISTA COM ALUNO 9	214
ANEXO 11 – ENTREVISTA COM ALUNO 16	227
ANEXO 12 – ENTREVISTA COM ALUNO 24	233
ANEXO 13 – ENTREVISTA COM ALUNO 26	252
ANEXO 14 – ENTREVISTA COM ALUNO 36	263
ANEXO 15 – ENTREVISTA COM ALUNO 37	276
ANEXO 16 – ENTREVISTA COM ALUNO 42	283
ANEXO 17 – ENTREVISTA COM ALUNO 46	294
ANEXO 18 – ENTREVISTA COM ALUNO 56	315
ANEXO 19 – ENTREVISTA COM ALUNO 65	329
ANEXO 20 – ENTREVISTA COM ALUNO 70	354
ANEXO 21 – ENTREVISTA COM ALUNO 71	371

INTRODUÇÃO

O objetivo desta pesquisa é analisar como as condições objetivas da existência influenciam a “escolha” por uma faculdade a partir do recrutamento social nos campi Guarulhos e São Paulo da UNIFESP. Posto o panorama sobre os conflitos que motivam o recrutamento social nas faculdades, o enfoque se estende a uma análise mais aprofundada da faculdade de Medicina no contexto do surgimento da política de cotas. Notoriamente reconhecida como um espaço de formação das elites temporais, a primeira turma composta de metade de alunos cotistas traz novos agentes diferenciados do perfil tradicional no campo médico. Tais mudanças reconfiguram aspectos da disputa por posições de prestígio e o embate simbólico pela legitimidade do discurso sobre a faculdade. A pesquisa se ampara em diferentes fontes de dados secundários oficiais, como a Pró-Reitoria de Graduação da UNIFESP (PROGRAD) e o Censo do IBGE de 2010, para situar as instituições nas posições sociais que ocupam e as diferenças na composição do alunado, evidenciando as relações entre condições objetivas e os desejos subjetivos desses alunos. No que diz respeito à faculdade de Medicina, foram produzidos dados quantitativos primários e entrevistas a respeito dos fatores de escolha e visão sobre o curso.

Este trabalho se inscreve no cruzamento das áreas da sociologia da educação e da sociologia das elites, e se inspira nos trabalhos e em referenciais teóricos elaborados por Pierre Bourdieu. A pesquisa tem o objetivo de estudar a composição da estrutura de capitais dos agentes e a maneira com que cada um dos grupos mobiliza estratégias para rentabilizar os lucros diversos (simbólicos, culturais, econômicos e políticos). Os conceitos dos diferentes tipos de capitais, sobretudo o capital cultural na acepção de novo capital, e o conceito de campo são fundamentais para a análise dos objetos de estudo.

Campo pode ser entendido como um espaço inscrito nas relações sociais. Existem diversos campos que se alinham mais à lógica do poder temporal ou da cultura, sendo relativamente autônomos nas escolhas de posicionamento e composição. Cada área do conhecimento e as faculdades são campos diferentes, inserindo-se em outros maiores, mais gerais, e contendo outros menores (das ciências, das ciências biológicas, da saúde, da Medicina, da cardiologia, etc.). Os campos são divididos em polos dominantes e dominados, sendo a dominância dada conforme a lógica (temporal ou cultural) que a rege. Esta, por sua vez, atua

nos tipos de capitais específicos reconhecidos enquanto legítimos e de maior rentabilidade. A posição dos agentes é dada conforme o acúmulo de capitais.

O conceito de diferentes capitais parte da premissa de que as relações entre agentes não se dão apenas com base nas diferenças de classe em seu sentido econômico. Ainda que o capital financeiro tenha importância e oriente, em grande medida, o acúmulo de outros capitais pela necessidade de investimentos monetários, a reconversão do capital econômico em capital cultural não se estrutura apenas nessa base. Conforme a posição que o agente ocupa no campo, e também a posição do campo alinhada mais ou menos a uma lógica e sua relativa autonomia, um capital que é considerado dominante do ponto de vista do poder temporal se torna dominado e compensatório do ponto de vista da cultura.

O capital cultural pode ser compreendido como um acúmulo das propriedades relacionadas à cultura dos indivíduos, tomado de maneira ampla (conhecimentos incorporados, visões de mundo, certificados educacionais, etc.). A vivência dos diferentes espaços de valorização dos capitais cristaliza-se em um estilo de vida que envolve o gosto, disposições e formas práticas que se projetam de maneira inconsciente (*habitus*). Também influencia na visão de mundo dos agentes como alinhamento de valores, escolha de objetivos e tomadas de posição, porém mais conscientes (*ethos*).

Tais elementos implicam em um conhecimento e reconhecimento dos agentes e dos campos com os quais os estudantes estão inseridos e mantêm indícios de identificação. Essas relações, por sua vez, permitem trocas e acesso a informações e posições-chaves no campo para acúmulo de mais capital específico, ou outros recursos. E, principalmente, permitem também o reconhecimento por partes de outros agentes, o que tem como efeito a formação de um capital de relações, ou ainda um capital social. Os embates no campo operam principalmente pelas diferenças na estrutura de capitais e no antagonismo entre dominados e dominantes, os primeiros lutando por acesso às posições de prestígio e representação legítima do campo, e os segundos esforçando-se para manter o status quo de suas posições e representações.

Tais conceitos são pertinentes para compreender as disputas dentro dos espaços escolares e universitários, visto que estes se inserem nos campos da cultura. Porém, a autonomia relativa permite que os princípios de hierarquização da lógica do poder temporal influenciem essas relações que aparentemente se estabeleceriam pela lógica do acúmulo de capital científico. O uso da teoria bourdieusiana não é por acaso, uma vez que a compreensão dos

espaços de ensino e formação, como instituições entrecortadas por lógicas de consagração externas, são temas recorrentes na obra do autor e contribuem para um entendimento multifacetado dos agentes que ocupam esses espaços, seja pela disputa por recursos, seja para se estabelecer enquanto vanguarda capaz de subverter os princípios de consagração legitimados.

A autonomia relativa dos campos significa que as lógicas de consagração cultural também operam em outros espaços, mesmo sendo um tipo de capital dominado do ponto de vista do poder temporal. Assim, o capital cultural, em sua forma institucionalizada, que só pode ser obtido pela consagração escolar/universitária e através de suas prerrogativas simbólicas, é um recurso importante para o sucesso e o lucro no campo financeiro. Mas também há que se considerar seu caráter de símbolo de um determinado habitus de classe. Com efeito, os títulos escolares que dão acesso às profissões socialmente valorizadas funcionam como “títulos de nobreza cultural”, para falar como Bourdieu.

Este enquadramento surge a partir da própria experiência acadêmica do autor desta dissertação, enquanto se perguntava quais mecanismos e fatores operavam na diferença de escolhas por uma determinada carreira. Uma vez dentro do curso, cogitou-se o que levava determinados alunos a adotarem uma forma de atuação e um conjunto de estratégias mais ou menos rentáveis em seus contextos. Se as diferenças de capital econômico são tentadoras como resposta quase totalizante da questão, na prática elas não correspondiam de maneira satisfatória ao que se observava na empiria.

A sensação de conforto transmitida por um tipo de aluno, a forma de se expressar, bem como diferenças na maneira lidar com as situações e de vislumbrar oportunidades, não poderiam ser fundamentadas apenas pelo acesso que o capital econômico permite ao capital cultural. Além disso, dadas as diferenças dos princípios de hierarquização verticais e horizontais das instituições, pareciam existir marcas de distinção também dentro das faculdades, ligadas a uma experiência universitária mais ampla. A resposta psicológica da vocação também não era suficiente para explicar a densidade e as razões das diferenças entre o alunado.

Partindo dessas considerações, o projeto inicial previa uma análise da perspectiva macrossociológica que levaria em consideração os atributos clássicos de distinção apreensíveis pelos métodos quantitativos da sociologia, sem perder de vista a historicidade do objeto. Num segundo momento, o objetivo era entender as perspectivas microssociológicas que, amparadas

na objetividade empírica, em alguma medida ensejam os desejos subjetivos dos agentes e a composição de suas estratégias de atuação. O conceitual bourdieusiano e a forma que o autor lançava mão em seus trabalhos de diferentes níveis de compreensão e princípios metodológicos contemplam em boa medida a proposta.

As leituras sobre a influência dos contextos sociais e políticos na escolha por candidatar-se em cursos de graduação ou faculdade foram importantes para compreender esse panorama mais amplo das relações entre objetividade e subjetividade. Os trabalhos de Silva (2004), Whitaker (2001) e Almeida (2008) foram fundamentais para entender que princípios tangenciam a “escolha” por uma faculdade. Tais trabalhos na área sociologia da educação discutem a influência das condições dos alunos na composição de estratégias para ingresso no curso superior. Os estudos dialogam em diversos âmbitos como a imagem das profissões, táticas para compensar a falta de capitais econômico e cultural, e as relações das estruturas de capitais com a construção de objetivos profissionais e acadêmicos.

Deve-se mencionar também o volume 36 da revista Educação e Sociedade, que apresenta um dossiê de Os Herdeiros e a relação com as universidades contemporâneas. Muitos dos trabalhos publicados nesta edição foram utilizados nesta dissertação. Almeida (2015), Wilson Almeida (2015b), Artes (2015) e Ferreira (2015) debatem sobre os diversos aspectos acerca de inclusão, a influência das políticas públicas no recrutamento social, mudanças na composição do alunato, do acesso ao ensino superior, e as relação entre condições objetivas e os investimentos acadêmicos. Esses estudos também tomam como referencial teórico os trabalhos de Bourdieu. Para além das informações a respeito dos campos escolar, universitário e acadêmico, tais estudos contribuíram como base para pensar o desenho da pesquisa, o uso da teoria e formas de mobilização possíveis das ferramentas metodológicas.

No que se refere especificamente ao objeto de estudo proposto, o recrutamento social das faculdades nos campi da UNIFESP, o trabalho realizado por Perosa (2015), também publicado na edição de Educação e Sociedade citada, é de importância fundamental para a compreensão das orientações e formação de perfis do alunado. A autora questiona a democratização promovida pela expansão da Universidade Federal de São Paulo através do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI) ao investigar se tal ampliação era de fato um ganho democrático ou apenas a translação das desigualdades sociais. Perosa conclui que os campi de São Paulo e Osasco são

típicos do conceito de herdeiro, ou seja, um alunado composto principalmente por membros de elites econômicas e políticas. Em contraste, o campus Guarulhos é ocupado pelas classes mais populares, o que evidencia o papel dos mecanismos de recrutamento social na manutenção da composição dos campi com desdobramentos possíveis nas faculdades.

Os trabalhos documentais de Sampaio (2008), Motoyama (2006), Silva (2001) e Rodrigues (2008) retratam o histórico da Escola Paulista de Medicina (EPM), desde sua fundação enquanto escola particular de Medicina e como alternativa à USP, aos alunos e médicos interessados nas carreiras de ensino e pesquisa, até a transformação em UNIFESP na década de 1990 e a abertura para o ensino em outras áreas do conhecimento durante os anos 2000. Os trabalhos comemorativos revelam a posição que a universidade ocupa no campo médico, bem como seus índices de consagração simbólica nas figuras envolvidas na criação e manutenção da então EPM.

Após a análise mais geral do campo universitário e da UNIFESP, era necessário compreender mais a fundo as especificidades da Medicina e a fundação de seu espaço social. Os trabalhos de Coradine (1997; 2015) fazem uma análise rica a respeito do surgimento da Medicina no Brasil, ainda no período imperial, até a República, na década de 1930. Também ancorado no conceitual bourdieusiano, o uso dos estudos fora imprescindível à pesquisa para a compreensão da rentabilidade dos tipos de capitais específicos do campo médico, sobretudo na composição das faculdades de Medicina e instituições científicas, onde se estabeleceria o campo acadêmico médico.

As mudanças na sociedade e na relação que as elites sociais e econômicas mantinham com a Medicina são importantes para entender as bases da estrutura do campo que esta pesquisa retrata. Muitas das condições do exercício profissional da Medicina e sua face mais acadêmica são ecos que prevalecem entre os agentes e instituições mais tradicionais da faculdade. A união entre a Medicina e as elites permitiu uma condição de consagração *sui generis*, profundamente inspirada no modelo francês, porém, submetido a lógicas de funcionamento diferentes, o que contribuiu para um campo fundado principalmente no capital de relações pessoais e familiares.

Seguindo o objetivo de entender os paradigmas do campo médico, o trabalho de Machado (1997) realiza uma análise na sociologia do trabalho sobre a formação dos médicos e das condições do exercício profissional da Medicina. De maneira complementar aos estudos de Coradine, Machado examina brevemente as condições históricas desde 1930, porém mais

interessada nos efeitos destas nas décadas de 1980 e 1990, que constituem o foco do trabalho. Machado retrata os agentes do campo médico sob diversas perspectivas, sociais e econômicas, através de uma descrição densa das prerrogativas profissionais dos médicos, bem como de suas preferências e visões de mundo. Muitas das conclusões e apontamentos vistos no trabalho, como a feminização da profissão e uma tendência da mudança no interesse médico da excelência profissional para condições mais controláveis de trabalho, aparecem nos dados da pesquisa e também em análises mais recentes do campo da Medicina.

Sendo a formação do campo médico um espaço cujo recrutamento social é feito no âmbito das elites sociais e econômicas, os trabalhos na área de sociologia das elites (PULICI 2014a; 2014b; 2016) esclarecem a especificidade dos efeitos da circulação nos espaços dominantes e a construção da estrutura de capitais, sobretudo o social. Ainda que tais práticas não sejam exclusivas das classes dominantes, estas possuem prerrogativas que permitem formas específicas de aquisição de capital cultural e social, além da compreensão de suas diversas práticas e estratégias na composição do gosto, estilo de vida e visão de mundo dos agentes.

Nesse sentido, as informações quanto ao acesso a oportunidades específicas de acúmulo de capital cultural e social das camadas dominantes através do uso de um patrimônio familiar, comuns à estrutura de herança no campo médico e sua história, ampliam as possibilidades de análise das estratégias de atuação dos membros advindos das elites que ingressaram no campo médico. Tais variáveis surgem como elementos importantes na composição de uma trajetória que leva a posições dominantes, sobretudo no sentimento de pertencimento a um determinado grupo ou espaço, e no reconhecimento por parte de outros agentes do campo.

Outras fontes bibliográficas fora do escopo sociológico foram utilizadas, em sua grande maioria, produzidas no campo acadêmico da Medicina, na forma de artigos. Ainda que as compreensões e chaves de análise sejam em tudo diferentes das visões sociológicas, vemos grande interesse por parte dos pesquisadores da Medicina na compreensão de seus pares e o que motiva suas atuações. O trabalho de Scheffer (2018) sobre a demografia médica pode ser entendido enquanto um censo de toda a categoria, elencando questões fundamentais para a compreensão da UNIFESP e dos espaços de formação dos médicos. Amplamente embasado em dados estatísticos levantados em parceria com o Conselho Federal de Medicina (CFM), nele se observam muitos dos apontamentos e relações que despontam em outros trabalhos, configurando o que se poderia chamar de habitus da classe médica. Somam-se ainda trabalhos

como os de Corsi (2014), Cruz (2010) e Sousa (2014), debatem as condições da escolha da faculdade de Medicina, o perfil do alunado e também as afinidades das diferentes pesquisas qualitativas com as especialidades médicas.

Há de se destacar, finalmente, o trabalho de Franco (2010) sobre a relação de gênero nas especialidades. O artigo versa especificamente sobre as carreiras cirúrgicas, historicamente entendidas como um espaço inapropriado para a atuação feminina. Há várias similitudes com relação aos dados fornecidos pelos trabalhos de Machado e Scheffer, mostrando as áreas de especialidades com maior penetração feminina, bem como questões de gênero que permanecem mesmo com um espaço de duas décadas a separar os referidos trabalhos. Nesse sentido, Machado dedica um capítulo inteiro à feminização do campo médico, sendo possível observar nos diversos relatos muitos dos conflitos e desafios aos quais as mulheres são submetidas por conta de preconceitos de gênero.

Este estudo se diferencia de outras pesquisas da área por fazer uma análise das transformações no recrutamento social que a política de cotas estabelece na faculdade de Medicina, uma das mais elitizadas da UNIFESP, retratando questões e disputas que surgem com o ingresso da primeira turma composta por metade de alunos cotistas. Essa alteração no ambiente acadêmico e social da EPM é reconhecida pelo alunado ao longo das entrevistas como um marcador histórico importante, onde as elites que ocupam tradicionalmente o campo médico precisam dividi-lo com um perfil de agente em tudo diferente.

O trabalho faz uso de diversos métodos de pesquisa, de modo a analisar desde os dados secundários oficiais coletados pela PROGRAD, bem como dados primários coletados através de um questionário aplicado aos alunos. Estes dados foram utilizados na composição de tabelas e gráficos ilustrativos sobre os campi e as características dos alunos da faculdade de Medicina. Também foram realizadas entrevistas com agentes que se voluntariaram na aplicação do formulário e, por fim, foi feita uma Análise de Correspondências Múltiplas (ACM) a partir do tratamento dos dados primários coletados.

O primeiro capítulo discute de forma ampla as especificidades dos *campi* da UNIFESP, evidenciando as diferenças entre localização, candidatos e o recrutamento social do alunado. Mais adiante os dados secundários são analisados, dispostos em formas de tabelas e gráficos e em seguida discutidos, compreendendo uma primeira etapa da pesquisa na análise mais geral das hierarquias verticais.

O segundo capítulo é dedicado exclusivamente à Medicina, partindo da história da fundação de seu campo no contexto brasileiro através de uma perspectiva sociológica, com o objetivo de traçar paralelos e contrastes com a faculdade de Medicina da UNIFESP e a história da EPM. Em seguida, apresenta-se a análise dos dados primários coletados através do questionário aplicado ao alunado e da sua relação com muitas das questões congruentes apontadas pelos alunos da faculdade de Medicina ao longo das entrevistas realizadas.

O terceiro capítulo compreende a exposição das Análises de Correspondências Múltiplas (ACM) das relações entre capitais na formação do campo médico da UNIFESP e o posicionamento dos alunos da faculdade de Medicina entre essas propriedades e elaboração de tipologias para compreensão destas afinidades.

Por fim, a pesquisa retrata o perfil de quatro alunos dentro das quatro tipologias de alunos propostas através das ACM, O estudo procura relacionar os entrevistados às propriedades e capitais que mais contribuem para a posição que estes ocupam na análise, interpretando a partir de uma perspectiva sociológica seus discursos sobre o campo médico, a faculdade de Medicina da UNIFESP e outras instituições, e espaços de disputa entre os agentes.

CAPÍTULO 1: OS DIFERENTES CAMPI DA UNIFESP E O CONFLITO DAS FACULDADES

1.0 HISTÓRICO DA EXPANSÃO DO ENSINO SUPERIOR NO BRASIL

Para uma visão propriamente sociológica, é fundamental relacionar as escolhas de carreira, um evento biográfico e aparentemente pessoal, a fatores da estrutura social que permeiam e marcam essas escolhas, como a posição social que os agentes ocupam, os diferentes círculos dos quais fazem parte e a influência disso na composição de seu estilo de vida, gostos e visões de mundo. Esta pesquisa busca elucidar como as disciplinas escolares, que exigem aptidões distribuídas desigualmente em diferentes recortes sociais – como classe, raça e gênero – influenciam as expectativas dos agentes, tendo partido da premissa da subordinação do sistema de ensino à assimetria social de suas clientelas estudantis. Parte-se da ideia de que capitais e aptidões despontam desigualmente em determinadas classes sociais, evidenciando o talento e as expectativas como características socialmente constituídas, ao invés de inatas.

Para tanto, é necessário de antemão investigar o contexto macrossociológico e situar os agentes para que se possa compreender suas tomadas de posição. É preciso traçar as relações entre os panoramas históricos e as atitudes daqueles que fazem parte do escopo de análise, sobretudo quando pensamos nas escolhas como estratégias de atuação no mundo social. É ponto seguro assumir que as políticas sociais, implementadas visando expandir e democratizar o acesso ao ensino superior, influenciam profundamente na relação das escolhas dos agentes por um curso superior, uma vez que restabelece as regras do jogo para seu universo de possibilidades (ALMEIDA, 2015, p.88).

Como pano de fundo estrutural para a análise, parte-se da existência de uma grande preocupação quanto ao baixo índice de formação superior da população até o final dos anos 1990, quando foram postas em ação diferentes políticas públicas que visavam promover uma expansão do acesso ao terceiro grau. Estas políticas sociais podem ser divididas de maneira abrangente em duas categorias: as relacionadas ao ensino superior público e aquelas voltadas ao financiamento de instituições privadas.

No que tange às iniciativas relacionadas a instituições privadas, pode-se considerar duas delas como sendo as principais. A primeira é o FIES (Fundo de Financiamento Estudantil), que surge em 2001 e tem como propósito financiar o curso de graduação do candidato em uma universidade particular. Após um ano e meio da conclusão do curso de graduação, quando idealmente será um profissional empregado, o beneficiado deverá devolver em parcelas o valor do financiamento para a União com baixas taxas de juros. O FIES foi reestruturado duas vezes. Em 2010 teve a taxa de juros elevada para 3,4% ao ano e em 2015, para 6,5% ao ano. A segunda iniciativa de ingresso ao ensino superior é o PROUNI (Programa Universidade para Todos), que surge em 2004 e tem por objetivo custear integralmente os cursos de graduação em universidades privadas, oferecendo uma bolsa integral ou de metade do curso, conforme a renda do requisitante. Diferente do FIES, o investimento do PROUNI é um repasse da União às instituições privadas sem retorno por parte dos beneficiados, e é destinado a quem cursou o ensino médio em escola pública ou teve bolsa de estudos em alguma escola particular. Tanto o FIES como o PROUNI têm regras e requisitos que devem ser contemplados pelas instituições filiadas e também pelos beneficiários. No caso das instituições, é necessária uma avaliação positiva do MEC, ao passo que no caso dos beneficiários é preciso comprovar um desempenho acadêmico satisfatório¹.

Essas duas medidas que se deram no âmbito da universalização do ensino superior na iniciativa privada trouxeram diversas críticas e consequências. Para além da questão do repasse das verbas públicas para as mãos do setor privado, houve também um crescimento expressivo de instituições de ensino superior privadas de diversos portes e qualidades, o que adiante contribuiu para a formação de diversos conglomerados educacionais na forma de grandes grupos e, conseqüentemente, o aumento do número de pessoas com a titulação de nível superior. Porém, ainda se manteve uma diferença fundamental na economia simbólica dos diplomas: os diplomas das universidades privadas novas, que receberam a maior parte dos ingressantes, não tinham simbolicamente o mesmo valor dos diplomas das universidades tradicionais ou públicas.

Partindo do que foi dito até aqui, desdobra-se que de fato ocorre um aumento no número de pessoas diplomadas, num contexto em que o diploma do ensino superior é como um recurso ou, ainda, um capital cultural em seu estado institucionalizado (BOURDIEU, 2007, pp.78-79).

¹ Disponível em: <sisfiesportal.mec.gov.br>, acessado em 15 de dezembro de 2017, e: <siteprouni.mec.gov.br>, acessado em 18 de dezembro de 2017.

Pode-se então pensar em uma inflação dos diplomas oferecidos pelo grande aumento do sistema particular de ensino superior, sobretudo nos cursos historicamente conhecidos pela sua facilidade de ingresso no mercado de trabalho, mas também em cursos socialmente menos reconhecidos, cujo ingresso não exige alto custo financeiro.

As diferenças entre diplomas começam a tomar contrastes mais notáveis na forma de uma distinção do reconhecimento dos diplomas, o que, por sua vez, gera novos critérios de reconversão do capital cultural (o novo capital) em capital econômico. As universidades particulares tradicionais mantiveram algum capital simbólico por seus critérios de acesso e recrutamento social diferenciados, seja pelos custos altos das mensalidades ou pela composição de um alunado elitizado capaz de manter a coesão do campo e de exercer uma violência simbólica para manter a homogeneidade daquele grupo (BOURDIEU, 1989, p. 11).

Ainda assim, ambas as políticas públicas reconfiguraram as regras dos diferentes campos disciplinares, tanto no campo da cultura, onde a diferenciação pela posse do título conta em si como um capital simbólico, como no campo do poder temporal, onde o capital econômico e o poder são os recursos mais valorizados. O ingresso no ensino superior de novos atores reconfigura as possibilidades de acesso a carreiras que até então não estavam no horizonte da maior parte da população, quer por razões financeiras ou por questões relacionadas ao próprio sentimento de pertencimento a esses espaços, nascidas na relação entre a escola e o espaço dos possíveis quando se comparavam a seus iguais (BOURDIEU, 2007, p.49). Nesse sentido, é possível pensar em alguma democratização criada a partir das políticas de expansão que operaram no setor privado.

Vemos que o capital leva ao capital para que as estruturas se perpetuem e alterem as estratégias de reprodução das elites dominantes, uma vez que os diplomas que funcionam como um recurso de distinção se tornam menos raros, especialmente na medida em que o capital cultural (em sua forma institucionalizada) tem grande influência na geração de capital econômico (BOURDIEU, 1996, p.36). O sistema escolar instaura uma ruptura que institui fronteiras sociais entre os alunos das faculdades e os alunos das grandes instituições, de maneira semelhante à separação entre a pequena nobreza e a grande nobreza, em tudo amparada na diferença de *habitus* desses agentes, também formado nessas instituições, consagrando os eleitos e restituindo a baixa nobreza a seu lugar. A capitalização do novo capital exige um conhecimento a respeito da posição das instituições no campo, embasada na percepção e

cálculos de possibilidades dos agentes, sabendo diferenciar entre a escola tradicional em declínio e as novas instituições (BOURDIEU, 1996, p.42). Do outro lado estão os interessados em manter seus privilégios estatutários, que dificultam o acesso às suas trajetórias e, portanto, a desconstrução de seus espaços de dominância².

A expansão do sistema privado de ensino superior, porém, não alterou o princípio de hierarquização nos campos universitários ou temporais. O acesso às universidades públicas continuava a ser apenas uma possibilidade para determinada parcela da sociedade, quase exclusivamente acessível às classes mais abastadas, em especial no que diz respeito a cursos no topo da hierarquia temporal (BOURDIEU, 2011, p.71). A resposta do governo para essas questões surgiu na forma de novas políticas públicas, desta vez destinadas à expansão de vagas na rede de ensino superior público através do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), que se inicia em 2003, mas sendo instituído como decreto apenas em 2007 nos Planos de Desenvolvimento da Educação (PDE). O REUNI tem como principal objetivo a expansão de ofertas no ensino superior público e gratuito através da expansão e interiorização das universidades federais. Até 2010 foram criadas 14 novas universidades federais com diferentes variedades de cursos³.

No contexto de expansão do REUNI, a UNIFESP, até então conhecida pela sua tradição na área de biológicas como a Escola Paulista de Medicina (EPM), se expande inaugurando novos *campi*, organizados conforme as diferentes áreas universitárias e acadêmicas. Em São Paulo, na região da Vila Clementino, encontram-se os cursos na área de Ciências e Saúde da antiga EPM; em Osasco está localizada a Escola Paulista De Política, Economia e Negócios, com cursos relacionados a áreas do comércio e ciências econômicas; em Diadema está o Instituto De Ciências Ambientais, Químicas e Farmacêuticas, com especialidades relacionadas à química, farmácia e ciências naturais; em São José dos Campos situa-se o Instituto De Ciência e Tecnologia, com engenharias e cursos relacionados à tecnologia da informação; em Santos, o primeiro *campus* da expansão, está o Instituto De Saúde e Sociedade / Instituto Do Mar, com cursos relacionados a engenharias do mar e do petróleo, além de áreas como psicologia, nutrição e assistência social; e, finalmente, o *campus* da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas,

² Ver Pierre Bourdieu, “O Novo Capital”, Razões práticas: Sobre a Teoria da ação, 1996.

³ Disponível em: <reuni.mec.gov.br>, Acessado em 20 de dezembro de 2017.

em Guarulhos, no bairro dos Pimentas, onde localiza-se a maior parte dos cursos de ciências humanas e licenciaturas. O quadro a seguir elenca os cursos em cada um dos *campi*:

QUADRO 1 - CURSOS OFERTADOS NOS CAMPI DA UNIFESP E SUAS DATAS DE FUNDAÇÃO

São Paulo (1933)	Santos (2004)	Osasco (2011)
Ciências Biológicas; Curso Superior De Tecnologia Em Informática Em Saúde; Curso Superior De Tecnologia Em Radiologia; Curso Superior De Tecnologia Oftálmica; Enfermagem; Fonoaudiologia; Medicina.	Educação Física; Engenharia Ambiental; Engenharia De Petróleo; Fisioterapia; Interdisciplinar Em Ciência e Tecnologia Do Mar; Nutrição; Psicologia; Serviço Social; Terapia Ocupacional.	Administração; Ciências Atuariais; Ciências Contábeis; Ciências Econômicas; Relações Internacionais.
São José dos Campos (2007)	Diadema (2007)	Guarulhos (2007)
Biotecnologia; Ciência Da Computação; Engenharia Biomédica; Engenharia De Computação; Engenharia De Materiais; Interdisciplinar Em Ciência e Tecnologia; Matemática Computacional.	Ciências; Ciências Ambientais; Ciências Biológicas; Engenharia Química; Farmácia; Química; Química Industrial.	Ciências Sociais; Filosofia; História; Letras Português; Letras Português-Espanhol; Letras Português-Francês; Letras Português-Inglês; História Da Arte; Pedagogia

Fonte: Elaboração Própria.

A localização das universidades e as faculdades ofertadas em cada *campus* evidenciam uma relação de reconhecimento simbólico de determinadas disciplinas do campo universitário⁴. Questões relativas à própria história e fundação da EPM – que se torna UNIFESP em 1994 como universidade focada na produção de excelência nas áreas de ciências da saúde e médicas, expandindo seus escopos de atuação apenas a partir de 2003 com o REUNI – contribuem para a estruturação dos diferentes *campi* como é hoje, e para sua distribuição hierarquizada no espaço

⁴ Entende-se *campo* a partir da definição de Bourdieu (pp.50-51, 1996; p.83, 2011; pp.22-23, p.138, 1983) como um microcosmo relativamente autônomo, onde ocorrem disputas pelo monopólio do discurso legítimo, ou ainda a *doxa* daquele determinado campo. Dessa maneira, todo campo é estruturado entre instituições dominadas, geralmente mais heréticas em relação ao conjunto de valores do campo em que estão situadas, e dominantes, ou consagradas, alinhadas aos tipos de capitais reconhecidos naquele campo. Os agentes das posições dominadas e dominantes disputam pela mudança, no caso das alas dominadas, ou pela manutenção dos valores ou *ethos* do referido campo, no caso das dominantes.

urbano. Quanto a isso, é interessante notar a diferença de reconhecimento social existente entre a EFLCH e a EPM no fato de a primeira estar localizada na periferia do município de Guarulhos e a segunda em um bairro privilegiado do centro expandido de São Paulo.

Se a expansão da oferta de vagas para o curso superior contribuiu ainda mais para a democratização do acesso ao ensino público⁵, esse aumento contemplou em menor medida as parcelas sociais mais desfavorecidas, que presumidamente dispunham de menor acesso a recursos educacionais como escolas privadas ou cursinhos específicos para os vestibulares mais concorridos, como os que ingressam nos cursos de Medicina, Direito ou Engenharias. O recrutamento social, pois, tendia a se manter. A expansão das universidades públicas não trazia necessariamente uma democratização no sentido de ampliar o acesso das diferentes camadas sociais a todos os cursos (ALMEIDA, 2015, p.90; FERREIRA, 2015, p.102; ALMEIDA, 2015, p.75).

Novamente tendo como intuito atuar nas disparidades sociais que influenciam o sistema escolar e universitário, diversas universidades públicas começaram a adotar políticas de reservas de vagas para alunos negros e/ou advindos de escola pública, sendo pioneiras a Universidade de Brasília (UNB) e a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) em 2002. A implantação da medida em si foi bastante controversa, porém motivou diversas universidades a adotarem seus próprios métodos de reserva de cotas. Nesse sentido, a UNIFESP inaugura seu sistema de reserva de vagas em 2005, funcionando, inclusive, desde a criação dos novos *campi* em 2007. A política de cotas da UNIFESP consistia na reserva de 10% das vagas em todas as faculdades para candidatos negros ou indígenas que cursaram integralmente o ensino médio em escola pública.

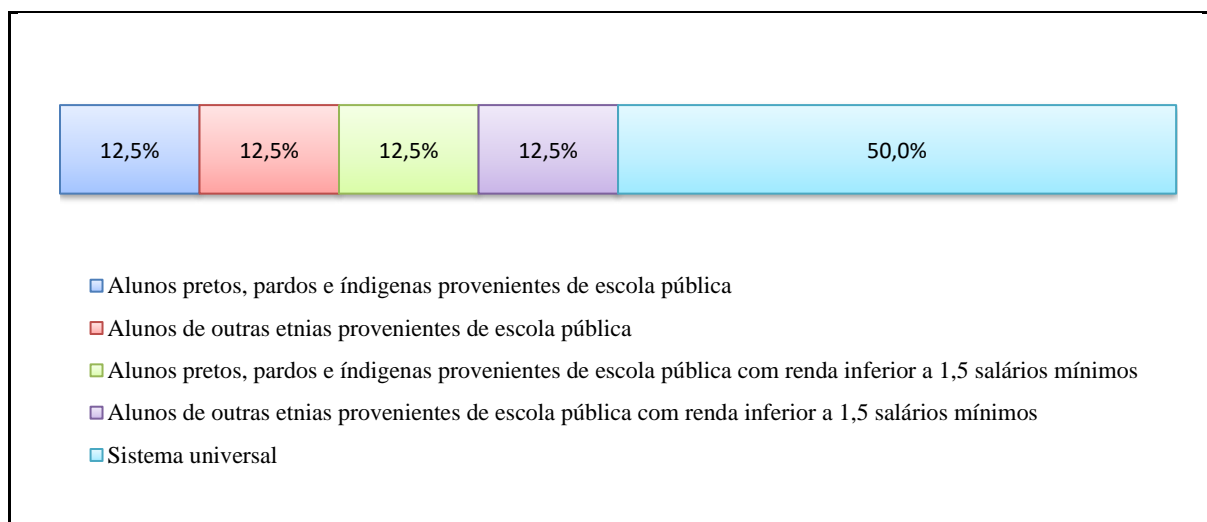
Apenas em 2012 é instituída lei com a diretriz de que o percentual de cotistas deveria ser anualmente ampliado e até o ano de 2016 a reserva de vagas deveria ser de 50% para alunos negros, indígenas e oriundos de escola pública. Entrando em vigor no ano de 2013, deveriam ser acrescidos mais 25% do total de reserva de vagas a cada ano até que se chegasse aos 50%. Os critérios do sistema de reserva de vagas também passaram por modificações. Antes da lei,

⁵ Quanto a isto cabe mencionar que com ambas as políticas a população graduados passou de 5,8 milhões de brasileiros que haviam terminado ao menos um curso universitário nos anos 2000 para 13,4 milhões em 2010, um crescimento de aproximadamente 110%, quase dobrando a população com curso superior do país. Dados consultados. Fonte: Micro Dados do Censo 2000 e 2010, disponível em: < <https://sidra.ibge.gov.br> >. Acessado em 21 de agosto de 2018.

cada instituição federal era dotada de alguma autonomia para decidir se adotaria ou não o sistema de reserva de vagas, que inicialmente era de 10%. Porém, a partir de 2012 a UNIFESP passa a utilizar quatro critérios de diferenciação para o oferecimento das cotas, sendo adotadas quatro faixas.

Dentro da cota de 50% das vagas disponíveis, 25% são para alunos pretos, pardos ou índios que cursaram ensino médio exclusivamente em escola pública. Outros 25% são para alunos brancos e amarelos que cursaram o ensino médio exclusivamente em escola pública. Mais 25% são para alunos pretos, pardos ou índios que cursaram ensino médio exclusivamente em escola pública com renda familiar inferior a 1,5 salários mínimos. Por fim, outros 25% são para alunos brancos e amarelos que cursaram o ensino médio exclusivamente em escola pública com renda familiar inferior a 1,5 salários mínimos. Analisando de maneira geral, cada cota tem 12,5% que somados são os 50% de totais da reserva de vagas, estando os outros 50% disponíveis para alunos do sistema universal⁶. O gráfico a seguir representa como passou a ser a reserva de vagas a partir de 2016.

GRÁFICO 1 - FAIXAS DO SISTEMA DE COTAS ADOTADO PELA UNIFESP PARA 2016



⁶ É importante atentar à questão do significado das nomeações em relação ao sistema de cotas e ao que foi chamado de sistema universal. A nomeação de sistema universal impõe-se como um sistema que se remete a todos os vestibulandos com exceção dos cotistas, tomando todos os outros como iguais perante o processo vestibular. Tal igualdade remete apenas a uma igualdade jurídica, não considera as diferentes formações e o significado dos processos vestibulares em si. Trata-se da aparência necessária para manter a soberania da chamada ideologia do dom e da escola libertadora, sobretudo no momento em que os mecanismos de eliminação são tão mais fortes (BOURDIEU, 2007, p.53; 2014, p.92; 1992, p.158).

Os efeitos da política de cotas, uma vez institucionalizados, aliados à expansão do acesso ao ensino superior público, contribuem fortemente para a reconfiguração dos campos acadêmicos. Bourdieu (2011, p.58) já havia observado, na França dos anos 1960, que “O aumento da população dos estudantes e o crescimento correlato da população de professores têm modificado profundamente as relações de força no interior do campo universitário e no interior de cada faculdade [...]”. No contexto da São Paulo contemporânea, para além do espaço de disputas do campo das disciplinas da UNIFESP, outras universidades públicas tradicionais, dotadas de mais prestígio e reconhecimento ou ainda capital simbólico, como a USP, optaram por também ter um sistema de reserva de vagas para alunos de escolas públicas e alunos pretos ou pardos, seguindo critérios gradativos semelhantes aos adotados pelas universidades federais, e devem alcançar metade da reserva de vagas nos mesmos padrões da UNIFESP até 2021⁷.

1.1 ESTRUTURA DO CAMPO, RECRUTAMENTO SOCIAL E O HORIZONTE DOS POSSÍVEIS

Dado o contexto discutido até então, é ponto pacífico presumir alterações nas estruturas dos campos acadêmicos de cada uma das faculdades, especialmente nas faculdades que Bourdieu retrata em *Homo Academicus* como pertencentes aos campos dominantes da perspectiva temporal, a saber: Medicina e Direito. Perosa (2015), em seu trabalho sobre a democratização do recrutamento social nos *campi* da UNIFESP a partir de questionários aplicados pela Pró Reitoria de Graduação (PROGRAD) a alunos ingressantes de 2011, evidencia o embate pela conservação da configuração dos campos e os diferentes efeitos da política de cotas em cada um dos seus contextos. Utilizando-se das tipologias de democratização do acesso à educação proposta por Pierre Merle, Perosa verifica se a ampliação

⁷ Porém, ao contrário da UNIFESP, os critérios de reserva de vagas da USP exigem uma nota de corte bastante elevada. Em 2018, das 15 vagas reservadas da USP para alunos de escola pública pretos ou pardos, apenas uma foi preenchida, e das 25 vagas reservadas para alunos de escola pública, somente 8 candidatos foram aprovados. As vagas remanescentes da chamada reserva foram disponibilizadas aos candidatos inscritos na Fuvest.

das matrículas não foi na verdade uma mera translação das desigualdades ao invés de sua redução.

Segundo a autora (PEROSA, 2015, p.132), os *campi* de Diadema, São José dos Campos e Santos apresentavam uma democratização do tipo uniforme, onde não há grandes modificações nas propriedades sociais dos ingressantes, ou ainda equalizadora, onde há diminuição da diferença de alunos ingressantes que são oriundos de diferentes grupos sociais, o que mostra uma maior permeabilidade dos cursos. Os *campi* de São Paulo, Osasco e Guarulhos, por sua vez, apresentariam uma democratização do tipo segregativa, devido a um aumento da diferença no ingresso de alunos de determinadas classes sociais nos cursos de maior e menor reconhecimento social.

A autora (PEROSA, 2015, p.129) também cita que a população dos *campi* de Osasco, São Paulo e Guarulhos se mostrou diametralmente oposta. As principais variáveis que definiam as propriedades sociais dos alunos do *campus* São Paulo eram pais com ensino superior, com renda familiar alta, proveniência de escola particular, sendo o pai geralmente o principal mantenedor da família. No *campus* Guarulhos, em contrapartida, os alunos tinham pais com ensino médio ou fundamental e a maior parte do alunado era responsável pela renda familiar, esta inferior à dos alunos do *campus* São Paulo. O *campus* Guarulhos conta ainda com a predominância de alunos pretos e pardos.

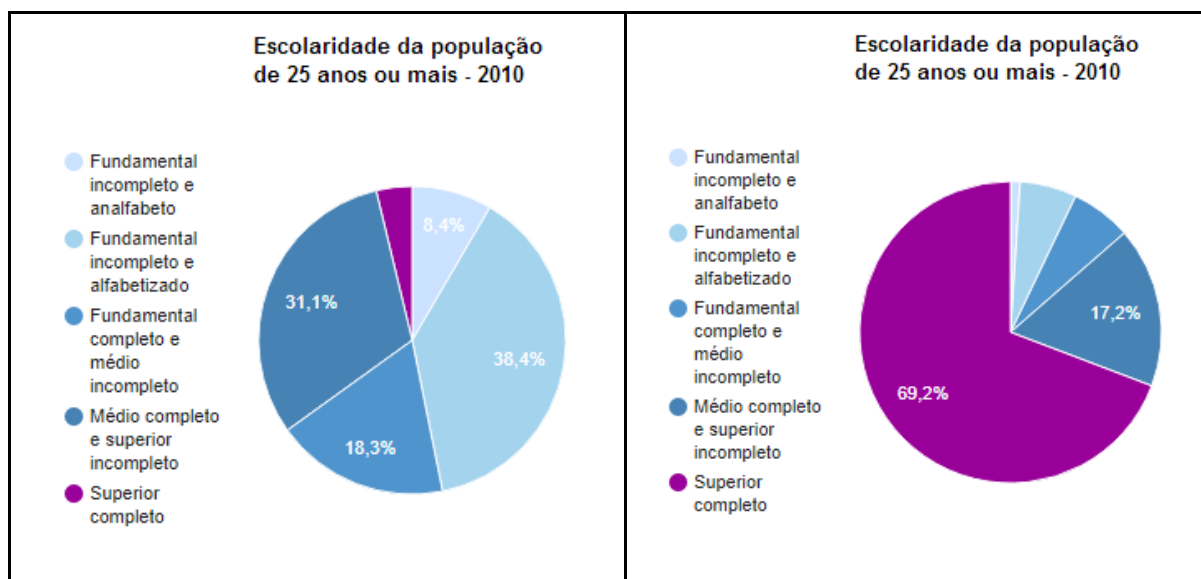
O trabalho de Ana Maria Almeida (2015, p.76) a respeito da expansão de vagas também mostra congruências relevantes, sendo o *campi* São Paulo e Osasco os que possuem mais alunos de estratos sociais privilegiados, além de também serem os *campi* com faculdades que dão acesso a ocupações de alto prestígio social. No extremo oposto se encontra o *campus* Guarulhos, com um recrutamento social maior entre alunos de origem social vulnerável, com pais sem ensino superior e de renda familiar mais baixa. Os outros três *campi* (Santos, São Bernardo e Diadema) têm recrutamento maior de alunos de frações médias, acompanhando o prestígio dos cursos oferecidos.

Podemos notar que o alunado do *campus* São Paulo congrega uma vasta gama de capitais diferenciados: cultural, social e simbólico, o que indica a valorização social dos cursos ministrados no *campus* da Vila Clementino, mas, também, no de Osasco (PEROSA, 2015, p.131). Nesse contexto, não admira a localização dos *campi* São Paulo e Guarulhos ser estatisticamente distinta segundo os dados do Programa das Nações Unidas para o

Desenvolvimento (PNUD), que avaliam as Unidades de Desenvolvimento Humano (UDH) dos bairros onde estão situados os *campi*:

GRÁFICO 2 - ESCOLARIDADE NA UDH DO CAMPUS GUARULHOS

GRÁFICO 3 - ESCOLARIDADE NA UDH DO CAMPUS SÃO PAULO



Fonte: PNUD, Ipea e FJP/Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil.

Quanto aos indicadores econômicos, em 2010 a renda per capita média na UDH do *campus* São Paulo foi de R\$ 5.704,31 e a proporção de pessoas pobres, ou seja, com renda domiciliar per capita inferior a R\$ 140,00, foi de 0,24%. Já no bairro do *campus* Guarulhos, a renda per capita média era de R\$ 558,51 e a proporção de pessoas pobres foi de 11,39%⁸.

Com base nos resultados das pesquisas de Perosa (2015) e de Ana Maria Almeida (2015), e nas caracterizações do espaço social em que as unidades da universidade estão situadas, buscou-se compreender o recrutamento social dos *campi* mais distantes socioeconomicamente por meio de um novo enquadramento desse campo social e das faculdades disponíveis. De posse dos dados das universidades, tem-se a sensação de que os *campi* congregam de maneira homogênea um mesmo perfil social, cultural, econômico e

⁸ Fonte: PNUD, Ipea e FJP/Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil, disponível em: <<http://www.atlasbrasil.org.br>>. Acessado em 23 de janeiro de 2018.

acadêmico em todos os cursos ofertados na unidade, quando na verdade cada faculdade apresenta fatores de distinção na estrutura de capitais quando analisadas separadamente. Dito de outro modo, pode-se adensar a questão considerando que cada faculdade tem critérios específicos de recrutamento social e de composição do seu alunado, além de posições de maior e menor prestígio que se apresentam conforme um determinado conjunto de variáveis sociais exigidos em uma determinada carreira.

Como forma de identificar os cursos socialmente mais valorizados da universidade antes do ingresso dos alunos nos cursos, ou seja, antes do recrutamento social acontecer, optou-se por uma análise a partir da ideia de autoeliminação (BOURDIEU, 1992, p.163) presente na literatura bourdiesiana. A saber: diz respeito à seleção que antecede o concurso de fato quando determinados agentes observam que as possibilidades objetivas de ingresso em um determinado campo são muito pequenas para o investimento necessário em tempo ou esforços, percepção esta geralmente reiterada pela noção do conjunto global de seus pares. De maneira geral, os sujeitos de baixa extração social optam por investir em carreiras que se relacionem mais com o seu horizonte de possibilidades, medido sobretudo pelas diferenças de patrimônio de capitais e um *ethos*⁹ de classe, que serve ao agente como medida possível de suas aspirações, ou seja, do cálculo médio das probabilidades de lograr sucesso em seus investimentos acadêmicos.

Partindo das conclusões de outros trabalhos e do referencial teórico mobilizado, era importante um recorte que retratasse esses diferentes aspectos, tanto a exclusão pela questão da renda como a da preocupação com a manutenção da homogeneidade do curso. Para tanto, foram verificados os dados disponibilizados dos concursos vestibulares da UNIFESP realizados em 2013, 2014 e 2015, e a partir disso foi desenvolvido um índice de autoeliminação. A Tabela 1 mostra a razão entre o número de candidatos que concorrem no sistema universal e o número de candidatos que concorrem no sistema de cotas raciais, estes com renda per capita familiar inferior a 1,5 salários mínimos, para os cursos de maior e menor prestígio de todos os *campi* da UNIFESP, sublinhados os *campi* São Paulo e Guarulhos por serem o foco analítico deste trabalho. Valores maiores significam que o curso é menos democrático, pois predominam candidatos do sistema universal em comparação a candidatos cotistas advindos de condições

⁹ Por *ethos* entendem-se as diferentes visões de mundo adotadas pelos indivíduos em diferentes assuntos, que estão relacionados aos diferentes espaços (e campos) em que esses agentes transitam, de modo a formar um conjunto de opiniões mais ou menos coerentes na relação com esses espaços e o *habitus* dos sujeitos.

sociais menos favoráveis. Altos valores, portanto, caracterizam forte autoeliminação, onde, apesar de contar com determinadas vantagens, os candidatos que fazem parte do sistema de reserva de vagas por cotas sociais e/ou raciais optam por não participar do concurso por julgar que suas chances de lograr sucesso no vestibular são muito baixas, e mesmo sob a ótica de uma competição menos acirrada, não é uma oferta boa o suficiente quando se considerado o investimento de tempo. Além disso, também caracterizam faculdades de maior prestígio social do ponto de vista do polo temporal.

TABELA 1 - RAZÃO ENTRE OS CANDIDATOS AO VESTIBULAR DE TODOS CAMPI DA UNIFESP ENTRE OS ANOS DE 2013 E 2015¹⁰

	2013	2014	2015		2013	2014	2015
<i>Campus São Paulo</i>				<i>Campus Guarulhos</i>			
Curso de maior razão	10,22	9,97	<u>4,78</u>	Curso de maior razão	4,26	3,07	<u>2,87</u>
Curso de menor razão	3,05	2,52	<u>1,74</u>	Curso de menor razão	2,90	2,40	<u>2,38</u>
<i>Campus Osasco</i>				<i>Campus Santos</i>			
Cursos de maior razão	6,00	4,03	2,64	Curso de maior razão	5,04	3,93	3,21
Cursos de menor razão	3,24	2,49	1,88	Curso de maior razão	3,21	2,20	1,78
<i>Campus Diadema</i>				<i>Campus São José</i>			
Curso de maior razão	6,82	7,23	3,73	Único Curso: Ciência e Tecnologia	3,66	4,12	2,91
Curso de menor razão	3,93	2,61	1,50				

Fonte: Elaboração própria. Disponível em: <http://www.UNIFESP.br/reitoria/vestibular/vestibulares-antiores/category/3-estatisticas>>. Acessado em 13 de agosto de 2017.

¹⁰ Foram consideradas apenas faculdades onde a duração dos cursos é de no mínimo 4 anos, por essa razão os cursos de tecnologia em determinadas áreas foram descartados na tabela.

Nas tabelas 2 e 3, as células azuis evidenciam os cursos com maiores índices de reconhecimento social para aquele ano, enquanto as células rosas evidenciam os cursos com menor reconhecimento social conforme os índices estabelecidos. As tabelas 2 e 3 mostram razões das faculdades nos *campi* que serão o foco da pesquisa, Guarulhos e São Paulo¹¹. Estas razões indicam, em algum grau, os índices variáveis de cada um dos cursos ao longo dos anos:

TABELA 2 - RAZÃO ENTRE OS CANDIDATOS AO VESTIBULAR DO CAMPUS SÃO PAULO

<i>Campus</i> São Paulo	2013	2014	2015
Ciências Biológicas	4,84	7,05	3,18
Enfermagem	3,24	4,35	2,01
<u>Fonoaudiologia</u>	<u>3,05</u>	<u>2,52</u>	<u>1,74</u>
<u>Medicina</u>	<u>10,22</u>	<u>9,97</u>	<u>4,78</u>

Fonte: Elaboração própria. Disponível em: <<http://www.UNIFESP.br/reitoria/vestibular/vestibulares-antiores/category/3-estatisticas>>. Acessado em 13 de agosto de 2017.

TABELA 3 - RAZÃO ENTRE OS CANDIDATOS AO VESTIBULAR DO CAMPUS GUARULHOS

<i>Campus</i> São Paulo	2013	2014	2015
Ciências Sociais	3,88	<u>2,40</u>	2,63
<u>Filosofia</u>	<u>4,26</u>	2,81	<u>2,38</u>
História	4,16	<u>3,07</u>	2,64
História da Arte	<u>2,90</u>	2,76	2,66
<u>Letras</u>	3,94	2,73	<u>2,87</u>

¹¹ Tabelas relativa aos outros *campi* e faculdades estão disponíveis no anexo.

Pedagogia	3,23	2,46	2,74
-----------	------	------	------

Fonte: Elaboração própria. Disponível em: <http://www.UNIFESP.br/reitoria/vestibular/vestibulares-antiores/category/3-estatisticas>>. Acessado em 13 de agosto de 2017.

Os cursos sem marcações coloridas não serão analisados neste estudo, logo, não fazem diferença para o debate, sendo disponibilizados apenas como comparativo na completude dos dados fornecidos, de modo que se prestem a evidenciar as diferenças entre os cursos e a alternância de suas posições de prestígio e possibilidades de recrutamento social.

Há uma tendência de variação dos cursos mais procurados conforme as variações do reconhecimento social para cada ano. No caso do *campus* São Paulo, as faculdades de maior e de menor prestígio social se mantiveram as mesmas, o que mostra um alto poder sobre o recrutamento social do alunado e a estabilidade dos cursos tradicionalmente reconhecidos socialmente, sobretudo na faculdade de Medicina que, ao longo de todos os anos analisados, foi o curso que apresentou o maior índice de autoeliminação, o que remete a uma alta valorização social da faculdade, bem como da profissão. Quanto ao *campus* Guarulhos, as faculdades têm maior alternância. Para o vestibular de 2015, as graduações de maior e de menor prestígio social foram Letras e Filosofia, respectivamente.

É importante ressaltar que esses dados remontam a uma visão que parte do ponto de vista do poder temporal, ou seja, das carreiras, profissões e agentes que valorizam o mundo da ordem, conforme Bourdieu (2011, p.95). À direita, no “parlamento da ciência”, se encontram as faculdades temporalmente dominantes, interessadas em execuções práticas sem questionamentos, dentro dos limites das leis e da ordem social, alinhadas à manutenção de um *status quo*. À esquerda estão as faculdades culturalmente dominantes, ciências interessadas em produzir, questionar e transformar a partir de uma liberdade imprescindível para a construção e discussão dos fundamentos racionais, um conjunto de saberes que as faculdades do campo temporal se contentam em apenas aplicar.

Essa adesão ao mundo da ordem está no polo temporalmente dominante, o que Bourdieu descreve como uma seriedade, um gosto pela ordem que se enquadra enquanto uma forma de se levar a sério e levar a sério o mundo como ele é, identificando-se com um dever ser institucional que opera sobretudo apoiado na segurança das normas. No outro polo, o temporalmente dominado, proclamam-se lacunas e incertezas, um maior distanciamento e uma

recusa de integração, uma renúncia à adesão às normas e às diretrizes, suas convenções e conveniências (BOURDIEU, 2011, p.81).

Bourdieu também questiona a adesão do senso comum à Medicina e ao Direito, temporalmente dominantes, já que são faculdades que fazem uso prático de suas ciências, são palpáveis, cuja finalidade é facilmente reconhecida e reafirmada pela sociedade. Nesse contexto, as faculdades do mundo da ordem são vistas como carreiras de pessoas notáveis e capazes, predispostas por suas posições e disposições a dizer o que é bom e o que não é, algo que pode ser evidenciado pelo fato de que muitas posições de poder, como cargos políticos, são ocupadas por membros dessas faculdades, enquanto as ciências culturalmente dominantes, que questionam tudo pelo pensamento livre, conferem menor reconhecimento social àqueles que as praticam.

A desconfiança das classes dominantes para com a ciência seria explicada por um viés de razão cultural. Existe, por um lado, a concorrência de dois *ethos* distintos na relação com o campo do poder. Por outro lado, ocorre a adesão à ordem temporalmente dominante pela manutenção dos privilégios daqueles que ocupam posições de poder no campo temporal. Há, por parte dos alunos de Ciências e Letras, uma tendência a reinvestir no campo da cultura/universitário, uma vez que se trata do campo que os elevou socialmente, nesse caso, no acesso a profissões melhores e a um *status* social diferenciado pelo diploma do terceiro grau (idem, p.82).

Em contrapartida, os alunos dos cursos destinados às classes dominantes, como Direito e Medicina, tendem a valorizar outros canais de acesso que aumentam, reconhecem e revigoram seu poder no campo. Nessa categoria está a religião, cujo valor é tradicionalmente reiterado pelos membros dessas faculdades. Há uma tendência de reinvestimento nas instituições diversas que os apoiam e perpetuam seus poderes, uma vez que estas lhes rendem lucros, sejam eles simbólicos e/ou econômicos, levando a que se veja como natural que se opere uma lógica de retribuição. Nesse sentido, Bourdieu aponta para as razões da homologia de *ethos* entre os cursos e as diferentes instituições.

Percebe-se a relação entre o estabelecimento de uma coesão dos agentes quanto aos ideais que orientam a prática, pelo maior reconhecimento da responsabilidade social dos agentes inseridos naquele campo, ancorado na ideia de reconhecimento que, por sua vez, fornece uma imagem de coerência, confiança e respeito à ordem. No sentido contrário estão os

cientistas e intelectuais onde o *ethos* se estabelece justamente pela não-coesão, dúvida e questionamento, pondo em xeque a razão incongruente que se estabelece entre os membros que se colocam ao lado da coerência, ameaçando mostrar suas verdadeiras funções de manutenção de uma condição.

Faz-se importante um exame dos contratos tácitos da coesão com funções sociais em detrimento das funções científicas, que variam de mais para menos conforme se parte das faculdades temporalmente dominantes, mas culturalmente dominadas, para as faculdades temporalmente dominadas, mas culturalmente dominantes. Nesse sentido, há uma convergência da função pedagógica dos professores temporalmente dominantes na formação do *ethos* dos alunos em um determinado campo, visando que tal campo se estabeleça sob uma certa coesão em torno dessa visão de mundo (BOURDIEU, 2013, p.83).

Torna-se claro quando é analisada a condição da faculdade de Pedagogia, dotada de uma função social muito clara, diferentemente de outras faculdades como Filosofia, Ciências Sociais ou História da Arte, que apresentam nas tabelas índices mais fluentes, dado que são faculdades de menor autonomia no campo do poder temporal, estando mais suscetíveis às condições sociais ou eventos que ocorrem em um contexto maior. Pedagogia aparenta ocupar uma posição intermediária em relação a outras faculdades ofertadas no *campus* Guarulhos, e isso vale igualmente para as faculdades de Letras e História que, dotadas de uma função social mais clara, próxima da realidade dos agentes e estabelecida socialmente há mais tempo no imaginário do senso comum (BOURDIEU, 2011, p.97), apresentam índices menos flutuantes.

1.2 ANÁLISE DAS DIFERENTES FACULDADES DOS CAMPI GUARULHOS E SÃO PAULO EM NÚMEROS

A lógica do campo universitário se utiliza de uma reavaliação das lógicas do campo do poder que se ampara em um sistema próprio por meio da detenção de capitais específicos do campo universitário, que também se relaciona às condições sociais de possibilidades de acesso (BOURDIEU, 2011, p.81). Bourdieu entende como uma segunda oposição que se daria no interior do campo universitário, ligada às diferenças de origem social, entre os detentores de capitais específicos para além das correlações de poder em si, que seriam as oposições de primeira ordem. *Habitus*¹² e *ethos* são conceitos importantes para a análise do campo que será investigado a seguir, pois ambos influenciam na representação de um determinado espaço, neste caso das faculdades, o que culmina na composição de um alunado específico, de maneira relacional com o campo, estruturas objetivas, e o *habitus*, estruturas incorporadas. O recrutamento social afeta em grande parte aqueles que são semelhantes e compartilham de uma mesma visão de mundo, sendo tais agentes premiados com posições de destaque naquele campo e exercendo violência simbólica nos agentes que não comungam de suas características.

O propósito da análise é o de evidenciar as características do *alunato* que retratam um perfil de agente que pode ser entendido como majoritário em cada faculdade, que evidentemente se relaciona com a reprodução do corpo e do espaço de possibilidades em determinadas áreas. Para tanto, serão utilizados os dados de 444 alunos que ingressaram no ano de 2016 e que responderam à pesquisa realizada pela Pró Reitoria de Graduação (PROGRAD). É importante mencionar que a participação da pesquisa era obrigatória e, sendo este um questionário institucional, a confiabilidade dos dados é alta, bem como o universo contemplado (100% dos alunos, feito de forma online no ato da matrícula). Outro dado relevante é que as turmas dos referidos questionários são as primeiras turmas divididas no sistema 50/50, ou seja, metade do

¹² “Os *habitus* são princípios geradores de práticas distintas e distintivas – o que o operário come, e sobretudo sua maneira de comer, o esporte que pratica e sua maneira de praticá-lo, suas opiniões políticas e sua maneira de expressá-las, diferem sistematicamente do consumo ou das atividades correspondentes do empresário industrial; mas são também esquemas classificatórios, princípios de classificação, princípios de visão e de divisão e gostos diferentes. Eles estabelecem as diferenças entre o que é bom e mau, entre o bem e o mal, entre o que é distinto e o que é vulgar etc., mas elas não são as mesmas. Assim, por exemplo, o mesmo comportamento ou o mesmo bem pode parecer distinto para um, pretensioso ou ostentatório para outro e vulgar para um terceiro” (BOURDIEU, 1996, p. 22).

recrutamento era composto pelo sistema universal e a outra metade pelo sistema de cotas. O número de alunos é de 444 respondentes, sendo 105 alunos de Filosofia, 186 de Letras, 35 de Fonoaudiologia e 118 de Medicina.

Quanto à obtenção dos dados, estes foram solicitados diretamente à PROGRAD da UNIFESP e preparados para a disponibilização, não estando acessíveis de maneira imediata. Cabe destacar que os microdados não estão disponíveis ao grande público. Entre o primeiro pedido e a preparação e disponibilização dos dados, levou um período de aproximadamente dois meses até que a equipe de informática os tivesse preparado, não sem antes a solicitação de um memorando assinado e autorizado pela direção acadêmica do *campus* Guarulhos.

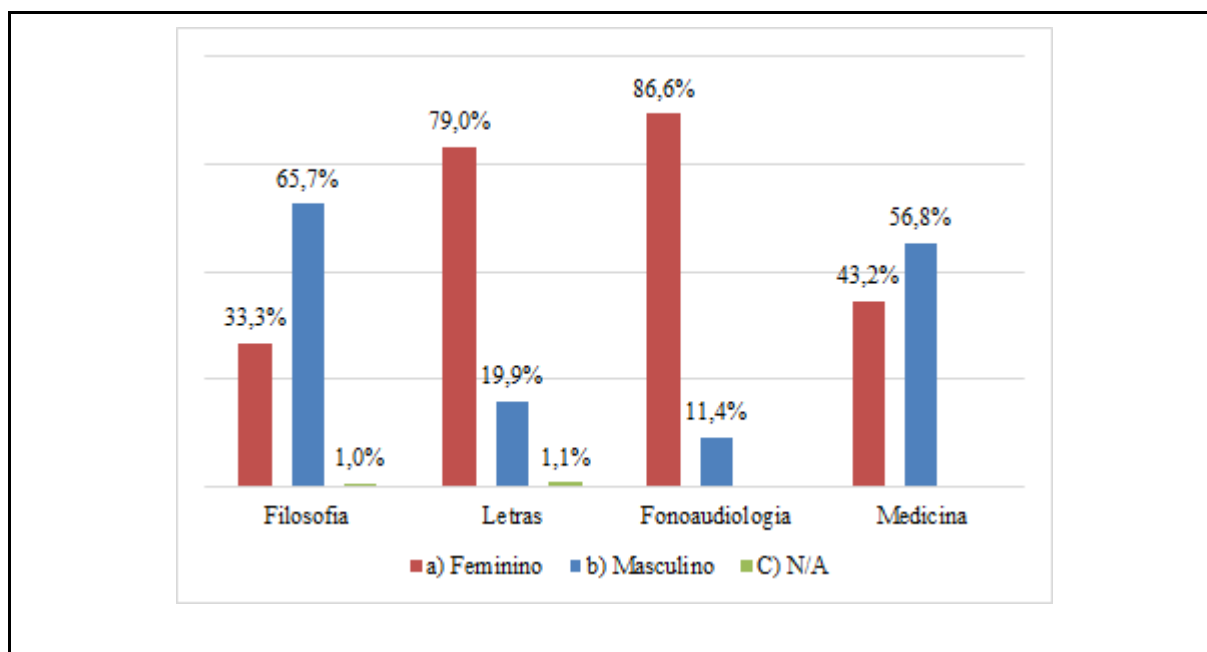
Os dados foram disponibilizados no formato xml juntamente com o dicionário das variáveis, em seguida transpostos para o SPSS e tratados no mesmo software. De posse das tabelas e dos números estatísticos, os dados foram então transpostos para o software Excel 2016 onde os gráficos foram elaborados. Considerando as diferenças de turnos dos cursos, os dados para os cursos com períodos vespertino e noturno do *campus* Guarulhos foram agregados para possibilitar a comparação com os cursos do *campus* São Paulo que funcionam de maneira integral.

Quanto aos diversos resultados de χ^2 , os bancos de dados foram comparados separadamente para cada *campus* e também para o conjunto de todos os outros dados, de maneira a evidenciar as diferenças com relação aos *campi* e às próprias faculdades, ou ainda a segmentação horizontal das faculdades, foco deste trabalho.

1.2.1 Sexo, cor, idade, local de residência, estado civil e filhos

A caracterização da população de alunos se inicia por atributos sociais relevantes para a compreensão da lógica de recrutamento nessas faculdades, como uma base que permitirá exames mais aprofundados na medida que serão apreciadas variáveis resultantes em correlações que apontem para determinados perfis de alunos nas instituições.

GRÁFICO 4 - SEXO X FACULDADES



F/L: $X^2: 61,105$ - df: 2 - $\alpha: 0,000$

U: $X^2: 87,631$ - df: 6 - $\alpha: 0,000$

F/M: $X^2: 22,323$ - df: 1 - $\alpha: 0,000$

Fonte: Elaboração Própria.

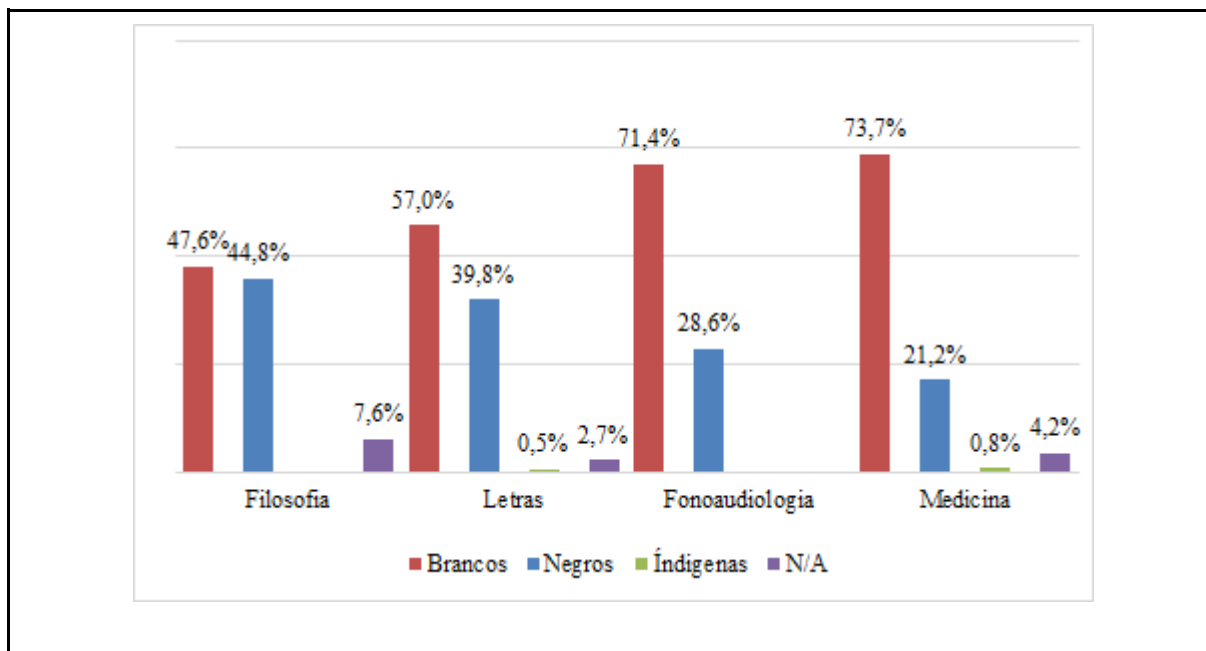
Em um primeiro momento, chama atenção no gráfico que os dois cursos das extremidades, Filosofia sendo o socialmente menos reconhecido e Medicina o socialmente mais reconhecido, são ambos dotados de um recrutamento social de maioria masculina, especialmente na faculdade de Filosofia, o que aponta para uma forte correlação entre gênero e a escolha de curso nessas carreiras (BOURDIEU, 2011, p.83).

Assim, as faculdades mais tradicionais são habitualmente de composição do alunado de maioria masculina. A Filosofia, apesar de ser o curso menos reconhecido socialmente, possui, por sua tradição, uma composição altamente masculina. Disso se desprende a multidimensionalidade do recrutamento social em cada faculdade: Filosofia, apesar de ser uma

faculdade dominada do ponto de vista do poder temporal, é dotada de um alto poder simbólico. Caso partíssemos do ponto de vista do campo da cultura, o curso de Filosofia ocuparia a posição de maior reconhecimento. Podemos observar que as faculdades de extração média (Letras e Fonoaudiologia) têm um recrutamento social mais permeável às mulheres.

É de se pensar nesta aproximação de variáveis em faculdade de valorização de capitais tão distintos como Filosofia e Medicina; porém, no que diz respeito ao gênero, as faculdades como possíveis expoentes em seus respectivos campos seguem regras semelhantes. Conforme vimos anteriormente, a lógica de valorização de um determinado *ethos*, e, portanto, sua lógica de recrutamento social, e a *illusio* que se desprende da representação de uma determinada visão de mundo contribuem para a formação de cursos que são reconhecidos como masculinos e femininos, os primeiros geralmente em posições de prestígio social ou cultural. Assim, poderíamos afirmar que o sexo, e em última análise o gênero, que não estava presente nos questionários para os alunos de 2016, são fatores em suas acepções sociais que influenciam na escolha por uma determinada faculdade. Como coloca Bourdieu (2014, p.85), o mundo acadêmico ainda é em boa medida masculino. Apesar de terem sido operadas mudanças, os cursos tradicionais mantêm o controle do destino social dos seus membros, e para que as mulheres possam se lançar em uma carreira acadêmica, ou ainda adentrar um espaço majoritariamente masculino, está envolvida uma gama de inseguranças e riscos em virtude dos ideais femininos impostos pela sociedade que obviamente não têm efeito sobre os homens.

GRÁFICO 5 - COR X FACULDADES



F/L: X^2 : 5,716 - df: 3 - α : 0,126

U: X^2 : 29,907 - df: 9 - α : 0,003

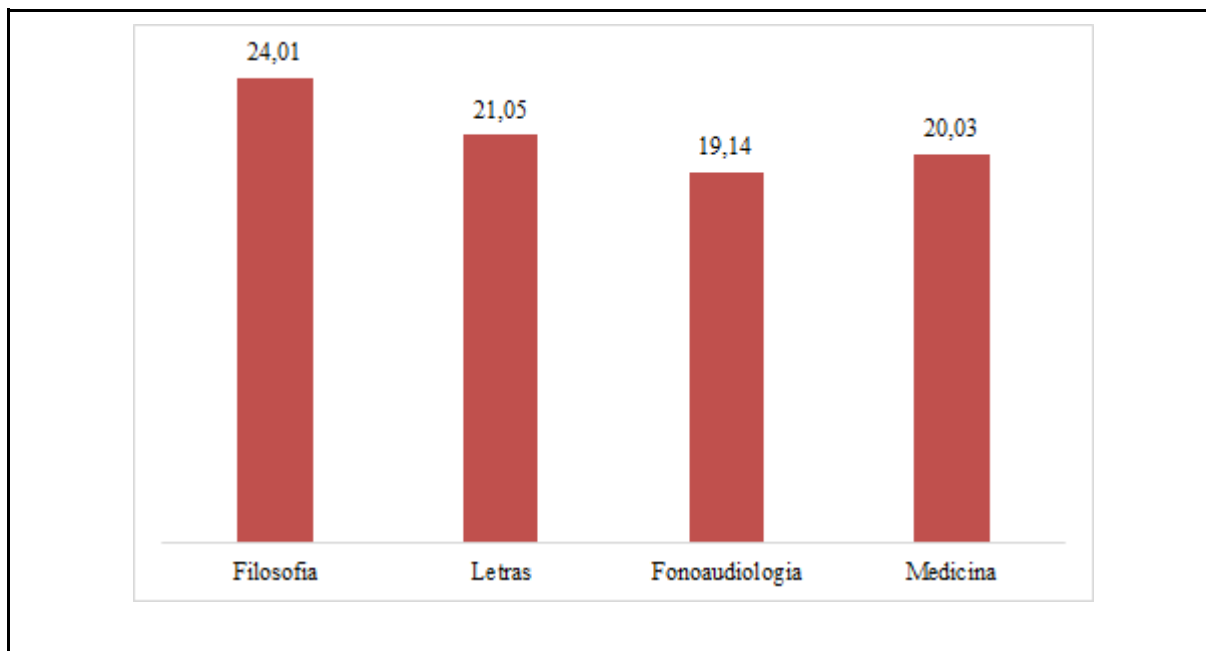
F/M: X^2 : 2,443 - df: 1 - α : 0,486

Fonte: Elaboração Própria.

No que diz respeito à cor, estas foram agrupadas em grandes categorias. A categoria “brancos” é formada por brancos e amarelos, e a categoria de “negros” é formada por pretos e pardos. Optou-se por deixar os indígenas em uma categoria própria. N/A compreende o grupo dos que não escolheram nenhuma das categorias. Neste caso, a diferenciação se dá muito mais em razão dos *campi* do que entre os cursos, porém há uma ligeira tendência que se segue: quanto mais se vai para a esquerda do gráfico, o das faculdades socialmente menos prestigiadas, maior é o recrutamento de alunos negros. É importante destacar que mesmo com a razão entre alunos não cotistas e cotistas sendo menor para Fonoaudiologia do que para Filosofia, o ingresso de alunos negros nesta faculdade é claramente maior, com um índice de quase 50%.

O *campus* São Paulo apresenta um maior controle sobre o recrutamento social do alunado, sobretudo no curso de Medicina, que não preencheu a cota de 25% de ingresso de alunos negros para 2016. Ainda que as correlações se mantenham semelhantes ao trabalho de Perosa (2015), notam-se transformações significativas no que diz respeito à cor, provavelmente relacionadas às mudanças que se deram pelo advento da política de cotas.

GRÁFICO 6 - MÉDIA DE IDADES DE INGRESSO NOS CURSOS X FACULDADES

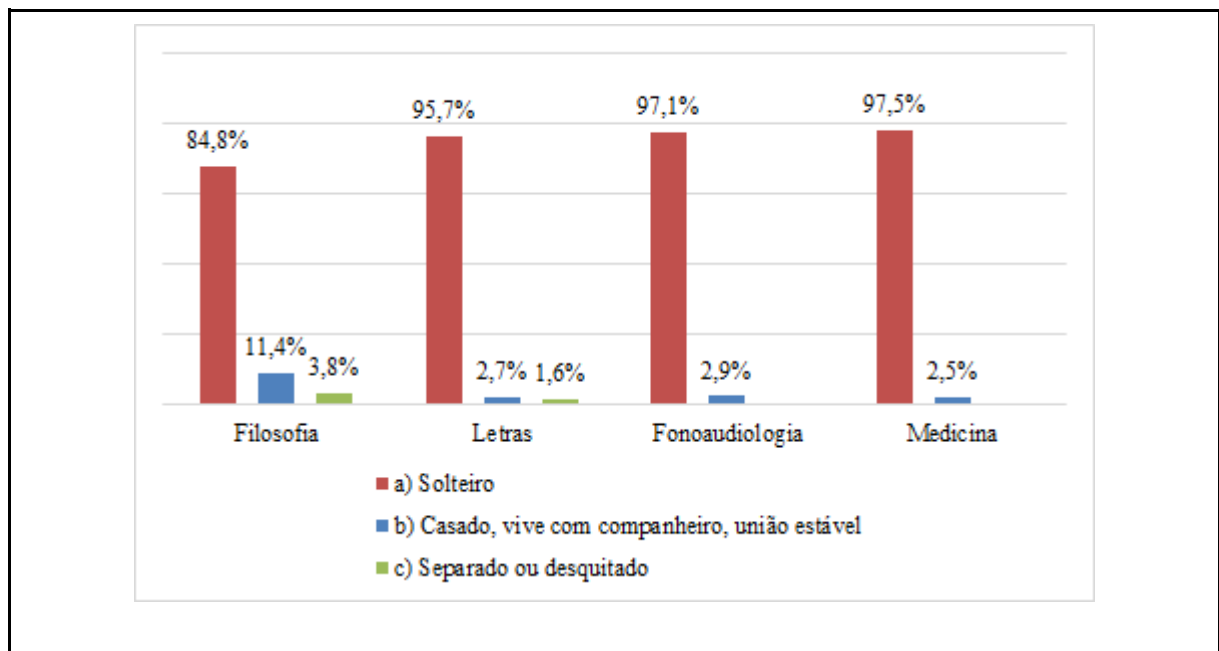


Fonte: Elaboração Própria.

Conforme apontado por Perosa (2015, p.131), há uma tendência para que as faculdades do *campus* Guarulhos sejam formadas por alunos mais velhos, especialmente no caso do curso de Filosofia, com uma distância de 3 anos para a outra faculdade do *campus* Guarulhos, Letras. O alunado desta, por sua vez, parece encontrar uma correspondência maior de idade com as faculdades de Medicina e Fonoaudiologia. Medicina também aparentemente passa por um processo de rejuvenescimento da composição do *alunato* da faculdade, o que pode sinalizar para uma renovação de seu campo, tradicionalmente de ingresso tardio devido à dificuldade do concurso vestibular.

Novos agentes de um novo perfil social contribuem para a modificação das regras do campo, conforme será debatido mais adiante. Ainda assim, e devido à correlação que existe frequentemente entre precocidade intelectual e privilégio social, o marcador de idade é fundamental para compreender diferenças socioculturais e econômicas entre os cursos e os *campi*, ainda que não possa ser tomado apenas no seu sentido social.

GRÁFICO 7 – ESTADO CIVIL X FACULDADES



F/L: X^2 : 10,998 - df: 2 - α : 0,004

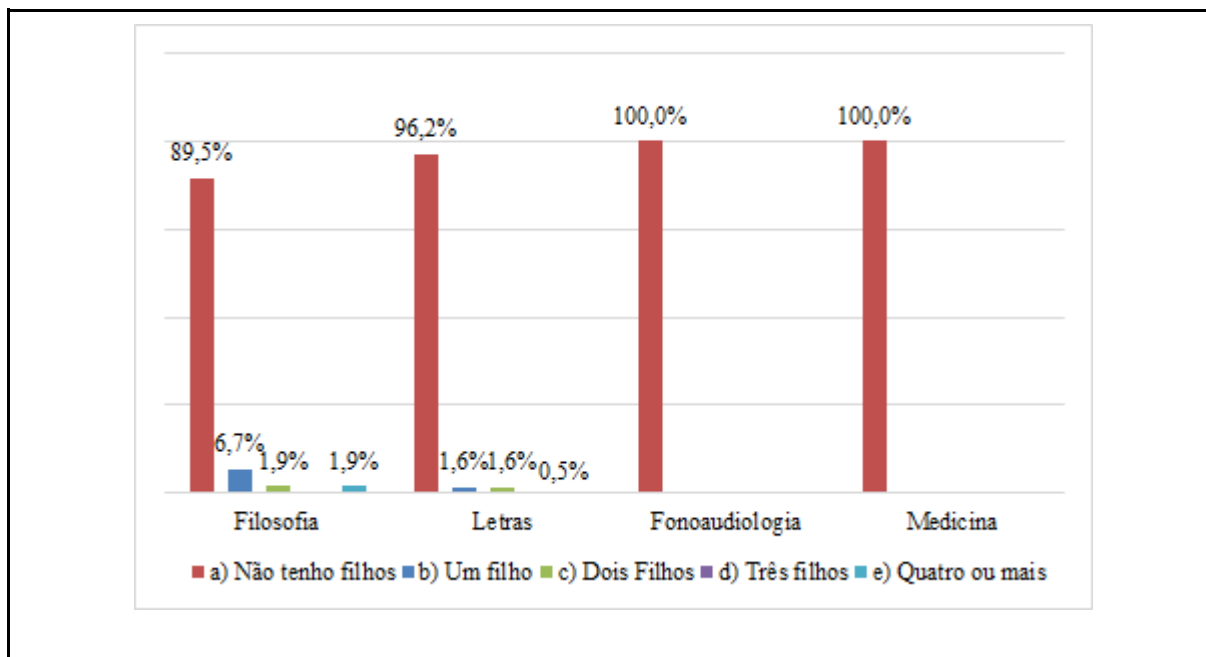
U: X^2 : 19,986 - df: 6 - α : 0,003

F/M: X^2 : 0,011 - df: 1 - α : 0,650

Fonte: Elaboração Própria.

Quanto ao estado civil, observa-se novamente que o perfil dos alunos da faculdade de Letras é mais parecido com Medicina e Fonoaudiologia, o que de fato faz sentido se avaliarmos que existe uma maior proximidade geracional entre os cursos de Letras, Fonoaudiologia e Medicina. Filosofia apresenta os maiores índices para matrimônio e separação, tanto no que diz respeito a Letras quanto a outros cursos, algo que em parte também se explica pela média de idade dos alunos da faculdade de Filosofia ser superior à dos outros, sendo um fator de diferenciação entre os *campi* e de diferenciação entre as duas faculdades do mesmo *campus*.

GRÁFICO 8 - NÚMERO DE FILHOS X FACULDADES



F/L: $X^2: 9,451$ - df: 4 - $\alpha: 0,051$

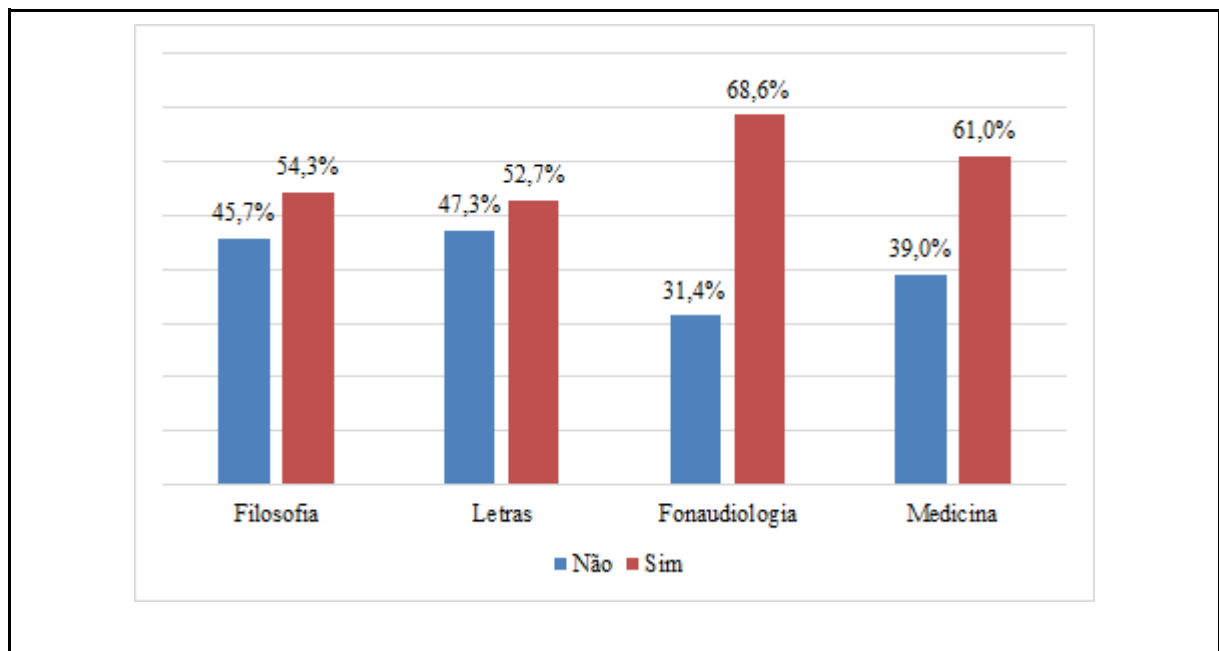
U: $X^2: 24,107$ - df: 12 - $\alpha: 0,020$

F/M: $X^2: --,---$ - df: -- - $\alpha: --,---$

Fonte: Elaboração Própria.

Com relação ao número de filhos, é presente alguma diferença entre Filosofia e Letras, sobretudo pela população do curso de Filosofia ser mais velha. Porém, a correlação entre filhos e faculdades não chega a ser significativa; a pequena variação no número de filhos não é estatisticamente relevante. No que diz respeito ao *campus* São Paulo, nas duas faculdades analisadas ocorre 100% de ausência de filhos. Nesse sentido, as diferenças se dão mais em relação aos *campi* do que com relação aos cursos.

GRÁFICO 9 - NASCIMENTO EM CAPITAL X FACULDADES



F/L: $X^2: 0,069$ - df: 1 - $\alpha: 0,445$

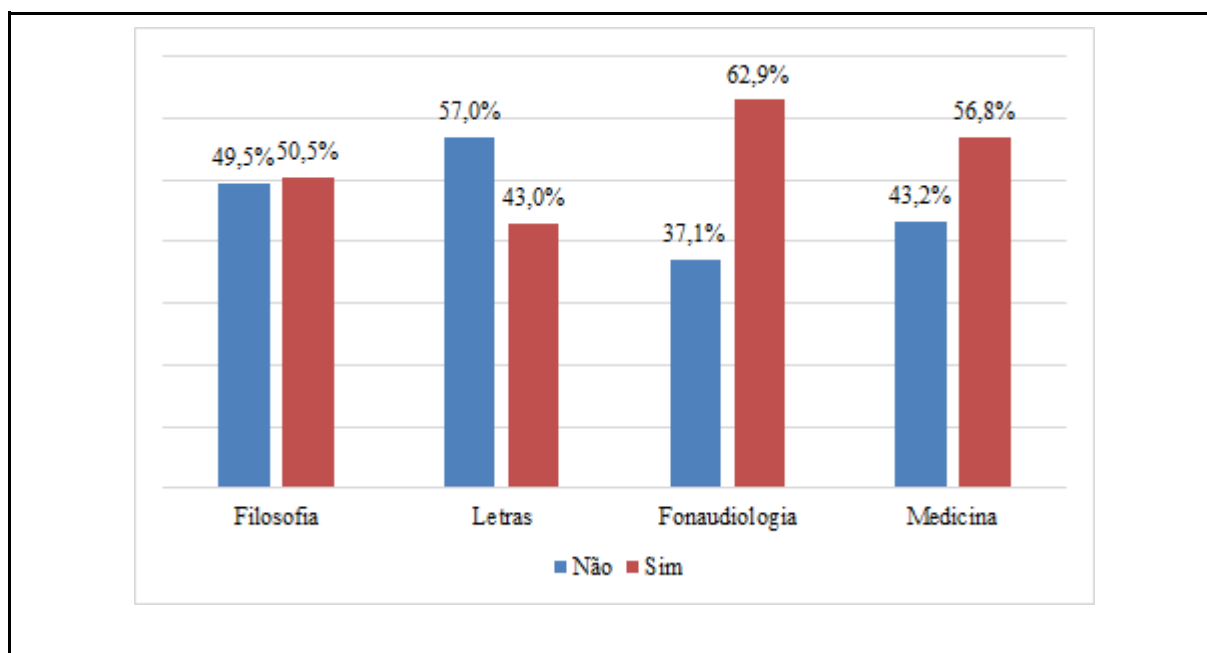
U: $X^2: 4,364$ - df: 3 - $\alpha: 0,225$

F/M: $X^2: 0,650$ - df: 1 - $\alpha: 0,272$

Fonte: Elaboração Própria.

O local de nascimento é uma variável clássica na sociologia da educação bourdieusiana, na qual é avaliada como uma propriedade distintiva. O fato de nascer ou residir em centros metropolitanos é um fator de valorização social quanto ao recrutamento do alunado, ou mesmo o sentimento de pertencimento a uma faculdade. Dessa forma, a questão sobre a cidade de nascimento foi transformada em uma variável binária entre ter nascido em alguma capital brasileira ou não, presumindo que nas capitais o acesso a determinados bens de consumo e cultura seja mais facilitado do que em cidades menores. As diferenças não são suficientes para se observar uma tendência efetiva entre as faculdades nem entre os *campi*.

GRÁFICO 10 - RESIDÊNCIA EM CAPITAL X FACULDADES



F/L: $X^2: 1,507$ - df: 1 - $\alpha: 0,135$

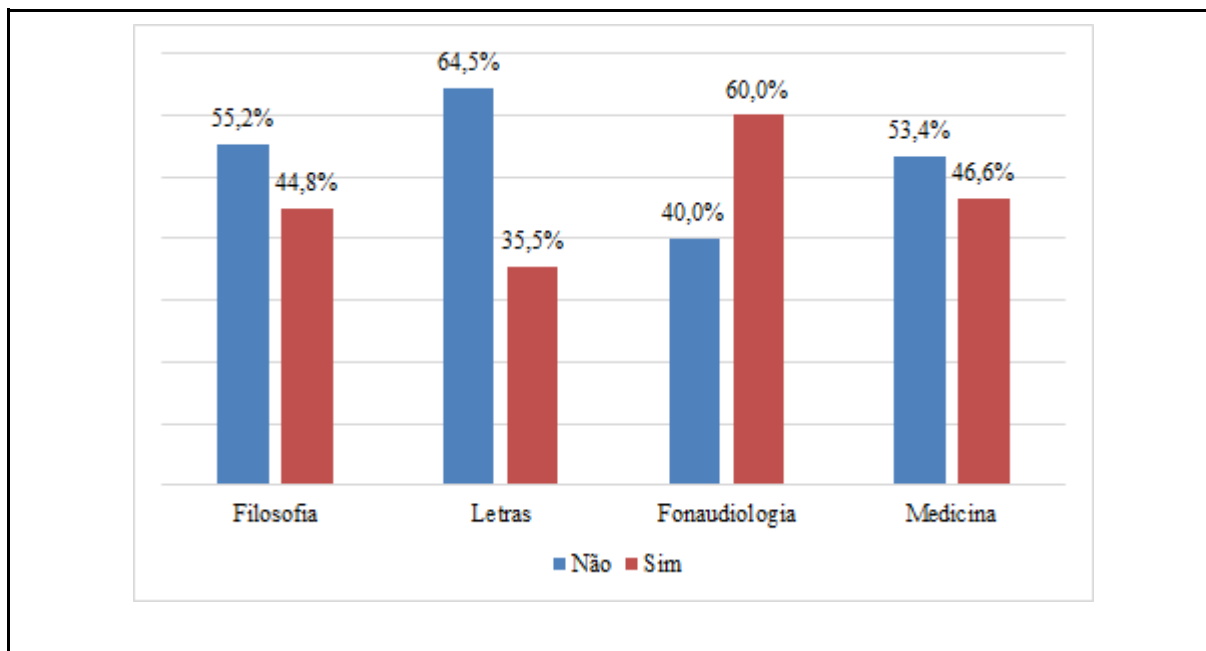
U: $X^2: 8,128$ - df: 3 - $\alpha: 0,043$

F/M: $X^2: 0,410$ - df: 1 - $\alpha: 0,330$

Fonte: Elaboração Própria.

No que tange à residência original em capital, antes do curso ou o local onde a família reside, pode-se observar que há uma correlação entre os diferentes *campi*. Alunos de São Paulo, em maioria, residem ou têm famílias com residências em capitais do país. Não há diferença significativa entre faculdades de cada *campi*. É importante chamar atenção para o fato de que as faculdades de Medicina e Fonoaudiologia estão localizadas em São Paulo, logo, muitos desses alunos residem na mesma cidade do curso e não teriam razão para se deslocar, ao contrário dos alunos do *campus* Guarulhos que moram na capital paulista e precisam se deslocar para outro município no interior para estudar.

GRÁFICO 11 - NASCIMENTO E RESIDÊNCIA EM CAPITAL X FACULDADES



F/L: X^2 : 2,432 - df: 1 - α : 0,076

U: X^2 : 9,164 - df: 3 - α : 0,027

F/M: X^2 : 1,936 - df: 1 - α : 0,115

Fonte: Elaboração Própria.

Por fim, na ausência de uma variável que indique o município que o agente cresceu – que seria um dado importante para a compreensão das propriedades da formação do *habitus* e, por consequência, do *ethos* de cada um dos grupos –, cruzaram-se as variáveis de município de nascimento e município de residência com relação às capitais. Logo, o “Sim” no gráfico está para nascimento em uma capital e residência da família nesta capital, sendo o mais próximo de localizar o espaço onde esses os sujeitos passaram suas vidas. O padrão é semelhante ao gráfico anterior. Estatisticamente, as diferenças entre os *campi* chamam mais atenção do que as relações entre as faculdades, puxadas principalmente por Fonaudiologia, que tem a maior parte dos alunos que nasceram e residem em capitais. Porém, é curioso notar que Filosofia tem maior número de alunos que nasceram e residem na capital do que Letras, dado o que foi verificado anteriormente quanto ao prestígio social dos cursos. Além disso, também se destaca a proximidade dos números do curso de Filosofia com o curso de Medicina.

É importante ressaltar que as elites econômicas e famílias tradicionais do Estado de São Paulo, dos baronatos do café e da industrialização em boa medida, residem no interior e investem na carreira dos filhos para uma reconversão de seus capitais econômicos em capitais

simbólicos por meio da posse de diplomas de instituições nobres, tendo como escopo posições altas nas hierarquias sociais e intelectuais. Portanto, as condições dos agentes oriundos do interior de São Paulo são em tudo diferentes da condição dos alunos do interior em *Os Herdeiros*, ainda que, conforme veremos nos capítulos seguintes, seja uma estratégia comum enviar seus filhos, em especial as famílias que residem em cidades do interior menores, à capital para fazer cursos pré-vestibular.

1.2.2 Trabalho e renda

A análise seguinte tem como foco questões relacionadas ao trabalho e renda em cada uma das faculdades e dos *campi*. Tais dados servem para que se possa compreender questões em relação ao poder aquisitivo dos alunos, o que inclui a possibilidade de acesso a bens de cultura diversos, principalmente pela reconversão de capitais, e a própria relação entre o trabalho e a escola ou faculdade. Nesta sessão também foram avaliadas questões relativas à renda dos agentes e à responsabilidade sobre esta.

TABELA 4 - MÉDIA E MEDIANA DA RENDA *PER CAPITA* EM CADA FACULDADE

Faculdades	Média	Mediana
Filosofia	1307,01	1000,00
Letras	6924,96	1000,00
Fonoaudiologia	1829,15	1320,00
Medicina	3488,50	1750,00

Fonte: Elaboração Própria.

Segundo a média da renda *per capita*, os alunos de Letras teriam em geral uma renda maior do que a dos alunos de Medicina. Trata-se de um dado estranho e que não condiz minimamente com o perfil esperado e avaliado até aqui. Optou-se, então, por focar no exame da mediana, que exclui respostas muito altas ou muito baixas, as quais podem ser erros de preenchimento dos questionários ou casos específicos que afetam a exibição dos dados que

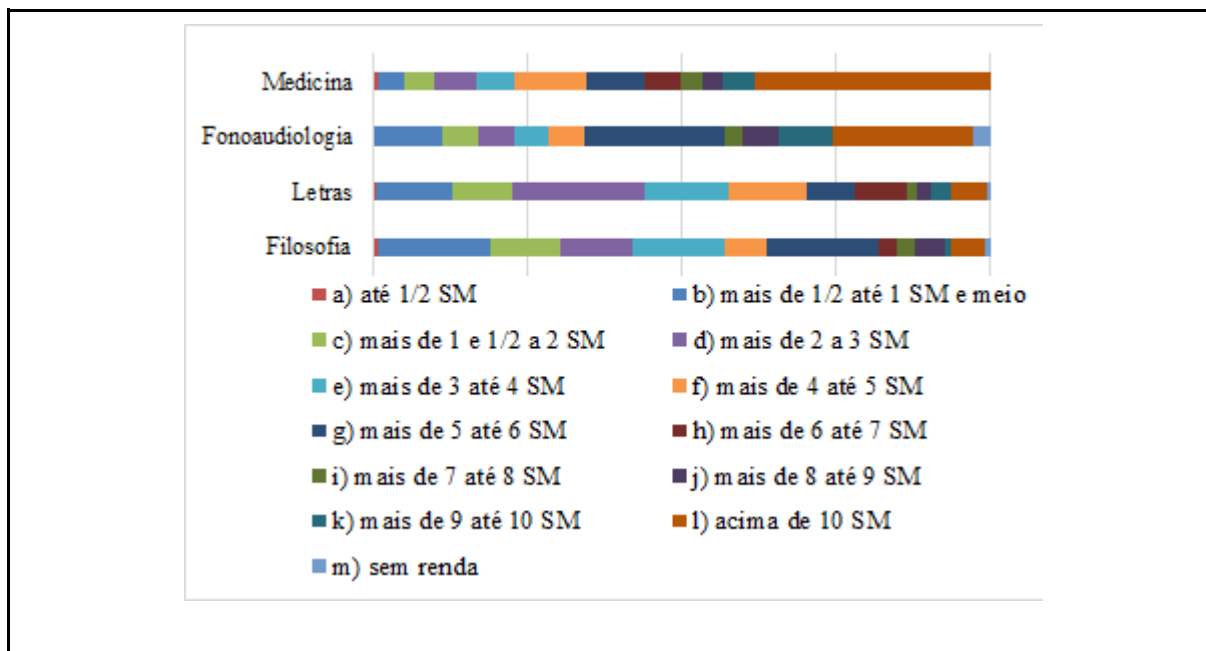
sejam muito destoantes da maioria. Observando a mediana, nota-se que Filosofia e Letras têm índices bastante parecidos quanto à renda do alunado, enquanto Fonoaudiologia apresenta uma diferença de R\$ 430,00 com relação à renda *per capita* do curso de Medicina.

TABELA 5 - FAIXAS DE RENDA X FACULDADES

Renda/Faixas	Filosofia	Letras	Fonoaudiologia	Medicina
a) até 1/2 SM	1,0%	0,5%	0,0%	0,8%
b) mais de 1/2 até 1 SM e meio	<u>18,1%</u>	12,4%	11,4%	4,2%
c) mais de 1 e 1/2 a 2 SM	11,4%	9,7%	5,7%	5,1%
d) mais de 2 a 3 SM	11,4%	<u>21,5%</u>	5,7%	6,8%
e) mais de 3 até 4 SM	15,2%	13,4%	5,7%	5,9%
f) mais de 4 até 5 SM	6,7%	12,9%	5,7%	11,9%
g) mais de 5 até 6 SM	<u>18,1%</u>	7,5%	<u>22,9%</u>	9,3%
h) mais de 6 até 7 SM	2,9%	8,6%	0,0%	5,9%
i) mais de 7 até 8 SM	2,9%	1,6%	2,9%	3,4%
j) mais de 8 até 9 SM	4,8%	2,2%	5,7%	3,4%
k) mais de 9 até 10 SM	1,0%	3,2%	8,6%	5,1%
l) acima de 10 SM	5,7%	5,9%	<u>22,9%</u>	<u>38,1%</u>
m) sem renda	1,0%	0,5%	2,9%	0,0%

Fonte: Elaboração Própria.

GRÁFICO 12 - REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DA TABELA 5



F/L: $X^2: 21,913 - df: 12 - \alpha: 0,039$ U: $X^2: 122,235 - df:36 - \alpha: 0,000$ F/M: $X^2: 15,918 - df: 12 - \alpha: 0,195$

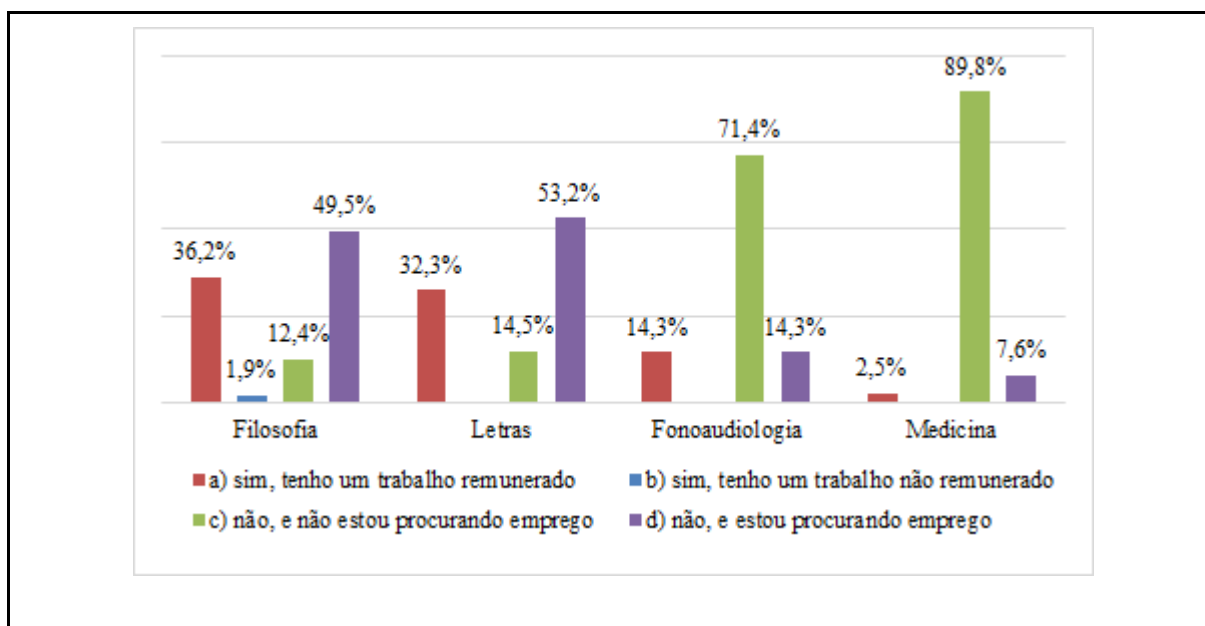
Fonte: Elaboração Própria.

A diferença entre os dois *campi* já era esperada, porém é de se notar pelo gráfico que Filosofia tem boa parte da concentração de respostas na faixa de cinco a seis salários mínimos e na faixa de mais de meio até um salário mínimo e meio. Por sua vez, Letras tem uma maior concentração na faixa de dois a três salários mínimos. Quanto a Medicina e Fonoaudiologia, as diferenças de ganhos por faixas familiares são menos desiguais estatisticamente. Chama a atenção que o maior ponto de concentração de renda em Medicina é na faixa acima de dez salários mínimos. Em Fonoaudiologia, os dois polos de concentração, quase equivalentes, são acima de dez salários mínimos e na outra faixa de concentração da Filosofia, entre cinco e seis salários mínimos.

Como visto anteriormente, o *alunato* de Filosofia é mais velho do que o de outras faculdades, o que aponta para a possibilidade de ter uma vida mais estabilizada. Porém, é possível dividir os alunos do curso de Filosofia em duas categorias no que diz respeito à renda. Uma delas é composta por alunos com alguma estabilidade financeira, mais velhos e com alguma colocação no mercado, provavelmente fazendo uma segunda graduação. A outra, por alunos jovens que ingressaram na faculdade buscando uma primeira graduação. O curso de

Letras é aparentemente um curso mais homogêneo, condensando a maior parcela de respostas entre dois e três salários mínimos. O mesmo apontamento pode ser feito quanto a Medicina, que concentra boa parte do alunado com renda acima de dez salários mínimos, tendo a segunda grande parcela entre quatro salários mínimos até cinco salários mínimos.

GRÁFICO 13 - TRABALHO X FACULDADES



F/L: $X^2: 4,251$ - df: 3 - $\alpha: 0,236$

U: $X^2: 229,265$ - df: 9 - $\alpha: 0,000$

F/M: $X^2: 9,495$ - df: 2 - $\alpha: 0,009$

Fonte: Elaboração Própria.

Apesar das diferenças de remuneração em Filosofia e Letras, ainda assim a condição entre emprego e desemprego é bastante semelhante, não havendo grandes diferenças estatísticas entre as duas faculdades do *campus* Guarulhos. Porém, no que diz respeito ao *campus* São Paulo, pode-se observar um forte grau de diferenciação entre Fonoaudiologia e Medicina. O primeiro curso notadamente representa um perfil de alunado diferente, mais interessado ou necessitado de um ingresso precoce no mercado de trabalho, enquanto a maior parte dos alunos de Medicina não está à procura de emprego nem trabalha. A diferença entre os alunos de Medicina em relação ao alunado da faculdade de Fonoaudiologia é bastante grande, ainda que este último também seja um curso onde os alunos advêm de famílias que dispõem de boas condições sociais quando comparados aos alunos do *campus* Guarulhos. São também mais jovens se comparados à composição da faculdade Medicina. Ainda assim, conforme depreende-

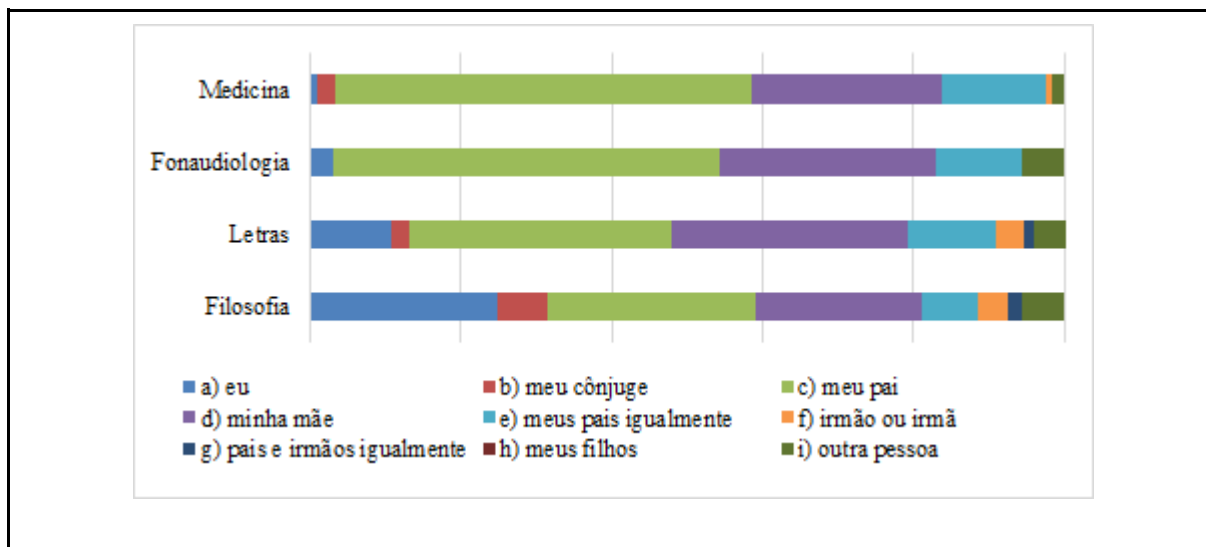
se do levantamento de dados, os alunos de Fonoaudiologia em geral não podem ou não desejam adiar o ingresso no mercado de trabalho, o que de alguma maneira dialoga com as possibilidades de dar continuidade aos estudos, como o ingresso em um curso de pós-graduação ou mesmo no engajamento em uma carreira acadêmica, uma vez que essas iniciativas estão relacionadas com um bom aproveitamento das oportunidades na universidade durante a graduação e exigem um tempo maior de dedicação a atividades “gratuitas”, de difícil conciliação com uma rotina de trabalho.

TABELA 6 - RESPONSABILIDADE FINANCEIRA X FACULDADES

Principal Responsável	Filosofia	Letras	Fonoaudiologia	Medicina
a) eu	24,8%	10,8%	2,9%	0,8%
b) meu cônjuge	6,7%	2,2%	0,0%	2,5%
c) meu pai	27,6%	34,9%	51,4%	55,1%
d) minha mãe	21,9%	31,2%	28,6%	25,4%
e) meus pais igualmente	7,6%	11,8%	11,4%	13,6%
f) irmão ou irmã	3,8%	3,8%	0,0%	0,8%
g) pais e irmãos igualmente	1,9%	1,1%	0,0%	0,0%
i) outra pessoa	5,7%	4,3%	5,7%	1,7%

Fonte: Elaboração Própria.

GRÁFICO 14 - REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DA TABELA 6



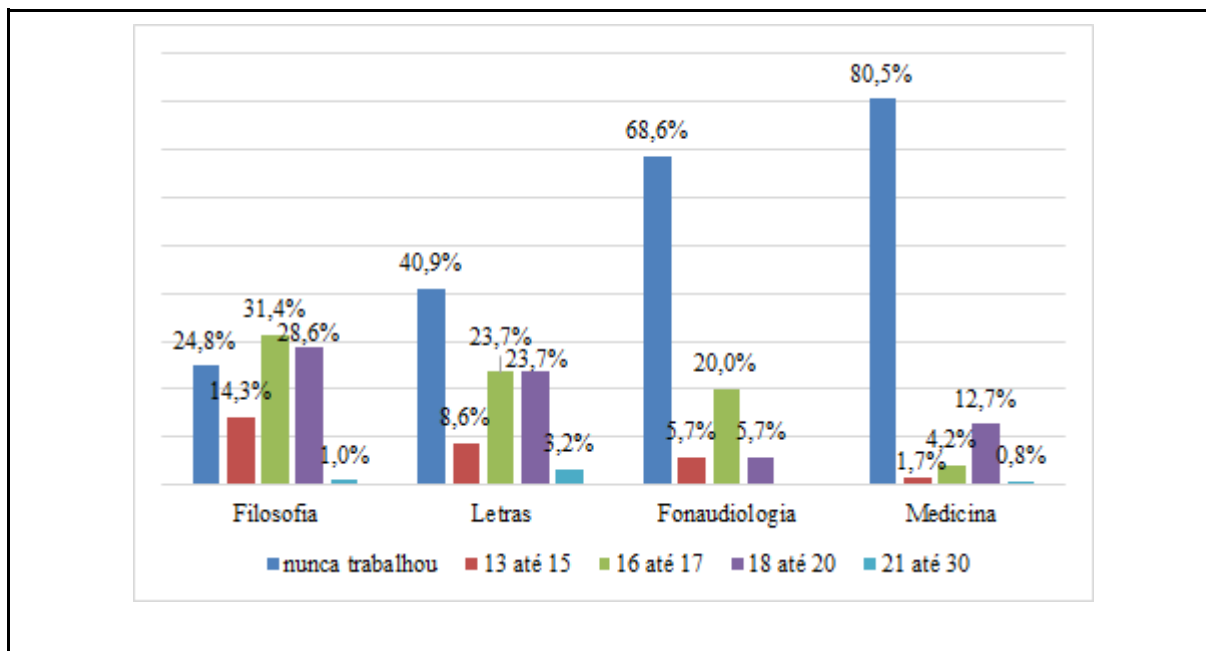
F/L: $X^2: 16,913$ - df: 7 - $\alpha: 0,018$ U: $X^2: 63,926$ - df:21 - $\alpha: 0,000$ F/M: $X^2: 3,951$ - df: 6 - $\alpha: 0,683$

Fonte: Elaboração Própria.

Para além das desigualdades entre os *campi*, observa-se no *campus* Guarulhos, na faculdade de Filosofia, uma diferença quanto à responsabilidade pela subsistência da família. Entre os alunos do curso, boa parte dessa função é legada ao próprio aluno, sendo a segunda opção, “meu cônjuge”, mais marcada em Filosofia e menos presente no curso de Letras, onde a maior parcela conta com o pai ou a mãe como principais mantenedores do local onde habitam. No caso de Fonoaudiologia e Medicina, os cursos apresentam uma maior homologia, não estando muito distantes, sendo o pai o principal mantenedor da residência em ambos os casos, com um índice ligeiramente maior de mães responsáveis pela renda familiar no curso de Fonoaudiologia.

É interessante notar que o papel das mães quanto à responsabilidade financeira tende a aumentar quando se vai dos cursos de maior prestígio social para os de menor prestígio social, enquanto o do pai tende a diminuir, o que também é marca dos grandes processos sociais que provocaram mudanças na morfologia social operadas ao longo da última década, logrando a um maior protagonismo das mulheres no que tange às responsabilidades financeiras.

GRÁFICO 15 - INGRESSO NO MERCADO DE TRABALHO X FACULDADES



F/L: X^2 : 10,609 - df: 4 - α : 0,031

U: X^2 : 90,484 - df: 12 - α : 0,000

F/M: X^2 : 12,200 - df: 4 - α : 0,016

Fonte: Elaboração Própria.

No que diz respeito ao ingresso no mercado de trabalho, é observável no Gráfico 15 as diferenças do alunado entre todas as faculdades, mesmo aquelas que estão situadas no mesmo *campus*. Quanto mais se vai dos cursos mais valorizados socialmente aos mais desvalorizados socialmente, a tendência do ingresso no mercado de trabalho se torna mais presente, além de precoce. Entre Filosofia e Letras, a maior parcela do alunado do primeiro curso ingressou no mercado de trabalho entre 16 e 17 anos, enquanto em Letras, a maior parte dos alunos nunca trabalhou. Vê-se que, apesar de serem mais velhos, os alunos do curso de Filosofia também apresentam um ingresso mais precoce no mercado de trabalho. Análise semelhante vale para os cursos de Fonoaudiologia e Medicina do *campus* São Paulo, onde, dos que trabalham, no caso do curso de Fonoaudiologia, a maioria iniciou entre os 16 e 17 anos, enquanto no caso da Medicina, os que trabalham, em maioria, ingressaram no mercado de trabalho somente após os 18 anos, o que coincide com o fim dos primeiros períodos da vida escolar. Com efeito, isso favorece a aquisição de um *habitus* escolar e também a obtenção de capital cultural, além do aproveitamento e dedicação a cursinhos, muito presentes nos candidatos e alunos do curso de

Medicina que, tradicionalmente, ocorrem em tempo integral de difícil compatibilidade com uma atividade profissional.

1.2.3 Escola, capital cultural e ingresso no curso

Esta seção dá conta das diferenças e similitudes em relação às trajetórias escolares, discute a aquisição de capital cultural e como isso pode ser evidenciado no *habitus* do alunado. Inicia-se pela escolaridade dos pais, variável fundamental enquanto um capital cultural *per se*, através de uma transmissão tácita, que acaba por ser um meio de relacionar-se com a cultura e, portanto, um atributo facilitador para aquisição de capital cultural. Soma-se a isso o fato de que existe uma maior tendência ao investimento em oportunidades de aquisição de mais capital cultural dos filhos conforme o nível educacional dos pais.

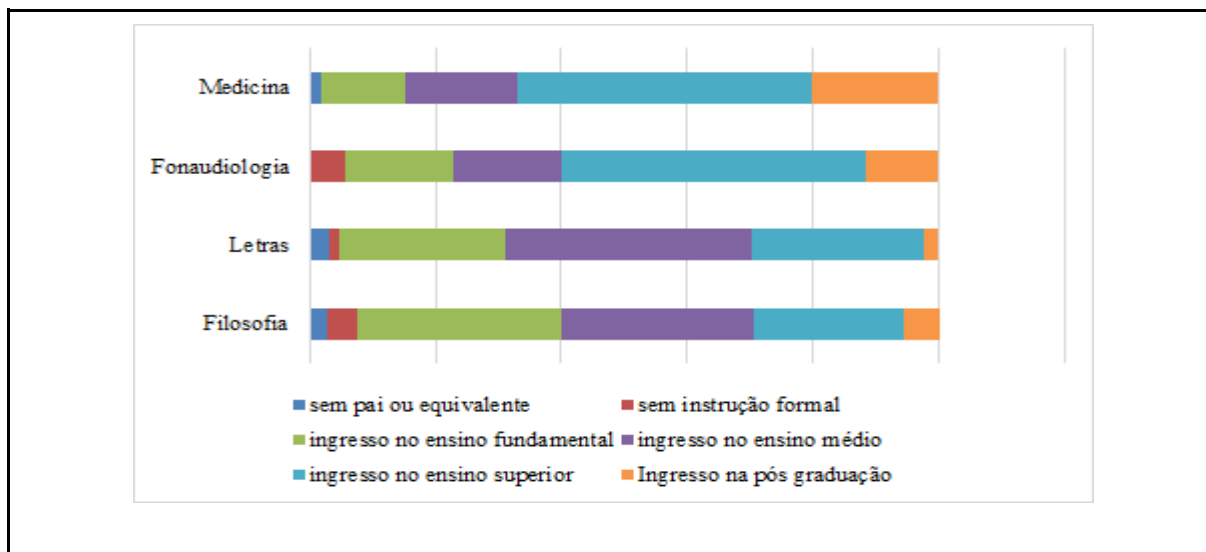
A trajetória educacional e a relação com a cultura se relacionam profundamente com a adoção de um determinado *ethos*, além de influenciar na sensação de pertencimento a diferentes posições e tomadas de posição nos campos estudados.

TABELA 7 - ESCOLARIDADE DO PAI X FACULDADES

Renda/Faixas	Filosofia	Letras	Fonoaudiologia	Medicina
sem pai ou equivalente	2,9%	3,2%	0,0%	1,7%
sem instrução formal	4,8%	1,6%	5,7%	0,0%
ingresso no ensino fundamental	<u>32,4%</u>	26,3%	17,1%	13,6%
ingresso no ensino médio	30,5%	<u>39,2%</u>	17,1%	17,8%
ingresso no ensino superior	23,8%	27,4%	<u>48,6%</u>	<u>46,6%</u>
Ingresso na pós-graduação	5,7%	2,2%	11,4%	<u>20,3%</u>

Fonte: Elaboração Própria.

GRÁFICO 16 - REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DA TABELA 7



F/L: $X^2: 7,554$ - df: 5 - $\alpha: 0,183$

U: $X^2: 75,175$ - df:15 - $\alpha: 0,000$

F/M: $X^2: 8,777$ - df: 5 - $\alpha: 0,118$

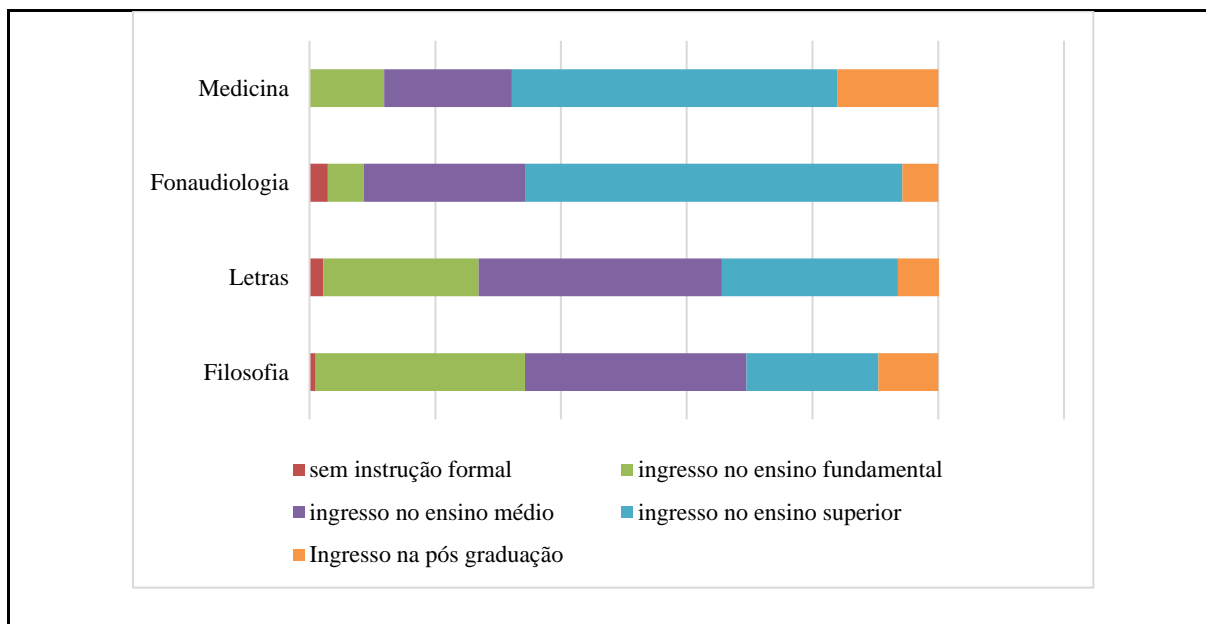
Fonte: Elaboração Própria.

TABELA 8 - ESCOLARIDADE DA MÃE X FACULDADES

Renda/Faixas	Filosofia	Letras	Fonoaudiologia	Medicina
sem instrução formal	1,0%	2,2%	2,9%	0,0%
ingresso no ensino fundamental	3,3%	24,7%	5,7%	11,9%
ingresso no ensino médio	<u>35,2%</u>	<u>38,7%</u>	25,7%	20,3%
ingresso no ensino superior	21,0%	28,0%	<u>60,0%</u>	<u>51,7%</u>
ingresso na pós-graduação	<u>9,5%</u>	6,5%	5,7%	<u>16,1%</u>

Fonte: Elaboração Própria.

GRÁFICO 17 - REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DA TABELA 8



F/L: $X^2: 4,694$ - df: 4 - $\alpha: 0,320$

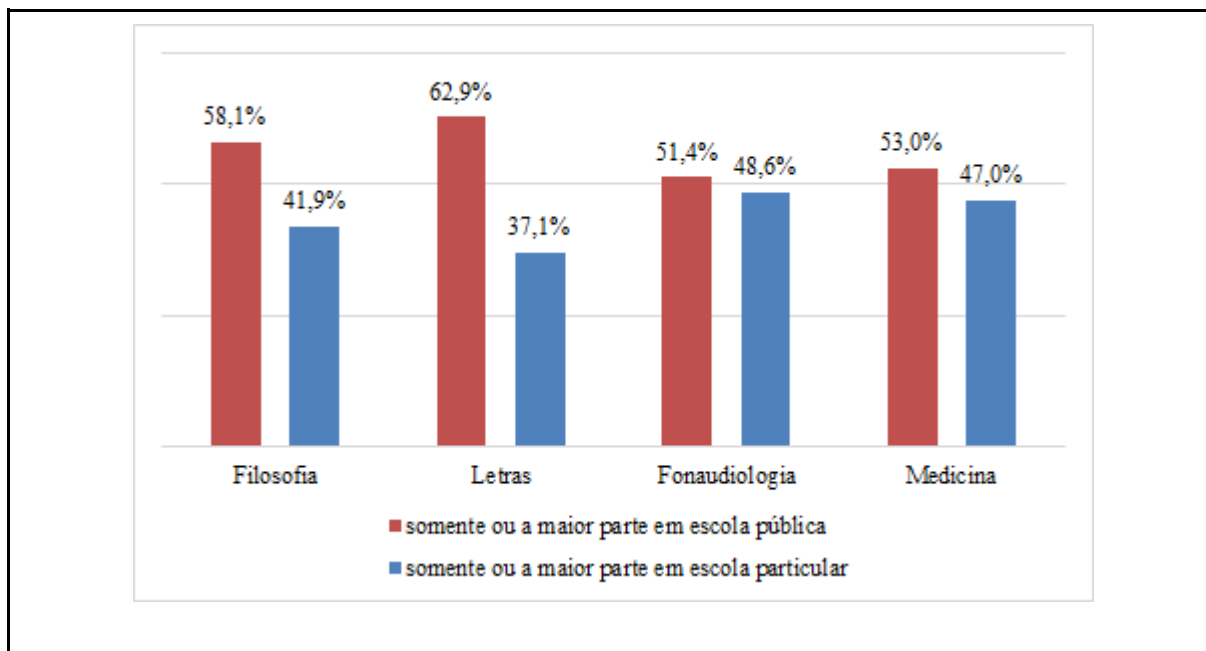
U: $X^2: 59,903$ - df:12 - $\alpha: 0,000$

F/M: $X^2: 7,179$ - df: 4 - $\alpha: 0,127$

Fonte: Elaboração Própria.

Sobre a escolaridade dos pais, a principal diferenciação se encontra entre os *campi*, muito mais do que entre as faculdades. É possível observar claramente como o *campus* São Paulo possui pais com um nível de escolaridade maior e de presumivelmente maior capital cultural, sobretudo na faculdade de Medicina, sendo o curso com maior número de pais com pós-graduação. No nível dos pais com pós-graduação, o do curso de Medicina é seguido por Fonoaudiologia, como esperado. Porém, no que diz respeito ao ingresso na pós-graduação das mães, nota-se que o segundo curso com maior número de mães pós-graduadas é Filosofia, o que pode ser relacionado com uma vivência do espaço intelectual ou ainda um salto em direção a uma mudança de estratégia para acúmulo de capital cultural de uma família dotada de capital econômico. Ainda assim, é importante mencionar que esse curso também tem a maior parcela de mães apenas com ensino fundamental e a segunda menor parcela de mães sem instrução formal. É ponto pacífico a grande influência da escolaridade das mães na vida escolar dos filhos, bem como na introdução às diferentes formas de capital cultural.

GRÁFICO 18 - ADMINISTRAÇÃO DO ENSINO MÉDIO X FACULDADES



F/L: X^2 : 0,653 - df: 1 - α : 0,247

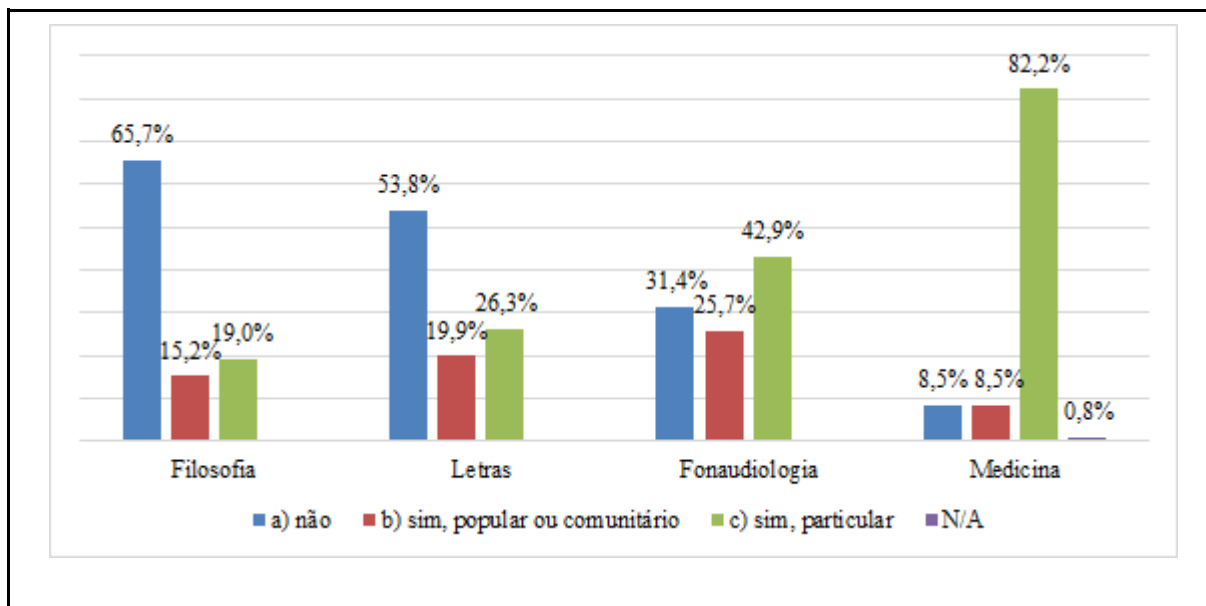
U: X^2 : 3,657 - df: 3 - α : 0,301

F/M: X^2 : 0,026 - df: 1 - α : 0,511

Fonte: Elaboração Própria.

Quanto ao tipo de administração da rede onde o aluno cursou o ensino médio, é de se notar que não há grandes diferenças entre as faculdades e os *campi*. Observa-se que Letras é o curso com maior número de alunos que advém de escolas públicas, enquanto o curso com maior número de alunos provenientes de escolas particulares é o de Fonoaudiologia. Ainda assim, as diferenças não são grandes o suficiente para que se possa afirmar uma diferença na composição do *alunato* de qualquer uma das faculdades nesse sentido, o que não era de se esperar no *campus* São Paulo, sobretudo no que se refere à faculdade de Medicina que, conforme analisado na seção anterior, é composta por sujeitos que em sua maioria têm condição econômica mais confortável em comparação a outros cursos. Além disso, é visível uma mudança em relação ao alunado de 2011 analisado por Perosa (2015, p.129), onde se observava forte correlação entre escolas particulares e os alunos do *campus* São Paulo.

GRÁFICO 19 - CURSO PRÉ-VESTIBULAR X FACULDADES



F/L: $X^2: 3,956$ - df: 2 - $\alpha: 0,138$

U: $X^2: 133,716$ - df: 9 - $\alpha: 0,000$

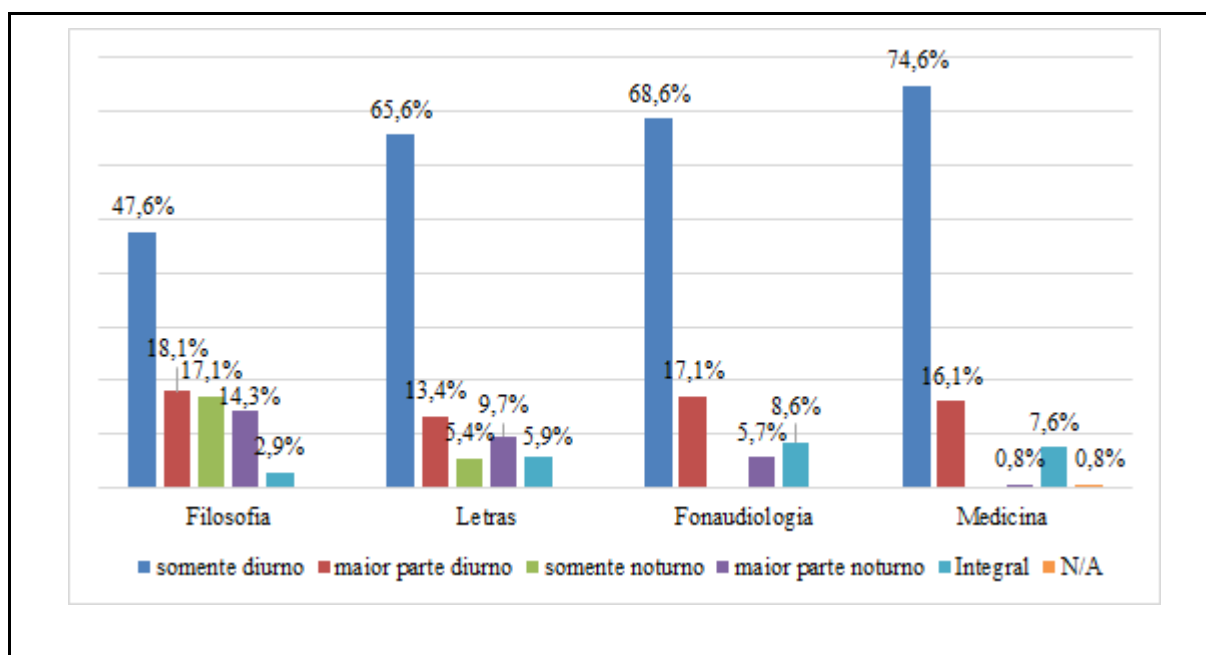
F/M: $X^2: 22,828$ - df: 3 - $\alpha: 0,000$

Fonte: Elaboração Própria.

O Gráfico 19 mostra uma correlação diferente do gráfico anterior com relação ao ensino privado, sobretudo na Medicina. Observa-se que as cotas modificaram as formas dos agentes comporem suas estratégias de entrada no ensino superior. Enquanto Filosofia tem o maior índice de alunos que não fizeram cursinho, em virtude da menor concorrência visto que os candidatos investem menos em capital escolar por ser um curso de menor valorização social em nosso contexto, no *campus* São Paulo vê-se que em Medicina a maior parte dos alunos realizou curso pré-vestibular em instituições particulares. É importante frisar que os pais dos alunos de Medicina são os que possuem maiores índices de escolaridade, o que também promove um maior investimento em formas de obtenção de capital cultural necessário aos exames dos cursos vestibulares, além do fato de Medicina ter uma concorrência muito grande e geralmente advinda das elites, que na maior parte dos casos exige tal investimento, não necessariamente estando relacionado ao capital financeiro da família. A diferença entre Filosofia e Letras é pouco significativa, especialmente se comparada a Fonoaudiologia e Medicina. Observa-se que as diferenças entre as faculdades do *campus* São Paulo são bastante evidentes no que tange aos cursos pré-vestibular: ainda que os alunos da faculdade de Fonoaudiologia tenham uma adesão maior aos cursinhos preparatórios em instituições

particulares quando comparados aos cursos do *campus* Guarulhos, a adesão dos alunos da faculdade de Medicina a cursos pré-vestibular particulares é muito maior.

GRÁFICO 20 - TURNO DO ENSINO MÉDIO X FACULDADES

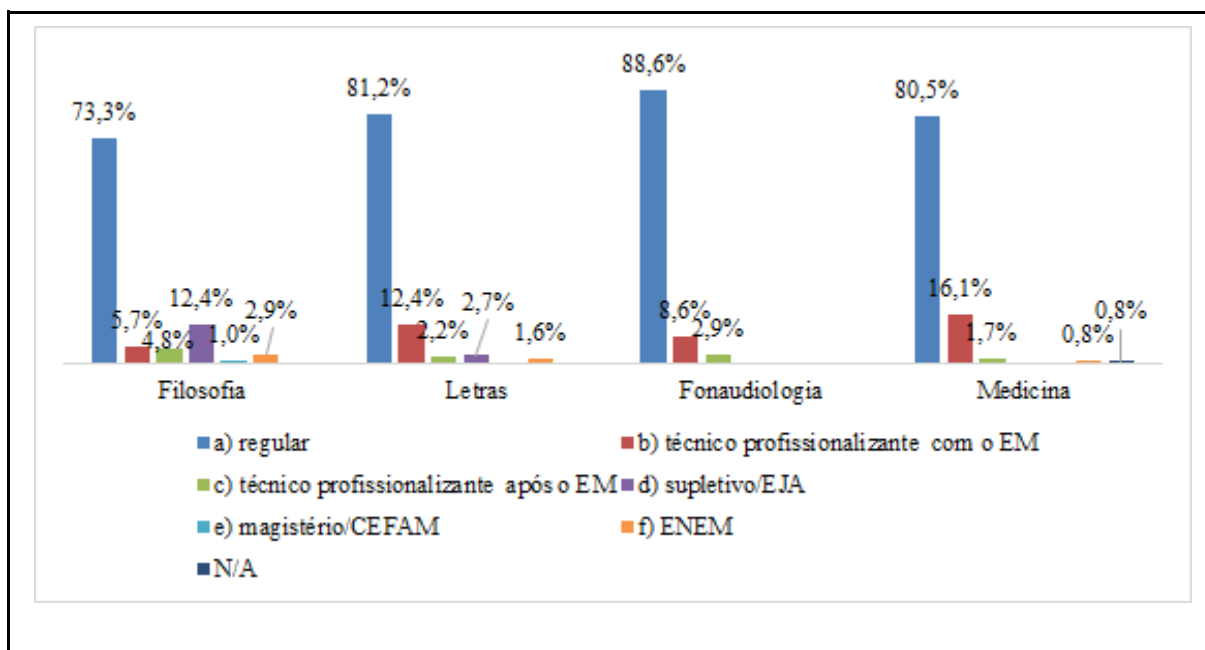


F/L: X^2 : 16,846 - df: 4 - α : 0,002 U: X^2 : 56,038 - df: 15 - α : 0,000 F/M: X^2 : 3,739 - df: 4 - α : 0,442

Fonte: Elaboração Própria.

Quanto ao turno em que cursou o ensino médio, nota-se pelo Gráfico 20 grande diferença na relação entre os *campi*, sendo a faculdade de Filosofia o principal responsável por ela com o maior índice de alunos que cursaram somente no período noturno e realizaram a maior parte do ensino médio nesse período. Comparando apenas as faculdades do *campus* Guarulhos, há diferença significativa entre os alunos das faculdades de Letras e Filosofia no que diz respeito ao turno estudado no ensino médio. Filosofia tem um número de alunos no ensino noturno muito superior a Letras, que apresenta um perfil mais próximo de Fonoaudiologia do *campus* São Paulo.

GRÁFICO 21 - TIPO DE ENSINO MÉDIO (EM) X FACULDADES



F/L: $X^2: 17,458$ - df: 5 - $\alpha: 0,004$

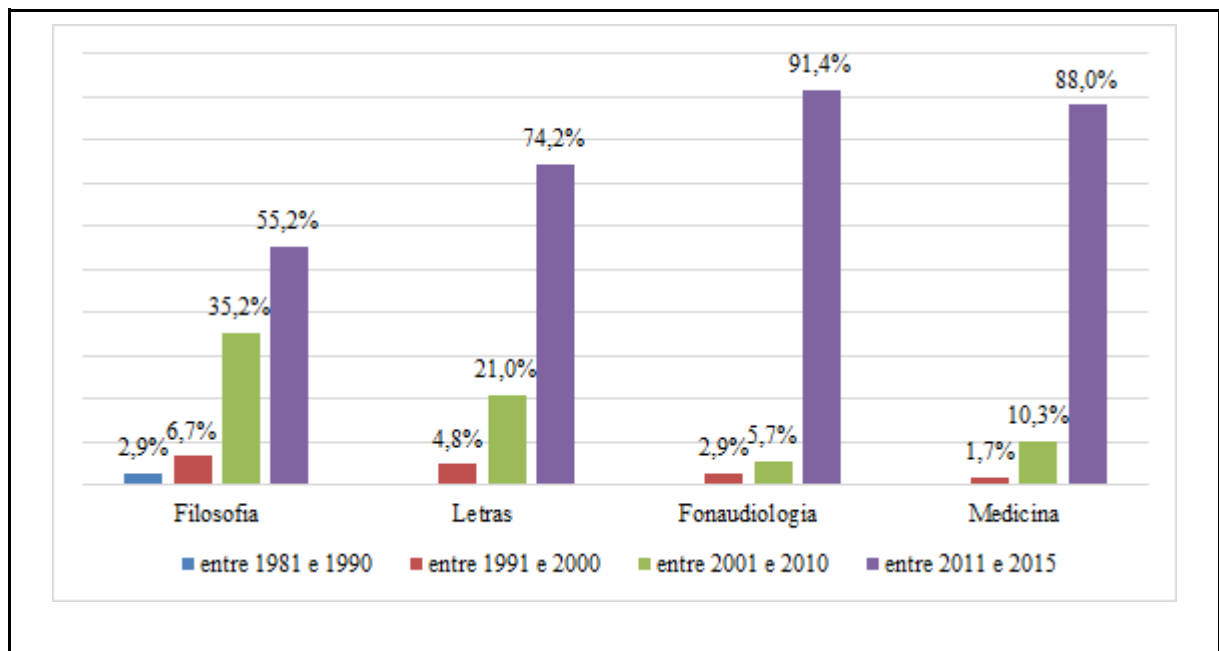
U: $X^2: 41,914$ - df: 18 - $\alpha: 0,001$

F/M: $X^2: 2,057$ - df: 4 - $\alpha: 0,725$

Fonte: Elaboração Própria.

Observa-se uma situação semelhante àquela do dado anterior quanto à diferença de tipo de ensino médio. Filosofia tem o segundo maior índice de alunos do supletivo ou EJA (Educação de Jovens e Adultos), enquanto Letras tem o segundo maior índice de alunos que realizaram ensino médio por meio de um curso profissionalizante. Nesse sentido, as duas faculdades do *campus* Guarulhos são bastante diferentes, quase tanto quanto as diferenças entre os *campi*. No que diz respeito à Medicina e Fonoaudiologia, estes dois cursos têm perfil de recrutamento mais semelhante no tipo de ensino médio, sem alunos do supletivo ou EJA. Essa variável relaciona-se profundamente com a idade dos agentes, turno em que estudou e quando se formou, influenciando a opção por um determinado tipo de ensino médio, o que interfere na visão de suas chances objetivas, conforme podemos observar pela composição do alunado.

GRÁFICO 22 - ANO DE CONCLUSÃO DO ENSINO MÉDIO (EM) X FACULDADES



F/L: X^2 : 14,535 - df: 3 - α : 0,002

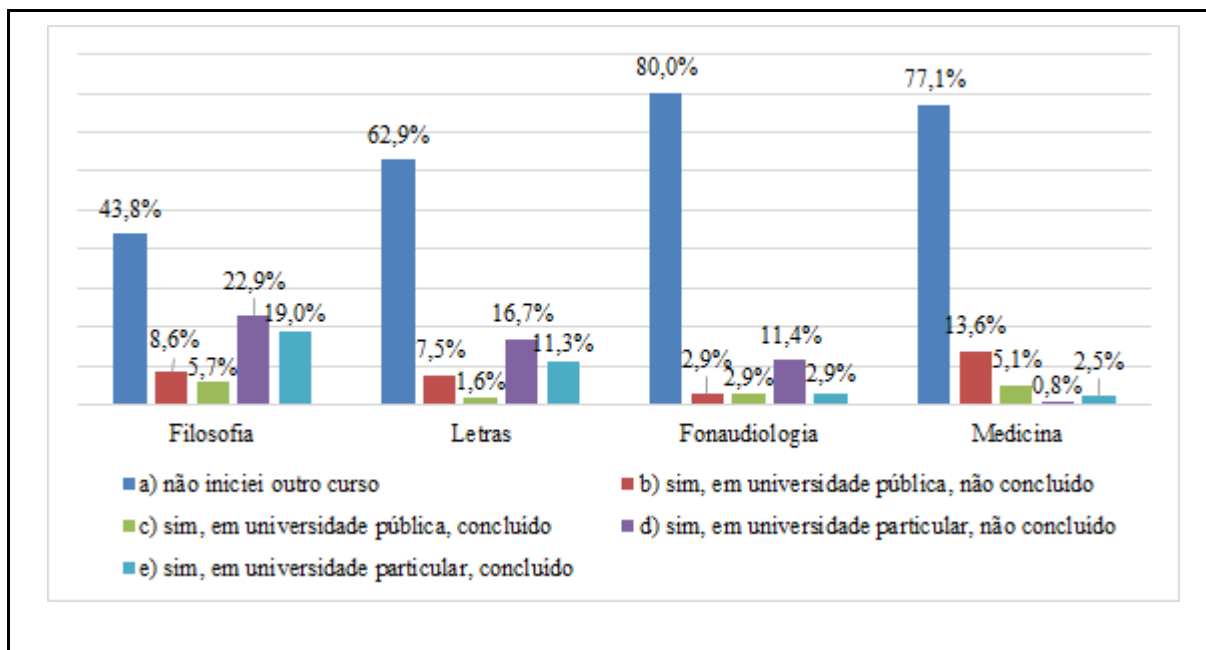
U: X^2 : 43,627 - df: 9 - α : 0,000

F/M: X^2 : 0,818 - df: 2 - α : 0,664

Fonte: Elaboração Própria.

Novamente se observa, além da diferença entre os *campi*, uma significativa diferença entre Filosofia e Letras, já que a primeira tem um perfil de alunado mais velho quando comparado aos outros cursos, conforme já foi evidenciado pela análise de outras variáveis. Fonoaudiologia e Medicina têm pouca diferença em suas composições de alunos. Como esperado, Medicina apresenta uma composição maior de alunos mais velhos se comparada a Fonoaudiologia, ainda que a diferença entre os cursos não seja significativa.

GRÁFICO 23 - CURSOU OUTRA FACULDADE ANTES DE INGRESSAR NA UNIFESP X FACULDADES



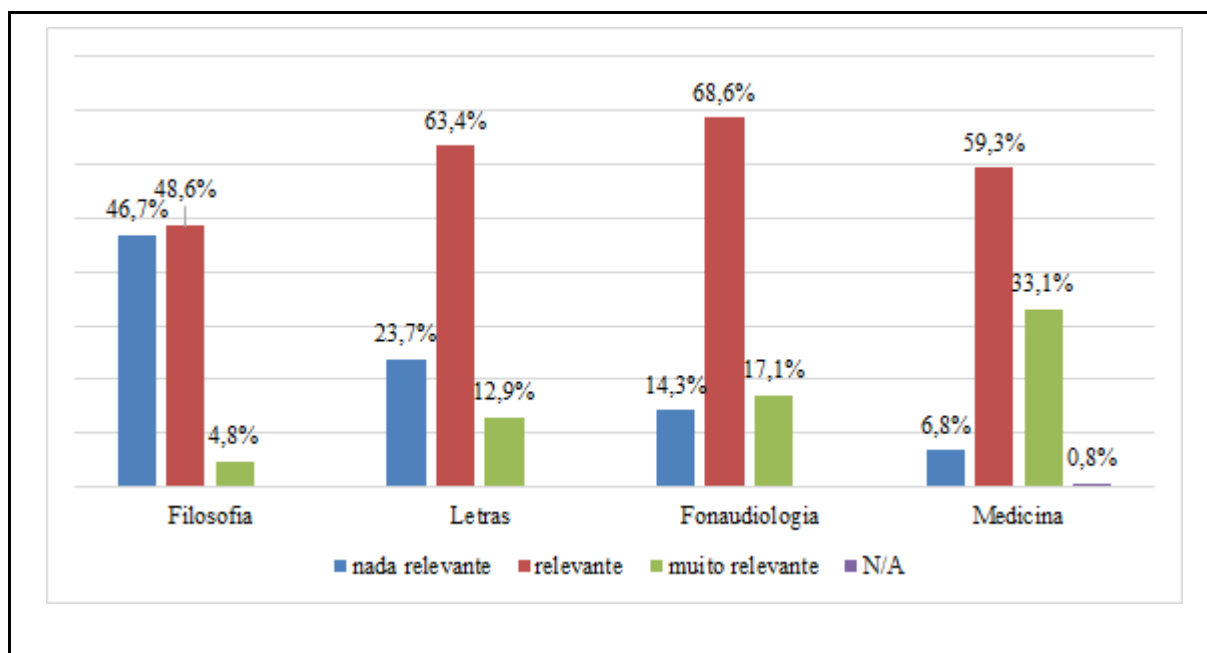
F/L: X^2 : 12,338 - df: 4 - α : 0,015 U: X^2 : 62,191 - df: 15 - α : 0,000 F/M: X^2 : 12,659 - df: 5 - α : 0,027

Fonte: Elaboração Própria.

Outro dado relevante que marca diferenças entre as faculdades e os *campi* diz respeito ao ingresso em faculdades antes da entrada no curso. Quase 1/4 dos alunos de Filosofia (24,7%) já concluíram outro curso de graduação, a grande maioria em universidades particulares, o que se enquadra no perfil traçado por Graziela (2015, p.131). Filosofia também apresenta o maior índice de alunos em segunda graduação advindo de universidades públicas. Medicina, por sua vez, apresenta o maior índice de alunos que entraram em uma universidade pública, mas não concluíram o curso, o que pode ser entendido como uma troca para a faculdade de Medicina na UNIFESP. Se por um lado Filosofia é um curso que tem a maior parte de seus alunos mais velhos do que os alunos da faculdade Letras, por exemplo, ele também congrega um tipo de *alunato* diferenciado, mais maduro e decidido quanto ao curso e seus propósitos ali, o que por sua vez contribui para o estabelecimento de um outro *habitus* na faculdade e de critérios de valorização e reconhecimento distintos, provavelmente mais voltado à área acadêmica. No caso da Medicina, observa-se a força do veredicto escolar na vida dos alunos, uma vez que estes ingressaram em um ensino superior público e obtiveram uma verificação de suas capacidades,

o que possibilitou a esses agentes a confiança necessária para tentar a uma faculdade mais concorrida.

GRÁFICO 24 - INFLUÊNCIA DO MERCADO DE TRABALHO E REMUNERAÇÃO NA ESCOLHA X FACULDADES



F/L: χ^2 : 18,138 - df: 4 - α : 0,000 U: χ^2 : 74,012 - df: 9 - α : 0,000 F/M: χ^2 : 4,785 - df: 3 - α : 0,188

Fonte: Elaboração Própria.

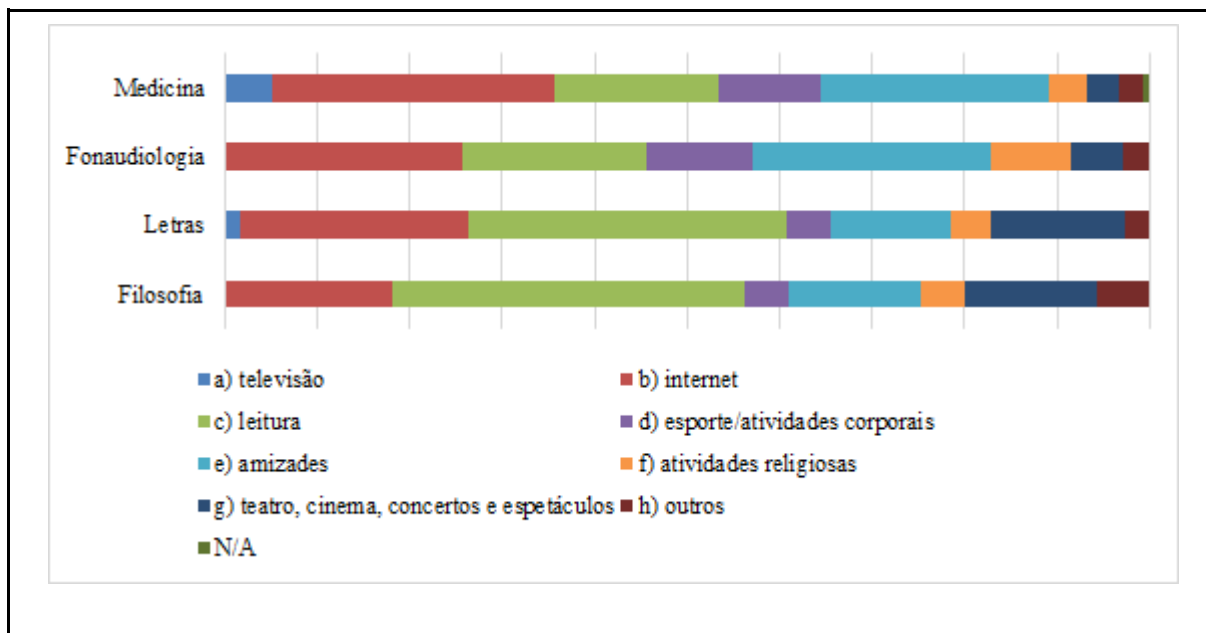
Os dados referentes à influência do mercado de trabalho e remuneração de alguma forma representam o que foi discutido anteriormente. Para quase metade dos alunos de Filosofia, remuneração e mercado de trabalho não são nada relevantes. O número de opções por “nada relevante” tende a cair e “relevante” ou “muito relevante” tendem a aumentar quanto mais socialmente reconhecido é o curso. Em contrapartida, uma característica fundamental dos campos da cultura e da ciência reside no fato de que sua eficácia simbólica está ligada a um desapego da materialidade. Isso também explica as diferenças expressivas entre Filosofia e Letras, uma vez que esta última é menos acadêmica e tem um leque de atuação mais amplo, enquanto Filosofia está mais relacionada a áreas acadêmicas e de ensino. Por fim, encontra-se Medicina enquanto um curso que está no topo da hierarquia social e onde o mercado de trabalho e remuneração são muito relevantes.

TABELA 9 - LAZER X FACULDADES

Renda/Faixas	Filosofia	Letras	Fonoaudiologia	Medicina
a) televisão	0,0%	1,6%	0,0%	5,1%
b) internet	18,1%	24,7%	25,7%	30,5%
c) leitura	38,1%	34,4%	20,0%	17,8%
d) esporte/atividades corporais	4,8%	4,8%	11,4%	11,0%
e) amizades	14,3%	12,9%	25,7%	24,6%
f) atividades religiosas	4,8%	4,3%	8,6%	4,2%
g) teatro, cinema, concertos e espetáculos	14,3%	14,5%	5,7%	3,4%
h) outros	5,7%	2,7%	2,9%	2,5%
N/A	0,0%	0,0%	0,0%	0,8%

Fonte: Elaboração Própria.

GRÁFICO 25 - REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DA TABELA 9



F/L: $X^2: 5,029$ - df: 7 - $\alpha: 0,656$

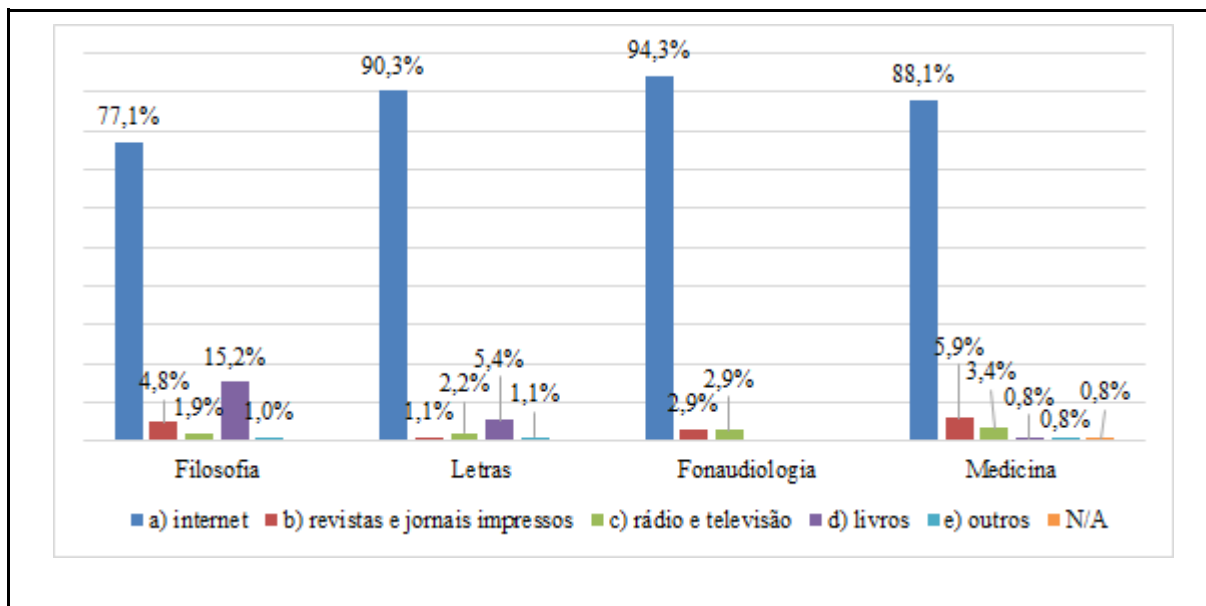
U: $X^2: 52,482$ - df: 24 - $\alpha: 0,001$

F/M: $X^2: 3,729$ - df: 8 - $\alpha: 0,881$

Fonte: Elaboração Própria.

Sobre as formas de lazer do *alunato*, a principal diferença está na relação entre os *campi* do que entre as faculdades. Em Filosofia, a maior parte dos alunos elenca como principal forma de lazer a leitura, em um percentual um pouco maior do que Letras, que por sua vez tem um índice maior de alunos que elencam internet como sua principal forma de lazer, dado esperado já que ambas faculdades requerem um gosto pela leitura, atividade-chave em faculdades de humanidades. Já no *campus* São Paulo, as atividades de lazer principais são internet e passar tempo com os amigos. Leitura, tanto para Fonoaudiologia quanto para Medicina, ocupa a terceira posição. Observa-se que os alunos do *campus* São Paulo dão preferência por atividades físicas/corporais e tempo com amigos, algo que também está relacionado ao modelo do *campus* São Paulo, onde instituições como a Atlética têm grande poder de agregação. Já os alunos *campus* Guarulhos, por sua vez, frequentam quase três vezes mais teatros, exposições e outras oportunidades culturais. Os alunos de Fonoaudiologia parecem mais engajados em atividades religiosas do que em outros cursos.

GRÁFICO 26 - FONTES DE INFORMAÇÃO X FACULDADES



F/L: X^2 : 12,489 - df: 4 - α : 0,014 U: X^2 : 33,319 - df: 15 - α : 0,004 F/M: X^2 : 1,515 - df: 5 - α : 0,911

Fonte: Elaboração Própria.

Sobre as fontes de informação, por fim, existem diferenças significativas no *campus* Guarulhos e também entre os *campi*. Enquanto de maneira geral a maior parte dos alunos se informa pela internet, Filosofia apresenta o maior índice do alunado que se informa por livros, tendo em segundo lugar desta variável o curso de Letras, em proporção quase três vezes menor. Estes índices mal chegam a figurar em Medicina, tendo um índice menor do que 1% e, por fim, não aparecem em Fonoaudiologia. Filosofia também tem o menor número de alunos que se informa através da televisão ou rádio, sendo seguido por Letras, Medicina e, por fim, Fonoaudiologia. Isso reflete a idade dos alunos de Filosofia e um *ethos* diferenciado, sobretudo quando comparado às faculdades selecionadas do *campus* São Paulo, mas também está na essência de um *habitus* do alunado de Filosofia, que, como visto, parece ter mais proximidade com a leitura, ainda que, com relação a fontes de informação, o alunado das faculdades de Filosofia e Letras seja deveras distante.

Outras questões relacionadas a fatores de escolha de curso ou de opção pela UNIFESP não foram analisadas em virtude de as diferenças entre os *campi* ser mais fortes do que as diferenças entre as faculdades em si, o que foi retratado em outros trabalhos citados ao longo desta pesquisa. Como em parte as diferenças de composição do alunado se tornam bastante

claras com os dados socioeconômicos e culturais avaliados, optou-se por não os incluir nas análises, uma vez que o maior interesse está nas diferenças entre as faculdades do mesmo *campus* e na concepção de seus campos de disputa.

1.3 *HABITUS, ETHOS* E O RECRUTAMENTO NAS FACULDADES

O campo universitário tende a reproduzir as estruturas de dominação dos campos temporalmente dominantes, conforme debatido anteriormente. Isso se daria principalmente pela seleção ou pela própria identificação dos selecionados com o *ethos* dos cursos. O recrutamento social nas faculdades está profundamente relacionado à manutenção desse *ethos* que caracteriza e orienta a posição hegemônica da faculdade no jogo social, seja ela mais alinhada com os valores do poder temporal ou aquela mais pautada pelos ganhos em matéria de cultura. Estabelece-se uma relação dialógica para com a estrutura: ao mesmo tempo que determina os sujeitos, também é determinada por eles.

Ainda que o campo do poder temporal incida em todos os outros campos sociais, o campo universitário, que está alinhado ao campo da cultura, se traduz em uma lógica própria, traduzindo os conflitos de classe em conflitos das faculdades. Desse modo, as faculdades se alinham ao campo conforme sua relação de independência para com as exigências do campo do poder temporal e para com as exigências do campo da ciência. Ainda que nenhuma das faculdades seja completamente isenta das exigências, os embates dentro de cada uma delas e, também, dos *campi* tendem a ser pela disputa do *ethos* que deve orientar a prática daquele curso em mais profissional ou mais acadêmica.

Cada uma das grandes áreas e das faculdades se dividem internamente e, com relação a elas mesmas, em polos mais interessados na produção científica e dos bens simbólicos ou mais interessados nos poderes temporais como o dinheiro ou a ocupação de posições de poder. Em cada campo, as parcelas dominantes e dominadas variam conforme o espaço em que esse campo está situado e o tipo de capital em que fundamenta sua legitimidade, dividindo os agentes dominantes e os dominados pelas oportunidades ao longo da vivência do curso que os direcionam para um tipo de carreira conforme a estrutura e alinhamento a um *ethos* legítimo naquela faculdade. Os agentes disputam os espaços de poder dentro de seu próprio campo e no limite das disciplinas de sua faculdade com outras faculdades que se encontram em um mesmo campo disciplinar e tencionam os limites que separam as áreas, como Direito e Filosofia Política, Medicina e Biologia, Física e Engenharia, dentre outras possíveis combinações entre o uso social da ciência e os responsáveis pela produção da ciência em si.

No campo científico, existe também a disputa pelo valor da verdade “mais destilada” ou “científica”. Como exemplo, é possível citar embates pela legitimidade do discurso entre as

ciências naturais e as ciências humanas. As disputas do campo científico são políticas e não se dão apenas no campo da produção de ciência. Elas ocorrem inclusive na forma de produzir ciência, ou seja, de legitimar determinados procedimentos, burocracias ou métodos que favorecem determinada classe de cientistas (BOURDIEU, 1983, p.130). Neste contexto, o controle da reprodução do corpo de alunos e o agenciamento da carreira do alunado (BOURDIEU, 2011, p.119) são ferramentas fundamentais nas disputas por prestígio. A lógica de consagração do campo científico é muito semelhante à lógica escolar, ligada à ideia de uma habilidade natural, uma sensação de pertencimento tácita que não é ensinada, onde a escolha por uma determinada carreira se dá num universo dos possíveis (BOURDIEU, 1983, p.139), em regra semelhante às áreas ligadas ao poder temporal.

Bourdieu (2014) discute e recoloca sob uma perspectiva sociológica a relação entre a origem social e a trajetória escolar dos alunos – assunto tradicionalmente estudado pela pedagogia, que coloca o foco da pesquisa nos métodos de aprendizado –, investigando a questão do destino de classe dos horizontes possíveis dos agentes. Ainda que o livro analise a França dos anos 1960 e 1970 e tenha uma historicidade específica, serve como inspiração para uma análise brasileira com os devidos ajustes, no contexto de expansão do ensino superior através de políticas públicas como a política de cotas, FIES, ProUNI e o REUNI. Se o acesso ao ensino superior se expandiu, é importante compreender como se dá essa expansão em relação à sua conjuntura. Ainda que seja certamente um ganho, a ideia de democratização não pode ser entendida meramente pelo acesso. Faz-se necessário que se qualifique a forma como este se dá, por meio da análise da relação desses indivíduos nos campos nos quais eles estão situados.

Entender as condições culturais, a posição e o destino de classe desses sujeitos no ensino superior, seu posicionamento no campo dos dominantes ou dominados e quais tipos de capitais se relacionam com seus diferentes dados socioculturais (como renda, cor da pele, histórico escolar e profissional da família) é fundamental para uma compreensão aprofundada a respeito do valor simbólico e social dos diplomas, especialmente em um contexto de inflação destes pela expansão do acesso ao ensino superior. Determinadas áreas mais acessíveis tendem a ficar saturadas primeiro, porém as áreas socialmente reconhecidas também sofrem modificações nas regras do campo, pautadas por novos agentes diferenciados com demandas específicas, cada vez mais aptos a disputar os espaços tradicionais de poder.

Partindo do que foi discutido até aqui, a relação entre a faculdade, o campo disciplinar em que ela se situa, a trajetória do agente, a escolha de curso, a vivência da experiência acadêmica e o destino profissional após o período universitário fornecem indícios suficientes para imaginar alguma relação entre todas essas variáveis. Yann Renisio (2015, p.13), em seu texto sobre a origem e a hierarquia social das disciplinas, mostra através de uma análise de indicadores quantitativos dos dados do *Conseil national des universités* (CNU), disponíveis na França, divididos entre três indicadores, baseados no tipo de curso, a estruturação do capital educacional das disciplinas e por fim, a distribuição de gênero nas faculdades, que as faculdades mais femininas são as de Ciências Humanas, Psicologia, Literatura e Letras, enquanto as mais masculinas são Ciências Exatas, Engenharias e Informática (RENISIO, 2015, p.15). Dessa forma, as disciplinas socialmente dominantes se encontram mais ou menos equilibradas com relação ao sexo do alunado, algo que mais adiante aparece no texto relacionado com a divisão entre as chamadas *sciences dures* (ciências duras) e *sciences molles* (ciências macias), explicadas pelo prisma da desigualdade de gênero (RENISIO, 2015, p.26).

O autor fala ainda da homologia entre a classificação das disciplinas e os perfis sociais presentes no imaginário social dos alunos dos cursos de Biologia, Geografia, Gestão, Informática, Matemática, Física e Sociologia, o que ajuda a pensar nas relações sociais que se observam entre as disciplinas. Portanto, uma dupla correspondência entre a composição social e os agrupamentos disciplinares institucionalizados pode ser vista nessas representações para entender as tomadas de posição dos alunos em relação a determinados eventos.

Tendo isso em vista, observam-se alguns dos índices de valorização dentro de cada uma das faculdades no recrutamento social do *alunato* e na relação dessas faculdades com o campo. Se em Bourdieu (2011) Letras e Filosofia estão num quadro próximo, aqui são cursos bastante distintos com relação ao recrutamento social. Filosofia e Letras têm, enquanto variáveis de diferenciação, o gênero dos alunos e principalmente a idade como sendo um marcador social que influencia fortemente a composição dos alunado de cada um dos cursos. Filhos, estado civil e trabalho são variáveis importantes dessa relação por se relacionarem com uma diferença de contexto social da formação desse alunado e de suas aspirações, além das condições sociais e de acesso. Filosofia, apesar de ter renda e outros dados compatíveis com Letras, o que a princípio apontaria uma proximidade das duas faculdades, se distancia na medida em que apresenta um alto índice de alunos cursando uma segunda graduação, mais desinteressados do poder temporal ou renda e com um *habitus* que aponta para uma maior seriedade acadêmica,

ao mesmo tempo que para uma origem mais socialmente vulnerável (egresso do EJA), com condições econômicas mais desfavoráveis. Nesse sentido, a confluência desses tipos de agentes é uma evidência do padrão de capitalização que opera no curso de Filosofia, o que é visto pelo *habitus* dos alunos, por exemplo, com uma maior intimidade com a leitura de livros, a título de lazer ou de informação.

O curso de Filosofia apresenta uma lógica distinta de valorização de um conjunto de capitais e um *ethos* provavelmente ligado a um cultivo que faz sentido apenas no mundo acadêmico, que é bastante distinto dos critérios de valorização estabelecidos em outros cursos mais próximos do campo do poder temporal, aspecto que aparece notadamente na visão que os agentes promovem da sua relação com o mundo profissional e a renda. Muito diferente de Letras, e ainda mais do *ethos* e do que se entende por cultivo das faculdades de Fonoaudiologia e Medicina. Ao mesmo tempo, Filosofia, sendo uma faculdade em que o recrutamento social é predominantemente masculino, dispõe do poder compensatório do capital simbólico (BOURDIEU, 2011, p.104), o que se exprime na valorização do capital cultural e na notoriedade intelectual em detrimento do poder mundano.

No que tange à faculdade Letras, observamos um recrutamento do *alunato* com uma visão de mundo que parece se aproximar mais dos cursos do *campus* São Paulo, ainda que de uma forma muito particular. As aproximações também são intermediadas por uma maior semelhança de faixa etária dos agentes: conforme esperado e apontado por Bourdieu (2011, p.71), Letras parece um curso que se insere em uma posição de meio termo. Desvalorizado do ponto de vista do poder temporal em relação às faculdades clássicas como Direito ou Medicina e, neste caso, Fonoaudiologia, é também dominado do ponto de vista do campo da cultura e da ciência, uma vez que Letras flerta mais com oportunidades profissionais, como citado na visão do alunado com relação à questão profissional que se tem na Filosofia, marcadas por uma distinção de um discurso de desprendimento das questões profissionais. Além disso, Letras é um curso em que o recrutamento social é predominantemente feminino e com uma pequena maior incidência de alunos brancos quando comparado ao curso de Filosofia. Bourdieu fala de como a faculdade de Letras, por sua posição intermediária em relação aos tipos de capitais (BOURDIEU P.,2011, p.103), se torna um lugar privilegiado para se observar a luta entre as formas diferenciadas de poder universitário e do poder temporal que se opera pelo controle de posições que influenciam na pesquisa e produção acadêmica nas faculdades. De um lado, a faculdade de Letras também se relaciona com o prestígio intelectual relegado às humanidades,

e por outro, também se liga ao mundo da ordem em sua função de encarregada e transmissora da cultura formalmente reconhecida, estando também incluída nas estruturas do mundo da ordem através de outras atividades profissionais.

No outro *campus*, as diferenças entre Fonoaudiologia e Medicina parecem menores, apesar de o recrutamento social ser notavelmente diferente no que diz respeito às condições socioeconômicas. Os cursos parecem ter mais pontos em comum do que distanciamentos de *habitus* ou *ethos* como visto nas faculdades da UNIFESP Guarulhos, ainda que questões como cor e gênero se imponham fortemente, mostrando as diferenças do reconhecimento social de cada um dos cursos. Além da faculdade de Fonoaudiologia ter mais alunos negros do que Medicina, das quatro faculdades analisadas, é esta a faculdade com maior percentual de mulheres e também o curso com maior número de alunos que tomam parte em práticas religiosas. As apostas e estratégias escolares em Fonoaudiologia são menores quando comparadas à Medicina, onde quase todos os alunos realizaram cursinhos particulares contra índices bem menores no curso de Fonoaudiologia, o que também se relaciona com a alta procura de candidatos para o curso de Medicina. Nesse sentido, Fonoaudiologia aparece como uma aposta mais modesta aos agentes para o acesso ao campo disciplinar da saúde ou das ciências biológicas.

Esses indícios de valorização social e cultural das faculdades surgem nas diferentes tomadas de posição dos alunos com relação à presente pesquisa. Como prerrogativa inicial, era imaginado que haveria uma maior dificuldade de entrada nas faculdades do *campus* São Paulo, uma vez que são cursos tradicionais e mais elitizados socialmente. Nesse *campus* mais antigo e de alta valorização social, optou-se então por utilizar uma via de acesso burocrática através da entrega de cartas aos coordenadores e vice coordenadores das referidas faculdades. Dado o pertencimento desta pesquisa a um dos programas de pós-graduação da UNIFESP Guarulhos, imaginou-se que não seriam impostas resistências de qualquer natureza, sendo o acesso para a aplicação de questionários mais fácil, além da adesão e apoio dos alunos e professores das faculdades de Guarulhos.

Após o uso dos dados fornecidos pelo PROGRAD como ponto de partida, a pesquisa buscou elaborar um banco de informações próprio, por meio de um questionário que seria aplicado aos alunos dos referidos cursos. Este questionário versava sobre diversas variáveis econômicas, sociais e culturais que seriam complementares aos dados já disponíveis no banco

de dados do PROGRAD, retratando aspectos não disponíveis neste como consumo cultural e o capital cultural familiar que seriam analisados à parte. O questionário também serviria como uma forma de recrutamento para a segunda parte da coleta, que consistia em uma entrevista semiestruturada a respeito da trajetória e das razões para a escolha da faculdade pelos alunos, entrevista esta que buscava também obter maiores esclarecimentos de ocorrências e variáveis dos questionários.

É importante ressaltar que o questionário foi aplicado a alunos ingressantes de 2016, ou seja, que estavam no segundo ano do curso, entre o terceiro e quarto semestre. Entendeu-se que esse curto tempo de curso fosse suficiente para que se estabelecessem diferenças de aproveitamento das variadas oportunidades do mundo acadêmico, como ingresso em iniciação científica, projetos de extensão ou intercâmbios, que permitiriam testar a existência de correlações entre a adesão a essas experiências – posições de prestígio, posto que são oportunidades que não estão disponíveis a todos os alunos – e critérios sociais, econômicos ou culturais. Essa aplicação deveria ser realizada durante o período de aula, sendo solicitado aos professores em torno de 10 minutos para a resposta dos questionários. Optou-se por aplicar os formulários pessoalmente em virtude da tradicional baixa adesão dos alunos a pesquisas realizadas com questionários online no *campus* e pelo valor etnográfico de experimentação dos diferentes ambientes.

Iniciou-se pelo curso de Fonoaudiologia, onde as complicações pareceram mais de uma ordem organizacional (quanto à dificuldade de fechar uma sala para a aplicação do questionário aos alunos), e onde nos foi oferecida a possibilidade de aplicação online. Houve baixa participação dos alunos, conforme o esperado. Então, no semestre seguinte haveria uma disciplina de participação obrigatória a todos os alunos. A vice coordenadora da faculdade de Fonoaudiologia realizou o contato com a professora da referida disciplina, que acolheu a demanda e cedeu um espaço de sua aula. A aplicação dos formulários na turma de Fonoaudiologia decorreu sem quaisquer problemas, com grande interesse por parte dos alunos pela pesquisa. A professora foi um fator importante para a plena adesão, em diversos momentos foi reforçada a importância da participação, de modo que ela permaneceu em sala durante o início da aplicação do questionário. Uma vez que todos os alunos estavam participando, deixou a sala e ressaltou que estariam liberados para o intervalo assim que concluíssem o questionário.

Enquanto as questões burocráticas eram resolvidas no curso de Medicina para aplicação do questionário, teve início o contato e a aplicação deste no curso de Filosofia. A abordagem na Filosofia foi diferente. Ao invés de uma iniciativa pela coordenação do curso, o contato ocorreu diretamente com os professores de disciplinas de participação obrigatória do curso para aplicação dos questionários nos turnos vespertino e noturno. A aplicação dos questionários foi feita em quatro aulas, duas no vespertino e duas no noturno. As duas aplicações se dão por conta da baixa adesão dos alunos ao questionário. Com duas tentativas de coleta, ainda assim não foi possível obter um número suficiente para a formação de uma amostra representativa. É importante ressaltar que ambos os professores do curso de Filosofia, em cujas aulas entrevistamos, preveniram os alunos do caráter não obrigatório da participação, o que incitou de antemão nos participantes um humor para a não-participação na pesquisa. Outro ponto importante decorre de, ao contrário do que foi pedido, os questionários terem sido aplicados em concomitância com o intervalo dos alunos e em casos em que os professores não permaneceram em sala. Nesse sentido, enquanto exigências burocráticas não foram feitas ao pesquisador em nenhum momento, a dificuldade para a coleta se deu em outro plano. A adesão dos alunos foi menor do que a metade do total e a qualidade dos questionários deixou a desejar, de modo que a recusa se deu em mediações simbólicas que por fim inviabilizaram a possibilidade de análise do curso de Filosofia. É de se mencionar que muitos dos alunos respondentes se candidataram para a segunda parte da pesquisa. Na seção do questionário que era aberta a comentários, havia falas positivas com relação ao interesse de participação e à importância da pesquisa. Porém, conforme dito, não sendo suficiente para uma boa amostra para as análises e devido à iminência dos prazos, optou-se por descartar o curso de Filosofia da análise futura.

Na faculdade de Medicina, em contrapartida, após o envio da carta explicativa dos propósitos da pesquisa e de uma reunião com o coordenador do curso, foi solicitado um resumo expandido para que a pesquisa fosse avaliada pelo colegiado do curso de Medicina quanto a sua aplicação, exigência que não foi feita em nenhum outro curso. Uma vez aprovado, foi informado o contato da representante de sala que esclareceu quanto aos momentos e professores mais oportunos para aplicação dos questionários, considerando que as turmas são fracionadas em outras turmas menores devido ao grande número de alunos, sendo poucas disciplinas obrigatórias a todos. Quanto à aplicação do questionário, a adesão foi bastante satisfatória. Os alunos se mostraram interessados e as professoras foram bastante solícitas, apresentando e ajudando da forma que puderam, bem como permanecendo em sala e cedendo um tempo

superior ao que foi solicitado inicialmente. É notável também o grande número de alunos que se dispôs a participar da segunda parte da pesquisa: dos 78 respondentes do formulário, 31 forneceram e-mails para participação das entrevistas, algo inesperado devido à oposição dos campos disciplinares da Sociologia e da Medicina.

Quanto à faculdade de Letras, devido ao grande número de alunos e a liberdade de escolher disciplinas ao chegar no terceiro semestre, fez-se necessário o contato com a coordenação do curso para intermediar o contato com aproximadamente 20 professores para a aplicação dos questionários. Devido ao grande número de salas, optou-se por modificar o método de aplicação para apenas uma breve explicação da pesquisa, deixar os formulários com os alunos e recolhê-los na semana seguinte, de modo a onerar menos os professores e as atividades de aula. Após separar as disciplinas com maior número de ingressantes de 2016, conforme foi sugerido pela coordenação do curso com o apoio da secretaria de graduação, e de levar a lista de disciplinas e professores aos quais seria solicitado um espaço da aula, a demanda então foi levada ao colegiado de Letras. A resposta foi um questionamento a respeito da autorização da pesquisa junto ao comitê de ética da UNIFESP e também a sugestão da aplicação online dos questionários. Devido ao pouco tempo restante para a realização das entrevistas e a grande adesão por parte dos alunos da faculdade de Medicina, optou-se por não insistir em novos empenhos no *campus* Guarulhos e assim descartá-lo como universo empírico do restante da pesquisa, reajustando o foco para os alunos do curso de Medicina.

Para além dos diversos percalços que se impuseram em campo, como a disposição dos professores ou dos próprios alunos para a participar da pesquisa, nota-se que a UNIFESP Guarulhos, apesar de ter um perfil de alunado que advém majoritariamente de camadas menos privilegiadas socialmente, é também um *campus* menos homogêneo quando comparado ao *campus* São Paulo. Os traços dessas heterogeneidades certamente refletem nas respostas de cada uma das faculdades à pesquisa e na própria visão dessas dos cursos de diferentes áreas do conhecimento. Enquanto Filosofia é destituída de poder temporal em uma acepção mais ampla, é também dotada de determinados capitais simbólicos que estabelecem essa postura de não participação e distanciamento daquilo que se dá no campo da materialidade, como o posicionamento jocoso em relação aos formulários e à pesquisa em si. Letras, por sua vez, sendo um curso mais próximo dos poderes temporais do que outros cursos do *campus* pela sua ampla inserção no mercado de trabalho, principalmente para além de áreas relacionadas ao ensino,

mostrou sua preocupação com os procedimentos institucionais de modo a sinalizar que o curso só se abriria mediante as prerrogativas legais.

Medicina e Fonoaudiologia, por sua vez, apresentaram posições distintas. Na Fonoaudiologia, a aplicação foi resolvida através de conversas com a coordenação do curso e com os professores, além do que se poderia chamar de um bom apoio institucional e compreensão da importância do trabalho. A Medicina, apesar das requisições burocráticas, mostrou-se mais aberta e seus alunos mais aptos a participarem. Ambas posturas podem ser pensadas a partir de diferentes prismas de entendimento. Por uma segurança das duas faculdades, uma vez que estão distantes do campo disciplinar das humanidades, não sendo necessária uma disputa com as ciências sociais ou a sociologia; pela compreensão das dificuldades relacionadas às práticas de pesquisas, sobretudo as que envolvem o contato com outras pessoas; ou ainda pela valorização do empenho do pesquisador por uma perspectiva de valorização do esforço pessoal. Alguns desses aspectos aparecem ao longo das entrevistas realizadas com os alunos da faculdade de Medicina, conforme será debatido mais adiante.

Diante de todas as dificuldades encontradas na UNIFESP Guarulhos e da boa adesão dos alunos da faculdade de Medicina ao questionário, além do alto índice de interesse em participação da segunda parte da pesquisa, ambos eventos inesperados, optou-se então por redirecionar o objeto da pesquisa para um estudo mais aprofundado sobre o recrutamento social na faculdade de Medicina. Além da questão do acesso, é oportuno mencionar que há poucos estudos sobre o *campus* São Paulo. A importância se reafirma pelo momento em que uma faculdade tradicionalmente ocupada por membros da elite, como Medicina, teve suas regras de recrutamento social modificadas. Tal janela abre espaço para uma análise que mistura elementos da sociologia da educação e da sociologia das elites para explicar as tomadas de posição e as relações entre os diferentes tipos de agentes nos embates simbólicos que se dão no campo da Medicina.

CAPÍTULO 2: OS HERDEIROS E A ESCOLA PAULISTA DE MEDICINA

2.0 A FUNDAÇÃO DA MEDICINA E O ESTABELECIMENTO DO CAMPO NO BRASIL

A carreira na Medicina, ao lado do Direito e da Engenharia, são as chamadas profissões imperiais, as quais remetem ao período do Brasil Império e sempre gozaram de uma diversidade de prestígios sociais (MACHADO. 1994. p.32) e apoio por parte do governo, seja durante o Império ou a República. Ao longo do tempo, foram se estabelecendo diversas mudanças na morfologia social e política do país, o que sem dúvida afetou a classe médica, porém, mantiveram-se vivas determinadas características e prerrogativas dos membros do que se constituiu quase como uma casta. É evidente que muito disso se apoia no tipo de serviço oferecido pelos médicos, algo imprescindível a todas as classes e também de interesse do governo. Porém, é curioso notar que, apesar de um profundo interesse em desenvolverem-se enquanto profissionais liberais dotados da liberdade de venda e competitividade no mercado trabalho, em diversos momentos a “classe” médica recorre ao Estado, solicitando apoios de diversas naturezas, quer no aumento de vagas de emprego através da ampliação dos contratos estabelecidos com a venda da força de trabalho para o esse, quer interferindo diretamente na formação e inclusão de novos médicos no mercado de trabalho, ou ainda no espírito deste trabalho, no campo da Medicina.

Este capítulo se destina a debater como se deu a formação do campo da Medicina no país, uma vez que julga importante para compreender como ainda sobrevivem os resquícios ligados às profissões imperiais da maneira que lhe é possível. Para tanto, este trabalho se ampara principalmente nos trabalhos de Coradine (1997, 2005) para descrever o período imperial e a atuação da Medicina e até meados dos anos 30 e 40; em seguida Machado (1997) descreve as condições em que se dão a abertura do campo e sua ampliação que ocorreram principalmente durante as décadas de 50, 60 e 70. Em ambos trabalhos se pode observar as relações entre as elites sociais e a Medicina, além de como tal aliança foi fundamental na concepção dos valores do campo médico, ou como poderia ser dito no conceitual bourdiesiano, seu *ethos*.

Partimos da então Academia Nacional de Medicina (ANM), antiga Academia Imperial, importante para o entendimento de como o Brasil construiu seu conceito a respeito da Medicina

e importou boa parte de sua tecnologia, *ethos*, e modelos culturais da França. A ANM surge com o propósito de estabelecer uma regularização das atividades médicas, praticamente transpondo as normas estabelecidas na Academia Francesa de Medicina. Fundada ainda no século XIX, foi a primeira instituição agrupada em torno dos interesses médicos no país, outras instituições dessa natureza seriam estabelecidas apenas por volta da década de 1930 (CORADINE, 2005, p.3). Seu papel institucional é importante para compreendermos os aspectos do recrutamento social da Medicina e das relações com as diferentes instituições situadas em diferentes campos.

O ensino universitário de Medicina no século XIX se reduzia a duas grandes instituições que disponibilizavam o curso, a Escola de Cirurgia da Bahia e a Escola de Anatomia, Medicina e Cirurgia no Rio de Janeiro. Fundadas, ambas, em 1808, praticamente não havia espaço para áreas científicas, tendo sido as duas sediadas inicialmente em dependências militares (MACHADO, 1997, p.52).

As condições sociais do período são importantes para compreender os usos práticos da academia. Tratando-se de um meio escravista e oligárquico, a academia tinha como funções implícitas o recrutamento, reunião e consagração das elites através de um papel institucional. Outra de suas funções era uma força de influência e defesa dos interesses profissionais (e das elites) no que deveria ser a profissão médica, ou seja, maior força na disputa pela representação simbólica além da legitimidade do discurso a respeito da Medicina. Se por um lado, a ANM controla o exercício da Medicina, também se constitui enquanto instância de acumulação de um capital social e de consagração social (CORADINE, 2005, p. 4-5).

Ainda que de maneira residual na ANM, há de falar também da questão dos usos sociais da ciência nesse sentido, em primeiro lugar pela importância do papel da Medicina e sobretudo da cirurgia na área militar, o que faz com que toda uma primeira geração de membros da ANM fossem filhos de membros da magistratura ou das forças armadas; em segundo lugar, pela condição geográfica de que os membros da ANM deveriam residir no Rio de Janeiro (CORADINE, 2005, pp.4-7; 1997, p.441), o que aponta para a importância da relação com o imperador, uma vez que o Rio de Janeiro era a capital e centro do país. Há também uma forte relação com a igreja católica da época, o que contribui para a fundação do campo da Medicina em âmbitos onde os ideais conservadores e o gosto pela tradição parecem ser mais fortes. Ou seja, apesar de ter sua base estabelecida em ideais franceses republicanos, as elites vinculadas

ao campo da Medicina simpatizavam com princípios diferentes, haja vista que os principais escopos de atuação estavam ligados à igreja católica, às forças armadas ou ao ensino médico, salvo a atuação em clínica privada.

É importante também notar que as relações da Medicina e os espaços nos quais se inscreve e desenvolve perduram como resquício dessa relação com a metrópole, segundo dados da Demografia Médica para o ano de 2018, realizado pelo Conselho Federal de Medicina (CFM). Ainda que na Bahia esteja localizada uma tradicional escola de Medicina e cirurgia do país, a antiga Escola de Cirurgia da Bahia, hoje incorporada e parte da Universidade Federal da Bahia (UFBA), a maior parte dos médicos (54,1%) está concentrada na região sudeste. Mesmo que o Nordeste apareça como segunda maior macrorregião de concentração médica (17,8%), quando comparamos o número de médicos no estado da Bahia, (4,6%), com os médicos alocados no Rio de Janeiro, (13,1%) e principalmente em São Paulo, (28,0%), observamos uma tendência da Medicina se concentrar em grandes metrópoles. A isso se aliam questões relacionadas ao desenvolvimento dessas regiões, porém, a Medicina se alia a um *habitus* metropolitano, por assim dizer, sobretudo ao observamos que as capitais têm em média 55,1% mais médicos do que cidades do interior (SCHEFFER, 2018, pp.44-47). Machado (1997, p.98) também aponta para a tendência da relação da Medicina com os espaços urbanos, além da grande especialização da profissão de maneira geral, sobretudo em áreas mais desenvolvidas e urbanizadas ((MACHADO, 1997, p.102).

Coradine (1997, p.429; 2005; p.15) argumenta que os princípios de recrutamento da elite médica é principalmente o das relações sociais fundadas na reciprocidade, caracterizados fortemente pela personalização do recrutamento nas instituições. Ainda que isso esteja presente nos campos sociais da França, no Brasil isso é deslocado para o centro dos processos de recrutamento, e as relações de amizade são publicamente declaradas em materiais comemorativos e históricos, mostrando como o capital social ocupa posição central nas estratégias de reprodução das elites. As elites do campo médico não são consagradas por títulos de excelência científica em seu campo de atuação, mas antes pela ocupação de posições e cargos de comando. Os objetivos que orientam a atuação dos agentes são os de ocupação de postos de prestígio muitas vezes externos à universidade, sendo o diploma mais um meio do que a finalidade. Os polos ditos científicos ou escolares são regidos por princípios mais mundanos e de consagração social, o polo que representa o *ethos* escolar, pautado na racionalização e mérito dos agentes parece de uma importância muito menor, os títulos escolares, ou ainda o novo

capital, é mais utilizado como um catalizador de outros tipos de capitais, sobretudo o simbólico e político na ocupação de outros cargos não relacionados à carreira médica, que nesse primeiro momento não tinha lastro de nobreza.

Há uma forte vinculação dos mestres e dos discípulos em relações pessoais conforme as trajetórias analisadas por Coradine (1997), que mostra o desenvolvimento de áreas médicas de interesse para intervenção governamental, ao mesmo tempo que a intensificação das missões e campanhas de saúde pública. A respeito destes últimos fatores é importante destacar que se constituem em um dos principais princípios de notabilidade, servindo como meio de consagração simbólica e a consolidação da posição de mestre, tendo um caráter de empresa moral (CORADINE, 2005, p.6). Essas atuações contribuem para formação de um papel de protagonismo da Medicina que se forma ainda no Império, sobretudo nas áreas ligadas à saúde pública e às cirurgias pelo seu valor prático, uma vez que o campo científico era notadamente incipiente. A não emergência de um confronto entre as ideologias aristocráticas e meritocráticas também pode ser decorrente dos princípios de recrutamento social dos agentes no campo médico, amplamente baseados no capital social, o que gera o chamado “efeito de clube”¹³, estabelecendo o campo da Medicina de início como um espaço de exclusividades pelos efeitos de distinção das elites.

O apelo aos moldes franceses com os estatutos da escola de Paris não significou a adoção da mesma racionalidade de funcionamento e a importação de seu *ethos*, nem no que tange à administração das instituições de uma maneira geral, como frisa Coradine (1997, p. 433). As relações de reciprocidade e o capital social com círculos do poder político, e alianças com membros da família imperial contribuíram para a ocupação de cargos políticos e burocráticos públicos nas esferas civis e militares. Aliado a isso, está a forma que se concebe a carreira médica e a própria Medicina em si, o que permite sua reconversão dos recursos em posições de comando burocráticos. Dessa maneira, o título escolar apenas reitera uma posição

¹³ “Além do capital econômico e do capital cultural, alguns espaços, e particularmente os mais fechados, os mais ‘seletos’, também requerem capital social. Tais espaços só podem proporcionar capital social, e ainda capital simbólico - e isso pelo efeito de clube, que resulta do ajuntamento durável, no interior do mesmo espaço (aquele dos bairros chiques ou das residências de luxo), de pessoas e coisas que se assemelham naquilo em que são diferentes da grande maioria, no fato de que têm em comum o fato de não serem comuns -, na medida em que excluem juridicamente (por uma forma mais ou menos afixada de *numerus clausus*) ou de fato (estando o intruso condenado a uma espécie de exclusão interior própria a privá-lo de alguns dos lucros de pertencimento) todos aqueles que não apresentam todas as propriedades desejadas, ou que apresentam (ao menos) uma das propriedades indesejáveis.” (BOURDIEU, 2013, p.140)

social que o agente já ocupava anteriormente, não sendo um atestado de capacidade profissional em si.

Ainda com base nas percepções de Bourdieu sobre a forma que se concebe o capital cultural como um novo capital, chama-nos atenção a prevalência das relações sociais e dos círculos de contato em detrimento do que o título significaria em si a princípio. A análise compreende os polos científicos e do poder como dois polos do mesmo eixo com uma interdependência, que na trajetória da fundação da Medicina no Brasil parecem se sobreporem em uma total ausência do *ethos* escolar.

No que Coradine define como a primeira geração, destaca-se principalmente a definição da Medicina mais próxima do exercício do poder político e da gestão das políticas públicas em áreas da saúde. Isso também se operava entre as nomeações na própria academia as quais eram dobradas em virtude dos valores da esfera do poder e do capital de relações. Os títulos honoríficos distribuídos pela família real estavam relacionados à ocupação de cargos de poder simbólico na academia como o de fundador ou presidente (CORADINE, 1997, 438). A personalização invade, portanto, outras esferas, para além do campo do poder *per se*, o que configura um engessamento do campo. Sendo assim, o campo não encontra meios de se autonomizar e se conceber enquanto um jogo de adversários e cúmplices (BOURDIEU, 2011, p.153) no panorama acadêmico, uma vez que todas as relações são construídas com base na personalização, todos os conflitos tornam-se pessoais em uma medida maior do que Bourdieu teria concebido nas suas análises do campo acadêmico, que apesar de comportar em certa medida tais relações, não prevê sua dominância.

A segunda geração, a qual condiz com o final do período imperial, em meados do século XIX, começa a construir um campo e uma expressão social da Medicina propriamente associada ao seu conjunto de atividades. Com os avanços na Medicina nos países do velho mundo, sobretudo na França, e uma nova dimensão simbólica mais distante das atividades manuais, em grande parte marcada pela presença de cirurgiões e o uso deles em atividades militares, tendo uma visão erudita da atividade médica (CORADINE, 2005, p.16), há também aumento das aplicações práticas da Medicina por políticas governamentais e da própria clínica. Disso, desprende-se um interesse pela Medicina por parte dos detentores de posições sociais dominantes, numa relação dialógica que levam a uma ascensão social e o enobrecimento da profissão.

Isso é retratado em alguma medida pela visão do pai de Torres Homem, um dos perfis retratados nos artigos de Coradine (1997, p.442), que tinha um grande preconceito com a profissão de cirurgião, alegando ser uma carreira pouco nobre e não compatível com “homens bons”. O centro do campo da Medicina ainda permanecia no Rio de Janeiro, onde estava localizada a elite médica e também a elite política da época. A segunda geração se apoia um pouco menos nas relações com o Império, porém ainda assim se vale das relações personalizadas, sobretudo de amigos influentes com relações de reciprocidade entre as famílias para o ingresso em posições importantes do campo médico.

Ainda assim permanecia o caráter personalista e pessoal do campo médico, independente das inovações científicas no campo da Medicina. Destacava-se os usos sociais das relações com o campo científico, os quais não se davam baseados no mérito de uma “racionalidade mais purificada”, porém, a seus usos enquanto forma de conseguir outros marcadores de distinção social, pondo à parte a racionalidade dos embates acadêmicos. O foco é a aplicação prática dessas inovações, para além do quanto elas são validadas ou não, excluía a lógica do campo científico. Não há separação e autonomia dos campos, nem do político nem do acadêmico, os confrontos operam nas relações de carisma e total personalização (CORADINE, 1997, p.46).

Coradine (2005, p.15) destaca que a relação com o campo acadêmico ou científico também ocorre de maneira periférica ao sentido das profissões em si, sendo que por terem carreiras diretamente ligadas à política, as publicações também são enfocadas nesta área, e o contrário, os que estão na atuação clínica ou ainda no campo mais profissional da Medicina, publicam muito pouco sob o pretexto da falta de tempo. ANM aparece como uma instituição desvinculada do seu propósito de ser uma instituição estabelecida sob parâmetros de legitimação científica e de regulação da dimensão profissional, mas principalmente da parte científica, haja vista seu propósito em servir o governo com respostas para questões de saúde e de educação médica. Vemos que os propósitos originais são cooptados e seu sentido inicial modificado em prol de outros objetivos.

Dessa maneira, os membros da ANM, sobretudo os fundadores, ainda que integrem as elites sociais do império, não o fazem por consequência do título de médico, ou cirurgião ou ainda pelo exercício da profissão, pois, conforme coloca Coradine (2015, p. 15), o campo médico passava por um processo de formação e autonomização em relação ao campo do poder.

Ainda que os títulos de alguma forma certifiquem o pertencimento a uma classe e a tomada de posição por alas da nobreza, o efeito de clube, principalmente, faz com que a integração seja de parcelas oriundas da elite que desejava diversificar seus capitais. Como efeito, estabelecem-se linhagens e pela transmutação social, estabelecem a Medicina como um dom que está relacionado às famílias. Tais efeitos mistificados contribuem para a distinção social daqueles que são dotados de um *habitus* específico de sua categoria (BOURDIEU, 2007, p.46).

No que tange à segunda geração de membros da ANS, pode-se dizer que existe pouca diferenciação, pois ainda que exista um distanciamento do Império e uma valorização social da carreira médica, sobretudo das áreas clínicas, manteve-se o modelo de proximidade e relações com a família imperial e a valorização dos efeitos sociais em detrimento dos efeitos propriamente acadêmicos; não aos moldes que Bourdieu descreve em *homo academicus*, em que apesar dos efeitos do capital social, este está atrelado a vida universitária, mantém-se o princípio de valorização principal do campo na produção acadêmica e em seu controle. O contexto estudado parece se deslocar para fora do mundo universitário, o que desconstrói e deslegitima o polo científico da Medicina, pervertendo o seu sentido aparente da preocupação com o debate e a ciência, como se vê nas tomadas de posição quanto a descobertas, homenagens e polêmicas do campo em função das relações entre os agentes.

Ao final do Império e a chegada da República no século XX, os agentes inseridos no campo médico – que até então se organizavam ao redor da figura do imperador, praticamente em sua totalidade inscrito no campo do poder e no da política – precisavam se reorganizar. A República traz algumas regras que contribuem em alguma medida para a despersonalização das regras de acesso aos cursos de Medicina. Ainda assim, as formas de acesso se mantêm semelhantes em seus sentidos, em alguma medida semelhante aos processos de acesso e legitimação como parte da elite médica nacional, num contexto em que o capital social é o capital chave para o acesso à posições da elite médica, mesmo que mais agentes do campo passem a deter poder de consagração.

Na terceira geração, os títulos mais comuns na primeira geração de membros da ANM são substituídos pela posse de posições de comando ligadas à administração em áreas hospitalares ou ligadas à saúde nos setores público ou privado (CORADINE, 2005, p.12), sendo valorizado o título de diretor de tais instituições. Mesmo que o ensino ou a atuação profissional clínica não sejam desprezados, são inferiores na hierarquia de posições do campo médico

comparadas às atividades de direção, quer na burocracia pública, em instituições de classe ou mesmo em áreas acadêmicas.

Se amplia também de forma abundante a diversidade de títulos escolares, profissionais e honoríficos por virtude dos avanços técnicos na Medicina, o que contribui para a complexificação da profissão e um aumento e diversificação das atividades para os diplomados, além de maior consagração cultural através da literatura, na medida que se estabelece em alguma medida a aparência de igualdade e mérito (CORADINE, 1997, p.447). É neste período também que a referência com relação à Medicina e importação de um *ethos* também se desloca da França para os Estados Unidos, não aderindo ao modelo de sindicato francês e, sim, ao modelo estadunidense de organização e representação profissional, mesmo com as associações e o sindicato vindo a atuar conjuntamente mais adiante. As diferenças se tornaram mais ligadas às modalidades do exercício médico e de posições político-ideológicas do que as formas de representação em si (CORADINE, 2005, p.18).

Nesse sentido, as memórias e discursos dos agentes no campo médico têm a função de projetar um determinado perfil, ou seja, além da consagração social de grupos familiares e profissionais, a tradição se fundamenta na transmissão das vinculações e projeções sociais que os agentes de uma mesma família partilham com outros círculos sociais inseridos no campo médico (CORADINE, 1997, p.448). As vivências partilhadas nas diferentes esferas da vida social, profissional ou política são acionadas como prolongamento das relações de parentesco. Também se aliava a isso o fim do estigma de que a Medicina se tratava de uma profissão “pouco nobre” para alguém advindo das elites sociais.

O processo de institucionalização da atividade profissional médica trouxe em seu bojo reformulações e reformas no ensino, bem como uma expansão amparada nas novas especialidades e intervenções ou campanhas (CORADINE, 2005, p. 16). As expansões foram tranquilas até a ocorrência de uma crise dada pela expansão do ensino médico, das intervenções governamentais no mercado, além da regulação profissional. A ANM atribuiu o problema à intervenção governamental no campo, e nesse mesmo período se intensificam as polêmicas com relação à expansão do ensino médico, dando ênfase aos efeitos de “degradação” de seu “padrão cultural e científico” na década de 1930.

É interessante notar que as crises no campo médico em geral apelam para uma preocupação com a queda da qualidade da formação médica. Isso ocorre em diferentes

momentos da história, como veremos ainda a seguir, e em geral, o governo, figura responsabilizada quase sempre, é também a instituição chamada a intervir e resolver o problema. É evidente que para além das próprias questões e problemas apontados, tratam-se também de estratégias das figuras dominantes no campo da Medicina que, em face do crescente aumento no campo dos dominados, mobilizam meios de conter a entrada de agentes que os agentes do polo dominante veem como diferentes dos portadores das qualificações esperadas, como no efeito de clube.

No contexto do surgimento de novas associações de classe e mediante a crise, a ANM perde um pouco de seu poder institucional, na medida em que deixou de ser o principal cenário para os debates. Foram formados fóruns e grupos de pressão específicos para o afastamento do tema da expansão do ensino de Medicina. Ao mesmo tempo, foram incluídos temas que se relacionavam com as modalidades de exercício profissional, enquadrando o médico na qualidade de profissional liberal. É importante ainda mencionar que a expansão do ensino médico coincidiu com a expansão das políticas de assistência e fortalecimento das organizações internacionais de saúde (CORADINE. 2005. p.17). É interessante notar também que as trajetórias no campo médico, especialmente nessa terceira geração de membros da ANS, são marcadas pela atuação dupla, tanto no âmbito público como no privado, tendência que permanece ao longo dos anos.

Marcam também o espaço social da Medicina diversas oposições e atritos, entre médicos antigos e novos, ou ainda entre os agentes tradicionalmente dominantes e uma vanguarda dominada, na medida em que estes últimos chegam com novas percepções do campo ocorre a disputa do espaço dos mais velhos dotados de visão menos progressista, onde prevalecem os critérios de admissão nebulosos, e das redes de contatos que contribuía para que as relações profissionais e acadêmicas fossem pautadas como questões pessoais (CORADINE, 1997, p.460).

A ausência em boa parte da fundação de um polo acadêmico, por conta da importação do modelo francês de maneira parcial, impediu a fundação de um polo propriamente acadêmico e científico no campo da Medicina. Os critérios de recrutamento baseiam-se em relações de reciprocidade, que se fundam nas qualidades pessoais de cada indivíduo. Nesse sentido, as concepções da profissão se constroem em paralelo às concepções de política, e não se fundam

em bases científicas ou em uma moralidade intrínseca aos seus ideais pela falta de força de seu polo acadêmico ou da autonomia do polo profissional em relação ao campo político.

Até 1950, as 13 escolas médicas que existiam no país eram em sua totalidade de natureza administrativa pública. Naquele ano, surgem as duas primeiras faculdades de Medicina privadas, uma em Sorocaba e outra em Pernambuco. Até o final dos anos 50, surgiram mais 5 faculdades particulares de Medicina, além de outras 9 públicas. É também em 1957 que surgem os conselhos de Medicina federal e estadual, enquanto autarquias públicas, após diversos debates sobre qual seria o modelo ideal a ser implantado (CORADINE, 1995, p.18). Na década de 60, surgiram 36 novas escolas de Medicina, a maioria delas de natureza privada (MACHADO, 1997, p.54). A autora ainda aponta que a expansão acentuada a partir de meados dos anos 50 é reflexo da pressão das classes médias das capitais, marca do vínculo dos médicos a grandes centros urbanos, por um aumento de vagas no sistema universitário, como também do desejo do empresariado em investir seu capital na expansão da formação de médicos, dado as novas necessidades de desenvolvimento da assistência médica.

Dos diversos problemas apontados desses novos cursos apresentados, enquadram-se principalmente a falta de condições mínimas para as instalações dos cursos de Medicina, bem como a falta de docentes preparados para a atividade. Houve falta de planejamento adequado na preparação de docentes para as escolas bem como falta de uma devida fiscalização, segundo Machado (1997, p.55). O crescimento e expansão problemáticos dos cursos de Medicina ensejou um movimento corporativo para a proibição da criação de novas escolas médicas, amparado sobretudo na qualidade do ensino médico, que foi acatado em 1971 na forma de um decreto presidencial que proibia a criação de novas faculdades de Medicina. Ainda assim, o mercado foi invadido por um contingente de novos médicos, entre 1977 e 1987. Segundo a autora, foram incorporados ao mercado 80 mil médicos, sendo criados cerca de 100 mil empregos para atender à nova demanda, sobretudo na forma de campanhas e ações públicas como o Programa de Interiorização das Ações de Saúde e Saneamento (PIASS) entre 1980 até 1985, além de oportunidades de emprego nos ramos privados.

Segundo o IBGE, o setor de saúde no Brasil, no início da década de 90, criou mais de um milhão de novos postos de trabalho, equivalentes à duplicação da capacidade de absorção em apenas uma década (MACHADO, 1997, p.87), sobretudo amparado nas políticas de fortalecimento da rede ambulatorial pública. É importante destacar que nos anos 70, também

se consolidaram a mão de obra feminina no campo da Medicina, especialmente nas capitais, embasados pelos movimentos feministas e outros movimentos políticos da época (MACHADO, 1997, p.150). Destaca-se sua participação maior na esfera pública de atendimento em relação à atuação clínica, ainda que em geral os médicos optem por atuar em ambas administrações, públicas e privadas, sobretudo no início de suas carreiras, o que em parte pode ser explicado pelas demandas sociais impostas às mulheres nesses períodos apesar dos avanços. Uma carreira mais instável no setor público permitiria maior controle sobre a jornada de trabalho e outros aspectos da vida pessoal.

É possível observar como a Medicina deseja se construir enquanto uma área de profissionais liberais, inclusive, pela importação do modelo estadunidense da American Medical Association, tendo propriedade sobre sua rotina de trabalho e a prestação dos serviços de saúde dentro do que melhor lhes convir, sobretudo no setor privado. Porém, em diversos momentos da história da Medicina, a mesma se encontra profundamente situada no campo do poder e inscrita quase em sua totalidade no campo da política. Em diversos momentos, suas instituições, ainda que de natureza privada, solicitam ao Estado, atitudes para a regulação e conservação do espaço social dos médicos. É evidente que essas iniciativas, além de incluírem demandas legítimas sobre a qualidade dos cursos oferecidos, dentre outras questões fundamentais da expansão do campo médico, também se amparam em estratégias de conservação e controle do ingresso de novos agentes no campo da Medicina, sobretudo pelo perigo do ingresso de membros fora do perfil e a gradual, ainda que constante, descaracterização do perfil profissional dos médicos como parte de uma elite social de notáveis.

Ainda que de maneira geral, as intervenções governamentais sejam em prol das demandas dos médicos, observamos uma alternância entre a abertura e o fechamento do campo. Isso influencia diretamente no funcionamento das faculdades, se relacionando com o objeto de estudo deste trabalho, a UNIFESP.

Se o campo da Medicina ganha uma maior autonomia acadêmica, científica e profissional ao longo do século XX, vemos que as intervenções do campo do poder ainda afetam fortemente as batalhas no seu espaço social. Podemos citar como exemplo a política de cotas, que insere agentes em geral diferentes do tradicional perfil do curso de Medicina. Assim sendo, os espaços de formação também se tornam espaços de embate entre lógicas ideológicas diferentes, ou ainda entre a tradição e a inovação que reivindicam espaços de fala e de diálogo

na Medicina. Ao mesmo tempo, o estabelecimento de estratégias de distinção e de conservação das posições de elite, conforme veremos mais adiante na seção dedicada aos estudantes de Medicina da UNIFESP.

Somadas a essas iniciativas podemos incluir mais recentemente a criação dos programas Mais Médicos¹⁴ e o Provab¹⁵ (Programa de Valorização dos Profissionais da Atenção Básica) pelo governo federal, como meio de prover atendimento médico no interior e nas periferias e uma tentativa de o governo também popularizar as áreas generalistas. Ainda que os profissionais brasileiros tivessem prioridade na contratação, o sistema de importação de médicos foi duramente criticado pelo próprio CFM¹⁶, focando principalmente na qualidade da formação dos médicos. Um dos argumentos principais era que a qualidade dos médicos trazidos de fora, ou a lógica da pesquisa e do ensino de Medicina seriam diferentes do Brasil, não podendo ser garantido o mesmo padrão de qualidade, e recomendando um programa de carreira para o projeto de interiorização da Medicina, sobretudo em áreas generalistas como saúde da família. Nesse contexto, a oferta de novos cursos de Medicina privados, a qual já era regulada pela mesma lei que instituiu o programa Mais Médicos e dava ao governo poder de escolha dos municípios onde os novos cursos poderiam ser abertos, baseado nas possibilidades dos municípios receberem os cursos, foi vetada pelos próximos 5 anos no MEC, baseado nos argumentos relativos à quantidade de médicos e à qualidade dos cursos oferecidos na iniciativa privada, no sentido de que não haveria necessidade de novos médicos no Brasil, mas, sim, de projetos e planos de carreira no setor público¹⁷.

¹⁴ Disponível em: <<http://maismedicos.gov.br/conheca-programa>>. Acessado em 11 de julho de 2018.

¹⁵ Disponível em: <<http://portalms.saude.gov.br/trabalho-educacao-e-qualificacao/provisao-de-profissionais/provab>>. Acessado em 11 de julho de 2018.

¹⁶ Disponível em: <http://portal.cfm.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=24104:a-polemica-importacao-de-medicos-cubanos&catid=46>. Acessado em 10 de julho de 2018.

¹⁷ Disponível em: <http://www.portal.cfm.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=27310:2017-12-01-12-49-55&catid=46>. Acessado em 10 de julho de 2018.

2.0.1 A formação médica nos anos 90 e os possíveis ecos na atualidade

De posse do que foi discutido até aqui em relação ao histórico da formação do campo médico no Brasil, partimos para uma breve caracterização do campo com base na pesquisa empírica de Machado (1994), que já apontava muitos dos caminhos que hoje o Censo do CFM confirma sua efetivação, e pelas áreas em que a Medicina se expande ou ainda disputa espaço e reconhecimento. O trabalho se baseia em uma pesquisa sobre a condição médica realizada no âmbito da sociologia das profissões. Sendo a Medicina um produto de uma aliança bem-sucedida entre o Estado e a elite, seu reconhecimento social e econômico resulta em baixíssimos índices de evasão da profissão de maneira geral, e em um monopólio de venda dos seus serviços, controle sobre a reprodução de seu corpo profissional e relevância dos serviços reconhecida amplamente (MACHADO, 1994, p.24). Os avanços tecnológicos também trouxeram modificações ao campo médico, sobretudo na criação de novas áreas de atuação e expansão das antigas através de novos procedimentos.

Os avanços tecnológicos tornaram os exames cada vez mais específicos e de resultados altamente confiáveis, porém, a preços cada vez mais altos, seja em relação ao grande custo para a realização dos exames em si, seja em relação aos equipamentos necessários para realizá-los (MACHADO, 1994, p.108). O aumento do valor dos exames e procedimentos médicos é um fator para o vínculo dos médicos com convênios, contratos com empresas ou seguros, sendo esse um importante indício de perda da nobreza da classe médica, visto a perda de parte da autonomia em seus processos de trabalho e de rendimentos enquanto profissionais liberais. Ainda assim, a grande maioria de médicos da época (80%) continuava a manter consultórios. Devido à alta no mercado de oferta de serviços já na década de 90 pela entrada de novos agentes no campo da Medicina, rearranjam-se os espaços ocupados anteriormente pelos dominantes, num contexto em que a manutenção dos consultórios também se configura numa forma de manter um determinado *status*.

Outra característica da profissão médica é o multiemprego. Os médicos atuam em diversas frentes de trabalho, tanto públicas quanto privadas, desenvolvendo diversas atividades ao mesmo tempo, ou ainda como empresários do ramo da saúde (MACHADO, 1994, p.102). Se por um lado isso garantia um rendimento salarial acima da média para a época, também era motivo de desgaste e estresse para os médicos, por mais jornadas e pela necessidade de deslocamento para outros hospitais, sendo que mais da metade da categoria conciliava três ou mais atividades profissionais. Isso se deve em grande parte, como coloca Machado (1994,

p.176), a um estilo de vida e um padrão social de consumo, apesar da sua média salarial ser muito superior à da maioria das outras carreiras ou profissões. O *habitus* de classe, construído na relação com outros agentes do campo e com o restante do mundo, tem um peso econômico e simbólico forte, fazendo os médicos da época submeterem-se a jornadas mais cansativas para mantê-lo¹⁸.

Ainda que concebidos enquanto elites sociais e ligados aos espaços sociais das elites, os médicos, enquanto parte das frações intermediárias entre o polo do poder econômico e o polo do poder cultural, em suas estratégias de ascensão social preveem a adesão ao trabalho para aquisição de capital de maneira a equiparar-se ao estilo de vida das elites mais tradicionais.

Ao observarmos a tabela do estudo de Machado (1994, p.128):

TABELA 9 – MÉDICOS DISTRIBUÍDOS POR SETOR DE ATUAÇÃO SEGUNDO TEMPO DE INSERÇÃO NO MERCADO. BRASIL - 1995

Tempo de inserção (em anos)	Público		Privado		Consultório		TOTAL	
	v. abs.	(%)	v. abs.	(%)	v. abs.	(%)	v. abs.	(%)
Até 4	17.869	42,1	13.102	30,9	11.419	27,0	42.390	100
De 5 a 9	20.958	31,7	21.882	33,1	23.233	35,2	66.073	100
De 10 a 24	69.860	34,9	55.951	27,9	74.363	37,2	200.174	100
De 25 a 34	14.244	34,3	11.239	27,0	16.029	38,7	41.512	100
35 e mais	4.583	20,3	6.288	27,9	11.616	51,8	22.487	100
TOTAL	127.514	34,2	108.462	29,1	136.660	36,7	372.636	100

Fonte: MACHADO, Maria Helena, coord. Os médicos no Brasil: um retrato da realidade. [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1997. 244 p. ISBN: 85-85471-05-0. p.128.

¹⁸ Isso transparece bem na fala de um dos médicos entrevistados: “Para ganhar de três a quatro mil reais, o médico é obrigado a atuar em vários locais com uma Medicina de baixo nível, pobre em tudo (exames e paramédicos), com carga horária altíssima. (anestesiologista, masculino, 37 anos, PR)” (MACHADO, 1994, p. 192). Na época da publicação o salário mínimo era de R\$ 127,00, sendo a média do valor exemplificado pelo médico aproximadamente 27 vezes maior. Isso mostra as expectativas de reconversão do investimento no novo capital em lucros financeiros e simbólicos da profissão médica.

Notamos que a tendência, de maneira geral, é uma diminuição dos médicos empregados no setor público e um aumento de sua atuação em consultórios onde têm total controle sobre sua rotina de trabalho, qualidade valorizada enquanto profissionais liberais, destacando-se os que atuam em consultórios principalmente no Estado do Rio de Janeiro, local de nascimento e enobrecimento da profissão conforme vimos no capítulo anterior, além de o Estado com maior número de médicos mais velhos. É importante destacar que a atuação em consultórios para a época, era de maioria masculina, na qual as mulheres ocupavam cerca de 29,4% do percentual da área (MACHADO, 1994, p.109), o que pode ser explicado pelo ingresso mais recente das mulheres no mercado de trabalho, ou ainda por uma prevalência masculina das áreas mais nobres do setor.

É interessante o fato de que a maior parte dos médicos recém ingressantes na carreira, ainda como vemos em Machado (1994, p. 109), se emprega inicialmente no setor público. A autora aponta para diversas razões nesse sentido: a primeira se dá pela importância do setor para as trocas entre os médicos, além da vivência de experiências e da formação de uma clientela. Chama a atenção que o Estado incorpore boa parte dos médicos recém-formados “inexperientes”, onde também se encontram a maior parte das mulheres como vimos anteriormente. As restrições de atuação se sobrepõem em geral mais às classes mais baixas e às mulheres (BOURDIEU, 2014, p.22), e não apenas no sentido financeiro, mas dentro das relações de poder que operam dentro do campo¹⁹.

Sobre a questão da hereditariedade profissional, esta se mantém como um forte fator na Medicina ao longo dos anos 1990 (MACHADO, 1994, p.34), o que está relacionado com um sentimento de pertencimento ou ainda adequação a determinados espaços sociais, sobretudo no período citado. Vemos na pesquisa que quase metade dos médicos tinham algum outro parente médico, e que outros estudos relacionados à escolha profissional da especialidade médica mostram que esta está relacionada com uma herança familiar, de modo a dar continuidade a um legado, ou à ascensão social. A autora ainda destaca que se comparado ao passado, a profissão se tornou menos patrimonialista, mas que ainda “mantém a característica de uma certa 'elitização' da origem médica” (MACHADO, 1994, p.35). E conclui que a maioria dos médicos da década são filhos de uma elite social bem posicionada na estrutura social. Com efeito, para

¹⁹ Dados referentes aos ganhos e às condições de trabalho dos médicos não estão presentes na demografia médica de 2018, o que impede de fazer avaliações comparativas nesse sentido.

o período, o ingresso no curso de Medicina estava fortemente relacionado com as possibilidades financeiras dos agentes, o que por sua vez caracterizava o controle do recrutamento social do campo médico.

Quanto à residência em áreas urbanas, nos anos 1990, o trabalho de Machado (1994, p. 38) aponta que 61,3% da população de médicos reside nas capitais, a demografia médica de 2018 aponta para uma diminuição para 55,1% (SCHEFFER, 2018, p.47), uma queda baixa se considerarmos um período de 20 anos, sobretudo quando a concentração de médicos por estado se mantém no sul e sudeste, que também são os Estados com os melhores índices de distribuição entre centro e interior. Machado (1994, pp. 39-40) afirma que isso se dá pela concentração dos fluxos econômicos nesses estados, e que isso também se relaciona com a baixa taxa de investimento público nas regiões mais pobres, acarretando também em condições de trabalho ruim. Para além disso, é importante destacar o desenvolvimento histórico da Medicina de uma maneira geral e a sua relação com as grandes metrópoles e polos de ensino. Tem a ver com um *habitus* que está ligado à vivência urbana, especificamente nas cidades com grande concentração de possibilidades de aquisição de capital simbólico.

Outra característica da profissão médica é o foco nas áreas de especialização já apontado no estudo de Machado (1997, p.59), efeito que se apoia na influência da tecnologia na área médica, no imaginário social do público em geral e no complexo médico industrial. Isso acaba favorecendo a especialização precoce dos estudantes de Medicina, sobretudo os mais abastados, para o ingresso em especialidades médicas ao final da graduação, amparado principalmente em uma competitividade de mercado que se amplia cada vez mais.

A demografia médica (SCHEFFER, 2018, p.105) mostra que o perfil generalista tem o total de 169.478 médicos, contra 282.298 de médicos especialistas, sendo os estados de menor razão entre especialistas e generalistas os da região norte e nordeste e a região com maior predominância de especialistas no sul do país. Quanto a isso, é interessante pensar nas regiões mais urbanizadas e nas necessidades desses espaços, bem como na relação de consagração dentro do campo da Medicina principalmente em áreas de especialidades. O aumento de profissionais e das escolas médicas não trouxe em seu bojo o aumento das residências, como alegou o CFM em seu apelo para a proibição de novos cursos, que se mantém estagnado até então, tornando essas posições e seus diplomas um recurso raro entre os médicos, logo, um critério de consagração de um conjunto de eleitos para determinadas áreas.

A isso soma-se o fato de que o estudo de Machado apresenta índices baixíssimos de médicos que seguem as modalidades de pós-graduação *stricto sensu* (1994, p.61), apenas 7,7% tinha mestrado e apenas 3,7% tinha o título de doutor. Sem dúvida, a relação da Medicina com o polo científico ou acadêmico de seu campo se mantém distanciada, destacando também o baixo número de instituições dotadas de programas de mestrado e doutorado nas áreas médicas. Especialmente em uma área profissional em que o *status* social de doutor já é tradicionalmente relacionado aos apenas graduados no curso de Medicina, é muito mais atraente um investimento em profissionalização, especialmente dadas as diferentes possibilidades ligadas à profissão. É importante ainda destacar que as residências médicas se apoiam na lógica estadunidenses de formação, amparada na pedagogia do treinamento em serviço.

Sobre as áreas médicas, Machado as divide em quatro grandes nichos, as especialidades cognitivas, com 43% dos médicos, onde se encontram a maior parte das áreas clínicas; as especialidades técnico-cirúrgicas e de habilidades, com 13,3% de médicos, que são áreas de especializações cirúrgicas, principalmente; as especialidades intermediárias, com 36,3% dos médicos, que envolvem uma relação clínica com o paciente, porém passível de realização de pequenas interferências; e, por fim, as especialidades tecnológicas ou burocráticas, com 7,1% dos médicos, que incorporam a ótica administrativa e social da Medicina (MACHADO, 1994, p.27). Além disso, cada vez mais as especialidades do primeiro grupo têm perdido sua importância na configuração da prestação dos serviços médicos, em benefício de áreas com ênfase técnico e das cirurgias, grupos dois e três respectivamente (MACHADO, 1994, p.59). No grupo três, se inserem áreas de bastante autonomia das rotinas e processos de trabalho dos médicos, que são capazes de realizar pequenas intervenções e o atendimento clínico. Nestas áreas estão incluídas oftalmologistas, ortopedistas e traumatologistas, gineco-obstetras, gastroenterologistas e otorrinolaringologistas.

A modalidade de residência médica surge nos anos 1950, coincidindo com a adoção da lógica estadunidense tecnológica e organizacional da Medicina, sendo implantada primeiramente no Hospital das Clínicas em São Paulo e no Hospital dos Servidores do Estado no Rio de Janeiro, tendo um aumento relevante na década de 70, culminando na criação da Comissão Nacional de Residência Médica (CNRM) (MACHADO, 1994, p.67).

As residências médicas, conforme vimos, são uma modalidade de pós-graduação disponível exclusivamente para classe médica, com duração de dois anos em geral. A maior

parte das especialidades exige necessariamente a formação em uma área mais geral, residência em clínica médica ou cirurgia geral, antes do ingresso na especialidade desejada, que demanda maior tempo de dedicação aos estudos, retardando o ingresso no mercado de trabalho. Ainda que o residente tenha acesso a uma bolsa de estudos, os rendimentos são menores do que a inserção no mercado de trabalho, somando-se a isso a inexistência de direitos trabalhistas.

No que tange às limitações de acesso ao novo capital que permite se estabelecer em determinadas posições de prestígio do campo, observamos que a residência médica se assemelha muito à tradicional questão da sociologia da educação, que aponta que maiores anos de estudos garantem maiores rendimentos. É importante destacar que atrasar o ingresso no mercado de trabalho não constitui uma opção disponível a todos, cabendo às devidas diferenciações do aluno do curso de Medicina na medida que vai perdendo sua homogeneidade.

Sobre os médicos em formação, Machado (1994, p.69) ressalta a mudança na origem social dos médicos, o que por sua vez também é fruto de mudanças da profissão e do campo profissional que operaram na década de 1950. Os graduandos da Medicina se tornaram mais urbanos, tendo os pais mais anos de escolaridade, portanto mais intelectualizados, demarcando o novo capital como estratégia das elites de manter seu poder simbólico e social, na medida em que as regras do jogo se modificam e o capital cultural passa a ter mais força (BOURDIEU, 1996, p.36).

A autora destaca também que mais de um terço dos médicos são filhos de profissionais liberais, especialmente os que têm heranças na área médica. Além disso, a autora destaca que os projetos de fixação dos residentes que buscam se especializar estão nas grandes capitais e em espaços bastante urbanizados, onde residem a maioria dos cursos de residência médica e também os de maior qualidade, que fornecem bolsas e gozam de prestígio acadêmico no campo da Medicina, ao contrário das residências médicas particulares (MACHADO, 1994, p.74). O reconhecimento do valor diferente desses diplomas é fundamental para o planejamento de suas estratégias de investimento para a escalada social através do novo capital e sua função nas disputas por posições e o espaço dos possíveis, daqueles que são preparados por experiência para posições de liderança e os que serão operacionais (BOURDIEU, 1996, p.47).

Ainda quanto às especialidades, Machado afirma (1994, p. 135) que a escolha por estas se dá no âmbito das relações de mercado nas diferentes regiões de atuação, ou seja, nas relações de atuação profissional, apontando que não há espaço para idealizações teóricas fortes quanto

às escolhas por determinadas áreas. Cabe dizer que analisando o quadro geracional disponibilizado na página 138²⁰, vemos que algumas especialidades se fixam com maior facilidade apesar da afirmação da autora quanto à dificuldade de uma análise teórica. Áreas como oftalmologia, a ortopedia e a traumatologia, ambas incluídas no grupo três, tem maior resistência quanto às mudanças por preferência de especialização, com um destaque especial para a segunda, que se destaca nos anos 1950 e permanece até os anos 1990, indicando o que poderiam ser algumas tendências possíveis para se interpretar as relações entre as diferentes áreas de especialização presentes na Medicina.

Quanto à feminização da profissão apontada por Machado, vemos que a mesma foi progressiva desde a década de 1990, conforme é possível observar nos dados da demografia médica (SCHEFFER, 2018, pp.36-37), que mostram que as mulheres vão de 30% para 45,6% do total de médicos, evidenciando o avanço contínuo desse processo. Quanto à distribuição, Machado também enfatiza a distribuição nacional que na década de 1990 era mais forte nos estados do nordeste, atingindo 41,1% (MACHADO, 1994, p.150). Os dados da demografia médica de 2018, por sua vez, mostram que as mulheres têm, de maneira geral, ocupado mais estados com referenciais percentuais maiores, sendo Alagoas o Estado com maior percentual de médicas, seguido do Rio de Janeiro (SCHEFFER, 2018, p.40). Partindo dos percentuais de feminização de cada estado, foi calculado a média geral para cada região. Atualmente a região com maior número de médicas é a sudeste com 46,25% do total de médicos da região.

A questão da renda, também um critério de consagração, se impõe igualmente de maneira diferente a diferentes especialistas. Já vimos que no Brasil as especialidades médicas são mais valorizadas do que a Medicina que atende a critérios mais generalistas, muito relacionada a áreas mais sociais, de atendimento médico. A modalidade de pós-graduação também está disponível para tais áreas, como Medicina da família. Ainda assim, essas áreas são definidas sobretudo por sua carência de atendimento e profissionais. Nenhum dos dois trabalhos traz informações sobre o rendimento ou as carreiras de especializações mais rentáveis e, mesmo

²⁰ a) anos 40: médicos comunitaristas, bronco e sofagologistas, eletroencefalografistas, gastroenterologistas e hemoterapeutas; b) anos 50: anestesistas, patologistas, otorrinolaringologistas, médicos do trabalho e ortopedistas e traumatologistas; c) anos 60: anestesistas, otorrinolaringologistas, psiquiatras, médicos do trabalho e ortopedistas e traumatologistas; d) anos 70: anestesistas, cardiologistas, psiquiatras, oftalmologistas e ortopedistas e traumatologistas.; e) anos 80: cardiologistas, cirurgiões plásticos, oftalmologistas, ortopedistas e traumatologistas e intensivistas; e f) anos 90: cardiologistas, cirurgiões vasculares, oftalmologistas, ortopedistas e traumatologistas e cancerologistas.

dessa forma, num esforço de compreender esse aspecto importante – sobretudo em uma sociedade onde o capital financeiro é um recurso essencial ao acesso a determinadas posições no campo do poder – optamos por utilizar a informação mais atualizada disponível, realizada pela revista Exame utilizando a ferramenta da Catho para calcular médias salariais das vagas de emprego dos especialistas no setor privado:

TABELA 10 – ESPECIALIDADES MÉDICAS MAIS BEM PAGAS

Cargo	Média salarial (R\$)
Cirurgião plástico	18.564,06
Cirurgião	15.975,62
Ortopedista	14.353,50
Médico auditor sênior	9.909,01
Médico anestesista	9.849,27
Dermatologista	9.058,19
Hematologista	9.025,78
Mastologista	8.999,42
Oncologista	8.912,16
Colonoscopista	8.820,52
Médico radiologista	8.572,24
Oftalmologista	8.035,75
Otorrinolaringologista	7.975,02
Obstetra	7.845,54
Proctologista	7.845,54

Fonte: Disponível em <<https://exame.abril.com.br/ciencia/os-15-maiores-salarios-na-area-medica/>>, acessado em 02 de agosto de 2018.

Ainda sobre questões de gênero no campo da Medicina, a demografia médica traz dados interessantes sobre a divisão de gênero por especialidades (SCHEFFER, 2018, p.114). O estudo elenca as especialidades com os maiores percentuais de médicas em ordem decrescente até chegar nas especialidades que predominam o número de médicos. Os grifos em vermelho são as especialidades com maior percentual de médicas que aparecem na relação da revista Exame,

enquanto os grifos em azul são as especialidades médicas com maior número de médicos na tabela.

TABELA 11 – DISTRIBUIÇÃO DE MÉDICOS ESPECIALISTAS, SEGUNDO SEXO E RAZÃO MASCULINO/FEMININO (M/F) – BRASIL 2018

Especialidade	Feminino	%	Masculino	%	Total	Razão M/F
<u>Dermatologia</u>	6.053	77,1	1.797	22,9	7.850	0,30
Pediatria	27.451	74,2	9.542	25,8	36.993	0,35
Endocrinologia e Metabologia	3.480	70,4	1.461	29,6	4.941	0,42
Alergia e Imunologia	1.047	68,2	489	31,8	1.536	0,47
Genética Médica	186	66,9	92	33,1	278	0,49
<u>Hematologia e Hemoterapia</u>	1.569	62,8	929	37,2	2.498	0,59
Reumatologia	1.340	59,3	918	40,7	2.258	0,69
Infectologia	2.047	58,2	1.470	41,8	3.517	0,72
Geriatria	985	57,6	724	42,4	1.709	0,74
Patologia	1.716	57,4	1.274	42,6	2.990	0,74
Medicina de Família e Comunidade	2.947	57,1	2.215	42,9	5.162	0,75
<u>Ginecologia e Obstetrícia</u>	16.097	56,6	12.319	43,4	28.416	0,77
Homeopatia	1.416	56,4	1.094	43,6	2.510	0,77
Clínica Médica	20.860	52,6	18.810	47,4	39.670	0,90
Patologia Clínica/Med. Laboratorial	716	52,4	650	47,6	1.366	0,91
Acupuntura	1.783	51,5	1.680	48,5	3.463	0,94
Nefrologia	2.111	51,0	2.025	49,0	4.136	0,96
Pneumologia	1.636	50,3	1.616	49,7	3.252	0,99
Mastologia	1.017	49,3	1.046	50,7	2.063	1,03
Medicina Física e Reabilitação	392	46,8	445	53,2	837	1,14
Medicina Preventiva e Social	828	46,7	944	53,3	1.772	1,14
Gastroenterologia	2.147	46,4	2.483	53,6	4.630	1,16
Nutrologia	698	45,5	835	54,5	1.533	1,20
Psiquiatria	4.315	44,9	5.296	55,1	9.611	1,23
<u>Oncologia Clínica</u>	1.447	43,6	1.870	56,4	3.317	1,29
Neurologia	1.949	42,1	2.679	57,9	4.628	1,37
Cirurgia Pediátrica	527	40,7	768	59,3	1.295	1,46
<u>Oftalmologia</u>	5.062	40,4	7.477	59,6	12.539	1,48
<u>Otorrinolaringologia</u>	2.311	38,8	3.650	61,2	5.961	1,58
<u>Anestesiologia</u>	8.161	38,0	13.304	62,0	21.465	1,63
<u>Radiologia e Diagnóstico por Imagem</u>	4.102	37,1	6.966	62,9	11.068	1,70
Radioterapia	235	36,5	409	63,5	644	1,74
Medicina Nuclear	294	36,2	518	63,8	812	1,76
Medicina do Trabalho	4.801	32,9	9.777	67,1	14.578	2,04
Medicina de Tráfego	1.481	31,2	3.267	68,8	4.748	2,21
Medicina Intensiva	1.897	31,0	4.232	69,0	6.129	2,23
<u>Coloproctologia</u>	560	30,7	1.262	69,3	1.822	2,25
Cardiologia	4.382	30,3	10.069	69,7	14.451	2,30
Endoscopia	873	29,1	2.126	70,9	2.999	2,44
Angiologia	405	26,4	1.130	73,6	1.535	2,79
<u>Cirurgia Plástica</u>	1.294	23,3	4.249	76,7	5.543	3,28
Cirurgia Vascular	916	23,3	3.022	76,7	3.938	3,30
<u>Cirurgia Geral</u>	6.447	21,0	24.321	79,0	30.768	3,77
Medicina Legal e Perícia Médica	148	19,7	603	80,3	751	4,07
Cirurgia de Cabeça e Pescoço	172	17,6	805	82,4	977	4,68
Medicina Esportiva	143	17,3	684	82,7	827	4,78
Cirurgia da Mão	118	16,1	614	83,9	732	5,20
Cirurgia Oncológica	145	13,4	941	86,6	1.086	6,49
Cirurgia Cardiovascular	215	10,4	1.847	89,6	2.062	8,59
Cirurgia do Aparelho Digestivo	274	10,3	2.382	89,7	2.656	8,69
Cirurgia Torácica	85	9,5	811	90,5	896	9,54
Neurocirurgia	248	8,6	2.638	91,4	2.886	10,64
<u>Ortopedia e Traumatologia</u>	916	6,5	13.213	93,5	14.129	14,42
Urologia	108	2,2	4.819	97,8	4.927	44,62

Nota: nesta análise foi usado o número de médicos.
Fonte: Scheffer M. et al., Demografia Médica no Brasil 2018.

Os grifos foram feitos para evidenciar as discrepâncias de gênero encontradas em relação à média salarial de cada especialidade. Em primeiro lugar, é importante mencionar que as cinco primeiras especialidades médicas na lista²¹ têm predominância masculina acima de 75%. Em segundo lugar, é importante ressaltar que na lista em questão, apenas três especialidades médicas têm maioria feminina no que tange às maiores rendas do estudo realizado pela Exame²². Com efeito, nas disputas de gênero as mulheres são direcionadas para áreas de menor valor social e econômico, devendo-se destacar também que boa parte das especialidades com predominância feminina estão relacionadas a áreas ligadas ao papel social do sexo feminino (MACHADO, 1994, p.155), como dermatologia. Assim sendo, fica evidente que a escolha por uma determinada especialização médica se relaciona com o gênero, tal clivagem sendo especialmente visível quando vemos indivíduos de condições econômicas semelhantes (BOURDIEU, 2014. p.82).

Vemos também que as áreas cirúrgicas, de maneira geral, são historicamente dominadas por homens, ainda que tenha sofrido um aumento na década de 1970 junto com a expansão do setor médico de uma maneira geral. O número de cirurgiãs ainda é pequeno e apresentou diminuições ao longo dos anos 2000 (FRANCO, 2010, p.73). Na tabela 11, observamos que as cirurgias se encontram entre as 10 especialidades mais masculinas, incluindo cirurgia geral, pré-requisito para outras especialidades cirúrgicas. O trabalho de Franco (2010) aponta diversas razões para o fenômeno na revisão bibliográfica: falta de um modelo feminino no ramo da cirurgia, ou ainda o fato de que as mulheres detêm o mesmo interesse pelas áreas cirúrgicas que os homens, porém a forte imposição social às mulheres de determinados papéis acaba entrando em conflito com o estilo de vida do cirurgião. Franco ainda reforça a força da relação com a família na (não) escolha pela especialidade médica, ambos pontos importantes que interferem no horizonte de possibilidades dos agentes.

²¹ Excetuado médico auditor sênior não disponível no estudo em questão, a modalidade se refere a uma especialização de administração de hospitais, não sendo uma especialidade da Medicina no sentido tradicional do termo.

²² Mastologia foi desconsiderada pela baixa razão M/F, sendo a especialidade médica mais equilibrada no estudo.

Franco (2010, p.74), em seu trabalho que faz uma breve reconstrução histórica da Medicina e do papel das mulheres cirurgiãs, aponta para o caráter da concepção social do que são qualidades femininas em menor consonância com a especialidade, estimando que o fenótipo masculino inspira 25% mais confiança. Traços considerados favoráveis para especialidade incluem personalidade forte, autocontrole, mente questionadora, capacidade de liderança e alguma agressividade. Com efeito, tratam-se de traços estimulados nos homens, de uma maneira geral, pela composição do ideário masculino e estranhos à docilidade em geral exigida das mulheres, sobretudo na vida escolar e acadêmica (BOURDIEU, 2014. p.84).

Para Franco (2010, p.75), dentre às áreas cirúrgicas com maior “porosidade” de gênero, ainda que seja algo muito relativo quando comparado ao ainda alto predomínio masculino, estão a cirurgia pediátrica e a cirurgia plástica. A área pediátrica em si tem uma composição geral mais feminina, como podemos ver na tabela 11, o que a princípio aponta para uma relação entre as áreas, algo que precisaria ser melhor investigado. Quanto à cirurgia plástica, Franco afirma que a maior presença feminina se deve pelo imaginário do senso comum na relação de sua vertente mais ligada à estética, com maior número de pacientes femininos, destacando o fato de que a cirurgia plástica é apresentada equivocadamente como “de menor gravidade”. Ela também aponta aumento na cirurgia geral, mas que não deve ser tomado sem ressalvas, uma vez que é prerrogativa para especialização em outras áreas cirúrgicas.

Ainda de acordo com Franco (2010, p.75), uma das áreas cirúrgicas com baixo contingente feminino é a ortopedia, por seu imaginário de que é necessário força física, ainda que os aparelhos estejam se tornando cada vez mais sofisticados e delicados. Além das áreas de cirurgias torácica, cardíaca e a neurocirurgia, ocorrência que também é observada em áreas de comando e prestígio social como engenheiras de grandes empreendimentos e altos cargos executivos. O trabalho de Franco traz indícios analíticos reveladores para a sociologia, sobretudo na comparação final realizada com as áreas de direção socialmente valorizadas. A área cirúrgica, que no princípio da fundação do campo médico era malvista, tem ganhado diversos indícios de valorização e vem se tornando uma área nobre, ao apresentar vários indícios de consagração social, áreas de maior rendimento financeiro, maior presença masculina, caráter diretivo e resolutivo e, principalmente, pelo seu alto teor técnico, no que tange ao sentido procedimental da inferência médica. Como vimos anteriormente, esse sentido tem sido cada vez mais valorizado em relação às áreas clínicas.

Chama atenção também a relação das especialidades que Machado classificou como parte do grupo três, que envolvem práticas clínicas e pequenas intervenções. Três delas fazem parte do *ranking* de especialidades mais bem pagas da revista Exame. A primeira destas é a ortopedia, geralmente ligada à traumatologia. A segunda que aparece é a dermatologia, área majoritariamente feminina, como já vimos, e a terceira é a oftalmologia, área que também é dotada de reconhecimento, estando entre as mais procuradas a partir dos anos 1970. Cabe a problematização de que em boa parte são áreas estáveis e o duplo reconhecimento, procedimental e clínico, acaba sendo um fator importante para a procura por essas especialidades. Cabe destacar que a área de dermatologia não figura entre aquelas com grande procura geracional no estudo em questão, ao contrário de ortopedia e oftalmologia.

Vemos que a formação do campo médico se dá com uma abertura gradual e se torna um capital simbólico no sentido mais amplo pelo valor do diploma e o que ele passa a significar simbolicamente a partir de meados da década de 1950. A autonomização do campo e a multiplicação de áreas da Medicina possibilitam e exigem a entrada de novos agentes para ocupar postos menos nobres no campo. Ainda assim, o campo acadêmico parece dotado de pouco espaço quando comparado ao seu polo mais profissional situado no campo do poder. Além disso, os agentes dominantes parecem ter um bom controle do recrutamento social, na medida em que sempre evocam a necessidade de um ensino de excelência da prática médica, devido à importância e relevância de suas atividades.

É importante também notar os traços de hereditariedade, comuns nas profissões de grande reconhecimento social. Quanto a isso Bourdieu (1996, p.49) destaca, quando se refere ao capital cultural como novo capital, que as seleções operadas na área educacional tendem a reproduzir uma nobreza escolar hereditária. As seleções são sociais e têm o objetivo claro de consagração, especialmente pelo reconhecimento simbólico das instituições de cursos pré-vestibular sobre o ingresso na faculdade de Medicina. A isso são somados o reconhecimento das famílias tradicionais de médicos que exercem a profissão nas áreas mais nobres. Bourdieu (1996, p.48) ressalta como o campo escolar, através de poder de consagração, contribui para a translação dos privilégios da nobreza aristocrática, por meio de apostas mais frutíferas no que diz respeito a instituições ou estratégias de vivência acadêmica

No entanto, apesar de as elites adotarem estratégias de reprodução de suas posições, não podemos supor que estes são donos do tabuleiro e fazem a regra do jogo (BOURDIEU, 1996,

p.52). O embate sempre se dá na relação entre o valor e quantidade de um capital específico necessário para ocupar as posições dominantes. O embate é na conversão ou transformação dessa taxa de câmbio nas flutuações de valor do novo capital, que são afetadas pelas relações e embates no campo do poder. A dominação, portanto, não diz respeito apenas às ações exercidas pelos agentes dominantes mobilizando seu poder, mas a um conjunto maior e indireto de ações que se aglutinam, como é o caso da política de cotas, e nisso se concebe a importância de observar o tabuleiro e antecipar, em alguma medida, os resultados do jogo.

2.1 UM BREVE RESUMO DA HISTÓRIA DO *CAMPUS* SÃO PAULO

Para compreender a condição em que se estabelece o campo da Medicina na UNIFESP, é necessário remontar em alguma medida à sua trajetória, desde seus motivos de fundação até o presente momento. A UNIFESP se estabelece enquanto Escola Paulista de Medicina (EPM) em 1934, após o manifesto em apoio à fundação da EPM, escrito em 1933. Sua fundação está associada a diversos fatores sociais e tecnológicos importantes, como o surgimento da Medicina moderna, a qual data de 1930, fazendo uso de antibióticos e da penicilina (RODRIGUES, 2008, p.17), a industrialização da cidade de São Paulo e o crescimento da população no início do século XX. Além disso, a EPM também se estabelece enquanto núcleo privado do ensino de Medicina, 22 anos depois da fundação da faculdade de Medicina da USP.

Tal marcador é importante para entender o contexto de surgimento da EPM, pois esta teria se dado através de médicos que a princípio foram recusados pela faculdade Medicina da USP (MOTOYAMA, 2006, p. 471). O sistema de cátedras estabelecido na USP tornava o número de docentes no meio acadêmico limitado a poucos profissionais, o que gerou uma insatisfação entre médicos com as competências necessárias para lecionar, porém, sem espaço para tanto. Somou-se a isso uma demanda por parte dos candidatos ao vestibular da faculdade de Medicina da USP que, ainda que tivessem obtido notas suficientes para o curso, não puderam ingressar nele por falta de vagas (RODRIGUES, 2008; p.40). A princípio, houve reivindicação por parte dos estudantes pelo aumento do número de admitidos na faculdade, porém este movimento não tinha pretensão de propor soluções além do referido aumento do número de ingressantes no curso (SILVIA, 2001; p.549). A isso se soma também o baixo número de faculdades de Medicina, o reduzido número de hospitais e um atendimento médico precário para uma cidade do porte de São Paulo já naquela época.

Cabe ainda destacar que a década de 1930 foi um período de um vertiginoso crescimento populacional em São Paulo, que deixou de ser uma cidade do interior para se tornar um polo importante do processo de industrialização no país, sobretudo amparado no apoio financeiro ocasionado pela grande produção de café no Estado, o que permitiu um acúmulo de capital para o investimento na industrialização. Em outro aspecto, boa parte das fábricas também era fruto de oficinas de pequeno porte instaladas na cidade, em sua grande maioria organizadas por

imigrantes, cujo destino original era trabalhar nas lavouras de café e também como mão de obra para as novas indústrias (CARDOSO, 1960. p.474).

É possível observar como a EPM, que no futuro se tornaria a UNIFESP, se estabelece pelo esforço de agentes às franjas do campo da Medicina, tanto no que diz respeito aos alunos que não conseguiram ingressar no curso da USP, como os professores e candidatos aos cargos da USP que não estavam satisfeitos com o espaço que tinham na estrutura estabelecida da faculdade ou que não lograram sucesso em sua tentativa de ingresso. Este dado é importante quando avaliamos o significado simbólico e a posição em que a EPM se encontrava na estrutura das faculdades de Medicina que se estabeleciam na cidade de São Paulo e no Brasil, sendo ela a 11ª faculdade de Medicina do país. Nesse sentido a EPM surge enquanto *outsider*, ou, ainda, enquanto uma instituição dominada, formada por agentes dominados, mesmo que o campo da Medicina se situe enquanto um espaço de dominantes num panorama mais geral. Sendo assim, a EPM surge também como uma resposta às ações dominantes de conservação das posições no campo médico, na disputa pela ampliação de espaços na carreira.

É importante ressaltar que, a princípio, a EPM era financiada pelos alunos, enquanto uma faculdade particular, e pelos fundadores, os quais lecionavam na instituição em um comprometimento jurídico durante prazos e valores específicos (RODRIGUES, 2008, p.18). Trata-se de uma reconversão do capital financeiro em capital simbólico e político. A notoriedade e o pioneirismo que se confundem com a história da cidade, advindos da fundação da EPM, são características da elite paulistana, conforme observamos em Pulici (2014b, pp.108-110), além de uma dedicação a causas humanitárias (idem, p.111)

Esta reconversão se assemelha a uma capitalização de tais recursos na medida em que permite expandir ganhos em outros campos, com capitais diferentes, sobretudo na forma de capital simbólico. Octávio de Carvalho, principal organizador do manifesto pela EPM, era dotado de uma diversa gama de capitais. Filho de um senador da República, foi um conceituado médico clínico em São Paulo, formado pela tradicional faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, tendo sua tese de doutoramento premiada, além de ter atuado em clínicas e universidades internacionais nos Estados Unidos e Berlim (SILVIA, 2001, p.549).

A escolha pela Vila Clementino para a construção do hospital se deu em virtude de um projeto anterior, de Joaquim Basílio Pennino, para a construção de um hospital dedicado a crianças deficientes, sendo que parte do que precisaria ser adaptado para o hospital já estava

pronto. A construção do hospital iniciou-se efetivamente em 1936, finalizado em 1940, quatro anos antes do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (HCFMUSP), cujo curso e prática médica funcionavam junto à Santa Casa de São Paulo até 1945. O Hospital São Paulo constitui-se, portanto, como o primeiro hospital-escola do país, responsável por uma mudança de paradigma no ensino de Medicina (SAMPAIO, 2008; p.22).

Apesar de se impor enquanto uma instituição diferenciada e que surge, em parte, pelo engessamento do sistema de cátedras da USP, a EPM não se opunha ao sistema ou à qualidade do ensino da faculdade de Medicina da USP. Reiterava sua importância e afirmava fundar a EPM sob as mesmas bases intelectuais da faculdade de Medicina da USP, logo, lançando mão do mesmo sistema de cátedras (SILVIA, 2001, p.551). A proposta de adoção de um regime departamental surge em 1949. Porém, o sistema só é modificado com a criação do Departamento de Medicina em 1951, ainda quando a EPM era escola privada. Como consequência, o programa de ensino tornava-se coletivo, elaborado por todo o departamento. Deixava de ser apenas a decisão individual de cada catedrático, o que aponta para uma maior abertura do campo acadêmico da Medicina, deslocando os agentes dominantes de seus espaços.

O ordenamento jurídico da instituição foi reavaliado três anos após o estabelecimento do regime departamental na faculdade de Medicina da EPM. Devido ao crescimento da EPM e do hospital-escola, aqueles que a haviam fundado e se comprometido com a manutenção das instituições encontravam-se numa séria crise, que viria a se resolver com a federalização da EPM em 1956, ainda que sem a federalização de seu hospital-escola. A união assumiu os compromissos da EPM e contratou trinta professores. A lei de federalização da EPM também determinava o livre acesso dos alunos da faculdade ao hospital-escola, cujos encargos e compromissos eram de responsabilidade da Sociedade Paulista para o Desenvolvimento da Medicina (Antiga Sociedade Civil Paulista de Medicina, comprometida com a manutenção da escola), uma sociedade filantrópica de notáveis cuja visão inclui “ser reconhecida como organização filantrópica brasileira em saúde de maior abrangência e competência”²³. Em 1957 foram iniciados os programas de Residência Médica e o regime de internato no curso de

²³ Disponível em: <<https://www.spdm.org.br/a-empresa/conheca-a-spdm/missao-visao-e-valores>>. Acessado em 10 de julho de 2018.

graduação em Medicina e, em 1965, a EPM estava organizada em doze departamentos (RODRIGUES, 2008, p.20).

Em 1972, houve o credenciamento pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) dos primeiros programas de pós-graduação *stricto sensu* da EPM, os quais, por sua vez, estimularam a interdisciplinaridade do ramo de pesquisa por lá (RODRIGUES, 2008, p.22). Apenas em 1966 foi fundado, na EPM, o curso de Ciências Biomédicas, ala mais acadêmica da Medicina e da saúde.

Ainda em 1964, foram feitos esforços e tentativas por parte do governo federal para o estabelecimento de uma Universidade Federal de São Paulo (UFSP), em que o conselho responsável pela organização da UFSP era presidido pelo então diretor da EPM. Com o golpe de 1964, a UFSP foi desfeita e a EPM transformada em um estabelecimento de ensino superior de natureza autárquica (RODRIGUES, 2008, p.20). Em 1979, o Ministério da Educação e Cultura solicitou à escola que sugerisse como pretendia se enquadrar em uma lei de 1968, a qual determinava a incorporação de estabelecimentos isolados a universidades, e, após debater e avaliar o assunto, a congregação optou de forma unânime por manter-se apenas como universidade na área das ciências biológicas e da saúde. Apenas em 1994 a EPM se torna Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), ainda que mantendo sua característica de ater-se unicamente à área da saúde (RODRIGUES, 2008, p.23), preservando sua estrutura departamental vigente e criando quatro pró-reitorias encarregadas de organizar as atividades de ensino, pesquisa e extensão na universidade.

A exclusividade na área de ciências biológicas e na saúde duraria até 2004, quando foi inaugurado o *campus* na cidade de Santos e, em seguida, os campi de Guarulhos, Osasco e São José dos Campos ainda antes do REUNI, de forma a aprofundar o contexto de hierarquização horizontal das faculdades da UNIFESP. O *campus* São Paulo ainda conserva o seu título tradicional de EPM como unidade da UNIFESP.

Conforme observamos, a EPM foi pioneira em diversos sentidos em relação à USP, o que a estabelece como primeira em uma posição mais de vanguarda em relação à segunda, que está em um polo dominante aliado a valores tradicionais. O caráter privado e autonomista da EPM permitiu, de certo modo, liberdades para testes por parte do corpo docente e adoção de novas políticas que lograram sucesso e depois foram implementadas também na USP. Ainda que ambas, hoje, sejam universidades públicas dentro de um mesmo campo de pesquisa e

ensino, essas diferenças simbólicas de fundação das instituições e suas faculdades permanecem no imaginário dos estudantes, povoando e demarcando suas definições enquanto agentes, mais próximos de um modelo ou do outro.

2.2 ANÁLISE DA FACULDADE DE MEDICINA NO *CAMPUS* SÃO PAULO

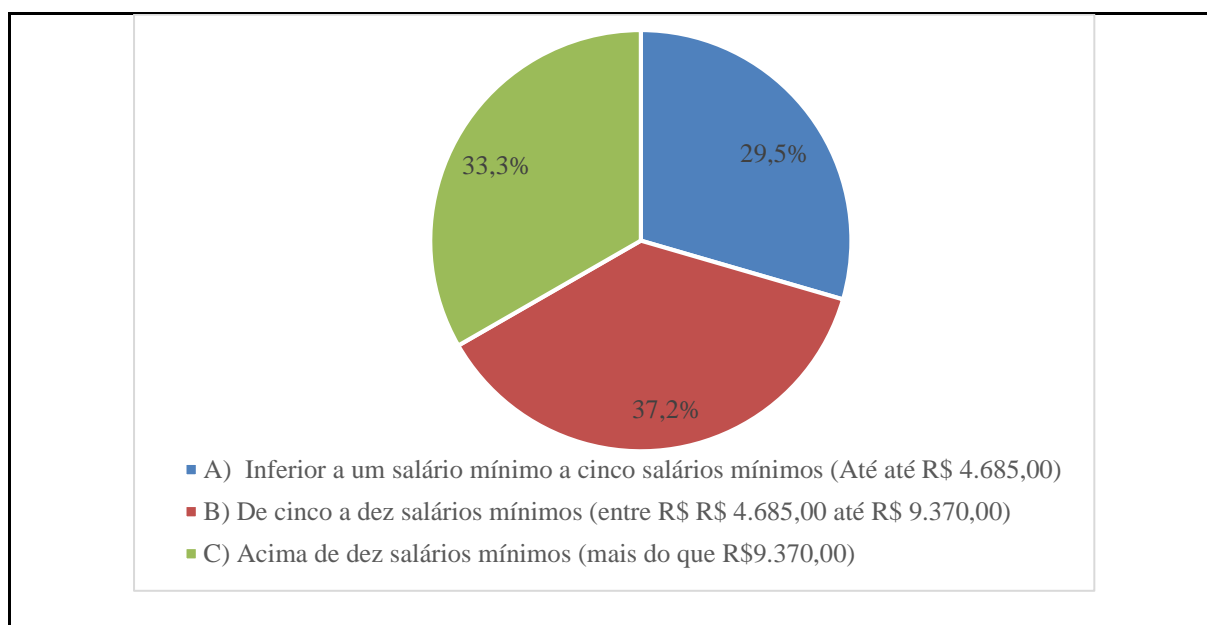
Feita essa breve reconstrução da história da UNIFESP e da construção do campo médico no Brasil, neste subitem do capítulo nos detemos numa análise dos dados coletados a partir do questionário aplicado aos alunos do curso de Medicina, notadamente aqueles que remetem a pontos congruentes das entrevistas. O objetivo é fazer uma análise geral de como agem os agentes e compõem suas estratégias com base nas possibilidades objetivas. Ou seja, atentar aos aspectos de trajetória, às competências culturais e de interação com os outros agentes no campo na medida, com o intuito de investigar de que maneira esses agentes enxergam o campo da Medicina, seus conflitos e disputas, em suma, seu *ethos*, e em que medida essa percepção está relacionada a uma condição de classe e de gênero..

De início, é importante traçar uma descrição da amostra, e uma vez que o processo de coleta de dados dos alunos já foi descrito anteriormente, não retornaremos a ele, partindo diretamente para uma análise dos resultados. Quanto ao processo de tratamento e geração dos dados, estes foram tabulados utilizando uma máscara de entrada gerada pelo Google Forms. Em posse dos dados em planilha, ela foi convertida e trabalhada utilizando o SPSS (Statistical Package for the Social Sciences), onde parte das análises dos resultados obtidos foi feita. Com tabelas e seus indicadores matemáticos, as mesmas foram transpostas para o Excel 2016, onde os gráficos apresentados nesse estudo foram gerados. É importante ressaltar que, a princípio, este questionário não se destinava a uma análise do curso de Medicina, portanto, pretendia ser mais genérico devido ao seu objetivo inicial de comparar quatro cursos. Desta forma, as entrevistas foram utilizadas em alguma medida como norteador das problemáticas no campo que serão debatidas neste capítulo.

Composta por 78 alunos que se disponibilizaram voluntariamente a responder os questionários anônimos, a idade média entre os respondentes é de 21 anos, a relação percentual de homens e mulheres é quase igual à média geral de mulheres na Medicina, 47,4% de mulheres e 52,6% de homens. No que tange à cor, questão autodeclarada, devido à importância do sistema de cotas para a composição da turma analisada, optou-se por congrega e dividir os

respondentes entre negros (compostos por pretos e pardos) e brancos (compostos por brancos e orientais): os percentuais são respectivamente 19,2% e 78,2%. 2,6%, dos participantes que optaram por não responder à questão. A maior parte deles reside com os pais ou a família (75,3%), seguido dos que moram com amigos ou em república (15,6%) e dos 9,1% dos que moram sozinhos. Além disso, 40,3% exercem alguma atividade remunerada ou recebe bolsa da instituição, enquanto 59,7% não realizam nenhum tipo de atividade profissional e também não recebem bolsa de estudos. Por fim, apenas 3,9% são casados, os outros 96,1% dos alunos são solteiros, e nenhum deles possui filhos.

GRÁFICO 27 – RENDA EM QUARTIS DOS ALUNOS DO CAMPUS SÃO PAULO

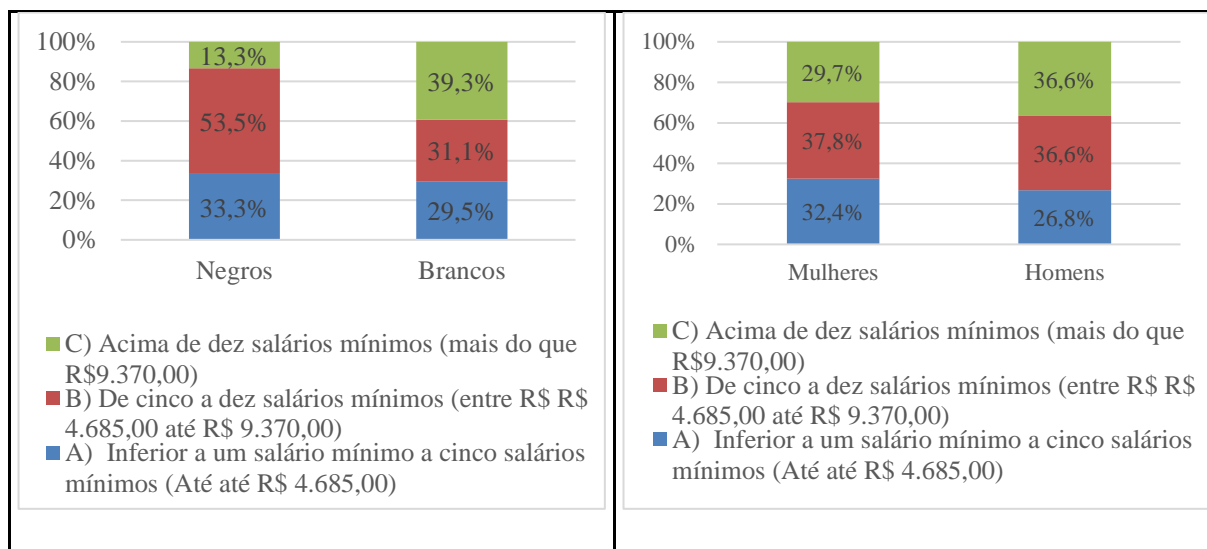


Fonte: Elaboração Própria.

Apesar das diversas opções de renda do questionário, a questão foi dividida em quartis, buscando equalizar o entendimento das diferenças do alunado a partir da renda. A representação gráfica é importante para entender a formação dos grupos e suas estratégias de aquisição de capital cultural ou de conservação de posições de dominância no embate entre os diferentes agentes. Como vimos anteriormente, a renda acaba sendo o principal condicionante no que diz respeito às escolhas e atitudes dos alunos.

A questão da cor e do sexo a princípio não parecem ter relação com a renda de maneira direta, uma vez que a distribuição dos agentes que fazem parte de minorias sociais é relativamente uniforme nos dois casos:

GRÁFICOS 28 E 29 – DIFERENÇA DE RENDA FAMILIAR POR COR E GÊNERO



$X^2: 4,107 - df: 2 - \alpha: 0,128$

$X^2: 0,490 - df: 2 - \alpha: 0,783$

Fonte: Elaboração Própria.

É possível notar que as diferenças de renda em relação ao gênero são em boa parte menores do que as diferenças por cor. Ainda assim, é importante perceber o quanto as duas minorias sociais se concentram principalmente no grupo médio. No caso das diferenças por cor, cabe ainda apontar que a maior parte dos brancos ocupa a faixa de maior renda do gráfico, contra apenas 13,3% dos negros. Nos dois casos, entretanto, as diferenças não foram suficientes para apontar relações entre cor e renda ou gênero e renda. Cabe notar, porém, no que se diz respeito ao capital cultural dos pais, que 53% dos pais dos alunos negros não cursaram ensino superior, 40% disseram que apenas um dos pais tem graduação, e apenas em 6,7% dos casos ambos os pais possuem diploma de graduação, nenhum deles sendo médico. No que tange aos brancos, em 21,3% das respostas nenhum dos pais têm curso superior, em 26,2% dos casos apenas um deles detinha de diploma universitário. Na maioria (52,5%), ambos os pais têm curso superior. Isto é importante visto que, de uma geração à outra, a tendência é sempre galgar pelo menos um nível acima (BOURDIEU, 2007, p.42).

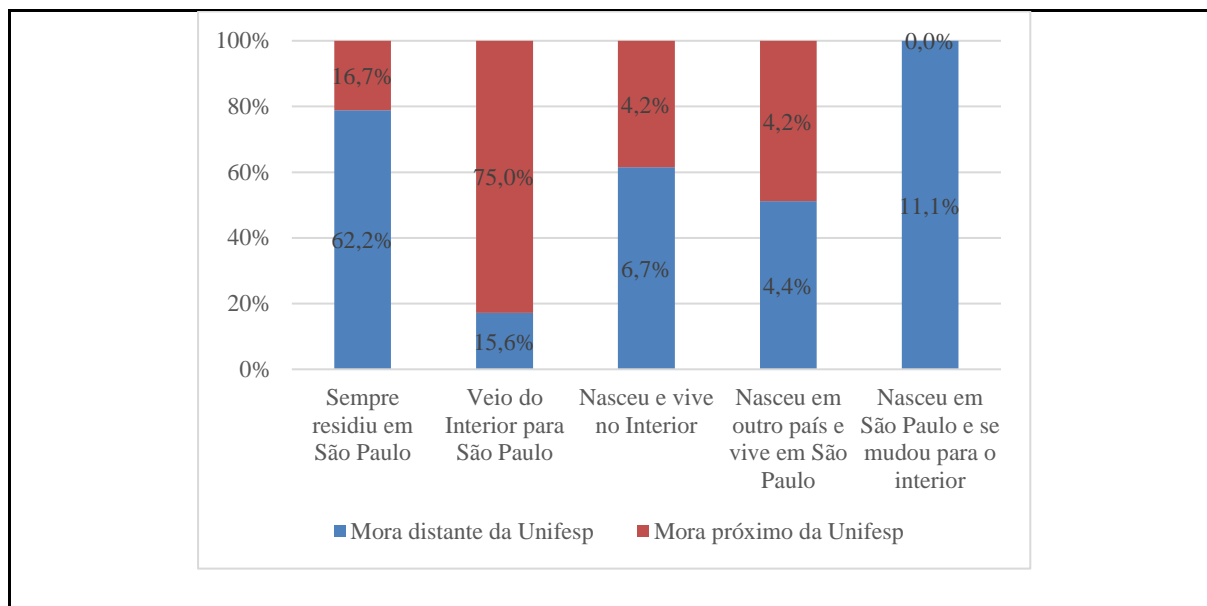
Tal fato ajuda a compreender que mesmo as minorias sociais que ingressam no curso de Medicina não podem ser compreendidas apenas em seu sentido mais tradicional. Com efeito, cabe analisar esse ingresso de maneira nuançada, pois, as minorias que ingressam na faculdade de Medicina fazem uso de estratégias compensatórias ao investirem em oportunidades diferenciadas indisponíveis a todos os candidatos. Conforme veremos adiante, os agentes nas diferentes posições empregam diversas estratégias da conversão do capital financeiro em capital cultural dentro de suas possibilidades. A renda também desempenha acesso a locais específicos de conversão do capital econômico em capital cultural ou ainda em um capital de relações importante para futuros passos de ingresso em áreas dominantes do campo da Medicina na UNIFESP.

Os CEPs das residências solicitados no questionário foram utilizados para verificar se os alunos residem próximos à UNIFESP. A faixa de 04000 até 04099 foi considerada como próxima, inclui Moema e o lado oeste da Vila Mariana, onde está listado o bairro da Vila Clementino, bem como outros bairros adjacentes, tradicionalmente bairros de classe média abastada. Dos respondentes, a maioria, 57,7% reside distante da UNIFESP, contra 30,8% que atualmente moram mais próximos do *campus* São Paulo. 11,5% dos alunos não quiseram informar o CEP de suas atuais residências. Dos que residem próximos ao *campus*, metade (50%) estão na faixa de renda da resposta C, enquanto os outros dois quartos (25% cada) estão nas faixas A e B. Do *alunato* que não reside em região próxima ao *campus*, a maior parcela está na faixa de renda B, com 44,4%, seguida da A com 31,1% e por último a C com 24,4%.

Sendo esta uma região do centro expandido, a influência da relação de renda e o local de residência próximo da UNIFESP nos parece razoável. Cabe, porém, destacar que o local de residência no centro é uma questão clássica da teoria bourdiesiana, justamente pelo acesso a um determinado *habitus* das elites sociais, o que inclui visitas a museus, idas ao teatro e outras modalidades de aquisição de capital cultural (BORUDIEU, 2007, p.42). Enfim, uma vivência urbana relacionada a um *habitus* urbano dos médicos: conforme a história e fundação do campo no Brasil, Medicina e urbanização caminham lado a lado.

Não admira também que, dos alunos que moram mais próximo do *campus*, a maior parte deles e de suas famílias vieram do interior para São Paulo:

GRÁFICO 30 – MIGRAÇÃO MUNICIPAL X MORADIA PRÓXIMA AO CAMPUS

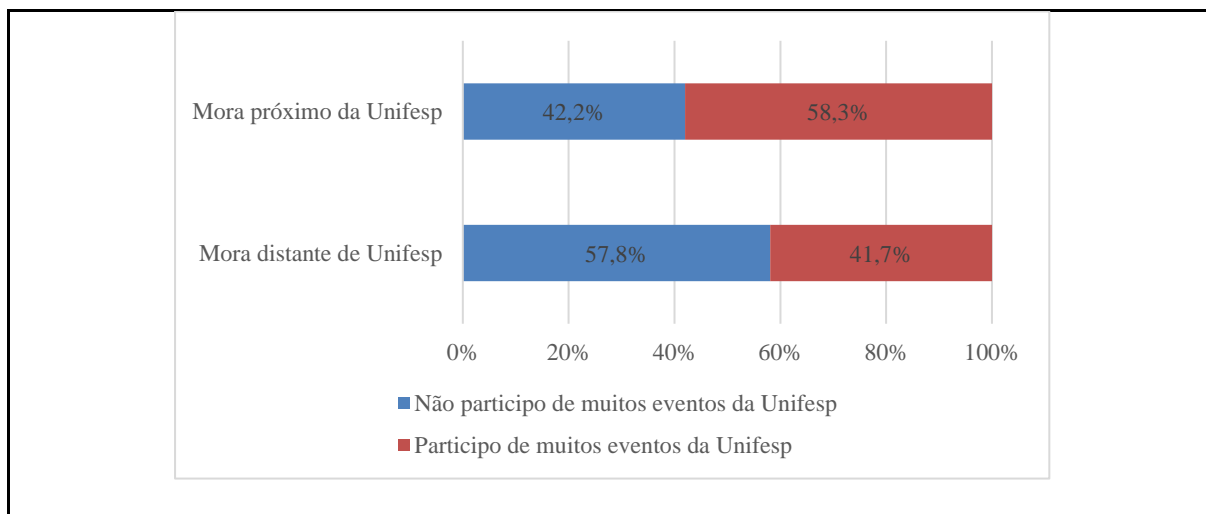


X^2 : 25,108 - df: 4 - α : 0,000

Fonte: Elaboração Própria.

O interior paulista, discutido anteriormente, é local de fixação de boa parte da elite econômica tradicional que investe no novo capital como marco de distinção, dado que não possui os títulos de autoridade hereditária presentes nas famílias com gerações de médicos. Assim, o título de médico significa uma transição das atividades de menor nobreza social, como atividades no campo, ainda que na figura de dirigente, para uma atividade elitizada e caracterizada principalmente por sua presença nos centros urbanos e grande investimento de tempo em educação. Quanto a isto, cabe ainda dizer que 19,2% dos alunos têm pelo menos um dos pais médico, equivalente a 21% dos que vieram do interior para residirem em São Paulo.

GRÁFICO 32 – PARTICIPAÇÃO DE EVENTOS X MORA PRÓXIMO DO *CAMPUS*



$X^2: 1,628 - df: 1 - \alpha: 0,219$

Fonte: Elaboração Própria.

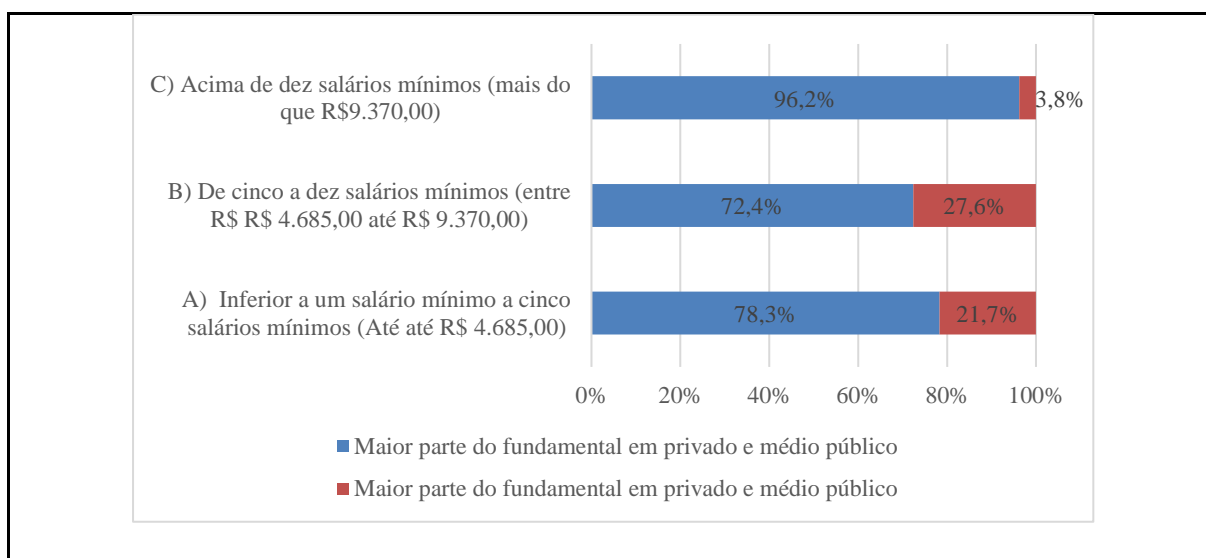
Residir próximo ao *campus* tem influência na participação da vida acadêmica dos alunos. Ainda que as diferenças não sejam tão relevantes, tais eventos são muitas vezes possibilidades de contato com professores, arrecadação de capital cultural e construção de um capital de relações dentro da faculdade.

Quanto ao capital cultural que trataremos por escolar, cabe dizer que a maior parte dos alunos têm ambos os pais com diplomas de curso superior, correspondendo a 43,6%, enquanto 28,2% tem apenas pai ou mãe. Nos 28,2% restantes, nenhum dos pais têm curso superior. A tendência, de maneira geral, da geração seguinte é buscar estar um nível acima da geração anterior, além de influenciar profundamente os horizontes dos alunos e as possibilidades objetivas ao longo do curso, bem como os investimentos de aquisição em capital cultural.

Quanto à dependência administrativa do Ensino Médio, 47,4% estudaram exclusivamente em escolas públicas, 2,6% estudaram a maior parte em escola pública, 48,7% estudaram exclusivamente em escola particular e 1,3% da amostra estudou em outro país. Da parcela do alunato que estudou em escola pública (37 alunos), 70,3% estudou em escolas mais ao centro, em locais mais urbanizados e abastados. Já 29,7% estudou em escolas localizadas na periferia, o que reforça a tese de um perfil diferenciado de estudantes de escola pública, em sua grande maioria localizados em centros urbanos de qualidade de ensino diferenciada.

Sobre isso, cabe ainda dizer que as entrevistas carregam falas fortes emitidas por alunos que se referem às cotas de maneira pejorativa. Tais falas apontam a possibilidade de que alunos abastados, tendo cursado ensino fundamental privado, transfeririam-se para escolas públicas no ensino médio para obter o privilégio das cotas sociais. A troca não seria por colégios estaduais convencionais, mas para escolas com ensino médio de alegada melhor qualidade como, por exemplo, Escolas Técnicas Estaduais (ETECs) ou o Instituto Federal de São Paulo (IFSP). Cabe ressaltar que tais instituições são dotadas de processos seletivos semelhantes a vestibulares para o ingresso de alunos, logo, recrutando agentes dotados de maior capital escolar. Os dados, porém, colocam a teoria por terra, como podemos ver no gráfico a seguir:

GRÁFICO 33 – MUDANÇAS DA DEPENDÊNCIA ADMINISTRATIVA DO ENSINO MÉDIO X RENDA FAMILIAR.



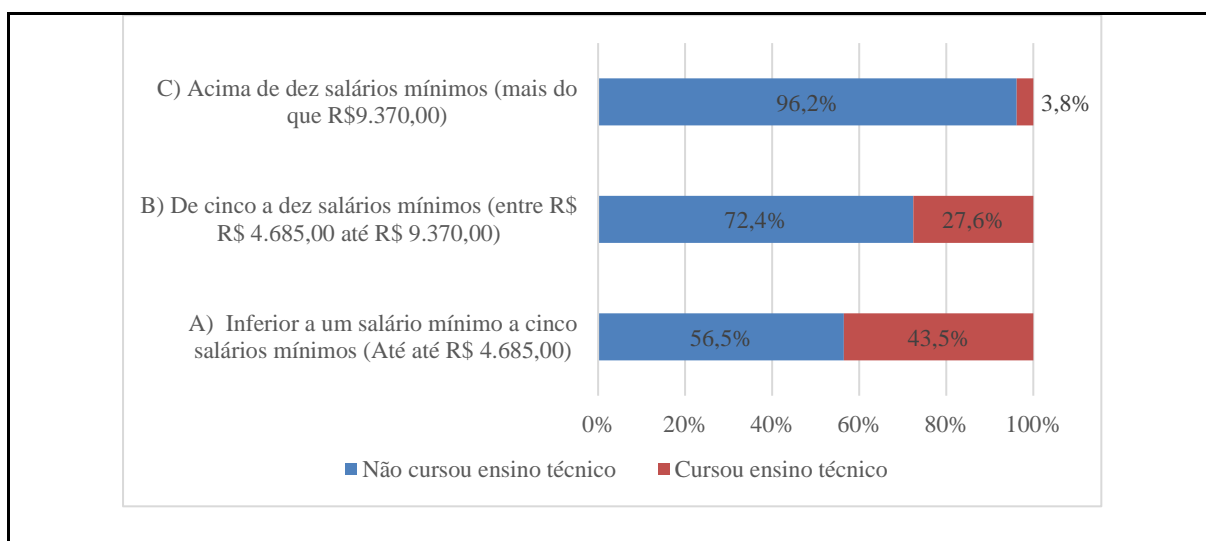
χ^2 : 5,565 - df: 2 - α : 0,062

O movimento da escola pública para o ensino privado, em geral, ocorre em sua maioria das vezes na categoria de renda B e um pouco menos na A. Os alunos dotados de maior capital econômico se fixam em escolas particulares, no que tange à categoria B. Seria compreensível a troca, diante de dificuldades financeiras vividas pela família, não sendo possível distinguir em quais condições se operam a troca. Ainda assim, as falas, quanto ao processo descrito ao longo das entrevistas, podem significar uma forma de insultar os alunos cotistas, ainda que a maior parte dos alunos entrevistados se refira à questão das cotas como “não problemática” com relação à sala. Trata-se de uma questão que deve ser investigada mais a fundo, visto que o dado

não nos permite afirmar ou desacreditar a denúncia. Em números inteiros, 5 alunos da categoria A realizaram a troca, 8 da categoria B e apenas 1 aluno da categoria C.

No que tange à modalidade do ensino médio, entre técnico e profissionalizante, a grande maioria dos alunos (75,6%) não cursou ensino técnico, contra 24,4% que fez ensino técnico em alguma instituição pública. O ensino técnico, sobretudo para quem tem planos de ingressar em uma universidade e vem de camadas médias da população, acaba servindo como “um plano B” diante de eventuais dificuldades relacionadas à vida profissional. Nesse sentido, e de maneira a caracterizar os alunos que realizaram ensino médio técnico, cruzamos a variável com as variáveis renda e escolaridade dos pais.

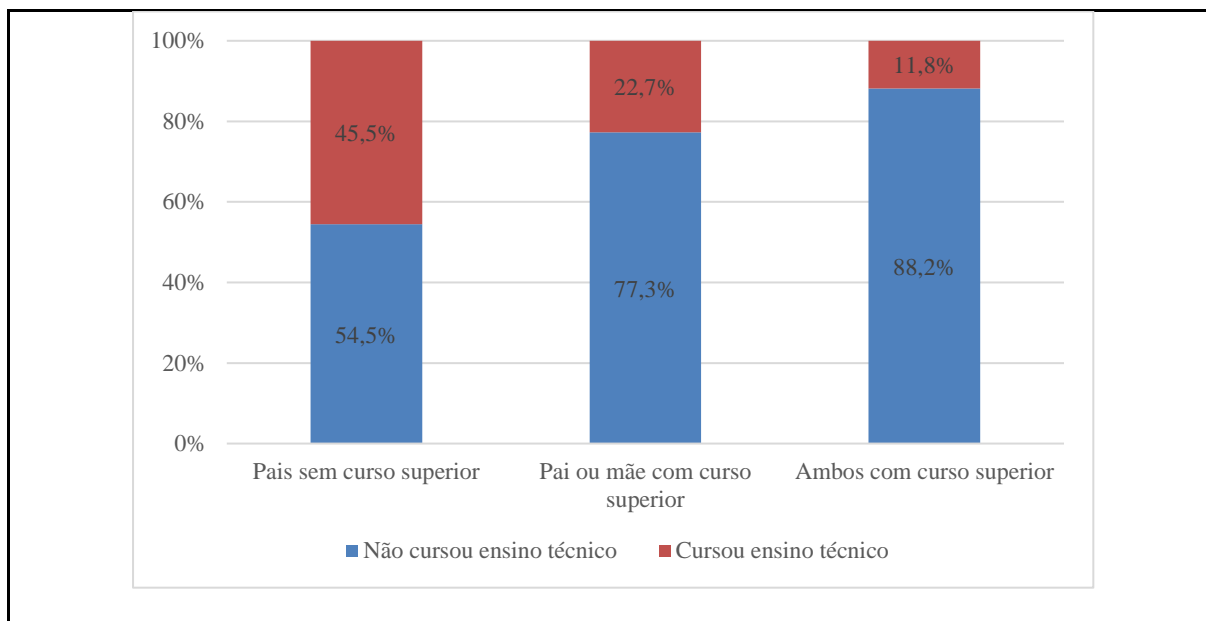
GRÁFICO 34 – RENDA X MODALIDADE DO ENSINO MÉDIO



X^2 : 10,665 - df: 2 - α : 0,005

Fonte: Elaboração Própria.

GRÁFICO 35 – PAIS COM ENSINO SUPERIOR X MODALIDADE DO ENSINO MÉDIO



$X^2: 8,272 - df: 2 - \alpha: 0,016$

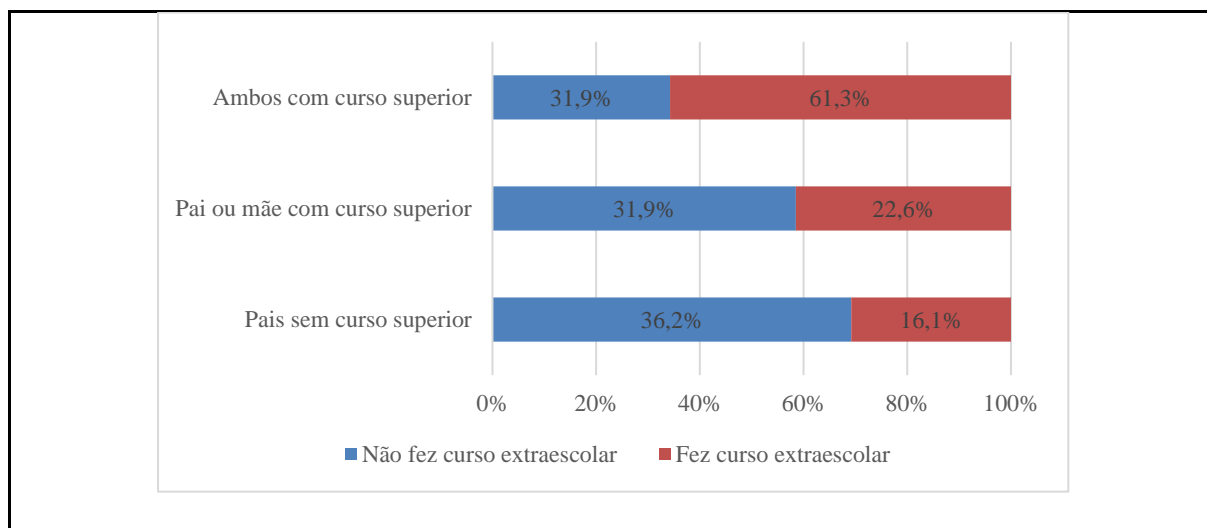
Fonte: Elaboração Própria.

Ainda que a questão do ensino superior dos pais esteja relacionada a ter ou não curso de graduação, vemos que nos dois casos quanto mais se vai para a hierarquia dominante dos eixos financeiro e intelectual, menor a tendência de ter cursado ensino médio profissionalizante. Conforme Bourdieu aponta (1996, p.47), existe uma tendência a atribuir um *status* inferior ao ensino técnico, assumindo positivamente o ensino geral. Devido à grande valorização e incentivo ao ensino técnico público e privado por parte do governo em seus diferentes âmbitos, este fica restrito às classes menos privilegiadas, enquanto os herdeiros da classe dominante investem de maneira mais geral no ensino médio tradicional em boas escolas. Isso se alarga quando analisamos a relação entre educação superior e o investimento em educação infantil onde, no caso dos filhos de ambos os pais com ensino superior, 91,2% das crianças estudaram em escola particular e apenas 2,9% em escola pública.

Esses investimentos tendem a se prolongar. Nesse sentido, o papel de formação dos pais acaba sendo determinante nas escolhas escolares para os filhos e seu futuro. Conhecer o *cursus* escolar, além de uma ideia geral de como funciona a graduação, permite que sua preparação seja mais precoce. Dos alunos que realizaram cursos extraescolares, encontram-se apenas 39,7% do alunado, contra 64% que não realizaram nenhum tipo de curso extraescolar, salvo

idiomas. Quanto aos cursos de idiomas, a grande maioria, 84,6%, realizou, contra 15,4% que não fez nenhum curso de idiomas. Esses dados e sua relação com o capital financeiro e cultural ficam mais claros nos cruzamentos com tais variáveis:

GRÁFICO 36 – PAIS COM ENSINO SUPERIOR X AULAS EXTRAESCOLARES

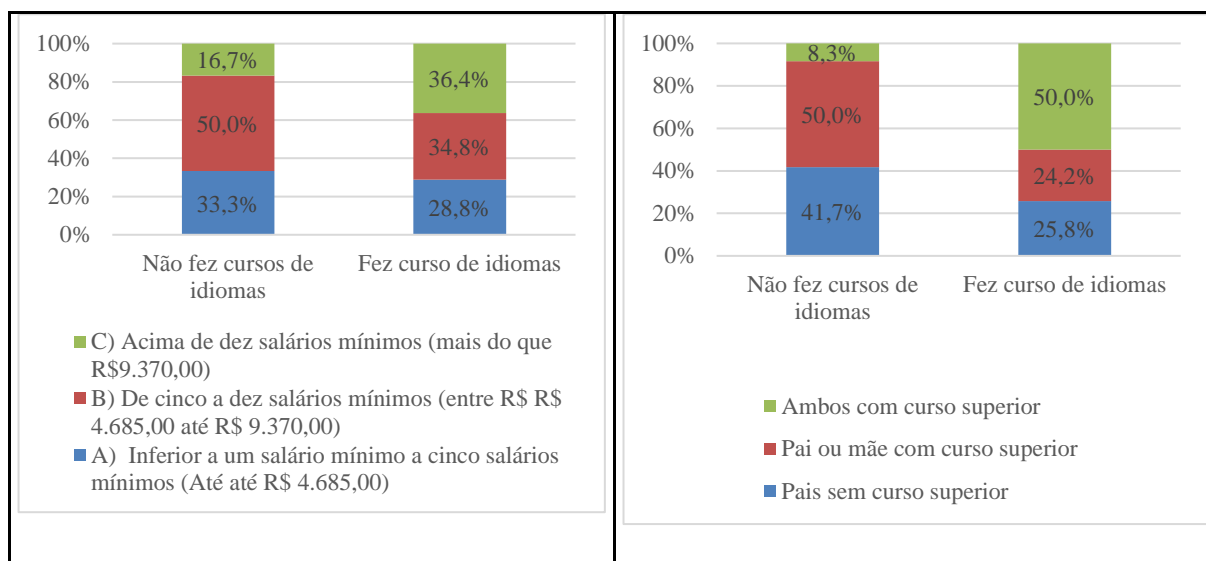


X^2 : 6,935 - df: 2 - α : 0,031

Fonte: Elaboração Própria.

O investimento em modalidades de cursos extraescolares tende a aumentar quanto maior o capital cultural institucionalizado dos pais, algo como uma diversificação do investimento no mercado de capitais, ou ainda uma diversificação da estrutura de capitais. Ainda que o capital cultural dos pais esteja diretamente ligado aos ganhos e a estrutura de capitais, como bem afirma Bourdieu, uma análise que se baseasse exclusivamente na renda, não poderia dar conta de explicar a totalidade de diferenças nas estratégias, atitudes e aptidões adotadas pelos agentes (BOURDIEU, 2014, p.23). O autor cita a pesquisa de Paul Clerc na qual o capital cultural não varia em função da renda para famílias com os mesmos diplomas, porém, diplomas de níveis diferentes e rendas iguais influenciam no êxito escolar do *alunato* (BOURDIEU, 2007. p.42). Essa relação fica muito clara quando observamos o investimento em cursos de idiomas:

GRÁFICO 37 E 38 – RENDA X CURSOS DE IDIOMAS E DIPLOMA DE PAIS COM ENSINO SUPERIOR X CURSOS DE IDIOMAS



X²: 1,880 - df: 2 - α : 0,391

X²: 7,344 - df: 2 - α : 0,025

Fonte: Elaboração Própria.

Os gráficos reiteram a teoria bourdieusiana, estabelecida no parágrafo anterior, uma vez que fazer curso de idiomas não varia tanto em relação à renda como varia em relação à formação dos pais, sendo esta positiva quando analisada. Os investimentos em oportunidades de aquisição de capital cultural escolar que são extraescolares têm sua tendência aumentada na medida em que sobe o conhecimento do campo escolar/acadêmico/científico. Como coloca Bourdieu, isso permite apostas mais fundamentadas com relação aos investimentos no novo capital.

Quanto ao consumo cultural, o alunado de Medicina é dotado de estratégias muito específicas. O capital de interesse é, de modo geral, o capital escolar ou o que pode ser mobilizado nesse sentido. As entrevistas apontam para um interesse no mundano cultivado, com algumas exceções. Muitos dos alunos se queixaram de rotinas muito pesadas, as quais acabam dificultando a maior parte das atividades culturais, sobretudo os que apreciam a leitura e sentiram que o ingresso na faculdade, ao contrário do que se esperava, puxou ainda mais a rotina já carregada dos candidatos ao curso de Medicina. Ainda assim, há um esforço positivo do alunado entrevistado em se engajar em atividades de cunho cultural diferente dos conteúdos debatidos em sala.

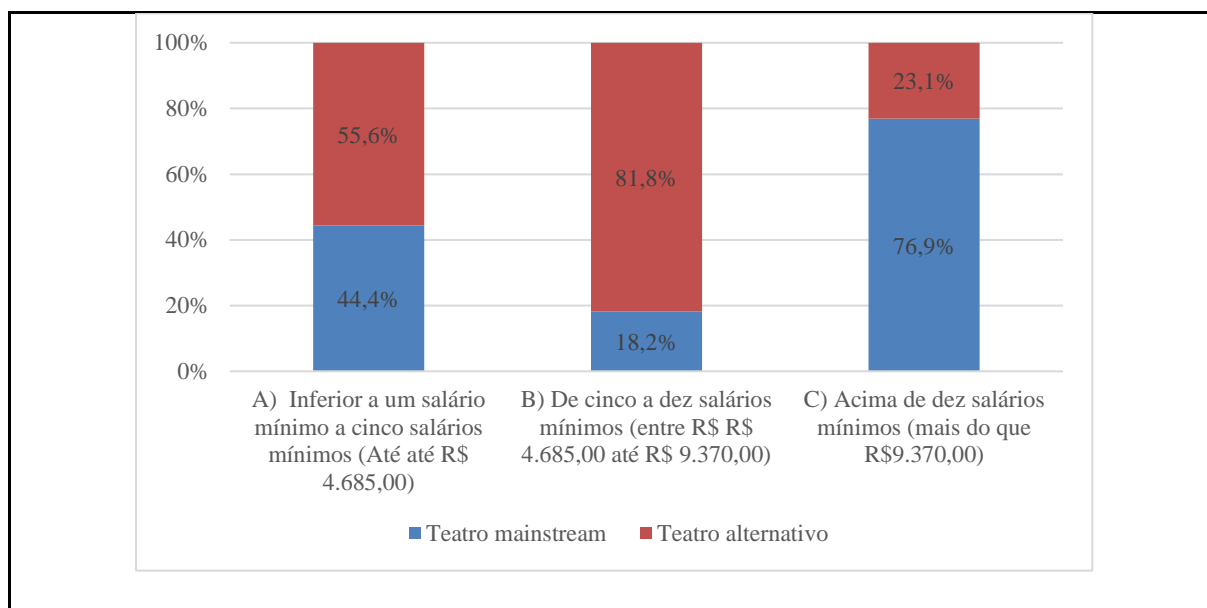
De consumo cultural, 71,8% dos alunos costumam ler livros fora dos relacionados ao curso, contra 28,2% daqueles que não costumam ler livros. A atividade em si aparece de fato como algo menor nos cursos de Medicina, com base no que vimos anteriormente, cujos alunos preferem focar em outras atividades. Os públicos que leem revistas (24,4%) e jornais (41,0%) são minoritários. Chama a atenção a leitura de periódicos de outras áreas (5,1%). Curiosamente, a modalidade cultural mais recorrente, depois da leitura de livros, entre os alunos são viagens internacionais, sendo que 55,1% dos alunos declarou costumar viajar para outros países fora da modalidade de intercâmbio. Quando questionados quais seus destinos durante as entrevistas, a maior parte dos alunos em geral viaja pelas Américas, conforme é possível enxergar no quadro sinótico no anexo.

Quanto a outras modalidades de consumo cultural das elites, os alunos foram questionados se frequentam museus, galerias, mostras ou exposições. 60,3% dos alunos respondeu que sim e 39,7% respondeu que não. Dos que responderam afirmativamente, 63% frequentam exposições do circuito cultural mais amplamente noticiado na mídia e de grande reconhecimento entre o senso comum, e 37% frequentam exposições de caráter alternativo para públicos mais específicos. Sobre o consumo de teatro, apenas 42,3% dos alunos declaram costumar frequentar. Quanto ao tipo de peça, dos alunos que responderam afirmativamente sobre a ida ao teatro, a maioria frequenta peças autorais e produções menores, correspondendo a 51,5%.

O cinema figurou entre a atividade cultural favorita dos alunos do curso de Medicina, frequentado por 89,7% do alunado, contra apenas 10,3% daqueles que não frequentam cinema. Dos que responderam afirmativamente, a grande maioria (85,5%) costuma ir a cinemas *mainstream* e comerciais, como Cinemark, preferindo filmes *blockbusters*, contra apenas 14,5% que frequentam salas de cinema alternativas, como Caixa Belas Artes ou o Reserva Cultural.

Quanto ao consumo cultural não foram encontradas relações entre os marcadores socioeconômicos ou culturais, salvo o teatro que apresentou um comportamento interessante quanto à renda dos alunos de Medicina:

GRÁFICO 39 – TIPO DE TEATRO QUE FREQUENTA X RENDA



$X^2: 8,312 - df: 2 - \alpha: 0,016$

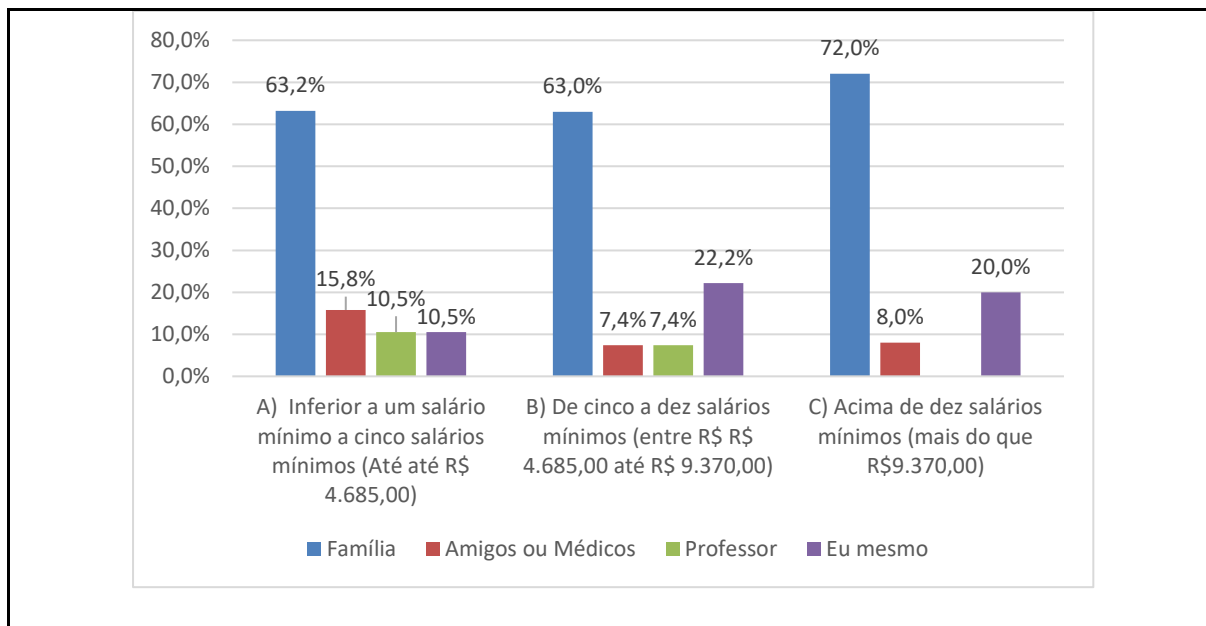
Fonte: Elaboração Própria.

O consumo de teatro é em geral pequeno, sendo em números absolutos reduzido a uma pequena parcela do alunado. O gráfico chama atenção pelas estratégias de consumo do grupo B no que diz respeito à renda e o grupo C. Podemos observar que os alunos mais abastados, em sua grande maioria, frequentam grandes produções, o que chamamos de “teatro *mainstream*”. A relação se inverte quando vamos para a parcela de renda B, na qual os alunos frequentam majoritariamente produções teatrais alternativas e autorais. O grupo A apresenta um equilíbrio entre ambas. Chama atenção a forte relação entre a renda e o tipo de consumo teatral no gráfico. As grandes produções são, de maneira geral, caras e de difícil acesso para um público de baixa renda, tendo o custo efetivo maior, assim como estratégia de aquisição de capital cultural de consumo elitizado. O alunado da parcela B dá ênfase a peças alternativas, as quais, no geral, apresentam um custo financeiro menor.

Na maior parte das entrevistas, quando questionados sobre o consumo cultural, os alunos diziam que o ingresso na UNIFESP por si só não alterava os hábitos de consumo cultural ou os seus gostos. Ainda assim, os grupos se dividiam entre aqueles que após o ingresso no curso passaram a realizar menos atividades culturais e os alunos que vieram do interior e, após a chegada em São Paulo, conheceram uma cultura diferenciada e passaram a consumi-la.

Sobre figuras importantes para a decisão de candidatar-se à faculdade de Medicina e críticas de familiares, ambas foram comparadas em relação à renda. A primeira, ainda que não se trate de uma relação direta, traz informações interessantes sobre como são validados o sentimento de se sentir apto para o ingresso no curso e a segunda, conforme o esperado, traz relações quanto à preocupação de outras pessoas com a escolha pelo curso:

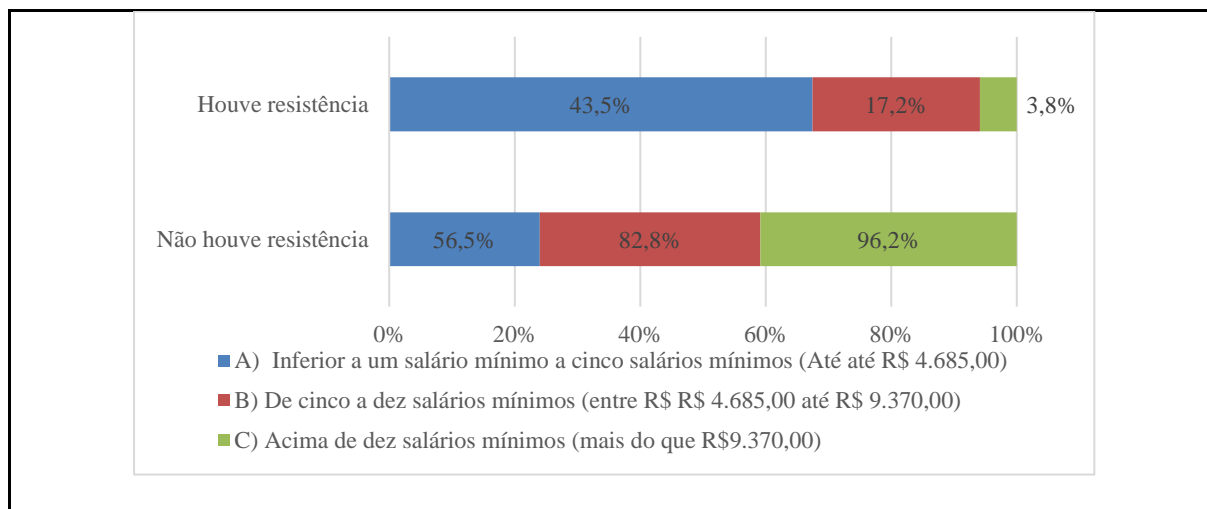
GRÁFICO 40 – FIGURA MAIS IMPORTANTE PARA A ESCOLHA DO CURSO X RENDA



$X^2: 4,386 - df: 6 - \alpha: 0,625$

Fonte: Elaboração Própria.

GRÁFICO 41 – RESISTÊNCIA DA FAMÍLIA QUANTO À ESCOLHA DO CURSO X RENDA



X^2 : 12,059 - df: 2 - α : 0,002

Fonte: Elaboração Própria.

Quanto à figura mais importante para a escolha do curso, nota-se que o papel da família é o mais importante em todas as categorias de renda, porém, ele é mais forte na categoria C, dos mais bem-nascidos. É interessante notar que os professores são mais importantes na categoria A, mas em todos os casos são os menos considerados. Curiosamente, muitos alunos responderam que foram eles mesmos os responsáveis por sua decisão de cursar Medicina, alguns com parentes médicos. Ainda assim, nenhuma correlação de classe, raça ou hereditariedade na Medicina foi forte o suficiente para uma afirmação. Apontar-se a si mesmo como pessoa mais importante para escolha do curso, a princípio, pode soar como uma certeza de si, cara às elites sociais pela profunda crença em seu ineditismo ou na força de suas qualidades pessoais (PULICI, 2014b, p.124). Porém, nota-se que alunos das diferentes faixas se apontam como as pessoas mais importantes para sua decisão quanto ao curso de Medicina e a faixa que mais sobressai é a faixa B. Ainda que o ingresso na faculdade de Medicina em si sirva como insígnia de distinção social e cultural, a falta de uma relação mais forte entre o dado com outras questões não nos permite apontar exatamente para o conceito, porém nos dá pistas para compreensão da visão de mundo do alunado de Medicina.

Quanto à resistência familiar, conforme se esperava, foi significativamente maior entre as categorias de renda A e B, o que está relacionado com um cálculo do destino provável desses alunos com base naqueles que consideram iguais. É importante salientar que as parcelas A e B

constituem metade do grupo de alunos da Medicina, sendo a outra metade de alunos da categoria C.

2.2.1 Iniciação Científica, vivência acadêmica e o ideal de trajetória dos alunos da faculdade de Medicina

Vimos que os perfis do alunado da UNIFESP têm diferenças conforme a adoção de estratégias quanto à sua trajetória pessoal, antes do ingresso na faculdade, mas no que tange às diferenças e oportunidades acadêmicas, os dados coletados não apresentaram diferenças relevantes quanto à classe, raça ou sexo do *alunato*. Ainda assim, algumas das falas durante as entrevistas são interessantes para compreender o sentido da atuação dos diferentes tipos de perfis, bem como suas aspirações pessoais e acadêmicas. Essas visões apresentadas pelos alunos dão indícios para interpretações sobre as diferentes oportunidades e o que elas representam no jogo acadêmico. A tabela a seguir agrega as respostas referentes à visão dos alunos sobre as possibilidades acadêmicas do curso de maneira objetiva. As respostas parciais e totais em concorda ou discorda foram agregadas em uma resposta só, enquanto o não conhecimento a respeito do assunto permaneceu como categoria à parte. A questão 73, que envolve o sentimento dos alunos em relação à liberdade de se expressar no *campus*, não possuía a alternativa A):

TABELA 10 – QUESTÕES A RESPEITO DA VISÃO SOBRE AS ATIVIDADES ACADÊMICAS NA UNIFESP²⁴

	64.	66.	68.	73.
A) Não tenho conhecimento	6,4%	9,0%	5,1%	-
B) Discorda	62,8%	42,3%	87,2%	37,2
C) Concorda	30,8%	48,7%	7,7%	62,8

Fonte: Elaboração Própria.

²⁴ **64.** Quanto à frase “A obtenção de um professor orientador e a realização de uma iniciação científica é um processo simples e de fácil ingresso”, você diria que; **66.** Quanto à frase “A participação em projetos de pesquisa e extensão com professores e outros alunos é aberto e de fácil ingresso”, você diria que; **68.** Quanto à frase “A participação em intercâmbios estudantis internacionais é um processo aberto, de ampla divulgação e de fácil ingresso”, você diria que; **73.** Quanto à frase “Me sinto à vontade na UNIFESP, tanto nas aulas quanto em outros espaços, não sinto qualquer tipo de pressão em relação a alunos ou professores. Sinto liberdade para dizer o que penso e me expressar sem constrangimentos quanto a minhas ideias ou posições”, você diria que:

Sobre a relação de um espaço de fala e posicionamento do alunado (questão 73), a maior parcela se sente confortável e livre para falar nos diferentes espaços do curso. É importante ressaltar que muitos dos entrevistados, quando marcaram dificuldade de se posicionar nos espaços da UNIFESP, afirmaram que tinham uma relação com inseguranças ou timidez. Mesmo assim, boa parte do alunado também relatou uma polarização política durante as aulas, sobretudo as aulas que envolvem políticas públicas na área da saúde, entre um grupo de alunos abertamente favorável ao SUS e outros, contra. Nesse contexto, vale também mencionar a visão declarada por uma entrevistada (46) quanto à impressão que tem da visão dos alunos do curso como “esquerdistas” ou “comunistas”. Alguns alunos também sentem que podem ser penalizados academicamente por tomadas de posição ou mesmo pela falta de um espaço de diálogo, pela sensação de não serem ouvidos.

Conforme pode se notar pela tabela, a oportunidade universitária que é mais amplamente acessível para os alunos são as atividades de extensão (questão 66). Quanto à participação de projetos de extensão, 55% dos alunos responderam que participaram de alguma das atividades de extensão. Diversas atividades foram mencionadas nas entrevistas, com destaque para duas que foram mais presentes. Primeiramente, a Abraços, a qual pode ser descrita como uma campanha de ajuda humanitária, na qual os médicos visitam pacientes, não na qualidade de alunos do curso de Medicina, mas de pessoas comuns, para conversarem com pacientes internados que estão longe de suas famílias ou não recebem visitas, com o objetivo de fornecer um alento psíquico. Outra atividade é o Hospital de Ursinhos, ligada à área pediátrica. Nessa, os alunos da faculdade de Medicina realizam o atendimento e um pequeno tratamento dos bichos de pelúcias das crianças conforme os sintomas por elas descritos. O objetivo é mostrar que não há motivos para que elas tenham medo de ir ao pediatra ou outras especialidades médicas.

Há também as ligas acadêmicas, que são aulas sobre um determinado escopo da Medicina, organizado pelos próprios alunos. Elas consistem em uma seleção feita através de um curso introdutório, de uma semana, e em seguida são realizados processos seletivos para o recrutamento dos alunos interessados. O controle e o método dos processos seletivos são de inteira responsabilidade e decisão de cada liga acadêmica. Apesar da organização feita por alunos e da diretoria sempre ser modificada conforme o ritmo estabelecido pelas regras de cada liga acadêmica, há supervisão e acompanhamento dos professores nas ligas, especialmente porque muitas delas têm atividades práticas da Medicina. Há grande interesse por parte dos

alunos devido à possibilidade de uma vivência prática do curso da Medicina, a qual demoraria ainda algum tempo.

As extensões, no geral, acabam contando como oportunidades a serem incluídas no currículo dos alunos e um fator de distinção. São organizadas por um conjunto de alunos do curso que assumem a direção do projeto de extensão, uma vez que completam um ano participando dele. As atividades das extensões, conforme vemos nas entrevistas, parecem mais abertas à participação dos alunos, sobretudo conforme expresso nas respostas dos questionários. Ainda é importante destacar seu valor de prestação de serviços à sociedade fora do papel de médico e também da integração social que isso traz ao curso.

Os intercâmbios (Questão 68) também se puseram enquanto uma possibilidade muito distante no imaginário dos alunos. Apenas 7,7% concordam que são possibilidades abertas e de fácil acesso, contra 87,2% do alunado que discorda. É importante ressaltar que nenhum aluno que tenha participado da entrevista realizou intercâmbio pela faculdade. Com efeito, ao longo das entrevistas, vemos que os intercâmbios se relacionam com duas questões importantes ao alunado de Medicina. A primeira, diz respeito à renda, aos programas de intercâmbio. Segundo, aos entrevistados, que não dispoem de bolsas de auxílio aos alunos contemplados com viagens de intercâmbio, esses podem contar apenas com sua família ou outras estratégias pessoais de custeio. Outra questão importante é quanto ao calendário do curso, que é bastante rígido. Na impossibilidade de reprogramação ou realocação das disciplinas, fazer intercâmbio significa “cair de turma”, o que em geral apela negativamente para os vínculos sociais estabelecidos com a turma de ingresso na faculdade, sobretudo num contexto que o capital de relações parece importante no campo médico.

A questão que nos pareceu mais intrigante, porém, foi a que diz respeito às bolsas de iniciação científica (Questão 66). Cabe mencionar que, de todo o alunado, 41% estava realizando, tinha interesse em realizar ou havia realizado iniciação científica no curso de graduação. O número oficial foi solicitado ao PROGRAD junto aos dados sobre a pesquisa de modo a verificar, através das informações oficiais, o tipo de alunado que havia conseguido participar do programa. O resultado, porém, foi incongruente, uma vez que o e-mail contava apenas com dois nomes oficiais. Durante as entrevistas, alguns alunos declararam ter conversado com os professores responsáveis, porém, ainda não tinham iniciado efetivamente a pesquisa. Em outros casos, os alunos haviam ingressado em outros projetos de pesquisa, já em

funcionamento pelos professores ou auxiliando outros alunos no doutorado ou mestrado, bem como alunos que já haviam iniciado suas pesquisas. É importante mencionar também, sobre as entrevistas, que boa parte dos alunos que relataram dificuldades em encontrar um professor orientador, ou ingressar em uma IC, já estavam em contato com professores. Ainda assim, no relato de suas experiências, o processo parecia simples, a visão quase sempre partia da experiência de outros alunos que não tiveram a mesma sorte.

Com base nas entrevistas, vemos que a iniciação científica, mais do que atender seus objetivos primários de inserir os alunos num processo de pesquisa baseado nas prerrogativas do método científico, funciona muito mais como um capital universitário de distinção e um caminho a ser adotado pelos alunos, algo que foge ao sentido inicial da atividade, especialmente quando 79,5% dos alunos responderam negativamente quanto ao interesse em seguir no programa de mestrado na UNIFESP ao final da graduação. A iniciação científica tem uma importância muito maior como um passo importante para o ingresso nas residências médicas. “A gente tem uma cultura muito forte de fazer iniciação, pelo menos, porque é uma coisa valorizada para a residência, e muita gente acaba fazendo por conta disso também”, “ah todo mundo faz, se eu não fizer...”, “se tornou algo tradicional...” como relata o entrevistado 6. Ou ainda: “você precisa fazer uma iniciação científica, senão você não é ninguém no mundo” aponta a entrevistada 24.

Diversos outros relatos dos alunos entrevistados falam a respeito da importância da iniciação científica como uma forma de “agradar” os avaliadores da residência. Esse contato primário, com outros alunos, professores e as mostras de proatividade, reforçam o caráter personalista da Medicina, que persiste em alguns espaços e áreas da UNIFESP. A sombra do fracasso de ingresso na residência se impõe fortemente aos alunos a ponto de parecerem bastante ansiosos com todas as complicações de ingressar em uma etapa que só deve ser vivenciada ao final do curso. A iniciação científica se concebe mais como uma obrigação não institucionalizada do que uma curiosidade pela área de pesquisa de fato, ou o interesse de integrar uma área acadêmica.

Quanto ao ingresso nas residências médicas, essas são entrecortadas por diversos fatores. A entrevistada 6 dá detalhes interessantes sobre sua visão a respeito dos cursinhos de residência. Tratam-se de cursinhos ministrados por médicos formados por grandes instituições, como a USP e a UNIFESP. As aulas preparatórias não são apenas sobre os conteúdos dos cursos

de Medicina, mas também sobre os caminhos e o *ethos* daqueles que vão realizar a avaliação, uma vez que o conhecimento a respeito dos outros profissionais também privilegiados permite saber quem são os professores envolvidos nas entrevistas, ou qual é a visão de um determinado programa ou departamento da Medicina, de maneira a se adequar o máximo possível ao que pode ser visto como positivo. Os cursinhos são em geral caros, como se espera, e cabe ainda falar das clivagens relativas às especialidades médicas e o ingresso em determinadas áreas mais ou menos valorizadas do campo médico. Além disso, há fatores como a instituição que se cursa e a relação do aluno para com ela, o que em si serve como um tipo de capital simbólico.

Com o que poderia se chamar de uma tímida, ainda que bem-vinda, popularização e democratização do acesso ao curso de Medicina, vemos que o diploma de Medicina perde um pouco de sua eficácia simbólica. Os novos agentes no campo descaracterizam, em parte, todo um perfil cristalizado no *habitus* e nas relações concebidas na Medicina ao longo de anos, como vimos no capítulo anterior. Como forma de defender o valor de seus diplomas e sua posição na hierarquia social, a elite da Medicina alça um patamar acima, ou seja, se a graduação se populariza, seja pela ampliação do ingresso de alunos ou pelo surgimento de novas escolas de Medicina, é necessário reestabelecer os critérios e o efeito de clube na pós-graduação, nesse caso, na residência.

O movimento vai em direção a uma profissionalização da carreira médica, e, como vimos, na relação com a iniciação científica o que está em foco não são projetos acadêmicos de formação para área das ciências e da pesquisa, ala historicamente dominada da Medicina. Como disse o presidente do CFM em sua crítica à ampliação de escolas de Medicina: apesar da expansão destas, o número de cursos de residência se manteve o mesmo. É evidente que o intuito das novas escolas é o de atender uma carência de médicos generalistas, e ainda que existam residências médicas de áreas generalistas, o interesse é de atuação mais imediata o possível. Estender os anos de estudo e protelar o ingresso no mercado de trabalho não seria um horizonte de contingência ideal no foco que o programa visa atender. Ainda assim, o efeito perverso seria o de que a Medicina se hierarquizaria numa nova etapa vertical, suprimindo a verticalização que tem mudado seu foco.

Ainda que as áreas cirúrgicas sejam as mais prestigiadas, observamos que é crescente uma preocupação cada vez maior com o estilo de vida nas entrevistas, uma vez que as áreas cirúrgicas demandam disponibilidade maior para o atendimento, e um maior tempo de formação

cumprindo duas residências. Outros trabalhos apontam para a preocupação com o chamado tempo livre e o controle dos horários de trabalho, o que influencia fortemente no estilo de vida que se escolhe adotar (SILVA, 2014, p.80; CRUZ, 2010, p.33; CORSI, 2014, p.214). Isso dialoga diretamente com um *habitus* específico e um desejo de distanciamento da ascensão pelo trabalho das classes emergentes, bem como um investimento em uma postura mais ascética em um cultivo de si, cara às elites sociais e culturais.

Observa-se ainda que a recomendação geral quanto à realização de todas essas atividades é que sejam feitas ao longo do segundo ano, que é um momento “mais tranquilo” do curso de Medicina, onde existem algumas “janelas” na rotina integral do curso. Ainda assim, nas entrevistas, boa parte dos alunos reclama das dificuldades que o curso impõe à sua rotina pessoal e o estresse excessivo. As posições mais valorizadas são as de realizar uma iniciação científica nas carreiras não-básicas, com as quais os alunos ainda não tiveram contato nem conhecem os professores. Nesse sentido, as variadas oportunidades de aquisição de capital social acabam auxiliando, visto que esse contato não é acessível pelo caminho escolar, ainda que seja cobrada uma desenvoltura ou conhecimento do *cursus* acadêmico que determinadas parcelas do alunado desconhecem ou têm dificuldade de conhecer.

2.2.2 Os redutos tradicionais da Medicina e as diferentes atuações no curso.

Os diversos espaços no campo da Medicina e suas atividades extra acadêmicas têm regras específicas e formas de acesso e vivência diferenciadas. A residência médica dá indícios desses locais de privilégio de uma determinada parcela do alunado do curso de Medicina, porém, por se oferecer enquanto possibilidade futura, não pode ser considerada enquanto uma instituição de uso e socialização dos alunos do curso de Medicina, sobretudo ingressantes.

Dessa forma, diversas instituições acabam representando um determinado *ethos* ao qual se vinculam, quer nas falas e nos seus posicionamentos de seus representantes legítimos, quer pela imagem simbólica que herdaram das visões de mundo do campo. Podemos pensar na clivagem tradicional das relações acadêmicas, sobretudo nos conflitos do Centro Acadêmico (CA) e a Atlética. As duas instituições se inserem no imaginário dos estudantes da faculdade de Medicina como opostas, muito mais em suas representações do que na sua composição ou alinhamentos.

Nas diversas entrevistas, se observa que a Atlética tem um trabalho de convite aos alunos ingressantes muito mais ativo, de ir buscá-los durante a matrícula, apresentar os diversos prédios da universidade, falando sobre o funcionamento da vida acadêmica e da importância da instituição para a UNIFESP e sua tradição, como vemos na entrevista 6: “[...] o que mais puxa é a questão da Atlética, quando você entra, a primeira pessoa que vem falar com você são os diretores da Atlética, para você treinar, e tem uma cultura muito forte da Atlética, de treinar forte”. Ao longo de seu *tour* pela UNIFESP, existem determinados acordos sobre a rota. A Atlética deveria mostrar o prédio do CA e permitir que os membros da outra instituição pudessem conversar com os alunos. Os relatos das entrevistas dão conta de que, em geral, os tratados são quebrados em prol do enfraquecimento da “outra instituição”, também formada por alunos de Medicina da UNIFESP que recebem a “pecha” de “esquerdistas” ou ainda “comunistas”, conforme relato de um dos membros, por mais que estes não se identifiquem abertamente com nenhuma vertente política.

O ingresso na Atlética e sua permanência demandam um investimento financeiro e pessoal. É exigida uma taxa de filiação anual, bem como o ingresso em uma ou mais modalidades. Muitos dos entrevistados falam da rotina puxada dos treinos da Atlética e como isso se inviabiliza para os alunos que moram mais longe do *campus*. “A impressão que eu tenho é que as coisas da Atlética são sempre muito caras, então você tem que ficar disponibilizando uma verba cada vez maior e, às vezes também, as reuniões e os eventos da Atlética vão até muito tarde” (entrevista 9). Além disso, muitos deles são incentivados a entrar em diversas modalidades. Em entrevistas, apontam alguma coação de participação dos treinos, alguns ocorrendo em horários de aula. Quanto à questão financeira, esta obviamente se impõe como um limitador para muitos dos alunos, sobretudo aqueles que vêm de origens mais humildes e em geral são cotistas. Além da anuidade, os membros devem arcar com os custos de seus equipamentos esportivos, bem como viagens e inscrições. Ainda que haja relatos da Atlética auxiliando financeiramente os alunos menos desprovidos desse capital financeiro, a sensação de não pertencimento aos espaços da Atlética marca boa parte dos relatos dos entrevistados sobre elas.

Os alunos participantes da Atlética que optam por não tomar parte de todos os treinos geralmente se classificam como “nerds” ou como sendo mais focados no propósito principal de seu ingresso na UNIFESP, o curso de Medicina, e que a atitude de priorizar a Atlética em

detrimento dos conteúdos acadêmicos seria uma inversão de valores sobre a importância do curso.

Observamos nos relatos sobre os alunos que fazem parte da Atlética que muitos dos membros da instituição de fato priorizam suas atividades em detrimento da faculdade de Medicina. A afirmação é sempre feita com um espanto e dificuldade de enxergar sentido na atuação dos colegas de classe filiados à Atlética, como vemos na entrevista 70: “[...] muitas vezes eles (membros da Atlética) faltam em aula, e eu não sou muito de faltar em aulas, ou deixam só para estudar por resumo, eu não consigo fazer isso.”

Ao desempenho e envolvimento acadêmico, somam-se outras questões apontadas nas entrevistas. Muitos dos alunos se queixam do uso deliberado de resumos da matéria ou de provas que já foram aplicadas em outros anos e em alguns casos têm seus gabaritos disponibilizados pelas turmas dos anos anteriores. A esses questionamentos e apresentação de pontos em relação às disciplinas, em geral os alunos não se sentem ouvidos ou levados em consideração, salvo em algumas matérias. “Teve uma aula [...] que era basicamente de devolutiva, de dar um *feedback* de como foi o curso. Literalmente todas as sugestões[...] para o curso foram acompanhadas da frase ‘é impossível’”, diz a entrevista 65. Isso acaba facilitando os processos de estudo dos alunos, sobretudo dos que não participam das aulas, dentre outras razões, pela necessidade de participar dos treinos da Atlética, prática defendida pelos alunos mais velhos como “tradicional”.

Com cada vez menos adesão às diferentes organizações que fazem parte do curso de Medicina, com exceção das ligas, a Atlética passou um questionário para os alunos visando entender as razões para o não interesse dos alunos em se filiarem, o que causa problemas de arrecadação para a instituição. Várias narrativas dos alunos apontam críticas dos membros da Atlética para os calouros, tanto dos ingressantes de 2016 bem como de turmas que vieram depois. A crítica vai sempre na baixa adesão ou ainda na falta de participação dos treinos da Atlética, como nas turmas anteriores. Muitos dos alunos da turma de 2016 criticaram bastante a instituição, Atlética, e o fato de colocarem a eles a fama de “revoltados” ou “revolucionários”. Os debates, em geral, enviam para questões de visão de mundo, as quais também se prolongam de posturas políticas. “[...] Ficamos meio como a turma ‘revoltada’. Eu acho que não temos um espaço de fala, não, não tem mesmo” (entrevista 9).

Dos entrevistados que foram membros da Atlética, outra questão de incômodo e desconforto vem da relação da instituição com agentes que os alunos da Medicina classificam como “velhos”. Velhos são os alunos já formados na graduação de Medicina que, dotados de autonomia financeira, patrocinam a Atlética em boa medida, dos grandes eventos às necessidades materiais da própria instituição. Os velhos, em geral, são apontados como pessoas de perfil mais conservador, com as quais os agentes entrevistados aparentam ter dificuldade em se relacionar. Ainda assim, a relação de necessidade da Atlética do capital dessas pessoas faz com que o espaço de fala e seu prestígio e influência seja bastante forte. Parte dos velhos também é composta de professores da UNIFESP.

Dentro da Atlética, destaca-se de seu patronato o evento chamado Banho. Trata-se de uma festa de grandes proporções para os alunos de toda a faculdade, financiada em parte pelos alunos e outra parte pelos velhos. A princípio, ninguém sabe o dia da festa, salvo os professores, havendo relatos de cancelamento de prova por conta do evento.

A Atlética se aproxima muito do que seria um bastião do que era o curso de Medicina na UNIFESP antes da abertura ocasionada pelas cotas, sobretudo pelo seu foco em defesa da tradição, relações com os alunos egressos e, principalmente, seu critério de recrutamento amplamente baseado nas necessidades de residir próximo do *campus* para conseguir participar da rotina de treinos, conforme apontado em algumas entrevistas. Isso é algo que se desdobra não só no local de residência, mas também no custo elevado de equipamentos e investimentos para participar dos diversos campeonatos e outros eventos esportivos. Ainda que não seja o objetivo ou prerrogativa, fazer parte da atlética envolve um determinado padrão social ou de *habitus* (BOURDIEU, 2011, p.88).

O efeito sobre a questão do *habitus* escolar e sua relação com o próprio mundo escolar, sobretudo em cursos socialmente reconhecidos, é apontado por Bourdieu (2007, p.53; 2014, p.34). O corpo escolar parece em muito reconhecer o valor dessas tradições e, como é esperado nos sistemas de educação, valoriza-se muito mais um distanciamento da cultura universitária, tão caro às atitudes das frações médias ou emergentes (PULICI, 2016, p.165). Dessa maneira, são valorizadas a participação de diversas atividades que privilegiam o contato com outros atores. No caso da Atlética, em específico com as elites médicas alinhadas ao perfil tradicional da UNIFESP. Com efeito, essas escolhas não são meras decisões racionais, mas alinhamentos com determinadas trajetórias e posições sociais que refletem na forma de atuação e vivência

universitária, a identificação com um determinado *ethos* que diz respeito a tomadas de posição nas próprias aulas.

Nessas tomadas de posição e atuação das elites econômicas do curso de Medicina, parece sobreviver os resquícios do surgimento do campo onde, em boa medida, as carreiras que Coradine (ano) destaca foram mais ou menos amparadas pelo capital de relações que montaram ao longo de suas trajetórias, pelo pertencimento ou não-pertencimento a uma determinada posição. Em diversas entrevistas são mencionadas as relações entre o ingresso em ligas acadêmicas prestigiadas, como a Liga do Trauma e outras das oportunidades institucionais, como a Atlética. Ainda assim, essas relações não podem ser tomadas como um fator de causa e efeito diretamente, mas sim, como um fator do acúmulo de relações desses agentes, que podem ser mobilizados para angariar um tipo de valor simbólico distintivo ao seu capital acadêmico, além do contato com outros agentes em posições mais valorizadas no campo.

Como uma das ligas mais tradicionais da UNIFESP, a Liga do Trauma se distingue de outras ligas acadêmicas como uma das únicas que apresenta em seu site sua data de formação, em 1997. O prestígio de tempo e tradição aparece como um diferencial em relação a outras ligas. “[...] Tem ligas que já estão na escola faz muito tempo e que são mais que o pessoal vai atrás” (entrevista 42). Além da Liga do Trauma, apenas outras 5 ligas acadêmicas ostentam em suas descrições suas datas de criação, sendo geriatria e gerontologia, a segunda também de 1997, e a de urgências cardiovasculares, de 1999. As duas primeiras possuem entrevistas em seu critério de recrutamento e têm seu processo seletivo como um dos mais concorridos, além de ser uma área citada como valorizada em algumas das entrevistas. Outro indício de reconhecimento da Liga do Trauma foi ter tido um simpósio de comemoração de seus 20 anos, sendo a única com um anúncio do evento no site oficial da universidade²⁵. A Liga do Trauma se descreve como vinculada a departamentos de cirurgia e de cultura científica, focada na promoção de desenvolvimento e difusão das pesquisas em traumatologia.

Em muitas das entrevistas, os alunos apontam relações entre a Atlética e a Liga do Trauma. “Boatos, né? Então, por exemplo, falam que a Liga do Trauma [...] fazem então uma prova e uma entrevista e aí eles perguntavam na entrevista se você era da Atlética, e parece que

²⁵ Disponível em <<https://www.UNIFESP.br/campus/sao/noticias/725-liga-academica-do-trauma-da-epm-UNIFESP-comemora-20-anos-em-simposio>> acessado em 20 de julho de 2018

aí isso te dava alguns pontinhos a mais [...]” (entrevista 46). Ou ainda: “a gente percebe que estranhamente as pessoas que entram na Liga são as pessoas que têm um vínculo com a Atlética” (entrevista 24). Ainda assim, tais afirmações partem de boatos e impressões pessoais dos alunos, cabe um cuidado em sua consideração. Ademais, a questão está presente no imaginário do alunado, o que aponta para o que no conceitual Bourdieusiano poderíamos entender como parte do *habitus*, incrustado nos alunos, na forma de *hexis* corporal, além de um *ethos* específico que distancia os novos agentes que ingressam na Medicina e não se sentem à vontade nesses espaços pertencentes a determinadas categorias sociais. “[...] Esse pessoal fica mais na Atlética ou em barzinhos mais caros, e não sei... Talvez o jeito de se vestir também, porque... Não tem jeito, eles se vestem melhor, eles não pegam metrô lotado, não vêm morrendo... [...]” (entrevista 70).

Observamos que boa parte das relações no campo da Medicina, mesmo que agora completamente institucionalizada, ainda passam por relações sociais e de amizade entre alunos e professores. Tais relações também possivelmente se prolongam em outras modalidades, como as residências. É importante ressaltar o caráter dessas relações de amizade, tão caras às elites econômicas e sociais, que não se dão de maneira calculada e também não são exclusivas do campo da Medicina, mas operam em relação a áreas institucionais mais calcadas nas atitudes pessoais dos alunos, de procura e engajamento, ou ainda em suas qualidades socioeconômicas para participar desses espaços e assim amplificar seu capital de relações.

As áreas de ortopedia e traumatologia mantêm sua estabilidade como umas das especializações mais procuradas, segundo Machado (1997), e também dá aos profissionais um alto controle sobre suas rotinas de trabalho por sua atuação clínica e em alguma medida também cirúrgica. Isso é importante em um momento em que os agentes do campo médico passam a buscar rotinas que permitam menos estresse e os procedimentos técnicos passam a ser mais valorizados no aspecto social em virtude de sua “imagem” de atuação médica *per se*.

Apesar de um destaque menor se comparada a áreas como a neurologia ou a neurocirurgia, a ortopedia parece congrega um perfil de alunado específico, gerando um pouco do efeito de clube demarcado, sobretudo pelo aspecto socioeconômico, que, como vimos, é o marcador que revela mais relações entre as características dos ingressantes do ano de 2016 no curso de Medicina.

CAPÍTULO 3: AS POSIÇÕES E DISPOSIÇÕES DOS AGENTES NA FACULDADE DE MEDICINA DA UNIFESP

3.0 ANÁLISE DE CORRESPONDÊNCIAS MÚLTIPLAS COMO FORMA DE MAPEAR O CAMPO

A Análise de Correspondências Múltiplas (ACM), como explica Klüger (2018), é um método utilizado por Pierre Bourdieu em diversos trabalhos para representar espaços sociais a partir de dados qualitativos dos agentes entre dois eixos. Assim, pode se observar a posição dos alinhamentos no espaço social conforme as propriedades sociais com maior força de atração. A técnica é interessante porque se alinha muito bem com o conceito de campo do autor, um espaço social de disputas entre agentes pela representação legítima daquele local. A distância desses agentes dos centros e em relação às propriedades os situa em determinados quadrantes, e cada um deles representa uma posição no campo alinhada às propriedades que os caracterizam com maior força – ou magnetismo, como na metáfora escolhida por Klüger – entre os eixos avaliados, as diferenças na estrutura de capitais, estratégias de acumulação e investimento. Dessa forma, os agentes são como corpos soltos no mesmo espaço em que estão as propriedades e se posicionam conforme as forças de atração das propriedades que melhor os identificam – como partículas em torno de corpos magnéticos –, o que oferece elementos para uma compreensão visual dos embates pela manutenção ou conquista de posições, bem como os princípios de hierarquia que se estabelecem em função da distribuição desigual dos recursos.

Logo, a proximidade de um grupo de agentes em certa posição ou quadrante determina uma homologia do *habitus*, e a distância marca as diferenças entre os agentes e grupos. Isso pode ser visto na relação entre determinadas propriedades (capitais) nas ACM, especialmente no caso da Medicina, em que a conversão do capital financeiro em recursos específicos ou marcas de distinção das classes superiores está principalmente relacionada à renda das famílias, a qual, por sua vez, determina em alguma medida o grau de instrução dos pais.

Os dados para a confecção das análises de correspondências múltiplas foram extraídos da coleta de dados primários realizada com os alunos do curso de Medicina. No primeiro momento, conforme as recomendações de Klüger, a análise se restringiu apenas à interface quantitativa da pesquisa, de maneira a evidenciar as características, as principais diferenças e

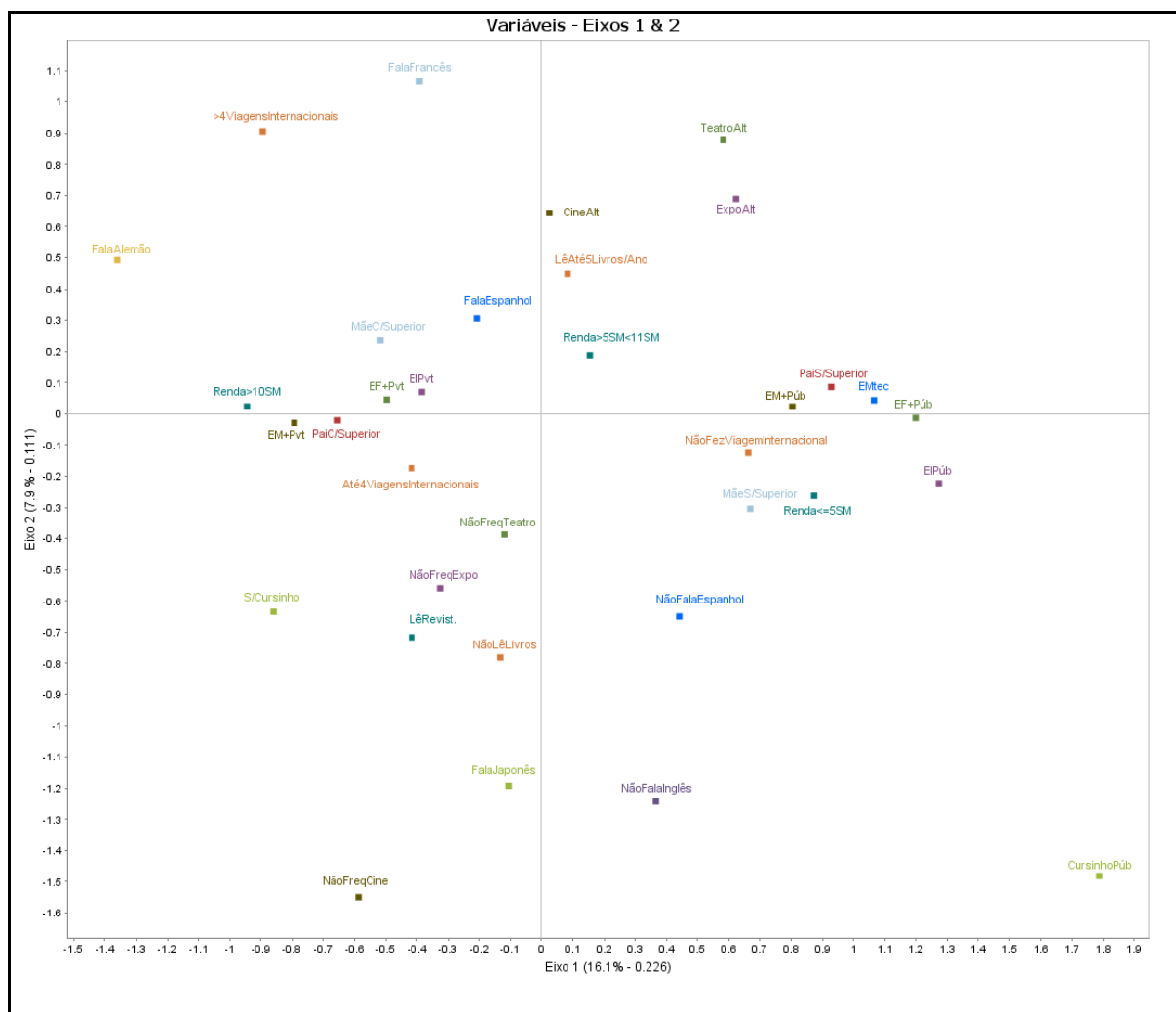
os pontos de congruência dos grupos formados. Os dados coletados foram agrupados, tratados e recodificados em variáveis categóricas que pudessem ser projetadas no gráfico da análise de correspondências múltiplas²⁶.

Tais relações não devem ser entendidas como causais. A proximidade de propriedades não significa de imediato uma relação entre esses indivíduos ou modalidades, seja nos espaços de reunião ou ainda da comunhão de um *ethos*; trata-se, primeiramente, de uma afinidade que, à luz dos dados, organiza os agentes em prováveis meios de consumo cultural e estilo de vida dentre outras características possíveis. Ainda assim, as propriedades têm correlações múltiplas e, por mais que nos permitam vislumbrar tais afinidades e levantar hipóteses sobre as tomadas de posição, as relações entre as propriedades e os agentes são complexas e inesgotáveis, trazendo à baila da discussão novos aspectos de distinção entre os grupos dominantes e os dominados.

Além disso, a análise de correspondências múltiplas permite dimensões de verificação das hierarquias horizontais e verticais do campo conforme a força magnética (ou gravitacional) das propriedades (modalidades) mais raras do campo. A elaboração e definição das propriedades é feita a partir das respostas dadas nos questionários e suas possíveis reagrupações durante o tratamento. As variáveis suplementares, a princípio, não foram projetadas, a fim de tornar o agrupamento de modalidades de determinados grupos e agentes mais claro. A seguir, a ACM com variáveis ativas e a tabela das modalidades do eixo 1 e 2; optou-se por não agrupar rubricas.

²⁶ Para mais informações ver: KLÜGER, Elisa. Análise de correspondências múltiplas: fundamentos, elaboração e interpretação BIB, São Paulo, n. 86, 2/2018 (publicada em outubro de 2018), pp. 68-97.

GRÁFICO 42 – ACM DAS VARIÁVEIS ATIVAS²⁷.





Fonte: Elaboração Própria.

TABELA 11 – TABELA DE MODALIDADES ATIVAS (M):

Variáveis	Modalidade	Eixo1 (2,08)	Eixo2 (2,08)
20	76 (44 Ativas e 32 Suplementares)	16,1	7,9
@ 15ACM.MãeSuperior	MãeC/Superior	3,3	1,4
	MãeS/Superior	4,3	1,8
@ 16ACM.PaiSuperior	PaiC/Superior	5,6	0,0
	PaiS/Superior	7,6	0,1

²⁷ Todos os gráficos de ACM possuem versões ampliadas nos anexos.

@32ACMEI	EIPúb (Ensino Infantil Público)	7,4	0,5
	EIPvt (Ensino Infantil Privado)	2,3	0,2
	SemEI (Sem Ensino Infantil)	0,0	0,6
@33ACMEF	EF+Púb (Ensino Fundamental Público)	9,4	0,0
	EF+Pvt (Ensino Fundamental Privado)	3,7	0,1
@35ACMEM	EM+Púb (Ensino Médio Público)	7,1	0,0
	EM+Pvt (Ensino Médio Privado)	6,8	0,0
@37ACMEMTEC	EMtec (Ensino Médio Técnico)	6,1	0,0
	SemEMtec (Ensino Médio Comum)	2,0	0,0
@38ACMCursinho	CursinhoPúb (Cursinho Público)	1,8	2,5
	CursinhoPvt (Cursinho Privado)	0,1	0,7
	S/Cursinho (Sem Cursinho)	1,9	2,1
@40bACMLivros	Lê>5Livros/Ano	0,0	0,0
	LêAté5Livros/Ano	0,1	4,2
	NãoLêLivros	0,1	7,8
@42ACMRevistas	LêRevist.	0,9	5,7
	NãoLêRevist.	0,3	1,8
@43ACMJornais	LêJornais	0,0	1,3
	NãoLêJornais	0,0	0,9
@45ACMExposições	ExpoAlt (Exposições Alternativas)	1,9	4,7
	ExpoConv (Exposições Convencionais)	0,0	0,8
	NãoFreqExpo (Não Frequenta Expo.)	1,0	5,8
@47ACMTeatro	NãoFreqTeatro (Não Frequenta Teatro)	0,2	3,9
	TeatroAlt (Teatro Alternativo)	1,6	7,6
	TeatroConv (Teatro Convencional)	0,4	0,2
@49ACMCinema	CineAlt (Cinema Alternativo)	0,0	2,4
	CineConv (Cinema Convencional)	0,1	0,6
	NãoFreqCine (Não Frequenta Cinema)	0,9	12,5
@53ACMInglês	FalaInglês	0,0	0,0
	NãoFalaInglês	0,1	1,8
@54ACMEspanhol	FalaEspanhol	0,7	2,9
	NãoFalaEspanhol	1,4	6,1
@55ACMFrancês	FalaFrancês	0,3	5,3
	NãoFalaFrancês	0,0	0,6
@56ACMAlemão	FalaAlemão	0,5	0,1
	NãoFalaAlemão	0,0	0,0
@57ACMJaponês	FalaJaponês	0,0	4,9
	NãoFalaJaponês	0,0	0,4
@50ACMViagemInternacional	>4ViagensInternacionais	2,5	5,2
	Até4ViagensInternacionais	1,6	0,6
	NãoFezViagemInternacional	4,4	0,3
@76ACMRenda	Renda<=5SM	5,0	0,9
	Renda>10SM	6,6	0,0

	Renda>5SM<11SM	0,2	0,6
Negativo:  Positivo: 			

Fonte: Elaboração Própria.

De início, a observação dos eixos nos permite tecer análises para compreender o agrupamento e disposição das variáveis no espaço social. Vemos que o eixo 1 do gráfico, horizontal, tem como maiores modalidades negativas o ensino médio em colégio de dependência administrativa privada, seguido da renda acima de 10 salários mínimos, enquanto as positivas mais fortes são o ensino fundamental em escola pública seguido do pai sem diploma do ensino superior. Quanto ao eixo 2, vertical, as modalidades com maior força negativa são não frequentar cinema, seguida de não ler livros, e as de maior força positiva são frequentar teatro alternativo e proficiência em língua francesa.

A tendência de alinhamento no eixo 1 é em relação à estrutura de capitais, sobretudo o capital econômico e os investimentos no novo capital, que se alinham em torno de um horizonte comum: os recursos financeiros para investimento em oportunidades de aquisição de capital cultural, que pode ser evidenciado nas viagens internacionais, o tipo administrativo das instituições educacionais que cursou nas diferentes etapas, ensino médio técnico, não fazer cursinho. Nota-se que os investimentos dos agentes no novo capital também estão relacionados com os pais possuírem ou não diplomas de curso superior, o que, conforme vimos anteriormente, também está associado às diferentes faixas de rendimento familiar dos agentes, enquanto as modalidades que sugerem faixas medianas nas questões acabam se posicionando mais ao centro do eixo, evidenciando as polarizações observáveis através do acúmulo de diferentes recursos na estrutura de capitais dos agentes e também nos tipos de estratégias de reconversão de capitais empregadas pelas famílias.

Já no eixo 2 é possível observar a polarização por diferentes oportunidades de perfis de consumo de capital cultural e, principalmente, algum nível de proficiência em diferentes idiomas. Observa-se que as oportunidades alternativas de consumo de capital cultural se alinham do lado positivo do eixo, e que a proficiência em idioma se opõe entre duas modalidades, tendo o francês como uma propriedade intelectual rara em comparação ao japonês. Nesse sentido, a frequência das modalidades de culturas *mainstream*, como a proficiência em língua inglesa, se encontra no ponto médio na relação entre os eixos, o que mostra um baixo magnetismo nas relações entre os diferentes capitais.

De posse de uma breve análise sobre como se organizam os eixos, passamos para a visão sobre os quadrantes e os perfis de agentes situados no campo da Medicina. Cada quadrante pode ser interpretado como uma tipologia analítica onde se enquadram os agentes respondentes do questionário, o que nos ajuda a compor diferentes possibilidades de explicação de projeções de *ethos* que aparecem ao longo das entrevistas, bem como compreender suas estratégias pessoais de atuação, que poderíamos chamar de uma dimensão de seu *habitus* enquanto atitude baseada em estruturas que compõem e também são compostas e reiteradas por esses indivíduos.

No primeiro quadrante estão os alunos que poderiam ser classificados como dominados dominantes, com remuneração mais próxima das categorias médias do curso de Medicina. Ainda assim, esses indivíduos agrupam propriedades que demarcam um bom investimento em oportunidades de aquisição de capital cultural dentro de suas possibilidades. Provavelmente limitados pela baixa renda de suas famílias, esses agentes frequentam os circuitos alternativos de arte e cultura, como cinemas, exposições e teatros. Ao contrário do que se poderia esperar no contexto do campo médico, as oportunidades de circuitos alternativos funcionam de maneira compensatória por serem mais baratas e por vezes gratuitas, sobretudo quando comparadas a grandes exposições ou produções teatrais de grandes companhias, marcadas por preços inacessíveis às classes menos abastadas. Esses agentes representam uma camada da classe média que mira seus esforços em emular a formação cultural ampla das elites, porém adaptadas à sua realidade. Há de se mencionar que nesse quadrante também está situado o ensino médio técnico, ainda que não tão distante do quadrante 4, o que aponta novamente para as estratégias de compensação e do que poderia ser entendido como diplomas de garantia para o caso de possíveis dificuldades em seus objetivos principais.

O segundo quadrante tipifica o topo da hierarquia na faculdade de Medicina, onde é possível observar o acúmulo de diversos tipos de capitais, sobretudo os relacionados à proficiência em idiomas (francês e alemão), além dos altos investimentos em capital escolar e oportunidades de aquisição de uma cultura cosmopolita mediante a realização de viagens internacionais. As viagens internacionais são um critério de distinção importante quando pensamos no imaginário do *alunato* quanto a intercâmbios, e podemos observar que é o quadrante que as realiza em maior número, além de ser caracterizado por investimentos mais precoces em educação quando comparado ao quarto quadrante, por exemplo. Aqui encontram-se os alunos dominantes dominantes do curso, dotados de uma gama de vivências e acúmulo de capital cultural muito rentável, já que a experiência internacional e a proficiência em outros

idiomas além do inglês são marcadores de distinção importantes. Nesse quadrante também está a modalidade de mãe com curso superior, tradicionalmente importante na relação dos agentes com o capital escolar e cultural de maneira mais ampla.

O terceiro quadrante concentra agentes da outra camada média do alunato de Medicina que, devido a um maior poder aquisitivo, investe mais em oportunidades de aquisição de capital cultural (como as viagens internacionais, por exemplo) e detém marcas de um capital cultural herdado, como o pai com ensino superior. Tais propriedades reiteram, por sua vez, investimentos em capital escolar e caracterizam o grupo dos dominantes dominados.

O quadrante é marcado sobretudo por investimentos pragmáticos para aquisição de capital escolar na forma de diplomas e de algumas experiências internacionais. Porém, o desapego geral da cultura aponta para um conjunto de experiências mais próximas do senso comum, não chegando a ser parte do que poderia ser entendido como mundano cultivado. A não adesão às diversas modalidades de práticas culturais, sobretudo cinema e leitura, que parecem mais comuns a todos os indivíduos, mostram um foco da ascensão pelo conhecimento pragmático e técnico. Neste quadrante também está a maior parte dos alunos que ingressaram no curso sem necessidade de realizar cursinho e se destaca a proficiência em japonês.

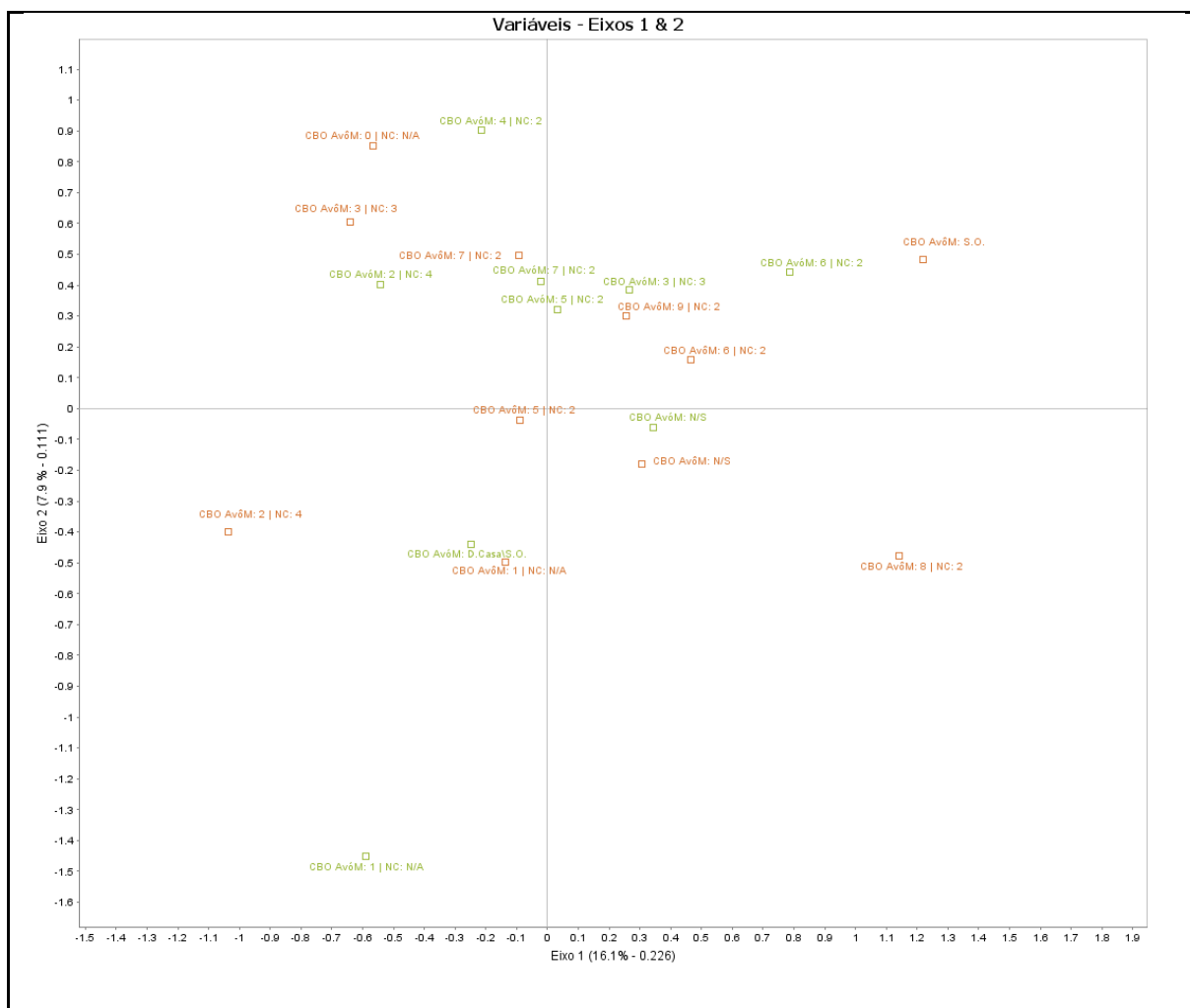
No quarto quadrante localiza-se o polo de menor capital econômico do curso de Medicina, marcado pela renda inferior ou igual a 5 salários mínimos, estando entre os dominados dominados. O quadrante é marcado pela negativa de tudo que se encontra no quadrante 2: os agentes não realizaram viagens internacionais, suas mães não possuem diploma de ensino superior e eles não têm proficiência em nenhum outro idioma. Destaca-se ainda a falta de conhecimento em língua inglesa, cujo domínio é comum à maior parte dos outros agentes. A modalidade que se destaca com maior força é a de cursinho em instituição pública, bem como a falta de investimentos em capital escolar, marcados pelo ensino fundamental e infantil em escolas públicas.

Ajustando o foco para a análise dos distanciamentos e aproximações de cada um dos quadrantes na formação de possíveis tipologias para compreensão do campo da faculdade de Medicina, destaca-se a polarização do eixo 2 pela oposição entre as proficiências nos idiomas japonês e francês. É provável que o grupo do quadrante 3 seja formado por descendentes de japoneses, os quais compõem 14,3% da amostra. A modalidade de baixa renda nos quadrantes 1 e 4 parece um fator associado forte, mas a mãe sem ensino superior se alinha ao quadrante 4,

o que, conforme debatemos, tem grande influência nas escolhas de consumo cultural dos agentes e na formação de seus objetivos escolares. O quadrante 2 se diferencia do 3 pela modalidade das mães que cursaram graduação, que está posicionada no lado positivo do eixo 2.

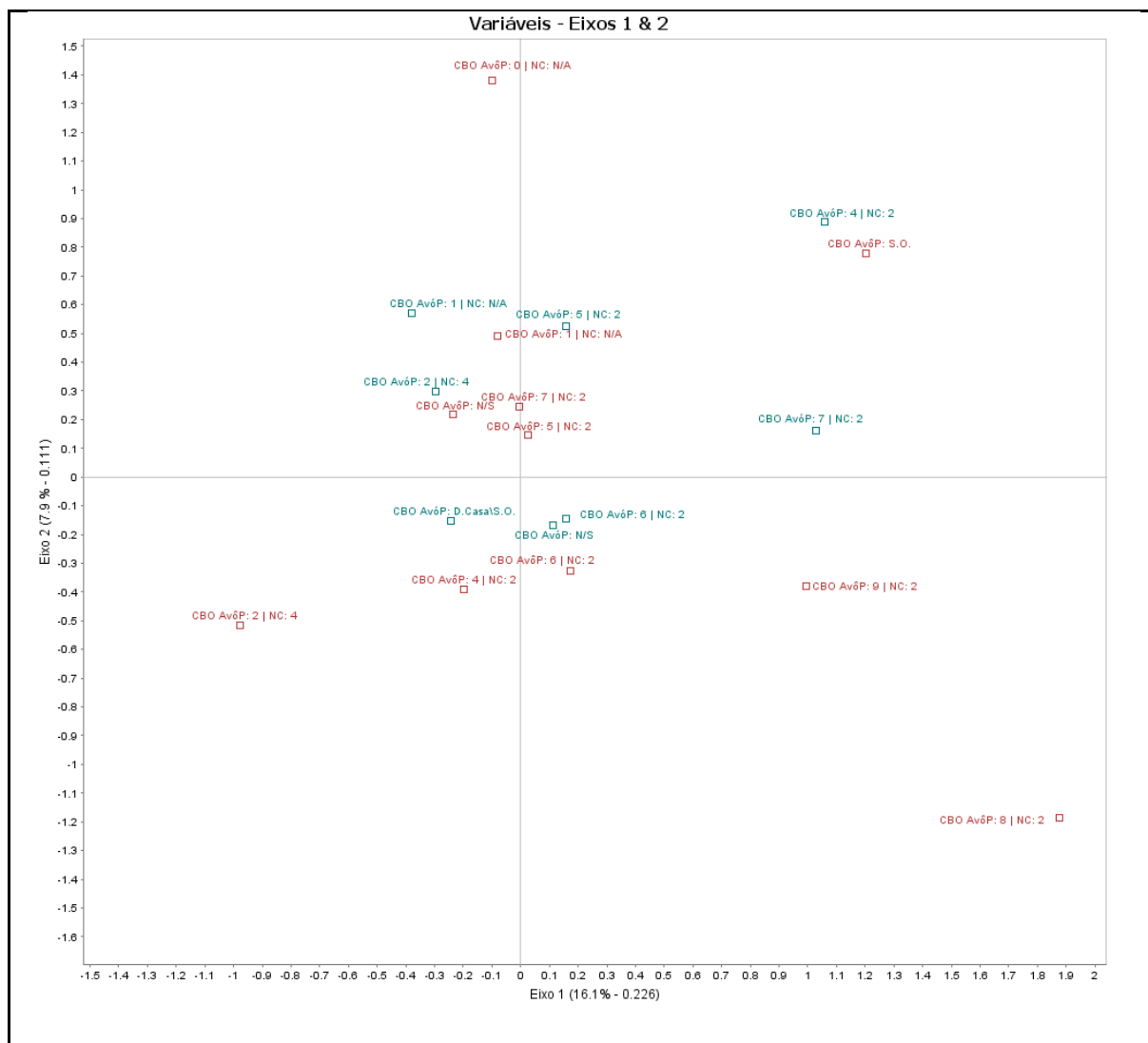
Ainda sobre herança, à ACM é interessante a questão da ocupação dos pais e dos avós. É possível perceber que as diferenças familiares, sobretudo das elites tradicionais com uma estrutura de capitais que engloba capital financeiro e capital cultural, se enquadram no típico perfil de eleitos. Nesse sentido, as ocupações dos avós maternos e paternos foram reclassificadas nos parâmetros da Classificação Brasileira de Ocupações 2002 (CBO2002). Tais ocupações foram classificadas a partir das respostas aos questionários aplicados aos alunos, sendo analisadas enquanto modalidades suplementares:

GRÁFICO 43 – ACM DA CBO DOS AVÓS PATERNOS.



Fonte: Elaboração Própria.

GRÁFICO 44 – ACM DA CBO DOS AVÓS MATERNOS



Fonte: Elaboração Própria.

TABELA 12 – TABELA DE GRANDES GRUPOS E NÍVEL DE COMPETÊNCIA (NC) DA CBO 2002

CBO 2002 – Grandes Grupos/ Títulos		Nível de Competência (NC) ²⁸
0	Forças Armadas, Policiais e Bombeiros Militares	Não definido
1	Membros superiores do poder público, dirigentes de organizações de interesse público e de empresas e gerentes	Não definido
2	Profissionais das ciências e das artes	4
3	Técnicos de nível médio	3
4	Trabalhadores de serviços administrativos	2
5	Trabalhadores dos serviços, vendedores do comércio em lojas e mercados	2
6	Trabalhadores agropecuários, florestais, da caça e pesca	2
7	Trabalhadores da produção de bens e serviços industriais	2
8	Trabalhadores da produção de bens e serviços industriais	2
9	Trabalhadores de manutenção e reparação	2

Fonte: <http://www.mteco.gov.br/cbsite/pages/informacoesGerais.jsf>

Observamos a tendência de reprodução de determinados padrões socioeconômicos no alinhamento das formações e herança das relações culturais, ou ainda das reconversões do capital financeiro em capital cultural. Vemos que, em ambos gráficos, o maior número de avôs com ocupação de profissionais das ciências e das artes, e que também detêm maiores escores de Nível de Competência, está no segundo quadrante, enquanto a maior parte dos avôs com formação superior encontra-se no terceiro quadrante. O quadrante 2 também engloba os avôs maternos e paternos com ocupações militares e os avôs paternos em quadros dirigentes, enquanto os avôs maternos em quadros de comando estão no quadrante 3. Conforme vemos em Pulici (2014, p.111), é mais comum para as classes dominantes manterem memórias de seus

²⁸ A CBO 2002 possui 4 níveis de classificação de competências. O nível 4 reúne os profissionais de nível superior constantes do GG 2. O nível 3 refere-se aos técnicos e profissionais de nível médio, constantes do GG 3. Os GGs 4, 5, 6, 7, 8 e 9 majoritariamente referem-se aos trabalhadores de nível 2. N/S refere-se aos alunos que não sabiam a informação a respeito da ocupação do membro da família. enquanto S.O. é sigla para sem ocupação.

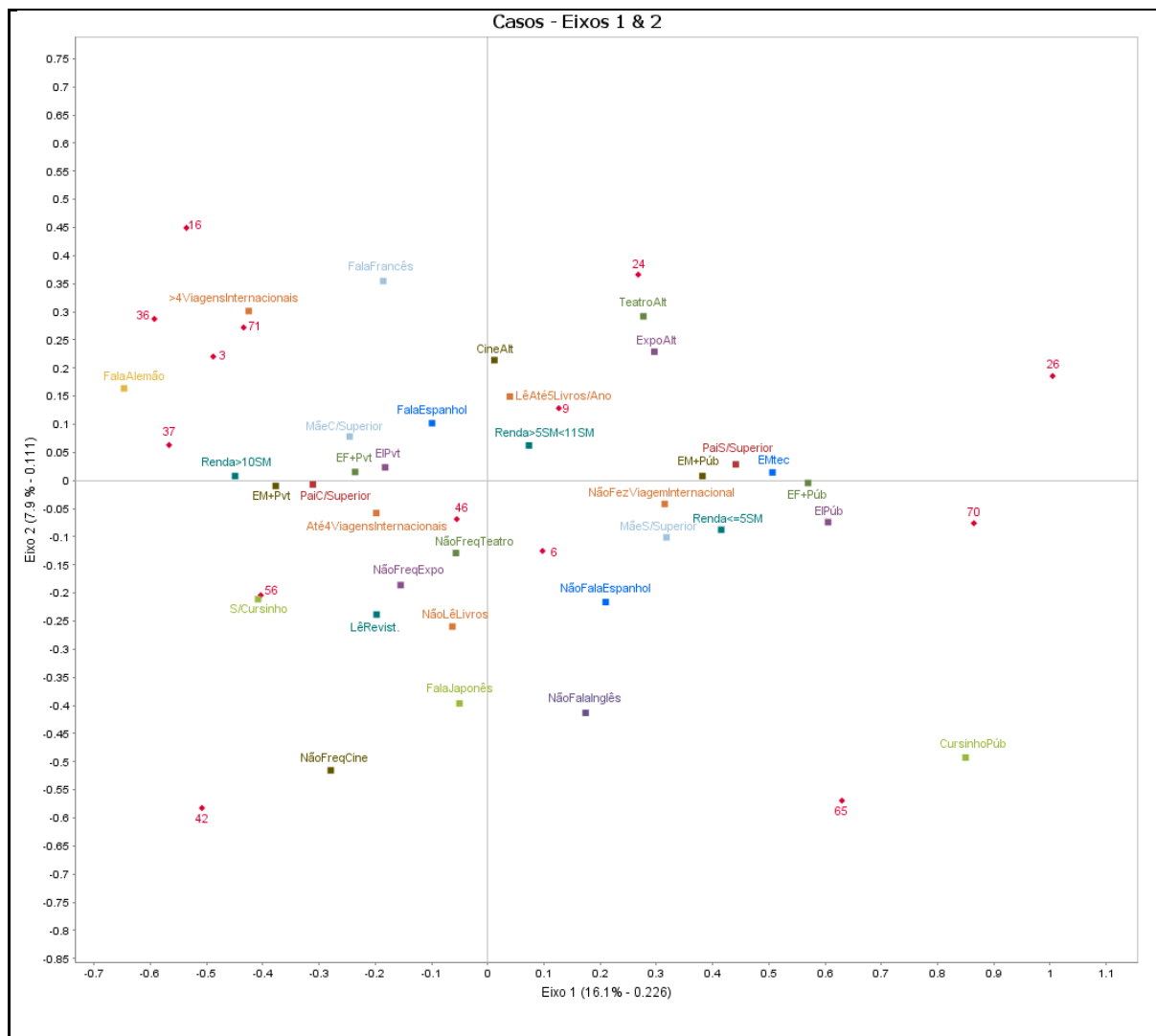
antepassados através de diversos tipos de registros privados ou públicos que se mantêm dos mais ilustres. O que se confirma ao observamos que é mais comum não saber a ocupação dos avós maternos e das avós paternas no quadrante 4, onde se agrupam os agentes desprovidos de capitais formalmente reconhecidos.

Quanto aos avós com ocupações na agropecuária, vemos que a maior parte deles se encontra no quadrante 1, no caso dos avós maternos, e no quadrante 4, no que diz respeito aos avós paternos. Esses fatores também se relacionam com as estratégias de produção e reprodução dos padrões familiares, bem como influenciam na formação do horizonte dos possíveis dos agentes. Destaca-se a posição da modalidade avó materna empregada na categoria 1 da CBO, caracterizada por cargos de chefia ou gerência, localizada no terceiro quadrante e como modalidade rara, enquanto a modalidade equivalente no outro gráfico, a ocupação da avó paterna na categoria 1, se localiza no quadrante 2 em uma posição próxima do centro do gráfico.

Observa-se uma tendência de manutenção de determinadas posições e alinhamentos, principalmente no que tange aos deslocamentos horizontais na ACM. Optou-se pelos avós em virtude de sua relevância e considerando que a relação dos alunos com os pais já foi em boa medida caracterizada e contemplada na primeira ACM pela perspectiva de seu grau instrução, que está associado ao tipo de ocupação. É também uma forma interessante de observar as trajetórias familiares dos agentes entre ascensões ou quedas nas ocupações. A tendência geral é a da manutenção e reprodução das posições, tanto das modalidades sociais quanto das modalidades de capital cultural que refletem os investimentos possíveis da geração dos avós na geração dos pais, revelando também a composição da estrutura de capitais disponível aos agentes pesquisados.

De posse de uma primeira análise das propriedades e dos agrupamentos do alunado, e de como se evidenciam as propriedades e o recrutamento social, passamos ao próximo quadro de ACM, que situa os alunos entrevistados na associação com às diferentes modalidades que os posicionam nos quadrantes. A visualização do alinhamento desses agentes nos dá alguns indícios para interpretar suas tomadas de posição e composição de estratégias ao longo do curso.

GRÁFICO 45 – ACM DAS MODALIDADES ATIVAS E OS ENTREVISTADOS.



Fonte: Elaboração Própria.

Observa-se que a maior parte dos entrevistados (cinco) está no quadrante 2, enquanto os quadrantes 1, 3 e 4 possuem cada um o mesmo número de agentes (três). O quadro sinóptico mostra alguns pontos em comum quanto às narrativas dos alunos.

De saída, é possível notar que boa parte dos agentes à esquerda do gráfico possuem pelo menos um parente médico. É interessante destacar que os alunos que mencionaram eles mesmos como a figura mais importante para escolha do curso estão situados no quadrante 2, o que foi interpretado como um traço de certeza de si típica dos herdeiros no sentido atribuído por Bourdieu (2014) em sua obra homônima. Além disso, quase todos os agentes entrevistados do segundo quadrante possuem familiares na Medicina com parentesco próximo: o único que não possui é filho de engenheiros, outra das profissões com alto grau de reconhecimento social.

Outra característica interessante das projeções dos alunos é a de que a maioria declara um bom desempenho ao longo de suas trajetórias escolares. Ainda assim, nas respostas gerais dos questionários, os professores alcançam índices baixos na importância pela escolha da faculdade de Medicina. A escola, em alguma medida, é um elemento de validação importante na construção da ideia de se julgar apto para os processos de recrutamento e ingresso em um espaço elitizado como a Medicina. A única exceção é o entrevistado 65, que se encontra bastante polarizado no quadrante 4.

É quase unânime entre os entrevistados a importância de ajudar outras pessoas como fator de escolha pela faculdade de Medicina, o que está de acordo com o censo realizado pelo CFM (2018, p.67). Tal atributo parece importante para os ingressantes em Medicina de uma maneira geral, e a isso se alia o imaginário daquilo que a Medicina e o ingresso na faculdade representam para o grande público: uma nobreza que não opera apenas pelo *status* da classe médica, mas também pela característica de dedicação social de sua atuação.

3.1 OS AGENTES, SUAS REPRESENTAÇÕES E A POSIÇÃO QUE OCUPAM NO CAMPO

No intuito de verificar homologias de posição e projeção nos discursos dos alunos com base nas ACM, passamos para a análise mais detida de quatro dos agentes. A reconstrução das trajetórias pessoais nos permite entender as propriedades socioculturais que foram importantes para o alunado na escolha pelo curso, especialmente as diferenças e congruências entre os agentes em posições dominantes e dominadas no campo que se estabelece na faculdade de Medicina. Optou-se por avaliar quatro alunos que representam os espaços no campo no qual estão inseridos e se relacionam de maneira clara com as modalidades que definem os quadrantes, bem como a recomposição de suas estratégias objetivas de ingresso no curso, de vivência universitária e suas projeções pessoais e profissionais.

3.1.1 O miraculado

O entrevistado 65 se sobressai com relação aos outros entrevistados por seu perfil fora da curva no que se espera tradicionalmente de um aluno da faculdade de Medicina. Nascido e criado na capital paulista, declarou ao longo da entrevista que suas vivências pessoais e suas perdas são os principais motivadores para o interesse pelo curso, mesmo que, em um primeiro momento, não pareça a ele uma coisa óbvia. A vivência do ambiente médico que teve com a perda de sua avó e as dificuldades de saúde da irmã de alguma forma suscitaram boa parte de seu interesse e objetivos quanto ao curso, este segundo caso se mostrando mais vivo em seu discurso, que também se vincula com a sua escolha de especialidade, a cirurgia pediátrica. As experiências pessoais sem dúvida estabelecem razões subjetivas dos indivíduos na construção de seus desejos e de como se sentem pertencentes ou não a determinados espaços, porém, as políticas públicas debatidas anteriormente restabelecem e modificam em boa medida as regras do jogo e as possibilidades objetivas de ocupação desses espaços.

Um dos sinais conflitantes ao observar o quadro sinóptico é quanto à figura mais importante para o agente, que disse que ninguém importou. Em um primeiro momento, é possível pensar nisso como uma marca da certeza de si que vemos nas elites, e assim o foi durante o tratamento dos dados e a requalificação de algumas das variáveis. No entanto, ao longo da entrevista percebemos que a interpretação foi um erro; há uma diferença sutil entre as

respostas "eu mesmo" dada pelos outros agentes e "ninguém" dada pelo aluno em questão. Diferente de dizer "eu mesmo", que de fato compreende-se como certeza de si, o agente opta por dizer "ninguém", que não o enquadra na resposta. A opção do aluno remete mais a uma falta de tal figura do que à confiança que a responsabilidade no ingresso da faculdade de Medicina deve-se tão somente a seu empenho.

O miraculado tem uma trajetória cheia de percalços: dificuldades familiares, uma mãe com formação superior tardia e de baixa qualidade, cuja ocupação tem rendimentos parcos que sempre o obrigaram a pensar nas suas estratégias de sobrevivência. O miraculado de fato não tem fatores sociais ao seu lado ou um acúmulo de capital cultural que de alguma maneira poderia ser herdado. Vemos que sua principal referência neste caso é a irmã que ele admira, com uma formação dividida entre duas faculdades, uma tradicional e outra mais popular. A admiração pela irmã se dá principalmente pela facilidade de comunicação e expressão.

Tendo a irmã como modelo, sua estratégia inicial era se ajustar economicamente primeiro através de uma carreira que lhe desse boas condições. Incentivado principalmente pela irmã, que havia conseguido um bom emprego por meio de sua trajetória por uma das universidades particulares tradicionais do direito, seu primeiro plano foi o de se formar também em direito, em uma boa escola. Como explica o agente, o nome e tradição da instituição de formação de um advogado é o que abre ou fecha portas, o que pode colocá-lo em uma área de prestígio ou em uma área menos reconhecida do direito, como o direito trabalhista.

O miraculado tem uma visão bastante crítica sobre as diferentes áreas do direito e como elas dialogam com um *habitus* de classe muito específico daqueles que se enquadram nessas posições. Conforme comenta, se reconhece o advogado pelo terno que ele usa. Ele destaca ainda que se trata de uma projeção mais do que da atuação em si, sobretudo quando comenta suas atividades enquanto estagiário e a obrigação de realizar o trabalho braçal de terno. Com efeito, o conhecimento do *cursus* o auxiliou a mirar nos pontos-chaves necessários para manutenção de seus meios de vida, sobretudo amparado na experiência da irmã. O ingresso na universidade se deu através do PROUNI, tendo sua irmã se responsabilizado para ajudá-lo ao longo da graduação. Cabe ainda ressaltar que das estratégias e avaliações sobre o mercado de diplomas imposto pelo novo capital, conhecer a instituição da qual se faz parte é chave para o sucesso das estratégias objetivas organizadas com um fim racional. Ainda que esteja em um quadrante de alunado caracterizado sobretudo pela falta de uma estrutura de capitais capaz de lhe oferecer

suporte, o fato da mãe e a irmã terem diplomas de bacharel em direito mensura objetivamente os ganhos na carreira.

Com uma trajetória escolar marcada pela instabilidade financeira e um sentimento de não pertencimento àquele espaço, a migração da escola particular que cursou durante o ensino fundamental para a uma escola pública trouxe novos ares às suas impressões de si mesmo. A sensação de estar deslocado dos espaços comuns dos mais bem-nascidos é uma marca constante em suas narrativas e possível marca das diferentes violências simbólicas vivenciadas ao longo de sua trajetória. A estratégia comum às camadas médias dos alunos de Medicina de ingressar no ensino médio técnico não era viável ao agente, devido à necessidade de estar sempre apto a trabalhar se fosse necessário. Mesmo tendo cursado o ensino médio em uma escola que disponibilizava a modalidade de ensino técnico, não o fez.

Dado o conjunto de suas propriedades técnicas e escolares, bem como o perfil de alunos da faculdade de Medicina, empenhar-se na universidade era encarado como impossível pelos seus familiares, com base em suas visões do horizonte dos possíveis. A experiência na faculdade de direito apenas reforçou a sensação de violência simbólica da vida escolar, tanto no estágio, que havia se empenhado em conseguir no começo do curso por questões financeiras, como na própria universidade. Dos diversos marcadores dessas vivências se destacam a atitude dos alunos para com o curso e o sentimento de isolamento por ser um aluno que ingressou através do PROUNI. No estágio, a cena do almoço em que sua opção por um alimento pouco nutritivo por questões financeiras é encarada como um mal hábito, "coisa de gente jovem". O que o agente chama de falta de senso também marca sua vivência na UNIFESP quando se refere aos alunos que têm vivências de realidade muito dispares das suas, o que ele enxerga mais como uma inocência do que de fato fruto de uma violência simbólica que demarca espaços.

A saída da faculdade de direito exigiu um preparo racional sobre quem seriam seus próximos, em um momento atribulado de vida do entrevistado 65, em que se operava um rompimento com seu apoio mais racional sobre as vivências escolares – a irmã –, passando a poder contar apenas com a boa vontade materna em relação ao seu empenho de ingresso na Medicina.

O agente encontrava no cursinho uma válvula de escape da sua realidade. Ingressou no cursinho popular da USP para Medicina e era lá que encontrava um reforço positivo para seu empenho, bem como era onde colhia informações sobre o funcionamento do curso de Medicina.

Ao longo de sua narrativa, vemos que a tendência é apontar a sorte do acaso para suas escolhas acertadas; suas qualidades pessoais de racionalizar seus passos e viabilizá-los de maneira concreta em nada se assemelham com a atitude esperada, em que os alunos ao malograr em seus empenhos desistem ou escolhem metas sem viabilidade prática (BOURDIEU, 2007, p.49). Com efeito, conhecer de antemão as bolsas e auxílios do governo federal disponíveis para manutenção no curso, dada a impossibilidade de trabalhar pela duração integral do curso, foi uma forma de encontrar possibilidades viáveis para o ingresso no curso de Medicina. O aprendizado com as falhas ao longo do vestibular tornava-se, em sua narrativa, indícios de sua proximidade dos pontos necessários para o ingresso na faculdade de Medicina da USP.

A UNIFESP, de maneira geral, ainda se estabelece como um prêmio de consolação para os alunos que não lograram sucesso no vestibular da FUVEST, dado o menor reconhecimento da instituição em face da força simbólica que a sigla USP detém no imaginário popular. No entanto, o prêmio é bem-vindo, e apesar de se preparar para a vivência em outra instituição, o agente se adequa aos meios da UNIFESP e tem claro o objetivo de retornar os recursos ofertados em capital cultural que recebeu no cursinho popular, o que motiva sua disposição em dar aulas e auxiliar alunos desprivilegiados.

A vivência na UNIFESP soa diferente da faculdade de direito. Apesar dos relatos das diferenças entre os agentes em sua vivência, como a questão do pagamento da formatura ou da frustração em abandonar a modalidade da Atlética devido à alta necessidade de investimentos financeiros, estas são mitigadas pelas experiências e trocas com os alunos com quem compartilha um *ethos*. É notável a mudança de atitude mencionada na relação com seus familiares mais distantes, e clara a noção de que o ingresso no curso representava *per se* uma forma de ascensão, um aspecto do ganho de capital simbólico ligado à profissão e também ao potencial da conversão do diploma em capital financeiro.

A escolha por uma especialização se daria pela identificação com a área no discurso do aluno, que se aproxima da ideia de vocação e autonomia das escolhas, para além da questão do prestígio e dos lucros simbólicos ou materiais das diferentes áreas de especialização. A relação do agente com a modalidade de especialização que o atrai, a saber, a cirurgia, é de estranhamento por conta da desumanização dos pacientes por seus pares como se fossem meros objetos de estudo, e também a do perfil dos alunos interessados na área cirúrgica, ainda que o agente se identifique mais com um perfil pragmático e direto. Ainda assim, em sua visão e do

seu círculo social, a Medicina da família parece uma escolha possível, alegando que a maior parte dos alunos evita a área pelo lucro um pouco menor do que o esperado quando comparado à média salarial médica, algo que seria de importância menor para os alunos advindos de classes desprivilegiadas.

O efeito de pares é bastante presente e acaba sendo um diferencial do perfil de atuação do alunado no curso, mas as maiores dificuldades de comunicação são com os chamados “velhos”, mais difíceis de lidar por suas visões conservadoras sobre as instituições do curso, como a Atlética, marcada como espaço de conservação das tradições da Medicina na UNIFESP. Além disso, os alunos veteranos seriam dotados de um poder simbólico em uma lógica hierárquica que aumenta de maneira proporcional ao tempo que está no curso.

Ainda que salvo pela escola num sentido geral, a identificação com a cultura escolar/universitária se dá de maneira estranhada, e o mesmo vale para outras oportunidades de aquisição de capital cultural não relacionadas ao curso de Medicina. A visão sobre si é de um aluno mediano, porém engajado em diversas atividades, como ligas acadêmicas, iniciação científica, dentre outras oportunidades de expansão de um capital de relações. A distância das atividades culturais, mesmo as mais mundanas, parece calçada na renda e numa dificuldade de acesso desde cedo. Suas ações, de maneira geral, parecem se relacionar com o perfil do cirurgião, mais pragmático e voltado para fins, o que está de acordo com a posição que ocupa na ACM e com as modalidades de aquisição de capital cultural. Suas estratégias se concentram no capital cultural institucionalizado, na forma de diplomas e de certificados que atestem sua competência e revalidem seu local social, aposta que afirma ter funcionado até então.

3.1.2 A Ascendente

A entrevistada 26 encontra-se no primeiro quadrante, e, ao contrário do entrevistado 65, representa parte do alunado cujas mudanças causadas na morfologia social propiciaram a reavaliação de suas possibilidades a partir de seus pares. Uma vez que seus pais não podem transferir seu conhecimento sobre a vida escolar e acadêmica aos filhos, em geral a inspiração para o ingresso na faculdade se dá pela medida em relação a seus pares, bem como a afirmação positiva da escola e revalidação de suas esperanças subjetivas de lograr sucesso em um dos cursos de vestibular mais concorridos.

Dessa maneira, a entrevistada 26 conta que o fato de um de seus amigos próximos ter tido êxito em vestibulares de cinco faculdades de Medicina, das quais ela cita três como públicas e das mais concorridas, reiterou a fé nela mesma e nas suas possibilidades. Conforme discutido anteriormente, as possibilidades e metas subjetivas se estruturam pela medida daqueles que se considera em uma posição semelhante na hierarquia social, o que por sua vez orienta o conjunto de atitudes viáveis dentro do panorama em que se observa. Até então, sua avaliação era de que Medicina era um curso restrito àqueles que herdaram a profissão dos pais.

O sucesso de seu irmão mais velho, que conseguiu ingressar em uma universidade federal, foi o que pavimentou o caminho possível para o seu ingresso na faculdade, que se estabeleceu enquanto possibilidade real quando aderiu a uma iniciativa do setor privado que funcionava como reforço às aulas do ensino fundamental mediante a aprovação em um exame. Espelhando-se na trajetória do irmão, seguiu o mesmo caminho e também cursou ensino técnico em uma das melhores escolas estaduais de São Paulo. O caráter profissionalizante do curso se assemelhava muito ao seu propósito principal, o de estudar Medicina.

O projeto proposto pela iniciativa privada em sua cidade era focado em uma metodologia de ensino mais autônoma, onde os alunos eram responsáveis por realizar seus roteiros de estudos e tarefas. Em caso de dúvida, era possível procurar um professor que explicava rapidamente o modelo que deveria ser aplicado aos exercícios recomendados. Os professores estavam disponíveis uma vez na semana e procurá-los seria o recurso final, modelo muito diferente da escola em que cursou o fundamental.

O pioneirismo do irmão a ajudou em diversos sentidos, ainda que este não tenha cursado Medicina. Quando necessitou de cursinho e de uma rotina de estudos compatível com seu objetivo, ela relata que seus pais foram compreensivos e a apoiaram em muito, considerando o sucesso do irmão em uma universidade federal.

A vontade de cursar Medicina surgiu cedo, desde criança, segundo relata a entrevistada. Ainda assim, como na entrevista anterior, a atuação está marcada não pelo desejo de trabalhar em grandes instituições, dando preferência para a atuação no SUS, por se identificar com seu projeto, ou nas Unidades Básicas de Saúde (UBS). Mesmo não sabendo no que deseja seguir especialização, relata a possibilidade de atuação em Medicina da família, sobretudo pelo acesso que teve da vivência da rotina nos hospitais durante o ensino técnico. Outras áreas de atuação

que em sua visão seriam possíveis seriam emergências, obstetrícia ou pediatria, sendo as últimas destinos comuns para mulheres, conforme debatido anteriormente

A tendência desse desejo de retornar aquilo que lhes foi dado aparece como um diferencial no propósito de ajudar as pessoas do novo perfil de alunado a ingressar no curso de Medicina. No entanto, não se pode afirmar que o desejo ou tendência se concretize, e seria um aspecto interessante de se avaliar com base nas residências e perfis de atuação das turmas de alunos cotistas.

Sobre as cotas, permeia a visão das estratégias que as elites adotam para o ingresso nas faculdades de maior reconhecimento social, sobretudo nas falas quanto à subversão do propósito das cotas por realizar ensino médio público. A entrevistada aponta que muitos dos alunos, inclusive colegas de classe, trocavam para o ensino médio público em escolas diferenciadas como a sua, mesmo que dotados de possibilidades financeiras para continuar no ensino privado. Ainda que a hipótese tenha surgido em diversas falas, ela não se confirma a princípio; ao contrário, os membros das elites econômicas tendem a seguir em escolas e cursinhos particulares conforme vemos pelas ACM e pelos dados primários produzidos e obtidos através dos questionários.

O contato da entrevistada com um capital cultural se expandiu com a vinda para São Paulo, como é o caso de boa parte dos alunos do curso de Medicina. As idas ao teatro figuram como a principal atividade, algo que se deve à proximidade com o Teatro Popular João Caetano na Vila Clementino, onde muitas das peças são gratuitas ou cobram preços acessíveis. Com efeito, os relatos quanto às limitações e aos problemas de renda de maneira geral interferem na vivência cultural do novo alunado do curso de Medicina. Ainda que possua pouco tempo para vivências culturais devido à rotina da graduação, o teatro com peças de baixo custo, com um perfil mais autoral, se torna um programa interessante.

Predomina também a sensação do efeito de pares na rotina da faculdade. A entrevistada 26 relata a divisão da turma em seus posicionamentos políticos, com disputas de legitimidade nas redes sociais como WhatsApp e Facebook, e entre as instituições representantes das duas visões concorrentes da faculdade de Medicina, a Atlética e o CA. Como membro da Atlética, a aluna sente um desconforto que advém do discurso de outros membros, no entanto prefere não “bater de frente”, visto que existe a possibilidade de ficar marcada por visões de mundo

diferentes da visão legítima dos dominantes sobre o curso. Ficar marcado pode significar dificuldades no internato ou na residência médica.

A vivência com a Atlética é mais pelo gosto pelo esporte e pelo treino em si. Ela ressalta o caráter financeiro como um limitador do acesso aos eventos como o INTERMED e fala sobre como até pouco tempo atrás o ingresso no curso superior era privilégio das classes abastadas. Nesse contexto, a Atlética acaba sendo um local de conservação das tradições, costumes e visões de mundo das elites sociais, o que entendemos como *habitus* e *ethos* em Bourdieu. Novamente são observáveis indícios de como a Atlética se impõe como um espaço de continuidade de tais costumes, e cabe destacar que essa condição é mantida pelos alunos egressos do curso que a apoiam e mantêm seu vínculo com esse tipo de vivência, exercendo o efeito de clube, em que o critério de exclusividade é a renda, mesmo que outras razões se desdobrem dessa.

Muitos dos alunos entrevistados mostraram-se confusos quanto ao comportamento dos alunos vinculados à Atlética, como é o caso da entrevistada 26, que aparenta uma vinculação muito maior com a instituição do que com os conteúdos da faculdade. Ainda que o interesse no desinteresse acabe rendendo lucros de outras naturezas, que mais adiante possam ser reconvertidos em novas formas de capital, na visão da entrevistada o problema está com a vivência dos primeiros anos, mais teóricos e com menos atividades práticas, sendo que as vivências extra acadêmicas da vida universitária acabam vinculando o aluno ao curso, sobretudo nesses primeiros anos.

Destacam-se também os comentários com relação ao alunado e ao seu perfil. Diferente das turmas anteriores, os professores aparentam não saber das condições de formação e mudanças no recrutamento social do curso que operam pelas iniciativas do governo federal e suas políticas públicas. Questões e falas que até então eram comuns para a faculdade de Medicina ganham novos significados, sendo que grande parte dos debates ocorrem quanto ao SUS, além das atitudes de descaso com o tema por parte de determinadas parcelas do alunado.

As estratégias de investimento e construção de uma trajetória acadêmica passam sempre pela recomendação dos professores e pela necessidade de realizar a iniciação científica para impressionar os avaliadores da residência, bem como saber outros idiomas. Devido aos percalços que muitos dos alunos encontram, a alternativa é compensar de outras maneiras, como o investimento em ligas, especialmente nas diferenciadas, e se ater a outras oportunidades na

medida de suas disponibilidades, o que contribui para a ansiedade dos alunos para com o futuro pela importância de “encher o currículo”.

A opção por disciplinas eletivas e ligas “alternativas” acaba aparecendo como uma forma de estabelecer diferenciais. Mesmo que as ligas e eletivas com uma relação mais direta com os conteúdos da faculdade de Medicina sejam mais valorizadas, como é o caso das áreas cirúrgicas apontadas pela entrevistada, investir nas áreas diferenciadas acaba sendo uma maneira de distinção e destaque, dado que as vivências médicas inevitavelmente virão nos anos seguintes. A visão sobre a distribuição das oportunidades também é fortemente pautada pelo esforço e dedicação pessoal. Segundo a entrevistada, há sempre comentários sobre iniciação científica e disponibilidade dos professores para tirar dúvidas, bastando perseverar.

Entre os dois alunos que podem ser considerados como fruto das políticas inclusivas do governo na educação, observamos que existem certas congruências como a crença no esforço pessoal quanto à procura e ingresso nas oportunidades acadêmicas, além de forte influência da questão financeira no ingresso das outras oportunidades como a Atlética. Esses alinhamentos apontam para uma homologia do *ethos* de ambos os agentes, e o mesmo alinhamento pode ser observado nas estratégias compensatórias quando qualidades como proficiência em um determinado idioma, ou o ingresso nas ligas acadêmicas mais procuradas não é possível.

Cabe ressaltar também que as diferenças com relação à cultura entre os dois agentes também podem ser relacionadas com o perfil de cada profissional, como vimos em Machado (1997). O comportamento frente ao mundo do cirurgião se relaciona a um perfil masculino de atuação na Medicina, resolutivo e focado, com uma “desejável” dose de agressividade, enquanto a entrevistada 26, apesar de não ter apreço por língua portuguesa, se interessa por filosofia e tem se envolvido em mais atividades culturais desde que chegou a São Paulo. As escolhas, ainda que não definitivas e baseadas em pouca vivência das especialidades, se relacionam com os papéis de gênero concebidos socialmente e com as propriedades sociais e culturais dos indivíduos para conceber suas realidades objetivas de atuação em cada área.

Ainda assim, os discursos e direcionamentos de atuação não podem ser apontados como fatos, podendo se enquadrar mais na projeção que esses alunos têm de suas obrigações e realidades. Contudo, talvez sejam fatores importantes a serem considerados em novas pesquisas na formação dos estudantes de Medicina, sobretudo na possibilidade de analisar se tais

inclinações de fato se mantêm ao longo do restante do *cursus* e qual o real peso da trajetória e posição social na “escolha” por uma determinada especialização.

3.1.3 O pragmático

Nascido no interior de São Paulo e tendo se mudado para a capital paulista com a finalidade de cursar Medicina, o entrevistado 42 tem um perfil interessante por representar um ideal da tipologia da construção das estratégias objetivas do quadrante três, do tipo de investimento familiar em capital cultural e na formação da estrutura de capitais.

Seu interesse pela Medicina vem desde a infância devido à boa relação que mantinha com seu médico pediatra, mencionada em primeiro lugar. Em seguida, cita o fato de seu irmão mais velho também cursar Medicina, que declara como fator muito importante para a decisão pelo curso. A diferença quanto à entrevistada 26 se dá por uma inserção familiar direta no curso de Medicina, o que contribui como um reforço positivo das possibilidades objetivas de ingresso em uma faculdade elitizada como a EPM.

O ingresso do irmão foi para o entrevistado o fator definitivo para a adesão ao propósito de entrada na faculdade de Medicina, o que pode ser compreendido como um princípio de legitimação às suas possibilidades objetivas de ocupar um espaço reservado às elites. De início, o ingresso no curso era uma alternativa viável, não aparentando contradições ou inseguranças por parte do agente neste sentido.

O ingresso no curso superior se deu de forma rápida, sem a necessidade do investimento por parte dos pais em cursinhos preparatórios para o vestibular. A troca de escola no segundo ano parte de sua visão quanto ao sucesso da nova instituição em aprovar alunos no vestibular, sendo a rotina mais pesada do que da escola anterior. Há diferenças na trajetória quando comparado ao irmão, como a troca da escola durante o ensino médio, mesmo esta sendo a principal inspiração para o ingresso no curso na sua rotina e dedicação aos estudos para o exame pré-vestibular.

O ingresso do irmão em uma tradicional universidade particular de São Paulo foi recebido com bons olhos pela família e funcionou também, por muitas vezes, como um guia para os métodos de preparo para o exame vestibular e a escolha por determinadas atividades na graduação, mesmo que os conteúdos ministrados no curso sejam muitas vezes diferentes.

Contudo, o ingresso no Departamento de Cultura Científica (DCC) está presente em ambas as trajetórias, o que o entrevistado entende como uma semelhança de gostos e não como uma escolha alinhada com a boa experiência do irmão.

A iniciação científica também é um ponto de congruência nas duas carreiras, ainda que em áreas diferentes e que a questão parta muito mais da vivência pessoal do entrevistado do que da relação com seu irmão (embora seu conhecimento sobre a oportunidade tenha partido do irmão). O ingresso foi particularmente fácil, tendo recebido um convite que se deu pela sua experiência na Liga Acadêmica de cirurgia pediátrica. Ainda assim, o aluno destaca as dificuldades de ingressar em uma iniciação científica. Cabe mencionar que é comum a fala de que a iniciação científica não se dá pela curiosidade ou interesse na área de pesquisa, e sim na construção de um currículo para os processos vindouros em outras etapas do curso de Medicina.

Se a iniciação científica é um capital de distinção valorizado pelo alunado, as informações sobre as diferentes oportunidades de ingresso parecem limitadas pelo desconhecimento dos processos ou ainda pela própria existência desse interesse por parte dos professores. Soma-se a isso o fato de que nesse período o alunado só tem contato com os professores do chamado ciclo básico, e ainda não houve contato com as disciplinas com vivências práticas das áreas da Medicina. Nesse sentido, as oportunidades extra institucionais facilitam esse contato, como no caso do entrevistado em questão, que se deu pela liga acadêmica.

Outro interesse no curso é a área de extensões, mais ligada a vivências diferentes da experimentada ao longo da faculdade, com experiências mais humanitárias. Ainda que as extensões também sejam uma forma de preencher o currículo acadêmico, elas se relacionam com o papel social do médico sobre o qual muitos alunos falam nas entrevistas, estando igualmente muito presente na visão dos médicos a prática do cuidado com o público geral.

Observa-se que as relações com o curso de Medicina vão além da família e se dão também por relações de amizade anteriores ao ingresso na faculdade. Ainda que existam iniciativas que desenvolvem, à sua maneira, o apadrinhamento de alunos, a relação que se dá por fatores de identificação anteriores a esses estabelece laços mais fortes de reconhecimento, o que por sua vez culmina em uma vinculação de maior identificação com o curso de graduação, resolvendo algumas das dificuldades iniciais da graduação, como moradia e materiais, além dos apoios mais amplos que se dão nas informações que se formam pela experiência acadêmica.

Nesse sentido, o interesse pela área cirúrgica se apresenta nas duas escolhas, tanto da liga de cirurgia pediátrica da qual participa quanto da possibilidade de trabalhar com cirurgias na radiologia, ainda que o entrevistado admita certo desconforto com o ambiente de uma maneira geral. A área de radiologia se enquadra em uma das áreas de perfil profissional dotadas de maior autonomia dos processos de trabalho, como a ortopedia e a oftalmologia.

É recorrente a visão do gosto pela carreira como o fator de influência mais forte para a opção por uma determinada área de especialização, ainda que, em sua visão, os fatores sociais contribuam, como a questão da remuneração. Outro ponto interessante é a autonomia dos alunos e a herança na organização e manutenção das Ligas Acadêmicas, onde, apesar da presença dos professores que agem como preceptores, a divulgação e boa parte do trabalho são feitas pelos alunos, e a perenidade e diversidade das iniciativas se destacam.

A visão sobre os critérios de seleção das ligas para o agente é pautada no alto índice de candidatos, e apesar de sua não vinculação à Atlética, o agente já participou da liga do Trauma, geralmente a mais mencionada quando se pergunta sobre as posições valorizadas. Cabe considerar que o agente em questão possui boas relações e integração no curso, o que por si só pode ter influenciado o seu ingresso na liga, sobretudo porque a divulgação, apesar de feita em grupos, também se dá por relatos de experiência de antigos membros e dos processos que aprenderam com a liga.

A relação com os professores se dá de maneira profissional, mediante direitos e deveres, mas as posturas e faltas pedagógicas, como o descaso com a preparação das aulas ou exames ou o não compartilhamento de materiais, acabam surgindo bastante nas entrevistas. No discurso dos alunos, isso se relaciona mais com a falta de gosto pelo ensino do que com as dificuldades de transmissão dos conteúdos em si, o que de alguma maneira também se relaciona com a visão recorrente do esforço e a dedicação pessoal como fatores de reconhecimento.

Quanto aos investimentos em práticas culturais de uma maneira mais ampla, elas se restringem mais à cultura escolar do que a uma vivência cultural em uma acepção mais ampla, conforme mostra a posição na ACM. Ainda que a frequência ao teatro, cinema ou mesmo a leitura de livros não figure entre seus hábitos culturais, os investimentos em educação na forma de um capital cultural mais pragmático são frequentes, com aulas de idiomas e reforço às matérias escolares que apresentavam dificuldades ou que a escola tratava de maneira mais lacunar. Percebe-se mais do espírito pragmático que diferencia os cirurgiões dos clínicos, ou

ainda da adesão a práticas culturais de uma parcela mais elitizada do *alunato*, mesmo que a adesão dos dominantes dominantes do segundo quadrante esteja mais relacionada ao mundano cultivado. As viagens internacionais também têm intuito mais relacionado a compras ou recreação em detrimento da vivência de uma cultura diferente.

O entrevistado reconhece que as preferências por um determinado consumo cultural estão em muito relacionadas a algo que data de antes do ingresso no curso ou da vinda para a capital paulista. Apesar de não ser filho de médicos, como é tradicionalmente esperado, os pais do entrevistado 42 são formados em engenharia, uma das profissões imperiais que goza de prestígio e reconhecimento. Engenharia também figurava como um horizonte dentre suas possibilidades de ingresso no curso superior por conta de sua facilidade com matemática, e a mudança surge com o conhecimento do trabalho na área.

Os perfis de consumo e acúmulo do capital cultural ou a visão de sua aplicação mais direta, contudo racionalizada e eficaz, diferenciam as atuações do alunado. As diferenças entre os agentes analisados estão principalmente na crença em suas capacidades pessoais. Os agentes dominados parecem ter uma necessidade maior da validação escolar, de reafirmação da possibilidade tendo em vista o sucesso de outros agentes na mesma posição social, ou ainda de atribuir à sorte o sucesso na empreitada. Contudo, cabe mencionar o foco no esforço pessoal na busca pelas oportunidades. Em tudo diferente dos alunos que desde muito cedo desejam ser médicos.

Apesar da adesão à Atlética e seus eventos a princípio estar frequentemente relacionada às possibilidades financeiras, também é requisito uma congruência para com o *habitus* dos membros da Atlética que têm uma experiência universitária particular e de maior desprendimento de atitudes mais escolares, talvez apoiada em uma segurança de sucesso após o curso. Apesar das relações financeiras serem mais fortes e por muitas vezes tangenciarem as estratégias de construção de uma estrutura de capitais, vemos como o *habitus* tem um papel importante na escolha pelo que seria o ideal de legitimidade da experiência na faculdade de Medicina.

3.1.4 A Acadêmica

Nascida em outro país, ainda que tenha vindo para o Brasil muito cedo, a entrevistada 36 é filha de uma pesquisadora na área da Medicina e seu irmão é dermatologista. Apesar de não sonhar em ingressar na área médica desde a infância e não estar certa sobre qual faculdade gostaria de cursar, optou por Medicina por ser “uma coisa próxima” em sua vivência e horizonte de possibilidades.

Além do papel social da Medicina de ajudar as pessoas e fazer pelo outro, a entrevistada também desenvolveu seu gosto pela visão do médico como o especialista capaz de resolver problemas complexos motivado pelo desafio. O peso de seguir a tradição familiar, inclusive na mesma instituição em que a mãe e o irmão se formaram, parece ser o fator mais decisivo em sua escolha. Porém, não ter conseguido ingressar na mesma universidade que ambos familiares se formaram – a USP – foi motivo de tristeza que a princípio fez com que evitasse criar vínculos com a UNIFESP, pela esperança do ingresso na segunda chamada na faculdade de sua primeira escolha, permanecendo na UNIFESP apenas para segurar a vaga. Contudo, isto não aconteceu, e a entrevistada acabou ficando no curso de Medicina da UNIFESP.

Vemos que a USP parece ter um reconhecimento simbólico maior do que a UNIFESP, considerando a forma como a entrevistada destaca a força do nome da primeira universidade, e, nesse contexto, a UNIFESP soa como uma segunda “escolha”.

A mãe da agente é pesquisadora na área acadêmica da Medicina, de modo que sua convivência com a rotina médica se deu mais no contexto acadêmico do que no ambulatório, acompanhando a mãe no laboratório ou na sala que dispunha na universidade que trabalhava como docente e pesquisadora. A agente, a princípio, declara maior identificação com áreas clínicas, sobretudo as relacionadas com a mente e comportamento, pelo interesse em psiquiatria e neurologia, e descarta áreas cirúrgicas ou áreas como a ortopedia, entendidas como “mais fortes”, dando preferência ao diálogo com o paciente da clínica e reflexão sobre os problemas, declarando, ainda, uma suposta inaptidão manual. Outros fatores destacados são o desafio e a sensação de poder da vivência na cirurgia, ainda que a relação com a sensação de poder em si não fique clara. A objetividade das áreas cirúrgicas aparece como um fator negativo.

O envolvimento dos parentes com a vida e escolhas acadêmicas é bem-vindo, sendo fonte fiável de informação do *cursus*, com base na qual as boas escolhas serão feitas. A isso se soma o encaminhamento e auxílio nas oportunidades de teor acadêmico como a IC, com ajuda

na busca de bibliografias, na montagem do projeto e acompanhamento de todo o processo. Há ainda opiniões quanto à participação em Ligas Acadêmicas, e sobre quais seriam os investimentos mais rentáveis dentro das oportunidades oferecidas na faculdade, e como conseguiu-las. É provável que a convivência com a mãe e o interesse por sua atividade façam com que a agente considere o ingresso na área de ensino e pesquisa, e ela aponta que os professores em geral não costumam falar dessa possibilidade, focando suas falas e recomendações no cenário profissional da Medicina. Em geral, a entrevistada reforça que o comentário dos professores é mais sobre a importância de se ter um currículo diversificado com um pouco de tudo.

Destaca-se também uma preocupação precoce de sua família com a educação da entrevistada 36, como é típico das classes dominantes. A experiência em diversas atividades de aquisição de capital cultural, como aulas de idiomas e música, e o investimento em uma boa escola de educação infantil e ensino médio podem ser entendidos como um preparo a um certo tipo de vivência não centrada na objetividade profissional, diferente das estratégias de outras famílias. Há de se destacar que seus contatos se mantiveram ao longo de sua trajetória. Nota-se também sua frequência a cinemas e a preocupação com ver não apenas filmes estadunidenses, quando estavam disponíveis, costume este que procurou manter com a vinda para a capital. O comportamento denota uma preocupação em estabelecer um gosto diferenciado por uma modalidade de cultura, visto que antes de vir para São Paulo a estudante residia em uma cidade menor do interior paulista, onde os cinemas costumam privilegiar circuitos comerciais de filmes norte-americanos. As viagens internacionais estão relacionadas com a vivência de pesquisa e frequência a congressos de sua mãe, como destacado pela entrevistada, e há forte influência da vivência e experiência de sua mãe e irmão em suas escolhas pessoais.

Ainda que tivesse experiência com esportes desde a infância e residisse relativamente próxima do campus, sua vivência com a Atlética foi curta. Ela atribui a sua dificuldade de integração inicial ao sentimento de que os outros membros da modalidade em que se inscreveu tinham mais vínculos, além do fato de possuir uma rotina bastante puxada e horários de treinos inconvenientes com o horário de retorno para sua casa.

A questão de classe aparece em alguns discursos, mas não de maneira inquisitiva ou excepcionalmente marcante, em geral relacionada com doenças que afligem determinados perfis socioeconômicos. Ainda no que tange às relações de classe, a transformação da EPM em

UNIFESP trouxe um pouco desse desconforto com o novo título, e a entrevistada nos diz que os professores nos discursos em geral falam sobre zelar pelo nome da EPM mais do que da UNIFESP. Como vimos na história da instituição como um todo, notamos que a mudança de EPM para UNIFESP significou em boa medida a abertura do campo universitário, e trouxe consigo, por meio da política de cotas, uma abertura no campo médico.

Quanto ao alunado, questões relacionadas a classe ou machismo existem em grupos pequenos que, quando postas em colocações deste tom, são questionadas pelos próprios alunos. Há uma tendência dos professores mais velhos a comentários ou piadas machistas, e em geral se evita o confronto, avaliando pela chave da não compreensão e adaptação dos mais velhos às mudanças mais amplas da sociedade que tornam tais comentários negativos, evitando apenas apoiar a atitude.

Fala-se muito de um receio em tomar partido de determinadas posições, sobretudo depois de um dos eventos narrados por outros alunos além da entrevistada: alguns alunos se incomodaram com slides e piadas de tom sexista mostrados durante a aula, uma vez ciente do incomodo que causou, o professor propôs-se a debater com os alunos o ocorrido, neste momento foi acometido por um AVC. O evento transformou alguns assuntos em tabus e atraiu desconfiança por parte dos veteranos, tendo alguns destes culpados os ingressantes pelo ocorrido. A política de cotas é sempre citada como uma novidade e um marco histórico que data um antes e depois com as mudanças de composição de alunado. Ainda assim, o curso inclui nos primeiros anos um apoio substantivo às iniciativas de saúde pública, e muitos alunos se identificam com essa atuação ligada a uma função social da Medicina.

No geral, a adesão às ligas está sempre relacionada a adiantar alguns passos do curso, sair do repertório teórico e ter experiências práticas. As ligas acabam dando maior espaço para essa atuação do que as disciplinas em si, uma vez que nestas o espaço prático seria menor. Dentre as ligas, novamente vemos que a figura da liga do Trauma é a mais procurada. A aluna destaca também as parcerias entre as ligas e empresas privadas que oferecem alguns confortos como *coffee break*, o que acaba contando como um diferencial para atração de alunos aos cursos introdutórios. As ligas também não se hierarquizam apenas por seu foco de ensino, mas também pela organização; Ligas com complicações em sua organização são malvistas e têm dificuldades de recrutar novos alunos.

As extensões também são bem vistas e importantes para a construção de um bom currículo, tanto no sentido acadêmico, pela certificação, como pelo capital de relações, tão caro à Medicina. Ainda assim, a adesão em geral se situa como medida positiva de retribuir os ganhos com o ingresso na faculdade às pessoas que precisam. A adesão ao cursinho popular, no entanto, parece vir também como forma de vivenciar a área de ensino, porém, a questão de realizar a atividade com excelência em face do trabalho e tempo que o cursinho demanda fizeram a aluna reconsiderar sua adesão.

Pode-se observar pontos de congruência e afastamento em cada uma das entrevistas, além da composição das famílias e a relação com os agentes nas estratégias de compor uma estrutura de capitais com diferentes objetivos na faculdade de Medicina. Na medida que se eleva na hierarquia social do curso, as questões culturais vão ganhando mais importância, com destaque nos históricos femininos em que isso ganha uma identificação maior na vivência de tais oportunidades dentro das condições particulares de cada agente. O preparo na aquisição dessas modalidades de distinção cultural se dá tendo em vista reconversão de tais investimentos na aquisição de capital cultural em capital social, o que por sua vez permite maior circulação entre espaços das elites médicas e sociais, contribuindo assim para a composição e maior rentabilidade de um capital de relações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se afirmar que existem vários princípios de hierarquização envolvidos no recrutamento social das universidades, que se escalam em diferentes dimensões: verticais, no caso do tipo administrativo da instituição, e horizontais, quanto ao curso escolhido. Estes operam como fatores de recrutamento social e ratificação de indícios de “nobreza cultural”, na medida em que influenciam as escolhas pessoais dos candidatos por uma faculdade a partir da estrutura de capitais à qual tiveram acesso.

O interesse pela manutenção de tais prerrogativas no recrutamento do alunado é de rentabilizar os investimentos feitos no chamado novo capital, ou pelo menos manter o capital simbólico dos diplomas ligados a perfis dominantes no campo. As mudanças na morfologia social ao longo dos anos, bem como as intervenções do Estado através de políticas públicas, foram de importância fundamental na reconfiguração das disputas em diferentes campos por posições de prestígio e reconhecimento. Tais disputas se realizam por meio da posse de diplomas cujo reconhecimento varia conforme as posições sociais em que encontramos seus detentores.

Ainda assim as modificações históricas, apesar de contribuírem, não são suficientes para a promoção democrática do acesso às universidades. Os dados evidenciam que mesmo os agentes que ascendem às instituições de maior reconhecimento social, deslocando-se verticalmente na hierarquia das instituições, ingressam em faculdades de menor prestígio profissional. As faculdades de maior reconhecimento e consagração parecem exercer, por critérios culturais ou simbólicos, efeitos de controle sobre o recrutamento do alunado. Tal controle se estabelece sobretudo pela estrutura de capitais dos agentes.

Vemos que as relações entre características socioculturais como cor, gênero e renda interferem em diferentes etapas na “escolha” do agente por um determinado curso: na decisão de candidatar-se ao vestibular para uma faculdade, do sucesso no exame através das diferenças no acúmulo de capital escolar, e em última instância na vivência do próprio curso *per se*. Os mesmos critérios contribuem para a formação de um senso de pertencimento a tais posições, e costumam seguir em boa medida padrões semelhantes, evidenciados nas características do município em que o curso está inserido, bairro e, no caso da UNIFESP São Paulo, tradição e história do *campus* e da faculdade.

Os efeitos citados pelas políticas públicas foram mais evidentes nos princípios verticais da hierarquia social das universidades, o que estabeleceu um aumento nos diplomas dessas instituições, até então reservados a uma parcela muito particular de agentes. Os efeitos da democratização foram em alguma medida mitigados pelos parâmetros de excelência para o ingresso em determinados cursos nessas instituições, recrutando os alunos com maior capital cultural familiar, de perfil semelhante ao conceito de herdeiro de Bourdieu, o que se entende como hierarquização vertical das faculdades.

Porém os efeitos provocados por tais mudanças aumentavam gradativamente conforme o avanço das políticas de reserva de vagas. Um novo perfil de agente passou a figurar nos espaços nos quais a princípio lhe era vetado o acesso, ainda que tal abertura tenha se dado a princípio de maneira acanhada. Isso ressignificou tais espaços e reconfigurou regras das disputas em campos que antes eram quase em sua totalidade ocupados por frações dominantes da elite social.

O que incluiu uma das faculdades de maior prestígio e reconhecimento social da hierarquia horizontal estabelecida entre os cursos: a Medicina. A UNIFESP, como produto do REUNI, é particularmente interessante para a compreensão deste efeito. Vemos que as faculdades do *campus* Guarulhos apresentam mais alunos desse novo perfil em relação às faculdades do *campus* São Paulo. O curso de Medicina, no ano de 2016, teve a primeira turma como fruto da política de 50% da reserva de vagas destinadas a perfis desprivilegiados, sem alcançar de maneira clara a cota de 25% destinada a alunos negros. Ainda assim o recrutamento de alunos negros ou de escolas públicas foi maior do que em universidades como a USP.

Durante sua fundação e estabelecimento no Brasil, ainda durante o Império, a profissão de médico ainda não era caracterizada como um espaço próprio às elites sociais da época. Inicialmente povoada em sua maioria por filhos de militares e tendo suas atividades ligadas à igreja católica, não tardou para que a classe médica ganhasse prestígio social. Os avanços científicos no campo transformaram a imagem pública do médico, do cirurgião bruto, para o intelectual das áreas de atuação clínica. Contudo, os critérios de atuação profissional e consagração no campo médico eram mais acentuados por capitais externos do que pela lógica que idealmente se estabeleceria no espaço acadêmico.

O título de médico, enquanto capital cultural institucionalizado, passou a ser um tipo de capital agregado, como uma certificação de competência para ampla atuação, em geral aliado

ao capital social dos agentes. Assim, os médicos passaram a ter como objetivo a ocupação de cargos de prestígio no campo político pelos espaços sociais que frequentavam e principalmente seu capital de relações. A Medicina se tornou um campo de formação dos notáveis e ilustres, o que se estendeu durante um bom tempo após a mudança do Império para República.

Concebidos como profissionais liberais, os médicos quase em sua totalidade atuam no serviço público em algum momento de suas trajetórias. A força simbólica conquistada e o caráter imprescindível do serviço oferecido contribuem para a autonomia da profissão. Curiosamente, é possível notar a intervenção do Estado em diversos momentos da história da faculdade de Medicina. Destacam-se as medidas dos governos, em geral a pedido da classe profissional médica, pelo impedimento da abertura de novos cursos de Medicina, sempre com o argumento de problemas quanto à qualidade dos cursos ofertados. Com efeito, ainda que de fato seja uma boa razão, tais medidas também têm o efeito secundário de impedir o ingresso de novos agentes no campo e impedir a inflação de diplomas na área.

A UNIFESP surge em um contexto de busca de autonomia para atuação médica e em resposta ao controle exercido pela USP, em que vigoravam regras mais rígidas. A antiga EPM se posiciona enquanto vanguarda no campo da Medicina, sobretudo apoiada no investimento de notáveis. Inicialmente como instituição privada, a UNIFESP se apresenta enquanto possibilidade para os filhos das elites que não lograram sucesso no vestibular da USP. Há de se ressaltar também a importância de estar situada na cidade de São Paulo, uma vez que o ambiente urbano estava relacionado com a nova imagem do médico dotado de um *habitus* cosmopolita das metrópoles, onde também se localiza a clientela com mais condições de contratar seus serviços em caráter privado.

A faculdade de Medicina torna-se *locus* privilegiado para observar as modificações na composição de seu recrutamento social, tendo em vista as propriedades dos ingressantes e os possíveis confrontos que se estabelecem no campo pela dominância pela representação legítima do médico. Tais mudanças não operam somente pelo ingresso de um alunado distinto do perfil típico da Medicina. As modificações geram alterações das preferências por determinados perfis de especialização médica.

Ainda que as áreas tradicionalmente valorizadas mantenham alto prestígio e marcas do seu *status* transpareçam no discurso do alunado, vemos que a constatação da excelência pela ocupação nessas especializações deixa de ser o objetivo central. Para os novos herdeiros, passa

a ser valorizado um estilo de vida controlável e que possa ser desfrutado em detrimento da ascensão através da especialização em áreas dominantes da Medicina caracterizadas por grandes rendimentos. O crescente processo de feminização do curso também contribui para essas novas perspectivas, uma vez que pesquisas anteriores marcam o interesse feminino em uma carreira de maior estabilidade. Ainda assim, vemos que a maior parte das especializações com maiores lucros na atuação profissional são em sua maioria de predominância masculina.

No que tange à faculdade de Medicina da UNIFESP, o principal fator de diferenciação dos agentes no campo é a renda, a qual se relaciona indiretamente com os investimentos em capital cultural. Os ingressantes do curso de Medicina se enquadram em diferentes perfis com formas de atuação distintas. Os alunos cotistas são dominados, do ponto de vista do campo do poder, e se dividem em duas categorias. Os que são desprovidos de capital econômico e com baixos investimentos em capital escolar, vindos de origens menos privilegiadas, caracterizados também por não terem proficiência em outro idioma. E, também, aqueles que têm recursos financeiros um pouco melhores e costumam ter em suas trajetórias um maior investimento em capital cultural, que tende a aumentar com a vinda para a capital.

Ainda que seja predominante a visão de que o sucesso se dá em virtude do interesse em buscar as oportunidades, o primeiro grupo tende a investir a maior parte do tempo em formação profissional, enquanto o segundo diversifica suas estratégias investindo em um capital cultural difuso, dentro de suas possibilidades financeiras, o que os levam a um consumo cultural alternativo.

Quanto às parcelas dominantes caracterizadas pelo alto poder aquisitivo, elas se distinguem também em relação ao consumo cultural. Um dos grupos é caracterizado pela ausência de consumo cultural, com fortes investimentos em capital propriamente escolar, cursos de compensação, preparo para o exame vestibular e menos viagens internacionais. E o outro grupo é caracterizado por investimentos na aquisição de capitais de distinção, como cursos extracurriculares, o interesse por idiomas como francês e alemão, e um maior consumo de um capital cultural *mainstream*.

O grupo dos dominados temporalmente tem em comum a não-compreensão da atitude dos grupos dominantes em relação à UNIFESP. Estes apresentam uma vinculação maior com a Atlética, se dedicando mais a ela do que à própria faculdade. A Atlética pode ser definida como uma instituição tradicional da UNIFESP que congrega alunos egressos do curso e

novatos. A adesão exige uma anuidade e é necessário comparecer aos treinos das modalidades esportivas das quais este aluno faz parte, bem como custear os gastos com equipamento e a participação nos eventos e competições.

A Atlética funciona como um catalizador das oportunidades de aquisição de capital social, sobretudo para os que participam de maneira mais intensa. É também o local das visões mais conservadoras do curso de Medicina e que estaria mais próximo do perfil tradicional que ingressava na faculdade até então, antes das políticas de cotas.

Os alunos egressos vinculados à instituição auxiliam com contribuições financeiras para manutenção e realização de eventos como festas tradicionais da Atlética. Nesse sentido, a adesão ao que se poderia entender como um estilo de vivenciar o curso de Medicina acaba influenciando indiretamente na participação e ingresso em oportunidades que levam em consideração o capital social, ou ainda, o conhecimento e reconhecimento dos pares, como por exemplo o ingresso em Ligas prestigiadas e tradicionais, tal como a Liga do Trauma, ou mesmo em oportunidades futuras como a Residência Médica.

Esta, enquanto modalidade de pós-graduação exclusiva da Medicina, parece congrega muitas das preocupações do alunado. Entre estas está a composição de um bom currículo através da participação em diversas atividades, como Iniciação Científica, que perde seu propósito de ser um contato inicial com a carreira acadêmica, evidenciado pelo fato de boa parte dos alunos não ter interesse na área de pesquisa e docência.

Ainda sobre a Residência Médica, também é revelador a existência de cursinhos para o ingresso na modalidade de pós-graduação, algo semelhante aos cursinhos pré-vestibulares. Com mensalidades restritivas e professores formados em instituições de alto reconhecimento, os cursinhos seriam responsáveis por dar as coordenadas de preferência das instituições e assim facilitar o ingresso do cliente.

Em face da crescente mudança no perfil do alunado, a Atlética vem perdendo adeptos e, com isso, são questionadas muitas das atuações tradicionais da relação entre alunos e professores. Os alunos dominados socialmente têm uma postura de cobrança dos professores de um *habitus* escolar semelhante ao que teriam vivido em experiências anteriores e defendem o fim de facilitadores como o uso de exames de anos anteriores. Por outro lado, os professores argumentam em nome da tradição, de que sempre foi dessa forma.

A pesquisa levanta um grande número de questões que não pretendia responder a princípio e não tinha planejamento para tanto. A necessidade de mudança de escopo pelas dificuldades encontradas em virtude da não participação por parte das faculdades de Filosofia e Letras obrigou a mudança dos propósitos iniciais para uma pesquisa sobre o curso de Medicina. É importante salientar que muitos dos instrumentos de coleta e metodologias da pesquisa foram pensados para a proposta de estudo de caráter mais amplo sobre diferentes faculdades, não se atendo à especificidades de nenhum dos cursos levantados, mas sim nas diferenças da experiência acadêmica dos agentes e na composição de suas estruturas de capitais, estratégias e das posições de prestígio em cada um dos cursos.

O interesse e a grande adesão à pesquisa por parte dos alunos da faculdade de Medicina, inesperados, ainda que bem-vindos, ofereceu a oportunidade interessante de retratar as disputas por legitimidade simbólica, de acumulação de capitais, e as formas de atuação dos diferentes agentes no contexto de mudanças ocasionadas pela política de cotas. Porém, necessitou um levantamento bibliográfico mais profundo sobre o curso. Ainda que a bibliografia tenha contribuído para uma atenção a diversas questões, o pouco tempo limitou a oportunidade de leituras mais específicas.

A coleta de dados primária e os questionários elaborados para este fim foram os instrumentos que mais sofreram com as inadequações a esse escopo. Muitas das escolhas iniciais quanto ao ajuste da ferramenta foram feitas visando privilegiar comparações entre as faculdades. Outro ponto importante que poderia ser revisto foi em relação à dupla coleta dos mesmos dados, em virtude dos problemas para obtenção de informações do PROGRAD. Pelo curto tempo disponível para a realização da coleta de dados e mesmo a possibilidade de não obtenção dos dados secundários, optou-se por realizar uma coleta primária. Um conhecimento prévio do banco de dados do PROGRAD teria possibilitado que o questionário se destinasse à coleta de outras informações, quiçá com menor tempo necessário de aplicação e com vinculação dos dados obtidos através dos números de matrícula dos alunos.

Outra questão foi quanto ao recorte e à quantidade de dados obtidos para a análise no período do mestrado. Caso a proposta inicial não houvesse malogrado, a quantidade de dados seria muito maior do que a prevista, e, conseqüentemente, seria também maior o tempo necessário para tratá-los. Ainda que tenha se optado por analisar apenas a faculdade de Medicina, diversas informações interessantes e relevantes da vivência universitária médica que

surgiram nas entrevistas não puderam ser aprofundadas. Ressalta-se, porém, a possibilidade de utilizar os dados coletados em outros trabalhos acadêmicos futuros.

O caráter da pesquisa e seu foco na Medicina tomaram um caráter mais exploratório do que passível de definições e conclusões definitivas. Das diversas questões não apontadas que poderiam ser estudadas a fundo com mais cuidado e com um planejamento de pesquisa adequado a tal propósito, podemos listar: a escolha da especialização, as relações com as instituições do campo da Medicina, como se constroem as visões sobre especialidades no imaginário do alunado, quais são os fatores para escolha de uma especialidade médica, conflitos de raça e gênero que acontecem na faculdade e nas diferentes disciplinas, influência da estrutura de capitais e da trajetória dos alunos.

As entrevistas apresentaram material suficiente apenas para constatar essas questões mais do que propriamente defini-las, bem como diversos dos trabalhos apontados na bibliografia utilizada. Ainda assim, seria interessante que os dados quantitativos e qualitativos pudessem se aproximar mais dessas possibilidades de pesquisa, como o próprio levantamento de informações sobre espaços como a Atlética, CA, DCC e as relações com Ligas Acadêmicas, Residências Médicas e Iniciação Científica.

O trabalho abre diversas possibilidades de pesquisa e análise frutíferas a partir do arcabouço conceitual bourdieusiano, especialmente no contexto da proliferação das políticas de reservas de cotas que ganham mais adeptos fora das universidades federais. O período escolhido para a pesquisa (2º ano) não permite evidenciar com tanta clareza as escolhas e tomadas de posição em relação às disputas pela dominação do campo. Ainda que parte disto seja abordado nas entrevistas, estas não permitem maiores generalizações, como seria possível recorrendo a métodos quantitativos de análise a partir de dados mais direcionados. Soma-se o fato de os alunos entrevistados ainda não terem contato com as disciplinas específicas das áreas de especialização do curso, algo que eles entendem como importante para a decisão.

A escolha por “considerações finais” ao invés de “conclusão” busca destacar que, apesar desta pesquisa prezar pela seriedade no tratamento dos dados, na relação com os objetos e com a perspectiva teórica escolhida, levanta mais perguntas do que respostas ou conclusões. O trabalho oferece um entendimento possível da faculdade de Medicina que poderá servir como ponto de partida para uma investigação mais exaustiva, orientando em alguma medida

pesquisadores que se deparem com as dificuldades ou dúvidas semelhantes às que foram surgiram ao longo deste estudo.

BIBLIOGRAFIA UTILIZADA

ALMEIDA, Ana Maria F.; PRESTA, Sueli. Fronteiras imaginadas: experiências educativas e construção das disposições quanto ao futuro por jovens dos grupos populares e médios. Educ. Soc., Campinas, v. 29, n. 103, p. 401-424, Aug. 2008.

ALMEIDA, Ana Maria F.; ERNICA, Mauricio. Inclusão e segmentação social no Ensino Superior público no Estado de São Paulo (1990-2012). Educ. Soc., Campinas, v. 36, n. 130, p. 63-83, Mar. 2015.

ALMEIDA, Wilson Mesquita de. Os Herdeiros e os bolsistas do ProUni na cidade de São Paulo. Educ. Soc., Campinas, v. 36, n. 130, p. 85-100, Mar. 2015.

ARTES, Amélia; RICOLDI, Arlene Martinez. Acesso de negros no ensino superior: o que mudou entre 2000 e 2010. Cad. Pesqui., São Paulo, v. 45, n. 158, p. 858-881, dez. 2015.

BOURDIEU, Pierre. Bourdieu – Sociologia. Org. ORTIZ, Renato. São Paulo: Ática. Coleção Grandes Cientistas Sociais, vol. 39. 1983.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. A Reprodução. trad. Reynaldo Bairão. - Editora Francisco Alves. 1992.

BOURDIEU, Pierre; Razões práticas: Sobre a Teoria da ação; Pierre Bourdieu: Tradução: Mariza Correa - Campinas, SP: Papirus. 1996.

BOURDIEU, Pierre. Espaço físico, espaço social e espaço físico apropriado. Estud. av., São Paulo, v. 27, n. 79, p. 133-144, 2013

BOURDIEU, Pierre. Escritos da Educação. Org.: NOGUEIRA, Maria Alice e CATANI, Afrânio. Editora: Perspectiva, Ed. 9, 2007.

BOURDIEU, Pierre. Homo academicus. Trad. Ione Ribeiro Valle; Nilton Valle, Rev. Téc. Maria Tereza de Queiroz Piacentini. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2011.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. Os herdeiros: os estudantes e a cultura. trad. Ione Ribeiro Valle, Nilton Valle. - Florianópolis: Ed da UFSC, 2014

BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A, 1989.

CARDOSO, Fernando Henrique; O café e a industrialização da cidade de São Paulo. Revista de História v. 20 n. 42 (1960)

CORADINE, Odaci Luiz. A formação da elite médica, a Academia Nacional de Medicina e a França como centro de importação. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, nº 35, janeiro-junho de 2005, p. 3-22.

CORADINE, Odaci Luiz. Grandes Famílias e a Elite 'Profissional' na Medicina no Brasil. História, Ciências, Saúde — Manguinhos, III (3) 425-466, Nov. 1996-Feb. 1997.

FERREIRA, Daniela Maria; SILVA, Maria Emília Lins e. Condições objetivas e investimentos acadêmicos dos estudantes do ensino superior. Educ. Soc., Campinas , v. 36, n. 130, p. 101-115, Mar. 2015 .

CORSI, Paulo Roberto et al . Fatores que influenciam o aluno na escolha da especialidade médica. Rev. bras. educ. med., Rio de Janeiro , v. 38, n. 2, p. 213-220, June 2014 .

CRUZ, J. A.; SANDY, N.; VANNUCCHI, T.; GOUVEIA, ÉDER; PASSEROTTI, C.; BRUSCHINI, H.; SROUGI, M. Fatores determinantes para a escolha da especialidade médica no Brasil. Revista de Medicina, v. 89, n. 1, p. 32-42, 19 mar. 2010.

FRANCO, Talita; SANTOS, Elizabeth Gomes dos. Mulheres e cirurgiãs. Rev. Col. Bras. Cir., Rio de Janeiro , v. 37, n. 1, p. 072-077, Feb. 2010.

KLÜGER, Elisa. Análise de correspondências múltiplas: fundamentos, elaboração e interpretação BIB, São Paulo, n. 86, 2/2018 (publicada em outubro de 2018), pp. 68-97.

MACHADO, Maria Helena, coord. Os médicos no Brasil: um retrato da realidade. [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1997. 244 p. ISBN: 85-85471-05-0.

MOTOYAMA, S., org. USP 70 Anos: Imagem de uma história vivida. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2006.

PEROSA, Graziela Serroni; COSTA, Taline de Lima e. Uma democratização relativa? Um estudo sobre o caso da expansão da UNIFESP. Educ. Soc., Campinas , v. 36, n. 130, p. 117-137, Mar. 2015

PULICI, Carolina. Exclusividade ou primazia das práticas mais raras: os deslocamentos multiterritoriais na socialização das classes superiores paulistas. *Plural* (São Paulo. Online), São Paulo, v. 21, n. 2, p. 47-76, dec. 2014.

PULICI, Carolina. Migração de classe e vergonha cultural: trajetórias ascendentes entre a crítica e o reconhecimento das hierarquias simbólicas. *Pro-Posições*, Campinas, v. 27, n. 3, p. 153-178, Dec. 2016.

PULICI, Carolina. Senso de dignidade social e outras especificidades de um habitus dominante. in *Ciências Sociais em Diálogo*, 2 Sociedades e suas Imagens. Org.: EL FAR, Alessandra; BARBOSA, Andrea e AMADEO, Javier. Editora FAP, Ed. 1, 2014b.

RENISIO, Yann. « L'origine sociale des disciplines », *Actes de la recherche en sciences sociales*, vol. 210, no. 5, 2015

SAMPAIO, LO., and BATISTA, NA., orgs. *A formação médica na UNIFESP: excelência e compromisso social* [online]. São Paulo: Editora UNIFESP, 2008. pp. 21-52. ISBN 978-85-61673-66-6.

SCHEFFER, M. et al. *Demografia Médica no Brasil 2018*. São Paulo, SP: FMUSP, CFM, Cremesp, 2018. 286 p. ISBN: 978-85-87077-55-4

SILVA, Janaila dos Santos. A influência dos meios de comunicação social na problemática da escolha profissional: o que isso suscita à Psicologia no campo da orientação vocacional/profissional?. *Psicol. cienc. prof.*, Brasília, v. 24, n. 4, p. 60-67, Dec. 2004.

SOUSA, Ivy Quirino de; SILVA, Catarina Pereira da; CALDAS, Cezar Augusto Muniz. Especialidade médica: escolhas e influências. *Rev. bras. educ. med.*, Rio de Janeiro, v. 38, n. 1, p. 79-86, Mar. 2014.

SILVA, Márcia Regina Barros da. O ensino médico em São Paulo e a criação da Escola Paulista de Medicina. *Hist. cienc. saude-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 3, p. 541-566, Dec. 2001.

RODRIGUES, J., org., NEMI, ALL., LISBOA, KM., and BIONDI, L. *A Universidade Federal de São Paulo aos 75 Anos: ensaios sobre história e memória* [online]. São Paulo: UNIFESP, 2008. 292 p. ISBN: 978-85-61673-83-3.

WHITAKER, D. C. A.; FIAMENGUE, E. C. *Ensino Médio: função do Estado ou da Empresa? Educação e Sociedade*. Campinas, ano XXII, n.75, p.200-232, 2001..

ANEXOS

ANEXO 1 – TABELA DA RAZÃO ENTRE OS CANDIDATOS PELO SISTEMA UNIVERSAL E COTISTAS COM RENDA INFERIOR A 1,5 SALÁRIOS MÍNIMOS AO VESTIBULAR DE TODOS *CAMPI* E FACULDADES DA UNIFESP ENTRE OS ANOS DE 2013 E 2015

Cursos	2013	2014	2015
	Uni./Cot. R<1,5 SM	Uni./Cot. R<1,5 SM	Uni./Cot. R<1,5 SM
Campus São Paulo			
Ciências Biológicas – mod. médica	4,84	7,05	3,18
Enfermagem	3,24	4,35	2,01
Fonoaudiologia	3,05	2,52	1,74
Medicina	10,22	9,97	4,78
Campus Baixada Santista			
Educação Física	3,68	2,77	1,78
Fisioterapia	3,38	2,58	1,79
Nutrição	3,41	2,82	3,21
Psicologia	3,26	2,68	1,94
Serviço Social	3,21	2,20	1,79
Terapia Ocupacional	5,04	3,42	1,87
Interdisciplinar em Ciência do Mar	4,84	3,93	2,36
Campus Diadema			
Ciências Biológicas	4,69	4,61	1,96
Engenharia Química	6,82	7,23	3,73
Ciências Ambientais	5,28	2,67	2,27
Farmácia / Bioquímica	3,93	3,13	3,18
Licenciatura Plena em Ciências	4,21	2,61	1,50
Química	6,41	3,49	3,62
Química Industrial	4,43	3,23	3,22
Campus Guarulhos			
Ciências Sociais	3,88	2,40	2,63

Filosofia	4,26	2,81	2,38
História	4,16	3,07	2,64
História da Arte	2,90	2,76	2,66
Letras: Português	3,94	2,73	2,87
Pedagogia	3,23	2,46	2,74
Campus Osasco			
Administração de Empresas	3,24	2,49	2,58
Ciências Atuariais	4,29	2,94	2,64
Ciências Contábeis	3,84	2,90	2,18
Ciências Econômicas	5,94	3,52	1,88
Relações Internacionais	6,00	4,03	2,27
Campus São José			
Bacharelado em Ciência e Tecnologia	3,66	4,12	2,91

ANEXO 2 – QUESTIONÁRIO DA PROGRAD

1. Qual foi o local de seu nascimento?

Informe o estado onde nasceu:

Informe o Município onde nasceu:

2. Qual sua data de nascimento?

3. Qual seu estado civil ?

- a) Solteiro(a)
- b) Casado(a) / mora com um(a) companheiro(a) / união estável
- c) Separado(a) / divorciado(a) / desquitado(a)
- d) Viúvo(a)

4.1 Qual seu gênero?

- a) Feminino
- b) Masculino
- c) Sem declaração

5. Você tem filhos (as) ?

- a) Não tenho filhos (as)
- b) Sim. Tenho um filho
- c) Sim. Tenho dois filhos
- d) Sim. Tenho três filhos
- d) Sim. Tenho quatro ou mais filhos

6. Se você tem filhos, quantos filhos com até 5 anos de idade (na data deste preenchimento)?

- a) Nenhum filho com até 5 anos
- b) Um filho com até 5 anos
- c) Dois filhos com até 5 anos cada um
- d) Três filhos com até 5 anos cada um
- e) Quatro ou mais filhos com idade até 5 anos cada um
- f) Não se aplica

7. Onde (ou com quem) ficam seus filhos (as) de 0 a 5 anos?

- a) Não tenho filhos de 0 a 5 anos

- b) Creche Particular
- c) Creche Pública
- d) Instituição Educacional Particular
- e) Instituição Educacional Pública
- f) Familiares
- g) Babá/ Empregada Doméstica
- h) Sozinho
- i) Vizinho
- j) Outro
- h) Não se aplica

8. Como você se declara/considera?

- a) Branco(a)
- b) Pardo(a)
- c) Preto(a)
- d) Amarelo(a)
- e) Indígena
- f) Sem declaração

9. Em que ano você concluiu/certificou-se no Ensino Médio?

10. Quantos anos você levou para cursar o Ensino Médio?

- a) Menos de 3 anos
- b) 3 anos
- c) 4 anos
- d) 5 anos
- e) 6 anos
- f) Mais de 6 anos

11. Em que turno você cursou o Ensino Médio?

- a) Somente no turno diurno
- b) Maior parte no turno diurno
- c) Somente no turno noturno
- d) Maior parte no turno noturno

- e) Integral
- f) Não cursei

12. Qual o curso de Ensino Médio (2º grau) você concluiu?

- a) Ensino Médio Regular
- b) Ensino Técnico / Profissionalizante cursado concomitantemente ao Ensino Médio
- c) Ensino Técnico / Profissionalizante depois do Ensino Médio
- d) Supletivo / Telecurso / Educação de Jovens e Adultos (EJA)/ Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos (ENCK)
- e) Magistério de 2º Grau / Centro Específico de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério (CEFAM)
- f) Certificação pelo ENEM

13. Em que tipo de Instituição você cursou o Ensino Médio?

- a) Somente em Escola Pública
- b) Somente em Escola Particular com bolsa integral
- c) Somente em Escola Particular sem bolsa ou com bolsa parcial
- d) Maior parte em Escola Pública
- e) Maior parte em Escola Particular com bolsa integral
- f) Maior parte em Escola Particular sem bolsa ou com bolsa parcial
- g) No Exterior (qualquer tipo de escola)

14. Você fez cursinho pré vestibular?

- a) Não
- b) Sim, em cursinhos populares e comunitários
- c) Sim, em cursinhos particulares

15. Se você fez cursinho pré-vestibular, por quanto tempo?

- a) 1 semestre
- b) 1 ano
- c) 2 anos
- d) 3 anos ou mais
- e) Não se aplica

16. Você já iniciou outro curso superior antes de ingressar na UNIFESP?

- a) Não iniciei outro curso superior
- b) Sim em Universidade Pública, mas não concluído
- c) Sim em Universidade Pública, concluído

d) Sim em Universidade Particular, mas não concluído

e) Sim em Universidade Particular, concluído

17. Você está atualmente cursando outro curso superior?

a) Não

b) Sim, mas ao efetivar a matrícula na UNIFESP vou desistir do outro curso

c) Sim e ao efetivar a matrícula na UNIFESP vou frequentar os dois cursos

d) Sim, mas ainda não resolvi o que fazer

18. Se você iniciou outro curso superior em uma universidade particular, você recebeu algum dos auxílios abaixo:

a) Não iniciei nenhum curso em universidade particular

b) Pagamento de mensalidade por sua conta

c) FIES

d) PROUNI

e) Bolsa parcial

f) Bolsa integral da Instituição

Qual o número de pessoas que vivem com essa renda familiar, inclusive você próprio?

Qual é a renda total mensal de sua família? (Renda bruta das pessoas que residem na casa de sua família ou que dependem dela, somando com a sua renda)?

19. Qual a escolaridade do seu pai ou da pessoa que o (a) criou como pai?

a) Não teve pai ou pessoa que exerceu tal papel na criação

b) Sem instrução, não alfabetizado

c) Sem instrução, mas sabe ler e escrever

d) Ensino fundamental 1 (antigas 1ª a 4ª série) - INCOMPLETO

e) Ensino fundameltal 1 (antigas 1ª a 4ª série) - COMPLETO

f) Ensino fundamental 2 (antigas 5ª a 8ª série) - INCOMPLETO

g) Ensino fundamental 2 (antigas 5ª a 8ª série) - COMPLETO

h) Ensino médio (antigo 2º grau) - INCOMPLETO

i) Ensino médio (antigo 2º grau) - COMPLETO

j) Ensino Superior - INCOMPLETO

k) Ensino Superior - COMPLETO

l) Especialização, Mestrado ou Doutorado

20. Qual a escolaridade da sua mãe ou da pessoas que o(a) criou como mãe?

- a) Não tive mãe ou pessoa que exerceu tal papel na criação
- b) Sem instrução, não alfabetizada
- c) Sem instrução, mas sabe ler e escrever
- d) Ensino fundamental 1 (antigas 1ª a 4ª série) - INCOMPLETO
- e) Ensino fundameltal 1 (antigas 1ª a 4ª série) - COMPLETO
- f) Ensino fundamental 2 (antigas 5ª a 8ª série) - INCOMPLETO
- g) Ensino fundamental 2 (antigas 5ª a 8ª série) - COMPLETO
- h) Ensino médio (antigo 2º grau) - INCOMPLETO
- i) Ensino médio (antigo 2º grau) - COMPLETO
- j) Ensino Superior - INCOMPLETO
- k) Ensino Superior - COMPLETO
- l) Especialização, Mestrado ou Doutorado

21. No seu grupo familiar, quem mais contribui para a renda?

- a) Eu
- b) Meu (minha) Cônjuge ou Companheiro (a)
- c) Meu Pai
- d) Minha Mãe
- e) Meus Pais Igualmente
- f) Irmão / Irmã
- g) Meus Pais e Irmãos Igualmente
- h) Meu (s) Filho (s)
- i) Outra Pessoa

22. Quantas pessoas contribuem para a renda do grupo familiar?

- a) Uma pessoa
- b) Duas pessoas
- c) Três pessoas
- d) Quatro ou mais pessoas

23. Qual a renda mensal bruta do seu grupo familiar, incluindo você (somados rendimentos referentes a

salários, aluguéis, pensões, dividendos etc.):

- a) Até meio salário mínimo (até R\$ 468,50)

- b) Mais de ½ a 1 salário mínimo e ½ (até R\$ 1.405,5)
- c) Mais de 1 e ½ a 2 salários mínimos (até R\$ 1.874)
- d) Mais de 2 a 3 salários mínimos (até R\$ 2.811)
- e) Mais de 3 a 4 salários mínimos (até R\$ 3.748)
- f) Mais de 4 a 5 salários mínimos (até R\$ 4.685)
- g) Mais de 5 a 6 salários mínimos (até R\$ 5.622)
- h) Mais de 6 a 7 salários mínimos (até R\$ 6.559)
- i) Mais de 7 a 8 salários mínimos (até R\$ 7.496)
- j) Mais de 8 a 9 salários mínimos (até R\$ 8.433)
- k) Mais de 9 a 10 salários mínimos (até R\$ 9.370)
- l) Acima de 10 salários mínimos (mais de R\$ 9.370)
- m) Não tem renda

24. Qual o número de pessoas que vivem com essa renda do grupo familiar, inclusive você?

25. Quem será o principal responsável por sua manutenção financeira na Universidade?

- a) Você mesmo (a)
- b) Companheiro(a)/cônjuge
- c) Seus pais
- d) Sua mãe
- e) Seu pai
- f) Sua/seu Irmã(o)
- g) Outro familiar
- h) Outra pessoa

26. Dentre os setores abaixo, qual deles melhor corresponde a ocupação de quem mais contribui para a renda de seu grupo familiar?

- a) Autônomo
- b) Servidor Público
- c) Empregado da iniciativa privada com carteira assinada
- d) Empregado da iniciativa privada sem carteira assinada
- e) Aposentado ou pensionista
- f) Empreendedor/Pessoa jurídica
- g) Outros

27. Você trabalha?

- a) Sim, tenho um trabalho remunerado
- b) Sim, tenho um trabalho não remunerado
- c) Não trabalho e NÃO ESTOU à procura de trabalho
- d) Não trabalho e ESTOU à procura de trabalho

28. Qual a sua jornada de Trabalho semanal?

- a) Menos de 15 horas
- b) De 16 a 20 horas
- c) Mais de 21 a 25 horas
- d) Mais de 26 a 30 horas
- e) Mais de 31 a 40 horas
- f) Mais de 41 a 44 horas
- g) Mais de 45 horas.
- h) Não se aplica.

29. Qual o tipo de vínculo que você tem nesse trabalho?

- a) Trabalho com carteira assinada
- b) Trabalho sem carteira assinada
- c) Contrato temporário de prestação de serviços
- d) Empreendedor/pessoa Jurídica
- e) Estatutário
- f) Estagiário
- g) Outros
- h) Não se aplica

30. Em que você trabalha atualmente?

- a) Autônomo
- b) Servidor Público
- c) Empregado da iniciativa privada com carteira assinada
- d) Empregado da iniciativa privada sem carteira assinada
- e) Aposentado ou pensionista
- f) Empreendedor/Pessoa jurídica
- g) Outros

h) Não se aplica

31. Você está trabalhando em alguma atividade que tenha relação com o curso que você escolheu na UNIFESP?

a) Sim

b) Não

c) Não se aplica

32. Se você já trabalhou, com que idade você começou a exercer atividade remunerada?

33. Seu grupo familiar faz ou já fez parte de algum programa de transferência de renda?*

a) Não

b) Bolsa Família

c) Sim, outra(s) modalidade(s) de benefício incluindo o Bolsa Família

d) Sim, outra(s) modalidade(s) de benefício que não o Bolsa Família

34. Onde você morava antes de ingressar na UNIFESP?

Informe o estado onde morava antes de ingressar na UNIFESP:

Informe o município onde morava antes de ingressar na UNIFESP:

35. Como você classifica o local onde residia?

a) Urbano

b) Rural

c) Aldeia Indígena

d) Comunidade Quilombola

e) Outro

36. Com quem você morava ao ingressar na UNIFESP ?

a) Sozinho

b) Com os pais

c) Com o cônjuge ou companheiro (a)

d) Com outros parentes

37. Qual o tipo de imóvel que você morava antes de ingressar na UNIFESP?

a) Casa/apartamento própria(o) e quitada(o)

- b) Casa/apartamento própria(o) em financiamento
- c) Casa/apartamento cedida(o)/emprestada (o)
- d) Casa/apartamento alugada(o)
- e) Casa/apartamento pública(o)/gratuita(o)
- f) Outra

38. Antes de ingressar na UNIFESP, se a sua casa/apartamento era ALUGADA/O , qual o valor do aluguel?

39. Com quem você pretende residir durante o curso?

- a) Sozinho(a)
- b) Com os pais
- c) Com o cônjuge ou companheiro(a)
- d) Com outros parentes
- e) Com outros estudantes (república, pensionato, pensão)
- f) Não sei responder

40. Você pretender residir na cidade do campus?

- a) Não
- b) Sim, no entorno do campus até 5 km
- c) Sim, no entorno do campus acima de 5 Km

41. Que tipo de imóvel você pretende residir durante o curso?

- a) Casa/apartamento própria/o
- b) Casa/apartamento alugada/o
- c) Casa/apartamento cedida/o
- d) Pensionato/pensão, hotel
- e) Outros
- f) Não sei responder

42. Qual municípios de São Paulo você pretende residir durante o curso?

43. Como você fará o deslocamento entre a sua residência e a universidade?

- a) A pé
- b) Transporte coletivo na cidade (ônibus, metrô, trem, balsa, catraia, etc.)
- c) Transporte coletivo intermunicipal
- d) Transporte locado/ fretado

- e) Automóvel próprio
- f) Moto própria
- g) Moto Táxi/Taxi/uber
- h) Bicicleta
- i) Carona

44. Quanto tempo você prevê utilizar para chegar à universidade?*

- a) Menos de 30 minutos
- b) Entre 30 e 60 minutos
- c) Entre 1 e 2 horas
- d) Entre 2 e 3 horas
- e) Mais de 3 horas
- f) Não sei responder

45. Você apresenta condições de mobilidade restrita ou outra restrição de acessibilidade?

- a) Não
- b) Sim

46. Você tem algum tipo de deficiência ?

- a) Não
- b) Baixa Visão ou Visão Subnormal*
- c) Cegueira
- d) Deficiência Auditiva
- e) Surdez
- f) Surdocegueira
- g) Física
- h) Intelectual
- i) Múltipla
- j) Transtorno Global do Desenvolvimento
- k) Altas Habilidades/Superdotação

47. Com que frequência você faz uso de bebidas alcoólicas?

- a) Nos finais de semana
- b) Várias vezes por semana
- c) Todos os dias

d) Ocasionalmente

e) Nunca

48. Com que frequência você faz uso de tabaco (cigarro ou outros)?

a) Nos finais de semana

b) Várias vezes por semana

c) Todos os dias

d) Ocasionalmente

e) Nunca

49. Nos últimos 12 meses você teve:

a) Distúrbios Alimentares

Sim Não

b) Insônia ou Alteração do Sono

c) Tristeza Persistente

Sim Não

d) Pensamento Suicida

Sim Não

e) Pânico/Ansiedade

Sim Não

f) Dislexia

Sim Não

50. Você já faz uso de medicação para tratamento em saúde mental?

a) Sim, nos últimos 12 meses

b) Não, mas fiz no passado

c) Não, nunca fiz

51. A qual tipo de atendimento médico/saúde você recorre?

a) Rede pública

b) Rede Particular (sem plano de saúde)

c) Rede Particular (com plano de saúde)

d) Ajuda informal de amigos ou familiares

e) Serviços de saúde oferecidos pela universidade

f) Nenhum

52. Você já procurou acompanhamento psicológico alguma vez na vida?

a) Sim, estou em acompanhamento

b) Sim, a mais de um ano

c) Não

53. Você pratica algum tipo de atividade física ou esportiva?*

a) Não

b) Sim, regularmente

c) Sim, esporadicamente

54. Qual a sua principal fonte de lazer?

a) Televisão

b) Internet

c) Leitura

d) Esporte / Atividades Corporais

e) Amizades

f) Atividades religiosas

g) Manifestações artístico-culturais (teatro, cinema, concertos, espetáculos)

h) Outros

55. Qual a sua principal fonte de informação?

a) Internet

b) Revistas e Jornais impressos

c) Rádio e/ou Televisão

d) Livros

e) Outros

56. Como você soube dos cursos da UNIFESP?

a) Sua Escola

b) Cursinho

c) Amigos, Conhecidos e/ou Familiares

d) SISU

e) Pela Internet

f) Meios de Comunicação (tv, rádio, jornal)

g) Outros

57. Qual relevância você atribui aos fatores abaixo para a escolha do seu curso?

a) Concorrência de Candidatos por Vaga

Nada relevante Relevante Muito relevante

b) Mercado de Trabalho e Remuneração do Profissional

Nada relevante Relevante Muito relevante

c) Interesse pela Área de Conhecimento

Nada relevante Relevante Muito relevante

d) Influência Familiar

Nada relevante Relevante Muito relevante

e) Prestígio da Profissão

Nada relevante Relevante Muito relevante

58. Qual relevância você atribui aos fatores abaixo na sua opção de estudar na UNIFESP?

a) Gratuidade do Ensino (universidade pública)

Nada relevante Relevante Muito relevante

b) Localização do Campus

Nada relevante Relevante Muito relevante

c) Influência de Familiares

Nada relevante Relevante Muito relevante

d) Ingresso pelo SISU/ ENEM

Nada relevante Relevante Muito relevante

e) O Curso que Você Escolheu

Nada relevante Relevante Muito relevante

f) Prestígio da Instituição

Nada relevante Relevante Muito relevante

g) Corpo Docente Titulado, Qualificado e/ou Existência de Programas de Pós- Graduação

Nada relevante Relevante Muito relevante

59. Qual é, no momento, o seu principal local de acesso à internet?

- a) Residência
- b) Lan-house
- c) Trabalho
- d) Escola ou outras instituições de ensino que você frequenta/ frequentou
- e) espaços públicos de acesso à internet (SESC, espaços culturais, etc.)

60. Você possui acesso a internet pelo telefone ?

- a) Não
- b) Sim (3G e wi-fi)
- c) Sim (Wi-fi apenas)

ANEXO 3 – QUESTIONÁRIO DA PESQUISA

Bloco 1 – Socioeconômico

1. Sexo:

- A) Feminino
- B) Masculino

2. Cor (autodeclarada):

- A) Negro
- B) Pardo
- C) Indígena
- D) Amarelo
- E) Branco

3. Idade (anos): _____

4. Cidade onde você nasceu:

5. Cidade onde você reside atualmente:

6. CEP da rua onde mora:

7. Você diria que atualmente mora:

- A) Mais próximo(a) do/No centro da cidade
- B) Mais próximo(a) da/Na periferia da cidade

8. Atualmente mora:

- A) Sozinho
- B) Com amigos
- C) Com parentes
- D) Com meus pais
- E) Em república estudantil

9. Quanto à sua família:

- A) Não sou responsável por meu próprio sustento
- B) Sou parcialmente responsável apenas por meu sustento
- C) Sou completamente responsável apenas por meu sustento
- D) Sou parcialmente responsável por meu sustento e de minha família
- E) Sou completamente responsável por meu sustento e de minha família

10. Possui filhos? Se sim, quantos?

- A) Sim, tenho ____ filho(s)
- B) Não tenho filhos

11. Nacionalidade:

- A) Brasileiro
- B) Outro: _____

12. Situação profissional:

- A) Trabalho com carteira assinada
- B) Trabalho sem carteira assinada
- C) Realizo estágio remunerado
- D) Recebo bolsa de estudos
- E) Recebo auxílio da instituição
- F) Não exerço atividade remunerada
- G) Outro: _____

13. Se você trabalha ou realiza estágio remunerado, qual é o regime em horas semanais?

- A) 44 horas semanais
- B) 40 horas semanais
- C) 36 horas semanais
- D) 30 horas semanais
- E) Outro: _____

14. Situação Civil

- A) Divorciado(a)
- B) Casado(a)
- C) Solteiro(a)
- D) Viúvo(a)

Bloco 2 – Familiar Sociocultural e Profissional

15. Maior nível de instrução da mãe:

- A) Não frequentou a escola
- B) Ensino fundamental incompleto
- C) Ensino fundamental completo
- D) Ensino fundamental II (ginásio) incompleto
- E) Ensino fundamental II (ginásio) completo
- F) Ensino médio (colegial) incompleto
- G) Ensino médio (colegial) completo
- H) Ensino técnico incompleto

Curso: _____

I) Ensino técnico completo

Curso: _____

J) Ensino superior incompleto

Curso: _____

K) Ensino superior completo

Curso: _____

L) Pós-graduação incompleta

Curso de graduação: _____

M) Pós-graduação completa

Curso de graduação: _____

16. Maior nível de instrução do pai:

- A) Não frequentou a escola
- B) Ensino fundamental incompleto
- C) Ensino fundamental completo
- D) Ensino fundamental II (ginásio) incompleto
- E) Ensino fundamental II (ginásio) completo
- F) Ensino médio (colegial) incompleto
- G) Ensino médio (colegial) completo
- H) Ensino técnico incompleto

Curso: _____

I) Ensino técnico completo

Curso: _____

J) Ensino superior incompleto

Curso: _____

K) Ensino superior completo

Curso: _____

L) Pós-graduação incompleta

Curso de graduação: _____

M) Pós-graduação completa

Curso de graduação: _____

17. Número de pessoas de sua geração com curso **técnico** (incluindo você, irmãos e primos): _____

18. Número de pessoas de sua geração com curso **superior** (incluindo você, irmãos e primos): _____

19. Número de pessoas da geração dos seus pais com curso **técnico** (pais e tios): _____

20. Número de pessoas da geração dos seus pais com curso **superior** (pais e tios): _____

21. Número de pessoas da geração dos seus avós **maternos** com curso **técnico**: _____

22. Número de pessoas da geração dos seus avós **paternos** com curso **técnico**: _____

23. Número de pessoas da geração dos seus avós **maternos** com curso **superior**: _____

24. Número de pessoas da geração dos seus avós **paternos** com curso **superior**: _____

25. Número de pessoas na sua família com pós-graduação (**todas as gerações/parentes**): _____

26. Profissão atual ou última profissão da mãe, caso aposentada ou falecida:

27. Profissão atual ou última profissão do pai, caso aposentado ou falecido:

28. Profissão atual ou última profissão da avó **materna**, caso aposentada ou falecida:

29. Profissão atual ou última profissão do avô **materno**, caso aposentado ou falecido:

30. Profissão atual ou última profissão da avó **paterna**, caso aposentada ou falecida:

31. Profissão atual ou última profissão do avô **paterno**, caso aposentado ou falecido:

Bloco 3 - Escolar Cultural

32. Cursou educação infantil? Caso tenha cursado, foi em instituição pública ou particular?

- A) Não cursei educação infantil
- B) Sim, em instituição pública
- C) Sim, em instituição particular
- D) Sim, em ambas
- E) Outro: _____

33. Sobre o ensino fundamental (I e II, que também inclui o antigo ginásio), você diria que:

- A) Estudei exclusivamente em escola pública
- B) Estudei a maior parte em escola pública
- C) Estudei a maior parte em escola particular
- D) Estudei exclusivamente em escola particular
- E) Estudei em outro país

34. Sobre a escola na qual você cursou a maior parte do ensino fundamental, você diria que:

- A) Era mais próxima da/Na periferia, em locais afastados ou regiões mais pobres da cidade
- B) Era mais próxima do/No centro, em locais mais urbanizados ou regiões mais ricas da cidade

35. Sobre o ensino médio (antigo colegial), você diria que:

- A) Estudei exclusivamente em escola pública
- B) Estudei a maior parte em escola pública
- C) Estudei a maior parte em escola particular
- D) Estudei exclusivamente em escola particular
- E) Estudei em outro país



36. Sobre a escola na qual você cursou a maior parte do ensino médio, você diria que:
A) Era mais próxima da/Na periferia, em locais afastados ou regiões mais pobres da cidade
B) Era mais próxima do/No centro, em locais mais urbanizados ou regiões mais ricas da cidade

37. Cursou ensino médio técnico ou profissionalizante? Caso sim, em que tipo de instituição e qual curso?
A) Não cursei ensino técnico/profissionalizante
B) Sim, em instituição pública: _____

C) Sim, em instituição particular: _____
D) Cursei equivalente em outro país

38. Fez algum curso pré-vestibular (cursinho) para entrar no curso que está atualmente?
A) Fiz curso pré-vestibular gratuito, sem bolsa
B) Fiz curso pré-vestibular pago ou com bolsa
C) Não fiz curso pré-vestibular

39. Caso tenha realizado curso pré-vestibular, qual instituição passou a maior parte do tempo?

40. Costuma ler livros fora os relacionados ao seu curso? Se sim, qual é a sua média anual aproximadamente?
A) Sim, minha média anual é de ____ livro(s).
B) Não costumo ler outros livros

41. Costuma ler periódicos de outras áreas? Se sim, especifique na linha seguinte.
A) Sim, _____

B) Não costumo ler periódicos de outras áreas

42. Costuma ler revistas? Se sim, mesmo que online, especifique quais (Ex.: Veja; Isto É; Piauí; Carta Capital; Caras; Época; Claudia; Seleções; Superinteressante; *Times Magazine*; Exame; *People*; etc).
A) Sim, _____

B) Não costumo ler revistas

43. Costuma ler jornais? Se sim, mesmo que online, especifique quais (Ex.: Folha; Estadão; Agora; *El País*; *NYT*; etc)
A) Sim, _____

B) Não costumo ler jornais

44. Costuma frequentar museus, galerias, mostras ou exposições de arte? Escolha a opção que melhor ilustra a frequência.

- A) Sim, costumo ir sempre
- B) Sim, mas frequento pouco
- C) Não, mas fui poucas vezes
- D) Não, nunca fui

45. Se a resposta anterior foi sim (A ou B), geralmente que tipo de eventos frequenta ou tem preferência?

- A) Exposições, museus e eventos maiores e mais noticiados na mídia, e de amplo conhecimento e de grande reconhecimento
- B) Exposições, museus e eventos do circuito alternativo com uma divulgação menor e direcionadas a um público específico

46. Costuma frequentar teatro? Escolha a opção que melhor ilustra a frequência.

- A) Sim, costumo ir sempre
- B) Sim, mas frequento pouco
- C) Não, mas fui poucas vezes
- D) Não, nunca fui

47. Se a resposta anterior foi sim (A ou B), geralmente que tipo de peça assiste ou tem preferência?

- A) Atrações grandes, licenciadas, adaptadas da *Broadway* ou com atores de frequente atuação na televisão
- B) Peças autorais exibidas em teatros de menor porte por companhias locais brasileiras, amadoras ou não

48. Costuma ir ao cinema? Escolha a opção que melhor ilustra a frequência.

- A) Sim, costumo ir sempre
- B) Sim, mas frequento pouco
- C) Não, mas fui poucas vezes
- D) Não, nunca fui

49. Se a resposta anterior foi sim (A ou B), qual tipo de cinema costuma frequentar?

- A) Costumo ir a cinemas como Cinemark, Playarte, Cinépolis ou Cinemas em shoppings para assistir grandes produções
- B) Cinemas menores, de rua ou alternativos, como cine Itaú Cultural, Caixa Belas Artes, Reserva Cultural, para assistir filmes menos anunciados

50. Costuma viajar para outros países fora da modalidade de intercâmbio estudantil? Se sim, quantas vezes já viajou?

- A) Nunca viajei para outros países
- B) Sim, já fiz ____ viagens internacionais



51. Fez algum curso extraescolar, como aulas particulares, que não sejam de idiomas?

- A) Sim
- B) Não

52. Fez algum curso de idiomas fora da escola?

- A) Sim
- B) Não.

Marque suas habilidades com os diferentes idiomas a seguir. Pode marcar mais de uma opção. Caso não tenha qualquer habilidade com o idioma, não marque nenhuma lacuna:

53. Inglês:

- Leio
- Escrevo
- Entendo
- Falo

54. Espanhol:

- Leio
- Escrevo
- Entendo
- Falo

55. Francês:

- Leio
- Escrevo
- Entendo
- Falo

56. Alemão:

- Leio
- Escrevo
- Entendo
- Falo

57. Outro: _____

- Leio
- Escrevo
- Entendo
- Falo

Bloco 4 - Acadêmico Vocacional

58. Houve alguma crítica ou resistência de sua família pela escolha do seu curso? Caso sim, quem foram os familiares (pai, mãe, tio, tia, avô, avó)?

A) Sim, houve críticas por parte de: _____

B) Não, minha família apoiou integralmente a escolha do curso que ingressei

59. Se houve alguma crítica ou resistência por parte de sua família pela escolha do seu curso, qual foi a crítica principal ou mais recorrente?

60. Quem foi a pessoa ou figura de influência **mais importante** para a escolha do seu curso?

- A) Mãe
- B) Pai
- C) Irmão(ã)
- D) Primo(a)
- E) Tio(a)
- F) Avô(ó)
- G) Amigo(a)
- H) Professor(a)
- I) Outro: _____

61. Qual foi a principal razão que motivou a escolher este curso?

- A) Interesse pela área de ensino
- B) Interesse pela área de pesquisa
- C) Interesse pela área profissional
- D) Facilidade de ingresso no mercado de trabalho
- E) Facilidade de ingresso no curso de graduação
- F) Remuneração atrativa
- G) Engajamento político
- H) Tradição familiar
- I) Curso possível em minha área de interesse

62. O curso em que está matriculado foi sua primeira escolha? Caso não, qual era a sua primeira escolha para curso de graduação?

A) Não, foi a segunda escolha, a primeira era:

B) Sim, foi a primeira escolha



63. Após a conclusão do curso de graduação, pretende seguir os estudos:

- A) Em um curso *lato sensu*
- B) Em um curso *stricto sensu*
- C) Ainda não decidi
- D) Não sei do que se tratam
- E) Não pretendo dar continuidade aos meus estudos na área

64. Quanto à frase “A obtenção de um professor orientador e a realização de uma iniciação científica é um processo simples e de fácil ingresso”, você diria que:

- A) Não tenho conhecimento a respeito
- B) Discorda totalmente
- C) Discorda em parte
- D) Concorda em parte
- E) Concorda totalmente

65. Você tem interesse, já realiza ou realizou iniciação científica ao longo de sua graduação?

- A) Não sei do que se trata
- B) Não, não tenho interesse
- C) Ainda não me decidi
- D) Sim, tenho interesse
- E) Sim, estou realizando ou já realizei

66. Quanto à frase “A participação em projetos de pesquisa e extensão com professores e outros alunos é aberto e de fácil ingresso”, você diria que:

- A) Não tenho conhecimento a respeito
- B) Discorda totalmente
- C) Discorda em parte
- D) Concorda em parte
- E) Concorda totalmente

67. Tem interesse em participar, participa ou participou de projetos de pesquisa e extensão com professores e outros alunos?

- A) Não sei do que se trata
- B) Não, não tenho interesse
- C) Ainda não me decidi
- D) Sim, tenho interesse
- E) Sim, estou realizando ou já realizei

68. Quanto à frase “A participação em intercâmbios estudantis internacionais é um processo aberto, de ampla divulgação e de fácil ingresso”, você diria que:

- A) Não tenho conhecimento a respeito
- B) Discorda totalmente
- C) Discorda em parte
- D) Concorda em parte
- E) Concorda totalmente

69. Tem interesse em realizar ou realizou algum intercâmbio estudantil ao longo do curso?

- A) Não sei do que se trata
- B) Não, não tenho interesse
- C) Ainda não me decidi
- D) Sim, tenho interesse
- E) Sim, já realizei

70. Quanto à frase “Os processos de mestrado em minha área na UNIFESP são processos abertos, de ampla divulgação e de fácil ingresso”, você diria que:

- A) Não tenho conhecimento a respeito
- B) Discorda totalmente
- C) Discorda em parte
- D) Concorda em parte
- E) Concorda totalmente

71. Tem interesse em cursar mestrado em sua área na UNIFESP?

- A) Não sei do que se trata
- B) Não, não tenho interesse
- C) Ainda não me decidi
- D) Sim, tenho interesse

72. Quanto à frase “Participo de muitos eventos relacionados ao meu curso como palestras, encontros, seminários e simpósios realizados na UNIFESP”, você diria que:

- A) Não tenho conhecimento a respeito
- B) Discorda totalmente
- C) Discorda em parte
- D) Concorda em parte
- E) Concorda totalmente

73. Quanto à frase “Me sinto a vontade na UNIFESP, tanto nas aulas quanto em outros espaços, não sinto qualquer tipo de pressão em relação a alunos ou professores. Sinto liberdade para dizer o que penso e me expressar sem constrangimentos quanto a minhas ideias ou posições”, você diria que:

- A) Discorda totalmente
- B) Discorda em parte
- C) Concorda em parte
- D) Concorda totalmente

Bloco Final – Perfil Econômico e Político

74. O papel do governo deve ser:

- A) Esforçar-se para tornar a vida das pessoas melhor, através do apoio direto a boas práticas
- B) Manter-se fora do caminho para que as pessoas decidam por elas mesmas



ANEXO 4 – ROTEIRO BASE DE ENTREVISTAS

- Como surgiu seu interesse pelo curso?
- Você tem alguma preferência por especialização? Qual e como foi a escolha por ela?
- Como é cursar o curso?
- Como você se sente em relação aos alunos e os professores?
- Como ficaram sua vida, seus hábitos e suas relações após a entrada no curso? Como mudaram?
- Você estava ciente da mudança no número de cotistas no ano em que você prestou? Como isso te afetou?
- O que você considera uma boa trajetória para um aluno no seu curso?
- Você já tem planos após o término do curso? Como isso orienta sua atuação na faculdade?

ANEXO 5 – QUADRO SINÓTICO

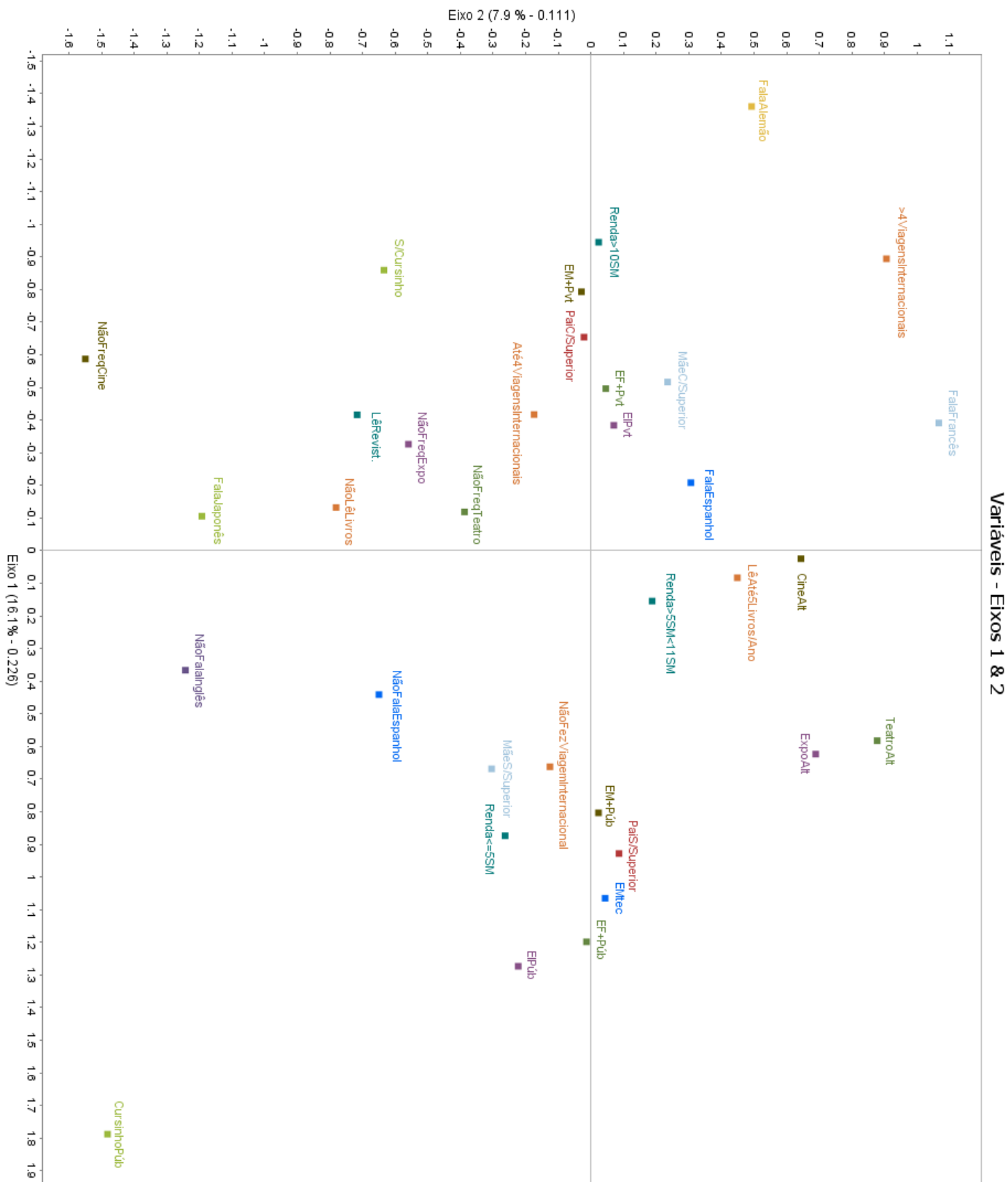
Entrevista	Sexo	Querida Medicina desde a infância	Parente médico	Figura importante	Desempenho escolar	Tipo de ensino médio	IC	Facilita ingresso na IC	Participa de Liga	Participa de outras extensões	Interesse em Área Clínica ou Cirúrgica	Interesse na área de ensino e pesquisa	Atletica	Destinos internacionais	Principais áreas de Interesse citadas	Machismo no curso	Hobbies	Ajudar pessoas como fator de escolha
Entrevista 3	Feminino	Não	Próximo	Eu Mesma	Bom	Particular Diferenciado	Cardiologia	Sim	sim	Não	Clinica	Não	Nunca fez parte	Europa	-	sim	-	Sim
Entrevista 6	Masculino	Sim	Distante	Pediatra	Bom	Público ETEC	Oncologia	-	-	Sim	Clinica	Sim	-	-	Oncologia	sim	Música	Sim
Entrevista 9	Feminino	Não	Não	Professora	Bom	Público ETEC	Psiquiatria	Sim	-	Não	Clinica	-	Faz parte	África	Nutrição	sim	Leitura	Sim
Entrevista 16	Feminino	Não	Não	Eu Mesma	Bom	Particular Tradicional	Não	Não	sim	Sim	-	Sim	Faz parte	-	Pediatria	sim	Música	-
Entrevista 24	Feminino	Não	Não	Mãe	Bom	Particular Tradicional	Gastroenterologia	Sim	sim	Sim	Cirurgia	Sim	Nunca fez parte	-	Medicina da Família	sim	Leitura, Dança	Sim
Entrevista 26	Feminino	Sim	Não	-	Bom	Público Técnico	Endocrinologia	Sim	sim	Não	-	Não	Faz parte	-	Medicina da Família	sim	Leitura	Sim
Entrevista 36	Feminino	Sim	Próximo	-	Bom	Particular Tradicional	Psiquiatria	Sim	sim	Sim	Clinica	Sim	Faz parte	Vários	Psiquiatria	sim	Música	Sim
Entrevista 37	Masculino	Sim	Próximo	Pai	-	Particular Tradicional	Psiquiatria	Sim	sim	Sim	Cirurgia	-	Faz parte	América	Neurocirurgia	-	-	Sim
Entrevista 42	Masculino	Sim	Próximo	-	-	Particular Tradicional	Cirurgia Pediátrica	Não	sim	Sim	Clinica	Não	Nunca fez parte	América	Pediatria	sim	-	Sim
Entrevista 46	Feminino	Sim	Não	Mãe	Bom	Particular Tradicional	Não	Não	sim	Sim	Clinica	Sim	Faz parte	-	Endocrinologia	sim	-	Sim
Entrevista 56	Feminino	Não	Próximo	-	-	Particular Tradicional	Não	-	-	Sim	Clinica	Não	Nunca fez parte	-	-	-	Música	Sim
Entrevista 65	Masculino	Sim	Não	Ninguém	Ruim	Público ETEC	Cirurgia Pediátrica	Sim	sim	Sim	Cirurgia	-	Faz parte	-	Cirurgia Pediátrica	sim	-	Sim
Entrevista 70	Feminino	Não	Distante	Pai	-	Público Federal	Não	Não	sim	Sim	Clinica	Sim	Faz parte	-	Endocrinologia	sim	-	Sim
Entrevista 71	Masculino	Não	Próximo	Eu mesmo	-	Particular	Faz	Sim	sim	Sim	Clinica	Não	-	América	Anestesiologia	-	-	Sim

ANEXO 6 – TABELA DE LIGAS ACADÊMICAS

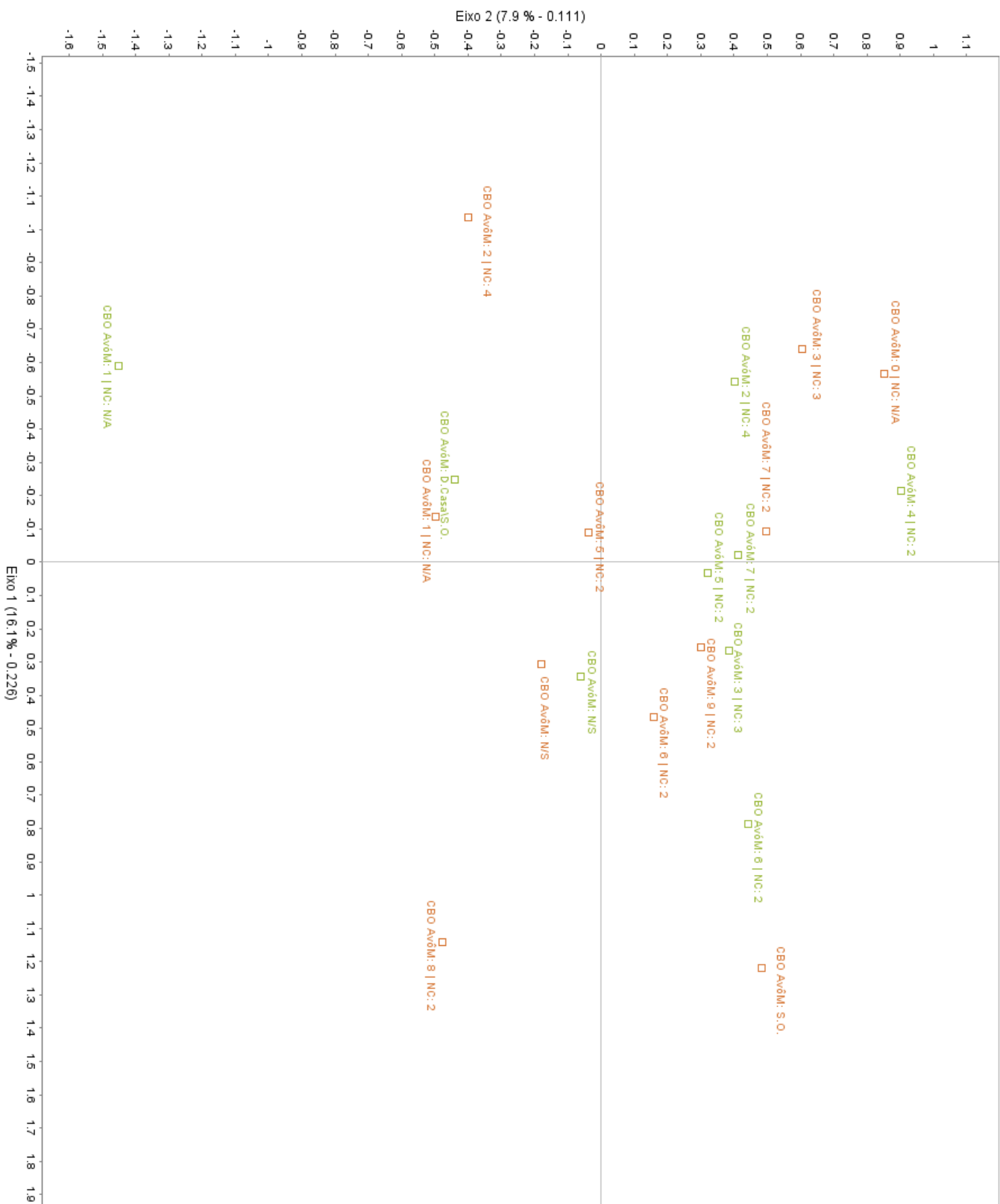
Liga Acadêmica (LA)	Recrutamento	Perfil da Liga Acadêmica	Especialidade/Área
LA de Acupuntura	Curso Introdutório + Prova	Clínico	Acupuntura
LA de Anatomia Clínica e Cirúrgica	Curso Introdutório	Clínico, Cirúrgico	Anatomia, Radiologia, Anatomia Patológica
LA de Anestesiologia, Dor e Terapia Intensiva	Curso Introdutório	Clínico, Cirúrgico	Anestesiologia e Medicina Intensiva
LA de Audição e Equilíbrio	Curso Introdutório	Clínico, Preventivo, Teórico	Audiologia
LA de Autismo	Curso Introdutório	Clínico	Transtorno do Espectro Autista
LA de Cirurgia Cardiovascular	Curso Introdutório	Cirúrgico	Cirurgia Cardiovascular
LA de Cirurgia Pediátrica	Curso Introdutório	Clínico, Cirúrgico	Cirurgia Pediátrica
LA de Cirurgia Plástica	Curso Introdutório	Cirúrgico	Cirurgia Plástica
LA de Cirurgia Torácica e Pneumologia	Curso Introdutório	Clínico, Cirúrgico	Cirurgia Torácica e Pneumologia
LA de Cirurgia Vascular e Endovascular	Curso Introdutório + Prova + Entrevista	Clínico, Cirúrgico, Experimental	Cirurgia Vascular e Endovascular
LA de Dermatologia	Curso Introdutório + Entrevista	Clínico, Cirúrgico, Preventivo, Experimental	Dermatologia
LA de Doenças Infecciosas e Parasitárias	Curso Introdutório	Clínico	Infectologia
LA de Combate às Doenças Sexualmente Transmissíveis	Curso Introdutório	Clínico	Dermatologia, Ginecologia e Proctologia
LA de Endocrinologia	Curso Introdutório	Clínico	Endocrinologia e Metabolismo
LA de Educação em Diabetes	Curso Introdutório	Educação	Educação em Diabetes
LA de Farmacodependências	Curso Introdutório	Clínico	Psiquiatria
LA de Enfermagem no Tratamento de Feridas	Curso Introdutório	Clínico, Cirúrgico, Preventivo	Tratamento de Feridas
LA de Gastroenterologia Cirúrgica e Videocirurgia	Curso Introdutório	Cirúrgico	Gastroenterologia cirúrgica e Videocirurgia
LA de Gerenciamento em Enfermagem	Curso Introdutório	Experimental	Gerenciamento e Administração em Saúde
LA de Geriatria e Gerontologia	Curso Introdutório + Entrevista	Clínico	Geriatria
LA de Ginecologia	Curso Introdutório + Prova + Entrevista	Clínico, Cirúrgico	Ginecologia
LA de Infectologia Pediátrica	Curso Introdutório + Entrevista	Clínico	Infectologia Pediátrica
LA de Linguagem e Transtornos Associados	Curso Introdutório + Prova	Clínico	Linguagem e cognição em Fonoaudiologia
LA de Medicina Baseada em Evidências	Curso Introdutório	Clínico, Pesquisa Clínica	Leitura e desenvolvimento de artigos
LA de Medicina Comportamental	Curso Introdutório + Prova	Clínico, Preventivo, Experimental	Psicobiologia
LA de Medicina de Urgência	Curso Introdutório	Clínico	Urgência
LA de Medicina Interna	Curso Introdutório + Prova + Entrevista	Clínico	Clínica Médica
LA de Motricidade Orofacial	Curso Introdutório	Clínico	Motricidade Orofacial

LA de Neurocirurgia	Curso Introdutório + Entrevista	Cirúrgico	Neurocirurgia
LA de Neurologia	Curso Introdutório	Clínico	Neurologia
LA de Oftalmologia	Curso Introdutório + Prova	Clínico, Cirúrgico	Oftalmologia
LA de Oncologia	Curso Introdutório	Clínico, Preventivo	Oncologia
LA de Oncologia em Enfermagem	Curso Introdutório + Prova + Entrevista	Clínico, Cirúrgico, Preventivo	Oncologia
LA de Oratória e Retórica	Curso Introdutório	Comunicação e Apresentação profissional	Oratória e Retórica
LA de Otorrinolaringologia	Curso Introdutório	Clínico, Cirúrgico	Otorrinolaringologia
LA de Patologia	Curso Introdutório + Prova	Clínico, Cirúrgico, Experimental	Patologia Básica e Clínica
LA de Especialidades Pediátricas	Curso Introdutório	Clínico	Pediatria
LA de Pesquisa Científica	Curso Introdutório	Científica	Pesquisa Científica
LA de Psiquiatria Clínica	Curso Introdutório + entrevista	Clínico	Psiquiatria
LA de Radiologia	Curso Introdutório	Diagnóstico por Imagem	Radiologia
LA de Reprodução	Curso Introdutório + Prova	Clínico, Experimental	Reprodução e Biologia do Desenvolvimento
LA de Reumatologia	Curso Introdutório + Prova	Clínico	Reumatologia
LA do Rim	Curso Introdutório + Prova	Clínico, Cirúrgico, Preventivo	Nefrologia
LA de Saúde Coletiva	Não se realiza processo seletivo para a entrada de novos membros	Preventivo	Saúde Coletiva
LA de Saúde e Cidadania em Fronteira	Curso Introdutório + Prova + Entrevista	Clínico, Cirúrgico, Preventivo	Assistência à comunidade
LA de Saúde e Espiritualidade	Curso Introdutório + Redação + Dinâmica	Clínico	Generalista
LA de Saúde Mental da Mulher e Prevenção à Violência	Curso Introdutório + Entrevista	Clínico, Preventivo	Psiquiatria
LA do Sono	Curso Introdutório + Prova	Clínico	Medicina do Sono
LA de Técnica Operatória e Cirurgia Experimental	Curso Introdutório + Prova + Entrevista	Experimental, Cirúrgico	Técnica Operatória e Cirurgia Experimental
LA de Transplante de Órgãos	Curso Introdutório + Prova + Entrevista	Clínico e Cirúrgico	Transplante de Órgãos
LA do Trauma	Curso Introdutório + Prova + Entrevista	Cirúrgico	Cirurgia Geral
LA de Traumatologia e Ortopedia	Curso Introdutório + Prova	Cirúrgico	Traumatologia e Ortopedia
LA de Urgências Cardiovasculares	Curso Introdutório + Prova	Clínico	Cardiologia
LA de Urgências Neurológicas	Curso Introdutório	Clínico	Neurologia
LA da Voz	Curso Introdutório	Clínico, Preventivo, Teórico	Liga da Voz

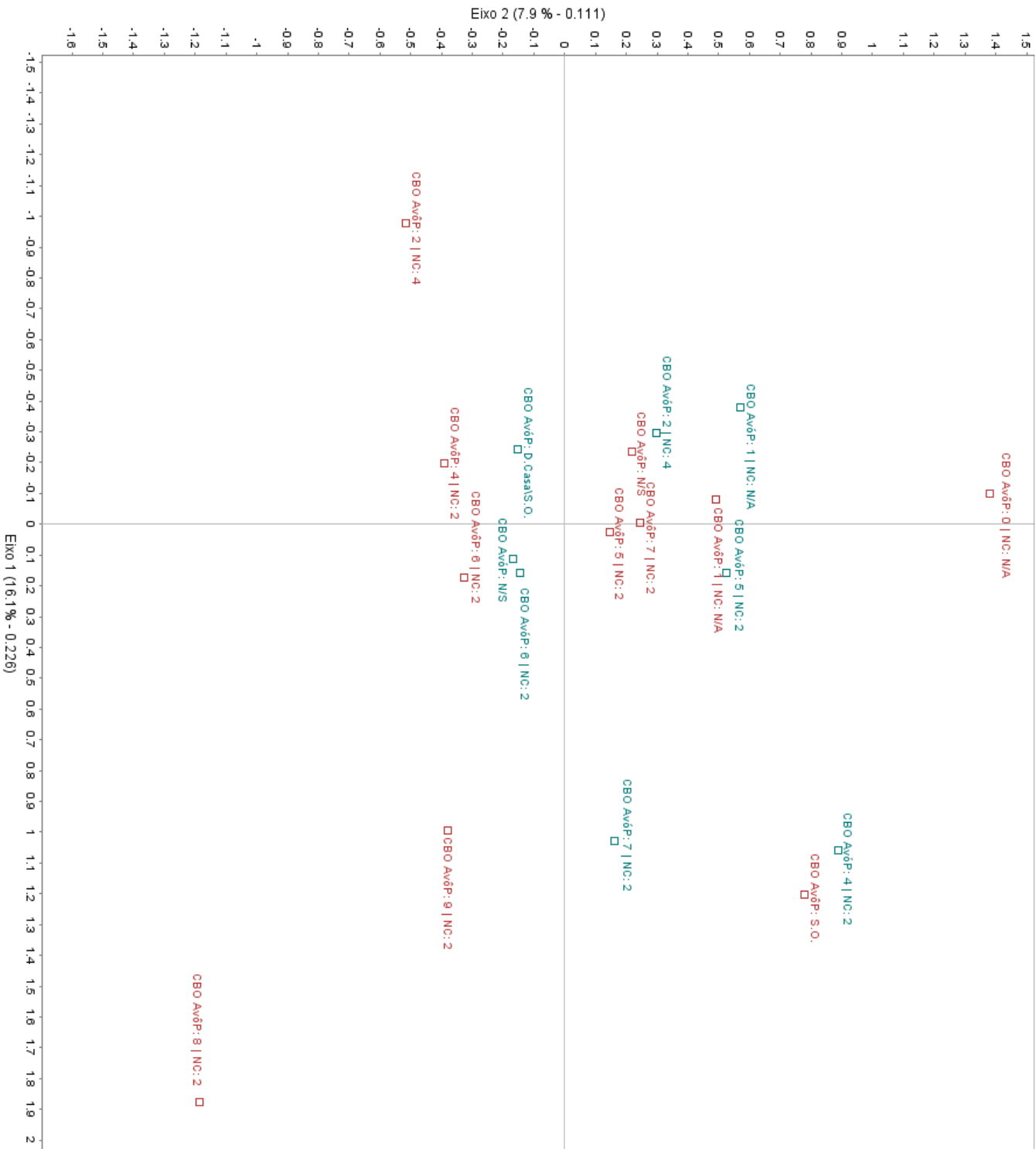
ANEXO 7 – ACM AMPLIADAS



Variáveis - Eixos 1 & 2



Variáveis - Eixos 1 & 2



Casos - Eixos 1 & 2

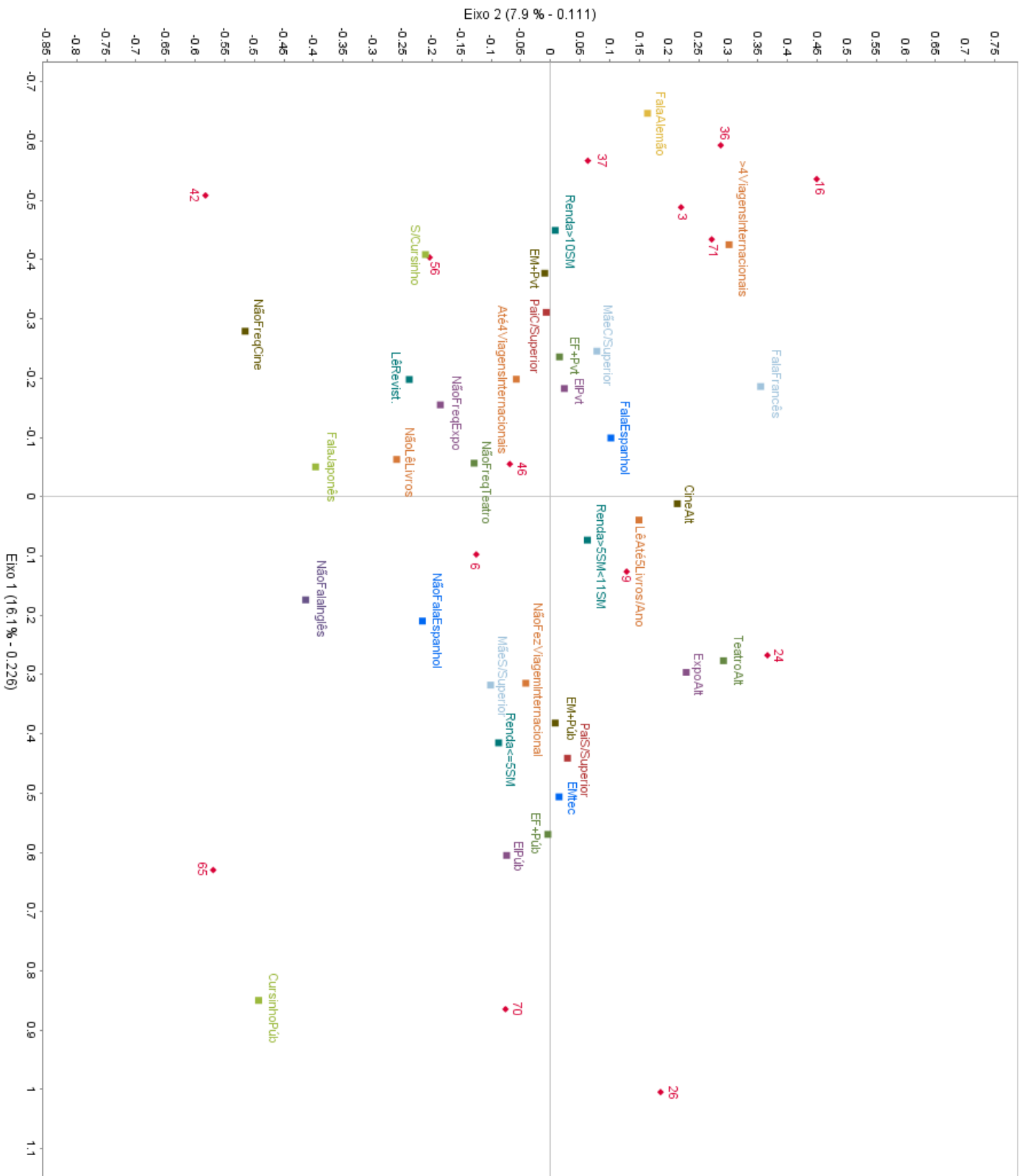




TABELA DE MODALIDADES ATIVAS:

Variáveis	Modalidade	Eixo1 (2,08)	Eixo2 (2,08)
20	76 (44 Ativas e 32 Suplementares)	16,1	7,9
@15ACM.MãeSuperior	MãeC/Superior	3,3	1,4
	MãeS/Superior	4,3	1,8
@16ACM.PaiSuperior	PaiC/Superior	5,6	0,0
	PaiS/Superior	7,6	0,1
@32ACMEI	EIPúb (Ensino Infantil Público)	7,4	0,5
	EIPvt (Ensino Infantil Privado)	2,3	0,2
	SemEI (Sem Ensino Infantil)	0,0	0,6
@33ACMEF	EF+Púb (Ensino Fundamental Público)	9,4	0,0
	EF+Pvt (Ensino Fundamental Privado)	3,7	0,1
@35ACMEM	EM+Púb (Ensino Médio Público)	7,1	0,0
	EM+Pvt (Ensino Médio Privado)	6,8	0,0
@37ACMEMTEC	EMtec (Ensino Médio Técnico)	6,1	0,0
	SemEMtec (Ensino Médio Comum)	2,0	0,0
@38ACMCursinho	CursinhoPúb (Cursinho Público)	1,8	2,5
	CursinhoPvt (Cursinho Privado)	0,1	0,7
	S/Cursinho (Sem Cursinho)	1,9	2,1
@40bACMLivros	Lê>5Livros/Ano	0,0	0,0
	LêAté5Livros/Ano	0,1	4,2
	NãoLêLivros	0,1	7,8
@42ACMRevistas	LêRevist.	0,9	5,7
	NãoLêRevist.	0,3	1,8
@43ACMJornais	LêJornais	0,0	1,3
	NãoLêJornais	0,0	0,9
@45ACMExposições	ExpoAlt (Exposições Alternativas)	1,9	4,7
	ExpoConv (Exposições Convencionais)	0,0	0,8
	NãoFreqExpo (Não Frequenta Expo.)	1,0	5,8
@47ACMTeatro	NãoFreqTeatro (Não Frequenta Teatro)	0,2	3,9
	TeatroAlt (Teatro Alternativo)	1,6	7,6
	TeatroConv (Teatro Convencional)	0,4	0,2
@49ACMCinema	CineAlt (Cinema Alternativo)	0,0	2,4
	CineConv (Cinema Convencional)	0,1	0,6
	NãoFreqCine (Não Frequenta Cinema)	0,9	12,5
@53ACMInglês	FalaInglês	0,0	0,0
	NãoFalaInglês	0,1	1,8
@54ACMEspanhol	FalaEspanhol	0,7	2,9
	NãoFalaEspanhol	1,4	6,1
@55ACMFrancês	FalaFrancês	0,3	5,3
	NãoFalaFrancês	0,0	0,6
@56ACMAlemão	FalaAlemão	0,5	0,1
	NãoFalaAlemão	0,0	0,0

@57ACMJaponês	FalaJaponês	0,0	4,9
	NãoFalaJaponês	0,0	0,4
@50ACMViagemInternacional	>4ViagensInternacionais	2,5	5,2
	Até4ViagensInternacionais	1,6	0,6
	NãoFezViagemInternacional	4,4	0,3
@76ACMRenda	Renda<=5SM	5,0	0,9
	Renda>10SM	6,6	0,0
	Renda>5SM<11SM	0,2	0,6
Negativo:  Positivo: 			

Fonte: Elaboração Própria.

ANEXO 8 – ENTREVISTA COM ALUNO 3

Pesquisador – Bom, entrevistada 3 eu gostaria que você me contasse como surgiu seu interesse pelo curso de Medicina.

Entrevistado - Então, o meu pai é médico, mas eu nunca quis fazer Medicina quando era pequena, ele perguntava se eu e minhas irmãs queríamos e a gente falava “não que nojo”. E daí eu não sei porque no ensino médio, no segundo colegial eu comecei a pensar sobre isso que eu gostava bastante de biologia, e eu também fui fazer orientação vocacional, pois estava meio perdida do que eu queria fazer. Daí o resultado deu que eu tinha um perfil para Medicina pelos meus interesses e biologia e cuidar das pessoas e essas coisas, eu fiquei meio assim porque eu sempre fui meio... meu pai contava como era a faculdade, como o era o trabalho que era complicado, eu ficava meio assim de escolher Medicina. Mas eu comecei a pensar mais sobre isso e acabei decidindo prestar para o curso de Medicina.

p - e do que seu pai contava da faculdade e do trabalho o que mais te marcava negativamente e o que te marcava de positivo?

e - negativamente essa coisa de ser difícil de passar no vestibular, antes eu tinha medo e nojo de sangue, de ver os órgãos quando ele mostrava foto daí eu não gostava, e também de ser muito pesado, né? Eu via ele dando plantão, passar a noite fora de casa, essas coisas, daí eu não queria muito. De positivo, ele nunca fez muita propaganda, nunca tentava influenciar a gente a fazer Medicina nem nada. Ele contava casos interessantes com os pacientes dele e coisas assim.

p - não tinha nenhum aspecto de positivo em específico que você via na profissão do seu pai ou na relação dele com o curso que fosse mais marcante além dos casos?

e - acho que não.

p - outra coisa que me chamou atenção é que na questão que eu pergunto a figura de

influência mais importante para o seu curso você colocou que foi você.

e - é, ninguém nunca ficou me pressionando a fazer, meu pai nunca fez nenhuma propaganda, eu não pensava em fazer Medicina, mas comecei a pensar sobre isso sozinha, fiz a orientação vocacional que me ajudou, mas...

p - não teve nenhuma figura assim, um médico ou um amigo, ou alguém que te falou.

e - é, fui eu quem decidi, meu pai até ficou surpreso quando falei para ele que ia fazer Medicina.

p - mesmo com essa dificuldade toda do vestibular, você passou super jovem, você tem X anos e a média para um vestibular de Medicina costuma ser bem alta de tempo de cursinho. A partir do momento que você fez o teste vocacional, o seu receio passou?

e - não...

p - e o que te fez enfrentar essa coisa toda?

e - é porque eu não sabia o que eu faria se não fosse Medicina, sabe? Qual seria outro interesse meu, estava meio perdida, então se fosse ser Medicina, que fosse... Eu sempre fui estudiosa desde pequenininha, eu já estudava bastante e continuei estudando.

p - certo, sua família é de x, e você mora aqui com seus amigos.

e - sim, moro com uma amiga.

p - e ela faz Medicina também?

e - sim

p - e ela é veterana?

e - não, ela é da mesma sala. Só que na verdade ela é de x também e eu conhecia ela da minha escola.

p - e daí vocês duas passaram no curso e moram juntas?

e - é.

p - você deve ter uma relação super boa.

e - isso.

p - você faz iniciação científica também?

e - faço.

p - antes de passarmos para IC, me fala qual é a especialidade médica do seu pai, por favor.

e - ele é cirurgião geral.

p - ele lida bastante com essa parte visceral de abrir o paciente e etc.

e - sim.

p - e sua mãe se formou em relações públicas, ela é pós-graduada?

e - isso.

p - e ela da aulas no ensino superior, em qual lugar?

e - é em uma faculdade particular de campinas, chama-se metrocamp

p - eu gostaria que você me falasse como você entrou na IC, como foi o contato com o professor e a área que você faz na IC.

e - ano passado começaram a divulgar um programa chamado mentoria, que os alunos poderiam escolher um professor e fazer algum projeto de extensão com ele para ele te acompanhar durante a faculdade. Daí eu fiquei interessada e eu e uma amiga escolhemos uma professora que era cardiologista, daí começamos a fazer mentoria com ela, e ela mostrava como era o hospital, levava a gente para conhecer uns lugares, conversava sobre Medicina com a gente mais para ajudar. Daí ela mesma começou a falar se a gente não gostaria de fazer iniciação científica com ela. Inicialmente eu não queria fazer tão cedo, porque estou no segundo ano, né? Não tenho tanto interesse por pesquisa assim, queria deixar mais para frente. mas ela começou a falar e ela disse que poderia ser nossa orientadora, daí eu aceitei. O que eu vi de cardiologia, que é pouco, de anatomia e fisiologia, eu estava gostando. E o que ela estava mostrando também eu gostei, Daí eu aceitei fazer e eu tô fazendo em cardiologia junto com ela, daí mandei pro PIBIC em Maio, foi aprovado e estou começando agora.

p - então foi a partir desse projeto de mentoria que tem da UNIFESP, foi super tranquilo pelo visto?

e - uhum.

p - Então, mas nessa questão relacionada a facilidade de obtenção de orientador, você colocou que discorda em parte, mas do que você me contou me pareceu bem tranquilo o processo.

e - É que para mim foi tranquila, porque teve uma professora que veio até mim, mas sei que para outras pessoas não é tão simples assim, e o processo de mandar o projeto foi bem estressante e difícil.

p - você tem algum exemplo para me dar assim de quem teve dificuldade com o contato com o professor e ele foi negligente com a pessoa ou algo do gênero. Qualquer coisa que te venha a mente ou algo que te contaram, não sei.

e - não me ocorre nada.

p - talvez algum perfil de pessoas que não conseguem fazer ic por alguma razão...

e - teve gente que disse que não conseguiria fazer ic porque já tava em muita coisa e não iria conseguir lidar com isso agora, que já fazia liga ou que mora muito longe, que falaram que seria difícil. Mas o mais específico que eu tenho é de uma amiga minha que na verdade queria fazer IC com a mesma orientadora que eu, na cardiologia, e a gente leu lá no edital que cada orientador poderia ter dois alunos. E daí nós duas submetemos o projeto e daí como eles estão com corte de gastos e essas coisas eles escolheram um aluno só, daí eu fui aprovada e ela não.

p - mas ela desistiu de tentar?

e - não, ela foi tentar outras bolsas.

p - morar mais perto do campus acaba sendo um fator para ingressar nessas atividades?

e - sim.

p - isso é recorrente na fala dos alunos que moram mais longe?

e - é, não só iniciação, qualquer atividade extracurricular, liga, essas coisas.

p - e você faz liga também? na cardio?

e - eu faço, é. É as de cardio, de emergências cardiovasculares e uma de psiquiatria.

p - você fez uma expressão engraçada para psiquiatria, porque?

e - porque sempre que eu falo isso as pessoas falam “que diferente”.

p - sim, são áreas distantes, mas você gosta das duas?

e - sim, gosto.

p - e você tem alguma preferência por especialização ou área que você deseje seguir. Você disse que pesquisa não é muito sua área.

e - é.

p - então mestrado não é viável para você a princípio.

e - ainda não pensei sobre isso, mas não tenho muita vontade por enquanto.

p - perfeito, mas e de especialidade médica?

e - então ainda não tenho ideia, estou tendendo mais para clínica do que para cirurgia, mas também não tive nada de cirurgia direito ainda. E eu gosto de cardiologia, mas eu não sei ainda.

p - você sente que tem áreas mais valorizadas na UNIFESP?

e - ah sim, tipo psiquiatria é meio desvalorizada, não por todos os professores, mas tem gente que...

p - os professores comentam?

e - é, minha mentora mesmo já falou “ah que pena que você faz psiquiatria, que desperdício”, como se não fosse tão médico como os outros

p - mas eles falam porque seria menos médico?

e - não...

p - algum outro comentário assim que você ouviu? ou fala de outros professores.

e - teve um professor que é psiquiatra que deu aula pra gente que ele mencionou que falam isso para ele também. ah que pena que você psiquiatria.

p - Cardio já é uma área bem valorizada e respeitada da Medicina.

e - sim, neuro também é bem valorizado.

p - nessas áreas mais valorizadas é mais difícil conseguir professor orientador ou participar das ligas?

e - ah acho que em relação as ligas talvez seja mais difícil de entrar porque as vezes é mais

concorrido e eles pegam mais pesado na prova para entrar na liga.

p - como é a prova da liga?

e - geralmente é uma prova técnica e discursiva sobre as aulas que você teve naquela semana do curso introdutório, você tem um curso a semana toda e no final da semana você faz uma prova sobre as aulas e daí eles analisam.

p - tem alguma entrevista ou algo do gênero?

e - algumas têm, depende da liga, depois da prova tem uma entrevista também.

p - você saberia me dizer quais?

e - que eu conheço, a de psiquiatria tem, de saúde mental da mulher o nome, eu sei que a liga do trauma que é a mais concorrida ela tem entrevista, sei que a liga de Medicina de urgência tem entrevista também. Essas são as que eu conheço, mas tem outras.

p - você faz psiquiatria então na área de saúde mental da mulher?

e - isso.

p - que interessante, é o projeto da pessoa responsável dessa liga?

e - é...

p - legal, e isso não conta como extensão?

e - não é que é a própria liga.

p - extensão mesmo você não faz?

e - não, eu comecei a fazer ano passado, o abraços, mas daí o horário não dava certo, eu parei.

p - do clima da UNIFESP de se expressar, de falar, isso é tranquilo ou rola algum tipo de ansiedade ou de pressão?

e - para falar com...?

p - de maneira geral, com seus amigos ou professores, na questão relacionada a isso, de se sentir confortável em se expressar, você colocou que discorda em partes.

e - não é que eu... antes de entrar na faculdade de Medicina eu até tinha medo porque falavam dessa coisa de trote dos professores serem muito rigorosos e você não poder falar nada, ter alguma retaliação assim, os próprios alunos mais velhos. E quando cheguei me surpreendi porque não achei que foi tanto assim, achei o pessoal bem aberto, não tinha trote... Assim comigo

nunca acontece porque eu acho que eu tenho mais vergonha, eu acabo por mim mesmo não falando tanto, mas já teve gente que acabou expressando suas ideias e daí alunos mais velhos vieram brigar, daí contam de professores de outros anos (das turmas seguintes), no meu ano ainda não, mas tem professores também que marcam os alunos.

p - se você fala algo que ele não concorda, mais nessa linha ou você acha que se você faz uma pergunta que o professor acha que não cabe ele tende a te tratar de outra forma?

e - da pergunta eu acho que não, mas se você faz alguma coisa que ele não gosta ou fala alguma coisa que ele não concorda ele já te marca.

p - uma coisa que eu escuto muito é que a área da Medicina é muito masculina, rola machismo, esse tipo de coisa?

e - acho que sim.

p - mas nesse sentido, acontece dos professores?

e - não dos professores nunca aconteceu, comigo na minha sala nunca vi nada assim...

p - mas você acha que rola?

e - ... sim.

p - me fale um pouco disso.

e - ah eu, eu não sei, as vezes eu sinto que as meninas da sala se sentem menos a vontade para falar as vezes, dependendo do professor.

p - mas porque você acha que isso acontece?

e - ah eu não sei... não sei explicar...

p - talvez por conta do clima ou da forma do professor se expressar?

e - sim, sim...

p - mas casos de machismo de aluno com outra aluna nunca rolou?

e - com certeza deve ter rolado, mas eu não presenciei. As pessoas falam...

p - você escuta comentários?

e - escuto, tem até página do facebook que as pessoas denunciam assim...

p - tipo assédio na Medicina?

e - isso.

p - mas você nunca presenciou, mas escutou histórias?

e - sim.

p - que tipo de história? Me dá um exemplo.

e - ah eu lembro no primeiro dia que eu vim para faculdade, eu fui chamada na terceira ou quarta chamada, daí eu perdi a semana de recepção dos calouros, mas quando eu cheguei me contaram que teve aquelas atividades da semana de recepção, teve uma que era de andar vendado para experimentar como era ser cego e andar na cidade, e daí uma pessoa guiava e outra pessoa estava com a venda, e daí a menina tava vendada e os meninos levando e eles passavam a mão nas meninas...

p - mais alguma coisa que te venha à mente?

e - que eu lembre não, tem as denúncias do facebook...

p - mas nada que você tenha visto ou sentido n sala de maneira generalizada.

e - é, eu não me lembro não...

p - como você se sente em relação aos alunos e aos professores da UNIFESP?

e - dos alunos eu me sinto à vontade até, pelo menos minha sala, não convivo muito com os veteranos, eu também não sou da atlética e também acabo convivendo menos, e da minha sala acho que é tranquilo, tem um ou outro que é mais chato e mas nada que chame atenção, e dos professores eu não tive nenhum problema específico, alguns professores eu achei meio grossos e tal. Por exemplo, eu fiz o curso introdutório para a liga do trauma. Eu me senti muito mal lá, todos os alunos eram muito competitivos, eram alunos mais velhos e alguns professores que foram dar aula lá diziam que gente que era do segundo ano não deveria nem estar "aqui", eles falavam umas coisas bem grossas. Daí eu me sentia mal, daí fiquei me perguntando se no terceiro ou no quarto ano eles são assim...

p - nossa parece uma pressão grande mesmo, que triste

p - tem algo que você considere que seja tido como uma boa trajetória para o aluno de Medicina que fique no ar. Como um veterano falando "ah faça IC que IC é legal" ou se tem coisas que você diria que seria uma boa trajetória para o aluno de Medicina?

e - sim, eles sempre falam da IC, que todo mundo faz Iniciação Científica e assim nem faz diferença no final, no seu currículo, mas se você NÃO fizer iniciação científica isso faz diferença no seu currículo, marca negativamente. Falam muito das ligas, falam da liga do trauma, se você entra na liga do trauma você ganha um reconhecimento. Acho que é mais isso.

p - você sempre estudou em escola particular?

e - foi...

p - sempre na mesma ou você chegou a trocar de escola?

e - sempre na mesma

p - e como era o ambiente lá?

e - ah eu gostava bastante... a minha escola, que estudei desde pequenininha lá em campinas, era uma escola conhecida por ser uma escola diferente assim, não era tão focada em vestibular, ela era mais crítica, queria levantar discussões, eu gostava bastante.

p - não era um modelo pedagógico tradicional, era mais moderna?

e - sim.

p - e de clima você se dava bem com todo mundo?

e - todo mundo não, tinha bastante gente assim bem chata na minha escola. por ser particular tinha gente que era assim muito rica na escola, e daí destratava as pessoas, mas era só isso.

p - nenhum grande evento ou problema?

e - não...

p - aí depois você fez cursinho no x?

e - isso...

p - me fala como era a experiência

e - eu gostei bastante, esse cursinho ele é menor, né? Tem vários cursinhos em x que são maiores, o meu é pequeno e menos conhecido, mas eu gostei bastante porque a maioria dos cursinhos para Medicina, você fica o dia inteiro no cursinho, tem gente que saia nove da noite do cursinho, e eu não gostava disso, queria ter um tempo para estudar em casa. Nesse cursinho era diferente porque não era turma de Medicina,

era todo mundo junto e era só de manhã, então a tarde eu poderia ir para casa estudar, mas as vezes eu poderia ficar na sala de estudos lá de tarde. Podia ficar nos plantões de dúvida com os professores, eu gostei bastante, é um ano estressante porque tem muita coisa pra estudar, mas eu achava os professores bons.

p - o clima era legal lá?

e - era!

p - não tinha aquela coisa de competitividade?

e - assim, cursinho sempre tem um pouco, eu achei que comparando com os outros do que me contavam era bem melhor.

p - sua escola era a mesma coisa, um pouco menor também?

e - a escola era bem grande, mas tinha esse modelo diferente também...

p - ele dava uma aliviada nessa pressão que tinha...

e - sim...

p - e de jornal você costuma ler a folha, tem alguma razão específica?

e - não, eu sigo no facebook, eu acabo lendo os feeds, leio também o Estadão, mas é porque acabo não tendo muito tempo de pegar o jornal e ficar lendo, mas assim eu sigo no facebook e acabo abrindo alguma notícia.

p - entendo, mas a folha especificamente porque você elencou ela não tem nenhuma razão específica?

e - não.

p - e eu vi que você fez três viagens pra fora, internacionais, você pode me falar para onde e porque?

e - em 2009 eu fui para alguns países da Europa com meus pais. mas foi a passeio, eles que escolheram, em 2012 eu fui para Disney, eu e minha irmã queríamos ir e meus pais conseguiram levar. Em 2015 eu fui para Amsterdam, minha irmã estava lá pelo ciências sem fronteiras a um ano, daí eu e minha família fomos visitá-la.

p - o que sua irmã cursa?

e - arquitetura e urbanismo na UNICAMP.

p - você tem planos para depois no término do curso?

e - ainda estou meio sem saber...

p - mesmo dentro da área da cardiologia, não era uma coisa que você tinha em mente de que você organizaria o curso nessa direção...

e - não...

p - e da distribuição de oportunidades no curso?

e - eu acho que até é igualitária assim...

p - mais uma questão de interesse?

e - interesse?

p - é de correr atrás...

e - ah tem gente que não corre muito... os mesmos alunos que da própria faculdade não se dedicam muito assim, não vejo procurando liga, iniciação científica...

p - eles acabam ficando de fora, mas por algo pessoal deles.

e - acho que mais pra frente eles vão acabar buscando isso...

p - e sua turma é a primeira turma de cotistas 50%, você sente que isso impacta de alguma forma na sua relação com os alunos, na aula ou na relação com a atlética? você já escutou comentários?

e - para mim impacta positivamente, eu acho bom, eu acho que até aquele medo que a Medicina fosse muito exclusiva, eu gostei que fosse 50% cotas, tem bastante diversidade na sala, mas eu já ouvi gente de fora da faculdade reclamando de que fica mais difícil de entrar, essas coisas...

p - mais dos professores ou alunos veteranos?

e - eu nunca ouvi nada, alguém já me falou de algum professor que reclamou disso de ter cotas, mas eu mesma nunca presenciei.

p - tem mais alguma coisa que você ache relevante falar?

e - não, eu acho que é isso.

ANEXO 9 – ENTREVISTA COM ALUNO 6

Pesquisador - entrevistado 6, vou começar do básico, eu queria saber como surgiu o interesse pelo curso de Medicina.

Entrevistado - eu sempre quis, desde pequeno eu falava que gostava de ser médico, eu tinha uma boa relação com meu pediatra e falava isso para ele e ele me encorajava, dizia “legal que você gosta, recomendo”, daí eu fui crescendo assim, não dá para ter certeza desde pequeno, mas quando fui decidir mesmo foi só no segundo ano do ensino médio.

p - e o que aconteceu que foi esse momento que você decidiu? Aconteceu algo de específico?

e - teve muitas coisas, uma que estava chegando o vestibular, você vai direcionando e pesquisando as carreiras e teve a morte da minha avó, que eu passei um tempo indo no hospital, como já tinha esse desejo desde sempre, pensei que me sentiria bem fazendo isso. Não cheguei a conversar com os médicos de lá, mas senti que parecia um ambiente que eu iria gostar. Eu sabia que eu não ia querer trabalhar com computador o dia inteiro. Então eu já fui eliminando umas profissões assim, que eu sabia que não serviria para essas coisas. No primeiro e segundo ano eu também comecei a tocar em uma orquestra. E daí eu tava dividido que eu ia fazer cursinho no terceiro e teria que parar que as aulas eram de tarde e três vezes por semana (na orquestra) e daí eu até tentei fazer cursinho de noite um período, e aí continuei, mas daí não estava dando muito certo, eu chegava muito tarde, daí fui para tarde mesmo. Nesse período até cheguei a pensar em fazer música, mas daí depois eu senti que era mais um hobby e também era iniciante, então manterei mais como um hobby.

p - entendi, e o que você tocava?

e - tocava viola.

p - e isso é de família?

e - não, eu comecei no violão, meu primo tocava violão mas ele começou a trabalhar e não estava usando muito daí um dia eu estava na casa dele e ele me ofereceu

emprestado. Eu pensei “ah vou aprender” tinha 13 anos, tinha vida boa ainda (sossegada). Aí comecei a aprender e depois quis estudar um pouco de teoria, daí tinha um CEU perto de casa que tinha aulas de música. Aí eu fui fazer aula de violão, mas não tinha mais, daí ela me ofereceu violino, disse que estavam sobrando vagas. Aí comecei no violino, fiz umas duas semanas, daí a professora de violino disse que não tinha ninguém tocando viola. Aí ela perguntou se eu não queria experimentar, eu experimentei e gostei porque é um som um pouco mais grave, e eu gostava mais do som mais grave.

p - você é bastante jovem, você está com 19, certo?

e - sim.

p - você mal fez cursinho, fez um ano só.

e - é, eu fiz ,fazia o ensino médio de manhã e o cursinho a tarde.

p - e você entrou no cursinho em qual ano do ensino médio?

e - entrei no terceiro.

p - mesmo assim você fez pouco tempo.

e - é eu fiz, foi extensivo, fiz de março a dezembro mas fiz um ano só.

p - parabéns, foi bem rápido, a média de cursinho para Medicina costuma ser 5 anos.

e - é aqui pelo menos, a maioria dos meus amigos fez 2 anos, tem pessoas que fez 4, a média acho que é 2 ou 3.

p - me fale mais da sua relação com o pediatra, até quantos anos você passou no pediatra, se você mantém contato com ele ainda, o que ele fez que te incentivou na sua opinião?

e - passar com ele mesmo até uns 12, por aí, depois eu ia porque eu tenho irmãos.

p - então era como um médico da família?

e - sim, praticamente, eu só não vi ele um tempo, depois dos 15, minha mãe perdeu o plano e então perdemos o contato. Mas agora minha mãe recuperou o plano e está voltando nele.

p - então vocês mantêm essa relação?

e - é, eu não consegui ainda ir lá, desde que eu entrei em Medicina, mas por conta da rotina. O que eu gostava era a coisa da relação de ter uma boa relação médico paciente e conseguir trabalhar com pessoas.

p - e isso você sentia no atendimento dele mesmo, ou é mais a sua visão sobre o papel do médico? Ou os dois?

e - Acho que os dois, eu nunca tive uma experiência negativa, é que com ele era com quem eu passava frequentemente então acabava sendo a visão que eu tinha era a visão dele.

p - e para você é importante essa coisa de lidar com as pessoas e ajudar e etc.

e - sim.

p - eu tava vendo o bairro que você mora, você mora bastante longe da UNIFESP na verdade, em São Miguel Paulista, é isso?

e - isso.

p - e como é por lá? Você estudou por ali? Você estudou até o final do médio na escola pública, é isso?

e - sim, e fiz o fundamental na particular, numa particular do meu bairro.

p - e o médio você fez em escola pública...

e - sim, eu prestei ETEC.

p - ah sim, mas não era o profissionalizante.

e - não, eu fazia só o normal, eu prestei ETEC e a Federal, né? Aí eu até passei em eletrônica, mas eu acabei fazendo só por ultima opção, mas não pensava em seguir, achava melhor ter a tarde livre, já que não era uma coisa que eu desse segmento, fazer apenas por fazer eu não queria muito.

p - não era algo do seu interesse?

e - uhum...

p - e daí você usava esse tempo mais para música e pro cursinho...

e - é.

p - e porque você saiu da escola particular e foi pra ETEC?

e - mais por conta de vir para a ETEC de São Paulo, que é conhecida por ser uma escola pública boa e tal, aí eu prestei porque eu queria mesmo, a escola que eu estudava dava um bom apoio, os professores me davam um bom apoio porque eu era um dos alunos

esforçados da turma, ia atrás e aí eu ia em plantão de dúvidas, fui para olimpíada de matemática e de português...

p - você tinha um bom desempenho escolar e uma boa relação com os professores.

e - tinha, daí chegou no ensino médio e minha mãe comentou “minha amiga comentou da ETEC de São Paulo, que é uma escola pública muito boa” e perguntou se eu não queria prestar, eu achei legal, mudar um pouco.

p - sim, é um perfil de aluno diferente também...

e - sim...

p - e o que você achou das aulas? Você achou que manteve um mesmo nível? Você viu muita coisa que você já tinha aprendido na escola?

e - na verdade depende da área, porque a assim, a ETEC que eu estava era muito boa em humanas, então minha base de sociologia, geografia e história, eu tive professores muito bons. Em comparação com o cursinho, por exemplo, história no cursinho não me serviu pra quase nada, porque na ETEC era muito forte. Em compensação biologia era bem fraquinho na ETEC, biologia eu senti isso, a maioria das coisas eu tive que correr atrás,

p - mais no cursinho então que você sentiu isso, biologia na ETEC então foi mais fraca?

e - sim...

p - em comparação com a escola anterior que você tava biologia era como? Era mais forte? Mesmo nível?

e - história eu gostei mais da ETEC, agora biologia e matemática, matemática eu também gostei bastante da ETEC, só biologia, física e química que era mais fraco do que na escola.

p - entendi, então com o cursinho deu uma compensada nisso.

e - sim.

p - e como é sua relação com as humanas? Você se interessa por humanidades?

e - eu gosto, gosto bastante.

p - eu não tive sociologia na minha época, acho interessante.

e - sim, nós lemos Engels no segundo ano, a gente era bastante estimulado...

p - tinha bastante contato com leitura então, é difícil conseguir usar leitura com os alunos do ensino médio. E daí o bairro que você morava no caso, você diria que ele é como? Eu vi que nele num geral tem poucas pessoas com curso superior, mas seus pais tem, sua mãe é jornalista.

e - sim, minha mãe fez jornalismo, ela completou.

p - e seu pai estava cursando logística e interrompeu.

e - é...

p - e porque sua mãe não chegou a trabalhar na área?

e - Nunca soube, sei que ela fez jornalismo e depois ela prestou estágio pra trabalhar no O Estado de São Paulo, o jornal, só que daí ela recebeu uma proposta para ficar e quando ela entrou estagiária ela meio que fazia tudo, daí foram surgindo vagas nas áreas de marketing e de anuncio, e ela é boa nisso.

p - entendi, mas ela coordena essa parte?

e - ela não coordena, mas ela é uma boa funcionária, ela trabalha com meta, ela vive batendo a meta, e ela não saiu até hoje, porque ela consegue bater a meta, já é reconhecida e tem toda uma questão dos direitos trabalhistas, então ela foi ficando e ela gosta do que ela faz.

p - ela se identificou então mais nessa área mesmo do que com o jornalismo em si.

e - uhum.

p - e na geração dos seus pais mesmo que ocorre essa entrada no ensino superior. Tem sua mãe, seu pai chegou também a entrar e os seus tios.

e - eu tenho poucos tios na verdade porque minha mãe ela é adotada, e é filha única, então meu pai tem um tio que é formado em educação física e professor da rede pública e a outra irmã dele é bancária.

p - médico na família então não tem.

e - bom, tenho um primo distante, que ele mora no nordeste e ele fez.

p - mas você chegou a conhecê-lo?

e - não.

p - só conhece pela história da família.

e - isso, só pela história.

p - eu vi que costuma ler, eu gostaria de saber que tipo de livros te interessam de maneira geral?

e - depois de entrar na Medicina você fica um pouco bitolado, você fica lendo as coisas meio que...

p - do curso?

e - é, mais ou menos, o ultimo que eu li foi a morte um dia que vale a pena viver, fala sobre nossa relação com a morte, cuidados paliativos, como a gente da saúde pode lidar com isso, que a gente ta sempre nessa coisa de ter que tratar. Eu gosto bastante dessa área de lidar com a morte...

p - é algo que mexe com você?

e - uhum...

p - mas isso foi algo que mudou com a Medicina? Seus hábitos de leitura, por exemplo, você gostava de ler Alvares de Azevedo, algo assim...

e - ah não, mudou bastante, é porque eu mudei bastante, desde o terceiro ano.

p - sentiu que deu uma amadurecida?

e - sim, bastante. Fora isso eu tenho lido algumas coisas de minimalismo, eu sou vegetariano então tenho lido bastante coisas a respeito de vegetarianismo...

p - e de onde veio o vegetarianismo?

e - apesar de ter falado mal das aulas de biologia, na minha aula de biologia tinha uma professora que era meio natureba.

p - meio ativista com isso?

e - isso, a gente tava conversando e ela tava comentando do uso de água na pecuária, e eu achei interessante isso de todo mundo falar que tem que fechar a torneira pra não desperdiçar a água, mas que na real o uso da pecuária da água é muito maior, daí comecei a pesquisar e eu tinha uma amiga que era vegetariana e fui amadurecendo a ideia. No começo meu pai não apoiou muito, quando falei em parar de comer carne foi no terceiro, e daí foi quando comecei o cursinho, meus pais se separaram e tinha muita coisa acontecendo ao mesmo tempo, aí eu fui parando de pouquinho e quando parei mesmo foi ao final do ano.

p - em um ano então você conseguiu parar de comer carne?

e - sim.

p - é pouco tempo também, então foi através da sua professora de biologia, você tinha uma boa relação apesar do ensino ser fraco.

e - tinha, é que ela deu aulas mais no terceiro, no primeiro no segundo foram outros professores, no terceiro ainda deu uma melhoradinha, ela também fala da biologia não só como decoreba, mas também da nossa relação com o mundo, meio ambiente, qualidade de vida.

p - você também colocou que de jornais você costuma ler o El País, e o BBC, tem alguma razão para isso?

e - Mais por questão de acesso mesmo, que as vezes eu olho o site, e também por questão de conteúdo mesmo.

p - você acha o El País mais legal?

e - é, mais interessante, na época do cursinho eu lia o Le Monde também.

p - são jornais menos massificados.

e - um pouco mais críticos.

p - isso.

e - eu gostava para estudar questões de atualidades.

p - na sua escolha também por cinema e por peças, eu to vendo aqui que você vai mais em peças autorais e cinemas do circuito alternativo. Isso veio depois que você entrou na UNIFESP ou já vinha de antes? E por que? Como surgiu esse seu gosto pela cultura dita alternativa?

e - acho que começou no segundo, eu não conhecia antes, foi mais por causa de uma amiga minha que conhecia, daí eu comecei a conhecer também, conheci o reserva cultural, nessa época comecei a tocar, a ir em concertos, ia na sala São Paulo. Aí foi mudando...

p - Sua forma de consumir cultura e a sua relação com ela.

e - uhum.

p - foi a partir do segundo ano então.

e - sim.

p - certo...

p - você tem alguma preferência de especialização já? e como surgiu?

e - eu entrei pensando em pediatria, por conta da minha história, hoje eu não sei se eu faria.

p - porque? o que mudou?

e - acho que a gente ainda não teve muito contato com as especialidades, mas eu sinto que tem que ser algo que você olhe e sinta que depois de passar por aquele bloco que você aprende a especialidade você sente falta depois, e eu ainda não senti isso. Por enquanto a gente só está tendo as básicas, então... Ainda não surgiu algo que eu falei "nossa".

p - mas nas suas pretensões pessoais, sei lá, eu vou me especializar em cardio por conta x,y,z ou vou para psiquiatria porque gosto de a,b,c, nunca rolou nada assim?

e - no primeiro ano acho que não, mas agora no segundo, quando comecei a ler esses livros de cuidados com a morte pensei em cuidados paliativos, né? E eu me identifiquei muito com o ideal de encarar a morte de uma maneira natural e não como um fracasso para o profissional de saúde e, aí eu comecei a pensar em geriatria ou oncologia, que são áreas que se lida bastante com a morte. Daí eu comecei a fazer pesquisa em oncologia também, então já sinto um pouquinho.

p - você tá fazendo IC em oncologia?

e - uhum, a gente lida com a parte técnica, e eu acho interessante essa parte de pesquisa.

p - Dessa área de pesquisa mesmo você gosta?

e - sim, tem uma área de pesquisa enorme

p - sim, eu imagino que a área de oncologia tem ganhado muito espaço. E como foi esse contato com o professor e quando foi que você começou? É que você tinha marcado que tinha interesse, mas que ainda não tinha começado a fazer.

e - Aqui a gente costuma usar o segundo ano para começar a IC pelo menos, que o segundo ano costuma ser um pouco mais leve, tem algumas janelas, aí ao final do primeiro ano eu fui na neurofisiologia, porque eu achava interessante neuro, gostava bastante de estudar comportamento, só que eu trabalhava com animais, daí eu

acho que eu não vou gostar muito de trabalhar com ratinhos.

p - justo, você já era vegetariano.

e - é... aí eu fiquei um tempo e tentei na patologia, mas o professor era meio, enrolado, não parecia ir muito pra frente, daí acabei saindo, conversei com ele e via que não dava muito certo e acabei saindo. E aí eu comecei a pensar algo em onco, eu gostava de cuidados paliativos, acho que é algo que se encaixa um pouco, aí eu comecei a ver quais professores daqui faziam pesquisa em oncologia, e daí eu conheci um professor, mandei e-mail para ele e ele estava fora, daí ele disse que eu deveria falar com tal professor que era do mesmo laboratório mas era de uma linha de pesquisa diferente. Daí eu conversei com ela.

p - e esse professor você conheceu pessoalmente ou buscando informações?

e - fui buscando pelas informações da UNIFESP, entrei pra ver as linhas de pesquisa e os laboratórios, daí fui vendo quem eu achava que era possível trabalhar. Esse daqui eu acho que tenho interesse, esse daqui acho que não. Daí eu cheguei nele.

p - e ele colocou você em contato com essa outra professora.

e - sim, daí eu gostei achei legal, ela é bióloga. Eu não tenho um projeto ainda meu, por enquanto eu fico mais ajudando as doutorandas.

p - e você ajuda em que sentido?

e - faço experimentos, tem que ver se o DNA de um paciente tem ou não mutação, daí eu faço, ou tem que analisar uma tabela para ver quantos pacientes tem o gene tal mutado.

p - entendi, e você aprendeu a fazer tudo isso com essa professora? A IC mesmo como você colocou. Algo que você correu atrás e falou com ela, atividades diferentes do curso?

e - sim, daí eu faço no tempo livre, por exemplo eu tenho terça a tarde livre, daí eu aproveito e faço as coisas.

p - de lidar com essa parte mais relacionada a pesquisa.

p - e daí você marcou que gostaria de fazer lato sensu de pós graduação?

e - talvez.

p - e lato sensu é pós mesmo, é tipo uma especialização. Você tem ideia da área?

e - eu fiquei em dúvida disso porque na Medicina a gente tem a residência...

p - é então não residência não é exatamente lato sensu.

e - lato sensu então é mestrado acadêmico?

p - não, daí seria strictu sensu. Mas você tem interesse de seguir nessa área de pesquisa em um mestrado e doutorado?

e - eu tenho, acho interessante. E mais também pela questão de ensinar também, e ser docente, até porque na Medicina a gente tá com muita falta de professores, porque tem uns que são muito ruins.

p - didática ruim no caso?

e - as vezes nem só a didática, mas tem umas coisas absurdas assim de professor tratando paciente mal, falando "ah vai lá ver o paciente tal" daí você chega lá, conversa, passa o caso, daí ele fala "ah mas você sabe que esse paciente tem um tumor metastático, com 10% de chance de sobrevida" e o cara já não se importa com a pessoa.

p - mesmo com o professor, essa atuação profissional dele é o que o mexe com você, tem mais alguma coisa que você elencaria como essa falta de empatia com os pacientes ou até com alunos, você já viu algo assim? Professor falar alguma coisa e todo mundo achar ofensivo.

e - não, acho que não, uma vez só na aula de patologia que rolou um discurso moralista de que a gente tinha tido prova e depois teria aula e daí um pessoal foi embora, não ficou pra aula, daí o professor falou "vocês acham que na vida lá vai ser assim, que vocês vão poder fugir das responsabilidades, porque na minha época eu dava 36 horas de plantão e depois ia pra outro hospital" esse tipo de coisa.

p - mas coisas como discurso machista de algum professor, ou algum racismo, isso nunca surgiu?

e - não, isso... até porque nossa relação com os professores é muito passageira, a gente tem uma hora de aula com um cara que é bambambam no assunto e ele dá uma aula acabou.

p - acaba sendo um contato efêmero.
e - sim.

p - e quanto a extensão? Você marcou também que participa. O que você está fazendo de extensão?

e - de extensão, no primeiro ano eu participei de um projeto chama abraços, que é basicamente visitar pacientes no hospital para conversar com eles sobre a doença, mas também sobre a vida deles.

p - nessa perspectiva mais humana.

e - é, no segundo eu fazia mais uma ong chamada IFMSA.

p - e o que é?

e - é um conjunto de comitês e locais em cada faculdade e a gente meio que faz projetos na área de educação da ética com a população. Eu participei de um projeto chamado “hospital de ursinhos”, que nós fizemos em uma escola aqui perto, é assim, na pediatria quando chegamos para conversar com a criança muitas vezes ela tem medo de você, né? E aí era mais para tranquilizar ela, a gente doava um ursinho para a criança e ela ia rodando em um circuito de hospitais, daí ela apresentava o ursinho e falava o problema que ele tinha, como se a criança fosse o pai e o ursinho o paciente. daí ele falava “ah meu ursinho tem dor de barriga” e eu respondia “ah vou anotar aqui para que a enfermeira dê o remédio”, daí eu conversava com a enfermeira, daí dava vacina ou o remédio.

p - essa parte humana da Medicina é um fator forte.

e - sim, tanto das vezes que eu descarto ir para cirurgia é essa falta de incentivo a isso, o que eu vejo é o contrário, do pessoal super te joga fora do sistema.

p - do sistema você diz joga fora o paciente?

e - não, de você enquanto residente mesmo, eu tenho uma amiga que fazia residência na ortopedia, conhecida, que é cirúrgico por uma parte, só que é uma residência super machista assim, daí ela desistiu, disse que preferia fazer outra coisa da vida dela do que continuar mais dois anos naquele nível.

p - mas o que acontecia especificamente?

e - ah ela era inferiorizada...

p - por ser mulher?

e - sim, porque ela era mulher, e também tem essa cultura na ortopedia de sempre ter que aguentar e você não pode discutir com ninguém, discutir mesmo de um jeito saudável, sabe? Só acatar, abaixar a cabeça e seguir em frente, por conta de quem está mandando...

p - veterano no caso?

e - o preceptor na verdade.

p - tem outras áreas que são assim e área que são menos?

e - eu não tive muito contato, mas conheci os residentes da neurocirurgia, e eles também eram assim, tanto que o pessoal reclama muito do curso do bloco de neurocirurgia, porque eles não estão nem aí, não dão satisfação, a gente vai atrás e eles tratam como se você não estivesse ali...

p - e tem alguma área que seja mais receptiva nesse sentido?

e - eu ainda não conheci tanto assim, mas já conversei com residentes da pediatria, eles são muito mais abertos, participava da turma que organiza as festas daqui, páscoa, festa junina, ia para ajudar e brincar com as crianças. Daí eu conversei com os residentes e é outro perfil, né? Antes eu não achava que tinha perfil, mas aí eu relutei para acreditar que existia realmente perfil, que você não precisa ser assim, mas você vai vendo que isso acaba sendo um fator para se encaixar ou não em uma especialidade. Pelo menos para mim, foi...

p - tem coisas como diferenças de gênero em determinadas residências?

e - ah com certeza.

p - tem residências que são mais machistas?

e - ortopedia é a mais machista, neurocirurgia também, tanto que esse ano entrou uma mulher o que me deixou feliz. Tenho uma amiga que pensa em fazer, e eu desejei a ela boa sorte, a gente sempre escuta de mulheres que fizeram neurocirurgia que no começo era assim punk de aguentar.

p - você sente que tem mais residências e especialidades que são mais valorizadas, ou

até extensões? Ou mesmo as próprias ligas, tem coisas mais valorizadas?

e - Uhum, mas por quem?

p - Pelos alunos mesmo, mais alunos vão pra uma determinada área, mais alunos vão para ortopedia por exemplo.

e - de especialidade, a campeã é dermatologia, muita gente vai para dermatologia, que tem bastante procura. Aqui talvez a tendência seja a diminuir por conta da questão das cotas, que a aqui agora a gente tem metade das cotas, o ex ministro da saúde dava aula em uma universidade particular de Santos, daí ele comentou em uma aula que, ele falava da residência de Medicina da família e percebeu que o pessoal ria. Daí ele disse “ah, quem aqui pensa em ser médico da família?” daí uma pessoa levantou (a mão), “quem aqui pensa em ser pediatra?” daí vários levantaram.

p - ele falou mais alguma coisa nesse sentido depois?

e - ah sempre tem gente que fala, até mesmo professor que fala, a escola paulista não foi feita para formar médico de família, médico generalista.

p - e isso impacta sendo sua turma a primeira turma de 50% de cotistas? Impacta de alguma forma no discurso dos professores ou nessa questão mesmo de Medicina da família?

e - não sei assim, até agora foram só as matérias básicas, só na matéria de sus que nós temos que a gente debate um pouco disso, de como a gente não valoriza a Medicina da família ou essa Medicina mais generalista, e hipervaloriza ser especialistas, você não só forma cardiologistas, você forma um cardiologista especialista em arritmia de uma parte específica do coração. E as vezes a gente supervaloriza isso e esquece desse retorno social.

p - e como os alunos costumam responder a isso? É uma matéria eletiva ou ela é obrigatória?

e - é obrigatória, essa matéria é dividida em grupos, eu não sei se meu grupo representa o total da classe, mas eu vejo que são pessoas mais desse tipo que deboccha mais de saúde

pública. Ai quando perguntaram isso a maioria queria cirurgia.

p - e de perfil socioeconômico se você fosse chutar, o que você diria dessas pessoas? É um pessoal que sente essa entrada na Medicina como uma nova oportunidade ou você acha que é um pessoal mais bem-nascido?

e - ah eu acho que é uma galera mais bem nascida, não digo que é podre de rico, mas em geral, mesmo as pessoas que entram por cota, tendo duas modalidades, escola pública e escola pública mais renda. Mesmo essas pessoas que entram só pela cota de escola pública têm gente que tem muita grana, mas porque fez federal ou fez alguma escola pública boa e depois fez algum cursinho caro.

p - alguém já falou abertamente sobre isso?

e - sim, já vi, já vi gente falando “que entrou na federal (escola) entrou na federal por causa da cotinha”.

p - que em tese não precisava, poderia compensar de outras formas.

e - sim...

p - subverte toda a proposta da ideia de cotas.

e - eu particularmente fico bravo, essa pessoa que falou eu acho que deveria ser barrada de ter o diploma, para pensar na vida. Não só preconceito, mas não dá valor ao curso, está aqui mas não tem comprometimento. Vem de uma família de médico, rica, diz ele que é porque quer, mas da pra ver que a pessoa não tem interesse, a gente começa a notar, se diz que quando sai da faculdade de Medicina talvez não saiba para quem você vai mandar os pacientes, mas você sabe para quem você não vai mandar. Então você sabe que para aquela pessoa você não manda.

p - no questionário tinha uma questão que dizia respeito ao quanto se sente à vontade pra falar nas aulas, você colocou que se sentia não muito a vontade, tem algo específico quanto a isso?

e - eu sou uma pessoa mais fechada mesmo...

p - mas o clima da sala? Porque as vezes a gente é mais fechado mesmo, mas digo

quanto a gente sente que pode falar, tipo não vou dizer algo porque alguém pode me zoar, ou que isso vai pesar em outro momento.

e - teve alguns momentos que sim, as vezes eu sei que alguém ou vai debochar, ou as vezes a pessoa não fala nada, mas você nota na expressão algo como um desdém. Isso entra nessas questões polêmicas, a gente tava discutindo mais médicos, essas coisas assim e o pessoal super metendo o pau, e as vezes eu queria defender um lado e eu fiquei meio assim.

p - nesse sentido você ia defender o mais médicos, e a galera que é contra deve ter feito um estardalhaço...

e - uhum...

p - e as posturas dos professores sobre isso? dessas falas desses alunos, como eles reagiram nesse contexto?

e - é que essa discussão foi durante a matéria do sus e os professores são favoráveis. Eu achei muito bom porque eles são favoráveis, mas eles mostraram todo um embasamento.

p - e mesmo assim não convenceram os alunos?

e - é tinha um pessoal que dizia que entendia o ponto, mas que não acreditava, mesmo mostrando as estatísticas, a pessoa não acreditava, em geral muito da faculdade dessa área tem mudado, principalmente com os professores mais jovens. Os professores mais velhos são mais a favor dessa visão de mundo tradicional. Você pega os especialistas de cada área, eles são até contra médico de família e coisas assim... de dizerem que “que absurdo, o médico de família vai cuidar da hipertensão do paciente, quem tem que cuidar é cardiologista”. E se você pega tipo, no Canada o médico de família faz mil coisas, só manda pro especialista quando ele não consegue resolver, e daí ele que resolve porque tem que resolver. Mas aqui no Brasil é muito forte essa coisa de supervalorizar especialidades.

p - em geral então os professores mais novos são mais progressistas?

e - sim, tanto na didática assim, que é um pouco melhor, na questão de aceitar as demandas dos alunos, de a gente falar “ah

professor seria legal se você fizesse uma lista de exercícios, geralmente os professores mais novos fazem.

p - já é mais aberta a relação com os alunos...

e - sim, já é uma relação diferente.

p - e o que você considera uma boa trajetória para um aluno do curso de Medicina? quais as coisas que um aluno deveria fazer?

e - em relação a como estudar, essas coisas?

p - coisas como a ic por exemplo, que você disse que o segundo ano costuma ser um bom ano para IC, o que mais surge assim de fala dos alunos? Todo mundo comenta?

e - Quando você concentra assim o que mais puxa é a questão da atlética, quando você entra a primeira pessoa que vem falar com você são os diretores da atlética, para você treinar, e tem uma cultura muito forte da atlética, de treinar forte. A atlética é bem firme aqui, inclusive eles dizem que a nossa geração tem treinado cada vez menos, e que é um absurdo, daí minha turma esse ano está como diretoria, daí eles até passaram um questionário perguntando porque eles não frequentam a atlética. Tinha várias alternativas como “não frequento porque não me sinto bem no local” ou “não frequento porque já me senti intimidado”.

p - e foi feito uma análise estatística disso?

e - acho que fizeram, porque já faz um tempinho, eu não tive acesso aos resultados.

p - mas se você fosse chutar o que você diria?

e - ah eu acho que muitas pessoas se sentem incomodadas de entrar na atlética, principalmente porque a minha turma é meio polêmica, meio briguenta.

p - quais assuntos que geram essas polêmicas? Política?

e - não, é mais porque teve uma questão de um cara velho (ex alunos, já formados) que já está formado, os velhos frequentam muito a atlética ainda, mesmo depois de formados. E, eles patrocinam também, eu não lembro o que aconteceu, minha turma tem no começo do ano tem competição de calouros, e minha turma não quis participar tanto e os times ficavam sempre com as mesmas pessoas, daí

eles iam lá e diziam “você tem que ajudar é só uma competição, depois você pode sair”, mesmo assim o pessoal não aderiu muito, não se identificavam, aí um dos alunos meio que peitou esse cara mais velho e deu briga.

p - mas o perfil desses alunos calouros e dos alunos mais velhos é diferente você diria?

e - ah eu diria que sim, em comparação a galera que se formou ano passado e minha turma, eu acho um perfil bem diferente.

p - mas em que sentido e aspectos?

e - eu acho que uma questão forte é mesmo uma questão de personalidade, de serem pessoas mais... não sei, tem uma diferença social, que acarreta na personalidade, são pessoas que tiveram uma questão financeira mais estável. E daí se tornam pessoas mais conservadores que a gente, ainda que não tanto. Principalmente a gente vê isso que é uma coisa de tradição e vai construindo em você ao longo do curso, principalmente se você está na atlética. Eu tive amigos que tem o mesmo discurso e tem o mesmo discurso porque treina, mas você nota uma mudança, nos discursos.

p - dessa galera que frequenta a atlética você acha que é um pessoal que se relaciona mais com esse perfil conservador da Medicina?

e - eu diria que sim, apesar de que acho que tem mudado, tem melhorado.

p - o pessoal mais progressista tem disputado espaços na atlética?

e - uhum, sim.

p - e com o CA é como essa relação?

e - o pessoal da atlética não vai nas festas do CA e o pessoal do CA não vai nas festas da atlética, e eles falam mal na cara assim. Rola um julgamento se você for em festas do CA.

p - e sua turma nesse sentido se identifica mais com o pessoal do CA. que é uma galera mais progressista eu imagino.

e - é, mais ou menos, é que o CA também tá em crise de conseguir angariar pessoas, a turma desse ano esta mais participativa, a que entrou depois da gente. Tiveram umas pessoas que continuaram no CA, mas acho também que não foi tão bem divulgado, o pessoal que tava na atlética também não ia no centro acadêmico.

p - o pessoal da atlética então arrebanha mais?

e - ah com certeza, no começo do ano, tem as competições de calouros, daí quando tem a matrícula você faz todo um circuito, e em teoria o circuito tem que ser igual, apresentar a atlética, apresentar a sala de descanso, e daí você também teria que passar pelo CA, daí ouvi de grupo que não passou pelo CA. Daí o grupo que levou ficava apressando, não deixavam o pessoal do CA fazer as dinâmicas que eles tinham preparado com os alunos. Ficavam apressando dizendo que estava em cima da hora.

p - outra questão que eu gostaria de perguntar é nesse aspecto do mestrado, de pesquisa e etc e de docência, isso é valorizado pelos professores? Isso não aparece?

e - até agora isso não apareceu muito assim, a gente tem uma cultura muito forte de fazer iniciação pelo menos, porque é uma coisa valorizada para a residência, e muita gente acaba fazendo por conta disso também “ah todo mundo faz, se eu não fizer...” se tornou algo tradicional...

p - mas pesquisa acadêmica e seguir nesse ramo?

e - é que a gente ainda não teve muita aula com médicos que seguem nessa carreira, a gente teve aula com biomédicos, áreas mais assim, mas eu noto que aqui é um pouco fraco nessa questão.

p - meio nebuloso, ninguém fala a respeito.

e - é...

p - de trabalhar pesquisando no mestrado, você pode trabalhar assim...

e - não, não surge, mas também o que dizem que os professores médicos são muito menos dedicados à graduação, acontece muito de as vezes estou passando no bloco da cardiologia e o professor se atrasou, aí não dá satisfação, aí o pessoal fala geralmente que o cara está no escritório, daí você vai olhar o lattes da pessoa, a pessoa tem 30 vínculos com instituições diferentes, e ta lá, Universidade Federal de São Paulo, 40 horas, nem a pau que o cara se dedica às 40 horas.

p - essa coisa do perfil profissional até o que você viveu pelo menos é muito mais importante, você ir pra área trabalhar atuando como médico.

e - é

w- tem carreiras que são claramente mais prestigiadas na fala dos professores?

e - deixa eu pensar, eu sei que tem às carreiras que são negligenciadas, tipo, Medicina de família, acupuntura, essas especialidades mais de atenção básica, rola um pouco de preconceito com atenção básica. Agora de valorização, dermato, neurocirurgia, cirurgia plástica, oftalmo que é muito bom da UNIFESP. Mas em geral não vejo uma pressão, tem essa pressão de depreciar algumas especialidades, mas nenhuma que eles façam pressão pra seguir.

p - e isso transparece de alguma maneira no comentário dos professores essa depreciação?

e - talvez eu mude de opinião tendo aulas no terceiro e quarto ano, mas até o momento não houve nada...

p - e quanto a distribuição de oportunidades no curso? Cê diria que é mais equânime, você diria que tem grupos que aproveitam mais as oportunidades que você nota?

e - em geral é mais a questão de intercâmbio. que aqui não é tão forte, isso nem é divulgado, se você gosta e tem interesse, tem que correr atrás, é só um que é bem divulgado, que é um convênio que a UNIFESP tem com a universidade de Groningen na Holanda. Só que geralmente tem bastante informação, recebe e-mail falando, manda sua carta de motivação, mas em geral pouca coisa é falada. E em geral você nota que em geral quem vai é quem pode custear.

p - não rola uma bolsa ou auxílio?

e - nesse de Groningen, eles pagam o curso e você paga a estadia, e aí se você não for selecionado pro curso, você pode fazer mas pagando fora, tem muita gente que vai e paga.

p - e nisso já tem um tremendo corte, e da galera selecionada você acha que é um pessoal que tem meios pra bancar mais?

e - o que acontece é que a seleção é por CR, e aí dizem que contam as coisas que você faz, se você faz pesquisa, sua carta de motivação, mas na prática o que eu ouvi é que se você tiver um CR bom você consegue, se não esquece.

p - sua turma por ser cotista, tem alguma coisa diferente pela forma que a sua turma é vista? Isso transparece no comentário dos professores?

e - dos professores não, mais de a gente contestar isso da questão de como a atlética lida com certos assuntos, essa obrigatoriedade de você treinar...

p - se sua turma é vista de uma maneira diferente, pelos professores, pelos alunos se vocês são tratados de forma diferente e como você identifica isso.

e - ah, uma coisa que aconteceu, a gente tava tendo uma aula de reforma do currículo, a gente tem uma prova que avalia seu conhecimento do primeiro ao sexto ano e você tem que fazer todo ano, chama prova progresso. Aí no final dela você coloca suas críticas do curso, né? Eu achei que a matéria tal foi ruim por causa disso disso e disso e daí esse ano tiveram algumas oficinas, eles pegaram essas críticas e iam debater com alguns alunos e professores, aí uma coisa que chamou muito atenção das turmas mais velhas foi que algumas pessoas da minha turma e da turma do terceiro, colocaram que achavam ruim o fato de que a gente tem acesso as provas antigas e que os professores repetem muito por comodidade. E daí acaba que aquele cara que não está ligando muito pra nada, pega a prova e já estuda o que vai cair e vai bem, e daí é um pouco disso, o pessoal reclamou, a gente nessa época já estava com a fama de "revolucionários" e daí teve briga, eles disseram que a gente deveria estar agradecendo e tal. E a gente fala mal do que precisava melhorar nas aulas, e as vezes alguns professores reclamam demais, que a gente quer moleza.

p - isso surge no discurso deles? “você de 2016 reclamam demais”.

e - é, você reclamam demais, você não valorizam, porque na minha época...

p - você não valorizam a tradição?

e - é, é mais assim “sempre foi assim, pra que você vão mudar?”

p - tem mais alguma coisa que você gostaria de dizer ou um detalhe?

e - acho que não...

p - e tem algo do curso de Medicina que você gostaria de adicionar?

e - tem algo que eu acho importante que é justamente a questão da saúde mental, não sei se você ouviu dos casos da USP...

p - dos suicídios?

e - isso

p - parece que tem uma epidemia de suicídio na USP.

e - sim, principalmente no quarto ano, parece que é bizarro porque é específico, né? Um bloco da clínica médica do quarto ano, ano passado foram 11 tentativas, aqui foram... eu estava conversando com a psiquiatra daqui e pelo que ela soube foram umas 5... E tem a questão da pressão, tem a questão de que a gente é meio workaholic, quer fazer pesquisa, treinar atlética, quer fazer tudo, e daí rola uma sobrecarga, o pessoal fica muito paranoico de que se não fizer IC não consigo residência. Eu noto que as pessoas, e isso tende a piorar, porque agora lançaram cursinhos para residência, então é o que a gente tinha no vestibular adaptado para a residência.

p - e quem dá esses cursinhos?

e - são empresas privadas, geralmente são médicos formados pela USP, também por conta do nome, e acaba pegando, porque os caras tem uma didática melhor, os caras são mais jovens, estão focados na prova de residência, que é algo que não tem que ficar enrolando muito ensinando a galera a pensar tanto, você dá o caminho, enche de questão, vai treinando questão igual fazia para o vestibular e dá certo, você vê que é bizarro. Eu tava olhando umas estatísticas de um site de cursinho, e tava lá 100% dos aprovados na residência de pediatria da USP fizeram cursinho, aí você pensa “puts” e daí são cursinhos que cobram 3000 por mês. Eu tive vários amigos que falaram “eu vou ter que me ralar até o quarto”, o bom é que as vezes você acha PDF, dá pra dar uma hackeada, e dá pra competir, mas acho que a tendência é ficar cada vez pior, e são coisas bizarras, o pessoal dos cursinhos eles sabem da parte teórica, da parte prática, sabem com quem você vai entrevistar. Por exemplo, se você quer fazer clínica, quem faz aqui na UNIFESP é o Aécio, o Aécio gosta que você fale isso e aquilo, esse tipo de coisa.

p - eles então dão um perfil do cara que vai te entrevistar?

e - tanto que o próprio professor comentou, ele disse que sabem que ele entrevista, que sabem o tipo de perfil que eu gosto, e já está chegando nesse nível. Ele é um cara mais progressista, mas você percebe que é um negócio doido.

ANEXO 10 – ENTREVISTA COM ALUNO 9

Pesquisador - entrevistada 9, eu vou começar do básico, eu gostaria de saber como surgiu seu interesse pelo curso de Medicina?

Entrevistado - eu não consigo lembrar o ponto que foi marcante e foi ponto final, eu percebi que quando eu ia estudando e com as experiências que eu tive que a matéria que eu mais me interessava era coisa que tipo, sei lá, quando eu ouvia ou lia sobre alguma coisa fazia meu coração bater mais forte era isso, daí eu decidi que era isso que eu queria para mim.

p - mas nas matérias da escola como biologia?

e - isso, a matéria, quando eu lia algum artigo, via alguma reportagem, de ver alguma coisa na televisão era o que mais me interessava de alguma forma.

p - entendi, daí tinha uma questão que eu perguntei quem foi a figura mais importante em relação a escolha do curso, você colocou que foi um professor, você poderia me falar um pouco mais disso?

e - quando eu marquei isso, não quis dizer que foi um professor específico, sei lá, experiências com vários e vários professores.

p - mas não teve um que te marcou ao longo do ensino médio? Que disse que você tinha jeito pra Medicina, você se sai muito bem nas provas, porque é um curso concorrido e de ingresso bastante difícil.

e - acho que teve um pouco mais no fundamental, que biologia era uma matéria que me interessava muito, e a professora sempre apoiou esse meu interesse, ainda que na época eu não chegasse a pensar em Medicina, isso foi acontecer lá pro segundo ou terceiro ano, acho que foi a professora que mais me influenciou foi ela.

p - do fundamental?

e - sim.

p - de qual série?

e - sexta e a sétima

p - do fundamental dois, foi quando você começou a ter biologia ou antes?

e - eu comecei a ter biologia no quinto, mas isso foi mais no sexto e no sétimo. Desde de pequena eu gostava da parte de biológicas, quando eu era mais nova eu queria ser bióloga, daí mudou para veterinária. Daí depois foi tipo vários.

p - mas sempre ali nessa área da Medicina.

e - sim...

p - e como surgiu esse interesse e essa relação toda com a biologia desde muito pequena, você lembra?

e - eu acho que quando eu era pequenininha, era com aqueles vídeos do animal planet, assistia muito animal planet, discovery e national geographic, eu ficava assistindo esses três canais e tem muita coisa sobre ciência, e sobre biologia, mas tinha uma fase que eu estava muito mais exatas, acho que no começo da minha adolescência que eu estava muito mais interessada na parte de exatas, matemática, física, mas mais eu acho que a parte de computação e tecnologia, daí foi uma fase, não sei porque, daí depois de um tempo voltou para biológicas de novo.

p - então na escola você era uma boa aluna, você se saia bem em diversas matérias.

e - sim, sempre me saí bem.

p - então você tinha vários escopos de interesse, você poderia ir para diversos caminhos.

e - sim.

p - e você demorou pra se decidir?

e - foi lá no segundo ano.

p - seus pais apoiaram sua escolha totalmente?

e - sim, minha mãe a princípio me apoiou, mas depois de anos eu vi ela comentando que quando eu falei que tinha escolhido Medicina ela disse que tomou um susto. Ela disse “o que essa menina está pensando? Ninguém na família é médico”. Eu fui a primeira.

p - sua mãe fez curso superior também?

e - sim, mas ela fez depois de mais velha, foi fazer com 40 anos, educação física.

p - e você é a primeira geração que entra na universidade pública?

e - sim.

p - e como foi isso pra sua mãe?

e - a princípio ela não falou porque não queria me desencorajar, ela queria que eu persistisse naquilo, mas quando eu vi ela falando depois eu nunca nem cogitei que ela tinha pensado aquilo, eu ouvi ela falando que muito estranho que eu estar pensando nisso, de onde eu tinha tirado essa referência, mas ela me apoiou.

p - e você chegou a fazer cursinho, foi no objetivo, né?

e - no Objetivo e no Anglo

p - e quanto tempo você fez de cursinho?

e - eu fiz quatro anos. no objetivo eu paguei, eu tinha bolsa mas paguei, e no anglo foi bolsa integral, é porque o anglo é muito caro, daí sem chance.

p - e como era fazer os cursinhos? você fazia aqueles específicos para Medicina?

e - no objetivo eu fiz o curso normal, eu fiz no objetivo Santana e lá não tinha esse direcionamento, eles tinham um negócio que era ao final de semana, você tinha uma aula a mais sobre os assuntos que caem na segunda fase, química, biologia e física, então eu tinha uma aula a mais no final de semana para isso, mas também era a parte, não fazia parte da minha grade.

p - mas você conseguia ir numa boa?

e - sim.

p - e como era a relação com o pessoal do cursinho.

e - eu tenho uma amiga que agora faz Medicina também que ela fazia junto comigo, então eu andava muito com ela, e então a gente ia conhecendo gente lá e ia se entendendo, tanto que eu falo com quase todo mundo da época do objetivo, do anglo nem tanto...

p - no anglo você era mais fechada, ou mais focada talvez?

e - sim, eu acho que o perfil das pessoas que faziam cursinho no objetivo santana e o perfil do pessoal que fazia anglo é muito diferente. o perfil de quem faz anglo é um pessoal que tem uma condição monetária bem melhor. Eu acho que tinha um pouco de influência nisso. Principalmente porque lá no anglo era separado pelo que você quer,

separado meio que tinha uma sala que era Medicina e exatas, e tinha um curso pro pessoal que queria a parte de humanas, então as aulas eram diferentes, no anglo eu lembro de andar muito mais com o pessoal de humanas, eu conseguia me identificar muito mais fácil com eles do que o pessoal da minha turma.

p - isso no anglo, o objetivo era mais de boa?

e - é porque no objetivo também era todo mundo junto, mas assim, engraçado que quando eu penso as pessoas com quem eu andava no objetivo, o curso que cada um fazia era a maioria biológicas, mas no anglo não, eu me dava muito mais com a galera de humanas.

p - onde fica a unidade sergipe que você estudou no anglo?

e - a sergipe fica do lado, é uma rua que fica paralela ao cemitério da consolação.

p - fica ali na linha amarela perto das clínicas? É isso? perto da Teodoro Sampaio? de metrô mais próximo?

e - não, o mais próximo é a estação paulista.

p - e quando você entrou em Medicina você tinha alguma ideia de especialização? ou o que você ia fazer depois do curso? Eu vi que você marcou que ainda não sabe se pretende seguir em um mestrado ou de seguir em uma especialização lato sensu.

e - eu lembro que antes de entrar, eu achava neuro muito interessante, mas agora que eu entrei eu acho cardio mais interessante, mas ainda assim eu não consigo dizer que eu vou para qualquer uma dessas, porque to no segundo ano ainda, tem muita coisa que eu não vi, eu quero poder ver mais coisa ainda.

p - e aí quando você fala da sua relação de interesse por cardio ou psiquiatria e até com neuro, quais são as razões de você se interessar por essas áreas? Tá relacionada com a área científica mesmo de estudar aquilo ou pela condição de trabalho dessas áreas?

e - cardio foi por conta da matéria de fisiologia de cardio, foi muito interessante, eu gostei muito da matéria e daí eu cogitei a ideia de cardio, pq (psiquiatria) a gente ainda não teve ainda só vimos umas coisas básicas

assim, mas eu acho que pq rola um negócio de sabe de auto conhecimento, ao mesmo tempo sobre o outro eu to vendo muito sobre mim também, não que nas outras áreas não tem, sempre tem quando você tá lidando com ser humano, numa situação tão vulnerável você tende a olhar pra você mesmo, mas acho que na pq isso pra mim, mesmo não tendo tanto a matéria, mais, sei lá.

p - talvez por você se dar bem com a galera de humanas no cursinho, talvez você goste da área de humanidades...

e - sim, eu gosto, gosto de história, de geografia nem tanto, mas de história eu gosto bastante, filosofia é uma área que eu gosto, alias a gente tem uma matéria eletiva, que a gente pode escolher na sexta feira de manhã, e daí você tem vários assuntos, e todas que eu escolhi até agora foram de humanidades.

p - que interessante, você lembra de quais você escolheu?

e - o ser humano e o conhecimento científico, que é bem filosófica, foi laboratório de humanidades que a gente lê uma obra literária e discute sobre ela, o que a gente leu agora foi... a elegância do ouriço, e a outra foi o CREM, é como se fosse uma parte dois do ser humano e o conhecimento científico, porque você vê isso na prática junto com Medicina e bastante com a área da nutrição. Tem algumas unidades por São Paulo, e a ideia é eles tratarem de crianças ou que estão com desnutrição, no caso pode ser sobrepeso, mas também encaixa em desnutrição, e situações de vulnerabilidade e foram essas três eletivas que eu fiz que foram bem...

p - e essa coisa da questão da vulnerabilidade social diz algo pra você, você diria?

e - sim, sim, eu não sei direito o que vou fazer, mas eu quero trabalhar com pessoas que estejam em condições de vulnerabilidade social, porque ah sei lá eu não quero usar o conhecimento que eu estou recebendo só pra mim, só pra ganhar dinheiro, sabe? Meio que isso é relevante, não há como dizer que não no capitalismo,

mas eu acho que isso não me satisfaria como ser humano, não estaria satisfeita.

p - você se realizaria então nessa coisa de fazer algo pelo próximo?

e - sim

p - como tem sido cursar Medicina pra você?
e - ah é surreal porque é algo que eu desejei muito e parecia tão distante, e eu não tinha referência na época de pessoas próximas assim, médicos, nenhuma.

p - você não chegou a ter nenhum médico que te disse algo?

e - ... não, nunca tive.

p - e me fala mais de como é o curso pra você? Alias tem outra pergunta que eu fiz em relação a o quanto você se sentia à vontade na UNIFESP para falar nos espaços de aula, como nos outros espaços do campus, e como isso se relaciona com o fato de você ser estudante de Medicina.

e - Isso é no aspecto aula, eu acho que rola muito os professores falarem alguma coisa ou até saber o que é certo, principalmente em relação a duração de aula, que é algo completamente desgastante porque a gente as vezes tem aulas muito longas, e parece que o conteúdo é vomitado em você e tem muito professor que ele só tá aqui porque ele é pesquisador, então ele é obrigado dar aula, e ele nem tá aqui querendo dar aula também então ele não sabe passar a informação, daí ele chega pra dar uma aula sobre eletrocardiograma sem considerar que a gente tá no primeiro ou segundo ano, usando vários termos que a gente não conhece e aí você fica lá...

p - falta uma sensibilidade.

e - falta, falta muita sensibilidade da parte deles, eles sabem que não é para dar aulas tão longas, que a didática é um ponto relevante e mesmo assim eles parece que ignoram essas coisas e simplesmente vão fazendo o que eles querem falando que é o que eles sempre fizeram, então eu acho que isso é complicado.

p - mas na sua relação em se expressar na UNIFESP, você sente que você tem liberdade de fala, ou alguma ansiedade para falar.

e - a gente teve uma situação bem complicada, a minha sala, no primeiro ano, e daí tinha um professor que ele estava dando aula sobre anatomia e ele fazia uma série de piadas machistas e homofóbicas, minha sala ficou chocada vendo a aula, a gente ficou realmente incomodado, grande parte da turma ficou incomodada com essa situação. Ele colocava imagens de mulher de biquíni, e pra mim e pra muitas pessoas isso é horrível. daí a gente se reuniu enquanto turma e concordamos que precisávamos fazer alguma coisa quanto a isso, a gente não pode deixar isso se estender a outros anos, e isso acontecia já a anos e tinha muita gente incomodada, mas ninguém tinha peito para falar. Eu não sei como é isso nos outros cursos, mas aqui na Medicina a gente tem um negócio muito forte de hierarquia, que é muito irritante, a pessoa que é mais velha ou tem mais conhecimento, sei lá, ela pode estar errada mas mesmo assim, é como se tivesse que acatar o que ela está dizendo. Aí a gente pensou em escrever uma carta para o professor para expressarmos o que a gente pensava, essa carta chegou a ser escrita, mas não chegou a ser mandada. Pensamos que antes de a gente entregar a carta era melhor falar com ele pessoalmente, e antes de a gente falar com ele pessoalmente alguém dos anos anteriores, alguém do quarto ano ou algo assim, chegou nele antes e falou que a gente estava incomodado com ele. E daí ele quis conversar com a turma inteira antes de nós falarmos com ele, isso porque num interim tivemos um intervalo muito longo. E acho que ele ficou pensando nisso durante esse feriado, sabe? Daí ele veio falar com a gente, foi numa segunda feira de manhãzinha assim, ele teve um AVC, um AVC isquêmico.

p - Meu deus, na frente de vocês? E o que aconteceu depois disso?

e - eu acho que ele tava no prédio do anfiteatro A, e logo no andar de cima fica o andar de neurologia, o atendimento dele foi então muito rápido, ele ainda está se recuperando, geralmente o quadro não é bom quando se tem um AVC isquêmico, mas como o atendimento dele foi muito rápido,

ele tá se recuperando até que bem, ele ainda não voltou a dar aula, mas lembro que depois disso rolou uma atmosfera do pessoal dos outros anos ficarem irritados com a gente, muita gente dos outros anos, muitos professores, de dizer que a gente era revolucionário, não levaram em consideração que a gente tava brigando porque a situação que ele tava gerando dentro da aula era incômoda, rola até uma sensação de opressão, porque você não pode dar aula e começar a fazer um monte de comentário machista e homofóbico. E aí isso foi completamente desconsiderado, e ficamos meio como a turma revoltada. Eu acho que não temos um espaço de fala, não, não tem mesmo.

Já houveram casos também de meninas que reclamaram de assédio, esses casos não foram na Medicina, foram na turma de tecnologias, mas ainda assim o pessoal meio que ignora, outro ponto que eu acho muito ruim quanto ao nosso espaço de fala, tem a ver com esse negócio de hierarquia, quando chega algum velho, chamamos de velhos aqueles que já são formados no curso de Medicina, então tem vários jogos da atlética, tem o intermédica que eu acho que é o mais importante e o maior assim, e aí os velhos na época deles havia trote, na minha já não tinha mais, já não tinha mais desde a 79 (turma 79) meu sexto ano foi o último ano a ter trote, porque quando eu entrei já não tinha mais, e daí eles não estão acostumados com o fato de a gente não ter trote, tem umas coisas que são horríveis e a gente não concorda e a gente não faz e os velhos querem fazer isso. Quando eles aparecem a diretoria da Atlética tem que ficar tipo tentando contornar a situação para que eles não façam nenhuma asneira. E daí como a atlética basicamente vive de doação dos velhos, é muito delicada essa relação de ficar peitando eles o tempo inteiro. E na residência algumas residências ainda tem trote... Parece um negócio sem fim, né? Não faz o menor sentido.

p - sim, de fato é algo bárbaro.

e - é ridículo, horrível!

p - sim!

e - então, você vai entrar na faculdade é difícil de entrar, não é um curso fácil de levar e daí você faz depois a prova da residência que também não é fácil e tem duas provas quando você acaba, uma para você conseguir o CRM e outra para você conseguir a residência.

p - residência é como se fosse uma especialização?

e - isso.

p - mas não é exatamente uma pós-graduação?

e - é, e aí a residência também já é muito puxada, e o pessoal sempre reclama que esse negócio de hierarquia é pior quando você chega na residência, então isso é muito mais intenso do que quando você tá passando pelo curso, e algumas tem trote, a ortopedia por exemplo tem trote.

p - que curioso, eu sabia que a questão hierárquica era forte na Medicina, digo, do que eu leio sobre o curso, mas nessa questão da residência eu não tinha ideia.

e - na enfermagem eu sei também que isso é bastante forte.

p - e quanto a essa dificuldade de fala que você me colocou, você acha que tem grupos de alunos que são mais bem recebidos, mesmo que seu ano seja um ano polêmico, você acha que tem algum tipo de aluno que tem mais facilidade de contato com os professores ou que as oportunidades parecem surgir com mais facilidade. Tem um perfil assim?

e - eu acho que os alunos que se sujeitam mais fácil ao que é tido como “normal”, eu lembro que muita gente depois daquele incidente com o professor, eles mudaram completamente, mesmo que a impressão que eu tinha no início é que minha turma era uma turma considerada muito estranha, porque tinham padrões e a gente dizia “não, a gente não quer isso pra gente, a gente não acha certo agir dessa maneira então a gente não vai agir assim e ponto final” e depois que aconteceu aquilo, acho que pegou um pouco de medo sabe? Aí eles começaram a agir de uma maneira diferente, daí eu acho que

aquelas pessoas que estão mais dispostas a fazer o que é mandado ou imposto se encaixa mais fácil.

p - seguindo essa linha de raciocínio, pegando o caso desse professor e do machismo, para os homens heteros seria então mais fácil talvez se encaixar ou você diria que não?

e - eu acho que, eu não sei se consigo fechar dessa forma, a pessoa reclama por exemplo, uma amiga fez a liga de cardiocirurgia, e ela reclamou que o professor era muito machista, então eu não sei o quanto isso pode influenciar em uma entrevista que a pessoa vai fazer, por exemplo pra passar para a residência você tem que fazer uma entrevista, e daí se o perfil que a pessoa tem ou a forma dela agir pode influenciar no futuro, eu ainda estou no segundo ano, ainda é muito distante, eu consigo pensar em histórias de me contaram. Dizem que o perfil de Medicina da USP é muito mais machista que o nosso, por exemplo na atlética deles uma mulher não pode ser presidente da atlética, os velhos não permitem. Na nossa eu acho que estamos na segunda, ainda é algo novo, mas já tem uma abertura, não tem esse negócio de proibição. Eu sei também que alunas de lá já sofreram perseguição por participar... aqui tem um grupo de mulheres feministas e lá também tem, e lá elas já sofreram perseguição de alguns professores, porque falam que lá isso é muito mais aflorado.

p - e você faz parte desse grupo de mulheres feministas?

e - eu fui em algumas poucas reuniões, porque os horários não batem, pelo menos na época era de quarta e na quarta eu tenho ou liga ou mentoria.

p - entendi, você faz mentoria?

e - sim.

p - e você tem interesse nessa área de estudos feministas?

e - sim, eu acho que ainda tenho que descobrir bem mais, de ir em uma reunião eu descobri que entendo bem pouco e tenho que ler muito mais sobre o assunto, mas é uma coisa que me interessa muito...

p - você diz que os alunos da UNIFESP são menos machistas do que o da USP, mas no perfil de aluno esse machismo acaba surgindo de alguma forma? Depois desse evento com esse professor.

e - depois desse evento, acho que teve gente que ficou muito avessa de discutir essas questões sensíveis, querendo tirar a mão pra não dar nenhuma confusão, principalmente na primeira semana que isso aconteceu, a sala estava muito tensa mesmo, eu lembro que até nessa primeira semana eu andei com o pessoal de outros anos, porque minha turma estava muito cabisbaixa. O ambiente ficou muito pesado, a história que os outros anos receberam não é a história que realmente aconteceu, o pessoal distorceu muito o ocorrido, isso foi chegar na santa casa, eu lembro que teve uma menina que estava na França e até ela estava sabendo do assunto.

p - como eles distorceram?

e - teve gente que falou que na hora que ele estava falando uma menina, tinha que ser claro, começou a brigar com ele, e apontar o dedo na cara dele e por isso que ele teve o problema, o AVC, teve umas três ou quatro meninas da minha sala que ficaram marcadas durante um tempo, como se elas fossem as responsáveis por isso, e daí quando teve INTERMED, sempre é em outra cidade, e nos últimos anos acho foi em Barretos, e aí chegaram os velhos ficaram fazendo o que eles chamam de tomografia, que eles colocam a pessoa deitada no chão, jogam os colchões em cima e pulam e daí quando eles foram escolher alguém, eles escolheram exatamente essa menina que foi uma das que estava mais a frente assim de ser contrária a isso, até porque teve uma discussão no facebook, que eu não lembro como começou, mas lembro que algum dos velhos falou alguma coisa e ela e mais algumas meninas foram prontamente responder, ainda que muita gente da minha sala tenha ido responder.

p - o que é bom, né?

e - sim, o que é bom, e ai eu lembro que ela foi uma das que acabou sofrendo esse trote um pouco mais pesado, ela ficou marcada, e

um menino também, mas o menino é porque ele gosta muito de filosofia, então ele comparou a estrutura que a gente tem aqui com essa coisa hierarquizada com o fascismo e com esse lado mais militar, daí ele fez essa comparação e jogou isso no facebook, e daí nossa, foi um dia difícil eu me lembro, muito velho veio falar, essa postagem acho que foi até apagada já, porque veio muito velho comentar...

p - e esses velhos são velhos homens? ou tem velhas por assim dizer, velhos mulheres? Nessa força política de coibir os alunos...

e - eu não lembro de nenhuma mulher comentando, nessas postagens, mas eu lembro que nesse episódio da tomografia, quem pulou em cima da menina da minha sala foi mulher.

p - mas homens também pularam?

e - não, só uma menina, é separado, só meninas pulam em cima de meninas e só meninos pulam em cima de meninos.

p - então com o seu ano você diria que rola um tratamento diferente ou algo do gênero, mesmo antes desse episódio? Ou da fala dos professores, dado a especificidade do seu ano ser 50% de cotistas.

e - eu lembro que alguns professores talvez tenham sido menos simpáticos com a minha turma depois daquele episódio, houve uma represália da parte deles. Mas uma coisa que eu lembro que minha turma discutia bastante no primeiro ano, mas que eu acho também tenso, mas é que nosso perfil também é diferente em relação aos outros anos, exatamente porque nossa turma tem um número grande de cotistas, mudou o perfil. Acho que a atlética sofre um pouco com isso, porque nosso perfil é muito diferente do deles, então o número que eles têm de ingressantes está diminuindo cada vez mais, até mesmo por ser um perfil diferente. A impressão que eu tenho é que as coisas da atlética são sempre muito caras, então você tem que ficar disponibilizando uma verba cada vez maior e as vezes também as reuniões e os eventos da atlética vão até muito tarde, e tem muita gente que não mora aqui perto, então tudo isso faz com que não

tenha tanta adesão. Não só por conta do incidente do professor, mas eu lembro que minha turma quando entrou foi uma turma que a atlética realmente não gostou muito, como se a gente fosse preguiçosos com o treino, e a gente não se deu muito bem, isso até entrar a 85 (turma depois da dela) que também tem essa questão de ter 50% de cotistas, e daí agora eles simpatizam mais com a gente, porque no ponto de vista deles a 85 consegue ser pior do que a gente, e é um negócio que não tem como mudar, as próximas turmas terão um perfil mais semelhante ao nosso, e eles que tem que mudar, ou mudam ou eles somem, eles precisam reformular o ponto de vista deles.

p - quando você diz que eles são piores do que vocês e etc, qual aspecto eles ressaltam?
e - eles dizem que eles não são comprometidos com os treinos, eles são bem bocudas, eles não concordam que falem alguma coisa, então eles vão lá e dizem, eles também não gostam disso. Por exemplo, como a atlética está com um número cada vez menor de integrantes, eles fizeram um questionário anônimo perguntando quais aspectos que a gente acha que eles deveriam mudar, se a gente sente aquele ambiente confortável. E aí 85 preencheu sentando o pau, escreveram o que queriam e o que não queriam e eles ficaram muito bravos. Não é para deixar eles bravos, não vai resolver nada.

p - se foram eles que trouxeram esse canal, né?

e - exatamente, eles ficaram muito bravos, disseram que eles foram muito grosseiros.

p - sua mãe ela é guarda civil metropolitana, mas ela é formada em educação física, ela nunca teve interesse de exercer a profissão? porque ela se tornou guarda de civil e não seguiu em uma carreira relacionada a educação física?

e - o que ela queria mesmo fazer, ela queria fazer algo relacionado a culinária, mas o curso era muito caro, e ela não teria como pagar, então quando você é da guarda civil metropolitana, para você subir alguns postos e patentes você tem que ter curso superior,

ela queria um curso superior porque ela precisava subir de patente, então ela fez educação física que é uma coisa que ela gosta, mas acho que não é a primeira coisa que ela escolheria. Ela chegou a dar algumas aulas na época do estágio e não se encontrou muito, ela também já tem muitos anos de casa e tem poucos anos pra se aposentar também...

p - e você faz IC?

e - faço

p - me fala um pouco disso então como foi, como você começou a IC, o contato com o professor...

e - nossa ainda está bastante no começo...

p - ainda assim para mim é uma informação importante.

e - tá, eu tava nesse ano que seria um bom momento de começar a IC, porque o segundo ano é um ano que a gente tem um pouco mais de tempo livre, o terceiro ano dizem que é um dos anos mais difíceis, então começar antes de chegar nesse ano pauleira, e no quarto ano você tem um pouco mais de tempo. mas aí quando chega no internato que é o quinto e o sexto ano são os mais complicados, dependendo do bloquinho que você está. Então eu quis começar a IC no segundo ano por conta dessa questão de tempo livre, e aí eu comecei com psiquiatria, eu prestei na área de psiquiatria, e aí eu prestei em outras áreas também, primeiro eu pensei em cardio, mas com o professor que eu queria fazer já não dava mais, porque ele tinha muitos orientandos, estourou o número de alunos que ele poderia recrutar, e daí dos professores que eu fui conhecendo e me relacionando, eu fui pra área de psiquiatria.

p - e aí tem um interesse pessoal seu com a psiquiatria e tem uma relação com o professor por ele ser uma pessoa legal?

e - sim, ela deu aula de psicologia médica e foram aulas muito legais, porque sempre tinham os momentos que a gente acabava discutindo sobre nós mesmos e a percepção sobre outro, tinha momentos de reflexão, não apenas alguém vomitando a matéria, ela sempre se mostrou muito aberta a ouvir a opinião dos outros, por exemplo, ela é a

coordenadora do curso, e meio não só meu ano acha isso, mas os outros anos também, são separados a aula de psiquiatria e psicologia médica parte dois, que tem a parte um no primeiro ano, é por sorteio que você acaba escolhendo com qual professor você vai ficar e tem professores que o pessoal odeia e fala que a aula é horrível, e ela costuma ser uma das bem vistas, eu acho que é ela e mais um, eles são os dois bem vistos, mesmo ela sendo a coordenadora do curso ela sempre abre espaço pra gente falar bem mal da matéria dela na cara dela, a ideia não é querer desafiá-la, mas é que ela realmente deu esse espaço que a gente pode falar das coisas que estavam acontecendo e ela recebeu muito bem, não houve represália e eu acho que isso é um dos pontos que me deixou interessada em trabalhar com ela.

p - e aí você fez como? Você contatou ela por e-mail, falou pessoalmente, como foi a recepção dela?

e - eu primeiro mandei uma mensagem por WhatsApp porque eu só tinha aula com ela uma vez por semana e eu não queria esperar tanto assim, daí mandei a mensagem por WhatsApp e depois falei com ela pessoalmente no final da aula e como eu falei ainda está bem no começo, mas aí agora a gente começou mesmo, mas agora a ideia já está melhor formulada.

p - você é bolsista da PIBIC é isso?

e - ainda não...

p - você está fazendo o projeto pra enviar então...

e - sim...

p - mas você é bolsista de outros programas da UNIFESP

e - eu sou bolsista pelo PBP, não de pesquisa não, é uma que é bolsa permanência.

p - e a sua orientadora te recebeu super bem, super de boa, e agora vocês estão começando a trabalhar juntas.

e - isso...

p - no seu caso foi bem de boa seu contato com a orientadora...

e - sim.

p - você colocou no questionário que concorda em parte que esse acesso ao professor pra fazer IC é tranquilo...

p - e quanto a extensão? os projetos de extensão são bem divulgados? tem bastante projetos?

e - eles são muito mal divulgados, por exemplo, tem um grupo agora que discute questões raciais, mas parece que esse grupo existe desde o ano passado e eu só soube esse ano porque um menino da 85 veio conversar comigo, e eu ainda não consegui ir porque caí no mesmo dia da minha monitoria.

p - e é uma área que você se interessa...

e - é uma área que me interessa e que eu só soube agora...

p - e enquanto mulher negra, como é essa vivência pra você na Medicina? E se essas pessoas que sofreram represálias e foram perseguidas tem algo a ver com a cor?

e - esse pessoal que sofreu represália e as meninas que foram perseguidas, não, são brancos, esse menino que acabou sofrendo um episódio de racismo foi um amigo meu, porque na INTERMED, que são olimpíadas da Medicina, e daí tem cursos tanto das escolas públicas como particulares, e tem a INTERMED e a pré INTERMED, que é como se fosse uma série B. Aconteceu caso de uma das universidades acho que de Sorocaba, uma universidade particular, que eles levaram algumas bananas, se pintaram de preto e começaram a jogar banana e falar palavras de jogo enquanto estava rolando um jogo contra a USP. Porque eles estavam reclamando da questão das cotas, isso aconteceu na pré INTERMED e aconteceu agora na INTERMED. Um dos meus amigos estavam andando em Barretos e um menino da santa casa chamou ele de preto e não foi num tom amistoso, foi pra ser ofensivo, e aí ele obviamente ficou bravo e aí eu sei que ele tá correndo atrás de fazer esse menino responder legalmente e no caso de Barretos, ia ter ou teve uma reunião da comissão da INTERMED pra ver qual seria a punição que Barretos ia receber, mas eu não sei qual foi a punição recebida, mas lembro que quando tava no começo da discussão eles estavam cogitando dar uma punição de três anos sem participar, mas estavam falando que ia ser

difícil de isso acontecer porque seria muito tempo, eu acho que é muito pouco!

p - sim, pouquíssimo só três anos!

e - mas eu não sei como que isso desenrolou, acho que foi o caso mais gritante e emblemático...

p - mas tem pequenos casos de racismo? Difícil dizer que algo assim é pequeno, mas digo coisas que passam mais despercebida pras outras pessoas, ou casos da comunidade acadêmica da UNIFESP...

e - dos professores eu não vi tanto, mas vi de alguns alunos, eu lembro que teve uma vez, a gente faz um evento anual para que alunos que tenham interesse em fazer Medicina possam fazer um tour pela universidade. Eu estava levando os alunos para conhecer, era uma das guias, eu lembro que eu tava na sala de gesso, e a gente estava fazendo escultura com o gesso que sobrou. Eu lembro que chegou um menino, fez uma suástica de gesso e me entregou, e eu fiquei assim olhando aquilo um tempão, porque eu não tinha entendido se aquilo era uma piada ou se não era, é uma coisa que você não pensa que vai acontecer, e eu estava com um amigo negro junto, e ele entregou, a gente estava junto aqui na mesa, e ai ele deixou do lado, daí eu fiquei olhando tentando identificar se era o que eu estava vendo mesmo. Demorou para a ficha cair, e depois ele saiu andando, não disse nada.

p - você também não identificou a pessoa e não correu atrás, mas você também era nova no curso, né?

e - eu era nova no curso e, eu acho que eu não cheguei a olhar o rosto dele, se eu visse ele hoje nem conseguiria identificar, eu lembro que ele passou e saiu andando. Não me lembro da fisionomia dele pra falar qualquer coisa. O outro menino negro fez um comentário sabendo que esse menino é racista, ele é um ano mais velho que eu no curso, ele entrou no ano anterior então ele conhece o garoto.

p - e o seu amigo entrou em um ano que já tinham as cotas, então não é uma vivência nova para ele.

e - eu não sei também de que ano é esse menino que deixou a suástica

p - ah sim eu achei que o que era um ano mais velho que você era o que te entregou a suástica.

e - e eu fiquei um bom tempo pensando muito nisso... eu acho que esse foi o caso mais emblemático da coisa toda. Sempre que eu ouço alguns comentários que a galera faz, mas eu não tenho certeza nem que a pessoa tenha noção de que ela está sendo racista na hora, porque talvez aquilo faça parte do convívio dela, sabe? Principalmente o negócio de ficar querendo mexer no meu cabelo o tempo inteiro, que é muito irritante! Não é pra ficar mexendo no meu cabelo o tempo todo, não é como se o meu cabelo fosse algo muito diferente do normal.

p - isso é recorrente?

e - agora acho que nem tanto, quando eu estava no primeiro ano era mais, até porque eu tinha acabado de entrar, e daí quando o pessoal foi vendo que eu não gostava, eles já perceberam que não era pra fazer. Eu não sei se eles percebem porque eles estão errados ou o que está por trás da atitude deles, não sei se eles chegam a esse ponto de reflexão, mas sempre rolam comentários.

p - que tipo de comentários?

e - eu lembro que eu estava jogando basquete e uma das meninas disse “é entrevistada 9 a gente quer que você seja nossa mascote, você com esse cabelinho fofinho” tipo, meu... A galera não consegue tipo refletir o suficiente que eles realmente estão errados.

p - de entender que isso as vezes machuca...

e - Alguns alunos não tem esse bom senso...

p - mas você sente que eles estão dispostos ou a maioria pelo menos tá disposta a entender essa relação? Ou você acha que é muito mais uma questão que eles simplesmente deixam de fazer?

e - eu acho que depende, assim uma delas acho que melhorou bastante, e teve outra que eu desisti porque ela não conversa muito comigo, porque de tanto que ela queria mexer no meu cabelo e eu falar não pra ela, ela encarou como se fosse algo pessoal com ela. Na verdade, era a única pessoa que poderia fazer essa leitura era eu e não ela, e ela não teve essa percepção que o que ela faz é errado.

p - da sua época de escola, eu vi que você estudou em escola pública, pelo cep que você colocou eu vi que é um bairro que tem boas escolas, era perto da sua casa?

e - não, eu mudei a dois anos, antes eu não morava tão bem, antes eu morava em um conjunto habitacional, e antes eu morava num bairro chamado x, teve um dia que mataram um traficante, e aí subiu a tropa de choque, e daí subiu a rua, jogando bomba e etc, eu lembro que eu fiquei... ainda bem que isso foi depois das 5 ou 6 da tarde, mas ônibus não passava na rua. Outra coisa que rolava era quermesse, quando rolava quermesse que era na rua de baixo, os traficantes fechavam a rua e ninguém passava. Você ia querer passar com seu carro, não vai passar com seu carro lá, tinha que dar a volta e como era meio que comecinho de um morro, tinha que dar volta e para a dar a volta de carro era um role grande, ainda mais se a pessoa não tinha carro, o ônibus comum não tava passando, uma imensa complicação pra chegar em casa. Eu morava no comecinho pra mim ainda era mais fácil.

p - e me fala um pouco como era a escola, você diria que era uma escola boa, os professores ministravam as aulas, se comprometiam com os alunos?

e - eu lembro que tive muita aula vaga, lembro que não tive matemática durante um ano basicamente, é, e no outro ano depois quando voltou ainda tinha muita aula vaga, depois arrumaram um professor, graças a deus, e eu gostava bastante de matemática. A professora que arrumaram era muito boa, mas demorou, matemática e física eu fiquei um bom tempo só tendo aula vaga, quando eu fiz o ensino médio eu fiz uma ETEC, eu não fiz aquele cursinho, eu fui prestar pra ETEC eu olhava pra algumas questões e pensava “porque isso aqui está aqui”, eu não tinha tido aquilo, regra de três eu lembro que acabei o ensino fundamental e aprendi regra de três porque eu fui estudar para essa prova da ETEC.

p - no colegial então você fez ETEC?

e - sim, fiz ETEC.

p - mas daí não foi o profissionalizante, você fez só o ensino médio.

e - isso.

p - e você diria que entrar na Medicina mudou seus hábitos culturais? Eu vi que você costuma frequentar coisas, mas você não é uma frequentadora assídua de teatro e cinema e você já fez uma viagem internacional, eu queria que você me contasse pra onde e porque

e - eu fui pra África em julho. e foi muito irado, eu fiquei um mês lá, todinho, foi uma viagem que eu estava me preparando para ir desde... meio que setembro do ano passado.

p - e porque para a África?

e - tem algo pessoal sobre a minha origem, que eu queria visitar, e outro ponto, mais pensando nessa coisa social, eu não sei ou não se eu vou querer participar dos médicos sem fronteiras, mas são coisas que me interessam.

p - essa coisa do social é forte pra você, de ajudar os outros...

e - uhum, então tanto do lado social, quanto sobre origem foram coisas legais para mim, acho que foram os principais fatores, eu lembro de que quando eu fui, eu fui com o pessoal da igreja.

p - ah então você faz parte de uma igreja?

e - e aí a gente, e acho que foi um ponto importante pra mim, a gente foi basicamente fazer ações sociais, a gente ficou um tempo num orfanato.

p - entendi, é uma igreja evangélica?

e - sim, evangélica. A gente ficou muito tempo no orfanato, foi assim bem chocante, até porque eles tem uma coisa com adoção que é muito cultural muito triste, porque eles não gostam da ideia de adoção, porque para eles quando você adota uma criança você tá quebrando os laços que ela tem com os ancestrais dela. Daí poucas adoções acontecem, e o principal motivo não é nem falta de interesse, tem gente que quer adotar, mas a questão cultural é muito forte a ponto dos juizes mesmo legalmente, os juizes ficam barrando as adoções porque eles não querem que esses laços sejam quebrados.

p - e isso foi bastante tocante pra você?

e - foi. São crianças muito carentes, eu fui em dois orfanatos, um era uma região um pouco mais, era tipo o orfanato não tinha muito dinheiro, o outro era um orfanato que tinha um pouco mais de verba. Nesse segundo eram crianças que tinham sofrido algum tipo de violência, não poderia tirar foto das crianças de jeito nenhum porque vai que alguém quer descobrir onde elas estão, era um lugar meio que secreto. Nesse orfanato que as crianças sofreram violência era um orfanato de crianças negras e brancas, enquanto no outro orfanato eram só crianças negras. Nesse orfanato que tinha crianças negras e brancas um negócio que eu reparei que me irritou muito é que tipo quando você olhava as crianças negras, independente de serem meninos ou meninas todas tinham cabelos raspados, e as crianças brancas não. E elas são muito carentes de atenção, grudavam na sua perna e não soltavam mais, foi uma experiência muito rica. Eu lembro que fiz ótimos amigos, no caso maior parte das amigas eram brasileiras e uma era de lá da África, mas ela tinha origem indiana.

p - e como vocês faziam pra se comunicar?

e - ah eu ia tentando falar inglês, e ela era bastante paciente, eu lembro que a gente dava muita risada, e ela sabia algumas coisas em português porque ela convivia bastante com as amigas, amigas minhas foram lá, então ela sabia pouquíssimas palavras em português.

p - e daí você soube dessa oportunidade pela igreja mesmo.

e - foi...

p - sobre a IC de novo, quando você começou como você soube que dava pra fazer IC?

e - eu acho que foi conversando com os alunos mesmo, sabia?

p - os veteranos te falaram isso

e - é, foi. conversando com eles, eu gosto bastante dos veteranos, eles são legais.

p - que bom que você se dá bem com eles.

p - de leitura você diria que mudaram seus hábitos culturais? os tipos de livro que você lê pra passar o tempo, não os livros do curso.

e - ah sim, sim... mas eu acho que isso foi reflexo das eletivos que eu fiz de humanas ou das aulas de psiquiatria, porque eu acho que é onde tem muito mais espaço para a gente refletir.

p - e o que você gosta de ler pessoalmente?

e - eu gosto bastante de literatura, tento ler primeiro os livros clássicos, porque são clássicos por algum motivo. E aí quando você pega o hábito ler é muito bom, normalmente é literatura eu acho, mas isso foi antes de eu entrar na UNIFESP, eu comecei a ler livros com essa temática mais social antes de entrar na UNIFESP.

p - mas por conta do que ou de qual evento?

e - desde pequena eu gosto de literatura, quando eu era criança eu gostava de ler sobre mitologia grega...

p - e por intermédio de quem surgiu esse interesse? Ou quando você começou a se interessar por leitura, sua mãe te incentivava?

e - não tenho esse referencial muito dentro de casa, de uma pessoa estudiosa, eu acho que foi com a biblioteca da escola, eu fui para a biblioteca da escola e eu sempre gostei de heróis, e mitologia grega tem vários, então eu peguei algum livro sobre Perseu, eu fui lendo, e comecei a ler outros sobre mitologia grega, um atrás do outro.

p - e você foi na biblioteca da escola, que era aberta e eu peguei um livro e foi seguindo assim.

e - isso, fui lendo um atrás do outro, daí quando mudou pra esse enfoque mais social foi porque uma amiga me recomendou a leitura do admirável mundo novo. É sobre uma sociedade distópica, eu li e gostei muito, então eu lembro que esse foi um marco da minha mudança de gosto na literatura, porque desde a adolescência eu lia livros mais focados no público juvenil, que eram livros que...

p - não tem essas questões filosóficas muito fortes.

e - é, não tem...nem pro lado social, nem como tem nos clássicos de falar de coisas

que diz respeito humanidade. E também teve uma professora de literatura que ela gostava muito do Machado, eu gosto bastante, ele tem um sarcasmo e uma questão social forte.

p - do mestrado que é uma coisa que você não escuta muito a respeito, ninguém fala muito dessa área acadêmica da Medicina.

e - eu lembro que quando eu entrei eles queriam fazer... não sei o nome ao certo, eu acho que é Ph.D., é que durante o curso médico a gente ia parar dois anos para conseguir sair daqui do curso médico com o doutorado. Eles queriam abrir isso, mas não me lembro qual foi o desfecho, se eles conseguiram, mas eu acho que ainda não tem isso nos cursos de Medicina aqui no país. Daí eu lembro que teve uma reunião e os professores vieram falar com a gente, mas acho que ainda não tá. Acho que tem alguns alunos que fazem isso, mas não é algo tão aberto e divulgado, acho que eles estão tentando estruturar melhor.

p - e tem alguma área da Medicina que os professores valorizam mais de uma forma geral? Algo como, cardiologia é uma coisa legal porque dá bastante dinheiro, ou então clínica é bom porque você tem horários mais flexíveis, algo nesse sentido que você vê que é uma coisa recorrente?

e - eu não vejo isso tanto da parte dos professores, eu vejo isso mais na parte de alguns alunos, as vezes alunos não apenas por conta deles, mas também pelo contato com os velhos, eles costumam desprezar mais coisas da Medicina preventiva, que é esse lado da Medicina mais social, as matérias que são mais focadas na parte de farmacologia ou imunologia, são mais valorizadas.

p - tem algo que eles elencam como uma boa trajetória para os alunos de Medicina? que você julgue também.

e - geralmente quando tem essas discussões é quando você conversa com o mentor, daí ele fala e considera coisas que ele acha importante para você ter no currículo, dizem que é interessante você fazer uma IC no seu

currículo, que as notas são importantes, acho que é a primeira coisa que é levada em consideração, se você tem alguma coisa publicada é interessante.

p - essa relação de mentor ela é obrigatória?

e - não, mentor é assim, é um professor que ele se disponibiliza de ser seu mentor, não é obrigatório todo mundo ter, você que pode escolher, com quem você quer ir e se você quer ir. Acho que é uma minoria da turma que vai.

p - e quem é o seu mentor?

e - é a mesma professora quem me orienta, eu fazia mentoria antes com outro professor, mas ele meio que não tem coração, ele é muito direto assim, muito técnico, isso é pra isso e ponto final. Falta reflexão, e ele faz um negócio que a gente acha muito engraçado. Outro dia ele nos explicou como é fácil enganar as pessoas, a gente ficou tipo “meu, que ótimo!” e outra vez ele disse que se quisesse casar era muito fácil, ele podia casar amanhã, mas se ele fosse arrumar um amigo que ele acha que não iria conseguir um até o final da vida dele. Ele tem problemas a resolver, e ele quase nunca leva pra esse lado mais reflexivo, tudo para ele era muito perdas e ganhos, se vai ter algum ganho, alguma perda.

p - bom, pra você que entende a importância de uma atuação focada no social já é um extremo oposto. E porque você procurou ele a princípio?

e - eu lembro que foi ele quem falou com a gente sobre monitoria. Então ele que acabou sendo uma porta de entrada, e aí ele é um dos que começou, mas ele é bem engajado nessa coisa de que haja mais mentores, que os professores participem mais.

p - que curioso!

e - ele é um homem muito enigmático, a gente não consegue decifrar ele.

p - sobre as carreiras mais prestigiadas, você tava falando de farmacologia...

e - aulas que tem um conteúdo mais técnico são levadas muito mais a sério do que aulas que estão relacionadas à reflexão, que tem esse componente mais ligado à humanidades.

p - que você comentou da Medicina preventiva.

e - essas matérias que geralmente tem um pouco mais a ver com humanas a gente chama de Medicina preventiva. que falam mais sobre o serviço dos sus, uso de drogas,

pobreza, essas matérias geralmente costumam ser levadas um pouco menos a sério pelos alunos do que as que tem um teor mais técnico.

ANEXO 11 – ENTREVISTA COM ALUNO 16

Pesquisador - entrevistada 16, eu queria que você me contasse como surgiu seu interesse pelo curso de Medicina?

Entrevistado - eu estava no ensino médio mais ou menos, e eu gostava de biologia, mas nunca tive um médico na minha família, gostava de programas de médicos na TV como House, discovery channel, umas coisas assim, daí eu decidi assim, não sei direito, não teve nenhuma influência de ninguém assim, foi mais uma escolha minha mesmo.

p - mas você lembra quando foi o clique? de quando você falou “não, vai ser Medicina”, porque é um curso difícil de entrar, por ser bastante disputado.

e - no começo eu estava em dúvida entre psicologia e Medicina, porque minha mãe é psicóloga, daí no primeiro ano do ensino médio eu fui em umas atividades de orientação profissional, umas palestras que a minha escola mesmo fazia, com psicólogos, médicos, mas no final do primeiro ano eu decidi por Medicina mesmo, e eu sempre tinha esse medo que era difícil de entrar, mas eu tomei isso como um desafio, já que é o que eu quero

p - sim, você entrou bastante jovem, você está com 20 agora né?

e - sim.

p - quanto tempo de cursinho você fez?

e - um ano.

p - no caso sua mãe é psicóloga e engenheira e seu pai é engenheiro, certo?

e - sim.

p - e eles apoiaram numa boa, não houve nenhum tipo de resistência por parte deles por conta da dificuldade?

e - não.

p - foi super tranquilo então?

e - foi.

p - mas assim, não houve nenhum contato com médico ou nada do gênero, foi algo que partiu de você?

e - eu sempre gostei de ir no médico, muitas crianças tem medo mas eu gostava, me interessava.

p - se sentia à vontade?

e - sim...

p - você conversava com ele bastante e etc.?

e - ah isso não, é algo que percebi refletindo depois, tipo, mais velha pensando nisso eu percebi que eu gostava de ir na verdade.

p - você gostava do ambiente médico como um todo.

e - sim.

p - e atualmente você não faz IC, certo?

e - não.

p - e porque você não faz? eu tenho visto que é bastante recomendado e recorrente a IC na Medicina, eu gostaria que você contasse o que aconteceu.

e - eu tentei fazer três vezes já, e as três deram errado. A primeira eu peguei uma orientadora, mas eu não sei, eu senti que ela não estava muito interessada em explicar as coisas, ela meio que jogou o projeto em cima, e daí não tinha muito tempo ela não tava muito interessada e ela acabou saindo. A segunda vez, falaram que iam me contatar, enviei meu nome, já tinham um projeto também, mas no fim ninguém foi atrás.

p - você tinha um projeto seu?

e - não, eles tinham o projeto, tinham vários projetos que eu peguei pela liga do curso de ortopedia, viram pelo CR e dividiram os projetos e daí eu tinha ficado com um, daí disseram “ah ele só deve soltar depois do carnaval”, mas o professor nunca chegou a falar comigo. E o último eu fazia mentoria, daí também o professor tinha uns alunos doutorandos que tinham uns projetos e daí também o doutorando que era orientado por ele (o professor da mentoria), daí ela tinha mais os projetos dela que eram a prioridade para ela e no fim acabou dando errado.

p - entendi, daí você acabou não querendo mais fazer?

e - ah eu pensei, quero fazer mas acho que não é a hora, vou esperar para ver se mais pra frente aparece alguma coisa.

p - e a segunda área que você me falou era ortopedia, a primeira e a terceira eram quais?

e - a primeira era fisiologia e a terceira urologia pediátrica.

p - então você está na liga de ortopedia?

e - a liga do sete na verdade, de ortopedia do esporte, porque tem uma só de ortopedia e uma de ortopedia do esporte.

p - e essa é sua área de interesse?

e - acho que não pra vida, mas é o que eu tenho gostado atualmente.

p - e como surgiu seu interesse por essa área?

e - quando a gente entra na faculdade vem a atlética em cima da gente, apresenta tudo, daí eu tava interessada em esportes e essa liga abriu no começo do ano passado, aí quando tinha mais inscrição era no começo do ano, daí eu estava animada com os esportes e vi essa liga e pensei “ah legal” e também é uma liga de matérias mais básicas assim, você precisa saber um pouco de anatomia, que é importante na ortopedia e a gente já estava tendo e daí eu achei que eu conseguiria acompanhar desde o primeiro ano.

p - era algo mais próximo do que você estava estudando.

e - é.

p - e você faz parte da atlética também?

e - sim.

p - e você tem alguma ideia de especialização que você quer seguir?

e - ah eu gosto de criança, então talvez eu penso em pediatria, mas eu ainda não consigo dizer isso sem ter passado pela pediatria, são coisas diferentes gostar de crianças e a pediatria, é uma possibilidade, mas eu ainda estou aberta a tudo.

p - mas e como veio o interesse pela pediatria em si? É pela ideia de lidar com as crianças?

e - é...

p - e quanto extensão? você tem interesse, mas nunca participou?

e - eu fui algumas reuniões da IFMSA (Federação Internacional de Associações de Estudantes de Medicina), cheguei a fazer aquele explode coração, que a gente vai em um parque medir glicemia e umas coisas assim, mas acho que eu não tenho muito tempo para me dedicar mais a isso. Daí agora a IFMSA acabou também...

p - mas você sente que essas coisas são muito cobradas dos alunos, ou os professores comentam muito disso? Uma trajetória que eles acabam destacam bastante de ter que fazer e etc.

e - ah acho que não, ninguém fala, é mais os veteranos falam que se você quiser ter um bom currículo, faz essas coisas porque além de ser legal tipo a extensão te ajuda depois numa entrevista da residência e coisas assim.

p - a galera da atlética nesse sentido acaba ajudando você e falando bastante disso?

e - sim, sim, eles tem alguns projetos de extensão na atlética também...

p - ligados com essa área de esporte?

e - não necessariamente, tem alguns que eles vão no supermercado arrecadar alimentos em troca de tirar a pressão das pessoas, e daí eles doam para uma ONG e coisas assim.

p - é variado o escopo?

e - tem coisas ligadas a esporte também.

p - certo, e você mora no bairro bela vista, é isso?

e - alto da boa vista.

p - fica alí perto da liberdade, certo? você sempre morou alí?

e - eu mudei tem 10 anos.

p - e daí você sempre estudou em escola particular?

e - sim

p - e como era o clima da escola?

e - ah eu sempre gostei da escola assim, eu era uma aluna bem dedicada, acho que isso também me influenciou a escolher Medicina, que era uma escola puxada e eu tirava notas boas, daí pensei “eu acho que eu consigo”.

p - os professores te incentivavam A Medicina especificamente?

e - sim, assim como eu sempre fui uma boa aluna, eu tinha um professor especial que era meio que orientador dos alunos, quando ele viu que eu queria Medicina ele apoiou completamente, disse que eu conseguiria

p - era como se fosse um professor orientador dos alunos? mas tinha alguma matéria específica que ele dava?

e - sim, matemática.

p - e você ficou sempre na mesma escola?

e - sim.

p - e depois você fez um ano de cursinho no Anglo?

e - fiz.

p - e como foi a experiência no Anglo?

e - no começo eu tava com raiva porque não tinha passado e coisa e tal, os professores do cursinho comparados com os da minha escola eram muito bons, fiz novos amigos, então acho que foi uma experiência válida. Um ano foi suficiente, mas mais do que isso não sei.

p - então agregou pra você.

e - sim.

p - e como você sente a relação com os alunos e os professores da UNIFESP.

e - ah os professores mantém uma relação bem distante, né? Completamente diferente da escola e do cursinho, mas assim, tem alguns professores muito bons e muito ruins, assim, é bem variado.

p - mas como você qualifica o ruim e o bom?

e - tipo, didática ruim, das aulas que, eles são mais pesquisadores do que professores, sabe?

p - entendi, eles não sabem passar conteúdo.

e - é... mas tem outros que são muito bons, e você fala “nossa, quero ser um pesquisador como ele”.

p - E quanto aos alunos?

e - eu tenho vários amigos, me relaciono bem com as pessoas...

p - mas você acha que rola machismo no campus? ou algo nesse sentido? você já presenciou algo assim?

e - dos alunos não, acho que mais dos professores...

p - quando? tem algum exemplo que você possa me dar?

e - eu não lembro de nenhum professor meu, mas recentemente uma amiga minha da 82, falou que tinha um professor que começou a falar umas coisas machistas absurdas na aula e estava a classe inteira incomodada, só que ninguém tinha coragem de falar nada assim para ele porque sabia que não ia dar em nada também, mas ele estava falando aquilo lá esperando que alguém fosse responder.

p - instigando os alunos?

e - sim.

p - mas você mesma nunca chegou a presenciar algo assim? nenhum caso de machismo de nenhum lado.

e - eu acho que não, nada que eu lembre.

p - nem nas ligas e nas diferentes áreas?

e - não...

p - tem áreas daqui que são mais valorizadas do que outras?

e - mais valorizada...?

p - sim, por exemplo, todo professor costuma puxar sardinha para aquilo que estuda, mas sei lá você sente que o pessoal da cardiologia é mais respeitado, ou não sei, o pessoal da psiquiatria é mais mal visto, como se entendessem como um ramo menor da Medicina.

e - aí, acho que deve ter, eu não lembro de nada, mas sei que falam muito bem das residências que são melhores eu acho, tipo oftalmologia falam muito bem, mas de desprezar as outras...

p - não necessariamente desprezar as outras, não dizer que é ruim, mas as vezes fala num tom de brincadeira, como “psiquiatras são todos loucos”.

e - ah brincam com psiquiatra, e ortopedista também que é açougueiro, essas coisas.

p - mas tem alguma área que essas piadas sejam mais recorrentes?

e - ah não sei...

p - ou então alguma área que seja mais respeitada, talvez?

e - acho que cirurgia é mais respeitada.

p - de maneira geral?

e - é.

p - e sua mãe tem duas formações?

e - sim.

p - ah você poderia me falar mais sobre isso? Seu pai é engenheiro e ela também, mas ela atua como psicóloga.

e - é, ela fez engenharia jovem, logo que saiu da faculdade ela chegou a terminar, mas ela não gostava, daí depois de mais velha ela se interessava por psicologia e resolveu fazer a faculdade com 30 anos.

p - e daí ela super se identificou e ficou na área?

e - sim.

p - entendi, e aí dá pra ver que teve um salto na geração dos seus pais em relação ao ensino superior, assim a família da sua mãe parece que tinha mais, os seus avós têm ensino superior, eles são arquitetos ambos, o que provavelmente tem a ver com a razão da sua mãe ter cursado engenharia.

e - sim, deve ter.

p - e médico você é a primeira da família?

e - sim.

p - na escola que você estudava, ela era uma escola grande? era uma escola pequena? mais família?

e - comparada a bandeirantes ela é pequena, mas eles estão tentando expandir, logo que eu entrei quando eu era pequena e tinha três anos, era uma escola de bairro, daí conforme eu fui crescendo a escola foi aumentando, daí ocupa tipo um quarteirão assim, está bem maior, é bastante procurada.

p - é uma escola forte, então?

e - sim, é a móbile, sabe?

p - acho que já ouvi falar. e você citou como referência o bandeirantes...

e - é...

p - por conta de?

e - ah Enem acho, todo mundo fala...

p - sim, que é uma escola muito forte, né?

e - sim...

p - e eu vi que você gosta de ler bastante?

e - sim.

p - o que você costuma ler?

e - ah eu gosto de livro de ficção, romance...

p - mas qual área você gosta de ler romance? me dá um exemplo de romance que você tenha gostado.

e - tipo to lendo comer, rezar e amar, sabe? e alguns tipo Nicholas Spark

p - sim, entendi, e você diria que seus hábitos culturais mudaram depois que você entrou na UNIFESP ou eles foram um contínuo?

e - acho que foi um contínuo...

p - até porque você já morava em São Paulo, não houve grandes diferenças.

e - é...

p - e você chegou a fazer algum curso fora da escola fora idiomas? Eu vi que você estudou inglês...

e - ah sim, fiz aula de piano.

p - por quanto tempo?

e - uns 5 anos. Eu comecei com 13, mas parei por que eu não conseguia conciliar com aqui.

p - então você gostava.

e - sim.

p - foi escolha sua também?

e - foi...

p - você decidiu que queria fazer piano...?

e - é, eu tentei violão, eu até gostava, mas não amava e tinha um piano na casa da minha avó, e minha mãe disse que se eu quisesse a gente poderia trazer para casa se eu quisesse fazer aula. E daí eu fui treinando no piano da minha avó.

p - e daí você desenvolveu esse gosto pelo piano.

e - uhum

p - e aí você gostava bastante e só parou por conta da UNIFESP, desde que passou no curso você não tem conseguido mais pegar?

e - é, bem pouco, só durante às férias, às vezes.

p - para dar uma desestressada?

e - é.

p - e na 61 eu perguntei qual a principal razão pela escolha do curso, e você marcou "curso possível em minha área de interesse". Porque? Tinha algum outro curso que você gostaria de cursar?

e - Ah eu pensei em psicologia, essa área mais de ciência e essas coisas assim...

p - ah você gosta de ciência em si?

e - sim.

p - e daí você ficava entre psicologia e Medicina?

e - é...

p - por conta da sua mãe talvez?

e - talvez...

p - você gostava do que ela fazia? tinha essa referência dela?

e - é, ela falava que estudava bastante cérebro e essas coisas, e eu gostava...

p - tem muito a ver com comportamento e etc, dessa relação com biológicas que

influenciam o comportamento...mas daí você acabou prestando mesmo pra Medicina.

e - sim...

p - na questão 73 eu coloquei uma pergunta sobre como se sente em relação aos espaços da UNIFESP. Você disse que discorda em parte, você sente algum desconforto?

e - ah as vezes falar na frente da sala inteira, a sala muito grande eu não me sinto à vontade.

p - mas rola mais alguma coisa, alguma pressão de alguma outra natureza que te deixa ansiosa, para além da coisa normal de escola.

e - ah acho que não...

p - e como está sendo cursar Medicina pra você?

e - ah eu estou gostando assim, o começo é difícil, as matérias gerais acho que tem muita gente que se frustrou, mas eu estou conseguindo levar bem. Eu sou organizada, consigo estudar para as provas e ao mesmo tempo fazer as coisas que eu gosto, então para mim está bem tranquilo.

p - você tem gostado da experiência então num geral?

e - sim.

p - e você tem planos pra depois do termino do curso? apesar de ser cedo... mas você já tem alguma ideia?

e - acho que eu quero fazer residência, e talvez fazer alguma coisa fora, um intercâmbio. Porque na faculdade eu não gostaria de fazer, perder um ano e cair de turma, mas depois, fazer uma pesquisa fora.

p - não intercambio estudantil então? Talvez ir estudar alguma universidade lá fora

e - é...

p - e isso impacta na sua vida acadêmica de agora? você faz coisas relacionadas a esse tipo de atuação que você quer? Ou você vê caminhos que permitam isso?

e - não, na graduação não...

p - e como você sente a distribuição de oportunidades na UNIFESP no curso de

Medicina? Você diria que tem grupos que se apropriam mais dessas oportunidades ou você acha que é igualmente distribuída?

e - ah eu acho que é mais igualmente distribuída, vai mais do interesse de cada um

p - de correr atrás das coisas?

e - sim, é tem algumas coisas que não são muito divulgadas...

p - tipo o que?

e - tipo intercâmbio de férias, é as vezes curso extracurricular...

p - entendi, essas coisas ficam mais restritas?

e - é... mas no boca a boca, se alguém te contou, se não te contou passou em branco.

p - e tem algum perfil de alunos que você acha que acaba sabendo mais das coisas e aproveita mais essas oportunidades?

e - não sei.

p - você não vê nada específico?

e - é, nada específico...

p - e assim, sua turma é a primeira turma de alunos cotistas, né? você sente alguma diferença no trato dos professores ou no discurso, na forma de tratar vocês por conta disso?

e - não, acho que não.

p - nesse sentido super tranquilo?

e - sim...

p - nunca houve nenhum caso a respeito disso?

e - não, não dá nem pra perceber quem é e quem não é, acaba sendo todo mundo igual...

p - não digo, de falarem algo.

e - não, no tratamento também, tudo igual, acho que não...

p - e o pessoal chega a comentar algo da USP, ou se preferia ficar na USP ou algo do gênero.

e - ah a maioria fala que o sonho era ficar na USP, aqui quase ninguém sonha em fazer paulista, mas depois que a gente está aqui todo mundo gosta.

p - os alunos vestem a camisa.

e - é.

p - mas aí eu sei que rola um pouco de rinha, e todo mundo odeia a USP com essas coisas

de atlética e você é da atlética, como é essa relação?

e - ah, é só nos jogos mesmo.

p - só esportivo.

e - é, agora eu fui no interligas de ortopedia, é na santa casa, foi tranquilo, todo mundo...

p - super de boa

e - sim...

p - você tá nessa área de ortopedia esportiva, mas é junto com o pessoal da ortopedia?

e - é.

p - e como é a sua relação com a atlética, a atlética me parece algo mais masculino, em algum momento isso foi um problema?

e - é que eu acho que no passado era masculino, mas hoje em dia já é outra coisa, desde que acabou o trote, não sinto nenhuma pressão nesse sentido, nada.

ANEXO 12 – ENTREVISTA COM ALUNO 24

Pesquisador - eu gostaria que você me contasse como surgiu o interesse pelo curso de Medicina.

Entrevistado - tá, quando eu era mais nova eu pensei em fazer várias coisas, a princípio eu queria ser bailarina, depois eu quis ser jornalista, não necessariamente nessa ordem, as coisas ficaram conflitando e aí um belo dia, eu vivenciei um acidente perto da minha casa, eu estava com a minha mãe foi um acidente de moto, ela estava passando pela direita e o carro virou para direita, ele estava na esquerda e virou para a direita e pegou a moto no meio, que foi cuspida em direção a uma árvore, as pessoas ficaram bem mal. Daí eu e minha mãe paramos o carro, a gente estava logo atrás, a gente chamou o samu, prestou o devido socorro que um leigo possa prestar, que é basicamente chamar alguém que saiba fazer alguma coisa, porque você não sabe fazer nada, e aí um dos moços que estava ali no chão, eu conhecia um deles assim de vista, só sabia o nome e o outro eu não conhecia e era justamente o que estava pior, tinha sangue saindo pelo ouvido, tinham umas coisas bem apelativas assim, e ele tinha umas fraturas, você via que ele respirava com dificuldade devido a umas costelas quebradas. Aí aquilo me impressionou de uma forma muito positiva, é bem mórbido falar isso, né? mas de alguma forma, eu senti que eu queria fazer alguma coisa ali e quando o samu, os paramédicos chegaram para fazer o primeiro socorro ali, eu tava perto, eu acabei ajudando segurando o soro e tal e acabei vendo todo o procedimento que eles fizeram ali e naquele momento eu pensei “cara, acho que eu tenho alguma aptidão pra isso aqui”, me parece interessante, fiquei bem chocada com... enfim, teve uma hora que tinha um machucado na perna do cara e o paramédico enfiou a mão ali para ver se tinha alguma fratura, foi um negócio bem bacana... Na minha concepção mórbida da vida, então eu acho que surgiu disso o interesse. Só que depois disso tem outras questões de reiteração do que é a posição do médico

dentro da sociedade, acho que tem muito a ver com isso e eu mudei de escola e eu fazer o ensino médio em uma escola que tinha cursinho junto, isso no segundo colegial eu tinha uns 16 anos, mais ou menos, 15 para 16 anos e dentro dessa escola como existia um cursinho ali, prestar Medicina era super valorizado, então eu acabei sendo induzida pra isso, e daí acabei colocando isso na minha cabeça e depois parei de questionar e virou uma verdade absoluta e ai...

p - você prestou Medicina...

e - prestei Medicina e fiz 3 anos de cursinho pra isso...

p - e o evento do acidente que você vivenciou e a troca do colégio foram mais ou menos concomitantes?

e - foi, na mesma época, uns 6 meses de diferença entre uma coisa e outra...

p - então, eu queria saber é que você marcou o ensino fundamental aqui na questão, e depois você deixou sem grifar quanto a troca de escola...

e - pessoal das humanas repara em tudo.

p - sim, eu me perguntei porque na verdade, mas então foi por conta disso, essa troca de escola foi bastante representativa

e - isso...

p - você foi pra uma escola mais forte?

e - é, era uma escola bem mais puxada...

p - e era como se fosse integral então? Você passava o dia inteiro lá estudando.

e - na verdade sim, as aulas eram só de manhã, mas como eu era meio doída e sempre gostei muito de estudar, eu aparecia a tarde e entrava nas aulas do cursinho a tarde, então assim eu acabava pegando coisas extras pra fazer, até porque queria fazer Medicina mesmo então tem que começar a estudar desde já, vou ter que estudar pra caramba e tal então entrava em algumas aulas do cursinho, até que um dia eu prestei uma prova de bolsa pro cursinho lá na escola mesmo, no cursinho de Medicina, aí eu consegui uma bolsa integral e o coordenador sentou comigo para falar e disse “porque você não me avisou que você

queria fazer o cursinho a tarde com a Medicina, eu tinha botado você lá, não precisava ter esperado pra isso”, então eu fazia essas coisas por livre e espontânea vontade mesmo, tanto no segundo colegial quanto no terceiro.

p - então teve esse apoio da comunidade escolar, era um pessoal que te conhecia

e - é tinha uma coisa meio paparicada, “ah você vai prestar Medicina e passar”

p - e você era uma aluna bem vista lá também?

e - sim, sim...

p - você é então de cidade do interior de São Paulo.

e - sou de cidade do interior de São Paulo.

p - e sua família continua morando em cidade do interior de São Paulo?

e - é, eu moro, na verdade atualmente estou morando sozinha porque estou num processo de mudança de apartamento. Eu morava com uma menina que fazia doutorado aqui, e ela meio que me expulsou de casa, isso aconteceu entre seu questionário e a entrevista, é eu disse que ela é minha amiga, mas não, e aí agora eu estou sozinha até colocar uma outra pessoa no apartamento comigo.

p - e ela estava fazendo doutorado em Medicina?

e - não, ela fez bioMedicina e mexe com parasitologia.

p - e era só com ela então que você morava.

e - é, só com ela... já deu errado comigo imagine com mais pessoas.

p - eu gostaria mais que você falasse em relação a Medicina mas da formação dos seus pais. Sua mãe então entrou no curso de contabilidade mas não chegou a concluir, e o seu pai é tatuador, e você falou que teve muitas críticas por parte do seu pai, com relação a cursar Medicina e você colocou que a pessoa mais importante para você entrar no curso foi sua mãe, eu gostaria que você me falasse mais sobre isso.

e - eu acho que a minha mãe sempre fez uma pressão externa para que eu fizesse Medicina, quando eu falava “ai, eu quero ser

bailarina, eu quero fazer jornalismo” ela dizia “filha porque você não faz Medicina? faz cirurgia plástica” umas coisas bem absurdas, e eu falava “mãe, mas Medicina não tem nada a ver comigo” e na época realmente não tinha e daí depois desse acidente as coisas começaram a ficar consonantes ao discurso da minha mãe, e eu pensei “ué, mas talvez exista esse meu interesse pela área da saúde, talvez inclusive pela área cirúrgica, porque eu vi o cara enfiando a mão na perna do outro e achei super da hora, pode ser que seja alguma coisa parecida com isso então” e aí fui meio que me orientando por conta disso e o discurso dela que já vinha desde um certo tempo, estava num espaço que propiciava isso, achava que tinha condição de conseguir, sempre fui uma pessoa estudiosa e tal, então norteou nesse sentido e não só. Quando eu estava fazendo cursinho, como eu já disse fiz três anos de cursinho, a minha mãe sempre foi a pessoa que ficou do meu lado e falou “não, vai, persiste” e tal e na verdade tem uma questão que eu não sei se apareceu no formulário, provavelmente não, que eu tinha um vínculo com a UNICAMP forte. Eu queria muito fazer UNICAMP, eu passei em Medicina pela primeira vez no primeiro ano de cursinho, eu passei e não fui cursar numa federal lá em ouro preto, não fui cursar, voltei, fiquei no cursinho mais um ano. No meio do ano passei de novo, aí no final do segundo ano passei lá na UFSCAR, e fiquei perto na UNICAMP. E eu falei “nossa, a UNICAMP vai me chamar!” eu tava numa posição que tinha rodado (a lista) nos anos anteriores. E pensei “ah vou lá pra São Carlos só pra segurar a vaga, mas depois a UNICAMP me chama, eu vou pra Campinas” fui pra São Carlos, fiquei três semanas morando lá, a lista da UNICAMP parou de rodar e não me chamaram. Aí eu fiquei desesperada lá e assim acho que teve uma pressão da minha mãe nesse ano você quase conseguiu, bateu na porta, fiquei por doze pessoas. Ano que vem você entra, esse ano você quase entrou, vamos voltar pra casa então, você volta pro cursinho, a gente te apoia mais um ano, inclusive meu pai fala

até hoje “eu não sei porque você foi buscar ela lá em São Carlos, que absurdo” e aí eu voltei pra Campinas, fiquei mais um ano no cursinho e tal, ela foi importante nesse processo.

p - certo, mas daí como você chegou na UNIFESP então?

e - então, esse é o ponto, daí chegou no terceiro ano de cursinho, a UNICAMP mudou a política de bonificação dela, então mesmo eu tendo tido uma nota melhor do que a que eu tive no outro ano, eu não cheguei nem perto de entrar. Então por conta disso, inclusive eu até sou de ampla concorrência, claramente a UNICAMP limitou ao perfil de aluno que era interessante para ela, a partir desse momento eu falei “tá, não é mais, é o momento de entender que não é para mim, eles estão procurando uma outra coisa, acho completamente compreensível” e daí eu tinha passado aqui, e falei “tá bom, chega de brincar de cursinho, vamos pra lá” e foi super difícil, minha mãe não queria que eu viesse, ela chegou a sugerir que eu fizesse de novo.

p - pra ficar perto dela?

e - é, exatamente.

p - você é filha única?

e - não, tenho uma irmã, mas eu sou a mais velha, tem essa coisa de primeiro filho, e meu pai até hoje abomina a ideia de eu fazer Medicina, ele acha que isso é pra filho de rico, que a gente não tem condição financeira pra isso, e muitas vezes eu escutei dele “ah para com essa história de fazer cursinho e arruma um emprego”, sabe? Então...

p - seu pai não chegou a completar o fundamental?

e - não, ele fez até a quinta série, uma coisa assim, e logo saiu para trabalhar.

p - seu pai tem quantos anos? Pela profissão na minha cabeça me vem uma pessoa jovem.

e - não, ele só parece, tem 50 anos, 51 anos.

p - entendo, então ele já tem um certo ranço da escola, e sua mãe que é bancária segurou mais a questão do cursinho e etc?

e - exatamente.

p - e você se manteve no Anglo ou você trocou de cursinho?

e - no primeiro ano eu fiz cursinho num outro lugar que não era o Anglo.

p - era nessa escola que você estudava?

e - não era, eu saí daquela escola e aí quando eu saí do terceiro colegial eu prestei farmácia na UNICAMP e aí fiquei dividida entre fazer farmácia e fazer cursinho, daí pensei “ah, vou fazer farmácia, vai que eu gosto” e só que aí eu consegui uma bolsa, num cursinho que era o cursinho que é o elite, é o cursinho mais forte da cidade do interior de São Paulo assim, e eu tinha muita vontade de fazer cursinho lá porque como eu te falei eu era uma pessoa que estudava muito. E o lema deles era assim tipo “seu filho vai chegar sábado à noite em casa e não vai conseguir sair de casa, vai ficar cansado no sofá” e eu pensei “nossa, é isso que eu quero! eu quero estudar oito horas por dia fora as aulas”, bem idiota assim e aí eu consegui uma bolsa integral nesse cursinho, que era um cursinho super caro e eu não ia ter condição de pagar, e eu pensei “nossa, isso é um sinal divino, é pra eu fazer Medicina e é pra eu fazer cursinho nesse lugar que eu vou passar” daí eu larguei a UNICAMP, larguei o curso de farmácia e fui fazer o cursinho lá. Aí entrei um ano lá, entrei em depressão, fiquei super mal.

p - nossa, mas o que aconteceu pra rolar essa depressão?

e - porque é uma carnificina, né? Eu estava acostumada bem com a MINHA pressão diária, eu sei que eu preciso estudar, agora quando eu botava uma pessoa falando para mim “olha, você precisa estudar e isso o que você está fazendo não é suficiente”, ele te coloca uma meta que é para você inalcançável...

p - os professores faziam isso?

e - os professores, a coordenação, o ambiente lá tem uma estrutura meio de presídio, sabe? Era muito pesado, o lugar era horrível e eu fiquei bem mal no primeiro ano.

p - e rolava pressão também por conta de outros alunos?

e - sim, rolava porque era dividido em turmas de Medicina, né? É um negócio bem bizarro também isso, eram 5 turmas de Medicina que ficavam inclusive no porão do cursinho e você descia as escadas assim no subsolo e eu era monitora no cursinho, eu era monitora de sala, eu tinha que apagar a lousa, ligar o datashow para os professores e além disso a coordenação falava pra gente que a gente tinha que ter uma postura exemplar diante dos outros alunos, então além disso rolava uma pressão do tipo “ah eu sou alguém que tem que parecer alguma coisa que não necessariamente é o que eu sou de fato”.

p - isso por conta da bolsa?

e - por conta da bolsa.

p - que abuso.

e - pois é, nada de graça nessa vida.

p - e você mencionou que era um colégio de origem, e você me parece de uma origem mais modesta.

e - isso.

p - e você sentia pressão nesse sentido?

e - sentia super, porque dentro daquele contexto, é engraçado porque assim, o colégio onde eu estudava antes tinha cursinho, mas era um cursinho voltado para pessoas com uma renda um pouco menor, então mesmo quando eu estava nas turmas de Medicina daquele cursinho, eu não tinha contato com pessoas que prestavam faculdades particulares caríssimas, isso para mim era muito estranho. Quando eu cheguei lá nesse outro cursinho e as pessoas “aí, vou prestar a faculdade cujo a mensalidade custa, naquela época cinco mil reais, hoje em dia sete” eu ficava “meu deus, como essas pessoas tem dinheiro pra isso, não é possível” e aí eu via uma configuração que era a seguinte, a pessoa saía do interior de São Paulo, de algum lugar, sei lá, Votuporanga e pra estudar na cidade em que eu morava, pagava o apartamento a dois mil reais de aluguel e ainda pagava um cursinho de talvez mil e quinhentos reais, eu pensava “gente isso é muito surreal” e tava de carro.

p - seria algo como o salário da sua mãe.

e - é! Sim, é mais que o salário da minha mãe inclusive, era chocante pra mim.

p - e daí gerava esse incômodo mesmo.

e - gerava um incômodo do tipo “meu deus, as pessoas não tem noção da vida”, sabe? inclusive o pessoal falava umas coisas meio absurdas assim, né? Tipo de gente que não tem noção de uma realidade diferente da dela e eu moro na periferia da cidade, a minha rua é uma avenida e tem uma boca de fumo aqui e outra aqui em baixo, era um universo muito estranho (da escola).

p - naturalmente, as pessoas de lá e os comentários, tudo isso deveria ser muito pesado pra você.

e - sim, era muito frustrante, muito. Inclusive eu acho que nisso rolou um encaminhamento para que eu desistisse de prestar Medicina. No primeiro ano eu fiquei muito mal, né? Por conta do cursinho, e essa questão das pessoas me trouxe um ranço das pessoas que prestam Medicina muito forte. Eu pensei “cara, se esse é o perfil de indivíduo que faz esse curso e presta esse curso, então eu não sei se quero fazer parte disso”, sabe? Não é pra mim, não só não é pra mim do tipo está muito distante, mas não é pra mim por não querer conviver com essas pessoas pelo resto da minha vida.

p - eu não me encaixo nesse grupo...

e - exatamente, é um negócio que eu sinto aqui dentro inclusive.

p - você pode me falar mais desse sentimento de não pertencimento?

e - é, eu imagino que a gente ia chegar nisso a algum momento, é por isso que eu te disse que talvez até eu chore ao fim dessa gravação, se chorar também não tem problema. É importante eu falar disso, até porque as pessoas que ficam perto de mim são as pessoas que fazem o curso, então... Eu conservo um ranço muito forte dessas pessoas e da faculdade, mesmo. Eu não sei se existe uma questão de classe social, ou se existe uma questão de pensamento que é extremamente individualizado, as pessoas são extremamente narcisistas. Eu percebo inclusive pela minha história, de que as pessoas prestam Medicina, a grande maioria das vezes, na perspectiva de status social e de ter dinheiro. Claramente, “ah eu quero

ajudar o outro”, você pode ajudar o outro fazendo um milhão de coisas, você quer uma pessoa que mais ajuda alguém do que um professor, por exemplo? Existem N possibilidades de ajudar alguém na vida e Medicina não é o único caminho para isso, então eu vejo que claramente existem questões de ego muito fortes em todo mundo que está aqui dentro e isso me afasta muito das pessoas dentro do curso e por isso eu tenho muita dificuldade de conviver com meus colegas de turma e isso me afasta inclusive da profissão. Eu não sei se você viu aí, em algum momento eu falo que não tenho muita vontade de continuar.

p - sim, você marcou que não gostaria de continuar os estudos.

e - é...

p - mas você se interessa pela área de ensino, eu vi isso...

e - sim, sim, muito.

p - mas aconteceu alguma coisa ou algum evento que te fez ver isso com os alunos ou os professores, uma coisa que acaba sendo recorrente é que a Medicina tradicionalmente era uma área masculina e muito machista, a pressão nesse sentido é muito grande, você sente isso ou já sentiu esse tipo de coisa?

e - em relação ao machismo especificamente não tanto, não acho que não exista, acho que existe de forma velada, e já ouvi relatos de outras pessoas do tipo “se é mulher não pode ser cirurgiã cardíaca”, “é mulher não pode ser cirurgiã oncológica”, “você tá fazendo cirurgia do tórax? Não é possível, você é mulher” eu já ouvi dessas coisas, mas não para mim, mas narrativas. que vem inclusive de pessoas do curso mesmo, por exemplo cara que no quarto ano fala isso para alunos do segundo, coisas desse nível.

p - pessoas da sua sala que te relataram isso?

e - sim, uma colega minha, próxima que gosta de cardiologia, inclusive está entre cirurgia e me contou que ouviu um relato desse tipo.

p - de ela não poder ser cirurgiã cardíaca?

e - exatamente, de ela não poder ser cirurgiã cardíaca porque isso não é coisa de mulher.

p - que horrível...

e - horrível, horrível, mas essas coisas existem, mas eu acho que isso é uma coisa que está em muitos espaços, eu imagino que a mulher deve enfrentar isso em N situações que ela decida viver na vida, mas as questões dentro da Medicina que me incomodam mais, tem a ver mesmo com essa hipocrisia das pessoas, com essa ideia de “ah eu estou aqui pra ajudar o outro”, mas no fim das contas eu não estou aqui para ajudar o outro, eu estou aqui para ajudar a mim mesmo.

p - e quais são os sinais que você vê disso?

e - ah por exemplo, eu sei que como eu disse para você é um ranço mesmo, não tem um episódio concreto pra te contar, mas por exemplo. As pessoas quando elas vão conversar você percebe isso, a diferença entre você conversar numa roda de amigos que fazem Medicina e numa roda de amigos que fazem qualquer outra coisa da vida, as pessoas tem necessidade de ocupar o espaço de fala, o tempo todo. Elas precisam dar a opinião delas, elas precisam falar alguma coisa e são pessoas que tem um ego muito frágil, se você faz um contraponto de alguma coisa, antes de escutar o que você falou a pessoa já vai se colocar na defensiva “não, não, não, mas pera aí, não é assim”. Ela já se sente agredida, antes de você conseguir colocar o teu ponto, é muito difícil, mas eu não sei quanto isso também não é uma questão inconsciente minha...

p - bom, por mais que seja inconsciente sua, isso é ancorado de alguma maneira na realidade, se não, não iria surgir, então por mais que seja caricato, tem algo de real nisso.

e - eu tive uma experiência na cirurgia né, agora, eu gostava muito da cirurgia quando eu entrei e eu fui fazer iniciação científica na área cirúrgica, nossa foi decepcionante, decepcionante, as pessoas da cirurgia são as pessoas mais desumanas, nossa é bizarro, eu não consigo entender como a coisa se agrava tanto de um lado pro outro, eu percebo assim pelo jeito que o meu orientador me trata, sabe? Rola um descaso, uma distância mesmo e até um “ah mas como que você não sabe isso, como é que você não sabe fazer isso? Isso é o mínimo”.

p - mas você só está no segundo ano!

e - é, exatamente, não só a relação aí, claro, pode ser um caso isolado, mas a gente foi junto algumas vezes em um espaço de discussão com outros cirurgiões da gastro da onde eu faço, ou fazia iniciação científica, sei lá se fazia ou se faço, e a gente percebe que assim, eles param pra conversar, e quando eles falam do paciente, rola um distanciamento, e tem um desdém, e isso é uma das coisas que mais me...

p - não é só o distanciamento dessa coisa do não vou me ligar porque eu não posso me ligar, mas é um desdém mesmo.

e - é um desdém mesmo, inclusive uma vez eu conversei com uma psiquiatra sobre isso, o quanto as pessoas na Medicina são frias, e aí o que ela falou para mim foi que não, que a gente precisa disso para sobreviver, mas não é, é um passo além que beira a crueldade mesmo, e é isso que me espanta nas pessoas, como é que você pode olhar para um indivíduo que esta frágil e que você claramente exerce uma relação de poder não só porque você está numa posição social que é alta, mas porque esse indivíduo está doente e está precisando de você por qualquer que seja a razão, e você consegue usar disso pra fazer uma piada ou pra fazer uma fofoca de corredor, sabe? É bizarro, horrível...

p - Sobre a IC então você está nessa área cirúrgica ainda?

e - é, estou tentando largar, mas eu tenho dificuldade de largar as coisas, então...

p - sim, até porque você já se comprometeu.

e - é, esse é o ponto, exato.

p - mas e como foi o contato com o seu orientador, como se deu isso? depois você trocou de orientação então?

e - na verdade sim, eu estou com ele ainda, mas o projeto está meio parado, porque ele é o tipo de pessoa que, ele pega mil coisas pra fazer, ele não dá conta de fazer essas mil coisas, mas ele não assume que ele não dá conta de fazer, então a gente ta tocando o projeto que é de doutorado de uma aluna dele, na qual eu sou Iniciação Científica, né? E a gente começou o projeto em março. Eu fui atrás dele, acho que uma das suas

perguntas era essa, né? Como eu cheguei até ele. Eu fui atrás dele porque ele é preceptor da liga de gastroenterologia cirúrgica aqui da faculdade, e eu gosto muito da liga, participo da liga desde o ano passado e eu queria fazer uma iniciação científica na área de gastro cirurgia, mas fiquei pensando “o que exatamente? Pâncreas? Fígado?” porque tem isso também na Medicina, além de tudo você não consegue enxergar a pessoa como um todo, né? A gente é cartesiano, cartesiano ao extremo. Ah não basta estudar gastroenterologia cirúrgica, tem que estudar o pâncreas. Aí eu fiquei “ai meu deus, vai ser o pâncreas? Vai ser o fígado? Vai ser o que?” aí pensei no pâncreas, conversei com ele de um transplante que esse professor meu tinha feito, não, não era um transplante, era um tumor. Era um tumor de mais de 20 kilos do fígado de um cara, e tal e não sei o que, e é engraçado porque o cara morreu no final das contas. Mas eu fiquei tão impressionada com o procedimento, eu falei “nossa, é esse cara que eu quero para me orientar” e aí eu fui atrás dele, por uma questão de referência mesmo do nome e das coisas que ele fazia, e veja só como a gente é inocente, como a gente entra na faculdade muito iludido com essas questões de grandeza, porque eu fui atrás de saber se esse cara era uma referência, se o procedimento que ele fazia era bom e etc, mas eu nunca fui procurar saber se era um cara humanizado, se era um cara decente, inclusive eu descobri depois que ele tem histórico de assediar as alunas dele. E daí eu fico o quanto eu também não estou envolvida por essas coisas que me incomodam dentro do perfil da faculdade, né? A questão da grandeza e tudo o mais, enfim, aí comecei a conversar com ele e isso foi fevereiro pra março mais ou menos, a gente combinou de fazer o projeto junto. E a gente começou, em julho a gente fez várias cirurgias, foi bem bacana, mas a gente teve um problema com anestesia, a gente tava operando porco e os porcos começaram a morrer, porque a anestesia estava muito profunda, né? E aí por conta disso a gente parou o procedimento, então está parado agora, e eu estou evitando o contato com ele

justamente por conta disso. Tá parado, mas eles estão querendo recomeçar provavelmente em fevereiro. Novembro e dezembro então nas próximas semanas eu vou acabar largando a iniciação científica...

p - mais mesmo por esse negócio pessoal com ele que a relação é ruim?

e - sim, totalmente, só por isso. Eu adoro cirurgia, eu acho do caralho, se desse pra fazer sozinho... horrível isso, mas...

p - não, faz total sentido, é uma coisa que você tem interesse e não tem como realizar isso por conta da orientação.

e - o problema é que assim eu teria que passar o resto da vida indo em congresso conversando com esse tipo de gente.

p - bom, esse também é só um cirurgião, podem ter outros com uma perspectiva diferente. Ele é muito mais velho? Ele é jovem?

e - ele é meio velho, deve ter seus 50 e poucos anos, mas assim não é velho o suficiente pra justificar esse tipo de coisa.

p - me fala da sua experiência como a extensão, como foi?

e - então, o CUJA é o cursinho popular da UNIFESP e quando eu entrei aqui, eu tenho uma amiga do curso que fez letras, ela fez letras antes só que agora ela faz Medicina. E assim que ela entrou na faculdade ela prestou pra professora de literatura no CUJA, isso foi em março ainda, e eu nem sabia que o CUJA existia. Só que a gente ficou amiga muito rápido e aí ela sempre falou pra mim “presta o CUJA” e eu fiquei “mas não, mas eu não sei se eu tenho condições de dar aula ou de dar plantão, não sei se eu tenho tanto conhecimento assim, também não sei que matéria que eu escolheria. Não acho que eu tenha vocação pra isso”, e eu nem acredito nesse negócio de vocação, mas to usando porque é uma palavra que as pessoas acreditam em geral, aí em agosto do ano passado apareceu um processo seletivo do CUJA e tinha vaga pra professor x e para professor y, pra plantonista também, das duas matérias e daí ela falou “olha vai ter esses dois processos seletivos. Você não quer fazer?” falei “Oh, vou fazer, vou prestar

então, mas assim vou deixar o processo decidir se eu tenho alguma condição de fazer isso ou não”, porque eu realmente não sabia, fui sem muito ter ideia.

p - não foi uma coisa pensada.

e - e nem foi uma coisa assim que eu achei que “nossa, não eu tenho super a cara desse projeto! vamos lá, vai dar super certo”, não, aconteceu, fui lá e prestei, inclusive na semana que eu prestei estava bem nervosa, quando eu passei pra mim aquilo foi que nem passar no vestibular de novo, sabe? Eu pensei “cara, eu não vou ganhar nada por isso, eu vou ter trabalho pra caralho, mas eu to feliz pra porra”.

p - e por que?

e - eu não sei, acho que porque tinha uma questão de que eu não sabia que eu tinha condição de fazer isso, inclusive na minha entrevista eles falaram pra mim, ah sua prova foi muito boa, mas o que surpreendeu a gente foi sua aula teste. E eu falei, cara como assim? Eu não sabia nem que eu tinha condição de dar uma aula, quem dirá dizer que minha aula foi boa, foi melhor que a prova inclusive. Então eu fiquei muito feliz por conta disso, e porque eu vi a possibilidade de tentar ajudar outras pessoas com a experiência que eu tive de três anos de cursinho que foi árdua, e eu sentia que eu tinha coisas pra dizer pras pessoas. Inclusive eu tenho um vínculo com o Anglo até hoje que eu não consigo parar de voltar lá. Agora esse ano melhorou bastante, mas no primeiro ano eu ia pra casa todo final de semana eu estava lá. Eu ia lá falar com as pessoas, “aí calma, vai dar tudo certo, não desiste” então eu senti que eu tinha alguma coisa que eu poderia contribuir e era uma coisa que eu precisava sair de mim. Na verdade, tem uma questão que acho que é até psicológica, eu tinha muito medo de abandonar o cursinho, porque eu não sabia o que ia vir depois. Eu tinha muito medo, inclusive quando eu passei aqui na UNIFESP eu fui conversar com meu coordenador lá do cursinho que virou meu amigo pessoal depois de tanto tempo, eu falei pra ele “Eu tenho muito medo de largar o cursinho. Muito medo, eu não quero sair daqui” então eu acho que o

CUJA foi a forma que eu achei de manter o cursinho.

p - de manter essa rotina e a vida de cursinho.

e - exatamente, porque foram três anos de cursinho mas na verdade eu fiz o ensino médio também nesse mesmo ambiente. Então tem um pedaço da minha vida muito grande que tá nesse espaço e me fazia sofrer muito abandonar completamente isso. O CUJA também veio nesse sentido, a coisa do aspecto social mesmo veio depois...

p - do aspecto social você diz...?

e - é isso que eu vou te explicar agora, quando eu comecei a dar aula e eu comecei a tomar contato com aqueles alunos, e aí eu percebi a realidade de vida deles, que era uma realidade diferente da minha, muito diferente, apesar de eu ser uma pessoa de nível social não tão elevado quanto as pessoas que faziam cursinho comigo, a situação deles é muito diferente. É um cursinho popular, então aí você tem contato com pessoas que trabalham o dia inteiro, e que trabalham porque elas precisam pagar condução pra poder chegar até o cursinho porque senão ela não tem condição de estudar, ou as vezes precisam ajudar em casa. Eu tinha um aluno no ano passado, que a história dele me marcou muito. Assim, ele tinha o PROUNI, tinha uma bolsa 100% do PROUNI, ele fazia faculdade, administração ou algo assim, e ele largou o PROUNI dele porque ele queria fazer faculdade pública e aí ele fez um ano de CUJA, né? Largou o trabalho inclusive, brigou com todo mundo na família, a mãe inclusive porque tinha largado o trabalho e a faculdade pra poder estudar. E aí ele ficava todo dia na biblioteca aqui, chegava cedo e ficava o dia inteiro aí até a aula a noite e aí uma vez ele contou pra mim que a tia dele disse “ah que bom que você tá fazendo cursinho, porque quando você não passar você pelo menos vai saber que você tentou”, muito pesado. Ele queria muito fazer farmácia, e estava muito preocupado com o ENEM e tal, o ENEM antes era num fim de semana só e dois dias seguidos, né? Depois do primeiro dia do ENEM ele mandou mensagem pra mim

dizendo “to desesperado, eu fui muito mal, não vou na prova amanhã” e aí a gente conversou e eu tentei acalmar ele um pouco e convenci ele a ir fazer a prova. No fim das contas ele passou em tudo, está fazendo farmácia agora na USP agora, está super feliz ajudando a fundar o cursinho popular de lá inclusive. Então assim, tomar contato com essas histórias me fez sentir o quanto existem pessoas que não é nem uma questão de fazer a diferença, porque não é nem questão de eu sentir que eu faço diferença na vida deles, mas eu sinto que eles fazem diferença na minha vida.

p - é uma colaboração mútua, né?

e - é, de certa forma sim, mas eu acho que, existe isso muito dentro dos projetos de cursinho popular e eu acho que nos projetos que tentam fazer algum tipo de trabalho voluntário em geral, as pessoas se colocam numa posição de salvacionismo, eu que trabalho neste projeto estou aqui salvando a vida dessas pessoas, e eu absolutamente não acredito nisso, eu acho inclusive que eu ganho muito mais lá dentro do que o que eu posso transmitir para eles. Então o cursinho, existe uma questão de eu achar que estou fazendo uma coisa pelas pessoas? Existe, mas eu acho muito mais que isso me alimenta do que eu que sou eu estou propiciando uma coisa para alguém, é mais ou menos por aí.

p - então essa coisa de fazer pelo próximo é muito presente na sua vida, ao longo da sua vida e da sua trajetória e na UNIFESP isso deu uma intensificada, talvez até pela sua vivência com os alunos do curso e os professores.

e - sim, sim, eu tinha uma experiência anterior no cursinho de fazer trabalho voluntário com moradores de rua. A gente fazia uma vez por mês mais ou menos a gente se reunia, fazia macarrão e saía pra distribuir pros moradores de rua. Naquelas situações eu sentia, que quando a gente conversava com aquelas pessoas, porque a gente não chegava lá, entregava comida e ia embora, a gente sentava, trocava uma ideia com eles, e naqueles momentos eu sentia o quanto eu tinha pra aprender com as pessoas

que eram diferentes de mim, que tinham vidas muito diferentes, muito mais difíceis que a minha e isso foi uma das coisas que me trouxe para o aspecto mais social da Medicina. Se existe alguma coisa que me mantém no curso de Medicina é acreditar que existe um aspecto social que pode realmente ser maior que todas as questões de narcisismo que existem dentro desse curso, a primeira vez que eu tomei contato com isso, a impressão de que existe uma questão social e que existe essa questão da diferença mesmo que a gente pode fazer na vida do outro foi nesse momento do trabalho voluntário. que eu percebi do quanto de fato a gente pode se alimentar daquilo que é diferente da gente com a questão da alteridade, não é? De você se construir a partir do outro, depois disso, a única vez que eu fui sentir de novo essa sensação foi no CUJA. Me traz a impressão de que... o que eu quero fazer da minha vida eu não sei, mas é alguma coisa que me faça sentir desse jeito.

p - você tem alguma religião?

e - não.

p - você é agnóstica, ateu?

e - é, eu sou só agnóstica, eu acredito em alguma coisa que eu não sei muito bem o que é, mas não é uma doutrina.

p - e você me disse que não queria dar continuidade, né?

e - isso.

p - mas você falou que queria trabalhar nessa área de ensino.

e - é...

p - e o mestrado não surge como uma oportunidade ou uma relação com isso?

e - pode ser... é que eu acho que a área acadêmica ela é complicada de uma forma geral, de novo as questões de narcisismo e de ego elas são muito fortes, né? Não acho que seja uma exclusividade da Medicina isso, acho que o mundo acadêmico é permeado por essas coisas. Eu sei, e eu faço terapia duas vezes por semana, inclusive por conta disso, que eu preciso aprender a lidar com essas coisas, faz parte do mundo, a realidade é assim, e a gente precisa aprender a lidar

com as pessoas de forma que isso afete isso o menos possível. Tudo vai depender na verdade do quanto eu vou amadurecer ao longo desse processo, eu não vou largar o curso muito provavelmente a não ser que eu surte ano que vem, porque esse ano... Toda semana eu acordo e falo “nossa, acho que hoje podia ser o dia que eu vou largar o curso”, mas eu atualmente nas últimas três semanas não tenho mais pensado em largar. Três semanas você vê o quanto de estabilidade eu tenho.

p - mas é normal é assim mesmo...

e - então eu não tenho pretensão de largar o curso, mas a depender do quanto eu vou amadurecendo ao longo do processo eu vou decidir se de fato eu vou continuar na Medicina ou se eu vou tentar fazer outra coisa. Porque na verdade o que me incomoda aqui dentro, além de todas as questões, é que eu sinto que falta teoria em termos de humanidades, o cara que vem dar aula para mim sobre a humanização da relação médico paciente, ele é médico e o que ele fala são coisas empíricas que eventualmente ele viu, que tudo bem até podem ser interessantes. Mas eu sinto que falta mesmo um embasamento teórico para as pessoas discutirem humanização, o médico tem uma questão de poder tão forte que ele sente que pode ocupar todos os espaços, o médico é nutricionista, o médico é educador físico, ele é fisioterapeuta, ele é psicólogo, ele é político, ele é tudo, médico é praticamente deus e isso me incomoda demais, porque eu falo “como esse cara vem aqui e ele quer discutir...” por exemplo, a gente tem uma aqui na UNIFESP que junta a sociologia com a Medicina, e aí eu vejo médico discutindo sociologia. Daí eu fico “cara, será que esse cara realmente tem o conhecimento” porque por exemplo, a gente tinha uma disciplina no começo do ano que era educação em saúde e eles queriam defender a todo custo que o médico é um educador. Eu entendo com muito custo o que eles querem dizer com isso, mas eu acho um absurdo, existe uma pessoa que faz um curso de pedagogia por 5 anos ou uma pessoa que faz um curso de licenciatura, para ser

educador e você me dá uma matéria de duas horas por semana, na segunda feira de manhã por um semestre e quer falar pro mundo que eu sou um educador, eu acho isso um desrespeito absurdo, então assim, nem sei porque eu to te falando todas essas coisas... Ah lembrei! Eu acho que eu precisava estudar algo que tivesse mais a ver com humanidades, primeiro para mim enquanto pessoa, e talvez até para ser médica ou qualquer outra coisa que eu faça. Eu acho que o que a gente tem aqui de humanidades é extremamente raso, é feito de pessoas que não sabem muito sobre, ou então pensaram só em torno da perspectiva delas e não ouviram outras pessoas.

p - e tinha algum professor no Anglo que você se dava melhor, de alguma disciplina, ou a relação com os professores era em geral igual?

e - assim, meu professor de biologia que era meu coordenador era muito próximo, inclusive eu fui perceber que eu dou aula igual a ele, falaram isso para mim de um colega meu que fez cursinho comigo e foi assistir uma aula minha e falou “você sabe que você dá aula igual a ele não é?” eu perguntei “é sério?” e ele disse “é, você dá aula igual a ele”, então eu percebi que virou uma referência inconsciente para mim, era uma pessoa importante e os meus professores de humanas nortearam muito minha vida dentro do Anglo, tinha um professor de história, interpretação de texto, ele dava aula de livro, dava aula de história da arte, de muitas coisa.

p - ele tinha muitas referências.

e - sim, muitas coisas, ele mobilizava muitas referências, então tinha algumas pessoas, mas nada tipo “ah esse cara é um modelo”, a todos eles eu faço críticas, eu consigo olhar e falar “dá pra salvar isso, isso e isso, mas isso aqui pra mim não serve”.

p - você consegue ter uma visão bem crítica dos professores, dos eventos da UNIFESP, dá pra ver isso na sua própria fala mesmo

e - obrigada.

p - de especialização mesmo seria essa área de gastro e de cirurgia de gastro.

e - aí, seria num passado distante. Atualmente se eu fosse continuar no curso, mais provavelmente eu tenderia para Medicina de família. Por um tempo eu pensei em psiquiatria, a gastro aconteceu, foi um fato isolado, é uma coisa que eu gosto muito, mas eu acho que já está quase que enterrado, depois veio a psiquiatria e eu fui atrás de tentar estudar um pouco mais, vi os cursos introdutórios de Liga, e aí eu percebi que a psiquiatria não é a humanas de Medicina, apesar de ser o que muita gente pensa, em geral, eles tem uma visão extremamente medicamentosa de uma coisa que é extremamente biologicista. Então o aspecto da psicologia que é o que me interessa no fim das contas, das questões de inconsciente e processo de formação, acaba ficando um pouco de fora e o que eles levam mais em consideração é a parte comportamental, sabe? Acaba sendo uma psicobiologia no final das contas, então acabei ficando um pouco frustrada com a psiquiatria nesse sentido, e aí eu pensando fui perceber que a humanas da Medicina é na verdade a Medicina preventiva, que é a Medicina de família que cuida da população de risco, população negra, população de rua, população trans, então talvez se eu for ficar nessa área, vai ser pra fazer alguma coisa nesse sentido.

p - e quais são as visões dos alunos e dos professores sobre Medicina de família ou ainda quais são as áreas mais valorizadas.

e - é, com certeza Medicina de família não é valorizada, eu percebo isso porque eu tenho muitos colegas que tem esse perfil, pra Medicina de família e não considera a possibilidade de fazer porque existe uma questão de ser uma especialidade menor. Na cabeça do superespecialista, o médico de família faz aquilo que sobrou para ele fazer, é o cara que não conseguiu fazer mais nada e aí ele faz aquilo que sobrou, que na verdade vem dessa visão cartesiana mesmo de você achar que o que é valorizado é o superespecialista. O cara que mexe com a

proteína do fundo do olho ali... enfim... da oftalmologia cirúrgica. Então eu acho que o médico de família, por ser o médico generalista, ele fica muito negligenciado nesse sentido porque o especialista é muito valorizado e porque ele lida também com a população mais carente, não é o tipo de especialidade que vai te enriquecer.

p - ou trazer muito status.

e - exatamente, é estranho porque as pessoas falam, eu já escutei isso, ah não vou fazer Medicina de família porque eu não quero ser pobre.

p - médico pobre é novidade pra mim.

e - exatamente, daí eu te digo, não sei se você sabe disso, mas um médico de família hoje num concurso de 40 horas para trabalhar numa UBS ele ganha 18 mil reais. 40 horas, quem que com 40 horas no Brasil ganha 18 mil reais? Pra você ver como existe um outro parâmetro, a referência é outra não é a realidade do mundo para maioria das pessoas, a realidade para um médico é um salário de 40 mil reais pra cima, é bizarro.

p - e as áreas mais valorizadas você diria que são quais? Ou ainda quanto a Medicina da família, quais são os comentários, se você vê comentários dos professores tratando isso como algo menor.

e - dos professores não, porque assim com quem a gente tem contato atualmente dentro do curso, porque eu estou no segundo ano ainda, a gente tem contato com o pessoal das cadeiras básicas que em sua grande maioria não é médico. Daí o que rola é eventualmente uma crítica a categoria médica de uma forma geral, que é super válido e importante acontecer, e a gente tem muito contato de médico com o pessoal da Medicina preventiva, que é um pessoal que pensa as coisas de forma diferente, é um pessoal que por exemplo, os nossos cursos que a Medicina preventiva organiza, nós temos o curso de SUS no primeiro semestre, um curso de epidemiologia e bioestatística agora, e um curso de vigilância no ano que vem, e eles são os cursos que avaliam, acreditam na educação de forma diferenciada da forma que as outras disciplinas acreditam, por exemplo, o

pessoal da Medicina preventiva não elabora um curso que tem duas provas e aí você faz a prova, tirou 6 tá livre, se não fica de exame e repete de ano eventualmente. Não, o curso de epidemiologia, 25% da nota é a primeira prova, 35% é a segunda, ou seja existem provas, 10% da nota é um trabalho, esse que a gente acabou de apresentar 20% são atividades que a gente faz em sala e 10% são participação, ou seja ele te avalia de maneira integral, ele analisa o aluno que tá ali, a sua vivência do curso de forma muito mais coerente, é muito mais interessante do que você ir lá e fazer uma prova, e depois e se você tiver um desarranjo na prova? E se você tiver mal no meio da prova? Sei lá, você tá em depressão, o que é pior, se for um dia se faz uma sub(substituta) depois, só que você está num processo depressivo se você tem um processo que só te avalia por conta da prova, o que que garante que você vai conseguir fazer isso desempenhar de maneira adequada? Enfim, galera não gosta, os alunos odeiam isso, eles preferem que exista uma prova, você faz e acabou e assim...

p - isso como um todo, daria pra colocar como um perfil da Medicina? que tende a rejeitar esse tipo de avaliação.

e - Não entendi a diferença das suas duas perguntas.

p - você diria que essas pessoas que não curtem esse tipo de avaliação, você diria que é como um todo da sua sala ou diria que é um perfil de aluno.

e - não, eu acho que é um perfil de aluno em geral, e eu não sei o quanto não tem inclusive dessa perspectiva do “ah esse pessoal da Medicina preventiva...” “ah esse pessoal das humanas...” “esse pessoal Paulo Freire”, sabe? Eu não sei quanto ao meu ranço falando isso pra você, mas eu tenho a sensação que tem um pouco isso também, essa perspectiva de “ah esse pessoal da preventiva de novo...”, fazendo essas coisas, sabe?

p - eu nem vou precisar disso, só preciso abrir o cara e acabou.

e - exatamente, o que é um negócio absurdo né? porque por exemplo, vou te falar a fala

de um colega meu numa conversa que a gente teve com o Aécio, que é nosso coordenador de curso, no primeiro semestre a gente teve a disciplina de SUS e teve uma aula que a gente montou um cartaz sobre o SUS, um cartaz grande, com uma linha do tempo, com as datas que eram marcantes pro processo de criação do SUS e daí com isso na cabeça, um colega meu virou e falou assim “eu acho um absurdo essas atividades que a Medicina preventiva propõe pra gente, porque eu não venho pra faculdade pra pintar cartolina”, mas se o professor for lá e der uma aula de duas horas você vai querer morrer também, né?

p - Sim, só uma aula passiva recebendo conteúdo é terrível.

e - virou um meme na nossa turma isso, “eu não venho pra faculdade pra pintar cartolina”.

p - isso também está relacionado com o fato de você não se sentir muito à vontade na UNIFESP como você marcou na questão 73, você colocou que discorda totalmente, me parece muito evidente porquê.

e - eu acho que é um pouco do que a gente comentou no começo, as questões de ego fazem com que as pessoas sejam extremamente refratárias, eu acho que quando você vai falar com uma pessoa sobre algo que claramente ela discorda, é importante que você tente não ser combativo. Você cria a possibilidade de diálogo, mas eu percebo mesmo quando você tenta não ser combativo o simples fato da discordância faz a pessoa assumir uma posição unipolar absurda e a partir dali ela não vai se mover nunca mais. Eu sinto isso de forma geral em relação à... principalmente em relação aos meus colegas, que como eu falei para você, eu não tenho muitas aulas com médicos ainda, então eu não sei te falar qual que é o perfil dos professores quando a gente chegar no médico de fato lá na frente, mas o que eu percebo é que o pessoal das básicas dialoga razoavelmente bem, e o pessoal da preventiva também dialoga bem.

p - e o pessoal da preventiva é mais jovem?

e - são, em sua maioria são, aí o pessoal da minha sala têm muita dificuldade de conversar com as pessoas...

p - e o que você considera uma boa trajetória pra um aluno de Medicina da UNIFESP, o que você entende como quais seriam os bons caminhos para o aluno de Medicina na UNIFESP? Existe isso ou algum tipo de orientação?

e - tá, calma, são muitas perguntas, tem o bom caminho do que é bem visto pela sociedade, tem o bom caminho do que eu supostamente enxergaria, que eu também não saberia ainda te dizer o que é, e tem a questão da orientação do que seria esse bom caminho, é isso que você está me perguntando?

p - isso, na verdade mais o primeiro e esse último, essa relação da instituição que forma como um bom caminho no que você vê representado.

e - eu acho que existe uma ideia de bom caminho, que é você entrou na faculdade, você faz o primeiro ano você se esforça absurdamente, né? Estuda tudo que você puder, pega uma iniciação científica do primeiro pro segundo ano para você ser gente na vida. Faz o maior número de ligas possíveis que você puder, faz uma extensão, porque né? “tem que fazer alguma coisa para a comunidade”, porque afinal de contas a gente veio aqui para ajudar os outros (tom irônico), aí você faz uma extensão, faz uma iniciação científica, faz uma trajetória bacana até o quinto ano, no quinto ano você entra no internato e tal e depois daí você pode ir pro mundo viver. Então, ou seja, existe uma carga horária absurda que a gente tem que cumprir de oito horas por dia de aula, que além disso não é suficiente, claramente não é suficiente. você precisa fazer outras coisas extras, você precisa fazer várias ligas, você precisa fazer uma iniciação científica senão você não é ninguém no mundo, precisa fazer outras coisas, inclusive tem que frequentar congresso, se você puder você organiza um congresso também, se vincule a alguma coisa que você possa organizar um congresso, você precisa ter um

espírito de líder, inclusive porque afinal de contas todo mundo quer ser líder, eu não sei quem é que essas pessoas vão liderar, mas todo mundo precisa ser líder então... Eu fazia monitoria com um professor que...

p - me fala mais dessa coisa do líder, isso tá muito presente?

e - muito muito, você não tem noção, eu fazia mentoria com um cara, não sei se você conhece ele, aqui dentro da UNIFESP ele é um deus, eu fazia mentoria com esse cara. Você sabe o que é mentoria?

p - sim, de uma outra entrevista comentaram comigo que é uma relação de professor e aluno te orienta mais ou menos sobre como tem que ser sua trajetória acadêmica e etc.

e - isso, essas coisas existem, e aí esse cara, eu frequentei a mentoria dele, eu fui em três encontros porque eu não conseguia escutar as coisas que ele falava que eram absurdas para mim, ele falava assim que, tem umas frases que me marcaram muito, que as pessoas precisam ser desassossegadas, eu já acho esse conceito estranho, pode ser positivo em algum aspecto.

p - pode, mas desassossegada para mim soa como um sinônimo de atormentada.

e - é exatamente, obrigada! As pessoas acham isso super legal!

p - me parece loucura!

e - é! Eu quero mais é ficar sossegado.

p - sim, eu quero ficar bem e calmo.

e - exatamente e não o contrário disso, pelo amor de deus. E aí esse era o lema dele, porque ele acha que as pessoas se acomodam muito, por exemplo na sua sala de aula você não pode sentar todo dia no mesmo lugar, você tem que sentar cada dia em um lugar diferente para fazer Networking, eu ouvi isso da boca dele. Ele basicamente financiou um hospital assim é aquele exemplo maldito das pessoas que falavam “ah porque eu não tinha nada, e hoje em dia olha o que eu tenho” ele falou isso um dia em mentoria “a minha mãe ou o meu pai era...” eu não sei, eram condições assim bem humildes, “minha mãe era costureira e meu pai era, catador de lixo, pedreiro ou algo assim, eu trabalhava e estudava, fiz faculdade trabalhando e eu era da atlética e eu fui presidente da atlética e eu

fiz mil coisas e eu cheguei onde cheguei”, sabe? Ou seja, isso que você tá fazendo é o mínimo, não basta, pode fazer muito mais do que isso aí que ainda não é o suficiente e na cabeça desse cara inclusive você tem que fazer um intercâmbio, se não também você não é ninguém.

p - nossa, que pressão!

e - é bizarro, você nunca é suficiente, independente do que você faça...

p - e esse vocabulário de empreendedor é forte aqui também?

e - infelizmente isso é forte, infelizmente. Eu não consigo entender como é que dentro de uma área que a gente fala de saúde, a gente estuda em uma faculdade pública, a matéria que a gente tem aqui é o SUS, a gente vai prestar serviço no SUS e aí a gente consegue falar de empreendedorismo aqui dentro estudando com verba pública? Eu acho isso muito bizarro... Eu não acho que seja desonesto você querer ganhar dinheiro, mas é querer fazer dinheiro com o recurso que as pessoas pagaram para você, você não está preocupado em devolver para a comunidade, você está preocupado em transformar isso em uma coisa para você, é muito bizarro... Então existe um plano de carreira traçado, mas assim você não é orientado adequadamente sobre como fazer as coisas, por exemplo, a UNICAMP tem no primeiro semestre, se não me engano, uma disciplina de orientação à iniciação científica, para você entender como é o processo, onde você arruma o contato das pessoas, na UNICAMP você tem uma lista com as pessoas interessadas em ter alunos de iniciação com os temas e tal. Aqui não, aqui você tem que ser esperto, fazer os contatos, fazer o networking, fazer os contatos em baixo dos panos nas ligas, onde você quiser ir, quanto mais influência você tiver, melhor, para você conseguir sua iniciação científica. E perceba, você no seu segundo ano de faculdade tem que estar fazendo iniciação científica de preferência numa disciplina de uma cadeira que não é básica, algo cirúrgico ou da clínica.

p - ou seja, de algo que você ainda nem teve?

e - disciplina médica, exatamente, daí eu te pergunto, como você vai fazer? Como é que você consegue esses contatos? Como é que você sabe se você gosta disso? Como é que... sabe? Você vai como eu fui, tipo no escuro, e aí por exemplo, eu tenho uma colega que faz iniciação científica na histologia, com uma professora excelente, só que ela é bióloga, não é médica, eu tenho outro colega meu que faz iniciação na preventiva com uma professora que é enfermeira, ela também não é médica, e dessas duas pessoas eu já sentei com elas e elas estavam mal e a gente começou a conversar e elas falaram “eu ouvi recentemente pessoas falarem ‘ah sua professora não é uma referência, não é médica’”. Sim, a preventiva não é uma carreira básica, mas o fato da orientadora ser uma enfermeira parecia para alguém que é algo menor. Eu já vi em sala de aula o professor, você tinha comentado do machismo no começo, né? Dentro da preventiva isso, que pra mim é minha referência de disciplina, dos professores homens quando estavam o grupo todo da preventiva ali não deixarem as mulheres falarem. Como assim? Te explico, o professor estava falando, ele era um ex ministro da saúde, ele é um cara militante e tudo o mais, só que daí quando ele vai fazer mesa ou vai discutir alguma coisa, ele fala, o outro professor fala, quando a professora vai falar, inclusive essa mesma que é enfermeira, quando ela vai falar ele interrompe. Aí na frente dela ele faz piada com enfermeira, esquerdomacho. Inclusive isso foi uma das coisas que eu critiquei no formulário final de avaliação da preventiva. Essas coisas acontecem, num único grupo de médicos que eu tenho que dão aula para mim, que aparentemente teriam um perfil diferente, pessoas desconstruídas essas coisas acontecem. É doido como é algo que vem do processo de criação do indivíduo, porque para ele é absolutamente natural que o homem fale e ele não seja interrompido. Mas quando ela for falar, ele pode interromper porque é menor. Eu tenho uma amiga que é uma pessoa que sou muito

próxima e tenho muito carinho que não é daqui mais, ela fazia Medicina com a gente ano passado, entrou em depressão, saiu e foi fazer filosofia. E ela fala isso pra mim, “não se iluda de achar que as pessoas porque elas estão em um curso de humanas, elas são tão mais desconstruídas quanto aqui, porque rola isso e machismo também acho que dentro das humanas”.

p - você é bastante articulada, você mobiliza muitos conceitos, você lê bastante também, me conta o que você gosta de ler, de livros?
e - é uma pergunta boa essa tua, eu gosto muito de ler, não leio mais por falta de tempo da faculdade, ultimamente eu tava lendo bastante Paulo Freire, por conta das questões relativas ao cursinho, né? Acabei tomando contato com esse conceito de educação popular, e vamos lá ver o que é isso aí. Estava lendo um pouco de Paulo Freire, mas me interessei muito por psicologia, bastante, e de vez em quando eu gosto bastante de psicanálise especificamente, daí eu leio uma coisinha de Freud. Tem um cara que eu gosto, que é meio desacreditado na psicologia que é o Fromm (Erich Fromm), ele misturou teoria marxista com teoria freudiana, que é um contrassenso, e ele misturou isso e eu acho ele um cara bem coerente apesar das pessoas dizerem o contrário. É um cara que eu costumo ler bastante também, mas deixa eu ver, eu gosto muito de poesia, mas assim poesia brasileira, mas do clássico mesmo, Drummond, Vinícius, sabe? Essas coisas, Clarice Lispector eu gosto muito, é a minha mãe literária, eu sinto que ela me abraça quando eu to não to bem, mais uma perda na vida que no fim das contas conseguiu abraçar muitas pessoas. E atualmente eu to lendo uma coisa que é diferente do que eu costumava ler porque eu entrei num clube de leitura lá na Mario de Andrade. To lendo Moby Dick, que tá minha bolsa, que não é uma coisa que eu tenho muito costume de ler, bem legal também, bem poético. Eu leio um pouco de tudo.

p - e de onde veio seu gosto da leitura, sabe dizer?

e - desde criança eu lia bastante...

p - mas como veio a referência, quem te introduziu a leitura? Porque você começou a ler?

e - nossa que perguntas difíceis, acho que minha mãe, minha mãe comprava pra mim aqueles livrinhos de história, aqueles pequeninhos mesmo, sabe? E eu gostava já desde antes de aprender a ler eu já folheava os livros, na verdade eu acho que eu tenho uma relação com a escrita/leitura desde pequena, tem uma foto minha que eu deveria ter um ano e meio, ou dois anos assim que eu estou segurando um lapisinho assim e um caderno, era um manual de instrução que eu ficava rabiscando assim, é um negócio bem bem antigo mesmo. E aí eu acho que a partir do momento que eu comecei a ler isso foi se intensificando... E para você ter uma ideia, a minha mãe me levava no shopping, ela ia ao shopping comigo e eu falava pra ela “olha faz o seguinte, me deixa aqui na livraria, eu vou ficar sentadinha ali na escada da livraria que dá pro estoque, vou ficar lendo aqui, quando você terminar o que você estiver fazendo no shopping você vem me buscar”.

p - ao contrário da tradicional loja de brinquedo.

e - eu fui em alguns momentos, mas eu ia mais na livraria do que na loja de brinquedos, inclusive eu li vários livros assim. E as vezes eu saía de lá, marcava a página onde estava, escondia o livro em algum lugar e quando eu voltasse eu pegava ele de novo para continuar. Eu acho que eu li uns 4 ou 5 livros desse jeito só em sentadas na escada enquanto minha mãe rodeava o shopping.

p - e ela incentivava isso, ou ela não comentava sobre seu hábito?

e - ela incentivava muito, inclusive ela sempre me dava livro, e minha avó também quando ela percebia “ela gosta disso mesmo” então vou dar uns livros pra ela, e eu mesma as vezes começava a ler uma série de livros na livraria, daí eu “vó, eu quero esse, esse e esse, por favor me dêem de aniversário e eu tive aniversários assim entre 11 e 12 anos de eu sair do aniversário com

pilhas assim de 10 livros, “ah agora tenho literatura pra ler...”

p - o ano inteiro

e - o ano inteiro não porque eu lia um livro assim em três dias, 10 livros pra mim durava pouca coisa, pouco tempo. Então as pessoas da minha família de uma forma geral, apesar de não lerem, ninguém da minha família lia, elas estimulavam bastante.

p - com uma boa vontade, uma visão positiva...

e - sim, tinham uma visão positiva disso, acabei perdendo isso no meio do tempo dos meus estudos quando comecei a estudar pro vestibular, o cursinho castrou isso completamente. No cursinho a gente fica muito imediatista.

p - sim, acaba dando um foco então a gente perde um pouco dessa sensibilidade...

e - da sensibilidade, exatamente, é bem isso mesmo. Agora eu estou voltando a ler depois de um bom tempo sem ler muita coisa.

p - e isso tem te feito bem então?

e - nossa, demais, é o meu ponto de sanidade mental. É um refúgio, com certeza.

p - e isso tem relação também com seu consumo cultural, de obras de arte e peças que você assiste.

e - como assim?

p - ah você colocou que costuma ir em exposições menores e peças mais autorais...

e - ah sim, sim, eu gosto muito de dança contemporânea que basicamente é um tipo de dança meio marginal assim, o ballet clássico por exemplo é muito mais bem visto e reconhecido, e geralmente quando eu vou em peça de teatro são peças de teatro menores, tem um aspecto um pouco mais... por exemplo, a última que eu fui assistir chamava-se gota d'água a seco, tava passando no... foi no SESC? Que é uma releitura do Medéia, com trilha sonora do Chico Buarque cantada pelos próprios atores ali, que estavam lá cantando e dançando, maravilhoso, não é uma coisa muito comum, as pessoas não vão ver releitura do Medéia no Teatro.

p - sim, claro, é muito mais fácil você pensar nas peças com atores da globo...Inclusive

dança contemporânea é um gosto bem específico.

e - é porque eu dançava.

p - ah você fez aula de dança então? Como você marcou em relação a outros cursos...

e - sim, eu dançava no começo, antes de eu prestar vestibular. O começo, antes de eu prestar vestibular é o começo da minha vida, depois só é o final, engraçado como as coisas se constroem. Eu odiava dança contemporânea no começo, achava um negócio feio, um negócio estranho, as pessoas gritam, por que? Elas se arrastam no chão, e eu fui aprender a gostar de dança contemporânea dançando, porque ballet é um negócio muito ditatorial.

p - é uma forma, não é? Que você “coloca”.

e - exatamente, e ele não respeita seu corpo, ele vai te deixar na contramão do que é natural. O teu pé fica assim? Beleza, no ballet o natural é teu pé ficar assim (de outro jeito), então é completamente bizarro e ele é desrespeitoso com você mesmo, e o contemporâneo não, ele é o oposto disso, né? E ele trás a dança como uma forma de expressão que pode ser absoluta, o ballet não, o ballet geralmente está restrito a formas de expressão um pouco mais sublimes, a coisas um pouco mais tranquilas, contemporânea não, contemporânea abarca todo tipo de sensação ou emoção que você esteja sentindo.

p - ele é muito mais extremo?

e - muito mais, e não só! Ele pode ser para o outro lado também, mas ele consegue abarcar...

p - transitar por todo um espectro emocional.

e - exatamente.

p - que interessante, eu conheço muito pouco, meu contato com teatro é pouco.

e - aqui na borges tem um teatro.

p - o João Caetano, eu frequento ele.

e - isso, você foi no ballet contemporâneo que eles estão passando agora.

p - não, não fui.

e - eu não fui ainda também, mas eu imagino que seja bom, está tendo de quinta, sexta e domingo...

p - e domingo costuma ser um pouco mais cedo.

e - isso, às 19h então vá ver, eu também vou e depois trocamos figurinhas!

p - seus hábitos (de consumo cultural) mudaram mesmo com o cursinho? Quando você entrou na UNIFESP foi um contínuo disso?

e - é, acabou sendo um contínuo disso, e aí eu fui começar a mudar mesmo, porque no cursinho eu criei aquela visão imediatista de ter que estudar, tem que estudar, tem que estudar. Tem que fazer as coisas porque tem que fazer as coisas para um determinado fim, e aí a vida é isso, um meio para um fim sempre. E aí isso se estendeu por grande parte do primeiro ano de faculdade, mas depois cheguei na faculdade e as coisas começaram a cair por terra de uma forma tão, tão clara, eu me decepcionei com as pessoas, me decepcionei com o curso, me decepcionei com tantas coisas, e eu olhei a minha volta e eu pensei “o que que sobrou?”. Eu passei tantos anos cultivando um sonho, que quando eu cheguei aqui caiu completamente, e daí a pergunta que passou a nortear a minha vida naquele momento foi, o que que sobra quando não sobra nada? E aí eu fui precisar buscar outras coisas.

p - você se voltou pra você.

e - exatamente, eu precisei passar anos no cursinho negligenciando, para você ter uma ideia eu falava no cursinho que eu não gostava de música, não porque eu não gostava de fato, mas porque eu não ouvia música. Eu não tinha tempo para ouvir música ou tempo para pensar sobre que tipo de música eu gostava.

p - o cursinho então aparentemente, e também daí está relacionado o seu ranço com a UNIFESP provavelmente, ele te endureceu.

e - sim, a minha subjetividade foi muito anulada, eu tinha a sensação de que eu não me conhecia e eu não sabia quem eu era e do que eu gostava, e quando eu percebi as coisas caindo por terra, todo o ideal de vida que eu tinha construído desmoronou, eu pensei “meu deus, eu preciso reconstruir essas coisas partindo do zero, partindo daquele ponto do ah... quem sou eu? e quais

são as coisas que me interessam?” e daí eu passei a buscar outras coisas, foi aí que eu passei a ir mais em museu e tal.

p - voltar a ter um interesse nessa sua vivência cultural?

e - exatamente, voltei a dançar, to dançando ballet ultimamente porque eu não achei um lugar que eu pudesse dançar contemporânea, voltei a ler, voltei a fazer várias coisas que me preenchiam enquanto indivíduo que eram presentes e que eu acabei abdicando.

p - Você pensou que quando você chegasse lá no caso na Medicina, você ia se encontrar completamente quando na verdade foi justamente o contrário.

e - mas isso foi bom, sabe? Porque eu acho que isso me mostra que o lá não existe, chegar lá acho que não acontece nunca na vida de ninguém.

p - sim, na minha geração isso era muito forte, eu não tenho certeza como é na sua.

e - ah mas quantos anos você tem menino?

p - 29, eu sou 10 anos mais velho que você.

e - eu tenho 22! Não é tão mais velho assim.

p - mas é que assim, na nossa geração a gente escutava muito essa coisa do “você precisa ser alguém, você precisa chegar lá, você tem que ser o melhor”

e - é, ainda é assim, minha mãe falava isso pra mim...

p - nossa mas é algo que eu escutava dos professores o tempo inteiro e isso me deu uma crise muito grande no final da graduação também porque eu nunca sinto que cheguei lá.

e - sim, o que que é lá?

p - é! E fiz o mesmo movimento que você, mas poxa eu achava que isso tinha dado uma caída.

e - não, não minha mãe sempre falou pra mim isso, começou dentro de casa, eu faço terapia por causa disso, porque ela virava pra mim e dizia “não dá pra estar na média, tem que estar sempre acima da média nunca é o suficiente”

p - hoje olhando isso eu acho uma loucura...

e - isso é um absurdo, porque essa perspectiva de ser o melhor isso gera uma pessoa satisfeita temporariamente e outros milhões de pessoas insatisfeitas e frustradas.

p - e fora que na relação com outras pessoas você passa a ver todos a partir dessa perspectiva, é terrível isso porque você não consegue se relacionar pessoalmente com ninguém, não existem iguais.

e - e dentro desse espaço aqui em que o melhor de cada um já é uma coisa ainda mais alta, sabe? A sensação que eu tenho é de que são pessoas que todas elas foram criadas pensando justamente que elas precisavam ser o melhor, é absurdo.

p - quanto ao término do curso e o que você pensa em fazer depois do curso isso ainda não está muito claro, se você vai fazer residência...?

e - provavelmente eu vou acabar fazendo residência, em Medicina da família, mais assim que eu acabar a residência o plano é prestar um concurso de 20 horas semanais (para trabalhar) em uma UBS, e fazer psicologia a noite.

p - você pensa então em estudar psicologia por um interesse pessoal?

e - é, talvez eu faça alguma coisa com isso depois, ou talvez eu não faça psicologia e faça ciências sociais, é uma possibilidade bem razoável.

p - você sente que existe algum tipo de diferença nas distribuições de oportunidades do curso? Por exemplo, você falou das ligas, das ligas que são mais prestigiadas... Tem um perfil de alunos que consegue essas ligas que são mais bem vistas, ou sei lá, consegue as ICs com os professores que são mais bem falados.

e - sobre as ICs eu não tenho tanto contato assim, não tenho tanto conhecimento para falar sobre, mas assim acaba sendo consequência uma coisa da outra, mas em relação às ligas, isso tem sim, porque não sei se você sabe como funciona, mas tem um milhão de ligas aqui na UNIFESP e claro que tem aquelas que são mais prestigiadas do que outras, e nessas ligas acaba sendo muito mais difícil entrar, por exemplo, existe aqui a liga do trauma, e a liga do trauma ela é muito concorrida você pode entrar a partir do segundo ou do terceiro ano então geralmente

no segundo ano a galera estuda desesperadamente para a liga, mas a gente percebe que estranhamente as pessoas que entram na liga são as pessoas que têm um vínculo com a atlética. Inclusive é o pessoal que fez, veja como funciona, a liga do trauma ela tem uma prova e uma entrevista e você não sabe muito bem como se distribui a pontuação numa coisa da outra e na entrevista existem perguntas que referem diretamente à atlética “ah mas você faz parte da atlética? O que você faz na atlética? O que você acha da bateria da atlética?” coisas que pessoas que passaram pelo processo seletivo me contaram da liga do trauma e não entraram.

p - a atlética também é financiada geralmente por ex alunos, veteranos...

e - pelos professores mais velhos, exatamente, professores esses que tem vínculo com as ligas e são preceptores dessas ligas e muito provavelmente norteiam o perfil de aluno, né?

p - então os próprios professores das ligas têm relação com a atlética?

e - com certeza, a atlética hoje ela é completamente falida, ela só não está expulsa do lugar que ela se encontra hoje porque os professores continuam botando dinheiro, bancando, por exemplo, a gente tem uma festa aqui que é o banho, eu não sei se você sabe...

p - não, eu não conheço.

e - o banho é uma festa super tradicional da UNIFESP, é uma festa que acontece uma vez a cada semestre, que geralmente é a turma que tá se formando que paga. Cada turma paga dois banhos, um no final do ano e outro no começo do ano seguinte, e aí geralmente banho é uma festa muito cara porque ela é aberta pra toda faculdade e é de graça, ela é open bar. E como é que as pessoas conseguem dinheiro para fazer isso além de todos os alunos que pagam o banho, que não é todo mundo que consegue e tal... Você tem professor que a gente chama eles de velhos, os velhos que financiam o banho, e inclusive essas pessoas sabem o dia (que vai ser a festa), ninguém sabe o dia que o banho vai acontecer, o banho é uma festa

surpresa, os professores sabem, inclusive semana passada o pessoal do primeiro ano recebeu um e-mail de uma professora que é médica, falando que em virtude do banho que vai acontecer tal dia, a gente tá cancelando a prova que vai ser nesse dia. Ela cancelou a prova por causa do banho porque ela sabia o dia que ia ser inclusive.

p - mas ela deve financiar a atlética então?

e - imagino que financia o banho de alguma forma...

p - mas não dá pra saber quem é...

e - é, não dá pra saber quem é e quem não é, mas certamente tem um vínculo, mas por exemplo, isso é declarado essa relação de “ah a gente consente com as coisas que vocês fazem, a gente consente com a atlética”, a gente acha a atlética uma instituição importante e interessante, inclusive porque, um professor falava “não porque o pessoal da atlética vem sentar aqui comigo para negociar e fala isso, isso, isso e isso, mas eu acho que eles tem que se desassossegar” ele não estava fazendo uma crítica ao pessoal da atlética, mas ele falou claramente que eles negociam.

p - a atlética me parece ter um poder absurdo, eles desmarcam prova.

e - sim, e isso faz o centro acadêmico ser muito neutralizado.

p - e assim sua turma que é uma turma de 50% de cotistas, isso surge alguma crítica nesse sentido? Ou dos professores?

e - Dos professores não, dos professores eu acho que nunca vi nada assim, eu já ouvi relatos dessa minha amiga, ela foi presidente de uma liga muito concorrida (emergência e urgência), e um determinado dia ela estava com a preceptora da liga em reunião todo mundo, e a preceptora estava falando mal da antiga presidente da liga, e falando assim “mas ela faz parte daquela turma, sabe? Pessoal que entra com cota... que sabe? Se faz de coitadinho” e essa minha amiga é cotista, e ela falou “mas professora, eu entrei por cota, eu não consigo entender esse perfil que a senhora está falando que se faz de coitadinho...”, aí ela “ah você é diferente, mas num geral esse pessoal faz de conta que

não consegue as coisas, e minimiza as possibilidades que tem enfim...”.

p - discurso de vitimização...

e - exatamente, querendo dizer que cotista é a pessoa que se vitimiza, que se aproveita, absurdo. Nesse dia eu encontrei minha amiga depois dessa reunião, ela estava assim consternada de uma forma, se sentindo pessoalmente desrespeitada.

p - ela foi pessoalmente desrespeitada.

e - eu nunca tinha visto ela daquele jeito. Inclusive essa é uma liga que tem alunos de Medicina e de enfermagem juntos, e essa professora é famosa por frases polêmicas do tipo “a gente já deixa a enfermagem participar da liga, agora eles vão querer o que? A presidência da liga também?”, com os alunos da enfermagem lá, ali. O trabalho é multidisciplinar, você não faz sozinho se não tiver enfermeiro chefe pra tocar o plantão não tem como fazer.

p - A USP é muito comentada ou aparece muito fortemente aqui? Porque na questão 62 que eu pergunto se foi a primeira escolha do curso muita gente marcava que não, daí eu pensei “nossa, Medicina não foi a primeira escolha então foi o que?” e como primeira escolha colocava Medicina na USP, eu demorei bastante para entender isso.

e - eles são frustrados...

p - sim! Então, mas isso acaba surgindo aqui ou você acha que não?

e - eu diria que não, porque a partir do momento que você não passa ali, você mascara isso, né? E eu acho engraçado porque eu sempre escuto as pessoas falando “nossa, a Paulista (EPM) é minha faculdade dos sonhos”, eu escuto muito esse discurso. São raras as pessoas que falam “não, eu queria ter passado em Medicina na USP”, acho que no seu formulário isso deve ter aparecido com mais frequência porque é um negócio que ninguém sabia quem ia ler. Mas não surge mesmo, até porque existe uma rixa entre a UNIFESP e a USP, então você não pode assumir que você queria isso, eu vejo porque para mim mesmo rola uma hostilidade quando eu falo em relação a UNICAMP, as pessoas não ficam muito satisfeitas “como assim? Você tá aqui!” mas é doido esse negócio que você falou porque eu fico pensando, né? A pessoa que coloca Medicina como segunda opção, era alguém que queria ter feito alguma outra coisa e por algum motivo não pode fazer, e isso não é um motivo pra “Ah, foi o vestibular que eu consegui passar”. Isso reforça a ideia que eu te falei do porquê que as pessoas vem fazer Medicina, é muito triste eu acho...

ANEXO 13 – ENTREVISTA COM ALUNO 26

Pesquisador - Eu gostaria que você me contasse como surgiu seu interesse pelo curso de Medicina.

Entrevistado - ah eu acho que sempre aquela coisa de criança sabe? Ah eu quero ser médica, quero ajudar as pessoas, e aí foi assim que surgiu, não sei quando ao certo, mas a minha família é uma família humilde e eu não tinha muita esperança de entrar na faculdade porque eu estudava em escola pública. E aí quando eu tinha uns 12 ou 13 anos, um amigo, meu vizinho que ele tinha estudado sempre nas mesmas escolas que eu, passou em 5 universidades de Medicina. Entre a UNIFESP, a USP, a UNICAMP e as melhores, e aí eu falei "pera, se ele conseguiu ele teve a mesma trajetória, tem uma condição socioeconômica igual a minha, eu posso conseguir também", porque até então para mim quem entrava em uma faculdade de Medicina era filho de médico, de empresários e a minha mãe é costureira e o meu pai era operário, então...

p - então a partir da história desse seu amigo que conseguiu passar que você viu essa possibilidade?

e - foi, daí eu falei assim "é possível, não é algo que está tão longe, vou me esforçar e vou tentar"

p - e você conseguiu entrar bastante cedo, você está agora com 21?

e - 21, entrei com 19,

p - quanto tempo de cursinho você fez?

e - 2 (anos)

p - nossa foi bem rápido mesmo, a Medicina costuma ser 5 anos para entrar no curso de Medicina.

e - mas eu comecei bem cedo, quando eu decidi que eu queria Medicina na época eu tava acho que na sexta série ou alguma coisa desse tipo, eu comecei a estudar muito e eu via que se eu continuasse na escola que eu tava, não iria ter tanta perspectiva, então eu resolvi fazer um colégio técnico, o colégio técnico era no ensino médio, só que o colégio técnico, eu sou do interior, só tinha em outra cidade, que era a mais próxima e que mesma assim dava uma hora de ônibus

todos os dias, e aí também tinham os gastos de ficar lá. Aí na minha cidade tinha uma instituição, uma fundação de uma empresa que se você fizesse uma prova quando você estivesse na sexta série, você podia estudar lá em períodos opostos à escola, tipo um reforço, durante a sétima e a oitava série, e se você se destacasse lá dentro e passasse num colégio técnico, eles te bancavam todos os seus anos do ensino médio. Então eu decidi isso na sexta série e vou fazer isso, meu irmão já tinha feito isso, tinha entrado num colégio técnico, mas ele não quis Medicina. Eu resolvi fazer isso, passei na prova lá, fiz os dois anos lá e fui fazer o colégio técnico e aí eu fiz COTUCA, não sei se você conhece.

p - é o técnico da UNICAMP?

e - isso, é um técnico da UNICAMP e ele está entre as 3 melhores escolas estaduais em questão de ensino médio do estado (de São Paulo), então o ensino era muito mais puxado do que uma escola pública normal, né? Aí isso me ajudou bastante, aí depois eu fiz dois anos de cursinho.

p - então o acesso ao ensino superior veio na sua geração mesmo, no dos seus primos e do seu irmão que você falou...

e - isso! O meu irmão, que acabou de se formar agora.

p - ele fez qual curso?

e - fez engenharia mecânica na UFSCAR,

p - e o técnico dele foi?

e - no COTUCA em mecatrônica. Eu tenho um outro primo, que ele entrou junto comigo com PROUNI 100% no civil (engenharia civil) e eu tenho um tio que começou USP, fazendo ciências do esporte, só que ele não conseguiu terminar por conta de conciliar trabalho com o estudo.

p - e o seu tio fez técnico também?

e - esse meu tio, eu acho que ele fez, mas eu não sei, mas ele é também mais novo...

p - é um tio de temporão?

e - é, ele é bem mais novo do que minha mãe, ele é irmão da minha mãe mas é bem mais novo.

p - e daí com essa relação do seu irmão, do seu primo e do seu tio, na sua visão isso teve algum incentivo, algum deles te disse algo?

e - é, meu irmão, meu maior exemplo, porque meu irmão começou muito cedo, ele fez essa fundação, fez o colégio técnico e ele sempre foi meu exemplo maior. Então eu falava assim, eu vou atrás da fundação, eu vou no colégio técnico e vou fazer uma federal também, ele fez, ele conseguiu entrar, a gente vai lá. E assim desde pequena, eu brinco que eu enchia o saco, a gente tinha 5 anos de diferença, ele me dava exercício de matemática pra que eu ficasse quieta. E aí eu resolvia e tanto é que eu amo matemática por causa dele, e eu odeio português porque ele sempre me falou que português era chato.

p - e seu irmão te dava essas dicas das escolas, dos cursinhos?

e - sim, ele me ajudava bastante assim, tanto é que quando eu fui fazer cursinho, os meus pais já estavam preparados porque ele tinha feito um ano de cursinho, então meus pais sabiam como lidar comigo, sabiam respeitar meus horários...

p - ele quem acabou abrindo a porta?

e - é, ele foi, eu acho que ainda pra ele foi um pouco mais difícil do que pra mim.

p - você mora em uma cidade do interior do Estado e está aqui em uma república agora?

e - isso, os meus pais alugaram um apartamento, só que eu não tenho condições de pagar um apartamento inteiro e aí eu to com mais duas meninas.

p - e a sua família ainda mora lá.

e - sim.

p - e você também recebe bolsa permanência e faz iniciação científica?

e - isso.

p - me fala um pouco sobre a iniciação científica, como você conheceu, como você chegou nela?

e - ah, a iniciação científica eu conheci minha orientadora em uma eletiva, e aí nessa eletiva ela falava bastante do trabalho dela, que era na área de endocrinologia, e não sei se você conhece o CREN, que é o Centro de Reabilitação e Educação Nutricional de

crianças, e aí ela é uma das fundadoras do CREN e eu me apaixonei pelo projeto do CREN. Daí eu fui conhecer e perguntei pra ela se ela tinha alguma bolsa, alguma bolsa, iniciação ou projeto. Ela falou que tinha e eu comecei. Aí a minha IC é basicamente pegar os prontuários e analisar a questão de vitamina D com obesidade, e ver o que relaciona a vitamina D com peso, altura, e qual a relação disso tudo.

p - interessante, endocrinologia foi mais por essa relação com a professora então?

e - foi mais com a professora, não tanto a matéria, e aí eu acabei gostando de estudar vitamina D.

p - e hoje se você fosse se especializar seria nessa área?

e - não.

p - e no que você tem vontade de se especializar?

e - eu ainda não sei, ainda é tudo muito vago, e eu gosto de tudo, eu já pensei em várias coisas, porque eu falo que como eu vim de baixo, (ao contrário das outras pessoas) a pessoa fala "ah eu quero me formar, trabalhar no Einstein", pra mim é legal trabalhar lá, mas eu acho que quem precisa tá lá em baixo, tá no SUS, nas UBS, então as vezes eu penso em fazer Medicina da família, para trabalhar com essas pessoas, mas também não sei, eu gosto bastante, pelo técnico eu já tive muito acesso a várias áreas, fiz estágio no hospital da UNICAMP então eu tinha acesso ao centro cirúrgico, centro obstétrico, todas as enfermarias possíveis então eu gosto bastante da área de ginecologia e obstetrícia, que é uma área que estou tendendo bastante, só que aqui na faculdade mesmo eu nunca tive muito contato, então eu não sei como vai ser esse primeiro contato, mas eu também gosto da área de emergência, aquela correria, trauma e acidente, então eu não sei ainda.

p - entendi, mas essa coisa do retribuir e etc, do fazer pra quem precisa parece que é algo forte.

e - é, mesmo se eu fizer ginecologia eu vou acabar trabalhando numa UBS no SUS, eu acho o projeto do SUS muito legal...

p - essa coisa do social então me parece muito forte. A ginecologia então é porque não chega na sua época de matérias, é isso?
e - isso, é porque os dois primeiros anos são matérias básicas, então a gente tem o que tipo a enfermagem e a biologia já têm, que é anatomia, patologia, infecto, essas coisas mais simples, mais básicas mesmo, que o ciclo clínico começa no ano que vem, aí a gente vai ter aulas mais direcionadas pra matéria.

p - é como se você fizesse sua grade mais ou menos?

e - não, a gente tem a grade fechada, que na Medicina a gente não faz a nossa grade nunca, a gente recebe fechado, mas assim a gente tem bloquinhos de duas ou três semanas, duas semanas por exemplo a gente passa na ortopedia, duas semanas na ginecologia, e aí se vai tendo os contatos com as diferentes áreas.

p - outra coisa que eu queria te perguntar sobre a IC e sobre outras áreas, o pessoal ter algum discurso sobre as especialidades e especializações assim, ou os professores? Algo que seja recorrente? Você disse que o pessoal fala muito de trabalhar no Einstein.

e - não tem tanta, discurso, tem algumas piadinhas "ah, você quer ser da ortop (ortopedia), ortop não é médico, psiquiatra não é médico" essas coisas, mas eles não tem... cada um puxa sardinha pro seu lado, disse a gente não tem muito não, e onde a gente tem muito contato com essas especialidades também são nas ligas, as ligas você faz a que mais te interessa.

p - me esclarece mais sobre as ligas por favor.

e - é uma atividade de extensão que você faz em um horário vago por exemplo, terça feira às 18 horas, aí geralmente tem uma vez por semana uma aula teórica, e aí tem atividades práticas, dependendo da liga é uma vez por mês, dependendo é tipo uma vez por semana, uma vez a cada 15 dias...

p - é como se fosse um estágio acadêmico?

e - é! Por exemplo, eu tive experiência com três ligas até agora, a de Medicina de urgência, que a gente fazia aula teórica uma

vez por semana, e aí uma vez por mês a gente tinha um plantão de quatro horas no pronto-socorro da clínica. A liga do trauma, que é também uma vez por semana a aula teórica, e as vezes tem algumas atividades práticas em bonecos, pra gente treinar os procedimentos, e tem um plantão pro mês de 12 horas no pronto socorro da cirurgia, e a liga de infectologia pediátrica que é também uma vez por semana e uma vez por mês é no ambulatório atendendo as crianças.

p - e essas são atividades de extensão que você trabalhou já?

e - é

p - a pediatria, que me parece algo recorrente, a segunda vez que você menciona, você tem pretensão de atuar na área, ou essa coisa de lidar com crianças é alguma coisa sua?

e - eu não sei, eu gosto muito de criança, só que eu me apego muito à criança, então eu lembro que quando eu fiz estágio e era bem novinha, com 16 anos na época, na enfermagem de pediatria da UNICAMP, lá tinha uns casos bem pesados de crianças que nunca saíram do hospital e a gente cuidava dessas crianças. Era a única enfermagem que eu chegava em casa e eu não conseguia separar as coisas, eu lembrava das crianças eu chorava, ficava mal, então eu acho que eu não consigo trabalhar muito bem com criança, por isso eu to tentando aprender a separar, porque eu aí eu to me obrigando a me envolver com essas crianças pra conseguir separar porque eu sei que mesmo se eu não for para pediatria e for trabalhar num pronto socorro, em algum momento vai chegar uma criança, em algum momento eu vou ter tratar uma criança, então eu to tentando aprender a lidar com isso para separar as coisas, porque eu me apego demais a crianças.

p - acho que a imagem é mais marcantes, não?

e - aí você pensa que a criança tem 5 ou 6 meses sofrendo e tem uma vida toda você sabe que ela vai passar por aquele problema a vida inteira, é bem pesado.

p - você entrou na ETEC então no colegial, certo?

e - em 2011.

p - isso, e antes da ETEC você estudava em escola pública também?

e - era, e aí junto era essa fundação que é das indústrias Romi.

p - você fazia a escola e fazia a fundação?

e - é, era de manhã, era a escola normal e a fundação era um tipo de um projeto, que aí lá a gente música, a gente tinha dança, a gente tinha matemática, a gente tinha ciências. Só que era diferente, não era você sentava e o professor explicava, você tinha acho que duas semanas e aí você recebia um roteiro, e daí você tinha tipo matemática, resolver cinco desafios e aí você sentava em mais seis ou sete pessoas e você resolvia esses desafios, se você não conseguir você ia atrás, e aí o professor tipo te ensinava em meia hora trigonometria, e aí você pegava o que você aprendeu e ia resolver esses desafios.

p - era um método completamente diferente da sua escola então.

e - era, que aí era uma coisa diferente, que eles falavam que era pra incitar o aluno a correr atrás, assim a gente ia pra internet, no último caso que a gente conversava com o professor, as vezes a gente via o professor uma vez na semana, que era naquele momento que você já tinha procurado em todos os livros e visto em todos os lugares e a gente não tinha encontrado nada, e aí a gente pedia ajuda pro professor.

p - era bem diferente da escola mesmo.

e - sim, era bem diferente.

p - e como era a situação da sua escola num geral? em comparação a outras escolas.

e - a escola que eu estudei, eles falavam que era uma das melhores da cidade, só que quando eu entrei no colégio técnico, eu lembro que eu tive muita dificuldade, era um colégio técnico que os cursos eram predominantemente em exatas, então eles cobravam muito física, matemática e química, e aí eu lembro que principalmente matemática que eu sofri bastante o professor passava as coisas na lousa e meus colegas falavam "ah isso é tranquilo, eu vi na quinta

ou sexta série", e eu olhava assim e falava "meu, eu não vi nada" e eu achava que estava bombando lá na escola pública, porque eu era a melhor aluna da escola, eu era homenageada, essas coisas assim e eu cheguei lá e vi que não vi nada então aí eu só fui ver o quão ruim era a escola pública quando eu entrei no colégio técnico.

p - e na ETEC, desculpa não é ETEC, né?

e - não, é no COTUCA.

p - então você diria que o pessoal vinha de escola pública ou era uma galera que vinha de escola particular na sua percepção?

e - era misto, porque lá também tinha a questão das cotas, mas era misto, mas tinha muita gente de escola particular.

p - é um vestibulinho, né? então todo mundo presta, ainda mais que tinha o técnico profissionalizante.

e - e como por conta de ser uma escola muito boa, a maioria não terminava o técnico, elas iam pra lá, pra ter um ensino médio (bom) de escola pública e ganhar a pontuação das faculdades. Muita gente fez isso...

p - e o pessoal dizia numa boa, sem o menor constrangimento?

e - numa boa, se você ver na minha turma de Medicina tá cheia de pessoas que fizeram isso, escola particular até a oitava série, e depois fizeram colégio técnico. Se você olhar tem bastante, eu já conversei isso com várias pessoas e é como uma falsa cota. Porque o vestibular só cobra escola pública no ensino médio, e muita gente fez isso aqui no instituto federal daqui, aqui em São Paulo tem um colégio que é técnico que não sei o que federal.

p - e é muito mais puxado, eu tive um amigo que cursou e a rotina é bastante puxada.

e - eu acordava 4h30 da manhã, saía de casa às 5h e chegava em casa 21h30, 22h, principalmente quando tinha estágio, porque o estágio mais cedo, o estágio era longe...

p - o estágio era com a escola.

e - era, porque o de enfermagem você tem que fazer junto, porque tem que ter a enfermeira que é a professora junto pra assinar tudo, né? Que você não pode fazer nada sozinho, então a gente fazia, já os outros estágios, do meu irmão por exemplo,

ele terminou o ensino médio, terminou o técnico, todas as matérias, passou direto em tudo. Daí ele tinha que fazer um ano de estágio depois, só que o ano de estágio ele resolveu fazer cursinho pra entrar na faculdade, então ele acabou perdendo o técnico dele todo e daí ele fez faculdade. Daí os outros cursos eram nesse esquema, só enfermagem que era junto, aí a gente tinha dois dias por semana que era das 7h até às 12h e daí a gente tinha aula.

p - ah você me disse também que estudou música, você chegou a tocar algum instrumento?

e - eu fiz oito meses de violão, mas hoje eu não lembro mais nada, tanto é que eu parei pra fazer cursinho, eu parei no final do terceiro ano, que aí já estava chegando os vestibulares e daí depois teve o cursinho e agora a faculdade e eu não consigo voltar.

p - e você diria que o ingresso na UNIFESP modificou seus hábitos culturais? Leitura, de participação de eventos?

e - por um lado mudou porque eu não tenho muito tempo, mas isso já acontecia desde a época do cursinho.

p - sim, do que você me conta era uma rotina bem puxada mesmo.

e - mas um pouco mais que eu to tendo contato com a cultura foi porque eu vim para São Paulo, então aqui tem o teatro João Caetano que tem peça de graça praticamente toda semana, as vezes eu fico aqui de fim de semana e dá pra ir, dá pra ir em alguma mostra de arte, dá pra fazer alguma coisa diferente... Porque na minha cidade não tem nada, se você quer ir no Teatro, você paga 100 reais no ingresso uma vez por ano que tem uma peça...

p - e geralmente algo que não é muito interessante...

e - é, aí não tenho muito contato, então vindo pra São Paulo eu comecei a ter contato assim com um mundo um pouco diferente do que é no interior. Mesmo quando eu fui pro COTUCA eu comecei a ter uma visão diferente, porque aí meus amigos eram da cidade vizinha que era maior e eu comecei a

frequentar lugares lá, aí lá já tinha teatro, as peças eram melhores, mudou um pouco.

p - e aí você começou a frequentar esses circuito cultural, sempre algo mais alternativo, exposições menores, peças autorais brasileiras.

e - sim.

p - essa frequência a esse tipo de evento é por conta do que na sua visão?

e - que você diz assim pouca?

p - não, na verdade porque esse tipo de eventos especificamente? As peças e as exposições.

e - ah eu acho que é o mais acessível, eu também não tenho grana pra ficar indo em grandes coisas. Aí eu tenho que ir em coisas acessíveis, ah é de graça, tá tendo no Ibirapuera uma mostra vamos lá, vamos no Teatro João Caetano, 5 reais a entrada, e essas coisas acabam sendo mais acessíveis para mim. Eu brinco que a menina que mora comigo saí em um final de semana e gasta 180 reais, 180 reais eu tenho pra gastar tipo em 2 meses.

p - você mora aqui perto, então também o que facilita pra frequentar o João Caetano.

e - eu moro próxima.

p - e o que você costuma ler?

e - nossa ultimamente eu não tenho lido nada, ah mas não sei, eu não leio muito assim mesmo, mas eu leio literatura...

p - romance e coisas assim?

e - é, essas coisas mais clichêzinhas, sabe? Essas coisas mais cult, tipo algumas literaturas, eu comecei a ler Machado por causa do vestibular, e aí eu me apaixonei, mas eu não sou de ficar lendo o tempo todo, eu deixo de fazer essas coisas por causa da graduação facilmente.

p - você também é uma pessoa mais prática, você disse que tinha um rançozinho com língua portuguesa.

e - é, sim, acho que é coisa do meu irmão que ele sempre me disse que era muito chato.

p - e você falou que teve crítica na sua escolha do curso por conta dos seus avós, porque eles falaram que era...

e - sim, é, eles viam meu sofrimento, e aí minhas notas no vestibular e aí eles falavam assim "aí, ela consegue passar em tudo, então porque não escolhe outro curso, mais fácil, vai ficar até quando tentando?" E aí eles falavam isso o tempo todo, aí eu tinha que escutar, aí as vezes eu respondia "ah mas eu to quase lá vó, fiquei próximo, minha nota dá pra passar em qualquer outro curso" e ela respondia "então escolhe outro curso", era bem pesado pra mim, ainda assim eu só via eles de vez em quando.

p - era mais fácil de lidar, menos difícil do que lidar disso com os pais por exemplo.

e - não, meus pais foi o contrário, eles sempre falaram "se você quer a gente vai te apoiar, então você vai só estudar" e aí a vida deles foi totalmente voltada para os meus vestibulares, paravam de sair, meu pai me levava e me buscava todos os dias no cursinho, então teve muita dedicação e um apoio bem presente, sim eles sempre me apoiaram, eles me apoiam até hoje.

p - e quanto a essa coisa de se expressar aqui na UNIFESP? Como você diria que é pra você? Tranquilo pra você falar ou você sente algum constrangimento de alguma natureza?
e - depende, tipo...

p - isso tanto com amigos, como em aulas, como com professores...

e - acho que com professores é bem tranquilo, já a minha turma é uma turma bem difícil, que você expressa as ideias e as pessoas não aceitam...

p - em que sentido? Me dá um exemplo...

e - ah principalmente minha turma é bem dividida ideias meio políticas, sabe? Então, em grupo de WhatsApp rola briga sempre, facebook, essas coisas rola muita briga porque discordam, e aí tem aquele que é da Atlético, CA e não sei o que, então... As vezes eu falo, eu frequento a atlética, eu treino lá, só que tem muita coisa que eu discordo lá dentro. Aí eu falo "eu prefiro ficar quieta, do que tipo bater de frente" porque eu sei que as pessoas vão falar alguma coisa...

p - você acabaria ficando marcada?

e - é, e aqui na Medicina tem muito essa coisa de marcado, as pessoas falam "ah quando tal pessoa entrar no internato ela vai sofrer, na residência ela vai sofrer", umas coisas assim, por ideias diferentes, as pessoas tem ideias diferentes...

p - então já tem toda essa dissidência natural, o fato de você ser mulher influência nisso, tipo rola muito machismo?

e - eu acho que machismo eu não presenciei, eu acho que machismo eu não sofro tanto porque eu sou de uma família machista, o meu pai é muito machista, então eu cresci com isso e algumas coisas acabam sendo normal. Meu pai não deixa a minha mãe dirigir se ele estiver no banco do lado, que ele diz que isso não pode, sabe? Umas coisas assim, então pra mim acaba sendo normal, e aí a pessoa diz "ah tal pessoa foi machista" com um um comentário, e aí eu paro pra pensar e foi mesmo, mas é tipo um comentário que eu escuto em casa, então pra mim é mais difícil pegar. Então eu falo as vezes que eu sou acostumada com machismo, e aí eu relevo algumas coisas.

p - pra você é mais fácil lidar com isso, não surge como um problema.

e - é, não, mas também quando eu vejo que tem eu bato de frente, tipo a gente ta disputando uma vaga na liga porque tem todo um processo seletivo, não deixo por exemplo só porque sou mulher ficar pra baixo, não, vamos disputar igual, vamos ver as competências e não apenas esse fato.

p - mesmo por parte da atlética? Porquê da minha experiência o pessoal da atlética costuma ser um pouco mais machista, isso no meu curso, sempre dava problemas com isso...

e - ah é porque assim, eu treino na atlética por conta do meu time, eu gosto de softball, então eu não tenho muito contato, em festa eu até vou mas também não fico lá o tempo todo, vendo o que acontece.

p - sua relação com a atlética é mais de treino mesmo?

e - é, tipo vou lá treino e as vezes vou em algumas festas e tal mas...

p - e os times de softball não são mistos também, só de meninas?

e - agora a gente tá formando misto, mas a gente tem dois meninos e eles sabem que estão no meio de meninas então não rola isso. Eu não tenho muito contato na diretoria e coisas do tipo. Ano passado, no segundo ano, que termina o ano da atlética que termina na INTERMED, que é em setembro, a partir de setembro a gente é terceiro ano, primeiro ano se torna segundo, eles fazem toda aquela divisão, antes de setembro eu era diretora de modalidade, eu e outra menina porque tem que ter dois em cada modalidade, e eu e outra menina éramos as únicas na modalidade, eu ajudava ela só que na hora de decidir mesmo o que era lá e tinha que ir lá direto eu deixa meio pra trás, porque eu falava "ah eu não concordo com as ideias deles" então é melhor você resolver isso se não, capaz de dar algo errado, então não me envolvia tanto nessas decisões.

p - justamente pra evitar bater de frente.

e - é porque assim, a atlética ainda é muito elitista para mim, eles fazem muitas coisas, e eu ainda não fui pro INTERMED, eles falam "você tem que se associar, você tem que ir pra INTERMED! você tem que ir pra competição tal", mas eu não tenho condições financeiras pra isso...

p - sim exige todo um custo pra sustentar a participação.

e - sim e é muito caro e por eles terem, essa coisa elitista de que até a alguns anos atrás só quem era muito rico fazia faculdade, eles mantêm isso dentro da atlética, então as vezes eu falo "deixa eu ficar mais pra lá"

p - até pra que sua relação com eles seja um pouco mais distanciada.

p - você também sabe que no ano que você tentou a reserva de vagas nas cotas aumentou em 50%? Como isso impacta na sua vivência na UNIFESP? Impacta de alguma forma?

e - como assim?

p - não sei, você vê outros alunos comentarem sobre esse fato?

e - a minha turma mudou muito, os professores falam que a cara da nossa turma mudou, tanto é que essa professora que é

minha professora de IC, a eletiva que eu conheci ela foi em uma eletiva de filosofia, e aí ela pegou um dia um comentário, a gente debatendo com ela "o perfil dessa turma é diferente de todas as turmas que eu pego a 10 anos", e aí falei "é porque a maioria de nós somos provenientes de escola pública, por causa que esse ano teve 50% de escola pública", aí ela não sabia, os professores não sabem disso. Aí a gente foi explicar pra ela e ela disse "nossa, mudou mesmo a questão de debater" e a gente vê isso na minha turma, porque tem muita briga interna por causa disso, porque a gente pensa diferente e aí mescla bastante as pessoas na sala.

p - essas visões de mundo as vezes entram em conflito.

e - sim, porque enquanto tem gente que veio da escola pública tem gente que nunca andou de metrô.

p - a vivência de mundo é completamente diferente, e disso tem algum comentário que seja marcante ou evento que rolou e você identificou de maneira clara essa diferença?

e - ah comentários tipo uma pessoa não saber quanto custa um bilhete de metrô, acho que numa aula de SUS, a gente tava debatendo políticas públicas e aí uma pessoa pegou e falou assim "brasileiro tá reclamando, do preço do metrô, metrô custa um e pouco, em Londres custa não sei quanto", daí todo mundo ficou tipo, oi? Você sabe o preço do metrô de Londres e não sabe do daqui? Você mora em São Paulo... Coisas desse tipo.

p - quanto a essas áreas que são mais sociais, como costuma ser a visão desse pessoal tem algum comentário que você veja nesse sentido?

e - a gente tem essas aulas de SUS, que a gente chama, mas que é sistema de não sei o que de saúde, mas é basicamente sobre o SUS e as pessoas não suportam ir pra essas aulas, tem gente que nunca aparece o semestre inteiro, vai tipo na prova, e cola na prova, o que eu não suporto é ver isso, tipo, acha que não tem funcionalidade, só tá roubando dinheiro, essas coisas assim...

p - esse discurso é sempre recorrente?

e - sim.

p - o que pra você na verdade é o contrário, você lida com isso muito bem.

e - sim, eu acho muito legal.

p - e assim eu vejo que você tá mais interessada nessa parte profissional da Medicina, e o que você considera uma boa trajetória pra um aluno de Medicina? E como que veio essa referência pra você?

e - é porque assim sempre o pessoal fala assim, residência, pra residência você tem que ter iniciação científica, você tem que ter liga, você tem que ter não sei o que você tem que fazer não sei o que, e aí vai tendo uma listinha que você tem que ter tudo. E aí você fala "putz eu tenho que fazer tudo isso em 6 anos, então vamos lá" então você começa a fazer um monte de coisas, e aí eles falam "você tem que encher seu currículo, porque você tem que impressionar"...

p - eles quem?

e - todo mundo fala, tipo, você tem que impressionar quem vai avaliar sua prova de residência e não sei o que, então quanto mais coisas você tiver, se você tiver a frente de coisas grandes ele vão se impressionar, aí o pessoal fala "você tem que ter várias línguas" e como eu não gosto muito de línguas, eu penso "tenho que encher meu currículo com outras coisas, pra a língua não fazer tanta falta" aí o pessoal fala "você tem que ter pelo menos o inglês e mais uma ou duas línguas. Aí eu penso "eu não tenho isso, então vou me mexer, vou fazer liga, vou participar de congresso, vamos organizar congresso" e aí você tem que encher o seu currículo, a Medicina o tempo todo fala de currículo.

p - isso desde o primeiro ano?

e - desde o primeiro ano.

p - eles te deram uma lista então materialmente falando ou essa lista é mais virtual?

e - é mais os professores comentam "durante a sua graduação você tem que fazer uma iniciação científica, é importante fazer isso" aí o pessoal mais velho "você tem que fazer isso, você tem que fazer aquilo", e é o tempo todo essa coisa do você tem que fazer, e aí você acaba se sobrecarregando com tudo.

p - e a atlética nesse contexto acaba sendo um canal pra isso ou não?

e - o bom da atlética é que você tem um contato com os outros anos também, então eles te ajudam muito, as pessoas mais velhas, passam resumo, você tá com dúvida em alguma coisa sobre a faculdade, como é o próximo ano, nisso eles ajudam bastante, e as vezes eu acho que atlética é o contrário, eles fazem você priorizar o esporte e deixar de lado um pouco a graduação e eu já não concordo, eu falto em treino mesmo pra ir pra aula, falto em treino pra ir pra liga.

p - não faz sentido, né? Até porque a atlética é um complemento da UNIFESP, e não o contrário.

e - sim, mas tem gente que acha o contrário.

p - se você fosse chutar por que você acha que as pessoas acabam indo pra atlética ao invés de se dedicarem ao curso?

e - não sei, eu já escutei pessoas falando que estão na faculdade só por causa da atlética, porque você se decepciona muito ao entrar no curso de Medicina, você acha que você vai entrar e no primeiro dia você vai ser médico, e não é assim, nos dois primeiros anos são muito chatos, ano passado eu sofri muito porque era muito chato, e eu ficava me dizendo que ia melhorar, vou continuar, mas agora tem as matérias um pouco mais específicas que eu até estou gostando, mas é bem chato então as pessoas tem que se apegar em alguma coisa, então o pessoal se apegam no esporte.

p - na atlética.

e - o que eu fiz: Ano passado, que era muito ruim, eu me apeguei nas ligas, porque as ligas têm atividade prática, então eu ia pras ligas e me achava um pouquinho mais médica. Do que ficar só nas aulas teóricas.

p - e essa eletiva na filosofia que você fez, como surgiu o interesse? porque você escolheu uma eletiva na filosofia?

e - na verdade a gente saiu, porque até então a partir do segundo ano só que você podia ter eletiva, e aí surgiu a possibilidade a partir do segundo semestre do primeiro ano. Só que aí todo mundo do segundo ano fez primeiro a inscrição, conseguiram as melhores vagas.

p - quais são as melhores vagas?

e - ah tipo cirurgia, microcirurgia, sabe? essas coisas mais assim... E aí sobraram as que ninguém queria, e eu gostava de filosofia na época do colégio e do cursinho, e eu gostava de ficar debatendo, e aí o pessoal falou "Aí a professora é muito legal!", e falei "ah vou tentar essa na filosofia" porque eu tinha a opção de não fazer no primeiro ano e depois tentar no segundo as mais legais que eles falavam, ou fazer alguma coisa... Aí o pessoal falou que a professora era muito legal, aí eu pensei "vou pegar uma coisa mais humana, diferente do que a gente tá tendo, porque se eu quisesse fazer Medicina eu ia pra liga, se eu quisesse fazer aula teórica, eu ia pra matérias da graduação, então vamos pegar filosofia pra ver como é", e aí tipo a professora é ótima e ela sabe muito e eu achei muito legal, tanto é que depois no segundo ano eu fiz a continuação que era a filosofia que a gente aprendeu na prática, que aí nesse centro de reabilitação, que eles trabalham filosofia de vida e tal.

p - tem toda uma relação com ética e etc.

e - sim, aí acabei fazendo.

p - em relação a essas matérias que são menos valorizadas, se você fosse traçar um perfil a respeito delas que tipo de matéria seriam as mais desvalorizadas? as mais valorizadas você tinha me dito que eram as cirurgias e o que mais?

e - oh, essas matérias desvalorizadas, essas de humanidades tem laboratório de humanidades, tem de fotografia, sobre visão de mundo, tem filosofia essas de humanas acabam sendo as mais desvalorizadas, daí são as que sobram mais, tanto é que esse semestre a de filosofia não fechou porque não teve interesse mínimo de alunos, e agora eles estão usando de estratégia mudar o nome de eletiva pra ver se atrai alunos, eles colocaram como "o ser humano e o conhecimento científico", alguma coisa assim, e aí o pessoal não ia atrás, agora assim microcirurgia, acesso vascular, essa coisa chamam muito atenção, as pessoas ficam "quero ser não sei o que, quero Medicina", e

eu sou o contrário, eu já vou pra essas alternativas porque eu acho que isso é um problema do meu curso em si, não é? Então eu tento conhecer alguma coisa diferente do que tem no curso. Tanto é que por isso que eles abriram pro primeiro ano fazer essas eletivas que ninguém quer, porque se não, não enche. Antes era só a partir do segundo ano que a gente fazia eletiva, agora é a partir do segundo semestre.

p - já que estão sobrando vagas, melhor disponibilizar pros calouros.

e - sim, mas mesmo assim muitas fecham...

p - esse lado acadêmico, de trabalhar com pesquisa, de fazer IC pra seguir em um mestrado ou doutorado, isso é valorizado? Surge em algum momento no discurso dos alunos ou dos professores?

e - tipo incentivo pra fazer?

p - mais pra um incentivo científico do que um incentivo profissional...

e - é pouco, mais os professores das áreas básicas que incentivam do que os que são especialistas e que são médicos mesmo, eles falam pouco disso, mas eles falam "mesmo que você só for seguir a área profissional tem que ter pelo menos uma IC"

p - e suas perspectivas de finalização do curso de alguma forma por enquanto atuam na sua forma de cursar Medicina e planejar a carreira ou até o momento isso não surgiu?

e - como assim?

p - suas perspectivas depois do curso, de atuação...

e - eu ainda não sei se quero sair direto do curso e entrar numa residência ou se eu vou sair do curso e ir trabalhar, já pensei em fazer parte do projeto mais médicos, porque você sai, você entra em mais médicos, você trabalha em um ano, você ganha 10% em uma prova de residência. Aí você trabalha um ano, e aí depois você tem uma "cota" nessa prova de residência, e tem também trabalho militar nesse meio tempo, que aí você pode fazer missão fora do país, ou aqui dentro do país, que eu acho legal também essa coisa de missão que talvez eu possa fazer, então ainda não sei se eu vou engrenar

em uma residência direto, se eu vou trabalhar um pouco. Fazer uma grana pra parar de depender dos mais pais, algo assim, que o pessoal sai muito, faz alguma coisa fora, pra ganhar uma grana, junta uma grana, e depois vai fazer a residência. Mas eu ainda não sei o que eu vou fazer.

p - e quanto à distribuição de oportunidades do curso assim das diversas áreas? Cê diria que ela é mais igualitária, que ela é mais cerceada? Das próprias matérias que são difíceis de pegar, você nota algum perfil de aluno que pega mais essas matérias?

e - ah não sei, eu acho que é mais igualitária, sabe? Você tem que ter vontade e correr atrás, porque aqui na faculdade a gente tem muita oportunidade, muita oportunidade mesmo, tem professor que oferece na sala mesmo tipo "tenho uma iniciação científica, alguém quer?" e ninguém quer pegar e tal, então tem bastante, até mesmo nas salas de aula, os professores, apesar de eles terem uma didática ruim, eles ficam disponíveis pra tirar dúvida por e-mail, no departamento que eles ficam. Então se você precisar da pra correr atrás, se você tiver vontade você consegue.

p - você escuta muitos comentários em relação a USP? Porque tem uma questão que eu pergunto quanto a primeira escolha do curso de graduação, e uma coisa muito recorrente era Medicina como "segunda escolha" e eu pensava "mas como segunda escolha um curso disputadíssimo?", e aí quando eu perguntava qual era a primeira escolha, muita gente colocou USP, não era o curso, mas sim a instituição, nesse sentido você já escutou algum comentário?

e - é porque a gente tem a rivalidade com a USP, tanto é que por exemplo na atlética, e alguns professores também usam, a gente não fala USP, é o pessoal do outro lado do rio, é a porcada, a gente não fala, e a gente briga bastante em ser a melhor, e fica entre a UNIFESP (e a USP) agora a UNICAMP deu pra aparecer e querer também, mas a disputa sempre foi entre a USP e a UNIFESP, e tem uma coisa que eles dizem que a UNIFESP

surgiu por conta de uma briga de médicos lá dentro, então eles acabaram fundando a escola paulista. Uma briga e aí alguns professores que não concordavam vieram pra cá, então dessa briga de ser melhor, daí tem a questão da INTERMED. Só que no interior, principalmente quem não é daqui de São Paulo, a UNIFESP não é conhecida, lá é a USP, tanto é que quando eu falava que eu queria porque a Paulista era a minha primeira opção e sempre foi, mas foi mais uma questão de o estilo da prova eu me dava melhor do que a da USP por exemplo. Eu falava que a minha primeira opção é a UNIFESP, o pessoal ficava tipo "e a USP? Porque você não quer ela como primeira opção?" eu falava "eu gosto do estilo de prova da UNIFESP" eu não conhecia nenhuma das duas, nunca tinha ido visitar nenhuma das duas, e a minha vontade era vir pra São Paulo, eu acabei me identificando mais com a prova daqui, e eu queria UNIFESP e o pessoal achava isso um absurdo, porque tinha que focar na USP porque a USP era melhor. Eu chego no interior e meus pais falam assim "minha filha estuda em São Paulo, faz Medicina", "faz na USP?" e aí meu pai "Não, é na UNIFESP, na federal", "ah mas não é a USP?", então ela tem um pouco mais de nome do que a UNIFESP e tem toda essa questão histórica da rixa...

p - e comparando a USP também é desde 30, ao menos do curso de Medicina...

e - paulista é 33, e a USP eu acho que é 25.

p - sim, mas é que a UNIFESP é nova, a escola paulista existe faz tempo, digo o nome UNIFESP.

e - ah sim, a escola paulista de Medicina é de 33, e a USP já existia. Dizem que a Paulista surgiu por conta que a USP era elitista, quem fazia eram filhos de barões do café, as pessoas que vinham do exterior, e aí eles achavam que isso não era legal, e aí eles queriam abrir pras pessoas mais pobres, e aí não concordaram e vieram pra cá e fundaram a EPM e aí tem toda uma história de uma gaiola...

ANEXO 14 – ENTREVISTA COM ALUNO 36

Pesquisador - eu gostaria que você começasse me contando como surgiu seu interesse pelo curso de Medicina.

Entrevistado - tá, então na verdade eu não sei dizer quando ele surgiu, ele sempre esteve lá, porque a minha mãe é médica, o meu irmão mais velho é médico, eu tenho um irmão que é 15 anos mais velho, ele fez Medicina também, sempre teve uma coisa muito próxima, minha mãe é professora lá em Ribeirão, na USP lá em Ribeirão, meu irmão fez lá também, então sempre foi uma coisa muito próxima, o meu objetivo era ficar em Ribeirão, eu queria ter feito lá, mas eu não passei. Então era meio que uma coisa... Eu nunca tive assim "ai, quero muito ser médica" nunca tive o sonho, mas eu também não sabia o que eu queria fazer, e era uma coisa próxima, minha mãe e o meu irmão, e aí acabou ficando.

p - tava muito no seu horizonte de possibilidades então?

e - é.

p - mas aí você fala que tem essa proximidade da profissão, sua mãe chegou a atuar como médica?

e - ela atuou mais no comecinho assim, aí agora ela está mais mesmo na questão de ensino, uma vez ou duas vezes por semana que ela vai no ambulatório, assim mais pra também coordenar e organizar os alunos. O meu irmão é o contrário, ele é bem da parte clínica assim.

p - entendi, e quais são as especializações da sua mãe e do seu irmão?

e - a minha mãe é endócrino, e o meu irmão é dermatologista.

p - então não teve um momento específico, e nem como surgiu isso, simplesmente foi pela possibilidade e era algo possível...

e - não teve, foi isso, aí eu não sabia exatamente o que eu queria assim...

p - e aí você acabou indo pra Medicina... mas assim você entrou super jovem também, você não chegou a fazer cursinho?

e - sim, foi.

p - e como ficou essa relação? Ainda que seja próximo por toda sua família não me parece uma escolha óbvia.

e - não foi, exatamente, pelo curso em si, eu sempre gostei, não vou dizer que foi só por causa disso, eu gostava da questão de lidar com pessoas, de conversar, de tentar ajudar alguma coisa mais próxima, e eu tenho muitas coisas também aquela questão de desafio meio House de tentar descobrir o que o paciente tem. E era mais por isso, e eu realmente não tinha... eu cheguei a tentar pensar "que mais que eu posso fazer?" alguma coisa mais fácil, que vai me dar... porque essa questão de não ter passado em Ribeirão foi um grande problema pra mim.

p - foi um baque.

e - foi, eu tentei buscar assim qual outro curso que eu posso fazer e eu não encontrei nenhuma outra coisa muito forte.

p - o que falava mais alto era a Medicina.

e - sim, talvez dê certo, vou por aqui assim.

p - e você chegou a acompanhar a rotina de trabalho da sua mãe ou do seu irmão alguma vez?

e - a da minha mãe quando eu era pequena era muito comum eu ir para sala dela assim, então final de semana, porque a faculdade é a vida dela então ela tá lá todo dia até 20h da noite, e sábado ela ia trabalhar então eu ia com ela, ficava na sala dela, eu ia no laboratório, mas a parte de ela dar aula eu nunca acompanhei, o do meu irmão de vez em quando eu já fui no consultório dele pra pegar alguma coisa, mas também nunca de sentar e ver ele numa consulta.

p - mas no caso da sua mãe assim era muito presente então você acompanhar ela no ambulatório, nas atividades dela durante o final de semana, tinha essa proximidade mesmo do mundo da Medicina.

e - isso, mais com a questão da pesquisa, é que o ambulatório eu nunca acompanhei.

p - ah sim, sua mãe é professora universitária. Quando você começou a se interessar mais ela já deveria ser professora.

e - sim, ela já era professora, minha mãe entrou pra dar aula no começo de 2000 e

alguma coisa, no sábado ela vai exatamente pra dar uma olhada. Ela fica mais no computador, na sala dela fazendo pesquisa, aquela saleta e algum aluno lá no laboratório em si, e eu ia lá e ficava sentada do lado dela, era mais isso.

p - e você tem alguma preferência para especialização? Algo que você imagine que fale alto em você?

e - eu não tenho exatamente uma assim, eu gosto de psiquiatria, de neuro, eu tiro algumas coisas, eu acho que não vou querer fazer cirurgia, ortopedia, mas nada muito forte assim ainda.

p - e por que não? Cirurgia e ortopedia são áreas valorizadas

e - cirurgia um porque eu tava pensando na conversa com o paciente e tem pouco na cirurgia, dois porque eu acho que não tenho muita aptidão, muita habilidade manual, e porque nunca... eu vejo as pessoas falarem assim "nossa eu quero muito a cirurgia" acho que vai ser uma coisa muito desafiadora e uma coisa que dá uma sensação de poder e isso nunca me atraiu na cirurgia.

p - e isso também vale pra ortopedia?

e - é que pra mim...

p - as coisas estão muito relacionadas?

e - é!

p - ortopedia me parece algo também um pouco mais objetivo.

e - isso é uma coisa mais prática, de ir e fazer alguma coisa, e pouco da conversa, pouco também daquela coisa de ter que imaginar, pelo menos é o que eu penso, de ter que ficar refletindo o que o paciente tem ou não. Pode ser um preconceito, mas na minha cabeça é assim e então não me interessa muito.

p - de alguma forma isso se invalida pra você. E tem bastante forte essa referência do House de ele conversar com o paciente, identificar o problema...

e - sim, aquela coisa também de ter um enigma pra descobrir, que acho que são coisas um pouco opostas, por um lado eu quero conversar com paciente que é uma coisa um pouco mais humana de tentar ajudar alguém, e outra coisa do House que é meio você tem um joguinho pra tentar

descobrir, é uma coisa de eu conseguir descobrir alguma coisa, um desafio pra mim.

p - o que me parece fazer sentido com seu gosto pela psiquiatria.

e - e eu sempre gostei muito de matemática, nunca fui muito de biológicas na verdade, eu gosto muito de exatas, esse ano eu dei aula no cursinho aqui, no popular, de matemática então eu gostei muito de matemática, então eu acho que essa questão um pouco do desafio tem a ver com o exercício de matemática que você pega e você precisa resolver, sabe?

p - curioso, porque a psiquiatria me parece muito mais uma área relacionada a humanidades.

e - ela é, mas eu gosto também.

p - então você dá aula no CUJA, é isso?

e - isso eu dei esse ano, ano que vem eu vou dar só no comecinho do ano e depois eu vou sair, já tenho outra pessoa pra ficar no meu lugar

p - e me conta como foi sua experiência do CUJA, como você entrou, quando

e - eu entrei, eu entrei no final do ano passado, eu prestei no final do ano passado em outubro, mas na verdade eu prestei pra plantonista, né? Pra tirar dúvidas, mas teve um problema na seleção dos professores, não teve professor pra vaga, gostaram da minha aula e acabaram me convidando pra ser professora. Então eu dei aula esse ano, e eu achava que iria mudar a minha vida, sabe? Eu sempre tive essa coisa com a matemática e quando eu era pequena eu cheguei a pensar em ser professora, eu gostava dessa coisa de explicar e eu achei que eu ia entrar no CUJA e ia falar "quero ser professora e vou sair da Medicina", e não foi tanto assim, eu gostei bastante do contato com os alunos, mas acabou se tornando... Não sei se você sabe, mas o CUJA tem a questão que a gente prepara o material, é apostila própria, e eu acabei usando a apostila dos anos anteriores, eu não tinha tempo para mudar a apostila e eu achava que eu não estava me dedicando o suficiente, e acabou se tornando um peso muito grande, eu pensava "ah acho que tem alguém que poderia estar fazendo melhor do

que eu to fazendo", ou de "minha aula não está sendo tão boa, deveria estar me preparando mais" porque como nosso curso é integral, é um pouco difícil, e aí esse peso ficou muito grande pra mim por isso até que eu resolvi sair, porque ano que vem é um ano muito pesado pra gente aqui, então eu achei que ficaria pior essa sensação e resolvi sair por causa disso.

p - no que se relaciona a experiência de ensinar em si, como foi?

e - ah eu acho que foi muito bom assim, uma questão mais prática pra falar assim, pra mim falar é bem mais fácil, apresentação eu ainda fico bem nervosa em apresentação em classe, mas é uma coisa bem mais natural, e não sei, tem a questão de a gente estar em contato com o aluno, ainda que pra mim isso talvez tenha causado muito peso, que é essa questão de "estou mexendo no futuro de alguém", principalmente cursinho popular é uma coisa assim "eu to me voluntariando pra fazer uma coisa, mas não é pra fazer de qualquer jeito", é positivo quando você dá uma aula boa, quando os alunos respondem, você fala "poxa, aula legal, fui pra casa bem", mas as vezes quando você dá uma aula mais ou menos você fica muito...

p - angustiada?

e - é, eu acho que alguém poderia estar aqui ajudando mais, mas eu acho que é muito bom a questão assim de ter que explicar pra alguém, ter que pensar uma aula antes de ir pra aula, então tem que pensar tudo que eu vou falar, a gente tinha um tempo curto de 45 minutos por aula, então uma coisa bem pra gente estruturar nosso raciocínio assim é bem legal, e tentar passar sempre da melhor forma, aquela questão de que o aluno levanta a mão e fala "não entendi", então você tem que parar, e pensar como eu vou explicar isso tudo de novo de um outro jeito, então foi uma experiência assim muito boa, é que acabou se tornando uma angustia muito grande pra mim, porque eu sou muito perfeccionista com as coisas, então eu sempre quero ir muito bem na prova...

p - e se não se sai tão bem se frustra.

e - isso, é, e aí achei melhor sair.

p - pra você também conseguir manter sua rotina...

e - é pelos alunos talvez alguém consiga ter mais tempo e uma coisa assim pela minha saúde mental, pra minha saúde mental entendeu? Pra eu ficar mais tranquila, e não ser um peso tão grande.

p - e você falou em psiquiatria e neurocirurgia, né?

e - neurologia.

p - isso, perdão, e neurologia tem alguma coisa que explique o porquê da escolha por ela, o que pesou nessa parte de neurologia?

e - tem uma coisa próxima da psiquiatria que ela é bem... Uma coisa bem complexa e eu acho uma coisa muito interessante, essa questão de sistema nervoso central, como funciona, pra mim isso destaca muito interesse quando eu penso, por exemplo, cardiologia eu não vejo graça. Eu acho que é uma coisa bem complexa mesmo, meio misteriosa, de neuro que eu gosto.

p - esse interesse pelo comportamento humano? As duas áreas são muito diferentes de tipo de profissional.

e - são, são bem diferentes, mesmo a conduta do que você vai fazer em uma a questão de farmaco, é bem diferente mesmo.

p - elas parecem se cruzar nisso do comportamento humano.

e - sim, acho que da mente humana pra mim é uma coisa muito complexa, e eu tenho interesse, interesse que não tenho pelo coração, pelo rim...

p - além do CUJA, você faz outras coisas de extensão aqui na UNIFESP?

e - Acho que IC?

p - conta, mas é outra área...

e - Não, não...

p - e aí você está fazendo IC?

e - isso.

p - me conta como é que foi? Você colocou na questão 64, você colocou que discorda em parte quanto a facilidade de obter professor orientador para IC.

e - eu faço IC em psiquiatria, relacionado a esquizofrenia, a gente teve uma aula no final

do primeiro ano, era uma aula de psicologia médica, não era tanto pra falar, era uma questão de saúde mental do estudante de Medicina, de BurnOut, mas o professor deu uma aula muito boa e ele acabou comentando que ele trabalhava com esquizofrenia, e aí eu me interessei por ele, "vou perguntar se ele aceita ou não uma IC" e ele aceitava, e ele foi bem legal com a gente. Ele falou assim "me manda um e-mail e a gente marca um encontro", aí a gente marcou um encontro e ele mostrou mais ou menos o que ele fazia, me mostrou o laboratório, mostrou o programa de esquizofrenia daqui eu gostei e fiquei assim.

p - me pareceu muito simples na verdade essa relação, ele falou em aula e você chegou e rolou

e - posso ver a pergunta de novo?

p - claro.

e - (lê o enunciado da questão 64) é acho que a questão de encontrar o professor não tenha sido tão simples assim, pra mim acho que foi tranquilo, mas foi uma coisa meio de sorte, se ele não tivesse vindo dar aula pra mim, eu não teria descoberto esse professor.

p - e as coisas calharam?

e - é, eu tentei chegar a tentar com outro professor de fisiologia que deu uma aula de neuro pra gente, eu mandei um e-mail pra ele e ele não me respondeu, por exemplo. Eu tenho outros amigos que ficam bem confusos assim "ah eu não sei qual professor eu procuro", principalmente primeiro e segundo ano que a gente fica muito nas básicas, e não tem contato com o pessoal que mexe mais com clínica.

p - que são os especialistas?

e - é, então muita dúvida tipo "onde eu encontro esse professor, em que porta que eu bato". O meu caso realmente foi simples, assim, mas acho que no geral nem sempre, tem uma dúvida muito grande de que área que eu escolho, de que professor e que departamento que eu vou. Então pros meus colegas pelo menos um pouco mais...

p - esse approach, de como chegar, o que falar, como fazer?

e - isso, esse professor por exemplo eu fiquei muito na dúvida, será que eu vou lá? Será

que eu vou no final da aula perguntar pra ele ou não? Porque eu sou meio tímida, e aí eu vi que tinha uma menina e eu pensei "ah vou junto com ela", foi mais assim

p - e ela também estava interessada na IC?

e - isso, mas ela acabou não ficando com ele, ela foi comigo conhecer o laboratório, mas acabou não ficando.

p - e nesse sentido sua mãe, ela é professora e deve entender bastante desses tramites da vida universitária inclusive de universidade pública, ela acaba te dando alguns toques em relação a isso?

e - ela dá, ela é super... na verdade ela fica até preocupada ela fala assim "e aí? você já foi na IC hoje?" agora, por exemplo que eu vou entrar de férias, ela fala "já falou com seu professor pra ver o que você vai ter que fazer nas férias?". Ela é super, tudo ela faz uma pergunta e eu falo vou ter que mandar o projeto pra tal lugar, ela fala "quer que eu dê uma olhada?", quando eu fiz o meu projeto pra mandar pra PIBIC ela que leu comigo, ela que ficou procurando artigo comigo e me ajudou a escrever.

p - participou de todo esse processo de começar a fazer.

e - isso, então ela é bem presente.

p - inclusive na sua rotina acadêmica então?

e - é, ela sempre (pergunta) "que matéria você tá tendo?", aí eu falo que tenho prova de patologia e ela fala assim "vai cair isso, isso e isso", então ela é bem presente assim mesmo.

p - e tem sempre esses diálogos?

e - tem.

p - e isso desde o primeiro ou ela já falava até antes sobre como você traçar, o que você tinha que fazer, o que era legal?

e - é, em relação a Medicina desde o primeiro ano, ela nunca foi de "você tem que fazer Medicina", ninguém na Medicina nunca chegou a falar "acho que você deveria fazer Medicina", mas ela sempre foi muito de traçar minha vida acadêmica. Minha mãe me colocou no inglês quando eu tinha 4 anos, 4 pra 5 anos, minha mãe me colocou no francês quando eu tinha 10 anos, minha mãe e meu pai falavam que eu tinha que estudar

algum instrumento musical, esporte, então minha mãe sempre foi muito assim "você precisa ler, você precisa de muitas línguas pra se destacar", ela sempre se importou muito com isso, sabe?

p - traçou toda uma trajetória de sucesso. E dessa questão dos seus pais, você também fez curso de música, né?

e - fiz.

p - e você toca o que?

e - violino.

p - você também fala francês por conta dos seus pais.

e - uhum.

p - e você tem descendência japonesa dos dois lados?

e - não, só da minha mãe.

p - essa influência mais forte pela escolha da Medicina você diria que foi da sua mãe? Desse contato pela Medicina.

e - foi, eu acho que sim. Não era nem só assim "quero fazer Medicina", é "quero fazer Medicina na USP Ribeirão", quero seguir o que a minha mãe e meu irmão fizeram, então era bem "quero fazer o que eles fizeram", não era nem só pela Medicina, tinha muito essa questão atrelada.

p - de uma mesma trajetória e dar continuidade e herdar inclusive esse legado da família.

e - isso mesmo.

p - você marcou também (no questionário) que tem interesse na área profissional, eu queria saber se você chegou a considerar a área de pesquisa, de seguir em uma carreira acadêmica, fazer mestrado e fazer o que sua mãe fez.

e - eu considero, considero virar professora também na universidade assim, ainda está aberto, quando eu entrei eu não pensava muito, a carreira e o que minha mãe faz em si assim no dia a dia não me interessava muito, mas agora eu considero a questão de pesquisa assim, não é tão forte em mim a pesquisa em si, mas como você não tem como desvincular o dar aula, então é uma possibilidade.

p - e isso acaba surgindo nas aulas da UNIFESP? Os professores comentam dessa possibilidade de você construir uma carreira na pesquisa?

e - não, eles comentam muito pouco.

p - e isso surge como?

e - eu acho que eles nem comentam tanto, eles consideram muito mais essa coisa do "quando vocês forem médicos", então é muito comum "espero que vocês não façam isso quando vocês forem atender os seus pacientes. Eu não lembro de algum momento forte que alguém falou "se vocês virarem professores" ou "se vocês entrarem pra pesquisa", não tem muito esse discurso.

p - isso acaba mesmo virando uma coisa secundária, mas você chegou a pegar alguma fala de desdém que algum professor diz que pesquisa é algo menor?

e - não, mas como também estamos muito no ciclo básico, a maioria dos professores que deram aula pra gente estão focados na pesquisa.

p - entendo, talvez então isso não surja agora.

e - isso, mas talvez mais pra frente...

p - quanto a participação de eventos na UNIFESP, você marcou que não participa muito deles, eu queria saber porque, eu vi que você mora um pouco longe daqui.

e - eu moro a meia hora de ônibus, nem é tão longe, eu não participo acho que é uma coisa desde que eu entrei que eu fiquei muito fechada na UNIFESP pela questão de eu não querer estar aqui, como eu queria ter entrado na USP eu vim com a cabeça bem fechada assim pra cá, no comecinho eu não fazia questão de fazer amizades, almoçava sozinha. Foi um sofrimento muito grande pra mim, então eu não fiz questão de criar muitos vínculos no começo, fazer as atividades, então não me interessava muito, muito por essa questão mesmo de não querer estar aqui.

p - você chegou a considerar transferência?

e - considere, mas lá quase não abre vaga, e acho que é uma questão que quando abre na USP, abre pra estudantes da USP, depois de outras estaduais e depois só pras federais e

assim é muito difícil, mas eu considerei, considerei sair. Uma vez que eu entrei eu não cheguei tanto a pensar em desistir, mas antes de eu vir pra cá, quando tinha saído a primeira chamada, eu tava na segunda chamada, eu iria a passar, eu cheguei a fazer ainda uma semana de cursinho lá em Ribeirão, se não eu ia ficar a tentar Ribeirão de novo, mas me convenceram a vir.

p - além da coisa da trajetória do seu irmão e da sua mãe, tem mais algum outro fator que você teria escolhido a USP?

e - acho que é uma coisa de todo aquele nome de USP lá em Ribeirão é mais forte, por exemplo aqui a Pinheiros (USP) é um nome muito forte, lá em Ribeirão a gente nem ouve falar da Pinheiros, então aqui em São Paulo tem um nome muito forte, mas acho que o nome mais forte é o nome da USP Ribeirão, e lá você nem ouve esse nome assim, o nosso nome lá é USP Ribeirão e é muito forte mesmo, e como eu tinha essa coisa muito do "eu vou bem nas provas", na minha cabeça era isso, então pra mim qualquer coisa fora USP seria um fracasso, independente de eu ter entrado em outro lugar, foi assim que eu enxerguei muito.

p - e aí como você lidou com isso uma vez aqui dentro? Você chegou a ingressar em grupos como Atlética, DCC, CA?

e - eu comecei, eu treinava vôlei no comecinho, até a primeira competição que é mais voltada pra calouros, depois eu acabei saindo porque eu acho que os treinos são muito puxados, assim são quatro treinos por semana e os horários não são muito bons. O DCC eu não entrei, eu tenho amigos, eu tenho amigos que fazem parte e de vez em quando eu apareço lá, mas eu não entrei assim. Eu fiquei muito tempo sem vínculo nenhum com a UNIFESP, fora a graduação, não fazia nenhuma atividade... Eu só fui entrar no CUJA no finalzinho do ano e na IC no final do ano passado, eu entrei numa liga no final do ano passado (ao final do primeiro ano), mas até isso eu fiquei muito tempo, eu vinha pra cá e voltava pra casa.

p - e das ligas quais que você fez?

e - eu fiz a de oncologia pediátrica alí no GRAACC.

p - e como foi pra entrar na liga? Como surgiu o interesse?

e - eu tinha muito esse problema com essa questão de não criar vínculos, e quando tem uma semana de provas, eu sou daquelas que se eu posso evitar alguma outra atividade eu vou evitar. Eu não sei se já explicaram pra você...?

p - não tenho certeza...

e - eu tenho uma liga, a liga de pediatria por exemplo, então pra novos membros eles fazem uma semana de curso introdutório, tem aula quase todas as noites, e no final da semana tem uma prova referente aquelas aulas, então eu achava isso um pouco puxado, sempre batiam as ligas gerais batiam com alguma prova nossa da graduação, então eu evitei, e evitei, e surgiu uma semana um pouco mais tranquila e daí ou era a liga de neurologia, ou a de oncologia pediátrica, e aí eu fiquei muito em dúvida de qual das duas eu ia prestar, porque aqui como tem o GRAACC muito forte eu pensei que talvez fosse uma liga boa, bem estruturada, e mexer com criança, eu sempre gostei de criança e queria ver como era, mas tinha a questão de eu gostar muito de neuro, liguei pro meu irmão pra ver o que ele achava, acabei indo pra de oncologia, porque conseguiram me convencer que a experiência pra quem estava no primeiro ano fosse melhor, a oncopediatria talvez fosse um pouco mais acessível e aí a gente fez esse curso introdutório era semana mais tranquila, aula toda noite e daí na sexta tinha uma prova, a gente estudou pra prova, uns três amigos que estavam prestando a mesma coisa, a gente estudou pra prova e deu, todos passaram.

p - e como é a experiência na liga com o pessoal de oncologia? Era uma liga mais procurada ou mais sossegada?

e - ela era uma liga razoavelmente procurada, não era a mais, as que são mais eu acho que é a do trauma, era bem procurada exatamente por essa coisa do GRAACC de criança, tem um apelo bem grande, mas ela estava bem desorganizada,

até que esse ano ela acabou, o que é uma pena porque a gente tem o GRAACC, mas não tem mais uma liga de oncoped. Eu não gostei tanto assim exatamente porque a gente teve alguns problemas com algumas aulas que foram canceladas, e a prática, a gente tinha que fazer um tanto de prática incluindo acompanhar o ambulatório, centro cirúrgico, eram umas coisas bem legais, com discussão de casos, mas a gente deixou muito pra fazer no final, e no final um pouco antes das férias, do meio do ano agora eu quase não saía do GRAACC, porque eu precisava fazer as práticas, colher a assinatura pra gente poder pedir crédito, então acabou não consegui criar o interesse em mim que eu tava esperando, a gente ficou evitando as práticas e no final a gente precisou fazer então a gente correu e condensou assim.

p - então não foi agradável?

e - não, não foi, não era nada como "quero ir muito lá assistir aquele ambulatório".

p - e aí você me falou que a liga de trauma é bastante procurada?

e - uhum!

p - quais você diria que são mais procuradas além da liga de trauma?

e - a de trauma, a de endócrino é bem procurada.

p - a mais de todas é o trauma?

e - eu acho que é a do trauma, eu não tenho certeza, eu não cheguei a fazer, mas tem algumas que são bem procuradas, acho que a de trauma, a de endócrino é bastante, a de dermatologia eu acho que é um pouco, porque eles falam que o curso introdutório eles conseguem parceria com algumas empresas então o curso introdutório é bom. Porque aqui tem muito isso de curso introdutório bom que vai ter coffee break todos os dias chama bastante, a de dermatologia e a de endócrino tem bastante isso, são essas assim que me vem na cabeça.

p - pra além do coffee break, tem outros argumentos que os alunos mobilizam, como "ah vou entrar na liga de dermatologia porque quero seguir na dermatologia e é uma área que tem bastante retorno financeiro", ou no

trauma também se não me engano na Medicina é uma área que tem também bastante retorno desse sentido.

e - eu não ouço uma coisa tão futura, mas eu ouço por exemplo "vou entrar na de endócrino porque a de endócrino tem muita prática", então eu tenho amigos que já estão lá e que estão fazendo exame físico, que é algo que a gente só vai aprender a fazer semestre que vem. Que algumas ligas específicas dão retorno, a gente avança na Medicina um pouco antes, a de onco é uma coisa que eu não vi isso tanto, então a gente não chegou a fazer nenhum exame físico, tem algumas que eles falam assim "a gente leva vocês pra um hospital lá longe e a gente deixa vocês darem alguns pontos em pacientes", alguma das ligas chegou a comentar isso e eu falei "não tenho coragem de dar ponto, então eu não quero entrar nessa ainda, eu não estou preparada pra isso", mas muitos oferecem essas coisas assim, um avanço, então a gente tá agora no ciclo básico, mas você já vai conseguir fazer alguma coisa lá pra frente. Então é um interesse bem grande pras pessoas.

p - nesse sentido de acabar avançando em procedimentos.

e - isso, na questão da prática clínica mesmo. Procedimentos, alguns colegas já tiraram anamnese sozinhos, então algumas ligas dão essa liberdade maior e esse salto maior também.

p - e esse envolvimento precoce com essa área mais prática acaba resultando em algum ganho pros alunos? Como alguma oportunidade que surge e eles possam cuidar com mais facilidade ou que torne o currículo deles mais atraente.

e - eu não sei se o currículo, porque lá vai lá escrito que ele tem uma liga, e no meu também vai estar escrito isso, mas eu acho que chega na parte da graduação que envolve aquilo, você já chega um pouco mais pertinho, então é mais fácil e tem algo que é comum é que na graduação a gente vai ter aquele assunto por um período muito curto, muito superficial, então a gente acaba buscando a liga pra tentar dar uma base um pouco melhor. Cirurgia, por exemplo, as

vezes falam que é muito rápido. Tem outra liga muito concorrida que chama Técnicas Operatórias, uma coisa assim, pra gente aprender a dar ponto no comecinho, então essa a parte que a gente vai ter na escola não é tão boa, então vem pra cá pra você ter uma base melhor, uma questão mesmo pra você ficar melhor e quando chegar na sua hora você ter uma base melhor do que a escola pode te oferecer assim.

p - e das ligas menos valorizadas? Ou das áreas menos valorizadas por assim dizer.

e - pensando em liga tem uma liga de oratória e retórica...

p - o pessoal fala mal?

e - é que tem gente que quer muito ir pra prática clínica e fala "putz, oratória e retórica não tem nada a ver" mas na minha turma tem muita gente envolvida com essa liga e ela conseguiu dar uma valorizada. O primeiro ano veio bastante, eles têm bastante gente, mas quando eu entrei era uma coisa meio tipo assim ah...

p - secundária?

e - é... mas é que muita das ligas que não valorizadas são muito ligadas à liga ser ruim, não necessariamente o assunto, então a liga de transplantes não estava indo muito bem, a liga de oncologia do adulto também não estava indo bem, então isso as vezes desvaloriza bastante assim.

p - entendi, mas isso acaba refletindo em áreas de interesse do curso ou de comentários dos próprios professores ou não?

e - não.

p - então eles não costumam falar de áreas que são mais valorizadas ou menos valorizadas ou áreas que são piores ou melhores pra cursar, isso não surge?

e - acho que de vez em quando surge uma piada ou outra, né? Aqueles estigmas que existem e as vezes um professor brinca com isso, no começo de patologia por exemplo em uma das aulas introdutórias, eles falaram isso, trouxeram um slide que brinca com isso, eu não lembro exatamente com os estigmas de nada especialidades, mas nada muito forte, e as vezes ele estigmatizava ele

mesmo, a própria (área de) patologia, que era o que ele ia estar falando ali. Mas não tem nada muito forte como "não façam tal carreira, porque tal carreira não vai dar retorno", não tem muito...

p - nem no caso de Medicina da família e Medicina preventiva? Que são áreas que têm menos prestígio médico.

e - as disciplinas que não são relacionadas a Medicina da família não vão tocar muito nesse assunto, e a gente tem um departamento de Medicina preventiva aqui que é muito forte, então eles acabam valorizando, "venham pra Medicina da família" a gente vai muito pra UBS, a gente ficou bastante tempo estudando o SUS, então tem um grupo que simplesmente não vai tocar no assunto e um grupo que vai falar o contrário, que vai tentar atrair a gente pra Medicina da família.

p - e como isso reverbera nos alunos? Eles acabam aderindo a Medicina da família, ou você sente que é um comentário mais assim jocoso em relação a isso.

e - alguns alunos tem uma postura bem do tipo "não vou fazer isso de jeito nenhum", mas em alguns eu acho que surte um efeito bem positivo, muitas pessoas saíram do nosso ciclo na UBS falando "talvez eu queira fazer isso" então surtiu um efeito positivo em alguns...

p - você quer dizer que tem alguma coisa de perfil talvez?

e - tem, eu acho que tem.

p - mas quanto a característica socioeconômica?

e - eu não sei se de socioeconômica, mas pra mim parece muito uma coisa de ideologia talvez.

p - eu imagino que está ligado a isso de fazer pelo social.

e - isso, eu acho que sim. Rola de um perfil um pouco mais conservador, ou daquelas pessoas que entraram na Medicina pensando "com certeza eu quero ser um neurocirurgião, e ganhar muito dinheiro e ter muita fama", sabe?

p - muito focado no poder.

e - isso, então as pessoas que estão um pouco neutras, tem muita gente que está voltada pra

esse social, talvez pra essa coisa mais ideológica assim.

p - dessas ligas que você me falou que são mais procuradas e mais valorizadas, você acha que tem algum perfil de aluno que acaba aproveitando essas oportunidades?

e - não, eu acho que é bem aberto.

p - na questão 73 que é a respeito do quanto você se sente à vontade na UNIFESP pra falar, você marcou que discorda totalmente, eu queria que você me contasse porquê.

e - é eu acho que é uma coisa bem pessoal, sempre antes de falar alguma coisa, em aula mesmo quando eu tenho uma dúvida, eu fico "será que eu pergunto, será que não pergunto?" e as vezes quando eu tenho uma opinião distinta, eu tendo a ficar passando ela na minha cabeça várias vezes, mas eu quase não falo, então eu tenho opiniões bem fortes na minha cabeça e falo "nossa esse cara tá falando uma besteira muito grande", mas eu tendo a guardar...

p - mas o que acaba despertando isso?

e - as vezes tem algumas coisas ideológicas, ou as vezes um preconceito que um professor solta, ou as vezes um comentário machista, alguma coisa, aí eu fico... mas eu tendo a não falar, sabe? eu não reajo. As vezes uma piada que a 15 anos era engraçada, e agora a intenção dele também era fazer os alunos rirem, só que foi uma coisa machista ou alguma coisa preconceituosa com qualquer outra coisa. Eu não vou levantar a mão e falar "acho que o senhor está errado", eu não vou rir, na minha cabeça algumas coisas parecem totalmente erradas, esse cara falou alguma coisa que ele não deveria estar falando, mas eu não vou levantar a mão e expressar minha opinião.

p - até porque é difícil de saber se a gente não vai ser mal entendido.

e - é, eu tenho muito essa coisa de julgamento, do que os outros vão pensar quando eu vou falar, então se eu não me expressar direito, eles vão achar que eu sou muito extremista pra causa. Então eu sou muito de pensar no que o outro vai pensar

quando eu falar, então na maioria das vezes eu fico quieta assim.

p - essa coisa então é recorrente? Quanto ao machismo por exemplo.

e - é um pouco, principalmente com alguns professores mais velhos, um comentário que realmente a 10 anos não surtiria esse efeito, seria muito ok assim. Mas também não é algo tão forte mais, mas tem, tem algumas vezes que aquele professor faz um comentário assim "não posso falar nada, porque hoje qualquer coisa que a gente fala é mal interpretado", que pra mim também é uma coisa meio tipo, "todo mundo tá de mimimi", as vezes tem mesmo, mas é que... não sei se alguém chegou a comentar, a minha sala teve um problema no começo do ano passado, alguém comentou?

p - comentaram do que aconteceu com o professor que teve um AVC?

e - então, foi relacionado a isso, eram uma questão que tinha algumas coisa machistas na aula dele e alguém que eu nem sei quem foi deve ter ido reclamar e isso não foi bem recebido ou ele entendeu de outra forma, as turmas os veteranos caíram em cima da gente muito forte, que a gente não deveria ter falado nada, então tem um pouco disso também, o professor fala alguma coisa a gente não reage, mas também não vai mais tanto, acho que a gente ficou um pouco traumatizado assim, sabe? A gente não sabe exatamente o que aconteceu, como a pessoa foi falar...

p - mas pra além desse professor, costumam surgir comentários machistas e preconceituosos? de falarem "isso é mimimi"

e - costuma ter alguma coisa, eu não lembro alguma coisa tipo de cabelo, de falar "as mulheres gostam disso", sabe? "as mulheres devem saber mais isso" alguma coisa que é pra tratar o cabelo, isso de vez em quando surge, a questão de gênero surge as vezes como "homem ou mulher, mas hoje em dia eu nem sei mais o que tem, se é homem ou se é mulher", mas acho que com essa questão de sexualidade é um pouquinho...

p - mais ok?

e - é, não se por medo, ou se eles já fizeram muito e foram repreendidos, a questão de falar "isso é gay", eles mexem muito com isso.

p - eles dão uma segurada.

e - mas umas coisas machistas que são muito enraizadas, que era muito normal falar ainda saem de vez em quando, mas...

p - mas não é nada que seja ofensivo ou pesado?

e - acho que de vez em quando tem alguma coisa ou outra assim, mas...

p - dá pra lidar?

e - dá, seria ótimo se não tivesse, mas...

p - e os alunos nesse sentido? Essa coisa acaba refratando neles de machismo e etc? Os alunos costumam ser machistas ou racistas?

e - eu acho que tem alguns grupos que são totalmente, no meu ponto de vista, tem uma cabeça mais aberta, uma coisa que é bem mais ponderada que não tem esses preconceitos, mas acho que um ou outro ainda tem assim, um grupinho, mas tá bem silenciado também, exatamente essa questão de que se eu falar alguma coisa eles vão falar que eu sou machista, então as pessoas estão dando uma segurada, mas tem um ou outro.

p - se você fosse traçar um perfil, mais homens obviamente, mas isso é recorrente em algum tipo de homem?

e - eu diria que é mais recorrente entre homens, não sei se tem um perfil claro, como minha turma é muito misturada e o meu grupo também é um pouco misturado e eu não tenho tanto contato com todo mundo da turma, eu ando com um grupo um pouco menor, não aparece tão forte, mas tem um ou outro assim, no meu grupo por exemplo tem uma figura ou outra que sempre faz um comentário, sabe? Tem uma que é uma menina, que veio de uma condição...

p - privilegiada?

e - não, o contrário, veio de uma condição bem mais desfavorável, teve que fazer muitos anos de cursinho popular, que recebe bolsa permanência, e as vezes dela sai um ou outro comentário em relação à sexualidade, de chamar os outros de viado, e ela é mulher, veio de uma condição desfavorecida.

p - no caso essas questões deveriam estar mais claras pra ela.

e - é, as vezes a gente acha isso, não é? Então que um rico homem vai ser bem mais preconceituoso do que uma pessoa pobre e mulher, e eu tenho um amigo que é branco, homem, que tem uma boa condição social, tem bastante dinheiro, ele não é tão progressista, mas com essas questões de preconceito com questão de machismo, questão racial, ele lida super bem, sexualidade são coisas que ele lida super bem.

p - na sua turma por conta da questão das cotas, já que vocês são a primeira turma 50/50, rola comentários dos veteranos ou dos professores?

e - dos veteranos, eu não tenho muito contato, dos professores eu acho que eles não sabem muito bem o que tá acontecendo, então as vezes o professor vai falar alguma coisa tipo "isso é uma coisa que talvez vocês não entendam muito porque a turma é de uma classe social mais alta" então eu acho que falta, então esses comentários surgiram algumas vezes, "isso é uma coisa que vocês vão ver com pessoas que são classe social mais favorável", já deu a entender que pra eles na cabeça a turma continua sendo grande maioria...

p - de pessoas bem nascidas?

e - isso. Que assim, eu ainda acho que é, porque a questão da cota ainda tem bastante gente que entrou por cota mas que tem uma condição social melhor, mas parece que pros professores não é nem questão de fazer um comentário, assim preconceituoso, mas de eles não saberem o que está acontecendo. Eles não entendem, ou não sei se a informação não chegou...

p - acaba aparecendo o que é um bom trajeto ou o que você considera como boas escolhas para um curso de Medicina? Isso acaba surgindo nos comentários dos professores e dos alunos? O que seria meio que canônico pro aluno de Medicina fazer.

e - ah pra ele fazer? Uma vez que ele está... não pra ele entrar assim? Pra você terminar

um bom curso, tem aquela questão sempre de ser legal vocês fazerem uma iniciação científica e terem no currículo um pouquinho de tudo, então uma iniciação científica, uma liga, um projeto de extensão, saí um pouco disso, acho que é mais isso, não é um assunto tão recorrente assim.

p - essas coisas não aparecem muito nos comentários, é mais de uma forma vaga?

e - é, as vezes falam alguma coisa "vocês precisam se dedicar bastante pra saírem bons médicos" tem aquela coisa sempre de que a gente mantenha o nível da escola, isso é bem recorrente assim, porque tem toda essa questão que a escola está em crise e que tem muitas escolas nascendo, muitas outras faculdades de Medicina. Então assim pra que continue fazendo a diferença estar na Escola Paulista em relação a UNINOVE, não sei. Então tem essa coisa assim "pra gente manter o nosso nome, seria legal que vocês estudassem, que você se formassem bons profissionais", aquelas provas que tem entre os vários cursos de Medicina então a gente teve a prova progresso, por exemplo, aconteceu faz um tempinho, então eles falam assim "vão fazer a prova, e façam a prova direito, porque depois esse resultado é comparado com o de outras escolas" Tem muito essa questão de manter o nível da escola assim...

p - essa coisa como se fosse uma família, algo como uma "família UNIFESP".

e - é, é, acho que não tem muito essa "família UNIFESP" é mais a tradição da Escola Paulista de Medicina, de quando a Escola Paulista ainda não era UNIFESP, então tem uma briga, tem uns professores que não gostam da questão UNIFESP, mas tem muito isso de "vamos manter lá a gente sempre como uma das melhores escolas assim".

p - a EPM?

e - sim, a EPM, a UNIFESP acaba não sendo um discurso forte.

p - você nasceu em Londres então?

e - foi quando minha mãe estava fazendo pós doutorado.

p - e logo depois você já veio para cá, não chegou a residir lá?

e - é, meus pais e meu irmão foram pra lá pra minha mãe fazer pós-doutorado, dois anos, dois e pouco e aí eu nasci no finalzinho, fiquei 6 meses só.

p - mas você tem a dupla cidadania?

e - não tenho, porque na época que eu nasci você teria que escolher uma das duas, quando eu fizesse 18 anos eu precisaria escolher, mas como eu morei pouco tempo lá não era uma escolha, provavelmente eles não me dariam a de lá, então eu sou brasileira.

p - você estudou sempre na mesma escola ao longo do ensino médio ou você chegou a trocar de escola?

e - ensino médio eu fiz todo em uma escola só.

p - e como era a escola? Como foi sua experiência escolar?

e - foi muito boa assim, toda a minha experiência escolar antes de chegar na graduação foram bem positivas, eu fiz ensino médio na FAAP, aqui a FAAP é faculdade e lá em Ribeirão ela tem pós-graduação e ensino médio, era uma escola bem nova, então estava no segundo ou terceiro ano, não era tão forte assim a tradição, mas eles pegaram professores de uma escola que já era bem estabelecida e a estrutura da FAAP era muito boa, então era tudo muito moderno, tudo muito bonito, e vários amigos meus foram pra lá.

p - isso depois do ensino fundamental?

e - isso, do ensino fundamental, vários amigos que fizeram até o pré-zinho comigo foram para a mesma escola de primeiro ano a nono ano, e aí depois pro ensino médio eles se dividiram em duas escolas, entre a FAAP e uma outra, e aí a maioria foi pra essa FAAP e lá tem essa questão do vestibulinho, eu valores de desconto assim e acabei indo pra FAAP e eu gostei muito, foi uma experiência muito boa.

p - você também frequenta bastante coisas da cena cultural, eu gostaria saber o que você costuma ler de livros?

e - durante a graduação eu não tenho muito tempo pra ler, fora da graduação assim eu estou acabando um livro que eu to lendo agora é um livro do Mia Couto, o que eu li recentemente...

p - mas pode ser algo assim de uma maneira geral, seu gosto por romances ou o que você costuma focar geralmente quando você lê, o que surge forte pra você?

e - é que como eu sai do terceiro ano não faz muito tempo, segundo e terceiro ano a gente fica muito tempo lendo livros focados pro vestibular, eu nunca fui tanto de conseguir conciliar minhas atividades de educação assim com um livro fora, então fiquei muito tempo lendo o que era dado na escola, então segundo e terceiro ano muita literatura brasileira, no terceiro ano tinha um Mia Couto por causa da UNICAMP, mas agora que eu entrei na faculdade, eu não tenho assim uma coisa em específico. Eu sempre fui aberta, eu sou uma pessoa que quando as pessoas dão sugestões, a pessoa diz "eu li um livro muito muito bom", então eu vou nessa.

p - você se interessa?

e - é, independente de ser literatura brasileira ou não.

p - você também marcou que você frequenta mais o cinemark e você costuma frequentar também os cinemas menores, como ITAU Cultural, BA. Eu queria que você me contasse como surgiu esse gosto por essa cultura diferente.

e - um lado mais B assim...

p - isso.

e - a minha mãe sempre me levou muito ao cinema, então era uma atividade muito mãe e filha assim e quase todo final de semana a gente ia e lá em Ribeirão não tem na verdade esses cinemas mais alternativos, tem cinemark e cinépolis, a gente sempre viu filmes normais assim...

p - blockbusters?

e - é, muito filme de criança, mas sempre que aparecia algum filme... cinemark e cinépolis também eles trazem alguns filmes que estão fora do circuito clássico, ela sempre gostou de me levar, então ia passar um filme iraniano a gente ia ver, um filme argentino a

gente ia ver. A gente ia bastante, daí quando eu vim pra São Paulo, eu gosto muito da reserva cultural ali na Paulista, então eu tenho muito essa coisa de gostar de filmes que não vem tanto para o circuito clássico, só que um filme ou outro que vem eu vou no cinemark assistir, porque também esse filme não passa na reserva cultural. O que eu acho difícil é que eu fico bem dividida assim, então estou sempre procurando o que está passando na reserva, mas o cinemark é do lado da minha casa, então.

p - entendi, mas querendo ou não você tem um gosto muito forte por essa cultura alternativa mesmo.

e - tenho, mesmo netflix e essas coisas assim eu to sempre procurando algum filme diferente, sempre tive isso desde de pequena.

p - e aí você fez 10 viagens internacionais, algo te marcou nessa relação com a sua escolha da Medicina especificamente?

e - acho que não, é que a gente viajava bastante porque minha mãe vai a congressos, então a gente foi sempre de acompanhar muito minha mãe.

p - me parece relacionada a ideia da Medicina com isso.

e - é, mas nada muito específico da carreira eu acho.

p - além do violino tem alguma outra coisa que você praticava fora os estudos?

e - esportes assim, mas de instrumento musical era o violino, e esporte eu fiz natação por muito tempo, eu gostava muito de vôlei, que eu comecei a fazer quando eu entrei aqui na faculdade, mas era mais isso.

p - e quando você começou a fazer o vôlei como foi sua recepção com o pessoal da atlética? Foi tranquilo, era um ambiente aberto?

e - eu fui bem recebida assim, eu não tive nenhuma questão de trote, então eles não agressivos, mas tem uma questão muito forte de você precisa vir a todos os treinos, você precisa estar presente sempre, então isso eu achava difícil sempre e foi até por isso que eu saí, são 4 treinos e você não pode faltar, e como eu sou de fora, então sábado, tem

treino no sábado de manhã por exemplo, eu quero voltar pra minha casa lá no interior, ou tem um treino que vai até às 10h da noite, pra mim é estranho voltar pra casa, eu penso assim, eu tenho que estar em casa mais ou menos umas 6h porque ficar até as 10h aqui pra mim é muito, então tem essa coisa muito forte de dedicação.

p - mas de resto de recepção do pessoal, de se sentir integrada, no vôlei?

e - eles, é que eu não me sentia tão integrada porque nem com as meninas da minha sala que treinavam eu tinha tanta amizade, como as pessoas fazem amizade muito rápido e eu não fiz tão rápido, eu ficava meio sem jeito e tive um pouco de vergonha assim, mas as veteranas me receberam bem, mesmo quem era meu sexto ano, sexto ano sempre tem que receber os calouros e eu fui bem recebida.

p - tem mais alguma coisa que você ache importante me dizer em relação ao curso de Medicina, que você julgue importante, que te ocorra agora ou que você gostaria de falar.

e - eu tenho uma coisa, mas eu acho que não tem muito a ver com a questão da Medicina, mas é bem diferente da forma que eu fui criada, que é meu pai e minha mãe trabalhavam, meu pai também fez curso superior, mas quando eles foram lá pra longe que a minha mãe fazia pós graduação, meu pai já tinha largado mais ou menos o que ele fazia de curso superior, ele ficou lá trabalhando com algo que não necessitava de curso superior, então ele ficou trabalhando em uma loja de tapete, carregando tapete pra lá e pra cá, uma coisa bem manual assim.

p - ele foi apoiando sua mãe.

e - é, e quando eles voltaram o meu pai parou de trabalhar, então foi meu pai que me criou em casa, então aquilo da dona de casa clássica era meu pai, era meu pai que me levava na escola de manhã a pé, ele quem me buscava, meu pai sempre fez a comida em casa, almoço e janta, meu pai que sempre limpou a casa e fez supermercado, então era

assim o oposto à aquela família, clássica, então minha mãe passava o dia inteiro trabalhando na faculdade, ela sai de manhã e volta a noite, e meu pai ficava comigo assim, então minha criação mais próxima foi o meu pai. É que não tem muito a ver com a Medicina, mas é uma coisa que me impactou muito assim, acho que muito do que eu sou tem a ver com isso, com essa decisão dos dois, do meu pai ficar mais próximo e minha mãe...

p - do seu pai de abrir mão da carreira e apoiar sua mãe.

e - eu não sei se era porque minha mãe já tinha ido mais longe na carreira, então minha mãe estava com pós doutorado, eles resolveram fazer esse acordo, eu nunca perguntei muito assim o que acontece, mas aconteceu, meu pai passou a cuidar de mim no dia a dia, passou a cuidar da casa no dia a dia e cuidar da minha mãe, e minha mãe ficava fora. Pra mim, pro meu desenvolvimento enquanto pessoa assim foi muito importante.

p - faz sentido até porque você se projeta muito na sua mãe, e você via sua mãe como uma mulher do mundo do trabalho, você não cresceu tanto com essa limitação do universo feminino preso dentro de casa.

e - e é engraçado que a minha mãe tem esse modelo muito forte da mulher que sai de casa, mas o meu pai também é um modelo muito forte assim pra mim, sabe? A gratidão que eu tenho pelo meu pai também é muito grande, e acho que muito do meu jeito ficou parecido com ele, exatamente porque a gente ficava o dia inteiro juntos, e eles são bem diferentes de personalidade, mas foi bem importante assim, acho que mesmo pra questão da cabeça dessas coisas do que eu acho de machismo, nunca foi explicitado na minha casa, e tem muita coisa de machista na minha casa mesmo com essa disposição, mas eu acho que foi bem importante pra minha formação, formação da minha cabeça.

ANEXO 15 – ENTREVISTA COM ALUNO 37

Pesquisador - eu gostaria que você me contasse como surgiu seu interesse em cursar.

Entrevistado - eu acho que é desde que eu era pequeno, eu tenho um tio que é médico, eu acho que eu via ele como ele trabalhava e tudo, ia no médico, e gostava do ambiente, acho que foi por isso. E cuidar das pessoas.

p - e você tinha esse seu tio que era médico, qual era a especialidade dele?

e - meu tio é ginecologista.

p - e você acompanhava o trabalho dele as vezes?

e - é, quando eu ia no pediatra.

p - ah entendi, e foi daí que veio esse contato?

e - sim, quando eu era pequeno eu ficava doente fácil, então passava muito tempo no pediatra.

p - mas muito doente fácil por conta do que?

e - ah gripe, coisas simples.

p - coisas corriqueiras?

e - sim.

p - e você nasceu em El Salvador e cresceu lá?

e - sim, e cresci lá.

p - você mudou pra cá quando?

e - quando eu comecei o curso aqui, faz um ano e meio mais ou menos.

p - e aí você também aprendeu a falar português aqui.

e - não, eu tive que aprender lá

p - você fez um curso de português?

e - fiz um curso.

p - você é super jovem e também não fez cursinho?

e - não.

p - você prestou direto?

e - primeiro prestei pro México, depois prestei pra cá e passei aqui, mas fiquei um tempo no México.

p - você fez quanto tempo de Medicina no México?

e - fiz um semestre, eu tinha ganhado meia bolsa lá, e para aqui eu ganhei uma bolsa completa.

p - então aqui por conta da bolsa você mudou pra cá?

e - sim, e aqui eu tenho família, no interior, então fica mais fácil.

p - e onde mora sua família no interior?

e -

p - cidade da

e - sim, são quatro horas de viagem mais ou menos.

p - você sente algum impacto de ser estrangeiro na UNIFESP?

e - não, tranquilo.

p - eu tava vendo que você também nunca se sentiu coibido de falar e etc.

e - não, tranquilo.

p - e aí você mora aqui perto em uma república.

e - é, em uma república, 10-15 minutos o caminho.

p - e como está sendo essa experiência da república?

e - ah é legal, da pra ter mais relação com os amigos, acho que na terça ficamos toda a madrugada jogando cartas, baralho, tipo qualquer coisa assim, é melhor que ficar tipo... no começo eu morava sozinho, era ruim, voltava pra casa e não tinha nada pra fazer, e aí na república por vezes tem alguém jogando, tem alguém fazendo alguma outra coisa, e aí você vai lá...

p - você não se sente só.

e - é, também na hora da janta, tipo você está cozinhando mas também está todo mundo na cozinha.

p - eu estava vendo que seus pais são os dois formados em administração.

e - é.

p - e na geração dos seus pais, parece que isso dá um salto, apesar dos seus avós já terem curso superior. Parece que tem 15 pessoas formadas

e - é.

p - e na sua geração também, 8 pessoas certo?

e - sim todos os meus primos são formados, ou estão na faculdade, não tem nenhum que não esteja, acho que só tem um que não está na faculdade, está só trabalhando.

p - e de médico na sua família só esse seu tio?

e - sim, só tenho ele.

p - seus avós eram professores, certo? Você lembra do que eles eram professores? Do ensino fundamental, do ensino médio... ainda que eu imagino que fosse diferente lá.

e - sim, é diferente, esse que é o problema, mas acho que a maioria eu acho que era ensino médio.

p - você lembra a especialidade deles?

e - um deles era matemática, o avô paterno... e os outros eram tipo ciências, ciências e linguagem, só não lembro qual.

p - e você também estudou em El Salvador sempre em escola particular?

e - sim, sempre em escola particular.

p - desde o fundamental até o médio, e ela mais próxima do centro

e - sim.

p - e como era a sua experiência nessa escola? Você chegou a trocar de escola ou você teve uma trajetória na mesma escola.

e - eu troquei mas quando eu tinha tipo 5 anos, eu fiz tudo em uma escola só.

p - e como era a escola? Era uma escola boa? Como você sentia o clima?

e - era uma das melhores do país, só que ela era bem disciplinada, você tinha que fazer tudo certinho.

p - ela era bastante rígida?

e - sim, era rígida, mas é melhor, porque você entra na faculdade você já está meio que acostumado.

p - sim, já está habituado com aquele jeito de lidar com as coisas, dessa rigidez escolar por assim dizer...

p - eu vi que você lê bastante, está acima da média dos alunos da Medicina.

e - é.

p - e o que você gosta de ler geralmente.

e - ah depende, eu vou na livraria, tipo não tem alguma coisa específica, eu vou na livraria procurar qualquer coisa, se eu acho

alguma coisa que eu gosto, eu compro, não tem uma coisa específica.

p - mas tem algum tema recorrente pra você?

e - tipo novela (romance), estava lendo Game of Thrones, só que eu tive que parar no começo do primeiro semestre.

p - por conta de matéria e etc?

e - é tipo começou a ter muita matéria e eu tive que deixar de lado, mas quando eu voltar pro meu país eu vou aproveitar e ler o livro.

p - colocar a leitura em dia, é muito comum pra você essa coisa da leitura? Você cresceu com isso?

e - ah eu aprendi mais que tudo nos últimos... É porque na escola você tinha que ler 4 ou 5 livros, a cada 3 meses, porque tinha um espanhol, outro em inglês e por vezes algum professor de história falava "vamos ler essa história", e sempre ia acrescentando em algum lugar.

p - então você já tinha essa vivência de leitura mais acadêmica, e esse hábito de leitura mesmo.

e - então depois que sair da faculdade, meio que pra continuar, continuar pegando livros.

p - e você diria que seus hábitos culturais mudaram depois que você entrou na UNIFESP?

e - acho que alguns deles mudaram, porque a cultura é um pouco diferente.

p - mas você diria o que mudou? De leitura e lugares que você costuma frequentar?

e - ah de leitura não muito, tipo só que antes eu falava "vou ler o livro em duas semanas", e eu conseguia certinho, só que agora por causa do trabalho e tudo eu tenho que ir tipo postergando, vou lendo quando tenho tempo. Antes era só falar "vou ler em umas duas semanas", e tinha a escola mas dava pra dar uma ajustada, só que agora tenho que deixar tipo faço a prova e depois da prova aproveito pra ler um pouco e depois começa perto da prova tenho que deixar...

p - pra poder estudar pra prova, você tinha esse hábito de leitura como algo muito regulado e agora tá mais negociado.

e - sim, quando tenho tempo só.

p - e sobre suas leituras de jornais eu vi que você lê a época, a folha e o estadão.

e - é.

p - tem alguma razão específica?

e - principalmente eu gosto das notícias, só que eu vou fazendo sempre que estou a caminho de algum lugar, por exemplo estou indo pra algum lugar e no caminho vou lendo. Ou quando estou comendo...

p - geralmente online?

e - online, é.

p - a preferência pela folha, pelo estadão e pela época?

e - é que tem mais coisas atualizadas, que tem coisas mais novas.

p - eu vi também que você fez 15 viagens internacionais.

e - é.

p - você pode me falar um pouco disso? Como você fazia e porque?

e - o meu país é pequeno, então você tem a América Central que é bem pertinho de tudo, então os meus pais sempre que tinha feriado viajavam pra esses países. E também nos Estados Unidos, no México, tipo a maioria foi de turismo mesmo.

p - mas tudo aqui na América, você não chegou a ir pra Europa, ou Ásia?

e - tudo na América, ainda não.

p - eu não sabia que era tão fácil transitar assim pela América central.

e - é tipo a América central você... por exemplo, pra sair do meu país, você sai se você está no centro do país, três horas (de viagem) você já está fora pra qualquer lugar que você for, então nas férias meus pais gostavam de ir para outros países pra conhecer.

p - e de cursos extraescolares, aulas fora da escola, que mais que você fez? Além dos cursos de idiomas, eu imagino que você tenha feito inglês e espanhol...

e - espanhol é minha língua (materna) eu fiz inglês e português. Eu comecei francês e alemão, mas porque eu tinha que fazer prova para entrar aqui, eu estava aprendendo português e alemão ao mesmo tempo, então tive que deixar o alemão para estudar

principalmente o português. Estudava português quase todo dia, porque só tinha 6 meses então tive que fazer um intensivo.

p - e você tem algum domínio de alemão e francês?

e - francês foi faz tempo, aprendi tipo um ano, só que eu nunca usei então fui....

p - esquecendo?

e - é também o alemão, eu já esqueci quase tudo.

p - e de curso extraescolar, fora cursos de idiomas, o que você fez?

e - qual seria?

p - ah como qualquer outro curso você tenha feito, como kumon aqui no Brasil que é como se fossem aulas de reforço e métodos lógicos resolver exercícios de matemática, ou aula de música.

e - ah eu fazia aulas de reforço de física, principalmente física e matemática, e eu fiz curso de desenho, mas não era pra mim

p - e música você também nunca chegou a estudar?

e - eu tentei, mas não deu certo.

p - aí você falou também que houveram críticas quanto a sua entrada na faculdade por conta da sua mãe.

e - é, minha mãe reclamava, o que ela não gostava era que no meu país são 8 anos de Medicina, e ela queria que eu pegasse uma coisa mais tranquila, mais rápida, uma administração ou alguma coisa assim que em 4 anos você já está trabalhando, mas era principalmente pelo tempo, não por causa do tema, porque eu ia estudar muito.

p - e na pergunta sobre a pessoa que mais influenciou sua escolha no curso, você marcou seu pai, e quando eu perguntei como foi a escolha pela Medicina você mencionou seu tio, mas ainda assim a pessoa mais importante foi seu pai.

e - é eu acho que foi porque meu pai sempre me apoiou, minha mãe falava que não queria, mas meu pai sempre apoiou, ele me ajudou a buscar faculdade e tudo, então acho que foi principalmente por isso.

p - ele que deu esse apoio.

e - e minha mãe quando viu que eu tinha conseguido acabou aceitando, mas no começo ela dizia que preferia uma coisa mais rápida.

p - e porque você veio pro Brasil e não fez Medicina em El Salvador?

e - porque lá são 8 anos.

p - e aí o diploma daqui vale lá também?

e - é, vale lá.

p - e aí a razão que te motivou você colocou o interesse pela área profissional, mais mesmo a atuação enquanto médico, me fala um pouquinho mais disso.

e - ah tipo, eu gosto de dar atenção dos pacientes e ajudando ele a melhorar, gosto de ver como eles vão melhorando aos poucos.

p - essa coisa de fazer pelo próximo então é uma coisa importante?

e - é, isso.

p - e você tem alguma ideia de especialização que você seguir?

e - eu quero uma área cirúrgica. Eu quero uma coisa mais ativa, não me vejo muito sentado no consultório só passando receita.

p - é algo mesmo prático de por a mão.

e - sim, algo prático.

p - e cirurgia você pensa o que? cirurgia geral ou alguma coisa específica?

e - no começo eu pensava em neurocirurgia ou pediatria, mas ainda não passei pelas áreas, mas no caminho eu vou...

p - ainda conhecendo outros caminhos, mas assim a neurocirurgia, porque?

e - porque eu já passei pela anatomia e outras áreas e a área que eu mais gostei foi o cérebro, tudo isso, então eu acho que por isso.

p - é o que mais te instiga então?

e - é, ver como tudo isso funciona, é meio complicado, mas é interessante.

p - então essa escolha mesmo foi por ter passado por outras matérias e essa parte de neurocirurgia foi o que te chamou mais atenção?

e - por agora é o que me despertou mais interesse.

p - e você tem alguma outra alternativa?

e - ah eu sempre gostei de pediatria, mas ainda não sei.

p - e os comentários dos professores? Você diria que eles tendem a valorizar alguma área?

e - como assim?

p - todo professor acaba valorizando a área que trabalha.

e - é cada um puxa pra sua área.

p - isso, mas você acha que tem uma área que é mais recorrente, por exemplo as pessoas falam muito dos cardiologistas, ou pessoal tem uma visão mais crítica sobre endocrinologia?

e - acho que não.

p - e como é cursar Medicina na UNIFESP pra você?

e - eu gosto, é meio puxado, as vezes tem um tempo pra relaxar, mas a maior parte do tempo é puxado, mas eu gosto é legal.

p - o clima com os alunos e a relação com os professores?

e - é, é tranquilo.

p - eu gostaria de saber como foi que você começou a iniciação científica.

e - eu ainda estou... começou esse ano, por enquanto já fiz o projeto e vou tentar mandar pra FAPESP, estou só esperando a burocracia.

p - mas com qual professor você está fazendo, como você chegou a esse professor?

e - eu fiz um curso, uma eletiva de sono, então eu conheci e depois, estou fazendo com dois, com ela e com uma de psiquiatria, então eu me reuni com ela uma vez só e ela me explicou as áreas, então ela me falou uma área que eu gostei e depois ela disse que ia chamar outra professora pra também ajudar os dois.

p - que é essa área de psiquiatria? Sono tem a ver com a área da psiquiatria.

e - é, mas é porque eu estou começando a investigar transtorno de estresse pós-traumático, então estou tentando ver.

p - e ela falou isso em aula na matéria que você fez e você começou com ela?

e - não, em uma eletiva, ela estava falando na eletiva e eu falei que queria fazer alguma coisa no sono, porque eu estava interessado, então depois de uma reunião ela me falou 7 temas, 7 áreas, e eu escolhi essa aí porque foi a mais interessante.

p - e como você soube de iniciação científica? Alguém te falou? Algum professor?

e - eu comecei a escutar ano passado.

p - de quem?

e - sobre iniciação científica mesmo, o tema.

p - mas quem falava disso? Os professores, os alunos?

e - meus companheiros.

p - eles falavam que era uma coisa legal do curso e importante? Pra trajetória acadêmica isso era importante?

e - é, e a maioria falou tipo que era melhor deixar para o segundo ano, que você já tem uma ideia das coisas.

p - e também esse contato pra começar a IC pra você foi super tranquilo.

e - é.

p - e você também falou que realizou extensão, não é?

e - sim, eu fiz abraços, você vai vestido de médico, e você tem ursinhos, e você vai tipo numa escola, então você interage com a criança, ele vira tipo pai, e o ursinho é o paciente, então você está atendendo o ursinho e você tem que fazer que a criança... tipo você vai vacinar ele, tem que fazer que a criança traga o ursinho, para criança perceber que o médico não faz mal.

p - é como se ela trabalhasse uma projeção?

e - é, projeção do ursinho neles.

p - e pra você como foi a experiência de fazer?

e - ah eu gostei da experiência, você via as crianças, no começo tinha criança que olhava a vacina, que não tem agulha nem nada, mas olhava e ficava com medo, mas com o tempo eles começavam a entrar na brincadeira.

p - me parece uma atuação bastante humanitária, a maioria dos cursos e de extensão são dessa maneira?

e - tem de tudo, a maioria deles são humanitários, também estou fazendo mentoria, no primeiro semestre fomos a um quilombo.

p - tem coisas mais voltadas pra áreas médicas? Como extensão de cardiologia e coisas assim?

e - tem ligas.

p - as ligas?

e - tem ligas de qualquer coisa, por exemplo cardiologia, daí depende, umas tem prática e outras é só teórica.

p - e elas contam como extensão?

e - conta, tipo agora estou em endócrino, todas as terças tem atendimento, e você vai lá, por exemplo endócrino tem alunos do quarto ano, um de terceiro e um de segundo em cada grupo, então o de quarto ano e o de terceiro vão fazendo exame físico e tudo, e no final tem um professor que avalia o que você fez.

p - que vai gerenciando?

e - é que vê se você fez tudo certo, e uma vez por mês você tem uma aula, assim você vai prático e teórico, outras são só teóricas as vezes.

p - e porque você escolheu a liga de endocrinologia?

e - eu gostei, queria saber principalmente por conta de diabetes, hipotireoidismo, são coisas comuns, são doenças que qualquer médico tem que conhecer.

p - e aí você também marcou que a divulgação de oportunidades estudantis é aberta, ampla, você vê bastante disso aqui?

e - é, tem bastante, acho que duas semanas tinha tipo uma reunião para ver quem estava interessado e tudo isso.

p - e como você soube dessa reunião?

e - a chegavam no salão e avisavam.

p - você estava num lugar e avisavam?

e - não, tem o centro acadêmico que eles avisam qualquer coisa dessas oportunidades.

p - você soube pelo centro acadêmico então?

e - é, eles mandaram por facebook, também no whatsapp.

p - e você faz parte da atlética?

e - eu faço.

p - e você também tem uma boa relação com o CA?

e - é.

p - e é tranquilo também, você circula pelos dois espaços numa boa?

e - é, é tranquilo, mas frequento a atlética, no CA tem um salão com um sofá, e eu moro aqui perto então para mim é mais fácil eu ir para casa.

p - e a atlética pela questão física.

e - sim.

p - e como é sua relação com a galera da atlética?

e - é tranquila.

p - e o que você considera uma boa trajetória para um aluno do curso de Medicina?

e - tipo acadêmica ou...?

p - acadêmica também, os professores costumam incentivar essa vivência mais acadêmica de pesquisa de você seguir um mestrado ou um doutorado?

e - tem professores que incentivam, outros não falam muito.

p - mas no geral você diria que a maioria?

e - acho que eles valorizam mais as especialidades, né?

p - mais uma atuação profissional então do que relacionado a essa área mais acadêmica da Medicina?

e - é.

p - e na sua imagem do que seria uma boa trajetória pra um aluno do curso de Medicina? Quais são as atitudes ou as oportunidades que você ingressa ao longo do curso que você acha que são positivas para um aluno do curso de Medicina?

e - como assim?

p - de fazer IC, extensão, quais são as melhores oportunidades?

e - acho que fazer IC é importante, porque você aprende a pesquisa, se você pensa em fazer mestrado e tudo isso você já tem uma prática, aqui pelo menos também é importante fazer liga, porque você vai

conhecendo as demais especialidades, você aprende um pouco de tudo, tem os cursos introdutórios, mesmo que você não entre na liga você vai tem uma semana de aula dessa especialidade, se você vai você conhece a área, sabe se gosta da área ou não gosta, e assim você vai sabendo o que quer fazer, vai experimentando de tudo um pouco.

p - e tem áreas que são mais procuradas do que outras?

e - eu acho que tem, tem por exemplo oftalmologia, ortopedia, cirurgia plástica, tudo isso...

p - tem mais alunos que buscam e é mais difícil de conseguir vagas?

e - é.

p - tem algum perfil de alunos que você costuma se engajar nisso?

e - não, eu acho que quem gosta principalmente.

p - quem tem a inclinação.

e - é.

p - dessa circulação de oportunidades? Como fica isso na sua república estudantil? Tem coisas que você comentou que ficou sabendo pelos seus companheiros que falaram de determinadas coisas, essa vivência acaba privilegiando isso?

e - como assim de oportunidades?

p - ah das diferentes coisas que acontecem, de IC que você falou que seus escutou seus companheiros dizendo que era importante, certo? Você acha que viver em república acaba privilegiando? Alias, você vive com outros médicos, né?

e - são alunos também, eu acho que você... pelo menos esse ano um deles está no centro acadêmico, então você aprende mais coisas, e tem uma pessoa da atlética, então você pegando informação de todo lado.

p - acaba sendo positiva então essa relação que você tem de morar com outros alunos.

e - é porque também tem um de sexto ano que vai se formar, tipo e qualquer dúvida você pergunta pra ele, você aprendendo também.

p - e teve alguma dica que esse veterano te deu e que você achou que foi importante?

e - acho que teve, mas agora eu não lembro.

p - e a convivência com eles é tranquila, com o veterano ele é sempre solícito pra te passar as coisas.

e - sim, ele é tranquilo.

p - e sua família em El Salvador vem de uma condição um pouco melhor socialmente falando?

e - é.

p - e aí nesse caso houve esse apoio pra você entrar na Medicina.

e - sim.

p - e mesmo com as críticas da sua mãe, seus pais viam como uma coisa boa você fazer Medicina?

e - é, ela gostava, só era por conta do tempo mesmo.

p - além de gostar eles tinham algum outro comentário sobre a carreira.

e - não, só sobre o tempo mesmo.

ANEXO 16 – ENTREVISTA COM ALUNO 42

Pesquisador - eu gostaria que você me contasse como surgiu o interesse pelo curso de Medicina?

Entrevistado - Bom o interesse meu pela Medicina vem digamos, da minha infância eu diria, porque eu sempre tive um relacionamento muito bom com meu pediatra, e sempre que eu precisasse de alguma coisa ou me sentisse um pouco mal minha mãe podia ligar pra ele e poderia contar com a ajuda dele, e sempre ele estando disposto ajudar a gente, então eu tenho ele como um ideal de médico, um modelo de médico, particularmente eu gosto muito dele, e também eu tenho um irmão mais velho que começou a cursar Medicina, quando eu tava terminando o ensino fundamental entrando para o ensino médio que também foi um fator importante pra mim.

p - seu irmão também é médico?

e - ele está estudando ainda, tá fazendo Medicina também.

p - e você já sabe qual especialidade ele vai querer seguir?

e - não sei mesmo, ele fala que tem muitas áreas que ele gosta muito mas não tem nenhuma ainda definida.

p - e qual a diferença entre vocês de idade?

e - de idade é 3 anos.

p - é pouca diferença, você estava mesmo entrando no médio e ele entrando no superior.

e - é pouco mesmo.

p - e pra você o que significou a entrada do seu irmão? Você já vinha cogitando Medicina por conta da relação com seu pediatra?

e - eu já vinha cogitando sim, e depois que meu irmão entrou, eu diria que ficou mais forte essa vontade, porque ele vinha e falava "fiz tal coisa, aprendi tal coisa, muito legal conhecer que tal doença começa assim" entender, as vezes a gente perguntava pra ele "to tomando tal coisa, o que você acha que pode ser?" aí ele falava, é isso, isso e isso, então fortalecia ainda mais o desejo que eu já tinha.

p - você entrou super jovem no curso.

e - entrei.

p - você não chegou a fazer cursinho, não é?

e - não, foi direto.

p - me fala um pouco como foi isso, você veio de escola particular, né?

e - isso.

p - e aí como era a vivência nessa escola? Era uma escola mais puxada?

e - eu geralmente falo pro pessoal que me pergunta como era que meu ensino médio foi um cursinho com provas, foi bem puxado, os professores que eu tinha de aula normal eram os mesmos que davam aula pro cursinho na mesma escola que eu estudava.

p - você sempre estudou nessa escola a vida toda?

e - eu troquei de escola no segundo ano do ensino médio, mas sempre foi a mesma até o primeiro ano, depois eu mudei por conta de eu ter percebido que a outra escola poderia me oferecer talvez um material melhor pra estudar, os professores eram melhores, e também a taxa de aprovação deles era um pouquinho maior, o que foi decisivo pra eu ter trocado de escola.

p - e quais eram as escolas?

e - nas duas particulares onde eu estudava um era sistema Objetivo, e a outra é sistema Anglo de ensino.

p - e isso aqui perto na saúde mesmo?

e - não, foi na minha cidade no interior

p - ah sim.

e - eu morei lá até antes de vir pra cá.

p - você só mudou quando entrou na UNIFESP?

e - sim.

p - e aí sua família é de lá.

e - sim, minha família é toda de lá.

p - e daí você foi do Objetivo pro Anglo se esforçou e nem precisou fazer cursinho.

e - sim, não fiz cursinho, não cheguei a fazer cursinho junto com o terceiro, porque tem gente que faz, não é? Do jeito que eu tava acompanhando eu não conseguia ter mais nada pra acompanhar, minha rotina de estudo era assim o dia inteiro na escola,

chegava em casa, chegava morto, tentava dar um tempo pra eu descansar e estudar um pouquinho o que eu conseguia ao longo do dia, se não tirava mais pro final de semana, era basicamente isso.

p - super puxado.

e - era puxado e tinha uma cobrança, tinha uma certa cobrança dos professores, não uma cobrança do tipo "você precisa passar", tinha alguns professores que até falavam "você não precisa passar, chegar no cursinho pra qualquer curso que vocês quiserem é muito normal, eu diria que é mais anormal uma pessoa entrar direto do que uma pessoa que faz cursinho" então me acalmava um pouco, mas tinha aquela pressão assim de nossa tem gente que está a não sei quantos anos no cursinho, vocês também vão querer fazer assim? Olha, teve fulano que passou direto, será que vocês também não querem ser assim? Estuda, sabe?

p - esse discurso do você se estudar pra passar era muito forte.

e - sim.

p - e com seu irmão foi como? Ele também entrou na Medicina seguiu mais ou menos esse mesmo plano?

e - sim, só que meu irmão não mudou de escola, meu irmão continuou na mesma escola.

p - no objetivo.

e - sim. Ele acabou entrando em uma escola particular, entrou na PUC, mas de qualquer forma ele tá super contente com o curso dele, passou direto, foi a alegria da família quando ele passou, um ano que a gente só falava praticamente disso.com qualquer pessoa que a gente encontrava na rua, e assim eu segui bem bastante o caminho dele, ele me dizia "olha, você tem que fazer assim, assim, assado" eu me inspirei muito no meu irmão no sentido disso, sabe?

p - no caminho dele durante a época de escola e vestibular?

e - durante a escola sim, ele falava "eu estudava tanto" então eu tenho que estudar mais ou menos o mesmo tanto que ele, eu sempre me espelhei muito nele nesse sentido.

p - e como ficou essa relação no curso de Medicina? Ele fala pra você coisas que são boas pra você fazer no curso, como "faz extensão que extensão é um caminho bom"? Ele te dá dicas nesse sentido?

e - uhum, as vezes eu já perguntei pra ele algumas coisas de matérias mesmo, "você acha que é importante saber isso ou aquilo"? E as vezes ele fala, como são cursos diferentes, "olha, eu nunca tive isso na minha vida". Porque algumas coisas aqui são muito mais aprofundadas do que lá, não querendo dizer se isso é bom ou ruim, mas é que assim, as vezes eu falo "você estudou potencial de ação, quais são os canais que tem no neurônio?" ele fala "não, eu só aprendi que acontece potencial de ação com neurotransmissão", então as vezes eu fico meio naquele negócio, sabe? Mas assim, de questão do que eu devo fazer no curso até certa forma eu evito conversar com ele pra não seguir tanto ele assim, pra ter uma formação diferente, mas eu também me espelho nele, por exemplo ele faz parte do departamento científico, ele começou a ver essas coisas e eu também procurei o departamento científico daqui.

p - o departamento científico que você diz é como se fosse IC?

e - não, é um departamento formado aqui na UNIFESP por exemplo, é formado por alunos que coordenam diferentes tipos de atividade do campus São Paulo, por exemplo eles coordenam, entre aspas, eles controlam informações de ligas acadêmicas, extensões, a gente tem alguns projetos pra ajudar os alunos como classificados de iniciação científica, que nem sempre é muito bem divulgado. Então eu tive uma grande atração por esse tipo de coisa que ele também fazia parte na universidade dele, não que isso também seja a mesma, as coisas que ele fazia eu também sinto vontade de fazer, mas eu não sei dizer se até certo ponto ele me influenciou ou não nisso, é mais uma questão de gostos bem semelhantes eu acho.

p - e você faz IC também, né?

e - faço.

p - e aí você recebe bolsa pela IC?

e - recebo.

p - e isso de você fazer IC veio também como sugestão do seu irmão?

e - meu irmão também fez iniciação científica, mas também veio de uma coisa mais minha, um amigo e eu estávamos discutindo um assunto x lá da cirurgia pediátrica, a gente formulou uma ideia e pensamos "vamos procurar um professor que possa tirar nossa dúvida? Aí a gente se juntou, foi procurando vários professores até que chegou em um professor que falou "vocês não gostariam de fazer uma iniciação comigo?" daí a gente gostou da ideia e estamos trabalhando nessa iniciação desde o final do ano passado até o começo desse ano.

p - foi bem precoce então sua entrada, porque geralmente outros alunos falam de entrar na iniciação no segundo ano.

e - foi, é que no final do primeiro ano, a gente chegou com a ideia e dissemos que estávamos interessados, ele disse "pensem na possibilidade", mas foi no segundo ano mesmo que a gente começou a ir atrás do projeto, pesquisar.

p - mas vocês já estavam mais inteirados do que a maior parte dos alunos.

e - sim, eu diria que sim.

p - e você e o seu amigo estão fazendo com o mesmo orientador.

e - sim

p - em qual área vocês estão pesquisando?

e - estamos pesquisando na parte de cirurgia, especificamente na área de cirurgia pediátrica, que é uma coisa que é em comum que a gente faz a liga de cirurgia pediátrica, então a gente tem um interesse meio em comum assim.

p - então você está também na mesma liga, do tema correlato com a IC

e - sim.

p - no seu questionário, na questão 64 quanto a facilidade de obter um professor orientador você marcou que você colocou que discorda totalmente de ser um processo simples e de fácil ingresso, mas você me contando me pareceu algo muito simples e natural.

e - é, que assim o processo de encontrar uma iniciação científica ao menos aqui no campus São Paulo, é muito difícil, a gente

tem um projeto de divulgar as oportunidades de iniciação científica que os professores ofertam para os alunos, mas uma coisa muito mal divulgada, então o aluno que tem que ir atrás do professor e nem sempre ele sabe o que ele quer. Por exemplo, eu gosto muito da área de biofísica, eu vou atrás de professores de biofísica, mas tem algum outro professor tal, que não dá aula pra gente e dá aula só pra outro curso que a gente não conhece, então é uma coisa que a gente tem que sair muito procurando, eu acho que é bem difícil de encontrar o professor. No nosso caso mesmo a gente passou por vários professores do ciclo básico que a gente tinha aula, alguns indicavam fulano ou ciclano e a gente nunca conseguia chegar nessas pessoas.

p - chegar em que sentido? Você enviava e-mail e não tinha resposta?

e - a gente as vezes chegava e falava "a gente tem interesse tal tal tal e tal" e aí ele falava "olha isso não é muito o que eu estudo, vai procurar com outra pessoa", aí a gente vai pra outra pessoa e ela fala a mesma coisa, a gente volta pra talvez a mesma pessoa, sabe? Daí a gente chegou em um determinado momento e falou "vamos perguntar na liga, porque como é uma coisa da cirurgia pediátrica talvez lá o pessoal saiba", aí só depois que a gente teve contato com a liga que a gente conseguiu encontrar nosso orientador.

p - entendi, então foi bastante INTERMEDIado pela liga.

e - foi.

p - o seu orientador também não dá aula pra vocês?

e - ele só dá aula lá pra frente no quarto ou quinto ano.

p - e quanto aos outros alunos do curso você diria que eles estão cientes de IC e etc ou isso vem em outro momento?

e - eu acho que eles estão cientes que é importante fazer iniciação científica, mas eu não sei até que ponto o pessoal acha que assim, iniciação científica é uma coisa necessária? Não necessariamente, assim sabe? É uma coisa que você tem que aprender e fazer um crescimento individual, penso na iniciação desse modo, mas muita

gente pensa em fazer só pelo currículo, sabe? Então eu acho que as pessoas têm ciência de que é importante fazer, as vezes não sabe o real porque que você deve fazer, e muitas vezes se perde nesse meio caminho de ter que encontrar um orientador pra fazer a iniciação.

p - a IC mesmo é muito forte dentro dos discursos dos professores da UNIFESP.

e - eu imagino que sim, eu imagino que seja forte sim, só que é difícil encontrar um meio de um aluno ir até o professor, bem como do professor ir até o aluno.

p - mas pra esses alunos saberem que iniciação científica existia, você tinha a base do seu irmão ingressou antes de você e te deu um toque quanto a isso.

e - deu.

p - a sua ideia de fazer IC foi precoce, mas pros outros alunos você acha que esse acesso acaba sendo mais tarde? Mais ao longo do segundo ano?

e - olha, eu diria que bastante pessoas da nossa turma, faz iniciação científica comparado com o que eu imaginaria que fosse. Tanto que a gente conversa com os outros e fala "eu estou enrolado na minha IC, to fazendo tal coisa e tal" aí a pessoa fala "nossa na minha também", e você nem imaginava que a pessoa faria, sabe? Então eu acho que teve bastante gente da nossa turma que teve sim, inclusive por estímulo de um professor ou outro que falava "olha gente se alguém quiser iniciação científica me procura, procura o nosso departamento que tem bastante oportunidade", então eu diria que está melhorando, mas ainda assim é difícil encontrar.

p - você também tem trabalhado ativamente nisso.

e - sim.

p - nessa questão da democratização das oportunidades por assim dizer...

e - é, podemos dizer que sim.

p - e me fala da sua relação com a liga, você entrou na liga e lá que você conheceu o professor que você fazia IC, e como é que foi pra entrar na liga?

e - a entrada da liga aqui para nós, vou ser sincero que eu entrei nessa liga um pouco desesperado porque todo mundo tava fazendo liga e eu não, o único curso introdutório que tinha aberto era o de cirurgia pediátrica, e eu falei "vou encarar" porque eu não sabia se era cirurgia que eu queria, e eu gosto muito da área de pediatria por causa do meu pediatra. Talvez eu consiga tirar o medo, perder aquele estereotipo que eu tenho de cirurgia, de sangue essas coisas e encarar um pouco a área de pediatria que eu acho que é uma área que eu gostaria de seguir mais pra frente. Aí aqui o processo de entrar na liga é fazer um curso, faz uma prova e você entra na liga.

p - não tem entrevista nem nada, é só fazer a prova

e - não, não tem entrevista, é mais o critério objetivo da prova. Tinha uma questão subjetiva mas eu não sei até quanto isso foi avaliado.

p - se isso valeu pontos.

e - sim.

p - e qual era a questão, você lembra?

e - era uma questão "qual era o seu interesse de entrar na liga", era uma coisa bem subjetiva e bem genérica, o meu era algo muito complexo eu diria.

p - e você também faz extensão não é?

e - faço.

p - me fala um pouco da ou das extensões que você faz ou fez.

e - eu participo da extensão do abraços, agora eu sou da diretoria, mas ano passado eu era membro só. É uma extensão que a gente vai no hospital e conversa com os pacientes como se fosse pra tirar eles do "ambiente de sofrimento" do meio hospitalar, porque a pessoa fica lá, fica só pensando na doença, o enfermeiro vai lá, dá agulhada, vai dar remédio, e as pessoas querem mais conversar e aqui como é um centro de referência pra muitas doenças, sempre tem gente do nordeste ou do norte que não tem contato nenhum com a família, então a gente tenta levar os alunos que participam do projeto, vai até os leitos e conversa um pouco com os pacientes para

tirar eles do climão do hospital e o estresse. E como eu gosto muito dessa área de você ser empático, de você entender o que o paciente precisa, e como eu tinha uma certa dificuldade de comunicação no primeiro ano porque eu era muito tímido, ainda sou um pouco tímido, mas deu uma boa melhorada com o projeto, com outras coisas que eu fui desenvolvendo ao longo do ano, achava muito importante ter esse contato cedo com as pessoas e sem ser aquele negócio, vamos fazer uma anamnésia, vamos fazer uma entrevista sobre sua doença? Não, chega lá e começa conversar sobre outras coisas, pra deixar mais tranquilo, tem história de paciente que chegou a chorar, agradeceu e disse "olha, você ajudou muito a gente" obrigado por ter vindo, sabe? É uma coisa que me recompensa muito nesse sentido assim, esse lado humano.

p - esse foi um fator forte na sua escolha pela Medicina?

e - também.

p - porque me parece um pouco relacionado com pediatria essa coisa do cuidado.

e - sim, é justamente por isso, eu penso muito no médico como uma pessoa que cuida, não uma pessoa que sabe, tanta gente que pensa "tem que ser isso, porque vou fazer tal coisa vou salvar a vida da pessoa", teve uma frase de um professor do primeiro ano que me marcou muito que foi assim: "as vezes nem sempre a cura é possível, mas você consegue amenizar a dor do paciente", então eu gosto muito dessa frase porquê de certa forma marca, e assim nem tudo você consegue curar, então você tem que ser o máximo possível de empático, humano, pra entender o paciente, mas nem sempre você consegue chegar em um processo numa cura ou em um medicamento certo pra ele, mas sabendo que você fez o melhor que você pôde pra ele, eu acho que isso é a coisa mais importante da Medicina.

p - e como você chegou no abraços? Como você conheceu? E você também colocou no questionário que é difícil de chegar, você discorda dessa facilidade de acesso.

e - é, eu discordo porque assim, a gente tem logo que a gente entra aqui na faculdade na

semana de calouros tem uma feira de extensões, todas as extensões montam estandes, e se apresentam, eu cheguei um pouquinho tarde nesse dia, então não cheguei a conhecer todas as extensões, e eu cheguei no abraços através do meu padrinho da faculdade, ele falou "olha, eu participo desse projeto, você não gostaria de vir em uma reunião?", aí eu fui em uma reunião, gostei e foi no que deu, eu gostei e continuei, sabe? Juntei uns amigos meus e a gente formou um grupinho pra fazer visitas nos hospitais, não é que a extensão é difícil de encontrar, mas não tem muito estímulo da extensão ir atrás de você, a não ser na semana do calouro.

p - é um contato inicial e acabou ali.

e - é um contato inicial, acabou por ali e você quem tem que ir atrás.

p - me fala um pouco desse padrinho e como funciona esse processo.

e - bom o padrinho eu diria que ele me ajudou muito, eu já conhecia ele antes, ele também é da minha cidade, eu conheci ele na minha escola digamos, eu entrei no segundo ano e ele estava no terceiro. Eu conhecia mais outra pessoa que era ligado a ele que era a namorada dele, aí a gente acabou se encontrando e conversando um pouco e antes de eu entrar aqui, ele já estava em contato comigo falando "olha, você está na lista de espera, você vai entrar aqui, né? Você vai vir pra cá, né?" então ele foi muito receptivo comigo e ele me ajudou em muita coisa no passado, ele me ofereceu moradia no começo, ele ofereceu material, se eu precisasse de alguma coisa eu poderia contar com ele, foi uma pessoa sensacional comigo, eu acho que eu não tenho palavras pra me expressar o quanto ele me ajudou no passado.

p - mas é uma coisa da sua trajetória pessoal, não é uma institucional da UNIFESP.

e - sim.

p - aqui também tem mentoria, mas é outra relação?

e - é que mentoria geralmente é com um professor, e essa relação com meu padrinho é boa também porque eu já conhecia ele

antes, mas tem muito padrinho que chega apadrinha você, olha eu tenho esses materiais se você precisar de alguma coisa você me fala e acaba aí, sabe?

p - sim, mas tem então um projeto de apadrinhamento da UNIFESP?

e - sim, tem sim.

p - e como funciona?

e - bom, como eu já entrei com ele me apadrinhando então já foi mais fácil e eu fui direcionado, mas o que eu sei é que quando você chega na semana de recepção de calouros pra fazer a matrícula, eles tem alguns papezinhos, que eles perguntam antes pros alunos quem gostaria de ser padrinho de algum calouro e aí eles fazem um sorteio na hora, o calouro vem puxa o nome de uma pessoa, "ah então, esse é o seu padrinho, o contato dele é esse", e aí já faz um meio de comunicação entre os dois.

p - esse grupo que faz isso é quem? É o pessoal a Atlética, do CA?

e - olha eu não sei pra ser sincero quem coordena essa parte de apadrinhamento, não sei se é o CA, se é a Atlética ou se são os dois juntos.

p - ou se é só um grupo de alunos que faz isso.

e - eu imagino que seja talvez um grupo de alunos grande que não tenha nenhum vínculo entre uma coisa ou outra, porque a semana de recepção de calouros é coordenada por todos cursos daqui, da Atlética, do CA, da Bateria, o próprio pessoal do DCC já entra também, uma coisa bem conjunta.

p - e a bateria é separada da atlética?

e - é junto e separado ao mesmo tempo, uma coisa meio separada mas é junta eu diria.

p - algo como uma instituição própria, mas a relação entre os membros é boa?

e - sim, eu diria que sim.

p - você tem ideia ou preferência por alguma especialização?

e - eu gosto muito de pediatria, e agora que eu comecei a estudar tudo eu tenho interesse na parte de radiologia, e também por conta da liga e da iniciação, na cirurgia pediátrica, que não deixa de ser pediatria e cirurgia.

p - e o interesse pela cirurgia surgiu de onde, só pela atuação na liga?

e - olha, a liga me deu muito estímulo pra participar, eu ainda não me sinto muito confortável com o ambiente cirúrgico, mas eu acho que talvez isso seja uma questão de prática e conviver mais com o ambiente, mas o raciocínio que a liga me deu sobre clínica, sobre ciclo básico, foi bem decisivo pra eu falar que essa é uma área que talvez eu gostaria de entrar e me especializar, de conhecer melhor e me especializar.

p - mais pra pediatria cirúrgica ou essa área de radiologia.

e - sim.

p - e radiologia?

e - surgiu assim do nada porque eu sempre gostei da área de radiologia, sempre tipo imaginava porque muitas vezes a pessoa chega e fala "eu tirei esse raio x do meu pé, eu queria saber o que tinha", então eu tinha curiosidade primeiro aquele negócio do que é o certo, o que está normal e o que não está normal e quando você deve procurar um médico. Eu comecei com essa ideia e ainda tenho essa ideia, aí eu fiz o curso pra entrar na liga de radiologia e eu conheci uma área da radiologia que ela entra no campo cirúrgico, e eu gostei muito dessa área, achei uma área bastante interessante, porque além de você ter aquela área de radiologia e exames de imagem, você também pode trabalhar com cirurgias, é um campo muito vasto pra se estudar, é uma área mais nova, sabe? Então eu gostei muito dessa área, e por isso eu gosto tanto de radiologia.

p - mas mesmo na radiologia parece que a gente volta pra área da cirurgia.

e - então eu estou muito dividido ainda entre clínica, cirurgia, e as vezes o pessoal até brinca que radiologia não é médico, porque só vê exame de imagem.

p - sério?

e - tem umas piadinhas bem maldosas de especialidades médicas.

p - de quais as especialidades mais médicas?

e - é, eles criam certos estereótipos, sabe? Algo como, o ortopedista ele é meio bruto, sabe? Radiologista só vê imagem, não gosta

de ver o paciente, então tem algumas coisas meio assim, então...

p - nesse sentido que você disse das próprias piadas, você acha que tem áreas que são mais valorizadas e menos valorizadas?

e - é difícil dizer na verdade, é porque eu levo esse negócio bem na brincadeira mesmo, então não acho que tenha muito a ver.

p - sim, mas as vezes não necessariamente algo relacionado a estereótipo, mas assim, são áreas da UNIFESP que são mais bem vistas e difíceis de ingressar?

e - eu acho que não, eu acho que as piadas que são feitas meio de alguns clichês que as pessoas criam, por exemplo "o cirurgião acha que é só cortar as coisas", são bem estereótipos mesmos, não é bem relacionado tipo de chegar até tal lugar ou da questão da especialidade mesmo.

p - mas pra além da coisa das piadas, tem áreas que são mais valorizadas ou áreas que as pessoas tendem a falar mal ou áreas que tendem a ser mais bem vistas, algo como "quero fazer cirurgia cardíaca porque é um ramo mais legal da Medicina" e que você vê que atrai muito interesse por elas.

e - eu acho que talvez tenha esse apelo, mas também pelo fato da remuneração, que é algo que conta bastante com relação da escolha de certa especialidade, porque por exemplo o pessoal fala de escolher cirurgia cardíaca porque todo mundo um dia vai ter algum problema no coração, alguma coisa entupida, pressão alta, qualquer coisa alguém um dia vai ter, então talvez seja... não sei se essa seria uma resposta para o que você está me perguntando.

p - sim, é algo conforme sua visão, mas você vê os alunos comentando sobre a especialização baseada no financeiro?

e - eu vejo que tem algumas coisas assim, mas eu não acho que seja muito prevalente, conhecendo as pessoas com quem eu ando e converso, eu não diria que remuneração é o essencial, eles pensam também, mas não é o primeiro ponto a ser levado em consideração.

p - e qual seria o primeiro ponto a ser levado em consideração?

e - olha na minha opinião é você gostar ou não da carreira, porque se você gosta você faz o que você quiser e leva isso como prazer e consegue atingir o que você quiser.

p - acaba não sendo algo que onera.

e - é.

p - e os outros alunos também costumam colocar nesse sentido?

e - imagino que sim, pelo que eu conheço, eu acho que não é uma coisa que seja heterogênea entre as pessoas, acho que é mais homogêneo mesmo do grupo ter esse posicionamento.

p - e como é sua relação com os outros alunos e professores do curso, como você se sente em relação ao curso de Medicina?

e - olha, com relação aos alunos por conta da turma ser grande, eu acho difícil a gente criar um bom vínculo com todos da sala, acaba formando meio que panelinhas isoladas das pessoas, o que acaba sendo até inevitável em um curso que tem um número de alunos tão grande, e os professores eu acho que é um pouco difícil fazer um vínculo com o professor justamente pelo número de alunos também que é difícil, mas por exemplo se você chegar no professor e dizer "eu tenho uma dúvida tal, gostaria de conversar e discutir tal coisa" muitos professores se dispõem e falam "olha, passa na minha sala no meu departamento, eu to lá tal horário, me contata" alguns passam até whatsapp "se você tiver alguma coisa pode falar comigo",.

p - eles são bem solícitos.

e - sim, e de relação a postura entre eu e o professor eu tento sempre manter o máximo de respeito, entre eu e a pessoa do professor, eu imagino que ele me respeita na mesma medida em que eu o respeito, acredito que tem ser uma coisa bem mútua, dos dois lados.

p - e você diria que tem tipos de alunos que tem uma relação mais difícil com os professores ou algo assim?

e - é, eu imagino que as vezes algumas pessoas levam um pouco pro lado pessoal assim, sabe? "Aconteceu alguma coisa, eu não gosto desse professor", mas sendo sincero eu sendo um ser humano também

tenho disso com alguns professores, sendo bem sincero tem um ou outro professor que eu falo "nossa, não suporto aquela pessoa".

p - o que do comportamento dos professores, por exemplo seria um fator pra isso?

e - é que alguns eu vejo sim dificuldade, não é nem questão de didática, mas eu penso mais por uma questão de postura, por exemplo, algum professor se dispõe a fazer alguma coisa, mas no final das contas não fazem.

p - como o que? Me dê um exemplo.

e - por exemplo, "vou disponibilizar o material de estudos para vocês", não disponibiliza, aí a gente cobra de novo e aí "vou disponibilizar, não tem problema, só vou fazer tal coisa e já disponibilizo", não disponibiliza. Tem alguns professores que você vê que eles dão aula, e você vê que está meio forçado, sabe? Ele não dá aquela aula com aquele gosto assim, sabe? As vezes a gente entende que o professor tem dificuldade de passar aquilo, mas que ele está lá porque ele quer passar, sabe? E tem alguns que as vezes chegam lá e falam "gente, vocês precisam saber isso, isso e isso, tem alguma dúvida? Não? Tchau, pode ir embora", uma coisa muito curta e grossa, sabe? Não cria um vínculo legal pros alunos.

p - o que pra você é um ponto importante.

e - eu acho uma coisa importante, muito importante.

p - mas tem outros casos, de professores que acabam sendo machistas?

e - olha, eu acho que é muito difícil eu falar disso, primeiro porque eu sou homem então não tem tanto essas coisas de machismo, eu percebo que tem alguns pontos que os professores dão alguma alfinetada, então eu fico bem receoso de acontecer algo.

p - quais pontos por exemplo?

e - olha aconteceu uma coisa bem triste, num momento que um professor colocou algumas fotos de mulheres semi nuas, pra ter caracterização de... por exemplo, ele colocou que a pele é utilizada para ver, que a pele é a primeira coisa que a gente vê, então ele colocou isso. E não foi uma coisa muito legal, teve uma repercussão aqui dentro, tem

essa questão também, mas também tem um pouco de extremismo em alguns momentos.

p - os alunos acabam exagerando.

e - acabam exagerando, mas assim eu reconheço que existe também dentro da universidade essas coisas, a gente sabe que existe alguma coisa de abuso. Por mais que não transpareça, mas a gente sabe que acontece.

p - sua turma é a primeira turma de cotistas 50% na UNIFESP, e de comentários dos outros alunos veteranos e dos professores? Tem algum tipo de diferenciação, tipo você sente um tratamento diferente ou algum comentário nesse sentido?

e - não, com relação aos cotistas não.

p - nem com relação a sua turma por conta das cotas?

e - não vejo nada quanto a isso.

p - dos seus hábitos culturais e do que você gosta de ler e de fazer, teve uma mudança depois que você entrou na UNIFESP? Porque você veio do interior que eu não conheço pessoalmente, mas parece uma cidade pequena.

e - sim, não é tão pequena, mas também não é tão grande quanto São Paulo. Bom, eu devo ter respondido que eu raramente vou em teatro, raramente eu leio livro, é uma coisa que talvez seja cultural minha, que eu nunca fui de ler livro, ou frequentar teatro ou cinema, aqui em São Paulo eu tenho essa oportunidade mas justamente por não ter tido esse contato eu acho que não tenho tanto interesse, acho que manteve a mesma coisa.

p - eu queria saber se você já tem planos pra depois do curso.

e - planos pra depois do curso?

p - pra além da especialização nas áreas, o que você pretende fazer e se isso de alguma forma orienta sua atuação no curso.

e - olha, eu queria chegar em algum momento da minha carreira que eu pudesse, não largar tudo, mas é que assim, eu imagino que quando eu me formar eu tenha que ficar um tempo aqui pra eu me especializar e virar um bom profissional, mas em algum

momento da minha vida eu queria voltar pro interior, porque lá é um lugar mais tranquilo, eu gosto muito de lá porque a qualidade de vida lá é melhor, é um ambiente menos estressante, embora lá já esteja ficando um caos, mas eu ainda acho lá um ambiente aconchegante, é minha casa, não tem o que falar.

p - sim, acaba sendo cansativo, né?

e - eu conto os dias pra poder chegar um feriado pra eu poder ir pra casa, pra descansar, eu nem levo material de estudo, eu não vou estudar lá, não adianta eu levar.

p - a ideia então é se especializar e sair da metrópole pra um lugar mais tranquilo?

e - sim, eu tenho esse plano, talvez eu fique um tempo maior aqui pra fazer uma carreira mesmo, talvez eu intercale um pouco ficar lá e ficar aqui também, não descarto essa possibilidade de ficar nos dois lugares embora seja uma rotina um pouco mais cansativa e que demande mais, mas eu não descarto essa possibilidade.

p - sobre a distribuição de oportunidades no curso, você tinha me dito que era difícil de correlacionar essas coisas, você diria que tem grupos que aproveitam mais essas oportunidades?

e - com relação a entrar em contato com clínica e com iniciação?

p - com clínica, com liga, com IC...

e - olha eu acho que pessoas que estão na graduação eles tem contato direto com as ligas por que os próprios alunos divulgam entre si, agora com relação a extensão tem uma divulgação, tem alguma divulgação mas não é tanto como as das ligas. Eu diria que com relação à assim a entrar em uma iniciação científica, de procurar, algumas pessoas acabam tendo maior contato por conta de estarem em mais atividades, então meio que assim que você está em mais lugares você tem maior chance de entrar em contato.

p - você consegue fazer uma rede de contato maior com os alunos.

e - sim, mas eu não acho que tem um grupo que seja privilegiado especificamente por tal coisa.

p - direta ou indiretamente, pra além dessa questão mesmo do contato.

e - é, mais essa questão do contato mesmo de você estar em vários lugares, então você tem mais chances de ser selecionado aleatoriamente para ser chamado para tal coisa.

p - e a divulgação das ligas são feitas pelos próprios alunos?

e - são feitas pelos próprios alunos, uma coisa bem bacana mesmo, que as ligas são feitas por alunos.

p - eu não sabia, achava que eram coordenadas por algum professor.

e - então as ligas são feitas por alunos e coordenadas por um professor, mas quem faz a liga são os alunos.

p - as pessoas mais ativas então no trabalho são os alunos.

e - sim, é uma liga acadêmica feita por alunos e para os alunos, eu diria. Depende do preceptor para coordenar a liga, mas é mais pra ter um professor que supervisiona a liga, ele não precisa estar ativamente dentro da liga, mas é uma pessoa pra ficar como supervisor dessa liga, se acontecer alguma coisa o contato sou eu, mas quem responde as coisas são os próprios alunos.

p - me fala um pouco de como é feita a divulgação.

e - a divulgação tem vários canais, eu diria que facebook e whatsapp são os principais, mas tem muitos alunos que também vão nas salas e divulgam, "vai ter o curso de tal liga, é uma ótima oportunidade pra você aprender tal coisa, fazer tal coisa" geralmente quem divulga são ex membros que falam "eu aprendi a fazer tal e tal coisa, acho importante vai ter vaga disponível só pra vocês" tem todo um marketing em cima disso, é bem deles para os alunos mesmo, eles vão e procuram os alunos.

p - e tem ligas que são mais seletivas?

e - tem muitas ligas que são mais concorridas, então por isso eles acabam sendo mais seletivos.

p - sim, quais por exemplo são mais concorridos?

e - olha, eu acho que a liga do trauma, é um pessoal que vai muita gente, é uma liga muito bem elogiada e muito bem organizada, eu participei dela por um tempo, a de radiologia tem altos e baixos, algumas vezes tem muitos alunos e algumas vezes tem poucos, e depende muito da concorrência da liga dentro da própria semana, como o curso é feito durante a semana do pós aula, das 18h até às 20h mais ou menos, muitas ligas acabam fazendo semanas juntas, por exemplo, liga de x faz com a liga de y, aí divide os alunos entre os dois cursos. Mas acho que de polarização mesmo de uma liga ser mais atraente é pouca mesmo, é mais porque uma tem a fama, tem ligas que já estão na escola faz muito tempo e que são mais que o pessoal vai atrás. A liga de DST é uma bem antiga que o pessoal vai atrás. E geralmente tem algumas ligas também que só abrem pra um ano específico, por exemplo a liga de DST só abre pro segundo ano. Acaba sendo uma chance única de fazer, muita gente vai atrás, porque eles fazem durante o segundo, o terceiro e o quarto ano, é um ciclo bem comprido assim, que geralmente os alunos mais velhos ensinam os mais novos. Que é uma estratégia que algumas ligas adotam de ensinar de aluno para aluno.

p - e dos grupos da UNIFESP de Atlética e CA, você se enquadra em algum deles? você é filiado a algum?

e - eu não me enquadrei muito bem em nenhum dos dois, nem no CA e nem na Atlética, por isso eu acabei indo mais pra área científica que é a parte do DCC, do departamento científico daqui, porque eu nunca fui muito chegado em esporte e eu também eu acho super relevante as atividades do CA, as discussões que eles fazem, os debates sobre questões sociais, mas eu não me encaixo muito nesse perfil, se eu chegar em uma discussão eu sempre fico calado porque eu nunca sei o que falar.

p - e sobre a sua trajetória, como foi a recepção dos seus pais? Os dois são

engenheiros né? Como foi pra eles isso dos dois filhos fazerem Medicina?

e - foi super normal, meus pais foram super tranquilos e falaram "olha, a gente fez engenharia, a gente sabe das dificuldades, se você quiser ser engenheiro, seja, e se você quiser ser qualquer outra coisa, seja" meus pais sempre falaram que eu escolho o que eu quero fazer da minha vida e o que eu decidir se eu estiver contente está ótimo, nesse sentido eles foram muito abertos com isso.

p - e seu irmão também não fez cursinho, ele entrou direto, o problema também de pagar anos de cursinho nem chegou a surgir.

e - graças a deus não.

p - eu gostaria que você me falasse das três viagens internacionais que você fez, gostaria que você me contasse como foram essas viagens e os locais.

e - viajar fora é um pouco controverso, porque eu sou do interior então fica mais perto do Paraguai, então a gente vai pro Paraguai mais por lazer mesmo, fazer algumas compras e ir descansar, não é nada muito... a gente vai lá pra passar um tempinho mesmo pra fugir um pouco, passar um tempinho fora, andar um pouco, conhecer um lugar diferente.

p - as três vezes foram pro Paraguai então?

e - foram, pra fora do país sim.

p - e você fazia cursos também além das escolas de idiomas, e o que você fazia além do inglês?

e - eu fazia o curso de inglês e fazia curso de português e redação, porque eu sempre tive muita dificuldade com gramática, de escrever e redação eu acho uma coisa que acabou sendo necessária fazer fora da escola, porque a escola dedicava pouco tempo pra isso, dedicava um maior tempo no terceiro ano, só que eu senti que eu precisava treinar bem mais cedo.

p - Kumon?

e - fiz Kumon também de português e matemática, o de português não me ajudou tanto porque era mais de leitura dinâmica, ele me ajudou assim nisso de desenvolver o raciocínio muito rápido. O de matemática

também me ajudou muito, e me afastou da área de exatas, eu gostava muito de matemática até conhecer que a matemática pode ficar muito difícil e eu ia ficar preso naquilo o resto da vida, aí eu falei "não, definitivamente exatas não é uma coisa que eu vou querer fazer o resto da minha vida."

p - e com quantos anos você negou a matemática?

e - eu fiz dois anos de kumon de matemática, foi no terceiro ano do ensino médio.

p - você tava então bastante dividido.

e - eu tava bem dividido até o momento que eu conheci bem as coisas que eu ia encarar pela frente se eu fosse pra área de engenharia.

p - ah sim, então era entre engenharia e Medicina, por isso você comentou da fala dos seus pais.

e - sim também, eu tinha essa vontade de fazer Medicina, mas eu fiquei naquele negócio de "será que é o certo ou não é?", aí depois eu decidi mesmo que seria Medicina.

p - depois do kumon?

e - sim.

p - apesar do interesse pelo DCC, seu interesse mesmo na Medicina é mais profissional, você não cogita uma carreira científica...?

e - não, nunca veio, eu já cogitei a parte de cursar uma carreira um pouco pra docente, mas eu ainda não tenho isso muito claro na minha cabeça, eu gosto muito mais da área clínica, da atuação mesmo, mesmo assim eu não deixo de cogitar essa hipótese, é algo que está guardado.

p - é que a área de docência e pesquisa no ensino superior estão profundamente relacionadas.

e - sim, não dá pra fazer uma coisa sem a outra, por isso eu fico bem dividido.

p - tem mais alguma coisa relevante que você gostaria de me falar?

e - se eu for falar da área, eu entrei mas eu não tinha ainda certeza se era o que eu queria e eu fui cada vez gostando mais, eu acho que

é uma área que abriu muita coisa pra pensar coisas que eu nunca tinha parado pra pensar.

p - como o que?

e - tem muitas questões de empatia e de conseguir me colocar no lugar do outro que eu só consegui entender depois que eu entrei aqui.

p - na Medicina?

e - sim.

p - por conta das aulas?

e - não tanto por conta das aulas, mas mais das atividades extras que eu fiz, a abraços foi uma coisa que sempre me deixava contente de participar, tem muita coisa que a gente sofre e é sufocado, por exemplo carga horária gigante, prova atrás de prova, final do ano mesmo é uma loucura, hoje foi a última prova graças a deus. Aí assim, tem coisas que são muito recompensadoras mesmo, do abraços mesmo a pessoa fala "muito obrigado por ter vindo aqui, você me ajudou muito", to bem mais calma agora, sabe? É uma coisa que não tem como a gente expressar a gratidão, a pessoa veio e falou obrigado e a gente não fez nada, só conversou um pouco. Uma coisa que as vezes a gente acha trivial, que a gente acha que a pessoa faz com quem está no leito dela, teve caso que eu já até juntei as duas pessoas do mesmo leito, elas não conversavam, elas conversaram entre si depois. E daí outras pessoas foram lá falar, nossa melhorou elas estão conversando.

p - melhorou a saúde delas?

e - sim, teve casos de pessoas que foram e falaram "eu fui e visitei o paciente, quando eu voltei ele já estava do lado de fora do hospital, ele reconheceu a gente, conversou com a gente de novo" são coisas muito recompensadoras e que mais me anima assim na Medicina. Tem talvez esse lado de que a gente pensa "médico fica o dia inteiro no consultório, ele só trabalha" então tem muita coisa que a gente pode desenvolver dentro da Medicina, não só esse lado mais frio.

ANEXO 17 – ENTREVISTA COM ALUNO 46

Pesquisador - eu gostaria que você me contasse como surgiu seu interesse pelo curso de Medicina.

Entrevistado - então, desde pequena, não sei de onde, acho que talvez tenha vindo na televisão ou incentivo dos pais, eu gostava de brincar de médico, de ficar inventando nome de remédio, prescrevendo as coisas, eu tinha uma boneca que ela tinha uma roupinha assim de hospital, aí tinha o estetoscópio, a maletinha, eu sempre achava legal. Eu meio que sempre considerava seguir essa área, mas teve um momento da minha vida que eu fiquei em dúvida, se era isso que eu queria ou não porque sempre tem aquela visão geral que Medicina é um curso muito difícil, aí eu não sabia se eu era forte o suficiente para fazer o curso, se era isso mesmo que eu queria.

p - forte em que sentido você diz? De lidar com a vivência da Medicina em si?

e - é, porque eu fico pensando, você precisa ser uma pessoa forte, de fibra, que não pode desistir, se você tiver uma dorzinha você não pode falar "ah vou deixar de atender meus pacientes e vou pra minha casa" você não pode fazer isso, será que eu sou forte o suficiente para isso.

p - a questão do acesso ao curso e etc, isso então nunca foi um impeditivo? Em relação a dificuldade, porque o vestibular é um curso bastante concorrido.

e - assim, se for pensar acesso no sentido de sei lá... estudar para tentar passar, é isso?

p - isso, na minha época eram ao menos 5 anos de cursinho para entrar em Medicina.

e - eu fiz 5 anos.

p - é a média na verdade hoje pelo que eu tenho lido.

e - assim, varia, né? Tem umas pessoas que são muito inteligentes e conseguiram passar, eu conheço umas pessoas aqui que ficaram 4, 5 anos também, então demora bastante, mas nesse sentido não. Eu tive muito apoio da minha mãe durante todo esse tempo de cursinho para tentar passar.

p - e você me disse que sentiu dúvida, em algum momento você cogitou outro curso?

e - então, teve uma época que eu tava querendo Medicina, mas eu não conhecia nada, daí tinha uma feira de profissões na USP, e eu falei "ah, vou lá conhecer" e aí além da Medicina tinha várias outras coisas, e daí eu fui no stand de farmácia e tinha achado interessante essa parte de medicamentos, cosméticos e fiquei pensando... Mas daí eu vi que mexia com muita química, experimento, e eu gostava mais de mexer com as pessoas, então acabei de desistindo.

p - entendi, mas farmácia em nenhum momento foi um horizonte possível.

e - foi, já pensei em psicologia também, mas desisti, mas assim o que eu mais posso dizer que foi o que eu fiquei mais balanceada mesmo foi farmácia.

p - mas nessa área... digo, não sei dizer se farmácia é área da saúde, eu acho que é mas não diretamente, me parece mais algo das exatas na química.

e - sim, tem um pouco da bioquímica, eu gosto da bioquímica, mas sei lá...

p - não tem nenhum interesse, é pela Medicina mesmo.

e - é...

p - e teve algum fato ou alguma coisa que fez você decidir por Medicina, dizendo "não, vai ser Medicina mesmo".

e - ah então, tem uma coisa bem idiota, não sei como teve uma época que falavam dessa série Grey's anatomy, aí no site do Terra tinha grátis essa série, daí eu comecei a assistir e comecei a adorar. Aí eu achava super legal a vivência e aí não sei como isso acabou me influenciando e eu falei "não, é sofrido, é difícil, mas é isso que eu quero"

p - eu vou perseverar.

e - isso.

p - e contato com médicos ou algo do gênero não foi presente na sua decisão? Você conhecia algum médico que você

conversou? Alguém que te inspirava? Alguma figura desse tipo?

e - eu cheguei a conversar com alguns médicos pra saber como era a rotina, mas não foi uma influência muito grande.

p - não era um contato pessoal?

e - é, não, era só mesmo fui na consulta e "ah, então como é a sua rotina" e aí ele falava um pouco que era e eu tinha um pouco de ideia "ah, então pode ser que seja possível, né?".

p - sim, algo como "se enquadra nos meus desejos pessoais essa carreira".

p - e na pessoa mais importante para a sua escolha pelo curso, você marcou sua mãe, eu gostaria que você me falasse um pouco mais disso.

e - então, ela não influenciou diretamente, mas ela sempre me apoiou, e aí como ela não estudou muito, ela sempre fez muita questão de que eu e minha irmã estudássemos. Ela "não, vocês vão fazer uma faculdade" e tal e quando eu disse que eu queria Medicina, ela resolveu em apoiar bastante, então durante todo esse tempo de cursinho e de frustração e de tentar e não conseguir nas provas ela sempre "não, tudo bem, a gente vai tentar mais um ano, eu pago pra você, uma hora você consegue" então foi por isso assim, esse apoio dela foi muito importante.

p - essa boa vontade de se manter com você e ajudar no seu período de cursinho. E sua irmã é mais velha?

e - não, mais nova.

p - ela ainda está no...

e - está fazendo faculdade.

p - ah, e qual curso?

e - está fazendo odontologia.

p - também relacionado... Digo, na área da saúde.

e - sim, ela não foi como eu que tive momentos de dúvida, ela sempre quis odontologia.

p - sim, e do que eu estava vendo, é na sua geração que há esse salto para o ensino superior na sua família, não é?

e - é assim, pensando em família núcleo, mãe, pai, irmão, sim. Pessoas e parentes que tem nível superior, eu não tenho muito

contato assim com a minha família, mas eu tenho um tio que fez direito pela UFPB. Aí eu tenho um primo que acho que ele começou a faculdade de jornalismo, mas não terminou, então assim, pessoas formadas de fato e com o diploma em mãos, não.

p - entendi, para sua mãe deve ter super um orgulho, você entrar em Medicina.

e - nossa muito, ela fica lembrando o dia que eu passei até hoje.

p - e aí seu pai era metalúrgico.

e - isso.

p - e como era essa relação com seu pai? já que a área da metalurgia tem uma relação muito forte com sindicatos, e etc? Isso de alguma forma foi horizonte pra você durante a sua infância? Esse tipo de convivência em alguma vertente política ou algo do gênero?

e - nossa, não. Na verdade eu não tenho muito contato com o meu pai também, e o meu pai ele não estudou muito, então acho que essa noção do sindicato, defender a categoria, ele também não tinha tanta noção disso.

p - seus pais são separados?

e - não, eles moram juntos, mas eu tenho mais contato com a minha mãe...

p - mais proximidade, assim?

e - isso. O meu pai ele é mais distante assim, acho que até por criação mesmo, sei lá a geração dele.

p - o jeito as vezes, a gente sempre acaba se identificando mais com alguém da família.

e - é.

p - e sua família é do interior de São Paulo também?

e - então, não, eu nasci nessa cidade, minha mãe é do interior.

p - interior de São Paulo?

e - isso, a cidade dela é outra, é perto de Minas, e meu pai é de outro estado.

p - entendi, e por ele que vem esse tio da UFX. Essa distância da família então é mais por questões geográficas, mesmo.

e - acho que geográficas e também... sei lá.

p - de identificação?

e - pode ser, é a família da minha mãe não se dá muito bem com a família do meu pai,

então assim se eu tenho algum contato com algum parente tipo tio, primos, é mais com a família da minha mãe.

p - com a família materna.

e - isso.

p - até porque eles estão mais perto.

e - sim, a maioria está aqui em São Paulo.

p - e você vive aqui em São Paulo, mais ou menos nas mediações de outro município do que eu verifiquei pelo CEP.

e - isso, na verdade uma vez procurando no Google alguns dizem que eu moro no bairro tal, e outros em outro município, mas eu sempre falo a referência pras pessoas desse outro município.

p - olhando no mapa era o que tinha de maior ali, a referência principal desse outro município, e você sempre morou lá?

e - Sempre.

p - e você tem alguma ideia de especialização que você vai cursar?

e - então ideia fixa assim não.

p - mas e alguma preferência talvez?

e - então, eu gosto muito de endócrino e um pouco menos assim pediatria.

p - uhum, e como foi essa escolha? Essa atração por endócrino ou pela pediatria?

e - então, endócrino eu acho que consigo definir mais porque... eu não sei, eu tenho a impressão de que as vezes as pessoas escolhem as especialidades que elas querem com base na história de vida delas.

p - sem dúvida.

e - então, sei lá, quando eu era pequena, eu ia na endócrino, eu cheguei a ter um problema de crescimento, que eu estava crescendo demais, aí tive que tomar uma medicação para parar de crescer, então sempre tinha contato com o endócrino. E aí eu sempre tive problema com peso, e aí... Mais ou menos na época do cursinho a minha irmã também ela teve muito interesse por essas coisas de nutrição, e eu comecei a pegar muita influência dela disso, né? De querer se interessar mais sobre coisa de alimentação, de obesidade, crescimento e aí então eu sempre achei essa área interessante. E aí então depois que eu entrei na faculdade eu tive algumas aulas relacionadas, né?

Bioquímica também que tem a ver, e aí eu gostei bastante, aí esse ano eu entrei na liga de endócrino para ver realmente como é a dinâmica e eu estou gostando bastante.

p - que legal, e com a pediatria você já teve algum contato?

e - então, a pediatria, eu penso um pouco porque tive uma pediatra muito boa, que ela assim é uma inspiração, ela é ótima, e também porque eu gosto muito de criança, mas acho que talvez essa seja uma justificativa meio fraca.

p - por conta de?

e - porque eu já cheguei ver assim um pouco... hum... essas férias, eu cheguei a acompanhar um pouco do ambulatório da endócrino pediatria, então os residentes de lá eles são pediatras e estão se especializando em endócrino, e aí a conversa entre eles é muitas vezes assim "aí fui fazer plantão, três horas da manhã me chega uma criança lá chorando, fazendo um show" falando também os problemas que os pais dão muito trabalho, então eu também comecei a considerar isso, não é só achar as crianças fofinhas, é uma coisa bem... que exige bem mais, até no sentido de estilo de vida mesmo, eu tenho a impressão de que um pediatra, ele tem menos sossego do que o endócrino.

p - eu imagino que tenha mais demandas de urgência.

e - e aí eu não sei se estou preparada para receber uma ligação de madrugada para atender, sabe?

p - sim, parece complicado mesmo.

p - e como foi para entrar na liga de endocrinologia? Foi de boa?

e - ah então, esse ano estava bem concorrido assim, tinha bastante gente interessada, daí eu tentei fazer de tudo para estudar bastante, a gente teve de segunda até sexta aulas e daí a prova eles resolveram deixar para segunda, e a gente teve o fim de semana para estudar. E aí eu não sei se... algumas pessoas que assistiram a aula não foram fazer prova, mas acho que também como eu me dediquei... gostaria de ter me dedicado mais, mas enfim, no nível que eu consegui me dedicar deu

certo. Eu consegui fazer a prova e ser admitida para a liga.

p - você fez o necessário e funcionou.

e - é.

p - o ambiente dentro da endócrino é tranquilo? Os professores que você trabalhar e os veteranos dentro da liga?

e - sim, a gente acompanha o ambulatório, então é bom que você tem um contato com pessoas de outros anos, então como eu estou no segundo ano a gente não tem contato clínico nenhum, não sabe perguntar direito as coisas pro paciente, então isso é bom, eles são bem... Tipo "você não sabe, mas fica do meu lado que eu vou explicando, se você tiver alguma dúvida", os professores são muito bons porque eles puxam os alunos, então eles fazem a gente raciocinar junto, então eu acho isso bem legal.

p - são bem parceiros assim.

e - sim.

p - eu gostaria de saber sobre a sua pretensão em relação a área de ensino, na Medicina, que você marcou, eu gostaria de saber o porquê desse interesse na área de ensino, eu vi que você também tem interesse em cursar o mestrado, que é essa área mais de pesquisa e etc.

e - é, então eu até fiquei em dúvida na hora, cheguei a pesquisar bem rápido no google, que eu não sabia a diferença.

p - lato é a especialização e stricto é o mestrado.

e - o mestrado seria... eu to em dúvida, eu pesquisei na hora, mas eu não lembro.

p - o mestrado é quando você vai pra uma área mais acadêmica, mais relacionado a pesquisa e etc., você até pode ser mestre e trabalhar, mas o mestrado mesmo é mais relacionado à área de pesquisa, e o lato senso é mais pra especialização.

e - entendi, ah então porque na verdade eu não gosto muito de dar aula, essas coisas assim, mas eu tenho impressão assim de vendo os profissionais aqui, vendo as pessoas na endócrino me parece muito positivo você ter um vínculo com uma universidade, e aí então eu cheguei a

considerar essa opção porque... Não sei, talvez seria interessante tentar uma coisa diferente do que só... Sei lá, ficar só atuando na clínica, e eu tenho a impressão de que talvez eu teria, uma atualização melhor, eu não sei dizer.

p - essa proximidade com a área de pesquisa.

e - é, eu tenho a impressão de que eu não ficaria tão fora da orbita, do que se eu não tivesse esse vínculo seria eu por mim mesma nos congressos para me atualizar, então esse vínculo com a universidade acho que me possibilitaria um debate com os profissionais, o que eu acho legal, investir nessas pesquisas, sei lá, até mesmo crescer na carreira, sabe? Ir para outros lugares, fazer cursos fora, foi nesse sentido que eu pensei.

p - está relacionado mesmo, porque se você pensa em pesquisa, não sei na área médica, acho que na área médica o setor privado deve ser um pouco mais forte, mas em pesquisa em geral a força mesmo está dentro das universidades. Mas você sente atração por essa área de pesquisa, pessoalmente falando mesmo. Eu imagino que você goste de estudar, por conta do tempo no cursinho tem que ter gosto mesmo, mas você conseguir se dedicar e focar nesse sentido, é um interesse pra você?

e - olha, vou dizer que é um interesse que eu tenho, é uma possibilidade que antes eu via como negativa, e eu comecei a considerar como positiva.

p - em que momento que a área passou a ser legal para você? Você me disse que gostava de farmácia, e farmácia tem a área de pesquisa muito mais forte eu imagino se não há esse vínculo também.

e - pode ser com as pessoas que eu vi aqui, as pessoas que passaram na minha turma, tem um professor que eu achei muito bom, e ele é endócrino, e ele é pesquisador e ele deu aula de bioquímica pra gente, e eu achei muito legal que ele exerce essa parte da química, ele trabalha com pesquisa, e eu achei ele um puta de um profissional, ele não só deu aquela aula expositiva, ele queria fazer a gente raciocinar, eu gostei muito de como segue a rotina dele, ele não fica só nos

atendimentos, ele consegue investir nessa parte mais acadêmica e a partir disso eu pensei "nossa, ele é endócrino, super bem sucedido, ele tem esse pezinho na acadêmica, acho que isso pode ser interessante".

p - entendi, esse status acadêmico então é algo que você acha interessante?

e - eu acho. É, eu tenho alguns amigos que a gente costuma dizer que só de você fazer a Medicina já é uma coisa meio elitista, e seria importante pra gente não ficar... sei lá, se vangloriando, se achando, mas eu vejo essas pessoas que tem uma formação assim... Sei lá, muito fora da casinha, eu fico muito interessada nesse tipo de reconhecimento.

p - você saberia me dizer de onde veio isso?

e - não sei...

p - talvez de algum professor que você tenha visto?

e - então, pensando por esse lado, esse professor.

p - então foi na graduação mesmo?

e - é, antes eu nem cogitava, eu só pensava "eu vou me formar, vou fazer minha residência, abrirei meu consultório e pronto." mas eu to vendo que tem outras possibilidades aqui.

p - e quanto a iniciação científica, você marcou que era difícil na verdade, na sua percepção de obter um professor orientador.

e - sim, assim é uma frustração minha até agora, porque eu vou terminar o segundo ano e eu não consegui uma iniciação científica. No primeiro ano eu achava que era muito precoce porque eu não tinha nem noção das matérias e eu queria ter contato com os vários professores para eu poder tentar alguma coisa. E aí eu não sei se é azar ou se é justamente da área, que eu queria tentar alguma coisa na endócrino, eu já tentei ir atrás de professor da carreira básica, não consegui porque eles já tinham um orientando, e aí uma outra pessoa, uma endócrino também que trabalha mais com o pessoal da pós graduação. Ela tinha me recebido super bem, ela até falou assim "volta aqui outro dia que eu vou pensar em alguma coisa para você que a gente pode

fazer", ela chegou até a me emprestar o livro e já estava tudo encaminhado, só que o problema é isso, como ela tem vínculos com várias coisas, ela trabalha com pesquisa, ela fica indo em vários congressos, ela dá aula para os residentes, então aparentemente ela não tem tempo para outras coisas a mais, e aí eu fui atrás dela no começo do ano e eu fiquei até agora sendo enrolada para ela. E aí sei lá, né? Ela falou assim "tenta ver isso", tinha me mandado até o modelo de trabalho de como a gente poderia fazer e aí foi quando eu pensei, isso vai ser legal e eu falei "quando a gente pode se reunir pra tentar planejar?" eu já imaginava quando eu fui falar com ela, de que ela seria uma pessoa ocupada, e eu pensei se pelo menos ela conseguisse me dar uma orientada já seria alguma coisa, o resto eu sei que teria que correr atrás. Mas mesmo assim essa disponibilidade não aconteceu. Aí eu acabei ficando bem desanimada, inclusive ontem eu fui lá no consultório dela, devolvi o livro que ela tinha me emprestado e até agora eu estou sem IC nenhuma. E aí entrando liga de endócrino isso também foi um outro objetivo, tentar conseguir contatos, para tentar conseguir uma iniciação científica, aí a presidente da liga me passou uns contatos, e aí eu achei meio chato mandar e-mail para todo mundo de uma vez. Mandeí contato pra uma moça, ela não me respondeu, daí eu to achando que eu também já vou tentar outro e ver se eu consigo, se eu não conseguir, eu acho que talvez a estratégia seja mudar de área porque eu queria muito fazer uma IC principalmente porque a gente sente essa pressão de "ah você precisa ter um currículo robusto, tá todo mundo fazendo IC", e isso é o que acaba me deixando também um pouco chateada. Algumas pessoas nem estavam assim tão interessadas, foram atrás de um professor que recebeu super bem e já conseguiu a bolsa, já está encaminhada, já está terminando o trabalho.

p - simples assim.

e - simples assim, e eu lá procurando, não sei se o problema é a endócrino ou sei lá, se eu

deveria ser mais proativa, não sei, não consigo de jeito nenhum essa IC.

p - e você diria que tem um perfil de aluno? Como no caso, você falou de uma galera que faz todo o processo parecer muito simples, se você fosse pensar algo como "tal tipo de aluno tem mais recorrência, tem mais facilidade de acesso a isso".

e - eu acho que não, viu. Eu tenho a impressão de que foi muito, a pessoa ir atrás da pessoa certa no momento certo, sabe? Então por exemplo, a gente passou na endócrino ano passado com uma professora eu falei "nossa, ela é legal, mas vamos ver mais sobre", e nisso enquanto eu estava metabolizando como era a professora, já teve gente que já foi atrás dela, e falou "quero fazer uma IC com você", e já pegou, entendeu?

p - entendi.

e - então acho que foi isso...

p - muito mais uma questão de aproveitar a oportunidade.

e - é, eu acho.

p - você também falou que já fez extensão?

e - extensão, sim, aqui na faculdade sim.

p - você pode me falar um pouco mais como era a extensão e como você se interessou de participar.

e - então, extensão, o que que eu consigo pensar.

p - acho que as ligas até contam como uma extensão, não?

e - é, a gente tenta pelo menos na endócrino eles tentam fazer umas atividades de extensão. Por exemplo, esse ano, eu só consegui ir em uma, porque também foi mais pro final do ano que a gente entrou, né? Mas teve uma que foi bem legal, a sociedade lá de endócrinos da diabetes fez o dia mundial da diabetes lá no Ibirapuera, aí eles precisavam de mão de obra estudantil para poder ir lá fazer umas conscientizações. Fui lá, achei bem legal, assim, ter contato com a população, eu tinha que aplicar um questionário, você acaba vendo assim na prática tipo "nossa, as pessoas não estão comendo bem, elas não tem vindo para se

exercitar, todo mundo tem diabetes, todo mundo tem hipertensão", o que a gente faz, né? Isso eu achei bem legal, e daí ano passado tem um órgão estudantil, em tese agora não está tão forte que é a IFMSA (Federação Internacional de Associações de Estudantes de Medicina), eles trabalham muito com essa questão de extensão.

p - uhum.

e - e aí por um tempo ano passado que eu cheguei a ser dela e eles chegaram a fazer... isso foi na semana de calouros, um projeto de abraço grátis na rua. Eu achei muito legal, eles dividiram a gente pelas esquinas, e as pessoas iam passando e você dava um abraço. Era incrível como você dar um abraço na pessoa mudava completamente a fisionomia, deixava a pessoa muito mais alegre, sabe? Eu senti que isso também tinha um impacto em mim, então eu gostei bastante. Eu também tinha tentado fazer parte... Aqui tem muito projeto de extensão, né? O problema mesmo é tentar conciliar a graduação com tudo, mas por um tempo eu tinha me interessado pelo projeto abraços, né? Que as pessoas se encontram toda quinta no almoço, e aí elas têm algumas conversas sobre como lidar com os pacientes, como conversar com um paciente difícil e tal, e ao longo da semana eles dividem em grupos pequenos e eles vão no hospital conversar com as pessoas. Tinha achado a ideia ótima, porque eu nunca tinha contato com pessoas diferentes, pessoas doentes, mas aí quando a gente tava chegando pra dividir, eu acabei me desestimulando porque eu acho que os encontros estavam muito... Sei lá, a dinâmica não estava interessante para mim, e na época eu estava com muita coisa pra estudar "ah isso não vai ser viável", mas é uma coisa que as vezes eu fico pensando, é uma oportunidade que talvez eu deveria ter aproveitado que seria bem legal.

p - mas bem legal em que sentido?

e - acho que de experiência, porque sei lá, quando a gente só tem contato com as pessoas próxima talvez seja mais fácil de você lidar, mas conversar com alguém que esteja doente, um paciente difícil, talvez seja

um desafio, uma prévia do que a gente vai ter que enfrentar no futuro.

p - essa relação então "humana" nas três extensões que você participou, dá pra notar que essa convivência com outras pessoas, tanto com a população do Ibirapuera, como da relação com os abraços, ou essa última que você comentou, essa coisa da relação do outro surge como algo muito forte, isso impacta no seu interesse pela Medicina?

e - eu acho que sim, porque eu antes quando era pequena imaginava consultório e tal, mas eu não tinha muita noção, mas aí acho que esse interesse em querer lidar com as pessoas acaba me puxando muito mais pra clínica, que é o que eu acho que vou acabar querendo seguir, porque o pouco que eu tive experiência com cirurgia até agora foi um desastre, eu sempre passo mal quando passo nas salas. Então acho que clínica vai ser a área que eu vou seguir.

p - quanto a questão de se sentir a vontade na UNIFESP, tanto nas aulas como em outros espaços, e de sentir pressão por parte dos alunos, quanto a se expressar, você marcou que discorda em parte. Você sente alguma ansiedade na hora de falar nas aulas ou no próprio contato com seus amigos?

e - nossa, essa pergunta me faz pensar em um monte de coisas, então assim, pensando em aula, eu sou uma pessoa tímida, então eu não gosto de ficar fazendo pergunta em uma sala que está todo mundo. Raras vezes quando estou me sentindo mais segura, eu acabo perguntando, mas também as vezes se eu tenho dúvida, eu prefiro chegar no professor ao final da aula e perguntar. mas... em relação a aula... calma que me fugiu...

p - relaxa...

e - em relação a aula...

p - às aulas e a sua própria convivência mesmo na UNIFESP com todos os alunos e etc.

e - com os meus amigos eu não tenho problema nenhum assim de me expressar ou nada do tipo, mas por exemplo se for pensar em espaços, eu não me sinto... não vou dizer assim, ah "por todo espaço que tiver aqui da UNIFESP eu me sinto acolhida, eu vou

chegar lá e não vai ter nenhum problema" não, na verdade não. Por exemplo, um espaço que eu não me sinto bem acolhida e foi engraçado que quando eu entrei, eu me sentia bem acolhida foi a atlética. Quando... e aí nossa, eu já... praticamente assim, esse é um tema que é de constante diálogo comigo e com várias pessoas próximas assim porque a gente não entende. Por exemplo, eu fiquei muito tempo fazendo cursinho, não é? Então eu deixei muito de lado essa história de vida social, de sair e aí então quando você entra você tem uma idealização de que nossa, sua vida vai mudar e você vai ser super sociável e quando você entra você tem essa estratégia de aproximação da atlética, então todo mundo quer falar com você, quer te dar parabéns, te chamam pra treinar e aí eu não fazia atividade física nenhuma e eu falei "nossa que legal, vou antes mesmo de começar as aulas" eu já comecei a treinar, conheci um pessoal super legal do atletismo, mas daí conforme vai passando o tempo, você vai vendo que o ideal de esporte deles, não é o esporte recreativo, pra sua saúde mental pra você ter um escape. É uma coisa mais voltada pra competição, e eu não gosto de competição. E aí eles acabam enxergando também essa atividade como uma obrigação, sabe? "Ah, então você precisa vir nos treinos, porque a gente precisa ser excelente, porque a gente vai ter INTERMED no final do ano e a gente precisa ser ótimo." então assim, e eu não sei se eu ouvi ou se vi em papel isso inclusive isso, mas por exemplo, se você tiver que faltar no treino, se você falar que é porque você tem que ir num outro treino tudo bem, mas se você falar que você vai faltar no treino porque você tem uma aula de liga, ou você vai estudar pra uma prova, você vai ficar com falta, porque eles fazem todo um... como se fosse uma aula mesmo, você vai pro treino, tem alguém responsável que vai colocar lá sua presença e tal, então eu comecei a achar isso um ambiente muito pesado ou por exemplo, eu gosto bastante de estudar, e aí então como eu sofri muito pra entrar aqui, então eu penso muito como "ah, eu entrei aqui com qual propósito?" pra fazer uma graduação, então o meu objetivo inicial

é eu estudar, tudo bem. Não posso, uma vida só estudando pra graduação também não é uma coisa interessante, eu posso fazer outras coisas, mas naquele ambiente, eu percebi que as pessoas são muito mais desapegadas, mais tranquilas em relação a não estudar, em relação a mim. Então sei lá, e ainda tem o fator de que eu moro longe, os treinos são vários dias da semana, pelo menos duas horas por dia, então eu moro longe, então fico com tempo bem menor pra estudar e aí como eu fico me cobrando muito que "eu preciso estudar, preciso chegar na prova pelo menos tendo uma visão de tudo", então eu fico muito ansiosa, me cobrando muito.

p - isso pesa muito mais para você, pro seu objetivo primário por assim dizer?

e - isso pesa muito mais para mim, e ainda uma época que eu tava nesse ambiente treinando, eu não tava conseguindo nem tirar notas como eu queria e não estava conseguindo nem treinar direito, então eu falei "gente, eu to fazendo um monte de coisa e não estou conseguindo aproveitar nada" e aí então vendo que... inclusive eu até fiquei trocando de modalidades pra ver se mudava, a última que eu fiquei foi o basquete, mas aí também tem o fator de que pelo menos assim, quando eu entrei eles falavam muito de que "nós somos uma família, a gente... todo mundo se ajuda e tal" mas quando eu entrei no basquete, eu não senti isso, senti que cada turma é sua panelinha e eles não faziam muita questão de querer te agregar ao grupo, então chegou um nível em que eu tava no meio do treino e eu só queria ir pra minha casa, e eu comecei a refletir e pensei "nossa, se eu to em uma atividade que deveria ser prazerosa e eu to querendo ir pra minha casa no meio do treino, alguma coisa está errada" e aí eu acabei desistindo, e aí chutei o balde, eu já tinha feito minha adesão a atlética pelo ano inteiro, eu fiquei acho que... sei lá, uns três meses desde quando eu passei até quando eu larguei treinando, e eu falei "meu, isso não é para mim", aí eu acabei largando. E acho que também, pensando nisso de contato com várias coisas da faculdade, uma coisa que eu acho que também me influenciou foi o

contato maior que eu tive com o centro acadêmico, porque o centro acadêmico daqui ele é bem fraco. E eu nem sabia que isso existia, daí uma amiga aqui nas reuniões um dia falou "eu to indo numa reunião" e eu falei "nossa, que legal!" e eu comecei a participar, e aí tem alguns eventos que o pessoal do centro acadêmico acaba indo e eu fui em um desses eventos e ele falava muito dessa... não da questão do esporte, mas a Medicina problematizando, sabe? Os problemas sociais, você vai receber um paciente que trabalha 18 horas por dia, e ele precisa fazer exercício físico, e aí o que você faz? Considerar várias coisas, aí eu comecei a gostar desse tipo de reflexão, e quando eu voltei desse evento eu tava assim muito mudada, querendo pensar mais nesse aspecto social da Medicina e aí eu comecei a achar meio estranho essa ideia de ficar pensando no esporte e deixar a graduação em segundo plano.

p - o que era pra ser, como você mesma colocou, uma válvula de escape através do esporte pra você relaxar e etc., acabou virando uma segunda pressão.

e - sim, até mesmo em vários debates com os meus amigos eles falam "nós somos um ambiente acolhedor" mas assim, acolhedor uma vírgula, porque é estranho, pra você poder fazer parte desse ambiente, você precisa bancar. Então assim, considerando que a minha turma é a primeira que tem 50% cotas, muita gente não tem grana pra ficar jogando pela janela, então você imagina, você entra em um espaço, você passa numa faculdade, você quer ser integrado, mas aí por uma questão financeira você acaba não conseguindo se integrar no grupo, isso acaba sendo um fator estressante, né? Pensando no fator financeiro, eu até conseguiria manter, mas são gastos assim absurdos, cada evento de esporte você tem que gastar, se você é sócio, você paga mais barato, se você não é sócio você paga mais caro. Então assim, você meio que paga pra jogar, eu achei estranho.

p - não faz muito sentido.

e - não faz muito sentido, mas infelizmente é assim a dinâmica deles.

p - e você disse que a última modalidade que você fez foi basquete.

e - basquete.

p - e quais foram as outras?

e - então, eu comecei no atletismo, e o que acontece, quando você entra, eles ficam fazendo muita propaganda que têm os jogos entre os calouros, e então o que acontece é que poucas pessoas acabam se interessando pelo esportes, então no fim sei lá, tem vários esportes e poucas pessoas, o que que tem que acontecer? Uma pessoa fazer várias modalidades. E aí eu tava muito empolgada na época, essa competição e tal, e aí então eu acabei ficando um tempo no handebol, mas aí eu não estava conseguindo me dar bem, sei lá inclusive eu percebi que o meu problema são esportes coletivos, eu percebo que, por exemplo, das três modalidades que eu fiquei, o atletismo, o handebol e o basquete, eu me dava melhor no atletismo, porque o atletismo é uma coisa mais individual. Só depende de mim o quanto eu vou correr, o quanto eu vou conseguir, né? E essas coisas coletivas de ficar criando táticas e de jogar para outra pessoa, isso para mim é muito difícil.

p - quando você falou do atletismo, e você falou que surgiu um interesse pelo esporte, era do esporte o atletismo ou do esporte a ideia de esporte coletivamente.

e - a ideia de esporte coletivamente.

p - entendi, eu achava que o atletismo era algo menor pra eles, eu entendi errado o que você disse.

p - então tem uma segregação da atlética com relação, a relação financeira que esse é o primeiro corte que vem, mas também na relação com o aproveitamento do curso.

e - sim.

p - e do tempo também, quem mora mais tempo consegue aproveitar melhor, tanto para consultar coisas na UNIFESP, como pra participar disso.

e - a tendência que a gente acaba vendo é que, sei lá, as pessoas que realmente gostaram dessa dinâmica da atlética no primeiro ano, no segundo ano já estavam morando aqui, porque não estava

conseguindo lidar. Mas aí eu não sei, porque por exemplo, na minha turma, 9 pessoas caíram de turma, né? E aí assim, olhando de fora, porque eu não tenho contato com muitas delas, mas olhando de fora, a sensação que me passa, é que aconteceu justamente aquilo que para mim não é positivo, elas colocaram o esporte como primeira opção, e aí o esporte demanda muito, e aí quem é do segundo ano é o responsável por tomar conta da modalidade, então você tem muito mais tempo gasto pra isso e a graduação foi ficando, foi ficando, até que as provas chegaram e aí bom...

p - e aí você tem que se formar, tem que entrar pro mercado de trabalho, não é interessante ficar atrasando isso, pra mim isso era uma questão muito pessoal durante a graduação, mesmo pra fazer IC e etc., eu tinha uma preocupação em me formar logo, e tinha que trabalhar durante a graduação e não tinha tempo disponível para ficar tanto tempo na universidade, você acha que isso pega também na atlética? O pessoal que é mais bem... que vem de uma condição social melhor e não está tão preocupado com isso talvez... você acha que isso surge?

e - Aí, pode ser, tem até uma questão que as vezes gente levanta de que a Medicina já é um curso elitista, e aí meio que se você faz parte da atlética você já faz parte de um outro grupinho elitista. E aí a tendência que eu percebi, pelo menos na minha sala, é que a maioria das pessoas que ainda estão firmes e fortes, são pessoas de condição financeira muito boa, sabe? E muitos assim, é engraçado porque, sei lá, talvez você pensa "Ah, a pessoa teve mais facilidade na oportunidade de estudo" e tal, e ela não dá tanto valor assim pra graduação, sei lá, tem muita gente que nem aparece nas aulas.

p - mas na atlética está sempre lá?

e - está sempre lá.

p - então tanto no basquete como no handebol você sentiu muito essa coisa da panela?

e - eu senti isso mais no baquete, no handebol elas até tentaram me integrar, sabe? Mas no caso do hand o problema mesmo foi como o esporte se dá, entendeu?

Eu não conseguia entender as regras, você tinha que dar uns passos lá e eu nunca conseguia fazer certo, e chegou uma hora que eu falei "nossa, eu estou mais atrapalhando do que ajudando o time", então é hora de eu me retirar, né? E aí eu acabei saindo do time.

p - e quando você saiu as outras meninas... São times mistos ou os times são masculino e feminino?

e - masculino e feminino.

p - e aí as meninas não falaram nada que você saiu?

e - não, elas até ficaram meio sentidas e falaram assim "nossa, mas que nada, você fala que você não joga, mas você joga sim, insiste!".

p - elas foram legais então.

e - elas foram legais, mas no basquete foi tipo "ai, que pena", mas sabe quando você fala isso por educação?

p - sim.

e - então eu falei "ai meu deus, larguei um peso".

p - então quando você entrou você não conhecia o CA, você só foi conhecer ele depois.

e - sim, aí veio, esse é o problema, depois que eu comecei a ter contato com essas coisas sociais de humanas eu peguei assim uma rixa muito grande assim interna com a atlética, sabe? Eles têm tudo assim pra ser positivos, para mim assim olhando de fora, eles fazem uma lavagem cerebral nas pessoas, é a fórmula do sucesso que todo mundo quer saber o que eles fazem. Mas de fato, o que acontece, quando você entra aqui, em tese na sua matrícula, eles apresentam pra você o espaço, e aí eu fui descobrir muito tempo depois, que durante o tour que eles faziam para te mostrar o espaço as pessoas que estavam comigo não me levaram até o CA.

p - eles provavelmente eram da atlética.

e - eram da atlética, eu lembro que a gente passou de frente assim para um prédio que eu não tinha ideia do que era, e aí tipo seguindo mais alguns metros era a atlética. E aí a gente entrou lá e tinha na quadra um

monte de stand da lojinha de não sei o que, e aí você passa e tá todo mundo te recebendo bem, e você fica encantada e não percebe o que está acontecendo, e aí muito tempo depois que eu fui perceber isso. E as pessoas "ah não, mas porque eu vim aqui no CA tinha até bolo", eu falei "gente, como assim? Eu nem vi CA", e aí disso eu comecei a me envolver mais com centro acadêmico, daí veio na gestão e a gente começou a brigar, tipo, não, se a gente vai mostrar a universidade, então assim ok, mostra a atlética, mas passa no CA pra pessoa ter uma ideia que isso existe também, né? E a gente conseguiu fazer isso, mas ainda assim a gente não tá conseguindo ser carismático o suficiente para estimular as pessoas pra irem pra lá pra debater.

p - do que você fala, eu imagino que a atlética tenha uma propaganda muito forte, se você para pra pensar que são os alunos mais bem-nascidos, isso passa uma imagem por si, é um pessoal mais atlético, é diferente do pessoal do CA que é um perfil muito mais.

e - mais cabeça.

p - é, muito mais acadêmico, com esse interesse por humanidades e outras questões.

e - mas é engraçado que teve uma época que eu estava indo nas reuniões do CA, e eu ainda estava um pouquinho no basquete, e eu tava pensando nossa eu estou conseguindo...

p - fazer tudo.

e - é, tô conseguindo permear dois espaços super opostos que se odeiam e está dando certo. Mas daí chegou um momento que eu falei "gente, não está dando, as ideias estão muito divergentes, de que lado que eu vou ficar?"

p - e aí você optou pelo CA.

e - optei pelo CA.

p - e hoje você é super envolvida com o CA.
e - sim, inclusive eu resolvi entrar de novo na chapa para administração do ano que vem, a gente é tão fraco, que a gente só tinha uma chapa, se a gente conseguir um número de votos interessante a gente foi eleito, né? E aí o nosso objetivo vendo que é um espaço bem esvaziado tentar pensar "nossa, onde foi que nós erramos esse tempo todo", porque

no passado ele era um espaço bem mais movimentado, assim as pessoas que estão se formando agora que eram do centro acadêmico falavam "nossa, as pessoas eram super proativas, a gente fazia vários projetos, a gente fazia vários sociais aqui, agora não tem nada disso, a gente tentou chamar os calouros, os calouros não vieram". E aí veio justamente aquela questão, né? Ao invés de ficar tipo, sei lá, o pessoal da Atlético "ah então, tem o CA, você pode ir lá conhecer e tal", não, fica uma coisa muito dicotômica. Quando a pessoa entra, eles já vão em cima das pessoas, eles já fazem uma imagem negativa do centro acadêmico, como se a gente fosse os comunistas, os esquerdistas.

p - mas nesses termos rola?

e - sim, nossa, aqui a gente é comunista é esquerdista, que a gente quer fazer a revolução, quer fazer greve. Sim, e aí até minha discussão que por exemplo nosso espaço tem um punho assim na parede.

p - panteras negras.

e - é, e a gente fica as vezes considerando se isso afasta ou não, e daí a gente chegou a fazer reuniões esse ano, a gente chamou alguns calouros eles falaram assim "não assim, a impressão que eu tenho é que vocês são meio que como uma panelinha", as vezes da a impressão de que o grupo tem uma ideia muito homogênea e se alguém falar alguma coisa diferente é rechaçada. Então essa pessoa que um dia se sentiu à vontade pra ir lá, nunca mais vai querer aparecer e aí então com essas coisas que as pessoas foram trazendo, a gente que está no meio do furacão não tem ideia, não é? A gente tem que mostrar que a gente tá aberto, né? Tudo bem que a gente tem uma tendência de esquerda, mas não é sei lá, quebrar tudo e fazer a revolução.

p - sim, tem que manter a democracia, porque pra atrair as outras pessoas têm que conversar com elas por mais que elas discordem, né?

e - é, e aí gente tá tentando assim fazer rodas, fazer alguma coisa, porque o problema das pessoas, a imagem que a gente tem de fora, é que o CA só vai discutir essas coisas políticas e tal, mas é uma coisa bem mais

além, discutir sei lá, permanência estudantil, se a gente vai brigar porque o bandeirão vai aumentar de 2,50 pra 4,50, se a gente vai organizar uma manifestação o CA deveria fazer isso. Esse ano você teve toda a questão do hospital São Paulo, quem deveria estar à frente de organizar o ato que teve... Eu não lembro quando, mas teve um ato esse ano, era o CA. A gente teve força pra isso? Não. Quem organizou? Era um cara super influente que tá se formando agora, mais o pessoal da bateria, que tipo ele era da bateria e juntou todo o grupinho dele e ele conseguiu fazer isso.

p - eles conseguiram politizar e mobilizar uma galera.

e - conseguiram politizar, assim, por eles serem da atlética, serem da bateria às pessoas ouvem, mas assim vai a gente do CA fazer isso, a gente não consegue ter esse impacto nas pessoas.

p - até porque vocês já têm todo um estigma.

e - sim.

p - entre aspas "atividades revolucionárias de comunista" então eu imagino que isso já carregue toda uma ideia também.

p - a atlética em si não se envolve nessas questões de manifestação e etc.?

e - pensando nesse caso do hospital São Paulo, esse cara se manifestou porque assim ele é como se fosse... ele é uma pessoa muito ativa em saber tudo o que acontece na universidade, mas assim pensando nesse caso, eu não sinto a atlética como muito participante disso, mas por exemplo, como ele tem essa rixinha e eu tenho essa impressão que eles meio que querem ser onipresentes nos espaços, eles querem ter controle sobre os espaços. Então por exemplo, a gente teve eleição esse ano pros vários conselhos que tem aqui. Você é de Guarulhos, né?

p - sim

e - eu não sei se em Guarulhos tem essas eleições também.

p - de conselho de alunos, etc, discente? Temos.

e - sim, então, o que eles fizeram, tinha que fazer uma candidatura eles botaram um

monte de gente da atlética em vários dos cargos porque aí, sei lá, a organização, a instituição, tendo um de seus membros em cada conselho vai ter uma noção de tudo o que está acontecendo. Então considerando que eles são numericamente maiores, eles conseguem ter essa projeção, toda essa rede de cobertura de informação. A gente do CA que a gente deve ser uns 12 que estão bem-intencionados, a gente não consegue ter essa projeção, então informações são perdidas, sabe?

p - mas é muito mais uma perspectiva de controle do que uma perspectiva de mobilização por assim dizer.

e - eu sinto que é de controle.

p - faz sentido, até porque como você falou a participação dos problemas da UNIFESP ou da área de saúde quem costuma tomar frente costuma ser o CA.

e - é.

p - e no CA você se sentiu super acolhida, por mais que falem que é uma panela, você sentiu um ambiente menos pesado que na atlética?

e - é, porque quando eu comecei a ir nas reuniões no ano passado, eu não sabia muito como funcionava, então eu só ficava quieta. E aí depois eu comecei depois as vezes a falar algumas coisas e tal e o que eu achei legal é que lá o espaço... Foi acho que principalmente isso, não tem essa obrigação de tipo "ah, você tem que vir nas reuniões que são todas as segundas no almoço" se você aparecer bem, se você não aparecer tudo bem. Se você tiver que sair no meio da reunião porque você tem que fazer alguma coisa tudo bem, ninguém vai te crucificar. E aí eles também têm um modelo de horizontalidade de... por exemplo, a gente vai votar sobre quanto que o CA vai pagar... Por exemplo, vai ter o COBREM (Congresso Brasileiro dos Estudantes de Medicina), que é um evento nacional de estudantes de Medicina, é o encontro. Tipo, qualquer pessoa que está lá na reunião, vamos votar, quanto que o centro acadêmico deveria votar pra essas pessoas que vão, mesmo que você não seja da gestão, você está lá, você tem essa voz. Então isso pra

mim, sei lá, eu nunca tinha visto um modelo desse tipo, porque sei lá, você inclui as pessoas, você chama elas pro debate.

p - e esse modelo de horizontalidade funciona bem?

e - então, no sentido de administração não. A gente fez um balanço do que a gente errou no CA, e a gente sentiu que esse modelo horizontal por um lado é bom.

p - pela parte democrática.

e - porque todo mundo pode participar, ninguém se sente cobrado, mas por um lado é ruim, porque a gente fala "tem que fazer isso", aí você pensa que o fulano vai fazer, mas o fulano pensa que você vai fazer. E aí quando chega na hora, ninguém fez. Como a gente vai conciliar? A gente quer manter esse modelo horizontal, mas colocar uma hierarquia seria chave. Talvez sei lá, alguém que organizaria as coisas e a gente daria liberdade pra poder cobrar. A gente acha que esse vai ser o caminho.

p - sim, mas é um limite tênue mesmo.

e - é, a gente ainda não conseguiu encontrar.

p - você falou muito em relação a coisa de se sentir pressionada na atlética e etc., pensando em toda a UNIFESP também, quanto ao machismo, por exemplo, você acha que é uma coisa que é muito presente aqui?

e - machismo...

p - é, machismo, ou racismo, ou comentários porque vocês são a primeira turma de cotas 50%, você acha que isso surge?

e - olha quando eu estava naqueles espaços... eu não ouvi nenhuma situação de racismo, ou de... sei lá, falar em relação a ser cota, mas eu senti um pouco esse lance de hierarquia mesmo, sabe? Então assim, a gente estava em competição aqui, quando a gente era calouro, os veteranos ficavam enchendo o saco tipo "vai, canta! Canta pelo seu time, nós somos uma família, não sei o que" essa noção de que tipo "ah eu sou um ano mais velho, então eu sei o que é certo porque você é novo, então faz aquilo que eu to falando", eu senti um pouco disso.

p - sim, mas nos outros ambientes, na UNIFESP nas aulas, comentários de professores...

e - nas aulas...

p - ou de outros alunos?

e - não, mas eu cheguei... eu tenho um amigo que ela chegou a presenciar isso com gente daqui, aí eu sei lá se está meio geracional ou o que, mas essa amiga é de uma liga então que tem uma médica que é preceptora e aí eles estavam comentando, sei lá.

p - qual liga?

e - Medicina de urgência.

p - uhum.

e - e aí a preceptora é uma mulher que já está aqui a muito tempo, ela é uma mulher bem chata pelo que falam, e aí chegou um momento que ela estava falando assim "ah mas, nossa liga não pode cair de nível, né? Agora com esse pessoal cotista entrando, a gente vai ter que dar um jeito desse nível não cair." e aí ela ficou meio assim, porque essa minha amiga é cotista, não é? Então talvez pensando nas pessoas mais velhas, talvez elas ainda não aceitem muito.

p - carreguem assim um preconceito?

e - um preconceito, mas entre meus pares assim eu não vi ninguém enchendo o saco em relação a isso.

p - e de machismo? Teve algum caso?

e - machismo...

p - comentários, as vezes dos professores, dos alunos, na atlética, no CA...

e - ah então, aí é complicado, teve em uma aula... em umas duas aulas que a gente teve no primeiro ano, e aí assim, acho que dá pra você perceber quando é intencional e quando é uma coisa que é inerente sua assim, da sua formação, e aí no caso você via que era a formação mesmo do professor, o professor devia ter uns 40 anos e ele foi criado achando que era normal. Então sei lá, na aula, provavelmente esse B.O. chegou na UNIFESP inteira, não é? Que a minha turma é a turma do B.O. não é? Que a gente estava na aula e o professor estava falando sobre pele, que a pele era um jeito de você se apresentar ao mundo, e aí ele só colocou no slide as fotos de algumas mulheres de biquíni, em nenhum momento ele colocou a

foto de um cara, então a gente começou a achar isso meio machista, sabe? E teve algumas pessoas que se sentiram incomodadas, mas não falaram nada na aula, e aí foram levar isso pro facebook, eu nem sei direito como que foi o debate, mas a história acabou aumentando e aí foi chegando no ouvido de outras pessoas e aí foram aumentando a história...

p - virou uma bola de neve.

e - virou uma bola de neve, e aí chegou no ouvido do professor com uma dimensão enorme, tipo o professor uma ótima pessoa, uma pessoa super bem intencionada, ele nem percebeu que aquele jeito de dar aula tinha incomodado alguém e aí, nossa isso foi véspera de... Foi na páscoa, foram conversar com ele, umas pessoas que nem estavam na situação e aí ele ficou muito chateado, e aí chegou na outra semana isso foi numa quarta, eu não esqueço, ele falou assim "gente, antes de começar a aula, eu queria conversar com vocês por uns 10 minutos" e ele falou que ficou sabendo e que ficou muito chateado, que ele não tinha imaginado que a gente tinha se sentido mal, que ele pedia desculpas, que não era intenção. E assim, não era culpa dele propriamente, sei lá a formação dele, e aí tipo nisso o cara foi passando mal, foi passando mal, e o cara teve um AVC no meio da aula, no meio da explicação e aí você imagina, a gente novo, sabia de nada do que estava acontecendo.

p - sim, eu entraria em pânico.

e - é, eu achei que ele tava sei lá, emocionado pelo que estava acontecendo e a sorte é que tinha gente que tinha alguma formação em área de saúde e viu que o negócio estava estranho e foi socorrer ele, né? E aí ligaram pra um monte de gente, ele deu muita sorte porque ele estava do lado do hospital, atenderam ele e tal. Mas assim, o cara não está como ele era antes, sabe? Então a ultima vez que eu vi ele, que ele estava por aqui, que resolveram criar uma liga em homenagem a ele, ele estava assim, bem magro, parece que a cognição, que tudo aquilo que ele tem de conhecimento está ok, mas você percebe que ele não é mais a mesma pessoa, sabe? E aí a gente vê isso a

gente fica bem triste, e com isso, você imagina, nossa turma ficou estigmatizada, né?

p - vocês já vinham do estigma da cota, de alguma forma.

e - sim, o estigma também de que a atlética veio com tudo em cima da gente, então assim a gente estava tendo aula, sei lá, a aula termina 12h00, 11h30 os caras da atlética estavam lá na porta esperando a gente pra falar "gente, tem teste atlético, vamos?" e aí sei lá, a pessoa que ia sair e precisava fazer alguma daí tipo "ah, mas porque que você não vai?" e aí chegou até ter briga com gente da minha sala lá dentro do espaço da atlética em relação a isso, querendo dizer tipo "meu, vocês estão querendo obrigar a gente a fazer essas coisas, quem vocês estão pensando que são?" Então a minha turma já ficou... E essa briga em relação a atlética dessa opressão, começou antes desse fato com o professor, então a gente já ficou meio mal visto porque em tese assim, o calouro ele chega bem intencionado, ele quer aproveitar tudo então ele abaixa a cabeça para aquilo que vão falar para ele, e a minha turma não foi bem assim, né? Algumas pessoas aceitaram mesmo e outras não, e aí então eles já ficaram meio receosos, e aconteceu isso com o professor, a gente ficou assim "nossa, a turma da treta, né? A turma que critica, a turma que não aceita nada" então a gente ficou assim muito estigmatizado, as pessoas nossa, teve até professor, sabe?! Você imagina, a pessoa se formou, ela sabe, sei lá, quais são as causas de um AVC e chegou a falar que a culpa do AVC do cara foi a gente, sabe?

p - gente, que absurdo.

e - uma coisa sem... tudo bem que ele era um cara muito querido e tal, mas separar esse lado emocional desse lado científico, e isso foi tão marcante que sei lá, eu... a gente conforme vai progredindo nos anos, eu fico sempre com essa sensação tipo "ah a gente vai passar com tal professor, será que ele vai pesar na mão com a nossa turma por conta do que aconteceu? Será que ele vai conseguir separar?" não sei, né? Eles falam que não, eles tentam, já tentaram conversar tipo "não, não se sintam com preconceito, não tem

nada a ver, já passou, a gente já esqueceu" mas sei lá, né?

p - sim, a gente nunca sabe.

e - a gente nunca sabe...

p - não tem como.

e - não tem como.

p - até porque, na minha percepção pelo menos, todas avaliações acabam sendo... a gente não é avaliado só cientificamente, somos avaliados por diversas coisas, pela forma de se expressar e de ser... pesado.

e - muito pesado

p - você sente que tem área da Medicina que são valorizadas, sei lá, algo como ligas que são mais bem faladas, porque eu imagino que todo professor puxe pra sua área.

e - áreas de ensino você tá falando?

p - áreas de atuação mesmo... por exemplo, sociais é dividida em três frentes, antropologia, ciência política e sociologia, mas todo professor puxa pra sua área, dificilmente você vai ver um professor de antropologia, por exemplo, falando que sociologia é legal e muito importante, mas não algo de maldade, é porque ele conhece mais a área dele e naturalmente ele sabe justificar melhor essa importância. Mas tem professores que acabam ficando com áreas que são mais fortes nas ciências sociais, você sente que tem áreas da Medicina que são mais fortes? Talvez a cirurgia, e aí uma maior preferência de alunos pela cirurgia, então a galera que faz cirurgia ou os professores de cirurgia tem mais força, é um perfil de aluno diferenciado, não sei.

e - então, eu não sei te dizer muito porque eu não tive muito contato com isso, mas o que eu sei te dizer assim aproximado com o que você me perguntou, são o que assim as pessoas vão conversando entre si, tipo ah "o que a gente sabe que é forte aqui?" falam muito do pessoal da oftalmologia, eles falam que o pessoal do Hrim, o hospital do rim, é muito forte mesmo, que tem o Medina aqui que praticamente criou o hospital, então a gente é bem forte nisso. Eles falam muito bem da pediatria, que é também um motivo pra eu ficar pensando "nossa, a pediatria" falam que eles são muito comprometidos, todo mundo

elogia. Mas em compensação, por exemplo, tem áreas que infelizmente a gente... Sei lá, você já no comecinho do curso já fica com aquele estigma assim, tipo, cardiologia cirúrgica, falam que é péssimo aqui. Então eles já falam "se você quiser cirurgia cardíaca não fique aqui, vai pra USP, vá para outro lugar que aqui é muito ruim"

p - nessas áreas mais valorizadas é mais difícil de entrar para as ligas? Assim que são mais exclusivas talvez?

e - não sei, porque eu nunca tentei prestar pra uma liga dessas, mas eu acho que não.

p - dessas quais?

e - porque assim, né, oftalmo é forte? Tem liga de oftalmo, a cardiologia cirúrgica tem liga também, eu acho que talvez por elas serem mais bem vistas assim, você tem uma demanda maior, mas se é mais difícil para entrar ou não, eu não vou saber te dizer.

p - então a cardiologia cirúrgica por mais que ela seja uma especialização vista como ruim aqui, ela tem uma demanda muito grande?

e - eu sinto que sim, tenho alguns amigos que são da liga e aí é engraçado porque, pelo menos na liga, os professores que organizam lá eles falam que é tudo muito bem organizado, assim que eles sei lá, estudam teoria, eles fazem coisas na prática.

p - mas eles justificam essa escolha cirurgia cardíaca ou oftalmo por algum fator, sei lá "não, cirurgia cardiologista é mais reconhecida, o pessoal acha mais importante", isso surge ou não?

e - das pessoas que eu conheço, não, eu sinto que sei lá, as ligas que elas entram é realmente por aptidão, aquilo que elas gostam mais, mas sei lá, eu já ouvi ,por exemplo, em uma aula lá que a gente estava discutindo justamente o porquê que a gente entrou na Medicina, eu achei que foi bem sincero, eu fiquei bem chocada, teve um menino que falou assim "ah, eu entrei pelo status, porque eu quero ganhar dinheiro", assim eu nem sei se ele gosta tanto da Medicina, mas só foi isso mesmo.

p - só nessa ocasião que você escutou essa coisa do status e do dinheiro?

e - é.

p - e você me falou assim da coisa da IC, tem alguma outra coisa que os professores ou os veteranos colocam... E outra coisa que eu queria te perguntar, boas escolhas, uma boa trajetória pra você fazer no curso, os veteranos costumam passar isso pra vocês? Tipo...

e - ah sim!

p - tem alguma trajetória ou um conjunto de ações e escolhas que seja mais valorizada que seja visto como uma boa trajetória pra um aluno de Medicina?

e - então, eles não passam assim uma trajetória completa, mas você tem coisas assim picadas, então, e o pior é que varia também, né? Tem muita gente que fala assim, "ah, você tá no primeiro ano, não tenta uma liga, não tenta uma IC, é muito precoce" eu ouvi isso de IC e eu achei ok, sei lá, se você for tentar uma liga, você tenta no segundo ano, que o segundo ano é mais tranquilo. E aí em relação essas dicas, eles falam assim "ah, se você tá planejando alguma coisa, se você tá planejando intercâmbio, não vá no terceiro ano, porque o terceiro ano é um ano muito pesado" então sempre tem essa ideia, até mesmo em relação à se envolver mais na atlética eles falam isso. Por exemplo, o mito daqui é assim que o segundo ano é tranquilo e o quarto ano é tranquilo, então assim, quem é do segundo ano é responsável por administrar modalidade, então a pessoa ela é convencida a pegar essa tarefa, porque o segundo ano não vai ser difícil. Sei lá, eu senti que o segundo ano exigiu até que bem da gente, não foi uma posição tranquila assim não. No terceiro ano o pessoal é diretoria, que já uma responsabilidade maior sobre a atlética. É um ano pesado, vai, mas a coerção é muito grande e o pessoal vai, mas aí então eles acabam se prejudicando bastante.

p - prejudicando dentro do curso mesmo.

e - dentro do curso mesmo, então por exemplo, no terceiro ano no segundo semestre, o que eu ouço da turma de agora que tá no terceiro ano, é assim oh "você vai passar por bloquinhos, qual é a estratégia inteligente, você passa pelos mais difíceis no

começo do semestre e você termina o ano nos mais fáceis e você não está louco, você está tranquilo", só que o pessoal da atlética por causa do INTERMED que é em setembro, eles tem que fazer os mais fáceis, eles pegam os mais fáceis em setembro e no final eles estão ferrados, porque eles pegam os mais difíceis, só que além desses bloquinhos tem anato. Tipo, anato é a matéria terrível do terceiro ano, é uma matéria bem pesada, e conforme vai passando o tempo, ela vai ficando difícil, então eles terminam o ano com duas coisas muito difíceis em cima deles para eles resolverem.

p - entendi, e isso muito em virtude da pressão que a atlética faz?

e - é, porque acaba sendo... sei lá, acaba sendo uma tradição, tipo "ah, você entrou no primeiro ano, daí você virou DM, que é o que administra modalidade, qual é o próximo passo então para o terceiro ano? Você vai virar diretoria, você vai administrar toda a instituição atlética" então as pessoas, sei lá, elas já se ferraram sendo DM, elas acham natural, tipo, "ah, vou organizar a instituição que eu me sinto bem" então, elas aceitam essa tarefa...

p - já estou na chuva mesmo.

e - é, já vou me molhar.

p - me parece uma perda muito grande ficar na atlética, tudo me parece uma obrigação muito cansativa e um desencontro do objetivo mesmo do curso. Tem algum ganho pra essa galera da atlética? Sei lá, talvez mais facilidade de acesso a determinadas coisas? Isso surge, você acha?

e - então, eu já ouvi falar até... entrando aqui, eles faziam essa pressãozinha "ah, é bom você entrar na atlética e fazer networking, porque aí na residência isso vai ser muito bom", mas assim...

p - você não vivenciou isso ainda...

e - eu comecei... como diz, vai ser hipócrita se eu falar "eu entrei na atlética só por esporte", não, você também entra pensando "vou conhecer um monte de gente, eu vou ter contatos e quando eu precisar, eu sei quem procurar", mas aí eu comecei a considerar "mas será que vale a pena eu ficar me

privando de tanta coisa e me ferrando em tanta coisa pra ter justamente esses contatos? Será que realmente esses contatos vão ser a única porta que eu vou ter para certas oportunidades?" Então eu achei que não, mas eles têm um pouco disso sim. E aí tipo, vendo um pouco a mentalidade deles quando eu estava lá dentro, o ganho que eles têm, seria talvez essa maior sociabilidade, você conhece todo mundo, tipo é realmente muito legal quando você está lá dentro, as pessoas te cumprimentam, tem muita gente de lá, as pessoas falam com você, todo mundo se conhece, você vai nas festas a pessoa fala com você, tipo, eu saí da atlética as pessoas que eram do basquete elas não olhavam mais na minha cara, eu passava na rua do lado e elas não olhavam mais na minha cara. Aí teve um dia que uma moça que tá se formando agora, e ela era do basquete e ela era super legal, ela me encontrou na rua e fazia muito tempo que eu não estava mais no time, ela me deu bom dia, ela me cumprimentou, eu achei isso muito estranho, e eu pensei "gente, se eu achei isso estranho, olha que nível a gente chegou?", ela só foi educada, ela foi humana, sabe? Ela lembrou de mim, e tipo, isso é uma coisa que não acontece aqui. E aí voltando então para a questão do ganho, eu sinto que o que eles veem essa sociabilidade maior de você conhecer todo mundo, e de você ganhar o troféu, de você ganhar a INTERMED, que para mim parece uma coisa meio fútil, porque quando esses anos passarem não vai adiantar você falar na entrevista de emprego que você ganhou o troféu da INTERMED, sabe?

p - entendi, mas assim da reconversão dessa sociabilidade, dessas relações sociais em ganhos acadêmicos, sei lá fazer parte de uma liga?

e - eu acho que sim, eu não posso falar objetivamente...

p - você não consegue afirmar com...

e - não, mas a gente sempre ouve os boatos, né? Então, por exemplo, falam que a liga do trauma, os professores que são os preceptores, assim a maioria são pessoas já nos seus 40-50 anos, né? São pessoas que

pegaram uma época bem mais alienada assim de atlética, têm esse sentimento muito forte. Então eu ouvi boatos assim de quando teve processo seletivo pra essa liga ano passado, eles fazem então uma prova e uma entrevista e aí eles perguntavam na entrevista se você era da atlética, e parece que aí isso te dava alguns pontinhos a mais, então teve que eu conheci que não tinha vínculo nenhum e estudou que nem um filho da puta, estudou um monte, aparentemente estudou mais do que outras pessoas e não conseguiu entrar.

p - do que essas pessoas da atlética muito mais envolvidas no esporte do que na vivência acadêmica.

e - sim, mas daí se você fala isso, claro que eles negam, eles falam "não, a gente é imparcial, nada a ver", até por exemplo se você vai visitar espaços mesmo da UNIFESP, você sente um pouco isso das pessoas mais velhas, então no primeiro ano eu tive uma matéria que você ia visitar, sei lá, lugares, aí calhou que eu ia pra um centro cirúrgico, era uma coisa mais de ortopedia, e você tava lá vendo a cirurgia e eles já perguntavam "ah, você treina alguma coisa?" e aí você tem a impressão que se você fala que sim, e eu tenho uma amiga que também tava na mesma situação e ela também sentiu isso, parece que eles... tipo "nossa, ela é uma pessoa igual, nós passamos pela mesma coisa, então parece que tenho que conversar com você", sabe? E daí se você fala que não, a pessoa não vai saber do que conversar, sabe? Então parece que tem um pouco... Sei lá, talvez um acolhimento é um pouco maior se você fala que você faz parte disso.

p - e você disse trauma e ortopedia?

e - sim, na liga do trauma eu senti isso, nas outras...

p - e a liga do trauma é uma liga valorizada?

e - é... eu acho que é a segunda ou a primeira liga mais concorrida aqui.

p - entendi.

e - é uma liga bem concorrida.

p - e eles têm uma entrevista para entrada...

e - tem uma entrevista para entrada.

p - mas aí quem decide essas normas do funcionamento da entrada é cada liga, não têm tipo sei lá uma diretriz.

e - pelo que eu entendi não é uma coisa muito... sei lá...

p - alinhada, centralizada?

e - isso! Não tem tipo uma lei "é assim que a gente vai fazer", sabe? Parece que é uma coisa de momento que eles podem mudar ou não, então por exemplo, teve uma... tem uma professora que eu conheço que ela é meio nostálgica assim com a atlética, ela falou que fez a bendita da entrevista e falou que não teve nada disso, mas sei lá, não foi só ela que fez a entrevista, né?

p - e ela era da atlética e ela passou?

e - não, essa moça que estava fazendo a entrevista era professora, ela é professora daqui, entendeu? Ela já foi da atlética...

p - ela já foi da atlética e ela falou que não rolou essa questão da atlética.

e - na verdade eu não sei se ela chegou a treinar aqui, porque ela é de outra faculdade, mas ela é muito nostálgica, ela gosta muito desse envolvimento com a atlética, e aí sei lá, pode ser que ela tenha visto com olhos... diferentes quem treina ou não. Mas por exemplo, isso é a questão de liga, eu já ouvi também boatos que, por exemplo, BrainComs (Congresso Brasileiro Internacional de Estudantes de Medicina) que é o congresso que tem aqui, você... Pra você ficar na organização, o comitê que organiza, você acho que se candidata, e aí eu não sei como que eles fazem, eles te escolhem, sei lá o grupo anterior faz uma reunião e vê se te aceita ou não. Então assim, boatos de que, por exemplo, tem uma menina da minha sala que ela é super engajada com a atlética, ela é bem assim, bem relapsa assim com a graduação, e aí boatos de que como ela conhecia gente que estava já dentro desse comitê e tinha a ver com a atlética e tal, ela conseguiu mais fácil aquela vaga. Então pode ser que eles falam "não, isso não existe, nós somos imparciais", mas parece que existe sim esse favorecimento em baixo dos panos por você ter esse vínculo com a atlética.

p - não é algo que é evidenciável, no sentido de ter uma prova cabal, mas é algo que é recorrente.

e - é recorrente.

p - a distribuição de oportunidades do curso, você diria que é mais equânime ou se tem algum tipo de aluno que acaba... Acho que eu já perguntei isso pra você, não?

e - como assim oportunidades?

p - não sei, a própria IC é uma oportunidade, a participação na extensão é uma oportunidade, essa coisa de intercâmbio, sei lá, você tem aquela sensação de que determinados alunos aproveitam mais oportunidades, algo como no caso da IC mesmo "eu nem sabia que dava pra fazer isso" e são sempre os mesmos. Você diria que tem um perfil de alunos ou é algo que parte de cada um?

e - eu tenho a impressão de que aqui você tem muita oportunidade, e aí cabe a você um pouco ir atrás, mas é aquilo que eu te falei, algumas coisas estão mais evidenciadas do que outras, então... não pera aí, como era a pergunta?

p - se tem algum tipo de aluno... se a distribuição de oportunidades é igual ou se tem algum tipo de aluno...

e - ah tá, então, por exemplo, no sentido da atlética eu posso te dizer que aparentemente quem consegue participar mais são as pessoas mais endinheiradas. Embora tenha pessoas que... tipo têm uma condição social, sei lá, média e estão lá, sei lá, eles as vezes tentam fazer umas facilidades pra essas pessoas e aí existem outros espaços pela questão de divulgação e de ter todo esse estigma, como o centro acadêmico, que não é muito visitado porque já se tem uma visão negativa. Assim, existem vários espaços, a questão é você ir lá, mas se você já tem uma... "pré-propaganda" positiva ou negativa, isso vai te influenciar se você vai procurar ou não.

p - certo, mas de IC e intercâmbio assim?

e - intercâmbio? Acho que também entra a questão do dinheiro, porque o intercâmbio que a gente têm aqui é pela DENEM (Direção Executiva Nacional dos Estudantes

de Medicina) que é uma organização dos estudantes de Medicina. Em tese você não gasta muito, mas se você for pensar na situação de uma pessoa que vive apertada, talvez não seja uma oportunidade que ela consiga bancar, né?

p - não tem algo como um intercâmbio que vocês façam com bolsa 100%?

e - não...

p - acho que do curso era isso que eu tinha pra te perguntar... Eu queria saber do seu consumo cultural assim, eu vi que você lê bastante, você tá bem acima da média dos alunos de Medicina, queria que você me dissesse o que você costuma ler de livros assim.

e - então... é que é um pouco difícil, foi até uma coisa que eu tava bem chateada assim na época que eu estava na atlética, eu não estava conseguindo conciliar, e eu falei "gente eu gosto muito de ler" e quando eu larguei isso eu pensei "nossa, eu to com tempo mais livre, vou voltar a ler, que é uma coisa que eu gosto muito" e aí então, quando eu estava fazendo cursinho, eu usava o meu tempo no ônibus, porque eu perdia muito tempo no ônibus para ir para casa e eu falava "não, esse é o tempo que eu vou estudar", mas aí quando eu entrei aqui eu falei "gente, eu preciso parar com essa paranoia, é outra vida, preciso respirar um pouco" e aí então eu sempre uso o tempo do ônibus, sei lá, do metrô pra poder ler. Eu costumo sei lá, ler coisas variadas, assim eu não tenho um...

p - perfil específico?

e - eu gosto muito de ler esses romances assim, mas eu gosto também de ler coisas mais...

p - históricas?

e - assim, coisas que agreguem mais sabe? Livros que te fazem refletir, 1984, essas distopias ou talvez algum livro que fale sobre alguma coisa questão políticas, ou mesmo assim ficções que trazem alguma coisa pra você...

p - romances que são mais críticos?

e - isso, por exemplo, agora eu estou lendo um que fala sobre um cara viciado em drogas, eu acho bom isso porque eu estava

tendo quase agora uma matéria como que é esse processo do vício, como que a pessoa não consegue largar, e aí eu acho bom, mesmo que seja na ficção você ver um pouco como que é, porque sei lá, eu imagino que você consegue ser um pouco mais empático se você se imaginar na situação em algum momento.

p - sim, ter um conhecimento dessa coisa.

e - é...

p - são mais romances realistas que você gosta de ler, por mais que sejam ficção, mas que são mais ancorados na realidade.

e - é que eu acho que varia muito assim, gostar mais eu gosto mais desses romances assim. Mas tem épocas que eu quero só ler coisas idiotas que é só ler história e não precisar pensar nada, mas tem vezes que como agora que eu quero ler coisas que me façam refletir, por exemplo, eu resolvi entrar no ramo da política do centro acadêmico do ano que vem, então eu quero ler coisas que me agreguem na questão de política.

p - que te traga um know how nessa área mesmo, para pensar essas questões que surgem.

e - é, porque eu me sinto muito crua, por exemplo, feminismo eu não sei nada, assim quero ir atrás de leitura, por exemplo, teve um evento aqui na UNIFESP sobre transexualidade que foi um evento que as pessoas mesmo daqui que estudam não tinham muita noção que tava acontecendo. E aí eu fiquei super interessada em saber mais sobre, então são coisas que sei lá, passam por aqui e acabam motivando a ir mais atrás na literatura.

p - e essa coisa da literatura foi sempre muito presente pra você?

e - sim.

p - e como veio esse hábito de livros e leitura? Você lembra?

e - então, isso veio na escola, porque como eu falei, meu pai não estudou muito e minha mãe não estudou muito, então eles não leem. Isso veio na escola, eu tinha uma professora, que no ensino fundamental na quinta série, ela tinha uns livros lá na escola, a gente não tinha uma biblioteca, mas aí ela resolveu

toda semana levar uma caixa com os livros e fazer "gente, quem quiser pegar emprestado pode pegar", e a gente tinha que fazer uma fichinha, teve uma vez que a gente teve até que fazer um trabalho pra falar de uma obra que a gente gostou. E nisso eu comecei a gostar muito de ler, a pegar livros diferentes, e aí com isso eu comecei a criar um hábito, a querer comprar livros, que era uma coisa que eu também não tinha hábito. E aí também com o cursinho, então assim nessa época eu estava mais com essas coisas, sei lá, mais idiotas...

p - da adolescência mesmo...

e - isso, e aí quando eu comecei a... sei lá, no ensino médio, quando eu comecei a ter essas coisas mais de humanidades, sociologia, ou mesmo no cursinho que eles te obrigam assim na marra, você tem que ser crítico, aí eu comecei a querer buscar ouvindo os professores falarem nas aulas essas coisas mais...

p - essas literaturas mais...?

e - mais pesadas, sabe?

p - entendi, e você diria que seu hábito de leitura mudou desde que você entrou na UNIFESP? Seus hábitos de consumo cultural num geral, você começou a ver coisas diferentes? Para além da questão que você acabou se distanciando um pouco da atlética, né?

e - é.

p - mas você acha que chegou a rever esse seu gosto, ou você acha que isso agora que você está dando uma continuidade ele se mantém?

e - eu acho que agora eu estou mais... mais interessada por leituras mais difíceis e coisas que são mais profundas e filosóficas, sabe? Então assim, em relação a época que estava no cursinho, que eu não lia nada, só as obras que iam cair na prova, eu acho que apesar de ainda não conseguir... Se eu pudesse o meu objetivo era assim o de ler um livro por semana, mas eu não consigo, então ainda assim nesse ritmo lento, eu acho que eu ainda estou melhor do que alguns anos anteriores.

p - sua capacidade de aproveitamento melhorou?

e - eu acho...

p - e esse interesse por questões de sociologia, por essas questões de humanas já vem desde o colegial então?

e - isso, que aí eu tive o contato com essas coisas, sei lá, Émile Durkheim, umas coisas assim, mas foi uma coisa bem rasa, eu tenho interesse em saber mais

p - legal, é importante... E de leitura de revista, você colocou e costuma ler *womens health*, e a veja, queria saber porque essas duas.

e - então, isso foi na época, vou até confessar que agora eu não estou muito leitura de revista, na época, eu tinha um plano no celular que dava direito a você ler umas revistas, né? E aí tinha algumas revistas e eu comecei a ler, então dessa revista, como eu falei eu gosto muito dessas coisas de alimentação e aí eles falavam algumas coisas relacionadas então por isso eu estava lendo mais isso... Veja, veio um pouco de quando eu estava no cursinho, né? Que também tem aquela cobrança de você precisar estar informado, Veja, Superinteressante eu lia muito quando eu estava no cursinho, agora não consigo ler mais, mas é uma coisa que eu não estou conseguindo justamente por causa do tempo. Então assim, entre ler um livro e ficar atualizada, eu prefiro ler o livro, então eu to bem desatualizada.

p - o livro acaba sendo uma válvula de escape.

e - é, uma válvula de escape.

p - e assim de cinema, você costuma ir em cinemas menores e alternativos, como o noitão do belas artes, o itau cultural e etc., eu queria saber o porque e de onde que veio isso.

e - então, não é uma coisa que... Então, a graduação mata, mas vou dizer que um mundo se abriu esse ano, e então uma amiga minha falou desse cinema e esse ano eu falei "ok, vamos tentar novas coisas" e eu gostei muito...

p - dessa cultura alternativa fora do mainstream?

e - sim, do caixa belas artes porque a gente só tem contato com essas coisas de bilheteria, tem alguns filmes que são bons, mas eu sempre quis saber tipo "tá, mas o que é além do cinema americano" e aí a gente foi no caixa belas artes que falava sobre uma rede de prostituição e achei super legal, e aí então como eu estou meio engajada e crítica nessas coisas sociais, eu pensei "nossa que legal, tenho que vir mais vezes nesses espaços". E aí eu estou bem mais interessada assim em saber dessas coisas assim, que não dão repercussão, mas que fazem refletir bastante.

p - isso veio depois na UNIFESP por esse contato com essa amiga.

p - e pra fecharmos, me fala um pouco da sua época de escola, eu vi que você estudou em escola particular.

e - isso.

p - e ela era do seu bairro?

e - do meu bairro.

p - e me fala um pouco de como ela era? Era uma escola grande? Tinha muitos alunos?

e - não, era uma escola pequena.

p - e você sempre estudou nela?

e - estudei nela a vida inteira, então vamos dizer, enquanto eu estava apenas naquele universo tudo bem, mas aí quando eu estava no terceiro colegial eu já estava decidida que eu queria Medicina, e eu falei "meu, vou fazer cursinho".

p - e como foi o cursinho?

e - eu fiquei meu terceiro ano fazendo aula de manhã e cursinho de tarde, então foi bem corrido, mas o cursinho meio que me deu... sei lá foi tipo, luzes, porque antes eu ficava muito no universo da minha escola, então eu achava que "ah eu só vou ter esses amigos para a vida inteira, só existe isso, só isso é possível" e o cursinho ele exige que você seja muito crítico, que você seja muito aberto a todas as coisas...

p - ficar muito mais relacionada....

e - isso, aí então, com o cursinho eu comecei a perceber que a minha escola não era boa. Então assim, eu me achava uma boa aluna na escola, eu tirava notas boas, mas o nível de exigência deles não era tão alto, e aí então

como eu disse foi um baque para mim, porque eu comecei a pensar "nossa, eu achava que eu era uma boa aluna, mas não adianta eu ser a boa aluna da minha escola, eu preciso ser melhor" e aí com isso eu comecei a ficar muito crítica, vendo os professores de literatura analisarem as coisas e aí eu também estava muito focada, que eu queria, eu achava meio insano e eu pensei "meu, quem sabe, né? Vamos tentar" e aí então com isso inclusive eu acabei meio que me dissociando do espaço das pessoas da escola, então assim eu comecei a me afastar mesmo, a ponto de que hoje eu não converso com ninguém que estudou comigo na escola porque...

p - sua visão de mundo mudou muito pra galera que era de lá.

e - mudou, e eu sinto também que os objetivos...

p - pessoais?

e - assim, era uma escola que era boa para quem estava lá dentro, você conseguir tirar umas notas razoáveis, mas eles não te davam estímulo então não existia aquela coisa de tipo "vamos preparar os alunos com as obras do vestibular, vamos incentivar eles fazerem o ENEM, vestibulares públicos"...

p - era muito mais uma boa vontade do que um incentivo direto.

e - é para eles assim, passou numa particular ótimo, maravilhoso, e para mim isso era muito pouco, porque eu ouvia isso na escola as vezes um burburinhos de USP, coisas

públicas e eu comecei tipo "nossa, eu acho que eu quero isso e tal" e ainda querendo Medicina, eu falei "gente, ou é pública ou eu não faço", e aí eu resolvi entrar no cursinho e aí as pessoas que estavam nesse ambiente da minha escola não estavam com essa vontade de tentar um universo maior, para eles aquele ambiente estava melhor, e eu não estava achando mais interessante aquilo, então as ideias não estavam mais...

p - batendo?

e - e a gente acabou se separando, assim...

p - e você fez no objetivo, né?

e - o que?

p - o cursinho.

e - cursinho, fiz no objetivo.

p - e ele era mais próximo do centro da cidade ou era mais próximo de onde você morava mesmo.

e - então, aí como diz são duas etapas. Eu fiquei três anos fazendo no Tatuapé, e depois os dois últimos na Paulista.

p - entendi, mas se você mora ali perto do outro município pro Tatuapé já é uma mudança de... Mesmo de população, do entorno de onde está localizado o cursinho.

e - nossa, é bem diferente assim.

p - você sentia essa diferença?

e - é, sei lá, contato com pessoas diferentes, os professores falando umas coisas que eu nunca tinha ouvido falar. Se começa a falar "nossa, o mundo é bem grande, eu não sabia de nada".

ANEXO 18 – ENTREVISTA COM ALUNO 56

Pesquisador - eu vou começar pelo básico, eu gostaria que você me contasse como surgiu seu interesse pelo curso de Medicina?

Entrevistado - minha família tem... Bastante pessoas formadas, não necessariamente em medi... quer dizer, alguns são, mas no geral minha família tem muita gente formada na área da saúde. Minha mãe é enfermeira, meu pai é médico, eu tenho uma... Tia enfermeira... Enfermeira não, uma tia médica, uma tia fisioterapeuta, uma prima enfermeira, outra prima médica, uma prima odontologista, enfim a família inteira envolvida com saúde e sempre uma coisa que, aquela coisa, meio que cresci nisso, eu sempre achei bastante interessante e aí acabou acontecendo que chegou o momento que eu fui crescendo assim e eu lembro que meu sonho de criança na verdade era fazer enfermagem, não Medicina. Mas aí eu fui fazendo um pouco mais de pesquisa assim e percebi que provavelmente o meu perfil tem mais a ver com Medicina mesmo.

p - e porque esse interesse pela enfermagem que depois trocou pela Medicina?

e - em muito porque eu admirava minha mãe, que apesar de não exercer mais na época que eu nasci... é... ela é enfermeira, e aquela coisa de criança, sabe? De admirar mãe, admirar pai, e essas coisas, eu gostava muito...

p - então o seu pai é médico e a sua mãe...

e - é enfermeira.

p - então, mas a sua referência foi sua mãe.

e - a minha primeira referência foi a minha mãe, engraçado que quando era pequena o meu relacionamento com o meu pai era muito melhor.

p - mais próximo... nossa.

e - não digo mais próximo, mas dava muito menos dor de cabeça lidar, até hoje na verdade prefiro lidar com meu pai do que com minha mãe, mas o meu exemplo assim, minha referência foi a minha mãe.

p - e aí em um determinado momento isso virou pra Medicina.

e - conforme o tempo foi passando e começou a deixar de ser, como fala, um

sonho de criança para um real projeto de vida, eu comecei a pesquisar e eu percebi que provavelmente eu gostaria mais... principalmente da autonomia do médico.

p - autonomia...?

e - no sentido de, por exemplo, existir a possibilidade, pelo menos pelo que eu lembro que eu fiz e pesquisei, eu tinha muita pouca oportunidade de trabalhar assim sem ser empregado de alguém na enfermagem, isso eu não queria de jeito nenhum. E eu também não tenho lá muito a ver de fazer empreendedorismo de inventar coisas novas, eu pensei que assim que para ter um pouco mais de poder, ter um pouco mais de caminhos, de autonomia, realmente a Medicina fazia um pouco mais de sentido, ela era... estava mais dentro do que eu queria para mim depois.

p - e sua família é de o interior.

e - na verdade assim, minha mãe é da capital, meu pai é de outra cidade do interior, mas eu cresci nessa cidade.

p - sim, você veio para cá agora?

e - sim, eu vim para cá faz uns 5 anos, que eu vim fazer o ensino médio.

p - e qual ensino médio?

e - eu fiz Etapa.

p - ah, e daí você fez cursinho lá, se não me engano?

e - fiz um ano de cursinho lá.

p - nós vamos chegar nisso também, mas só um ano? Você entrou super-rápido.

e - é.

p - você é bem jovem na verdade, 19 anos.

p - qual a especialidade médica do seu pai?

e - meu pai é pediatra.

p - e você acompanhava o trabalho do seu pai? Ele falava sobre isso com você?

e - bastante.

p - e como era o impacto disso, ou como você imagina o impacto disso na sua escolha por Medicina, por exemplo?

e - por Medicina eu acho que eu não posso dizer que não influenciou, porque é aquela coisa, eu via, eu achava legal, achava

interessante fazer... Como fala, essa questão de você trabalhar com saúde, ajudar as pessoas, e tudo mais, mas eu creio que em relação à pediatria me afastou.

p - sério? Por conta do que?

e - porque meu pai era médico... Como fala, meu pai é pediatra, mas ele é pediatra de interior, né? Aquele que dá o telefone e todo mundo liga o dia inteiro, eu olhava para e pensava "gente, eu não tenho cabeça para isso".

p - era uma rotina muito...?

e - ah meu pai, por exemplo, ele criou um whatsapp, na verdade eu criei um whatsapp para ele porque eu estava precisando ter uma maneira de compartilhar mídia com ele mais fácil, que as vezes a gente precisava mandar foto, essas coisas. E assim, foi insano, a gente criou esse whatsapp dele dia 26 ou 27 de dezembro, final de ano, durante um final de semana, acho que era sábado que a gente criou esse negócio, e assim, a gente criou 2h da tarde, e 4h já estava chegando mensagem de paciente. Aí eu pensei "não quero isso para mim", não tem como eu achar que isso é bacana, sabe?

p - essa coisa de não conseguir desconectar.

e - meu pai assim, meus avós moram relativamente perto da cidade que eu morava, então quando eu vou para lá eu vou muito com meu pai visitar os meus avós. Então meu pai geralmente, o que ele faz, ele aproveita que os meus avós moram em sítio onde o sinal já é fraco, e ele desliga o celular que é o único momento que ele consegue fazer isso. Que ele consegue realmente assim dormir 10 horas seguidas, porque se não o telefone toca, meu pai também não sabe mexer muito bem com celular então ele não consegue desligar notificação e vinha todo aquele barulho de notificação e de mensagem de texto o tempo inteiro.

p - enlouquecedor.

e - eu não quero isso para mim, não tem como eu querer isso.

p - sim, não tem como desligar.

p - e o seu avô é acupunturista?

e - o meu avô materno.

p - ah sim, não é o que vive na sua cidade, e ele é médico também?

e - não, não, não, ele é massoterapeuta mesmo. Ele aprendeu Medicina oriental no Japão mesmo antes de migrar pro Brasil, na verdade ele já está aposentado hoje em dia, mas ele atuou até bem pouco tempo atrás.

p - e você é filha de japoneses ou é sua mãe que é japonesa e seu pai é brasileiro?

e - meu pai é neto de japoneses e a minha mãe é filha. Só que o meu pai, no caso a minha bisavó, nasceu no japão mas ela veio muito pequena, e a minha mãe nasceu assim três meses depois da família dela chegar no Brasil. Então o gap (intervalo) das gerações é maior do que parece, do que eu falando simplesmente que tem uma, entendeu? A família do meu pai é de uma migração muito mais antiga.

p - da época do café e etc.

e - isso, exato, eles ficaram bem no interior de São Paulo e Paraná, a família da minha mãe já veio mais no pós segunda guerra mesmo.

p - década de 50, 60.

e - isso.

p - e você tem irmãos?

e - não.

p - você então é filha única.

e - sim, dos dois lados.

p - do lado da sua mãe e do meu pai.

e - tanto da minha mãe como do lado do meu pai.

p - uhum, como...

e - meus pais não foram casados e nem tem filhos de outros casamentos ou...

p - mas você tem primos.

e - tenho, tenho eu tenho dois primos de primeiro grau pelo lado do pai, com um no caminho, mas eu tenho um convívio bastante próximo com vários primos meus de segundo grau.

p - tem esse gap de geração, também?

e - é que assim, um avô e um tio avô meu criaram os filhos juntos, então meu pai é muito próximo desses filhos deles e por consequência eu também sou até mais

próxima desses primos de segundo grau do que dos de primeiro.

p - algo como seu pai tem mais ou menos a idade dos seus primos e você tem mais ou menos a idade dos seus primos de segundo grau..

e - isso.

p - aconteceu isso comigo também, sou filho de temporão.

e - não, meu pai ninguém dessa história é filho de temporão, é só que...

p - Entendi, e você sempre estudou em escola particular?

e - sim, a vida inteira.

p - e você trocou de escola ou ficou sempre em uma escola só?

e - eu estudei no ensino fundamental, eu fiz um ano de jardim em uma escola, depois fiz o resto do jardim em outra, depois fiz o ensino fundamental inteiro em uma mesma escola e fiz o ensino médio em outra escola também.

p - e porque teve essa troca pro ensino médio?

e - porque eu vim para São Paulo.

p - ah é verdade, você falou que veio cursar o ensino médio aqui, que você fez no Etapa.

e - isso, o colégio que eu estudei até a oitava série ofertava a grade inteira, só que estudei só da primeira até a oitava lá.

p - a grade inteira? Como assim?

e - tipo, eles tinham desde o jardim até o terceiro ano.

p - ah todo o ensino médio também.

e - tinha tudo, tinha até ensino pré-escolar, mas esse eu fiz em outro lugar, que aí eu fiz em uma escolinha que só tinha pré-zinho e entrei depois na primeira série.

p - e aí porque você veio pra São Paulo especificamente?

e - porque eu queria fazer Medicina já, já estava decidido nessa época.

p - foi desde antes do ensino médio.

e - sim, quando uns 12 anos assim, eu já tinha certeza que eu queria trabalhar com área de saúde e com 13 para 14 virou certeza que eu queria Medicina.

p - e daí você resolveu essa questão da enfermagem também.

e - sim.

p - e aí você ficou no Etapa...?

e - sim, eu já tinha decidido que eu queria fazer Medicina e os meus pais eles sempre acharam muito ruim a universidade que tinha na minha cidade, a única pública de lá, e a gente não teria dinheiro para pagar uma particular, e daí a gente fez as contas e a minha mãe queria que eu conhecesse São Paulo, ela falou "você precisa conhecer cidade grande".

p - sim, aqui a efervescência cultural é muito maior.

e - exato, exatamente por isso, e aí juntamos tudo e viemos.

p - veio sua família inteira?

e - na verdade não, veio só eu e minha mãe. Meu pai, como ele tem consultório, ele ficou por lá.

p - e sua mãe vive aqui também de boa?

e - sim.

p - ela é bancária aqui também?

e - não, ela foi bancária só por um ano quando eu tinha uns 5 anos.

p - e seu pai que acaba gerenciando mais essa coisa do dinheiro e etc?

e - ele trabalha e quem realmente faz as finanças da casa é minha mãe.

p - entendi, e ela veio com você e vocês ficaram por aqui e hoje você mora com a sua mãe?

e - hoje eu moro com a minha mãe. Minha mãe, agora que eu estou um pouco maior, ela volta bastante para Maringá, mas...

p - mas ela também tem família aqui, eu imagino que tenha havido essa reaproximação e etc.

e - não.

p - não? Entendi.

p - E você tem alguma preferência por especialização aqui? Você já pensou em alguma especialização na Medicina que você vá fazer?

e - eu percebi que provavelmente não vou querer fazer nada na área da cirurgia, mas além disso eu honestamente não tenho muita ideia não.

p - porque você não gostaria de fazer algo na cirurgia?

e - sabe quando você olha o ambiente de trabalho, você pensa nas coisas que você vai precisar fazer pra passar na residência, você pensa...

p - todas essas questões que são mais políticas do que da Medicina.

e - é, mas eu também falo assim de que por exemplo eles falam que você precisa ter uma boa coordenação motora desde antes, a minha é ruim.

p - mas assim você falou de todas as coisas que você vai precisar fazer, me fala um pouco mais disso, como é esse campo da cirurgia que me parece algo pesado pelo que você me falou.

e - é então, exatamente no sentido que me pareceu que o ambiente não era muito o que eu queria, quando eu vou por exemplo observa alguma coisa de cirurgia não é o tipo de lugar que eu olho e falo "eu queria estar lá".

p - entendi, mas porque?

e - eu não sei.

p - você sente sei lá algum...

e - é sufocante.

p - é sufocante?

e - é sufocante para mim observar, pelo menos assim...

p - o ato cirúrgico em si ou as relações dentro da cirurgia?

e - ... eu acho que são os dois.

p - os dois, me fala um pouco mais disso, tenta resgatar algo que tenha mexido assim que você falou "nossa, não, esse tipo de coisa me faz mal, esse tipo de coisa não é pra mim."

e - primeiro que... Por mais que eu não passe mal, essas coisas, eu realmente não curto aquela ideia de... Sabe... Na verdade é aquela coisa que pega muito de você, por exemplo, na hora que você faz o ponto, ver o ponto.

p - entendi.

e - não rola, e... Eu não sei, me parece que a sensação que eu tenho é que há uma coisa dentro do curso de cirurgia que é uma coisa muito hierarquizada, me pega muito essa sensação. Quando você vai ,por exemplo, observar a clínica óbvio que existe uma certa hierarquia também porque não tem como você trabalhar sem nenhuma, mas não é uma

coisa tão rígida. Pelo menos do que eu observei, que eu admito, ainda muito pouco, mas assim, eu não quero bater o martelo ainda porque exatamente porque estou muito no começo, mas eu não...

p - você tende a ver cirurgia como algo negativo.

e - é, não necessariamente negativo, mas é uma coisa que eu não...

p - não se identifica.

e - exato.

p - e essa coisa da hierarquia, isso é refletido como? Por exemplo a forma que os alunos têm que se reportar durante a liga para o preceptor.

e - não, acho que não é nem tanto por isso, é no sentido de no momento que eles estão fazendo as coisas todo mundo tem que fazer, cada um tem a sua função ali e acabou.

p - muito assim fechadinho naquele quadrado?

e - exato, e eu não sei e eu olho aquilo...

p - e acha sufocante.

e - eu acho sufocante pra caramba.

p - parece mesmo com uma clausura, da função que você tem que exercer e tudo fica muito fechadinho e etc...

e - isso ocorre principalmente quando eu comparo com as coisas que eu via meu pai fazendo, coisas que meu pai relata que ele fazia, coisas que a minha mãe inclusive relata que fazia. Me parece que eles lidavam com uma variedade um pouco maior de coisas.

p - me fala um pouco mais sobre isso.

e - por exemplo, assim, inclusive eu acho super engraçado porque tem um monte de termos do curso que me são familiares, mas não é porque eu não fiz uma língua ou porque eu li num livro, mas porque eu ouvi meu pai falar disso desde sempre. Principalmente considerando também que a minha mãe também é da área de saúde eles viviam batendo papo sobre como tinha sido o trabalho do meu pai com termos altamente técnicos. Então, sabe aquela coisa que você ouvia eles contando, parecia muito mais que eles faziam realmente, tipo, cada dia que ele voltava, ele vinha falando de uma coisa diferente. Claro, o meu pai é pediatra, ele

não vai falar horrores sobre, mas não parava nisso, entendeu?

p - sim.

e - mas quando eu fui observar cirurgia parece que todo dia eles estavam fazendo a mesma coisa lá, sabe?

p - rotineiro demais?

e - eu também sou assim, eu preciso ter alguma noção de rotina, porque aquelas pessoas que falam "cada dia é uma coisa completamente diferente" também não salva.

p - sim, eu entendo, mas uma rotina sempre igual...

e - a mesma coisa, assim é cansativo, não sei se é isso que eu quero, sabe?

p - talvez algo mais relacionado a menos desempenhar uma função, mas pensar naquilo que você está fazendo?

e - sim.

p - e como era estudar aqui em São Paulo?

e - no ensino médio?

p - isso, o que você sentiu assim de diferente, de diferença?

e - ah, primeiro de tudo, eu tinha saído de uma escola que, não digo que era uma escola de bairro, mas era uma escola de interior, menor. Minha escola tinha 2000 alunos do jardim até o terceirão, e era uma das maiores escolas da cidade. Aí de repente eu estava em uma turma que tinha 400 alunos só no primeiro ano da manhã.

p - é uma bela diferença, na escola pequena você conhece todo mundo.

e - não é nem só uma questão de conhecer todo mundo, tinha menos gente literalmente, e considerando que a estrutura do Etapa não é exatamente espaçosa, eu me sentia bem...

p - você fez o do Ana Rosa?

e - sim.

p - eu estudava lá também. Sentiu?

e - sim, o colégio não é tão apertado quanto o cursinho, mas é bem apertado também. Então eu sentia bem sardinha enlatada, eu lembro que nos primeiros dias que eu não tinha muitos amigos e essas coisas, eu chegava a levar video game pra jogar enquanto eu esperava sair as pessoas, para uns 10 minutos depois descer.

p - você ficava na sala jogando?

e - eu ficava na sala jogando enquanto o pessoal descia.

p - pra não ter que lidar com aquela...

e - muvuca, porque eu tinha acabado de chegar em São Paulo, eu ficava por exemplo muito intimidada com aquela galerona toda andando.

p - é uma mudança completa de ambiente e de relação mesmo com outros alunos.

e - é que assim, na minha cidade, o máximo de aglomeração que tinha normalmente sem ser um evento, essas coisas, era coisa de 300 pessoas em um mesmo lugar. De repente eu to falando de um lugar que tá saindo 1500, só contando o ensino médio, sem pensar no pessoal do cursinho, que é o do lado.

p - é outra vivência na verdade, de se pensar mesmo enquanto indivíduo.

e - eu lembro que nos primeiros momentos em São Paulo, não é que eu não dormia, eu não tinha problemas pra cair no sono, mas o meu sono ficava sempre muito superficial, porque parecia que eu ligava o alerta quando eu estava aqui. Primeiro que aquela coisa que todo aquele medo de São Paulo, violência e tudo aquilo, o que eu acho super engraçado porque se você for olhar os números, por exemplo, de homicídios da minha cidade, são piores do que os de São Paulo. Isso porque minha cidade não é uma cidade tão perigosa assim, se você for comparar com o Brasil.

p - sim, o sudeste ainda é um lugar mais tranquilo.

e - sul e sudeste são bem mais tranquilos, mas mesmo assim minha cidade era pior que São Paulo, mas aquela sensação da insegurança que era muito forte, e até mesmo assim não só a questão da insegurança, a própria agitação assim era aquela coisa tinha carro passando, tinha carro passando a 60... a 70 por hora (km/h) na minha rua que não é uma grande avenida 11 da noite, isso é impensável em minha cidade, sabe? Não era nem aquela coisa de "aí eu acordei com o carro", não era simplesmente que eu nunca sentia a sensação de calma, que "agora é a hora de dormir", entendeu?

p - isso era uma coisa muito mais presente então dos momentos, acho que até por uma questão coletiva da cidade, como umas 10h estava já todo mundo em casa.

e - sim, tanto que assim hoje, como agora eu me acostumei com São Paulo, eu chego em casa eu estranho 10h a rua estar vazia. "Como assim são 10h, hoje é uma sexta à noite, como assim, gente?", sabe?

p - sim, entendo. Isso influenciou de alguma forma na sua escolha por Medicina? Essa vivência daqui de São Paulo?

e - não, já estava decidido quando eu vim, né?

p - você já tinha batido o martelo.

p - e como que é cursar Medicina?

e - cansativo.

p - das experiências, tem algo específica do curso que você nota, da própria vivência com seus amigos e professores.

e - é, convivência com os amigos está sendo bastante tranquila, eu tinha muito medo de trote quando eu entrei, mas ninguém mexeu comigo para nada. Sabe, eu achei que iam encher o meu saco, sabe? Tipo, sempre tem aquele negócio de ficarem enchendo seu saco para entrar para a atlética, para entrar 300 mil ligas, mas assim no fim das contas eu to...

p - super tranquila?

e - super tranquila em relação à isso pelo menos, ninguém me forçou a absolutamente nada, eu achei bastante bacana isso, a gente só teve alguns problemas porque um professor nosso teve um AVC no ano passado e jogaram a culpa na gente.

p - imagine, mas foi um problema com vocês?

e - então, teve um problema teve um misunderstanding que a escola transformou em uma fofoca enorme e provavelmente o professor se estressou com isso e o pior, ele teve esse AVC enquanto estava aula para gente. Eu vi ele tendo o AVC.

p - meu deus, que traumático!

e - não foi a primeira vez que eu vi alguém tendo um AVC para ser bem sincera, então... mas não deixa de ser "meu deus, o que está

acontecendo", né? Então os primeiros meses foram bem turbulentos, mas depois...

p - você sentiu que pegaram sua turma mais forte por conta disso?

e - pegaram bastante, sabe aquela coisa de você sentir que, sabe? "Ah essa turma aí só dá problema, um monte de gente brigona, problemática" teve muito isso sim, eu achei que a gente assim, eu não sei como isso vai refletir lá na frente, mas agora baixou a poeira e está mais tranquila.

p - sua turma é a primeira turma com cotistas 50%, metade, você acha que teve alguma influência disso?

e - da cota em si, eu acho que não.

p - eu digo do próprio perfil de aluno, que eu imagino que modifique.

e - sim, mudou bastante o perfil de aluno, mas eu acho que o que teve lá, teria tido mesmo que continuasse. Foi uma coisa pequena, eu acho que mesmo que a gente com o perfil de aluno diferente, a gente provavelmente sendo uma turma sem cotas teria sido uma turma que teria acontecido, e a fofoca enfim acontece.

p - como você falou que pegaram mais pesado com a sua sala, a galera tende a arrumar todo tipo de desculpas ou de razões que as vezes não tem nada a ver.

e - eu não ouvi falar sobre cotas em relação a isso.

p - entendi, foi outra questão mesmo, muito mais relacionado ao fato ocorrido e eles aumentaram em 200%

e - é.

p - entendi.

e - não, é claro, a gente vê assim, a questão de a gente ter uma... Naturalmente a nossa sala é uma com um perfil bastante diferente das anteriores, a gente tá tendo dificuldades... Principalmente, agora nem tanto, mas no primeiro ano a gente teve bastante dificuldade para se adaptar e conversar essas coisas, mas...

p - me fala um pouco dessas dificuldades e quais elas foram assim?

e - ah eu lembro que, por exemplo, quando a gente estava discutindo sobre formatura, dinheiro foi assim, dá pra perceber que foi uma discussão bem maior, pelo menos pelo

que a gente ouve do que o que foi para as turmas anteriores. Por um motivo muito simples, a gente está com um monte de cotistas e nem todo mundo vai para pagar, faz todo sentido. Isso vai gerar atritos, não tem como, mas acho que chegou um certo momento, assim até o final do ano passado dava alguns problemas assim, mas esse ano foi bem mais tranquilo nesse sentido. O pessoal entendeu como funciona o jogo.

p - entenderam as regras um do outro.

e - uhum.

p - e como ficaram seus hábitos e relações depois da entrada na Medicina da UNIFESP.

e - ah, meus hábitos pioraram bastante...

p - hábitos culturais mesmo.

e - hábitos culturais?

p - é, você diria que teve grandes mudanças?

e - não.

p - mesmo o fato de você ter vinda aqui para São Paulo, é porque você também já estava mais acostumada da época do colegial, não é? Aí que foi a grande cisão.

e - é, a questão foi a transição do colegial para faculdade, acostumar com São Paulo eu já estava acostumada, não é?

p - certo, então me fala um pouco dessa transição do colegial para a faculdade.

e - foi bem assustadora.

p - uhum, por que?

e - eu estudei no Etapa. Fiz colégio e cursinho no Etapa, e o Etapa é bem aquela coisinha de faça o exerciciozinho, faça a provinha, passe na provinha, faça o simuladinho, vá bem no simuladinho, vai fazer o vestibular, faça o vestibular e passa. É uma coisa assim, bem receitinha de bolo, bem quadradinho. Para mim era um pouco sufocante, um pouco não, bastante sufocante ficar em um ambiente fechado, quadradinho assim? Era, só que eu passei 4 anos com essa sendo minha realidade, e aí de repente você chega na universidade com aquele monte de escolhas para fazer, você fica desorientada e isso eu não tenho dúvida, e até agora isso é a parte que mais está me pegando assim, eu ter que escolher tudo, pensar e fazer absolutamente tudo por conta própria. Não que as pessoas não ajudem, não que as

pessoas não deem conselhos, mas é aquela coisa, você quem tem que decidir e ir atrás de absolutamente tudo.

p - isso é desnorteante, assim?

e - não deixa de ser um tanto quanto cansativo, um tanto quanto... Me desorienta bastante, ainda.

p - e a relação com o resto do pessoal, do que a galera fala para você fazer e etc, como é isso de te indicarem determinadas trajetórias, coisas que você tem que fazer? Isso acontece bastante?

e - olha, eu até falaram assim "vamos fazer isso, vamos fazer aquilo" só que...

p - algo como "alguma coisa é importante" ou "tal coisa é importante, você precisa fazer".

e - me falaram muito pouco disso, a única coisa que eu realmente acabei ouvindo era sobre fazer iniciação científica, mas honestamente...

p - você não tem vontade.

e - eu não tenho vontade.

p - e porque o que que pega que você não tem vontade de fazer a iniciação?

e - porque eu não consigo pensar em alguma coisa que eu gostaria de pesquisar.

p - agora.

e - agora pelo menos.

p - e nenhum professor te chamou atenção nem nada nesse sentido?

e - não, eu até tive alguns professores super bacanas que eu imagino que se eu fosse fazer alguma pesquisa seria legal. Só que mesmo com esses professores, como eu te disse, me falta uma ideia para eu chegar lá falar.

p - uhum "queria pesquisar isso aqui".

e - é.

p - tá mais pra isso mesmo, não é por nenhuma relação com a própria IC ou com a natureza do curso desse sentido?

e - é que eu realmente não consigo pensar em algo que eu queira fazer em relação isso, eu nunca tive muito interesse por essa área acadêmica assim, então...

p - ah sim, entendi, então fazer mestrado ou doutorado nesse sentido não seria um caminho.

e - não.

p - para você seria mais legal sua atuação profissional enquanto médica.

e - sim.

p - uhum.

e - é, eu cresci vendo isso e isso que...

p - sim, com médicos em casa e profissionais de saúde na família, então pra você isso se tornou um caminho.

e - e é uma coisa que eu olhei e falei "eu quero fazer isso" foi isso que me atraiu para Medicina, e não a pesquisa.

p - o ato médico em si, a coisa de você trabalhar.

e - isso, que me atraiu para Medicina. Não é que eu não acho que pesquisa seria um caminho, mas aquela coisa que, sabe quando você olha.

p - você tende a não ver aquilo, por enquanto pelo menos...

e - é uma coisa que seria uma... Mudança de caminho, não é que eu ache que isso seja ruim, apenas que eu não estou sentindo necessidade no momento de pensar nisso.

p - e que cursos você fez além de cursos de idiomas, você fez inglês eu imagino e o japonês você aprendeu pela sua família?

e - eu fiz japonês na escolinha também.

p - ah em qual escola?

e - eu fiz na escola japonesa, no instituto de língua japonesa da associação japonesa da minha cidade.

p - associação?

e - é como um clube dos japoneses.

p - ah sim! E o que mais de cursos que você fez além do japonês e do inglês?

e - eu fiz piano, flauta doce, canto com mais de um professor, acho que eu devo ter feito canto com pelo menos uns 3 ou 4 professores nessa vida... Eu fiz natação, não é bem curso, mas são atividades extracurriculares, né? Eu fiz balé, fiz taiko que são aqueles tambores japoneses, yosakoï soran que é uma dança japonesa, fiz soroba que é aquele ábaco japonês.

p - tudo isso pela associação?

e - essas coisas relacionadas à cultura japonesa foi por lá, mas eu fiz um monte de coisa, eu fiz tanta coisa!

p - e você é bastante ligada com música e com dança.

e - principalmente com música.

p - e que tipo de música? Música clássica.

e - não, eu sempre tive muita... Desde pequenininha eu cantei por muito tempo enka, que é um gênero japonês de música. Aí depois que eu parei de fazer, eu participava daqueles concursos da comunidade japonesa, depois que eu parei de participar deles eu entrei em corais, de música popular principalmente e aí eu faço coral até hoje inclusive.

p - que legal, então você manteve a atividade.

e - sim, alias foi a única coisa que eu realmente continuei desde que eu entrei no colégio.

p - e que você entrou na faculdade.

e - que eu entrei no colégio e na faculdade...

p - e você trouxe isso pra São Paulo, porque você fazia isso em sua cidade.

e - coral eu não fazia em sua cidade, eu fazia esses concursos de canto, eu continuei participando deles ainda em São Paulo, em São Paulo eu parei de participar desses concursos e comecei a fazer o coral. Eu cheguei a fazer um pouco de coral em minha cidade, mas foi muito pouco.

p - o cerne disso, o central estava aqui em São Paulo mesmo.

e - estava aqui em São Paulo, minha experiência, essas coisas...

p - entendi.

p - e você também tem interesse em fazer extensão?

e - sim.

p - em que especificamente? Você já fez alguma extensão aqui ou não?

e - eu faço... Extensão você quer dizer aquela, por exemplo, eu faço parte do abraços...

p - que você está fazendo agora.

e - sim, faço parte, inclusive a reunião da semana foi agora pouco.

p - entendi, e como está sendo e porque você entrou na extensão?

e - porque eu precisava aprender a falar com paciente.

p - você é muito tímida?

e - tenho bastante problema para falar, justamente assim quando você me pede para falar alguma coisa, não é problemática, mas eu chegar e puxar assunto...

p - quando você tem que iniciar uma conversação.

e - iniciar uma conversa é bem complicado para mim.

p - e além da abraços o que mais você gostaria de fazer? Você tem alguma ideia?

e - eu estou indo bem devagarzinho assim, eu pretendo primeiro terminar esse ciclo do abraços e depois pensar no que que eu vou fazer.

p - sim, você está certa, não adianta colocar o carro na frente dos bois.

p - na pergunta 73 onde eu coloquei "me sinto a vontade na UNIFESP, tanto nas aulas quanto em outros espaços, não sinto qualquer tipo de pressão em relação alunos e professores, sinto liberdade de dizer o que penso e me expressar sem constrangimentos quanto minhas ideias ou posições". Você colocou que discorda totalmente, por que?

e - por exemplo, eu me sinto muito desconfortável quando assim estou tendo bastante dificuldade com a matéria, então assim sabe aquele medo de eu chegar e fazer pergunta besta?

p - mas você acha que isso vem de uma percepção mais pessoal ou você acha que tem...

e - eu acho que assim é mais uma coisa pessoal, mas eu tenho aquele medo enorme de fazer pergunta besta e rirem da minha cara, sabe? Eu até imagino que de certa maneira isso não vá acontecer, já vi gente fazer gente fazer perguntas bem piores do que eu tinha na minha cabeça e não riram na hora, e ninguém lembrou disso 10 minutos depois, mas é uma coisa que particularmente me constrange muito. E assim, eu também tive um pouco de problema porque eu caí de turma, e o jeito que trataram a gente depois... O jeito que os professores da matéria que reprovou a gente nos trataram depois, porque caiu muita gente de uma vez e a gente ficou tipo "pera, tem alguma coisa errada" e o jeito

que a coisa foi se seguindo para gente... Não tô nem falando sobre eu ter conseguido...

p - ou não, sim.

e - ou não, mas é que o jeito foi se seguindo depois, foi uma coisa do tipo "não vamos conversar mais", acabou assim.

p - nossa, mas me dá um exemplo concreto disso, como aconteceu, sei lá.

e - eu lembro que a gente foi tentar argumentar com o... o professor responsável da nossa UC (Unidade Curricular), não do departamento inteiro, só da nossa UC, ele até falou que estava aberto a conversa, só que aí menos de uma semana depois já tinha a nota na pasta verde.

p - ele já tinha fechado tudo e acabou.

e - exato, porque... A gente nem ficou sabendo do que aconteceu, a gente ficou sabendo apenas que ficaram fazendo pressão para ele não passar por algum motivo que a gente não sabe.

p - mas para ele não passar vocês?

e - é, e aí ele acabou... óbvio que ele também não vai bater de frente, porque senão ele se ferra.

p - tem toda uma estrutura...

e - e aí ele botou a nota de todo mundo na pasta verde, depois a gente foi tentar levar isso assunto de novo, começaram a jogar...

p - a fazerem pressão em vocês.

e - fizeram umas caveiras quando a gente foi tentar levar em uma reunião que a gente não esteve presente, porque a gente não fazia parte, era a reunião de uma comissão, eu acho que a gente não fazia parte. Mas assim a gente pediu para levar uma carta com o assunto e pelo o que a gente entendeu eles nem quiseram discutir "não vai ser e acabou", entendeu?

p - mas isso por conta da comissão ou do colegiado de professores?

e - por parte do colegiado... Tipo, "nós não vamos falar, a culpa é deles de não terem estudado direito", acabou.

p - tem tantas questões em jogo, até porque são provas, um monte de coisa pode acontecer na vida de uma pessoa.

e - então teve uma prova em que mais 80 pessoas tiraram nota vermelha.

p - pois é, e como é que eles jogam essa culpa no aluno? Tem também a questão da experiência com o professor que eu imagino que tenha sido traumático.

e - é que esses professores são famosos por todo ano largarem um monte de gente de ano...

p - então é algo já "institucional" assim.

e - é...

p - nossa, que pesado.

e - então e a partir do momento que isso aconteceu, sabe quando você fica até com medo de bater de frente.

p - sim, você fica com receio, você não sabe com quem você está falando, né? O que você está falando e como isso pode influenciar.

e - o que você está falando, com quem você está falando, para quem você precisa levar.

p - entendi.

e - foi uma coisa que foi bem complicada, isso já assim, de certa maneira a gente já vinha sentindo isso desde que todo aquele rolo que teve ano passado (com o professor), só que isso depois dessa situação desse ano, aumentou...

p - aumentou sua sensação de ansiedade por assim dizer?

e - de que assim... não sei...

p - até onde dá para falar essas coisas.

e - e com quem falar...

p - nossa que pesado. E daí isso ficou desse jeito e não se resolveu?

e - quanto a fazer essa matéria de novo ano que vem isso não tem jeito, e não é o problema, mas o jeito que se seguiu essa coisa... Onde, como fala? O que veio depois... a maneira como não teve diálogo essas coisas, foi...

p - chato assim...

e - bastante desgastante.

p - entendi, você ficou mal com isso pessoalmente.

e - bastante.

p - que triste, mas isso só com esse grupo de professores, um grupo específico?

e - não então, é a questão justamente que como eu tive problema com esse grupo de professores...

p - influência em todos.

e - influência meu... Eu fico com medo de falar com todos. Eu sei que tem muitos professores que eu até sei que é coisa da minha cabeça, se eu for falar, não vai dar nada, vai ser de boa. mas você fica com medo, porque como você fala, "quem está com a faca e o queijo na mão?".

p - são eles, difícil.

p - e dessa coisa que é entendida como uma boa trajetória no curso, existe isso? Que os professores pintam? Que você me falou um pouco sobre a ideia de IC e etc. de iniciação científica, você acha que rola uma orientação dos professores como "faz isso daqui que é legal"...

e - a gente recebe informação muito conflitante de todo mundo o tempo todo, então eu nem sei o que seria essa rota ideal.

p - de uma trajetória específica.

p - e tem áreas que são mais valorizadas?

e - com certeza.

p - quais e quais são menos valorizadas.

e - o pessoal leva, como fala, as matérias de humanas, não leva nada a sério. Inclusive assim, a gente teve duas matérias que no começo a gente teve, por exemplo, matérias sobre sus e o segundo semestre, com o mesmo grupo de professores basicamente e tudo o mais, mesmo esquema de aula essas coisas, a gente teve epidemiologia no segundo semestre. Porque epidemiologia tinha prova e tinha número as pessoas, assim, continuaram não levando tão a sério quanto o resto, mas dá para perceber que a atitude das pessoas em relação a matéria mudou.

p - entendi, modificou assim, de se empenharem mais, lerem mais e participaram mais das aulas?

e - de terem um pouco... como fala... de terem um pouco mais de...

p - de respeito mesmo.

e - de respeito mesmo pela matéria, porque assim, tudo bem que algumas dessas matérias foram realmente muito ruins. mas o pessoal realmente considerava as matérias "de humanas" entre aspas, recreio, sabe? Ia na aula para dormir.

p - e transparecia isso em algum comentário ou algo do gênero.

e - muito.

p - me dá alguns exemplos então.

e - eu lembro que por exemplo, essas matérias, por a gente estar a maior parte em grupos pequenos, eram matérias que os professores faziam chamada então não dava para pedir para assinar, então a galera falava "ah vamos lá dormir e assinar", "ah é, psicomed? pode matar, não dá nada", uma desvalorização assim bem real. Mas dá pra perceber que isso é de certas matérias em específico, eles realmente, vamos dizer essa questão de desvalorizar as matérias de humanas, é bem real. Porque por exemplo, a gente honestamente achou por exemplo microbiologia tão ruim e tão inútil quanto psicologia médica, mas as pessoas não simplesmente largavam mão do mesmo jeito. Até mesmo com essa questão de microbiologia as pessoas pediam para assinar porque microbiologia não tinha chamada, mas as pessoas dava para perceber que elas não consideravam "ah foda-se" do mesmo jeito.

p - era muito mais forte isso nas matérias ligadas à humanidades. E você acha que isso era geral da Medicina ou você acha que tinha um perfil de alunos nesse sentido?

e - tem um perfil de aluno, certamente que faz mais, mas questão é que, por exemplo, as matérias das ditas humanidades, baseiam muito menos nota em prova e isso não tem jeito: você não coloca prova, as pessoas não estudam. Só que aí também é horrível, porque você vai colocar prova e as pessoas passam mal de estresse por causa da prova.

p - só se foca na prova, na prova e a matéria perde o sentido de ser em si.

e - exato, por exemplo, o que acontecia muito das matérias, teve gente que terminou... O professor pedia para gente ler um texto de 5 páginas para a próxima aula.

p - 5 páginas.

e - 5 páginas!

p - sim, você faz em menos de 10 minutos.

e - 5 páginas de letra assim, não estou falando de letra miúda.

p - sim.

e - 2 numa sala de 30 liam.

p - e desse perfil dessa galera que costumava...

e - o pessoal que lia eram sempre os mesmos, e o pessoal que nunca absolutamente lia também eram os mesmos.

p - mas como era? Quais eram as diferenças entre eles? Sabe dizer algo assim...?

e - dava para perceber que assim, as pessoas que liam, por exemplo, que levavam um pouco mais a sério essas matérias de humanidades eram pessoas mais preocupadas com aquela formação mais holística.

p - uma questão mais completa, geral da condição médica.

e - pensando mais naquela questão social, econômica, etc., dava para perceber, porque tem muita gente que vem assim com aquela visão bem biomédica e tem aquelas pessoas que vem com uma visão um pouco diferente. Tinha bastante dessa diferenciação, é muito clara, clara como o dia para mim.

p - mas de perfil dessa galera socialmente falando da galera que rejeitava sendo um pessoal que vem de uma condição um pouco melhor, ou nesse sentido você acha que varia pouco?

e - varia pouco, pelo menos pelo que eu percebo assim tem aluno de todo perfil...

p - para todo tipo de resposta.

e - para todo tipo de resposta... dá para perceber assim que obviamente aqueles alunos que vem, tipo a primeira pessoa da família que entrou numa faculdade, dá para perceber que eles estão muito mais ligados, por exemplo, a essas questões sociais, mas mesmo assim...

p - tinha gente que tinha esse perfil, mas não ligava para a matéria.

e - uhum.

p - a questão do status financeiro não era um determinante assim tão forte.

e - tão forte não.

p - das carreiras que são mais valorizadas, você diria que são quais?

e - são mais as cirúrgicas, né?

p - as cirúrgicas.

e - sim, dá mais dinheiro, como dizem.

p - uhum, e esse discurso da ideia de fazer mais dinheiro, cê acha que é forte?

e - é, bastante.

p - surge nos alunos?

e - surge, bastante. E assim, como posso falar, é uma coisa que os próprios alunos não se sentem muito confortáveis.

p - de falar?

e - não de falar, no sentido de é uma coisa que incomoda, mas que ninguém tem muita esperança de mudar.

p - não é uma pauta de debate.

e - é.

p - é algo que simplesmente você tem que lidar.

e - é.

p - entendi.

p - essas carreiras e cursos, sei lá, ligas mais prestigiadas, isso aparece nos comentários dos professores?

e - as ligas já é um pouco mais bagunçado, não é tão...

p - diretivos assim, tão central?

e - é, mas assim eu vou ser sincera, eu não posso falar assim sobre liga porque eu não tive nem muito interesse nisso também por enquanto, exatamente porque uma pessoa que eu confio muito me comentou que assim "liga para o primeiro e segundo ano não vale muito a pena porque você não vai ter bagagem para acompanhar as coisas muito bem". Então por enquanto eu ainda não to indo muito atrás.

p - você está mais de boa, entendi. Você não tem essa vivência da coisa das ligas e tudo mais.

e - é, não tenho e não vou ficar falando coisas porque eu não sei.

p - perfeito.

p - e você tem planos para tipo quando você terminar a UNIFESP do que você vai fazer? Você tem ideia mais ou menos do que você quer atuar? É que de especialidade você ainda está procurando como você disse, mas você tem algo como uma ideia vaga do que você quer fazer, ou como você quer atuar?

e - eu percebi que eu não sirvo para criar consultório.

p - uhum.

e - mas fora isso...

p - fora isso você não tem ideia ainda.

e - fora isso não.

p - e o que você da sua vivência mesmo poderia me dizer o que seria uma boa trajetória para o curso? Você tem alguma ideia nesse sentido.

e - não.

p - certo.

e - é uma coisa muito abstrata, não dá para pensar, principalmente porque assim, dá para perceber perfis totalmente diferentes de pessoas tomando rumos completamente diferentes e você não vê eles estando necessariamente mais ou menos satisfeitos. Nem necessariamente vê um futuro mais ou menos brilhante para eles...

p - nesse sentido a distribuição de oportunidades é algo bem igualitário? Ou você acha que tem algum tipo de perfil que aproveita mais oportunidades, sei lá um grupo.

e - eu acho difícil tão cedo, principalmente porque a gente ainda está muito no começo do curso, se eu estivesse no quinto ou sexto ano provavelmente seria mais fácil de perceber.

p - sim, você teria mais vivência.

e - é óbvio que ajuda bastante você estar em vários círculos diferentes, para você conhecer o máximo possível de pessoas porque isso queira ou não influencia muito, mas muito mais do que isso eu nem tenho vivência para falar.

p - entendi, ainda não é algo solidificado assim, que você tem uma visão já pronta.

e - não.

p - e tem algum perfil de aluno que... sei lá, você falou da IC que você não gostaria de fazer porque você ainda não sente um interesse específico em relação a isso, você diria que tem outros alunos que estão assim também, que não querem fazer IC, ou que não se identificam com algumas áreas do curso.

e - bastante.

p - IC é mais uma exceção então?

e - não, não, não em IC, não, mas no sentido que tem várias coisas do curso que as pessoas não se identificam, tem gente que não curte a ideia de fazer IC, tem gente que não curte a ideia de fazer extensão, tem gente que não de básica...

p - entendi dos diferentes eventos, de liga, de atlética.

e - cada um tem seus interesses bastante diversos.

p - não é algo centrado em algum tipo de aluno ou algum tipo de grupo.

e - eu vejo de tudo... Dá para perceber que em termos de quantidade envolvidas você vai mais gente envolvida obviamente com a atlética e com as ligas.

p - e você acha que dá para dizer que tem uma correlação entre o fato de fazer atlética e liga.

e - não, são coisas bem separadas, são dois grupos grandes, mas não vejo...

p - grupos que monopolizam os alunos, mas cada um...

e - existe obviamente um...

p - correlação?

e - não, como fala? Um overlapping, mas... Eu não vejo isso como uma "relação", tem muita gente que está só em um ou só em outro também.

p - uma coisa não leva a outra assim por dizer.

p - sobre seus hábitos culturais, eu vi que você tem interesse por ciências e por variedades como política e diplomacia, porque?

e - sempre foram coisas que eu gostei, e minha mãe sempre fala que eu fui aquela criança que tinha um pouco de interesse em tudo.

p - eclética assim.

e - então no fim das coisas eu acabo... Meu interesse é assim bastante difuso, minha amiga brinca que se eu não fosse médica, você provavelmente estaria sendo missangeira, porque assim...

p - não tem uma área que especificamente assim você goste, mas assim, o que em ciências te chama atenção? Você lê mundo

estranho e superinteressante, são revistas de fatos científicos, mas o que mais da ciência te chama atenção de interessante e da própria política também?

e - eu gosto muito de assistir vídeo, minha experiência acaba sendo bastante moldada por isso, então eu sou daquelas pessoas que perde horas vendo vídeos de ciências, aquelas videoaulas no youtube por exemplo.

p - entendi, de sei lá, física.

e - eu vi tudo que tinha e tudo que eu conseguia achar até tipo meio ano atrás, que foi a última vez que eu consegui sentar e assistir.

p - porque de resto a faculdade come bastante do seu tempo.

e - come muito do meu tempo, mas assim...

p - é uma área que você gosta bastante...

e - que eu gosto bastante, e daí é aquela coisa que você vai vendo, vai vendo e vai acumulando e forma aquela pilha de coisas assim, eu também gosto bastante de animê, eu to sempre acompanhando pelo menos uns 2. Acompanhando de perto mesmo, vendo as discussões.

p - dos desenrolares.

e - a discussão em volta mesmo, não só assistindo.

p - tipo em grupos discussões como o reddit que tem grupos...

e - no reddit eu não chego a ser membro do reddit, mas eu to sempre marcando por lá, eu também discuto muitas coisas pelo tumblr, com meus amigos mesmo.

p - você participa dos... bom, você é otaku então?

e - eu não gosto muito dessa terminologia... Otaku.

p - desculpa, eu não quis te ofender! Eu me identifico um pouco como otaku também porque eu gostava bastante, frequentava animecon, anime friends e tudo o mais.

e - eu vou até hoje, eu me apresentei inclusive no palco principal do anime friends esse ano.

p - então porque você acha ruim a terminologia de otaku?

e - porque otaku é um termo com uma conotação negativa no japão...

p - sim, aqui me parece algo mais tranquilo.

e - é então essa ressignificação foi, como fala...

p - uma apropriação.

e - sim foi mais uma apropriação e por isso eu acho isso meio torto, sabe?

p - entendi, por isso que ofende otaku, lá com certeza é outra coisa.

e - uma coisa que pelo menos eu percebo, é que existe uma coisa de... não é que... a percepção que eu tenho é que essa apropriação do termo não foi porque as pessoas quiseram falar "não, isso não quer dizer que a gente seja alienado", a sensação que me dá é que as pessoas que falam "não eu sou mesmo" é que "eu sou alienado mesmo e acabou", entendeu?

p - sim, que eles comparam essa ideia.

e - sim compraram essa ideia e isso eu não gosto, entendeu?

p - uhum.

e - mas assim o interesse pela coisa em si, eu posso dizer que eu sou bastante envolvida. Essa camiseta aqui é do animekê, eu sou super envolvida, faço cosplay inclusive, eu só não gosto do termo mesmo.

p - sim, desculpa, não sabia que ia te ofender, nem era a intenção.

e - não, não é uma ofensa, só não curto exatamente nesse sentido, as pessoas não apropriaram o termo ressignificando ele de verdade.

p - na coisa da alienação pesou de fato, e você também é essa pessoa que, como você disse, tem várias redes de análise, se interessa por política, por ciência e por diplomacia, e uma vasta questão de outras coisas.

e - então para mim eu acho muito...

p - limitante.

e - isso, o uso do termo otaku é muito limitante, mesmo o uso do termo aqui no Brasil, eu acho meio...

p - pejorativo.

e - eu acho meio... não fala de uma coisa assim...

p - de uma cultura?

e - é, essa coisa da alienação me pega muito, porque eu realmente sinto muito que existe essa questão da alienação mesmo aqui no

Brasil e que o uso do termo não foi para ressignificar e negar essa alienação ao tentar trabalhar essa alienação, apenas que as pessoas assumiram isso e acabou.

p - então "ok, a gente vive isso, acabou a gente é um grupinho fechado e somos as pessoas do animê".

e - e assim, a falta de um questionamento em relação a isso, e com a adoção do termo, me deixa desconfortável.

p - sim, até porque é algo muito mais rico do que isso, quando você vai nos animês friends você vê tudo o que tem e tudo o que acontece, não só nas convenções mesmo, no próprio evento do japão que tem todo ano... agora me esqueci o nome.

e - comitê?

p - não... é aquele que tem ali no centro...

e - festival do Japão?

p - sim, e tem o das cerejeiras que também fica mais pra lá e assim é super mais rico, tem N assuntos tem N questões que acontece.

e - tem muita coisa que você pode discutir com isso, eu fiz um trabalho da faculdade sobre um animê, quer dizer, sobre um mangá.

p - qual mangá?

e - Mob Psycho 100.

p - não conheço

e - mesmo autor de One Punch-Man.

p - eu conheço One Punch-Man, mas eu também não li, eu conheço de ouvir falar.

e - mas é do mesmo autor interessante, enfim, eu acho super interessante e eu acho super limitante você se prestar só a um lado muito pequeno e você não questionar isso, é isso que eu não gosto.

p - é muito limitante colocar a pessoa em um quadrado só e tipo acabou ali.

e - e assim eu vejo isso como uma falta de autocrítica da própria comunidade, entendeu? Porque assim alienação não é uma coisa para a gente ter orgulho.

p - é um problema na verdade, as próprias questões que estão ligadas a determinados grupos e que não surgem que não surgem e são importantes.

ANEXO 19 – ENTREVISTA COM ALUNO 65

Pesquisador - eu gostaria que você começasse me falando do básico, sobre como surgiu o seu interesse pelo curso de Medicina?

Entrevistado - desde pequeno eu tinha interesse assim em ser médico, ao logo da vida eu acabei me aproximando mais por situações pessoais que aconteceram. Do curso de Medicina, de conhecer o curso de Medicina, eu conheci um pouquinho no ensino médio só, só a parte básica de saber o que era vestibular.

p - sim.

e - e quando eu fiz cursinho, eu conheci mais Medicina porque eu fazia cursinho popular em uma faculdade de Medicina, fazia lá no Medensina da USP. Então tive muito mais contato de como era de fato o curso.

p - entendi, mas assim o que por exemplo, você falou que desde pequeno você pensa em fazer Medicina, o que foi que acabou sendo importante para você decidir fazer Medicina.

e - hum, eu tive contato desde de pequeno com pessoas adoecendo, e com pessoas adoecendo você acaba tendo mais contato com a parte médica, a parte de saúde em geral. Minha tia teve câncer de pulmão, minha irmã quase morreu quando ficou grávida, minha sobrinha não conseguiu aguentar, o meio permeou bastante isso.

p - entendi, então foram esses meios, essas questões trágicas que te fizeram também conviver no hospital?

e - uhum, desde antes eu tinha uma intenção de querer saber mesmo, mas era mais curiosidade do que algo sedimentado, depois dessas situações aí tinha sedimentado, era isso que eu queria fazer.

p - e essas situações ocorreram mais ou menos em que época?

e - minha tia foi mais ou menos no final do ensino fundamental 2, e as coisas com a minha irmã foram no final do ensino médio.

p - entendi, e aí foi a partir desse final do fundamental que você falou "não, eu quero Medicina mesmo".

e - e já aceitando a sofrência e...

p - uhum, de fazer vestibular um tempão? Mas até que você entrou jovem, você está com 23.

e - é, agora eu fiz 24, mas...

p - sim, você fez dois ou três anos de cursinho.

e - fiz dois anos de cursinho.

p - dois anos de cursinho, a média é cinco anos de cursinho pra entrar em Medicina. E considerando que você veio de escola pública e etc, é um curso super elitizado, é uma bela média na verdade que você conseguiu.

e - assim, dentre dificuldade que poderia ser, eu consegui fazer o que eu podia.

p - uhum, e aí me fala um pouco mais de como foi essa escolha pela Medicina de ser um curso assim... De uma área mais mesmo de uma área para pessoas, de ser um curso elitizado, e essa fala da sua irmã também de que "pobre não faz Medicina" eu gostaria que você me falasse um pouco mais sobre isso, de como foi a reação da sua família.

e - quando eu saí do ensino médio, eu queria muito fazer Medicina já, só que eu via que a condição não era favorável. É... eu fiz um ano de cursinho, minha irmã me ajudou e etc, para entrar numa faculdade pública. Na questão da situação ser ruim eu pensei "Faço um outro curso, e depois eu vou para Medicina".

p - faz transferência?

e - não necessariamente transferência, mas fazer outro curso primeiramente, fazer direito, por exemplo, juntar dinheiro e aí conseguir mudar de carreira. E a minha irmã super apoiava e etc "não, você faz direito e depois você faz o que você quiser". Só que a ideia dela era mais de eu fazer o curso inteiro, fazer uma carreira e depois fazer Medicina quando tivesse 45 anos e não dava para mim. Eu comecei a fazer direito, mas...

p - você começou a fazer direito onde?

e - na PUC, com bolsa.

p - uhum.

e - tinha PROUni... mas não dava, assim, se aqui é elitizado, eu olhava dentro da PUC e... Jesus.

p - sim, dava aquela sensação de estranhamento...

e - nossa, eu era isolado, eu lembro que na primeira semana o professor perguntou porque eu não estava na lista de presença e eu falei "professor, aluno que é PROUnista entra depois" e aí ninguém mais falava comigo, eu passei as duas primeiras semanas sem ninguém falar comigo praticamente.

p - então era super coercitivo mesmo, estranho o professor questionar porque você não está na lista de presença se você está na aula.

e - é...

p - da minha experiência pelo menos nenhum professor questionou porque o aluno está na aula, em geral é o contrário.

e - eu também acho, mas não sei direito, direito é estranho às vezes.

p - não, sim, sem dúvida, é também um outro curso elitizado, ainda mais sendo na PUC.

e - nossa na PUC, eu simplesmente não aguentava o lugar...

p - o ambiente.

e - eu falei "não, eu arranjo um trabalho, vou fazer outra coisa e vou fazer o curso que eu quero", mas ela não aceitou isso de maneira nenhuma, minha irmã fez direito, minha mãe fez direito... E ela achava tipo "a gente não tem dinheiro para abarcar isso, eu sei que é teu sonho, mas isso não tem condição. Gente que nem a gente não faz isso" e depois disso eu praticamente tomei como missão que eu tinha que provar para ela que era possível, que as coisas davam para ser feitas.

p - que ia dar certo...

e - e até agora está dando, não é?

p - sim, com certeza, você passou no curso, você tem seguido mesmo a carreira do que você se propôs a fazer. E o que você falou que não se integrava no direito da PUC? Queria que você me falasse mais disso, você me falou da experiência das salas.

e - da experiência da sala, é meio complicado porque toda a estrutura da PUC me afastava, porque lá por exemplo como é particular, eles tentam ter o maior número de alunos por

sala. E a arquitetura da sala, era uma sala que era para ser grande, só que dividiram em quatro, acabaram com toda a ventilação, então o lugar era um inferno. Eu comecei a fazer estágio também, porque era essa aí intenção, conseguir um salário, mas todas as pessoas era um nível de futilidade assim tão absurdo...

p - mas futilidade você via expresso em que?

e - por exemplo, no primeiro dia do estágio, meus superiores me levaram para almoçar. Eu olhei o cardápio e não tinha nada que eu conseguisse pagar além de um hambúrguer, eu falei "não vou ficar aqui sem pedir nada, vou pedir um hambúrguer". Todo mundo olhou assim para minha cara "nossa essas pessoas jovens, não é? Comem só essas besteiras..." as pessoas não pensam que talvez tenha um outro sentido nas coisas, não é? Que talvez não seja tão fácil assim para todo mundo.

p - entendi, e isso também na própria convivência com os alunos essa mesma coisa?

e - é, com os alunos eu via que é muita gente que não tinha a mínima consciência de vida para saber o que estava fazendo ali. As pessoas não entendo o que era o pai pagar a mensalidade dele, a pessoa não entender o porque que estava ali, eu entendo que tenha dúvidas ali a princípio.

p - não tinha um comprometimento com o que estava fazendo?

e - é, era... Tinha música ao vivo do lado de fora de sala... Não era um ambiente que as pessoas, que pelo menos a maior parte das pessoas estava querendo fazer algo, estudar, produzir alguma coisa, ou pelo menos agir com certa responsabilidade.

p - não tinha essa seriedade mesmo.

e - eu vejo que muita gente aqui é irresponsável, mas mesmo assim em proporção, eu via que lá era absurdo.

p - lá era muito mais do que aqui... E aí mesmo você não se integrou na PUC de... E o direito veio porque entre todas as outras carreiras?

e - como minha irmã e minha mãe fizeram direito, eu tinha conhecimento de como era o curso e como é que era a área, eu sabia que

eu conseguia estágio no primeiro semestre e eu sabia que se eu estivesse em uma faculdade boa eu conseguiria um estágio com uma remuneração boa. Tipo tem gente que faz UniNove e não consegue estágio a vida inteira, na PUC eu já consegui no primeiro semestre estágio em uma área que é muito boa.

p - o que é muito difícil no geral, geralmente você tem que estar no seguro terceiro ano para conseguir um estágio.

e - e aí no primeiro semestre conseguir um estágio, já é...

p - já é um tremendo desafogamento se você está precisando de grana.

e - e pra quem quer construir uma carreira em direito conseguir no primeiro semestre já o estágio e seguir até o fim, é a carreira feita.

p - hum, porque você já está dentro da firma.

e - você está na firma, você dá área, você está conseguindo experiência na área, conseguindo a carteirinha da OAB, tá tudo certo.

p - então você era um bom aluno mesmo, você era uma pessoa...

e - é, no ensino médio eu era uma caca de aluno que eu trabalhava enquanto eu estudava, então eu quase reprovei no terceiro ano, inclusive matemática que era minha melhor matéria no vestibular eu quase reprovei no terceiro ano. Mas é porque eu estava trabalhando, trabalhava nos correios no ensino médio e estudava.

p - você era concursado?

e - é, fiz concurso de jovem aprendiz.

p - uhum.

e - é eu fiz metade do processo, era um ano de curso, eu fiz 6 meses porque eu quase peguei serviço militar obrigatório com 18 anos também. Com 18 anos muitas coisas aconteceram....

p - sim, uhum, a coisa do serviço militar obrigatório para nós homens é um terror.

e - Jesus eu quase peguei, cheguei muito perto!

p - eu também, eu tinha o cabelo comprido aí os caras quiseram me sacanear.

e - eles sabiam que eu trabalhava nos correios e tinha um quartel que era de

intendência, e aí queriam pegar por causa da logística.

p - ah entendi, então como você já tinha um *know how* de lidar com correio e etc...

e - aí eles queriam que eu entrasse, mas foi uma semana de adaptação que quase me mataram, e eu consegui sair.

p - você conseguiu sair do exército.

e - ainda bem!

p - nossa você chegou lá perto mesmo de entrar.

e - a primeira semana de adaptação eu passei todinha lá, quase eu fui incorporado. Eu já tinha armariozinho com o meu nome.

p - meu deus! E obviamente você não queria.

e - não...

p - e aí como você saiu? Você conseguiu mobilizar alguém?

e - eu... passei mal.

p - ah perfeito...

e - eu passei mal e o capitão me viu, se fosse só eu passar mal e o sargento me visse eu ainda continuava. mas como o capitão viu, ele "dispensa para não dar problema".

p - entendi, mas ninguém chegou a te perguntar se você queria ficar?

e - perguntam para gente se a gente quer ficar, só que perguntam se a gente quer ficar lá no processo. Não depois de ver como é de verdade.

p - entendi, a princípio você queria ficar?

e - a princípio eu pensava "eu preciso fazer dinheiro, minha casa precisa de dinheiro, eu preciso fazer cursinho".

p - e a carreira militar pareceu uma boa ideia.

e - o soldo pelo menos é estável.

p - sim, exato, é quase um concurso.

e - uhum.

p - e aí você marcou que ninguém foi mais importante assim para a escolha do curso de Medicina.

e - é dentro, do meu núcleo familiar mais próximo, existiram mais antagonistas do que pessoas que efetivamente... A minha mãe, ela por exemplo, sempre deu apoio, mas no sentido de confiar no que eu estava fazendo e não de ver sentido no que eu estava fazendo as vezes. A minha irmã era completamente contra, até eu passar e depois

que eu passei ela pediu desculpas, hoje em dia a gente é mais próximo porque... Eu gosto de pensar que quando você mostra o esforço, mostra que você está fazendo as coisas por um motivo as pessoas vão notar isso.

p - não, claro, a princípio era mais uma insegurança mesmo e não porque ela não achava que você era capaz...

e - assim, existem pessoas na minha família que não achavam que eu era capaz... A minha família é muito complicada assim...

p - outra coisa que eu notei é que você também não tem informações sobre superior e técnico da sua família.

e - é o meu pai no caso...

p - isso, mas dos seus avós também.

e - é... A família... Minha família sempre foi pequena, no sentido era sempre minha mãe, minha irmã, o meu pai, uma situação complicada a parte, alguns primos. Mas tirando isso, minha mãe me teve quando era mais velha, e minha avó morreu quando ela tinha 18 anos, e avô é quase a mesma situação que o meu pai então...

p - sim, você não teve essa convivência...

e - é, eu só vim conhecer o meu pai biológico quando eu tinha 18 anos, por telefone...

p - e nesse sentido também nunca rolou apoio nem nada do gênero? Ou essa possibilidade...

e - ele tenta apoiar, mas... Não é como se ele tivesse muitas condições também...

p - entendi, é mais mesmo nessa linha da sua mãe, de uma boa vontade em apoiar o que você quer fazer.

e - uhum.

p - mas assim, fora da sua família teve alguma outra pessoa que foi importante? Não sei, talvez alguém que você conheceu que era médico? Ou no cursinho, algum professor que falou "não, vai lá, presta, você tem perfil".

e - realmente isso... Existe uma conjuntura, quando eu fazia cursinho, por exemplo, no Medensina quase todos os professores falavam de Medicina, então era motivação o tempo inteiro, só que não era focado na figura de uma pessoa, mas uma ideia. Ao longo de toda... a minha vida assim, no

máximo teve um bibliotecário que fez um teste vocacional comigo e falou que ia dar médico e eu falo "olha, que bom! Ao menos eu não estou tão errado assim", sim, aqui ao menos eu estou tendo apoio.

p - então foi mesmo uma coisa que partiu muito de você, e dessa sua relação com as questões médicas da sua família.

e - uhum.

p - mas assim de convívio mesmo a mais... a maior... ah... como eu posso dizer, assim, a centralidade da sua família tá na mesmo na sua família nuclear, sua mãe e sua irmã no caso.

e - uhum.

p - certo, e aí você tem interesse mesmo nessa área profissional da Medicina.

e - sim.

p - pesquisa ou ensino não são horizontes... Ou até são?

e - até que são, eu dou aula no cursinho popular aqui da UNIFESP, no CUJA. Dar aula não é algo que eu não goste de fazer. Não sei o quão a área que eu pretendo me especializar vai abarcar isso ou não, mas não é algo que me afaste assim... Eu faço iniciação científica, eu... Tudo bem que é na área cirúrgica, mas...

p - você faz na cirurgia IC?

e - é, na cirurgia pediátrica...

p - uhum, a princípio mesmo seu interesse é na área profissional.D:

p - e assim de ideia de especialização, você já tem alguma preferência?

e - cirurgia pediátrica.

p - então você super já se engajou na liga por conta disso.

e - me engajei na liga, me engajei com IC, me engajei no departamento.

p - então você está super colocado. Nossa, mas você já foi na jugular, tipo de todos eventos.

e - tem que ir se não você não chega lá, né?

p - perfeito, eu concordo, mas como você sabia assim? Como você estava tão preparado?

e - hum... Na época do cursinho eu me preparei basicamente porque eu tinha gente

que dava aula para mim que tinha passado em Medicina, então era muito mais fácil focar.

p - eles te davam um caminho então.

e - o caminho era muito mais mastigado, então quando só depende de você para fazer aquilo que você quer...

p - tinha essa motivação...

e - é muito mais fácil de correr atrás. Na faculdade aparece um curso introdutório, eu lembro das coisas da minha sobrinha então eu falo "vamos lá ver o que que é isso" e ai...

p - das coisas da sua sobrinha?

e - é, minha sobrinha ela... No evento que a minha irmã quase morreu, foi quando ela estava grávida. Ela não sabia que estava grávida, porque ela tinha principio de aborto que era sangramento, ela achava que era menstruação e a menstruação dela era irregular. Só que ela estava com uma pré-eclampsia.

p - quando o feto está descolado do...

e - não, não, quando tem... Entre muitos parênteses uma rejeição mais ou menos, à pressão da mãe entra em sofrimento, e foi um parto de emergência assim... Quase que morreram as duas, o corpo de enfermagem nem acreditava que a minha irmã ia voltar. E minha sobrinha não aguentou, ela chegou a passar por algumas cirurgias para tentar, mas ela não chegou a aguentar... E quando eu olhei cirurgia pediátrica no curso introdutório da liga eu falei "por que não? Eu cheguei aqui por algum motivo, vamos lá ver o que é isso".

p - então essa razão do... é como você colocou mesmo, a vivência médica da sua família e desses eventos acabaram levando você... De uma forma relacionando essa sua vontade, reforçando essa sua vontade de entrar na Medicina, mas também da atuação no próprio curso. E aí esse caminho mais ou menos, essas informações do próprio curso foram todas durante o cursinho para Medicina?

e - a maior parte sim, é que eu tinha muita informação de como era Medicina na Pinheiros, quando eu vim para cá várias coisas eram diferentes. Então eu tive que ir me adaptando em muitas coisas...

p - sim, mas por exemplo o básico de saber que Iniciação Científica existia, que Extensão...

e - ah saber as informações do que eu conseguiria de dinheiro do que eu preciso para me manter eram coisas que eu corria atrás muito antes. Sabia que tinha bolsa permanência do governo federal na época que eu entrei, sabia que tinha bolsa de Iniciação Científica, sabia que tinha bolsa de monitoria, tudo isso aí eu já sabia antes de entrar para conseguir me estabelecer...

p - e isso tudo através do cursinho? E por pesquisa...

e - do cursinho e por pesquisa própria...

p - entendi, você acabou fazendo todo um plano de atuação...

e - é, quando eu vi que a minha irmã falou para mim que gente que nem a gente não faz isso, eu sabia que não... Simplesmente eu ir lá e me esforçar para fazer não era o suficiente, eu tinha que ter um plano, eu tinha que saber que eu ia entrar lá e saber que eu ia chegar até o fim.

p - então você calculou e realmente premeditou e fez toda uma organização... Fantástico, mas ainda porque essa sua relação toda e esse aprendizado veio justamente do cursinho, mas não só isso você correu muito atrás e pensou a coisa inteira.

e - é, tiveram várias coisas que foram coincidências, eu conheci o Medensina, por exemplo, porque eu estava trabalhando em um lugar e uma menina que trabalhava comigo tinha um panfleto do Medensina e eu acabei indo para lá, e daí para outro lugar e...

p - não, sim, uma coisa leva a outra mesmo, mas mesmo é incomum na verdade. Como sua irmã colocou e isso também é algo do senso comum Medicina e você aproveitar as oportunidades do curso, geralmente está relacionado a você fazer parte do curso, como sei lá, seu pai ser médico. Ou você tem um tio médico, isso ajuda um pouquinho.

e - mas é uma coisa que eu vejo que é muito diferente, por exemplo, quem teve que correr atrás para passar e quem já passou mais facilmente que não corre atrás das coisas.

p - entendi, não tem essa seriedade em relação...

e - é, é ir deixando as coisas levando...

p - mas e disso o que você acha? Você acha que as coisas vão acontecendo ou você acha que a galera simplesmente passa por isso?

e - é um misto dos dois... Porque... Enquanto as pessoas vão deixando as coisas acontecendo e elas vão se moldando através das coisas, é... Também existe uma opção muito forte de ficar daquele jeito.

p - sim, mas eu digo dessa galera que, por exemplo, vem de uma condição social muito melhor e acaba tendo menos proximidade com o curso. Você acha que esse pessoal acaba tendo um aproveitamento bom no final das contas... Não no final das contas, mas eu digo assim da sua vivência.

e - da minha vivência... Eu acho que os aspectos técnicos pela exigência do curso conseguem ser satisfatórios, as vezes os aspectos humanos não são tão satisfatórios.

p - humanos no sentido de lidar com...?

e - no sentido de lidar e as vezes até algum aspecto técnico como semiologia, semiologia precisa ter o aspecto humano e as vezes isso fica deficiente. E isso, não... As vezes não tem como detectar dentro do curso, porque tecnicamente as pessoas... Como o curso é exigente as pessoas saem com isso...

p - sim, e me fala um pouco como foi sua entrada na IC.

e - na IC?

p - é.

e - eu tive uma aula de fisiologia, essa aula de fisiologia falou muita coisa sobre intestino essas coisas, aí depois eu tive uma aula na liga, e a liga era uma condição... E na aula da liga era sobre uma condição que era do intestino, eu juntei uma ideia que eu tive em um com a do outro, e eu procurei um professor do departamento para... Primeiro professor da liga, ele me recomendou um professor do departamento e... Com o professor do departamento ele falou "olha eu tenho um projeto, a gente tem que fazer isso antes porque o projeto já está em andamento,

e aí depois a gente dá uma olhada e já engatamos essa sua ideia", e aí eu tô fazendo.

p - você está participando desse projeto do professor na liga de cirurgia pediátrica.

e - é... O professor ele é o... Chefe do departamento da cirurgia pediátrica e ele está meio desligado da liga, mas foi o professor que era preceptor da liga na época que me indicou ele, e aí eu mandei um e-mail para ele, ele recebeu a gente e...

p - ... recebeu a gente? Foi só você ou foi outra pessoa?

e - fui eu e eu arrotei mais um colega. Eu tenho o hábito de arrastar pessoas.

p - perfeito, mas está certo, se você vai fazer algo você puxa outra pessoa com você. Mas assim do que você me falou parece tranquilo, digo, pareceu tranquilo assim, seu professor falou com ele e foi tudo bonitinho assim...

e - não, não, não teve nenhum grande problema.

p - então e aí tem uma pergunta que eu coloco assim "a obtenção de um professor orientador e a realização de uma iniciação científica é um processo simples e de fácil ingresso" e aí você colocou que discorda totalmente...

e - para mim foi tranquilo, mas eu tive sorte, eu escuto de quase todos os colegas de eles serem abandonados nas ICs que eles estão fazendo, de o professor passar três semanas para responder uma mensagem, de passar três meses trabalhando no laboratório para conseguir que um professor converse com ele a respeito de iniciação científica. Eu acho que eu tive muita sorte porque eles estavam reestruturando o departamento ali. Eu acho que eu tive muita sorte com o caminho inteiro.

p - então, aí que está, eu não sei nem foi sorte ou... Isso tá muito relacionado a sua forma de... Por exemplo, quando você procurou esse professor, você levou para ele um projeto ou só a ideia? Você levou isso anotado? Você fez como?

e - eu tentei desenvolver o máximo da ideia dentro da limitação do meu conhecimento e levar para ele da forma mais estruturada o possível.

p - mas você apresentou isso como? Escrito?

e - não, não apresentei em escrito, foi mais oral... Eu acho que é mais fácil falar do que dar um projeto escrito para a pessoa e tentar fazer numa reunião que a pessoa leia e me escute.

p - perfeito, faz sentido.

e - para mim fazia muito mais sentido levar uma pessoa comigo e conversar, pelo menos na minha vivência... Fazia sentido eu lidar com a pessoa... Conversando com ela do que...

p - apresentar só o projeto, sim. Mas fácil até de dialogar e ver as possibilidades.

e - uhum.

p - mas eu imagino que você levou isso tudo bem estruturado assim na verdade e levou uma boa ideia. E querendo ou não, para além da questão da sorte, você deve ter passado uma ideia mesmo de um bom projeto de IC na verdade, não é? Eu calculando aqui na minha análise sociológica.

e - eu gosto de pensar que as coisas que aconteceram comigo foram me preparando um pouquinho para cada... Para cada coisa que eu ia tentar me propor a fazer.

p - e o seu amigo, ele conseguiu fazer IC ou não?

e - não, ele está ali, está ali comigo no mesmo projeto.

p - ah entendi.

p - e aí me fala um pouco então da extensão.

e - extensão? Eu faço alguns...

p - é, você faz o CUJA, não é? eu gostaria que você me falasse um pouco mais sobre isso, como é que se deu a entrada no CUJA?

e - como eu fiz o cursinho popular da Pinheiros, assim que eu descobri que tinha o daqui eu falei "eu preciso devolver o que deram para mim, vamos lá", e eu fiz a prova, um processo de seleção todo, um processo meio extenso até... E comecei como plantonista, passei o meu primeiro e o segundo ano como plantonista e como professor em uma disciplina de apoio psicopedagógico para conversa sobre o que é vestibular, o que é o curso, as coisas que motivam a gente a continuar. E agora eu vou virar professor de química deles, sou diretor

pedagógico também... Eu acumulo muita coisa para fazer...

p - você é bastante engajado.

e - é... Eu acho que sim.

p - e os outros?

e - eu também faço parte da coordenação da diretoria do projeto abraços, que é a gente visita os pacientes para conversar com eles, a gente faz dinâmica, a gente ajuda a montar a festa da pediatria de natal, inclusive tem festa do dia de natal amanhã, viu? Pode ser aberto para todo mundo, viu?

p - eu posso colar?

e - pode!

p - qual horário que é?

e - uma hora.

p - vou tentar sim!

e - a gente monta mesa lá no nono andar, a gente leva presente para as crianças que estão no leito, se é possível a gente entra na UTI também para levar, mas nem sempre é possível, tem sempre dois papéis nois, um que vai lá em cima e outro que vai lá em baixo, tem no PS... É que antes tinha mais leito, não é? Então a gente ia na cirurgia pediátrica também...

p - uhum.

e - é... Muito legal.

p - sim, é muito legal e bastante organizado na verdade.

e - é que o voluntariado da pediatria ele organiza a parte da festa das pediatrias a gente auxilia com força de trabalho basicamente. Além disso o que o abraços faz de atividade dele mesmo é fazer visita a paciente no hospital. Qual modelo de visita a gente faz: A gente tenta uma visita não como médico, mas como pessoa para pessoa que não tem visita, para pessoa que está precisando conversar alguma coisa desabafar alguma coisa.

p - sim.

e - a gente fazia muita visita assim no primeiro semestre assim, era absurdo, era coisa de a gente passar em todos os departamentos do ultimo andar até o primeiro e falarem "não, já passaram por aqui, já passaram por aqui" tinha 10 visitas por dia, que a gente conseguia fazer e a gente conseguia abarcar bastante gente, ajudar

bastante gente. E é uma ajuda que não precisa de conhecimento técnico para fazer.

p - e tem toda uma questão terapêutica também envolvida.

e - sim.

p - além do Abraços e do CUJA, você faz mais alguma coisa dessa área de extensão?

e - extensão, extensão, eu faço liga... Já fiz a liga de acupuntura, sou diretor da liga de oratória e retórica. To começando outra liga de terminalidade e processos paliativos.

p - terminalidade e...?

e - cuidados paliativos?

p - isso é mais mesmo na área da Medicina?

e - é a gente vai tentar abarcar o máximo possível de todos os cursos e o que envolve tudo isso, porque envolve muita coisa...

p - sim, me parece uma área multidisciplinar por assim dizer.

e - é uma área mui... Assim quase todas as áreas das ciências podem entrar, e tá dando um trabalhinho, mas vai dar certo, é uma coisa que precisa.

p - sem dúvida, e assim eu queria que você me falasse um pouco... Então, outra coisa também que eu notei é que tem uma frase que eu coloco "me sinto a vontade na UNIFESP tanto nas aulas quanto em outros espaços, não sinto qualquer tipo de pressão em relação aos alunos ou professores. Sinto liberdade para dizer o que penso e me expressar sem constrangimentos quanto minhas ideias ou posições", você discorda totalmente.

e - hum...

p - eu queria que você me falasse um pouco mais disso.

e - dependendo do ambiente, é até plausível, mas dependendo do ambiente.

p - uhum, e quais ambientes, por exemplo, são confortáveis ou quais pessoas são acessíveis e quais não são?

e - vamos dizer assim, os departamentos mais antiquados que eu digo departamento que mais claramente as coisas estão erradas e mesmo assim não muda, a gente tenta conversar e obviamente a gente tem uma resposta 0, eu tive uma resposta na... Teve uma aula de semiologia integrada que era

basicamente de devolutiva, de dar um feedback de como foi o curso. Literalmente todas as sugestões que a gente deu para o curso foi acompanhada literalmente da frase "é impossível".

p - intransigência assim então.

e - pelo menos da parte daquela professora, era uma intransigência completa. Literalmente tudo o que a gente trazia de problema do curso, ou para ela eram problemas de sistema ou para ela eram problemas dos alunos, nunca o problema era dela, então é... Nesse tipo de espaço por mais que você tente criar um diálogo, a negação é tão forte que... Não dá, não tem espaço. Alguns departamentos... O departamento de patologia, ele escuta mais, agora o departamento de semiologia integrada, não escutava nada, pelo menos não me escutava nada.

p - sim, e quais são os departamentos mais abertos nesse sentido?

e - mais abertos?

p - que eles escutam mais os alunos...

e - eu já tive situações que o professor era muito aberto, ele só não acreditava em você. Eu virei pro professor e falei "professor, esses seminários que você propõe, eles são exatamente iguais, a gente só repete. A gente só enrola o senhor." e ele virou para mim e falou, "não, eu não acredito nisso, você sempre propõe coisas diferentes", "professor a gente enrola o senhor!", ele entrou em negação e...

p - então manteve da mesma forma, apesar de ser um cara... Uma pessoa assim comprometida.

e - era uma pessoa comprometida, aberta, mas entrou negação completa do que a gente falava... É...

p - mas assim os departamentos que são receptivos ou os locais assim...

e - receptivos? Eu acho que... Departamentos receptivos são receptivos por causa de alguns professores em particular, por exemplo um professor da Patologia, teve um aluno no fórum que ele levantou algumas coisas que ele não achava tão legal, e ele pediu para o aluno ir lá conversar com ele para eles discutirem isso. Eu não vi isso

acontecer em outro departamento até agora, tem várias situações como a de um colega meu que foi brigar que tinha uma questão na prova que estava completamente mal escrita, e a professora falou "gente, é porque a gente não tem tempo de fazer uma prova" e aí ele falou "professora, se eu virasse para você e falasse que não podia fazer a prova hoje porque eu não tive tempo de fazer a prova, que eu não tive de estudar para a prova, você ia aceitar?" ela falou "não" pegou a prova e foi embora.

p - nossa! O que é curioso, não? Se eu não me engano é dedicação integral ao ensino e pesquisa na UNIFESP.

e - é, ao ensino e pesquisa, mas normalmente é mais pesquisa que ensino.

p - e tem um perfil de departamento que costuma ser mais aberto? Talvez por exemplo Medicina da família, talvez Medicina preventiva?

e - mesmo nas unidades curriculares que tem um perfil mais humanístico...

p - isso...

e - normalmente a gente vê que o que é mais aberto é quando tem uma pessoa que tem um perfil diferenciado.

p - uhum.

e - quando é uma pessoa que desponta, por exemplo, no primeiro ano, quando a gente estava saindo do primeiro ano começou um professor novo que era da biofísica, e era um professor que desponta. Biofísica melhorou do ano passado para esse absurdamente. Normalmente é uma pessoa particular que faz as coisas ficarem melhor.

p - sim, faz acontecer por assim dizer.

e - é, e eu espero que pessoas boas, que se perpetuem. Imunologia é uma disciplina que as coisas boas se perpetuam... E porque o grupo é em geral bom.

p - entendo, mas assim não tem um perfil dessas pessoas que são mais abertas, ou perfil do departamento, não sei, talvez os professores mais jovens....

e - professores mais jovens, com certeza, sem sombra de dúvida, o professores que eu citei eram ambos mais jovens. Um perfil de professor que é mais próximo de aluno.

p - talvez um perfil de não especialista?

e - eu não diria que... especialista em si, mas não tão aprofundado na própria...

p - área?

e - na própria carreira, vamos dizer assim.

p - uhum, entendi, se pegar, por exemplo, os professores mais velhos, dos departamentos mais tradicionais.

e - tende a ser mais engessado.

p - entendi, tendem a ser mais conservadores.

e - mais difícil modificar as coisas... Alguns professores mais velhos são impressionantes. Mas é que são alguns.

p - são exceções, em geral o que você vê é...

e - é que como eu tive agora só o ciclo básico, então eu tive muitas coisas das matérias de base em que várias são tradicionais, então é difícil avaliar se é um aspecto do curso inteiro.

p - entendi.

e - acho que daqui para frente pelo que me contam vai ficar cada vez mais fragmentado e cada vez mais vai depender da minha sorte de pegar um professor bom ou não.

p - entendi. E você faz parte de algum dos grupos daqui da UNIFESP? Sei lá, DCE, ou DCC, do CA ou da Atlética.

e - ah, do DCC eu sou um membro não oficial. Eu ajudo, eu faço o que dá, que eu pego fundo, só isso que eu faço. Da Atlética eu já quase virei diretoria de TI, não sei porque. Eu não faço nenhuma modalidade lá atualmente, no começo quando eu era calouro eu até treinava tênis de mesa, mas... Uma raquete consegue ser muito cara! Hahaha, consegue ser muito muito cara! Então eu vi que... Eu morava longe na época, então não tinha condição nem de treinar, nem de... Efetivamente usar os instrumentos do esporte... Então eu acabei me desvinculando mais. Terminando o primeiro ano eu já quase não vou mais na Atlética, eu ia mais para ficar com amigos.

p - uhum, sua relação então com o pessoal da atlética então é boa.

e - com... As pessoas que só estão na Atlética é um pouco difícil ter relação porque se eu não to na Atlética, simplesmente não existe. Mas as pessoas que ficam permeando o meio

de Atlética, ligas de extensão e etc, que é abarcam mais coisas, eu consigo ter um ótimo relacionamento.

p - mas assim, sobre o pessoal da Atlética, porque por exemplo, costuma ser uma galera que tem alguma condição financeira um pouco melhor. Rola algum estranhamento nesse sentido? Da sua presença lá ou você se, sei lá, de alguma forma ansioso, não sei.

e - eu me sinto ansioso na Atlética mais pela carga que aquilo representa, porque eu sei que por exemplo, velho é muito conservador, é absurdamente conservador.

p - velho que você diz são os...

e - são os já formados a mais tempo, e eu sei que com a maior parte das pessoas na Atlética eu sei que eu não vou ter problema nenhum. Mas os velhos também frequentam a Atlética, então é sempre bom você manter sua sobrevivência.

p - tomar cuidado com o que se fala, fazer uma politicagem assim, por assim dizer.

menea a cabeça positivamente

p - entendi, mas assim de resto da relação com os próprios alunos é tranquila.

e - as vezes surpreende porque as pessoas não tem as vezes noção das coisas, mas é mais engraçado do que... ruim propriamente dizendo.

p - mas você entende a posição dessa pessoa e não se ofende em relação a isso.

e - não, não, se a pessoa não está sendo babaca, eu não me ofendo não.

p - sim, tem sentido. e o CA você chegou a frequentar?

e - oi?

p - o CA.

e - o CA eu frequentei algumas vezes, cheguei ir até em uma reunião de CA's, só que é um negócio que suga sua alma assim com uma força e nada é decidido de nada, eu fico... Eu não sei...

p - você tem um perfil mais pragmático, por assim dizer...

e - eu preciso que algo seja feito, porque se não a gente está discutindo a troco de nada. Relativismo, relativismo, relativismo e a gente não consegue decidir efetivamente alguma coisa, isso me irrita com o tempo.

p - você acaba mesmo optando por um pragmatismo.

e - em geral, quando é positivo, sim.

p - sim, entendo.

e - no CUJA a gente tem reuniões de três horas a cada quinze dias, mas...

p - das coisas saem diretrizes.

e - com muita dificuldade mas saem, mas saem.

p - acho que o CA, por ele ser menos objetivo talvez não tem um...

e - eu gostaria que ele fosse mais objetivo, não é? Pra conseguir fazer mais coisas, mas ele não consegue mobilizar tantos alunos...

p - força política dele dentro do curso.

e - a força é muito fragmentada, dos próprios CAs não tem uma união efetiva dos CAs.

p - hum, então cada curso tem um CA.

e - Cada curso tem um CA.

p - não é um diretório central.

e - tem um diretório central, né que é o prédio, só que cada CA tem uma salinha. Muito raramente tem uma reunião dos CAs é normalmente quando dá algum problema.

p - sim, em geral são separados?

menea a cabeça positivamente

p - entendo... Mas assim com a galera do CA você se dá bem, que você chegou a fazer parte.

e - parte, parte eu não diria que eu fiz parte.

p - foi assistir uma reunião.

e - fui participar de uma reunião que me envolveu, era uma reunião tinha dado problema justamente na sala que a gente utilizava lá para o projeto de extensão, então eu tive que participar como representante do projeto.

p - não na qualidade de membro do CA.

e - isso.

p - você só acompanhou.

p - e assim tem áreas que são mais valorizadas dentro da UNIFESP?

e - o que você entende por área?

p - ahm, então depende, departamentos, certas áreas do curso que a galera fala "não, Medicina cardíaca é legal porque paga mais, então eu vou para Medicina cardíaca."

e - hum, tem estereótipos na Medicina, estereótipos que muitas vezes são mais

piadas do que verdade. O ortopedista não ser médico é uma piada muito engraçada? É uma piada muito engraçada, não é verdade. Ao longo do curso a gente vai descobrindo as áreas que a gente sabe que não é tão aproveitada financeiramente, mas pelo menos os colegas que eu mais convivo, a questão da afinidade geralmente fala mais alto do que a financeira. Eu vejo, pelo menos do meu círculo de amizades, que existem poucas pessoas que... O foco de procura é remuneração. Muitas vezes não é nem o prestígio na verdade, é o gostar de fazer aquilo, se identificar com aquilo.

p - entendi.

e - na verdade tem muitos problemas existencialistas entre as turmas da faculdade, então eu imagino que a maior parte de escolher uma especialidade tenha a ver com isso também.

p - é uma escolha difícil na verdade, tanto quanto a escolha do curso de graduação.

e - uhum, você escolher curso no vestibular já é difícil, então...

p - sim! Daí imagina depois no curso escolher ainda uma coisa que você vai se especializar.

e - a gente vai fazendo uns três vestibulares na vida, a gente quer isso...

p - e fora que depois disso tem a residência, não?

e - e aí que a sua residência precisa de uma pré residência, você vai fazer a prova de residência. Da por exemplo, se eu quero fazer cirurgia pediátrica, eu tenho que fazer cirurgia geral. Então vou fazer prova de residência para a cirurgia geral, prova de residência para a cirurgia pediátrica.

p - meu deus, é prova em cima de prova!

e - é!

p - mas tem áreas que, assim sei lá, costumam ser assim...

e - ser mais simples o ingresso?

p - isso.

e - têm, por exemplo, ortopedia você pode fazer direto. São menos anos, acho que três anos se eu não me engano.

p - isso de residência você diz.

e - isso de residência.

p - mas tem tipo uma prova para residência a ortopedia aqui?

e - aqui na escola se eu não me engano tem uma prova de residência sim, tem para a maior parte dos cursos, das residências.

p - mas eu digo assim, mesmo das áreas do que você viu agora, e das pessoas mesmo... Por exemplo, tem áreas que costumam ser mais procuradas e mais concorridas? E se tem quais são elas?

e - considerando o gargalo de que, por exemplo, para você fazer alguma área clínica muitas vezes você tem que fazer clínica médica e alguma área cirúrgica, você tem que fazer cirurgia geral. A gente já vê que clínica médica e cirurgia geral são coisas que são concorridas por natureza, porque são pré-requisitos para outras. Eu vejo muitas pessoas que por exemplo... É que tem bastante diferença entre clínica e cirurgia.

p - sim...

e - as pessoas decidem primeiro se elas querem ser clínicas ou se elas querem ser cirúrgicas e aí depois elas partem para a escolha adiante, eu conheço gente que por exemplo que adora cárdio, e eu tenho vários amigos que adoram cárdio, só que daí seguem para caminhos diferentes. Eu prefiro cirurgia, eu prefiro clínica. Tem algumas áreas que mesclam os dois. Ortopedia mescla clínica e cirurgia. Cirurgia pediátrica é cirurgia pediátrica, mas... Tem os aspectos cirúrgicos, mas a gente tem muito acompanhamento clínico pediátrico, mas que a gente não precise fazer pediatria para fazer cirurgia pediátrica. É um pouco estranho isso, não é?

p - sim! Confuso! Mas assim acaba tendo sei lá, ortopedia, é uma área forte? Que puxa bastante aluno?

e - você quer dizer para escola ou para a residência?

p - para escola mesmo, sabe? Assim, nas oportunidades relacionadas a essas áreas mais procuradas. Por exemplo, as ligas que você falou, que para mim são um aspecto disso.

e - tem ligas que são mais fortes, tem ligas que são menos conhecidas. Entre puxar aluno... É um pouco complicado.

p - é um modo de dizer, o que eu digo é mais uma questão de...

e - é ter um ponto que tenha um polo de atração mais forte...

p - isso, exato, se tem algum perfil de aluno que acaba entrando mais nessas ligadas também, ou nessas áreas.

e - é, só tem uma liga que tem um perfil mais definido forte, que tem a liga de Medicina do esporte. Pessoas da Atlética que fazem esporte e Medicina do esporte, faz sentido, é um perfil que é válido. Agora vários outros, você vê pessoas completamente diferentes fazendo... Eu faço cirurgia pediátrica, na liga de cirurgia pediátrica eu via pessoas que eram completamente diferentes. É lógico que quem prefere áreas cirúrgicas tende a ser mais pragmático, mas não somente também...

p - sim, isso é um espectro também, não é o preto no branco.

e - sim, a maior parte das ligas que eu participei... Por exemplo, na oratória e retórica é aberta para todos os cursos, então a gente vê todo tipo de gente lá. E pessoas querendo coisas completamente diferentes lá, oratória e retórica é uma característica comum que todo mundo precisa ter? Seria bom, não é? Mas mesmo nas outras, eu fiz por exemplo liga de acupuntura, e parece algo de alguém que quer cirurgia não vai fazer, mas eu também estava lá porque é interessante. Muitas pessoas que eu vejo aqui são interessadas em conhecimento com... Base, digamos assim.

p - com base?

e - é... No sentido de, vamos dizer, uma característica que seja comum a maior parte das pessoas, é ter interesse por conhecimento, se ela vê uma área que é interessante, mesmo que não seja a maior afinidade dela, talvez ela busque aquilo. E curso introdutório de liga é uma coisa que facilita muito isso, porque você tem uma semana de aula daquilo, e é...

p - para você ver se você se identifica ou não.

e - muita gente acaba seguindo as vezes na liga porque passou no processo seletivo. Não tenho nada para fazer, vamos lá.

p - sim, já estou aqui.

e - eu acabei fazendo umas 5 ligas assim.

p - uhum, entendo, mas assim áreas que são tradicionalmente menos valorizadas na Medicina, como Medicina da família, e... Medicina preventiva, isso acaba não surgindo nos comentários sobre às áreas?

e - por incrível que pareça eu vejo mais gente que toparia fazer Medicina da família, pelo menos no meu círculo de amizade as pessoas não são tão resistentes a...

p - essas áreas que são mais sociais, por assim dizer.

e - sim.

p - tradicionalmente elas são menos valorizadas na Medicina?

e - sim, tradicionalmente são menos valorizadas em todos os aspectos.

p - no mundo inteiro, é bem isso mesmo, mas então é um mesmo comentário de engajamento assim. Mas seu círculo social também me parece um círculo social diferenciado pelo que você me fala.

e - sim, é, eu conheço quase toda a turma. Eu conheço pessoas que são, NUNCA iriam para Medicina da família assim, jamais, se fosse era suicídio na hora. Mas eu conheço pessoas que fariam... Não só eu tenho interesse na área, como eu também faria.

p - entendi, mas você diria que isso está ligado a um perfil socioeconômico?

e - não necessariamente, é mais para um perfil humanístico. Se a pessoa é mais engajada em conversar com as pessoas, de lidar com gente, ela não tem tanta resistência a isso.

p - entendi, é muito menos uma coisa de... É muito mais uma questão de vocação pessoal por assim dizer, de inclinação pessoal... Para um determinado aspecto da Medicina.

e - eu acredito que em última instância seria. É lógico que existem todos os fatores que permeiam, remuneração, etc, etc. E eu não sei se as pessoas que falam isso hoje, vão falar isso depois também, porque se é uma de nível socioeconômico mais baixo e vai receber mais... menos no futuro, ela tá acostumada, se é uma pessoa de um nível socioeconômico mais alto e ela vai receber menos no futuro, eu não sei como ela vai lidar com isso.

p - a tendência é que no caso...
e - ela tente manter um nível dela.
p - sim, ou um nível acima da família, que é o que tradicionalmente se faz.
e - é algumas pessoas tentam não andar para trás, tentam avançar.
p - sim, isso está muito relacionado com a posição social da família por assim dizer, não é? Se você é filho de cardiologistas, eu imagino que a ideia de você contemplar um curso de Medicina da família ou uma especialização em Medicina da família seja visto com maus olhos.
e - é que nem fazer Medicina enquanto toda minha família fez direito.
p - sim... então, mas pensando, direito também é um curso socialmente valorizado.
e - socialmente valorizado, mas do ponto vista socioeconômico é que...
p - são cursos bem diferentes.
e - é que os valores, é que é interessante, não é? Para mim a relação de eu fazer Medicina ao invés de direito, para os valores da minha família eram muito discrepantes.
p - valores em que sentido? Morais?
e - valores no sentido de... conseguir fazer essas coisas. "Tá bom, você vai passar, como que você vai fazer?".
p - fazer você diz de dinheiro, valor monetário mesmo, né?
e - valor monetário mesmo, e aí para uma pessoa que tem uma condição mais abastada e vai fazer um curso menor, é o mesmo problema, vamos dizer assim, mas com valores diferentes.
p - sim, você pensa algo como um filho de médicos que vai fazer, por exemplo, ciências sociais.
e - uhum
p - entendo.

p - assim, sua turma é a primeira turma de cotistas 50%.
e - uhum.
p - você sente que isso sobressai no comentário dos professores ou de alguma forma.
e - dos professores não, mas tem algumas situações engraçadas. Comissão de formatura, comissão de formatura propôs

que seria uma formatura tal, no mesmo padrão das anteriores, três dias de festa, regado a blue label e etc., eu olhando assim, eu já aceitei que não ia fazer, mas estava só admirando o espetáculo. E teve uma hora que o pessoal falou "não, mas vocês podem começar pagando agora".

p - "vai dar certo".

e - "vai dar certo", é... Aí a pessoa vai e eu fui falar né "essa festa realmente precisa ter essa proporção? Porque eu acho que nem todo mundo conseguiria começar a pagar agora um valor desses" aí alguém levantou a mão e falou "não mas é que, mais tarde vai ser menos caro para você se você começar a pagar agora" aí eu falei "amigo eu não tenho condição de começar a pagar agora, imagine depois!" é esse tipo de questão engraçada, que as pessoas só não tem convivência com outro tipo de...

p - de realidade.

e - de realidade.

p - entendi, e mais alguma outra coisa assim que aconteceu nesse sentido?

e - tendência de grupos serem... É, de manterem a zona de conforto.

p - rola um efeito de pares por assim dizer.

e - eu não diria que é tão forte, mas por exemplo a questão da condição de formatura. A formatura não vai ser mudada, a formatura ainda vai ser uma formatura que vai excluir bastante gente. Existe a proposta de fazer "vamos incluir as pessoas, vamos tentar vender coisas" e etc, existe, mais força de trabalho para fazer isso é outra história.

p - falta vontade?

e - existe a ideia, existe vontade, mas a força de trabalho não chega lá, não chega até o nível que precisaria. Eu vejo por exemplo que na UNICAMP, que entrou uma quantidade absurda de cotistas, que realmente foi invadida com um perfil socioeconômico diferente, que eles abraçaram de um jeito completamente diferente. Eu vi colegas meus, que arranjaram um veterano para dormir na casa por sei lá quantos meses.

p - uhum

e - e não é uma coisa que eu vejo tanto aqui.

p - aqui a seletividade e o apoio a isso é menor?

e - tanto por parte da faculdade, quanto dos próprios alunos, eu vejo que por mais que tenha um apoio aqui, que tenha o apadrinhamento que passa o material adiante. Tem um limite do quanto as pessoas vão ajudar um outro aluno que está em uma situação complicada. Eu acho que é mais por não conhecer as coisas, pelo que eu vejo mais.

p - entendi, é mais mesmo por um não conhecimento da causa do que...

e - é mais por ignorância do que por falta de querer.

p - de querer de se dispor a fazer as coisas?

e - de se dispor a fazer as coisas...

p - mas assim para além dessa questão da formatura, aparecem comentários em relação aos alunos cotistas ou em relação a sua turma?

e - acho que só teve uma vez que teve comentário vindo de professor, mas é... Uma situação bem pontual porque... Era um dia de greve, greve de metroviário, e aí um professor que estava na aula naquele dia perguntou para os alunos que chegaram porque não se pegaram um uber para chegar lá.

p - ah mas que graça, porque eu saio de lá da zona norte vou pegar um uber até aqui sim, claro!

e - porque eu venho de Morato de uber, aí com certeza.

p - né, uhum!

e - é uma ignorância tão simples, tão, tão...

p - acaba sendo mais lúdico do ofensivo.

e - é, eu ria de casa porque obviamente eu não ia conseguir chegar lá.

p - meu deus.

e - mas foi só esse comentário que preponderou. Ninguém julga...

p - não foi um ataque direto, ou uma exclusão.

e - não, não, foi mais uma questão de ignorância mesmo.

p - mesmo assim na questão das ICs por exemplo, que você me disse que parece algo mais complicado. Você acha que tem algum

perfil de aluno que acaba aproveitando mais as oportunidades? Eu não sei, talvez os alunos da Atlética ou talvez os alunos do CA, ou os do DCC, talvez os alunos mais abastados.

e - eu vejo que quem consegue IC, predominantemente é quem corre atrás, porque... O perfil individual é muito importante para você ir atrás de uma IC, porque não tem nenhum... Uma organização que fale "olha você vai conseguir IC ali" não, você quem tem que se deslocar até lá para conseguir. E esse deslocamento para correr atrás, é algo que diferencia e parte do individual.

p - mas então é uma coisa mesmo geral, não está focado em um perfil de aluno.

e - é que quem acostuma a se foder mais na vida sabe que tem que ir atrás, né? Mas não é necessariamente o... Principal.

p - não está relacionado a um perfil socioeconômico, por assim dizer?

e - é... Acaba sendo uma consequência do perfil socioeconômico e não uma causa.

p - há uma correlação.

e - uhum.

p - eu queria que você me falasse quando que sua mãe começou a cursar o direito.

e - ela tinha... Estava na casa dos 50 anos.

p - entrou mais velha no curso, e aí como ficou essa relação? Como eu disse, direito é um curso socialmente mais valorizado, não é? Aí você vem de uma condição socioeconômica menos abastada, então mesmo sua irmã e sua mãe tendo entrado no direito, isso ainda não significou uma translação disso em capitais.

e - é que tem duas esferas do direito: A esfera abastada do direito, e a esfera ralé do direito. A esfera ralé do direito inclui trabalhista, penalista de algumas áreas e etc. E a parte abastada envolve tributário, imobiliário, essas coisas. E isso se divide muito facilmente porque...

p - inclusive nas escolhas de perfis de atuação.

e - sim, e os... Você conseguir um estágio quando você está numa faculdade excelente uma PUC, uma Mackenzie, uma USP, você

consegue estágios aqui em cima (Esfera abastada), se você está na UniNove, você no máximo vai conseguir um daqui da rale. E é muito diferente uma da outra, as pessoas tentam se diferenciar até na roupa, o terno que uma pessoa usa de um jeito (diferente do terno da outra pessoa). Existe piadas com terno de trabalhista que eu lembro até hoje, é "você reconhece um trabalhista pelo terno", você vai ver um terno... Você olha para a pessoa, o terno que você menos ache que combine com um ser humano, é o cara do trabalhista.

p - entendi. Que combina assim em que sentido? De estilo mesmo.

e - Imagina um terno bizarro, é provavelmente um trabalhista, normalmente é mais barato.

p - entendi, ele não veste tão bem.

e - é o terno de quem é de um societário vai ser um terno de...

p - armani, um negócio assim...

e - nossa, vai ser um bookman, um armani, vai ser um negócio feito a mão, vai ser um negócio bizarro, desnecessário, não é? Mas...

p - não, sim...

e - que diabos usar, terno... Para que que serve aquele negócio? Eu sou estagiário, vou levantar caixa, para que que eu vou usar um terno para isso.

p - mas tem que estar de terno.

e - é horrível.

p - e aí sua mãe então se especializou nessas áreas mais trabalhistas, dessa área de...

e - é o problema é que tem no direito, se você faz uma faculdade que não é tão boa, você provavelmente não vai conseguir passar no OAB e se você não passa na OAB, você não exerce a profissão. É o caso da minha mãe, ela não conseguiu efetivamente exercer a profissão porque tem a barreira da carteirinha da OAB. Se você se formou antigamente na UniNove, por exemplo, ia ser muito difícil de você conseguir sua OAB. Principalmente no ano que você saiu. A minha irmã, ela fez metade, 3 anos dos 5 em direito no Mackenzie, com bolsa e os outros 2 anos ela teve que ir para outra particular, porque foi justamente no evento que ela

quase morreu e etc, ela teve que sair da faculdade e o Mackenzie ele vai tirando a bolsa com o tempo.

p - ah tá ele vai diminuindo...

e - vai.

p - ah, não sabia.

e - pelo menos antigamente era assim, você começava com 50%, "to me matando para pagar", e aí eles vão arranjando cada vez mais pretexto para ou tirar sua bolsa, ou aumentar a mensalidade, e aí vai ficando cada vez mais insustentável sua situação.

p - e a sua irmã era bolsista 50% e acabou largando.

e - como ela teve todos os problemas de saúde, não ia ter condição. Ela ia conseguir continuar por um tempo provavelmente, mas... Com o problema de saúde ela teve que parar ali no meio, parou vai perder a bolsa, não é? E aí ela teve que começar por um particular para terminar o curso só. Ela trabalhou desde de o primeiro semestre com estágio, o estágio na área que ela trabalha hoje...

p - o Mackenzie assim foi legal para ela nesse sentido então, deu...

e - o Mackenzie da nome, o Mackenzie da nome para você conseguir estágio. Por mais que ela nunca tenha tido inglês, que é uma coisa que hoje em dia atrapalha muito ela, na época ela conseguiu estágio, por exemplo, em imobiliário que é uma área que ela consegue viver bem hoje.

p - então ela se mantém assim desses contatos que ela conseguiu na época do Mackenzie?

e - é dos contatos e do currículo que ela montou.

p - entendi.

e - porque se você trabalha 5 anos da sua faculdade em uma mesma área...

p - você pega mais referências, tem todo um *know how* daquela área.

e - tem, tem, ela chegou até a dar aula na associação da OAB e tudo mais.

p - hum, então ela tem bastante nome e esses contatos. E nesse sentido também sua irmã nunca falou nada da sua trajetória acadêmica mesmo, dessa importância de fazer os contatos e tudo o mais? Ou se você também

vendo isso, não foi uma forma de você talvez incorporar?

e - é... A minha irmã ter toda essa situação com ela de ela não aceitar, foi uma coisa que foi um baque para mim. Eu confio muito na minha irmã, eu entendo que ela tem uma vivência muito maior que eu, é... Muitas coisas eu procurei espelhar dela, ela em direito é excelente em conversar com pessoas, eu quando era pequeno era terrível em conversar com pessoas. Não tinha como...

p - muito tímido?

e - nossa, era horrível, apresentar um seminário era um efeito de taquicardia 100% do tempo, mas estar com ela me ajudou a melhorar nesse sentido, e de certa forma ela posou como ídolo em certos aspectos, certos outros não, né? Mas certos aspectos sim.

p - então de alguma forma ela acabou apresentou para você... Em proporções menores...

e - habilidades que eu precisaria na minha vida.

p - a área da sua irmã você falou que é trabalhista.

e - imobiliária.

p - imobiliária, que é uma área mais valorizada.

e - é, como ela é mulher, é um pouco mais difícil valorizar porque direito é...

p - uma área extremamente machista.

e - ...Jesus!

p - tocando nessa assunto da questão do gênero, machismo aqui no curso, você acha que é uma coisa que prevalece? Que surge, que aparece entre grupos, entre falas de professores?

e - professores mais velhos tem mais dificuldade de ter tato. As vezes não é nem a intenção, é só tato de entender que isso aqui pode ofender alguém e isso aqui pode não ofender. Teve o evento trágico primeiro que aquilo foi...

p - terrível?

e - eu não consigo nem descrever aquela semana, aquela semana foi a pior semana da faculdade até hoje. Eu achei que... Desde

"aquele professor vai morrer a qualquer momento" a "eu vou ser linchado na rua".

p - a pressão que rolou foi forte.

meneia a cabeça positivamente

p - mas aí, até por virtude disso, não acabaram surgindo comentários machistas e tralala? Essas coisas tipo "feminazi"?

e - enquanto isso acontecia, acontecia de um jeito não direcionado e velado, e... Enquanto existiam pessoas que queriam falar sobre aquilo, existiam pessoas que só queriam reclamar sobre aquilo, e a distinção desses dois grupos para quem estava assistindo não existe. E aí é que fica complicado dizer.

p - entendo.

e - tanto não existe que chegou pro professor coisas absurdas para ele que nenhum dos dois grupos queria fazer.

p - acabou se transformando em uma bola de neve.

e - nossa senhora, aquilo foi um telefone sem fio tão absurdo, eu lembro que naquela semana no grupo da sala eu já estava falando "gente só pelo amor de deus, alguém vá falar com ele que isso se resolve".

p - sim, numa boa você dialoga e chega no cerne da questão.

e - mas as pessoas que estavam envolvidas em levantar esse questionamento, não foram atrás dele também, então...

p - entendi, daí isso chegou de uma outra forma...

e - chegou de uma outra forma, foi horrível.

p - tirando esse caso, você vê muitos comentários machistas dos alunos?

e - eu vejo que... É, os professores mais velhos tem mais dificuldade de...

p - ter esse tato.

e - de ter tato, alguns são só machistas mesmos, outros são babacas por natureza, então não se...

p - não dá para enquadrar só nisso.

e - é... De alunos eu vejo mais, pelo menos no meu círculo de amizade que eu tenho mais proximidade, eu não vejo nada que seja preponderante. Se existe algum ponto fora, é algum ponto fora que... Rapidamente é sanado e volta.

p - entendi, alguém conversa com o cara e resolve a questão ali.

e - sim.

p - mas digo assim, fora do seu setor de amizades digo assim no...

e - no geral?

p - no geral do curso de Medicina.

e - ... eu vejo mais que questões machistas, questões que excluem as pessoas normalmente vem de cima para baixo.

p - do perfil desses alunos mais abastados.

e - não necessariamente dos mais abastados, mas da escala hierárquica da Medicina mesmo.

p - hum.

e - primeiro a sexto ano não tem muita escala hierárquica, seu veterano tem mais, seu velho tem mais poder que você, seu residente tem mais poder que você, seu professor tem mais poder que você. Então questões assim tendem a ser mais de cima pra baixo.

p - ou seja vem de pontos maiores na hierarquia.

e - isso.

p - talvez de turmas anteriores que a cota era ainda menor.

e - uhum.

p - entendo. Dos veteranos então isso costuma acontecer assim?

e - do nosso, vamos dizer assim, até o nosso sexto ano a maior parte, é lógico que sempre tem o grupo dos babacas, mas a maior parte são pessoas que tem uma noção maior das coisas. Turmas que já se formaram isso vai se perdendo.

p - entendo, até talvez pela falta de convivência dessas modificações.

e - é, pessoas que nunca conviveram fora do círculo social que estiveram, então é um pouco difícil, e elas tem uma noção de empoderamento muito forte.

p - sim.

e - e efetivamente dentro da hierarquia da Medicina eles têm um poder efetivo.

p - sim, sem dúvida, eles têm o poder do dinheiro, tem o poder das relações com os outros alunos. Isso acaba se estabelecendo de uma forma ou de outra.

e - uhum.

p - e sua família então é de outro Estado?

e - eu vim para cá quando eu tinha três anos, mas originário da região nordeste do país.

p - ah então talvez até por isso então esse contato acaba sendo mais forte com a sua família nuclear.

e - eu, minha mãe e minha irmã e...

p - e sua outra família ainda continua lá, sua família assim... Mais estendida.

e - é que... Família estendida é um problema. Eu, por exemplo, tenho tios, eu tenho... Por parte da minha mãe existe uma família estendida. Por parte do meu pai, é um branco, eu conheci meu pai quando eu tinha 18 anos, nessas férias de julho agora eu fui visitar ele pela primeira vez na minha vida.

p - que você viu ele pessoalmente.

e - e aí eu fui conhecer todos os parentes, meu Jesus, eu tenho mais irmão do que...

p - meu deus!

e - eu tenho irmão que cabe em duas mãos, entendeu? E como eu sempre tive um núcleo familiar muito pequeno, a minha concepção de família é um núcleo familiar pequeno.

p - sim.

e - é difícil para mim considerar até meu pai biológico meu pai, e aí me apresentar mais 10 irmãos fica difícil, eu tenho mais primos do que eu consigo contar!

p - e seu pai é daqui de São Paulo?

e - meu pai biológico ele... É de outro estado do Nordeste, faz transito entre duas cidades de lá. Meu pai de criação é uma outra história...

p - você teve um padrasto então?

e - tive. É uma outra histórica complexa, que meu pai de criação teve muito problema com álcool, muito problema com álcool... E aí ele saiu de casa quando eu tinha 18 anos, então 18 anos é uma idade que aconteceu muita coisa.

p - muita coisa, a decisão pela Medicina, problemas com a sua família com a saúde da sua irmã, tudo muito complexo.

e - dali foram quatro anos até entrar ali que eu passei um inferno na minha vida de todas as formas possíveis. Chegou época não tinha comida em casa, teve época que cortaram a luz porque não tinha mais como pagar. Trabalhar porque precisa comer...

p - o exército.

e - nossa o exército... Eu ando com uma garrafa de um litro e meio de água até agora porque no exército a gente não podia beber água quando a gente quisesse. Imagina fevereiro, 35 graus na sua cabeça e você marchando ininterruptamente e você não pode beber água.

p - terrível, não é? Uma coisa absurda, eu basicamente tenho uma aversão a participar do exército na verdade. Pela própria questão cultural porque é uma máquina de moer gente, não é?

e - uhum.

p - mas... E aí então o seu pai fazia o que?

e - o meu pai biológico... O meu pai de criação?

p - isso!

e - é... Ele trabalhava em construção, ele era chefe de obra, essas coisas.

p - entendi, ele era operário?

e - ele era... Vamos dizer assim, o mais abastado dos operários que dava... Eu lembro que no ensino fundamental, ele passou... Consegui passar uma parte do meu ensino fundamental pagando até uma escola particular para mim. Depois de um tempo ele só passou a enrolar a escola e não pagar, mas... Até a oitava série eu consegui empurrar com a barriga as dívidas da escola.

p - entendi, você fez o fundamental 2 em escola particular?

e - sim, fundamental 2 eu fiz uma parte pública e uma parte particular. Eu comecei no público, só que no ensino fundamental começa a ficar muito ruim no público, mas assim muito muito ruim. Eu apanhava na escola de boa. E a gente vai na diretoria perguntar o que se pode fazer e é "coloque seu filho na defesa pessoal", literalmente essa foi a recomendação que a diretora da escola fez.

p - meu deus.

e - é...

p - você realmente foi mirado em vários sentidos, e ainda o exército te pega, é que você também falou que queria participar.

e - mas é porque eu estava no correios.

p - sim.

e - eles queriam muito que eu ficasse no quartel de intendência, que era onde eu estava fazendo processo.

p - e também no exército tem muito essa coisa de se alguém chega lá e fala que quer participar, e eles vêm que é uma pessoa mais séria, é uma pessoa mais comprometida...

e - responsável.

p - responsável, eles não querem tipo o pessoal despreparado, só se a pessoa quiser muito, aí ok.

p - e me fala um pouco então como foi sua trajetória escolar.

e - escolar?

p - e você me falou que mesmo no ensino médio você tinha dificuldades por conta do trabalho, mas a princípio você me parece um bom aluno, comprometido, responsável... Você não tem perfil de uma pessoa que iria mal na escola, por exemplo, para além do que poderia ser ocasionado pelo próprio cansaço.

e - é... Ensino fundamental 1, até o ensino fundamental 1 eu era excelente aluno, era só nota 9 e 10 "oh, beleza!", ensino fundamental 2 começou a degrading porque... Eu entrei na... A escola particular que eu entrei depois dos eventos na escola pública, era uma escola que todo mundo da turma já se conhecia, eu era a pessoa nova e estranha no grupo e aí me excluíram com o tempo e eu passei muito tempo com aquela prática de bullying básica.

p - com o estigma ainda na escola particular?

e - não era por razão socioeconômica, era mais por eu ser o estranho no grupo.

p - uhum.

e - e isso se perpetuou até a oitava série, o problema com o álcool do meu pai na sétima e na oitava série já estava muito forte, então problema em casa, problema na escola, eu descontava no estudo e conseguia alguma nota assim mas... Já não era tão efetivo assim. O ensino médio eu busquei fazer o vestibulinho para entrar em uma ETEC, que aí eu não ia precisar mais depender do meu pai.

p - entendi, e aí você passou na ETEC?

e - passei.

p - mas você não fez então ensino técnico?
e - não, não, fiz ensino médio normal, eu até pensei em fazer o técnico mas... Ia precisar de mais carga horária na escola...

p - e você tinha que trabalhar...

e - e eu não sabia quando eu ia precisar trabalhar, e aí eu fiz, inclusive o processo do jovem aprendiz que eu fiz foi no final do primeiro ano do ensino médio, e aí eles só me chamaram no terceiro ano do ensino médio.

p - entendi, você estava nessa ansiedade para começar...

e - de "passei, mas eu passei e aí quando vão chamar?"

p - talvez desse para você fazer, se fosse uma coisa melhor estruturada (o sistema do jovem aprendiz), não?

e - não, já tinha pensando em talvez fazer um técnico de informática que era algo que tinha lá e que eu tenho afinidade... Se eu não fizesse Medicina eu iria virar TI.

p - ah é? Me fala mais, porque você tinha três áreas de consideração. O TI, o direito, e a Medicina.

e - o direito pela razão financeira, o TI eu sabia que eu não ia pela reação financeira então...

p - mas TI costuma pagar bem.

e - costuma pagar bem no sentido de... Algumas pessoas recebem bem que tem um tipo de... Não diria técnica, mas de conhecimento, por exemplo programação e tem certificação em programação, você vai trabalhar feito um condenado, você não vai ter horário e não vai ter sindicato, mas você vai receber melhor. Se você sabe montagem e manutenção de computador, que é basicamente o que eu sei. Você vai ter dificuldade de encontrar trabalho, e você vai ganhar pouco.

p - sim, entendi.

e - então existem certas áreas mais especializadas que vão ganhar mais e é como o direito, tipo tem uma parte que é melhor e tem outra parte que...

p - entendi, mas acho que no técnico você aprenderia programação também.

e - muito básico, muito muito básico e linguagens antigas...

p - sim, vai aprender um Java, um Visual Basic, que tipo pra hoje não serve para nada...

e - nossa, java já é algo além do técnico. Pascal... Pelo menos na época era Pascal, tinha um pouco de Visual Basic, e você corria atrás do resto.

p - nossa, mas com isso não dá pra fazer nada. Eu tenho técnico de informática, então conheço um pouquinho, mas assim com Pascal e VB, sinto muito, não arruma trabalho em nada.

e - exato.

p - então era bem precário mesmo.

e - quem eu conheço que conseguiu trabalho legal era que colava no professor, o professor arranjava um curso para pessoa e ia trabalhar para o professor.

p - entendi tipo trabalhava para ele entre aspas.

e - é.

p - ele terceirava a produção por assim dizer...

e - ele dava aula para conseguir mão de obra.
w - é, basicamente isso. Então acabava não sendo viável mesmo.

e - mas eu até pensei, porque minha irmã também fez curso de montagem e manutenção de computadores e conseguiu trabalhar um tempo com isso.

p - é assim, paga mal mas tem bastante área por assim dizer...

e - é paga mal, mas você sobrevive, não é? Estamos procurando sobreviver, é importante isso!

p - sim. A Medicina então surgiu só depois mesmo.

e - é, eu sempre quis, mas no sentido que eu tenho uma parte que é muito pautada no real, e outra parte naquilo que eu gostaria.

p - no seu foco.

e - é.

p - foi o que você fez, o estudo foi meio que uma tábua de salvação e você focou nisso aí, seu objetivo. Que era chegar na Medicina através do estudo.

e - uhum.

p - e aí na ETEC então como que era? Você tinha que trabalhar?

e - na ETEC o primeiro e segundo ano eu não precisei trabalhar, eu fiz o processo seletivo lá, eu passei, mas fiquei esperando ser chamado. É... A situação melhorou bastante ali, no sentido de que a situação no colégio era melhor, como todo mundo fez vestibulinho, todo mundo era novo, então eu criei círculo de amizades novos e consegui estabelecer confiança naquilo que eu fazia.

p - o estigma passou então...

e - isso, experiência vem com ele, mas eu consegui usar isso positivamente.

p - sim. E das aulas e etc. Eram boas?

e - Eu saí sabendo o que era cal viva de química. Eu quase reprovei em matemática no terceiro ano porque eu tive um professor bom, e ele era exigente, mas era exigente de um jeito justo e eu não tinha carga para conseguir acompanhar ele.

p - entendi...

e - biologia era male male uma das melhores matérias que a gente tinha, mas com certeza não era a nível de vestibular. Química eu passei três anos vendo cal extinta, cal viva, cal viva, cal extinta, cal viva. Eu tipo não aprendi nada de química. Física, nossa...

p - não tinha praticamente, né?

e - física era muito engraçado, o professor colocava dois exercícios, sentava na mesa e os alunos faziam o que quisessem. E foi assim durante os primeiros dois anos e meio. Foi uma situação muito curiosa porque tem um festival na minha escola, os alunos fazendo os negócios bonitinho, e esse professor estava meio... Como posso dizer? Alterado, e ele vendo o festival, eu lembro do meu tempo de aluno e etc e eu falei "professor, porque você não corre atrás? Porque você não vai fazer aquilo que você quer fazer?" Na reunião de pais seguinte, ele se demitiu e a gente começou a ter um professor de física bom. Eu deveria ter feito antes.

p - não tinha como você saber, mas nossa... Então esse conhecimento escolar mesmo acabou vindo com o cursinho.

e - com o cursinho, sim. A maior parte das coisas eu comecei do zero.

p - entendi, e aí que você conseguiu correr atrás.

e - uhum.

p - e inglês você também aprendeu na raça?
e - inglês graças a deus eu joga muito video game.

p - uhum, o meu também veio daí. Muito por conta do vocabulário.

e - sempre bom, sempre ter vocabulário de video game...

p - sim, para entender o que você estava fazendo, precisava ler.

e - sim.

p - e você costuma ler também, você tem uma média bastante alta do que você costuma ler por ano.

e - é relativo, não é? Porque a gente tenta ler, mas não tem tanto tempo assim...

p - sim, por contada da carga do curso.

e - eu gostava que tem uma eletiva que é basicamente discutir leitura de livro.

p - e qual o nome?

e - laboratório de humanidades.

p - hum...

e - e aí discute um livro a partir de um ponto de vista mais humanístico, voltado para a saúde. E aí a gente leu admirável mundo novo.

p - do Huxley...

e - isso, e... Pelo menos essa experiência foi boa, eu tentei fazer parte do ciclo seguinte, mas como depende de que as pessoas que estão conversando...

p - leiam os textos...

e - mais do que ler os textos, é uma abertura para diálogo diferenciada, tem que ter gente ali que está muito disposta a conversar mais do que dar sua opinião, mas discutir opinião.

p - entendi, tem que fazer uma análise embasada no texto.

e - é um pouco complicado, eu não gostei tanto do grupo e acabei não ficando por falta de tempo também.

p - foi uma falta de afinidade com o pessoal...

e - é, nas vezes que eu conseguia ir, porque estava muito puxado... É... Fazer diretoria das coisas não...

p - uhum, sim, é uma coisa que onera muito do seu tempo.

e - quando eu ia, eu tinha muito sentimento que eu dava minha opinião e ela ia para o infinito.

p - uhum...

e - e aí a próxima pessoa dá a opinião dela e também ia para o infinito.

p - cada um falava uma coisa e ninguém puxava o ponto, sei lá, problematizava o que você disse...

e - é, as pessoas não discutiam as coisas efetivamente.

p - cada um falava uma coisa.

e - ou permanecia em grupos pequenos de discussão...

p - panelinhas, e não abriam isso...

e - uhum...

p - então o Huxley veio mesmo desse...

e - da eletiva.

p - dessa eletiva, mas pessoalmente, o que você costuma gostar de ler?

e - ah eu vejo leitura mais como um sentido de... Entretenimento. Não necessariamente eu leio coisas para... Analisar literatura em si, então ficção é o que eu gosto de ler.

p - tipo romances.

e - romance também, ficção... Ah em questão de gênero, não é?

p - sim, de formato do livro.

e - justo, justo.

p - mas o Huxley, talvez o Orwell com o 1984...?

e - estou com ele em casa tentando terminar de ler ainda.

p - e o que mais assim que você mobiliza que você curta?

e - fazer?

p - não, de leitura mesmo.

e - literatura fantástica, estava lendo O Hobbit no celular quando tinha tempo... Literatura fantástica é o que eu mais costumo ler, já li Eragon, até reler Harry Potter eu já fiz isso uma vez na minha vida... É que esses livros são séries, então você acaba lendo os outros na sequência.

p - lê o próximo, entendi.

e - e você engaja com a história e você acaba lendo vários livros.

p - você quer ver os finais, né? Eu entendo...

p - o cursinho você já me falou mais ou menos como que era a convivência lá...

e - o cursinho era minha terapia, tem gente que odeia cursinho, eu amava cursinho.

p - acabou sua tábua de salvação mesmo...

e - se o trabalho era horrível, pelo menos eu vou estar lá aquela noite.

p - e você ficava feliz de estar no cursinho? *meneia a cabeça positivamente*

p - nossa!

e - é uma coisa que todo mundo odeia, mas eu adoro o cursinho. Foi muito difícil angariar força para fazer as coisas, eu passei por uma depressão horrível...

p - sua válvula de escape era o cursinho.

e - minha válvula de escape era eu tentar fazer aquilo que eu queria fazer. Então o cursinho estar ali era minha motivação o tempo inteiro, era... E eu via que realisticamente eu conseguiria chegar lá. Enquanto eu conseguisse enxergar que eu ia chegar lá, não ia faltar...

p - e o que é esse realisticamente? O que te dava essa base para você ver que ia chegar lá?

e - eu tinha conseguido fazer 63 pontos na FUVEST com um ano de cursinho. Eu sabia que com um ano de cursinho pelo menos a nota de corte eu ia alcançar.

p - a nota de corte era quanto?

e - 70 ou 72 na época... Agora está 76, não é?

p - parece que o ENEM aumentou na verdade a nota.

e - é porque no vestibular da FUVEST antes eram as vagas da Santa Casa e da Pinheiros juntas. A Santa Casa agora tem um vestibular próprio, então diminuiu a quantidade de vagas geral do curso.

p - na Pinheiros, então por isso aumentou a nota.

e - também... Também porque vieram umas coisas meio bizarras na prova.

p - entendi, então essa sua progressão escolar de score na prova do vestibular acabou servindo de palpável para você?

e - é, era minha base de achar que eu vou conseguir chegar lá. Se eu consegui chegar até aqui, eu vou conseguir chegar lá. Eu também tinha cota então... 63 era minha nota

bruta, vamos dizer assim, se eu aplicasse a cota eu até passava na nota de corte daquele ano, que foi 70, eu ia conseguir, mais aqueles 7 pontos e eu passava para segunda fase daquele ano. Então para mim eu falava "se eu conseguir passar na nota de corte com a minha nota bruta, com a bonificação eu consigo passar." E aí eu foquei FUVEST, FUVEST, FUVEST e não passei.

p - mas você chegou na EPM.

e - eu fiquei a 8 pessoas de passar na FUVEST.

p - uhum, mas mesmo assim, Medicina na EPM é super elitizado.

e - ah eu só fiquei triste porque eu já via meu cursinho como a minha casa, eu já tinha conversado que aula que eu ia dar.

p - até por isso acabou sendo uma asa para você entrar para o CUJA.

e - uhum.

p - entendo... E, deixa eu ver se tem mais alguma coisa no roteiro. Você diria que seus hábitos mudaram aqui depois que você entrou na Medicina? Seus hábitos culturais, ou eles se mantiveram a mesma coisa?

e - um pouco difícil porque cursinho você vive para cursinho. E aí é muito difícil você fazer outra coisa que não seja cursinho.

p - hábitos culturais?

e - Medicina voga a mesma coisa, você vive Medicina, é um pouco difícil ser...

p - você vive o curso de Medicina.

e - mesmo que você não esteja vivendo o curso de Medicina, você vive as coisas ao entorno. Ou você vive projeto de extensão, ou você vive liga, você vive algo na periferia.

p - entendi, do curso de Medicina mesmo.

e - o que eu posso dizer é que existe mais tempo agora do que existia antes, porque eu trabalhei uma parte do ano que eu estava fazendo cursinho e o restante então eu estava me focando para conseguir passar, então agora eu tenho um pouco mais de tempo livre propriamente dizendo e aí eu posso dedicar mais a hobbies. Não muito tempo, não é? Mas existe tempo...

p - é um contrassenso total, porque do que eu ouvi nas outras entrevistas é que o curso

de Medicina surge como uma forma de roubar, ou ainda um uso do tempo muito grande, para você foi justamente o contrário então...

e - é, ninguém daqui normalmente trabalha e faz cursinho, não é? Eu to acostumado a dormir 4 horas por noite, então tá tudo bem para mim.

p - entendo, então para você acabou sendo uma coisa melhor. Fora a própria segurança de você estar fazendo a Medicina e que isso vai acabar desembocando em uma boa carreira.

e - eu gosto de brincar que eu viro uma casta superior assim que eu me formar.

p - sim é bem isso.

e - é natural, é tão natural que a partir de que eu entrei, as pessoas começaram, da minha família vamos dizer expandida, começaram a me tratar melhor: "não, você tá precisando de ajuda? Vem aqui".

p - nossa, que coisa.

e - eu gosto de pensar que até os hipócritas tem uso, então eu faço bom uso da hipocrisia dos outros.

p - é a gente mobiliza o que a gente tem.

e - não teria chegado aqui se eu não tivesse usado as ferramentas que eu tinha a disposição.

p - sim, sem dúvida!

p - e assim, você já pensou quanto ao termino do curso, quanto ao que você vai fazer?

e - é... Meus planos até agora daqui até terminar a faculdade e posterior, é... A IC que eu estou fazendo é com o chefe de departamento de cirurgia pediátrica e o chefe da cirurgia da escola. O que eu penso em fazer: É um ótimo contato que eu presumo que seja bom e... Até o quarto ano eu quero fazer algum intercâmbio para conseguir algum certificado de idioma efetivo, não só falar que eu sei, mas pode provar que eu cumpri provas que isso existe e de preferência em um lugar que eu consegui meio enviesar para cirurgia pediátrica. Pós isso vai depender de contatos ou não, é... Eu sei que meu professor tem muitos contatos fora do país e sair para fora do país seria

muito legal, se eu tenho condições eu não sei, mas...

p - os meios você está buscando, entendo.

e - se não conseguir e aí eu vou... Prova de residência, eu não sei se vai ser melhor fazer um ano juntando dinheiro propriamente dizendo. E aí fazer um cursinho de residência e fazer prova de residência para cirurgia geral, que é pesado para entrar, e eu não sou o melhor aluno na graduação também. E cirurgia geral acabando, começar cirurgia pediátrica.

p - entendi, e aí a cirurgia pediátrica fazer as duas residências no caso como você falou que teria que fazer.

e - uhum.

p - entendo, mas de desempenho acadêmico mesmo aqui na UNIFESP você diria que você não é um bom aluno?

e - eu sou um aluno na média... Assim ao longo de 7 ou 8 e na matéria difícil com um 6 não é? Porque a gente tenta garantir pelo menos o básico. Eu vejo que muito nas matérias pelo menos que a gente teve até agora, muita matéria que você tira 10, é porque você foi e gastou tanto tempo naquilo, tanto tempo naquilo, tanto tempo naquilo, que você podia estar gastando em uma outra... Desenvolvendo outra habilidade então... Do 9 para o 10, eu vejo que eu gastaria um tempo absurdo e estando entre o 7 ou 8, eu estou mais ou menos seguro que vou conseguir ter um estilo de vida mais ou me... Não tão não saudável quanto eu tenho atualmente, e conseguir me dedicar a outras coisas que fazem sentido para mim.

p - como as outras atividades de extensão e IC por exemplo, desse sentido que você fala?

e - uhum.

p - entendo. É uma estratégia mesmo de vivência do curso.

p - tem mais alguma coisa que você acha relevante me dizer, caio? Do curso de Medicina? Dessa entrevista que você acha relevante para minha análise ou que você gostaria de dizer também...

e - deixa eu só parar para pensar um pouquinho...

p - não, claro, relaxa, fica tranquilo.

e - deixa eu dar uma olhada para ver se eu lembro alguma coisa que eu...

p - uhum

pega o questionário que ele respondeu para olhar

p - tá com as marcações minhas que eu perguntava...

e - ah justo. A parte de receber auxílio da instituição, isso é complicado.

p - permanência que você recebe?

e - uhum, eu recebo a bolsa permanência do governo federal que é uma coisa que eu particularmente tenho medo.

p - porque a gente está em ano de eleição e isso pode simplesmente ser cortado?

e - já foi cortada as novas, não é? Então eu tive sorte porque o meu ano foi o ano que cortou.

p - e você conseguiu pegar.

e - eu consegui pegar, tive colegas que não conseguiram. Eu recebo bolsa do PAP da instituição, mas por exemplo, permanência acabar eu não sei como vai ser daí em diante.

p - uhum.

e - inclusive o PAP está sendo reformulado, porque a faculdade não tem muito dinheiro.

p - o PAP é?

e - é a bolsa da própria universidade.

p - hum.

e - a IC não me fornece dinheiro até agora. Eu enviei para PIBIC o projeto, a PIBIC não aprovou para todo mundo, aprovou apenas para uma das pessoas que faz parte do projeto. Vou tentar FAPESP, orando todos os dias para não depender mais de bolsa e seguir o resto da graduação fazendo estágio.

p - sim.

e - tem um estágio remunerado aqui da faculdade, mas é um absurdo de concorrência. O estágio do hemocentro, ele paga muito bem, ele paga muito muito bem assim, passaria o resto da graduação sem problemas. Mas é tipo 3 vagas para 100 pessoas.

p - nossa.

e - eu só queria passar para segunda fase e eu não consigo ir.

e - do meu pai realmente eu não sei instrução, do meu pai de criação ele até tentou começar o curso superior, mas ele não tinha disciplina para seguir isso, ele não achava que ia melhorar e...

p - não era para ele, da forma que ele via a coisa.

e - isso...

p - e dos seus avós você também não sabia das informações?

e - avó não, avó é um branco na minha vida... Eu nunca tive ninguém mais velho nesse ponto que... Pessoa mais velha que eu tive era o meu tio, e ele mal falava comigo.

p - a convivência era pouca.

e - eu até discuti uma vez por ele porque ele falou que pequeno príncipe não era um livro para criança ler, e eu falei "e porque que criança não pode ler, mas adulto pode ler?" e um argumento de uma criança de 12 anos com um velho de 68 e foi... Quase cômico se ele não estivesse um pouquinho bravo...

p - acho que é um livro que... Dá para aproveitar de maneiras diferentes conforme a sua maturidade, mas não inviabiliza a leitura por ser criança.

e - então! Você ter oportunidade de ler aquilo enquanto criança e reler adulto com a visão do adulto é uma possibilidade... Jesus!

e - eu realmente vou pouco a museu, exposição de arte e etc... Eu não tenho tanto tato para...

p - isso faz sentido mesmo conforme a sua própria vivência, você não teria tempo, você tinha que trabalhar, estudar, correr atrás. O tempo do ócio produtivo você estava trabalhando, você não teve um ócio produtivo.

e - cinema é um negócio muito caro...

p - o que?

e - sim, cinema é um negócio muito, muito caro, eu só vou muito raramente...

p - mesmo os alternativos agora.

e - mesmo quando você paga meia, você paga um absurdo...

p - 15!

e - nossa senhora, gente.

p - isso quando paga meia, né?

e - no cursinho você não consegue pagar meia nem na passagem...

p - é um puta contrassenso e a tendência é ficar cada vez pior.

e - eu vivi isso enquanto aluno, que eu precisei trabalhar para pagar minha passagem do cursinho, e eu vejo nos alunos do CUJA que o maior motivo de evasão é: Não tenho dinheiro para ir.

p - gente...

e - o japonês (idioma) é por hobbie, eu assisto muito anime, jogo muita coisa, então acabo pegando o básico da linguagem falada.

p - mas você consegue ler mais ou menos alguma coisa?

e - ler é muito difícil...

e - intercâmbio estudantil é um negócio difícil de conseguir...

p - eu imagino que seja bem elitizado a galera que consegue mesmo...

e - é porque tem alguns por via da escola, e por via dos projetos acadêmicos, tem dezenas de projetos acadêmicos que podem fazer intercâmbio. Só que você precisa conseguir certas pontuações em algum para conseguir. Enquanto para alguns para mim é fácil de conseguir porque eu faço muita coisa, você precisa para ir para lugares bons, e quem ganha mais pontuações é quem faz parte dos projetos, então fica um pouco difícil para mim as vezes.

p - então quer dizer que é por via dos projetos isso então dos intercâmbios?

e - a maior parte dos intercâmbios sim, a escola tem um convênio com uma faculdade de... da Holanda, mas são poucos que vão para lá, e acho que não tem pagamento de estadia e essas coisinhas, né?

p - ah tá, então assim, a gente te manda e você pode estudar aqui, mas a permanência...

e - eu não tenho certeza, mas eu acho que sim...

p - é por sua conta...

e - é foda... Os de estudante para estudante muitas vezes você fica em casa de outro

estudante, mas eu não sei, casa e café da manhã, o restante... "se vira aí, campeão".

p - se não tiver alguém para te dar o pé de apoio fica difícil.

e - e a graduação também não facilita, porque por exemplo, se você conseguiu um estágio de um mês em um intercâmbio e daí nesse um mês teve um bloquinho que teve uma prova que era a única prova...

p - você vai ter que esperar um ano pra fazer tudo de novo?

e - é...

p - meu deus...

e - se você não pensar isso muito direitinho, você ferra o seu ano inteiro.

p - quando você é mais pobre, você arcar com mais anos de curso é uma coisa, não é?

e - tinha o programa MDPHD que estava tentando meio que pessoas tentando fazer isso acontecer, eu pensei "parece algo muito legal, não é?" Só que aumentar dois anos de curso, para poder já conseguir sair com

doutorado, é uma coisa que eu penso que seria muito legal. Mas eu não sei se é possível...

p - se seria viável para você.

e - minha mãe tem o que? 63 anos agora, se ela for ter que esperar mais dois anos até eu me formar, a qualidade de vida que eu quero dar para ela talvez eu não consiga mais.

p - entendi, a questão tá muito relacionada mesma na sua própria atuação acadêmica com a idade da sua mãe...

e - uhum.

p - e sua mãe recebe aposentaria?

e - recebe, é assim que a gente se mantém, ela recebe o salário mínimo, o salário mínimo dá pra muita coisa. E minha irmã começou a ajudar a gente depois de todos os eventos, ela se formou, ela reconheceu que o que eu estava fazendo não era atoa...

ANEXO 20 – ENTREVISTA COM ALUNO 70

Pesquisador - bom, eu gostaria de começo você me falasse como surgiu seu interesse pelo curso de Medicina.

Entrevistado - então, no curso de Medicina, eu queria quando eu estava mais ou menos na quinta série, falei "ah eu acho legal" eu queria, fiz meu pai comprar um mini boneco de anatomia, falei "eu quero, eu quero, eu quero". Só que daí eu comecei o técnico de informática, daí eu falei "ah não quero mais, quero engenharia", aí fui com essa ideia até o terceiro ano, quando fiz meu primeiro TCC. Que na verdade o que eu fiz foi o instituto federal, não sei se você conhece, aí são 4 anos, no terceiro a gente faz um pré TCC e no quarto a gente faz o TCC. Aí eu fiz, olhei e falei "não, não quero isso para a minha vida não". Daí eu entrei em um dilema: O que eu quero? Na verdade até quando eu fiz o vestibular eu não sabia, tanto é que eu prestei Medicina pra cá, e pra UNICAMP, prestei química na USP, eu peguei pelo ENEM Engenharia da Computação, porque eu também não tinha... porque eu não queria tanto, mas eu também não tinha certeza se eu não queria, eu falei "ah, eu vou no que passar". E assim, eu queria Medicina, mas eu não tinha aquela super força, porque por exemplo, se eu não passasse, eu não faria cursinho de novo, eu não teria energia pra fazer. Eu queria, mas ao mesmo tempo eu tinha medo de querer muito e ficar muito decepcionada.

p - e se frustrar depois.

e - exatamente, aí no final deu certo e eu passei e vim para cá.

p - você passou com um ano só de cursinho, não é?

e - isso.

p - foi bem rápido, eu vi que você é bem jovem. Mas assim, o que pesou da Medicina entre ela e a engenharia?

e - eu acho que uma coisa que pesou foi que, o que eu gosto em relação a informática, eu gostava de programar, mas eu vi que eu não conseguiria fazer isso para a vida inteira, eu não me via trabalhando nisso. E em relação a Medicina, uma coisa que me aflorou mais

aqui foi o cuidar das pessoas. Aquele cuidado mesmo, cuidar de alguém que precisa, sabe?

p - essa coisa de fazer pelo próximo.

e - exatamente.

p - isso foi um ponto importante pra sua escolha?

e - foi um ponto importante.

p - e quando você fala de fazer engenharia de computação, eu sou técnico de informática também, e programação está mais relacionado a ciência da computação, engenharia se eu não me engano era mais hardware.

e - é, também, em relação a engenharia e ciência, eu preferia engenharia mesmo do que ciência.

p - entendi, bom então a coisa do cuidado com o próximo foi uma coisa decisiva para sua escolha mesmo, e aí você nasceu no japão?

e - nasci.

p - me fala um pouco mais disso, você veio para cá quando? Você veio jovem?

e - vim, é assim, na verdade o meu pai é irmão do meu tio (materno) e a minha mãe é irmã da minha tia (paterna), eles se conheceram quando minha mãe era pequena, daí meu pai foi trabalhar no japão como dekasegui (pessoa que deixa sua terra natal para trabalhar), e a minha mãe depois de um tempo também depois foi trabalhar, daí ela começou a morar com a minha tia e eles ficaram juntos, daí eu nasci lá, daí depois de dois anos minha irmã também nasceu lá, foi em 99. Só que o que aconteceu, meu avô estava muito doente, e ele estava sozinho com a minha avó aqui, e um dos irmãos precisava voltar para cuidar deles, e aí eles não sabiam se ia o meu tio mais velho, ou o meu pai. Como minha mãe não estava trabalhando e os meus outros dois tios estavam trabalhando, então tinham uma renda mais fixa, então meu pai resolveu voltar, e voltou eu com toda a minha família para cuidar dele porque o meu vô acabou

falecendo de câncer, e aí meu pai que foi acompanhando todo o tratamento e fazendo tudo assim, foi mais por conta da doença mesmo.

p - do seu avô.

e - isso.

p - e aí você voltou para cá em 99 você disse.

e - isso, no finalzinho de 99 para 2000.

p - e aí vocês acabaram ficando.

e - isso, a gente acabou ficando.

p - e você já estudava no Japão ou você começou a estudar aqui mesmo?

e - eu comecei a estudar aqui.

p - e aí você já desenvolveu toda uma relação com o Brasil.

e - isso, tanto é que eu nem sei falar japonês, eu sou só os "ohayou" "arigatou".

p - uma coisinha ou outra.

e - bem básico mesmo assim...

p - uhum, e aí você mora aqui São Paulo.

e - isso.

p - eu estava vendo que você colocou que participa bastante dos eventos da UNIFESP, das palestras e etc, e como é que fica essa coisa de você morar longe e participar? Na minha graduação isso foi uma dificuldade para mim, que é em Guarulhos, mas eu moro aqui e me fala um pouco como que é isso.

e - é difícil porque normalmente eu faço morrendo, tanto é que final de semestre eu estava a zero assim, as vezes eu tenho umas crises. Porque eu fico, eu faço muita coisa, e eu gosto de participar porque assim, se fosse só pela faculdade eu acho que eu sinto falta de alguma coisa...

p - falta de alguma coisa?

e - é, porque assim, a graduação é legal, mas ela é cansativa, ela é meio maçante, daí sei lá, eu gosto de participar de extensão, eu faço parte do DCC que é um Departamento de Cultura, lida com burocracia.

p - Departamento de Cultura e Ciência?

e - isso, eu faço parto de ligas acadêmicas, então eu gosto dessas coisas extra. É porque assim, teve uma época que eu meio que não sabia, como eu não sabia se realmente eu queria Medicina, teve uma época que eu fiquei muito em dúvida, e o que me segurou

aqui foi coisas extras. Então eu gosto de fazer, mesmo me cansando, eu fico cansada, mas eu fico feliz em ver que estou fazendo outras coisas...

p - que você está integrada?

e - exatamente.

p - mas aí quando você fala, por exemplo, em fazer outras coisas e coisas extras, isso acaba se circulando nas pessoas que você conhece, na relação com outros amigos ou mais pela atividade em si?

e - eu acho que depende da atividade... por exemplo, no DCC eu gosto pela atividade e pelas pessoas, mas de extensão eu gosto da atividade em si, as pessoas são legais, mas a atividade em si me segura.

p - entendi, qual extensão você faz?

e - abraços, é um que visita os pacientes, a gente faz a reunião... Eu até saí de uma agora, pro amigo chocolate.

p - ah que legal, e vocês visitam os pacientes no hospital... ?

e - isso, para conversar com eles, são aqueles pacientes que normalmente não recebem visitas, e tudo o mais. Porque é chato ficar sem fazer nada, e muitas vezes nem tv tem no quarto, e a gente vai lá para conversar um pouquinho.

p - ah é bom demandar essa atenção para eles tem uma relação com o cuidado terapêutico que a gente tem.

e - sim.

p - e vocês vão na qualidade de médicos ou vocês vão assim...

e - não.

p - não?

e - como pessoa normal.

p - mas eles não sabem que vocês são médicos?

e - as vezes a gente fala, mas a gente evita falar, porque muitas vezes a gente começa a falar da doença, a gente está mais lá para falar da vida, distrair.

p - um outro foco.

e - é, pra tentar sair da doença, do ambiente hospitalar.

p - e aí tem relação também com a entrada no curso.

p - outra coisa que eu queria te perguntar, da IC, você colocou que a obtenção de orientador para fazer a iniciação científica é muito difícil, eu gostaria de saber porque na sua visão.

e - então, é que eu queria uma iniciação científica na parte de diabetes. Só que todos os professores que eu falo, eles querem que eu já tenha passado do terceiro ano, só que eu queria para agora.

p - sim, a recomendação geralmente é no segundo ano.

e - é, porque tem mais tempo e tudo o mais, só que eles querem depois da clínica, que seria mais clínico, aí eu achei meio difícil. E fora que aqui uma coisa que a gente sente falta na UNIFESP é divulgação ou alguma coisa que organize, tanto é que o próprio DCC montou um comitê para isso, que é o comitê da iniciação científica, que a gente fala com os professores e divulga no site para os alunos. Porque isso é uma coisa que desde o meu primeiro ano eu ouço: para você conseguir uma IC, você tem que bater de porta em porta para conseguir um professor, e ter sorte. E isso foi minha dificuldade assim...

p - nisso que você falou de bater de porta em porta e ter sorte, etc, você acha que tem algum perfil de aluno que acaba sendo mais privilegiado e consegue IC mais fácil? Não sei, que faz parte de um determinado grupo, sei lá, os alunos do CA tem mais facilidade de conseguir IC.

e - eu acho que de grupo não, mas acho que em relação a desinibição mesmo, que tem mais cara de pau, vamos dizer assim.

p - que tem mais essa coisa de chegar e falar

e - é, chegar e falar. eu acho que é isso também... Ou que tem um pouco mais de noção, por exemplo, meus pais não são nem formados em faculdade, não sabiam nem o que era iniciação científica. Quando eu cheguei aqui, eu também não sabia, daí fui descobrindo aos poucos. só que tem gente que é filho de médico, já sabe que quer isso, então já tem muito mais noção e as vezes já faz até uns cursos de estatística e tudo mais, e aí vai lá e fala com o professor e o professor vai ter mais... tipo, sabe?

p - mais interesse porque o cara não vem cru.

e - exatamente, ele já sabe mais, aí eu sinto um pouco dessa diferença assim.

p - então talvez os filhos de médicos tenham mais facilidade...?

e - é, alguns sim, fora que se o médico trabalhar aqui, já tem uns contatinhos, e aí ele já tem os contatos.

p - acaba sendo um diferencial sem dúvida.

p - mas para a entrada na extensão é de boa?

e - é tranquilo, normalmente no começo do ano eles têm uma feira de extensões, aí você conhece várias extensões na escola, daí você fala "ah eu quero ir em tal, e você vai", normalmente as extensões querem pessoas, né?

p - eles recrutam pessoal.

e - sim.

p - entendi, é mais tranquilo de pegar.

p - outra coisa, você marcou que seu principal interesse, ou a motivação principal na escolha do curso foi a área de ensino, queria que você me falasse do que você entende por área de ensino.

e - então, uma é que eu queria era dar aula, desde pequenininha, mas eu tenho uma certa vergonha.

p - você é tímida.

e - sim, eu sou muito tímida, eu melhorei um pouco aqui na faculdade, mas eu sou bem tímida, mas uma coisa que eu queria era dar aula, porque eu acho muito legal ensinar, sabe? Ver a evolução do aluno, tanto é que eu gosto de ensinar meu irmão, meus amigos mesmo dependendo da matéria e uma coisa que eu vi aqui é que assim, você tem que ser um bom médico, mas você tem que ter... Tendo todo esse conhecimento é possível você ensinar, e eu queria muito fazer isso. Eu vejo os meus professores, os bons professores no caso, como exemplo, sabe? Um dia eu quero ser como eles, ensinando aqui direitinho, bonitinho, cativando...

p - trabalhando na UNIFESP?

e - é, na UNIFESP seria legal porque é a casa, mas eu não ligaria de trabalhar em outro lugar.

p - então essa coisa do ensino mesmo é uma coisa interessante para você.

e - isso.

p - e isso parte mais de você do que do incentivo dos professores daqui da UNIFESP?

e - mais de mim.

p - por exemplo, é que você também colocou que não tem conhecimento de pós e do mestrado e etc.

e - não, não tenho muito.

p - mas você tem interesse na carreira acadêmica.

e - sim, também, é que eu sei também que precisa, mas como eu estou ainda no comecinho, eu estou vendo pouco a pouco ainda como se faz cada coisa.

p - sim, está certa, mas nenhum professor fala assim dessa área acadêmica ou dessa área de pesquisa mesmo.

e - não.

p - isso não surge.

e - não, só se a gente perguntar para determinados professores.

p - alguns só que são mais dessa área.

e - é, por exemplo, agora eu comecei a falar com uma professora que ela é da bioMedicina e eu comecei a conversar mais com ela, e ela está me ensinando bastante coisa em relação a isso, talvez eu até comece uma IC com ela, ou como eu estou com muita coisa agora fazendo, ela falou "ah porque você não faz Letters de artigos?", aí eu leio os artigos, eu posso criticar.

p - fazendo uma resenha?

e - é, exatamente e publicar. Porque uma coisa que eles cobram na residência é publicação, e ela falou que você pode pegar essa publicação que serve. Então agora, como eu tenho pouco tempo, eu faço isso que conta pro currículo e quando eu tiver mais tempo eu faço uma IC.

p - pro lattes.

e - isso.

p - então você está assim mais ou menos... Quando você conheceu essa professora da bioMedicina?

e - aí, acho que foi... três semanas atrás.

p - ah então é bem recente.

e - é bem recente, foi por uma aula de uma das ligas que eu conheci.

p - e bioMedicina me parece uma área mais acadêmica do que a Medicina em si.

e - isso, é.

p - parece bastante relacionado a pesquisa.

e - sim, e eu gosto bastante dela.

p - rolou uma identificação pessoal também.

e - sim, sim. É bom que ela... Eu tenho uma dificuldade de postura, que eu sou muito tímida, perder um pouco da vergonha de falar, daí ela me ajuda nisso também.

p - legal, mas assim dos outros professores, fora essa de bioMedicina que aliás você conheceu numa liga, né? Não foi nem no currículo comum.

e - isso, não foi no currículo.

p - você acha que rola uma desvalorização dessas áreas mais de pesquisa e do ensino?

e - eu acho que não, porque a maioria dos professores do ciclo básico são de pesquisa, e alguns até falam da área. Mas é que eles nunca chegam tão a fundo em relação a isso, uma porque não tem tempo, porque é muito conteúdo pra pouco tempo. E outra que eu não sei, as vezes eles convidam, mas eles não chegam a falar mais e se você quiser mais eles deixam o contato aí você procura ele a parte.

p - sim, mas as vezes mesmo que você procure a parte, como é o retorno disso é tranquilo?

e - eu já procurei professor, acho que dois professores do ciclo básico, foi bem legal, eu comecei a ver mas daí eu vi que não era muito pra mim.

p - não era muito sua praia.

e - é, daí eu agradeci.

p - mas não era muito pra você o que? A área?

e - a área, a área...

p - e quais foram as áreas que você procurou?

e - um eu peguei e era sobre relacionar o sono, a qualidade do sono... Na verdade era apneia do sono com problemas cardíacos. E a outra era mais a biologia molecular. Eu comecei a ir, aprendi a fazer um pouco de

PCR e tudo o mais, mas daí eu vi que não era aquilo que "ah meu deus".

p - que não era aquilo que te inclinava assim.

e - sim, exatamente.

p - nesse sentido você acha que tem áreas que são mais valorizadas? Por exemplo, cardiologia é uma área legal, os professores falam mais disso, tem uma valorização maior no comentário dos alunos, ou em relação à pesquisa que pode ser algo que surge como secundário, a galera dá uma desdenhada.

e - não sei.

p - da sua impressão mesmo que você vê em relação a comentários.

e - olha de impressão o que eu vejo bastante é sobre o instituto do sono que falam que é super top, assim, não só no Brasil, né? É que a professora que eu estou falando também é do sono, mas eu já vi outras pessoas falando que é muito bom.

p - entendi, mas isso pela área de pesquisa daqui da UNIFESP mesmo que é valorizada. Mas digo sei lá, de aspectos, como por exemplo, cirurgia cardíaca é importante, é uma área legal porque paga melhor, ou sei lá, ortopedia é melhor por conta de qualidade de vida.

e - em relação à pesquisa ou a própria Medicina.

p - a própria Medicina.

e - ah isso tem bastante! Por exemplo ortopedia fala que é pedreiro, mas ganha bem. Cirurgia, não precisa saber clínica. Mas isso assim, um ou outro fala e eu não acho muito legal... Porque eu quero clínica, né? Eu não quero cirurgia. PQ não ganha nada, é pobre.

p - PQ é?

e - Psiquiatria, mas são coisas que o pessoal brinca.

p - mais algo caricato.

e - porque certo na verdade não é, tem psiquiatra super caro.

p - sim, uhum.

e - então, mas as vezes rolam umas brincadeiras assim.

p - mas de áreas mais valorizadas, você vê que tem mais procura na ortopedia, ou mais procura na cirurgia.

e - cirurgia, eu acho que cirurgia tem bastante e... clínica eu não sei, é que assim, depende, eu vejo que clínica pelo menos tem bastante gente de clínica, mas clínicas variadas. A parte de clínica do coração ou a endocrino...

p - são mais fortes?

e - não, elas são variadas, eu não vejo tanta procura assim... Mas cirurgia eu sei que tem, bastante!

p - todas as áreas da cirurgia?

e - é, a maioria. Eu tenho amigos que querem neurocirurgia, ou cirurgia cardíaca.

p - neurocirurgia eu imagino que seja lá em cima.

e - é, até que tem, tem bastante.

p - e a galera fala porque neurocirurgia é tão forte, ou ortopedia é tão forte? É que você falou da ortopedia da galera ser mais pedreira, mas ganhar bastante.

e - sim, é... na verdade o que eu vejo da neurocirurgia é que meus amigos falam que gostam disso, que acham legal como procedimento, e talvez um pouco o status e ganhar, porque neurocirurgião é aquele que se chama deus.

p - é que a galera até brinca e diz que cirurgião se acha deus e o neurocirurgião tem certeza.

e - exatamente! É tipo isso, depende, mas também varia de perfil não tem um perfil que diz "oh meu deus, você vai ser neurocirurgia".

p - mas o status da neurocirurgia...

e - eu acho que deve ser atraente para essas pessoas...

p - entendo, também é o crême de la crême da Medicina por assim..

e - é tipo isso...

p - e no caso da ortopedia então seria uma coisa mais financeira, você acha que, sei lá, a galera mesmo de Medicina da ortopedia em si ela é menos... tem uma menor inclinação acadêmica por assim dizer?

e - ah eu não acho isso, é que eu fiz a liga de ortopedia e conheci vários ortopedistas, mas eu vi que não era para mim, porque eu acho

que são brutos demais, eu acho que seria mais pelo modo como trabalha, aquele modo mais direto, sabe? Porque, por exemplo, na endocrinologia que eu gosto muito, é aquela coisa mais fisiologia, toda lógica. Na ortopedia não, você quebrou o braço, faz isso.

p - tem um procedimento já pronto, você não tem que pensar muito.

e - é, talvez seja mais por isso mesmo.

p - e me fala como foi sua entrada na liga de ortopedia, como funcionou.

e - então, eu fui mais porque na liga de ortopedia era o aluno que atendia, e como era o primeiro ano e eu não tinha contato nenhum com o paciente eu falei "ah, vamos tentar". Isso foi uma coisa legal porque eu não conhecia muito ortopedia, aí eu vi que que a ortopedia faz num geral, atendi um pouco, eu aprendi a fazer gesso que é uma coisa que eu nunca tinha feito também, então foi mais por...

p - por curiosidade...

e - é, por curiosidade...

p - mas assim para ingresso na liga por exemplo como funciona?

e - você faz uma semana de curso introdutório e uma prova.

p - e aí você já está dentro dependendo da sua nota?

e - é, depende da nota, aí depende de quantas pessoas saíram da liga antes, que eles abrem x vagas. Aí tem ligas que são mais concorridas, tem ligas menos concorridas.

p - e a de ortopedia é bastante concorrida?

e - não, acho que nem tanto, uma muito concorrida foi a de Medicina de urgência, que teve até entrevista depois. A de endócrino, que eu estou agora, ano passado foi bem concorrida, esse ano foi menos. É que varia...

p - costuma variar.

e - costuma variar, depende muito também que muitas pessoas que vão para essas ligas são do primeiro ano, aí depende do perfil do primeiro ano, se o primeiro ano gosta muito disso, vai encher. Se não, não.

p - entendi, varia muito de área para área e da própria ideia desses alunos sobre determinadas áreas.

e - sim.

p - e então nesse primeiro ano ortopedia foi mais tranquila.

e - foi, foi tranquila, e aí eu vi que não era para mim, porque eu não gosto dessa coisa mais direta e eu acho um pouco bruto também como faz as manobras e tudo o mais.

p - entendi, de lidar mesmo...

e - é de lidar.

p - exige mais estomago por assim dizer?

e - e força, eu teria acho que malhar um pouquinho...

p - entendi, parece mais algo mesmo... o adjetivo que você usou foi perfeito, "bruto" mesmo.

e - sim.

p - e assim, dos outros grupos daqui da UNIFESP, você faz parte do DCC e você está fazendo extensão também.

e - do abraços.

p - uhum, mas e CA, atlética, essas coisas?

e - eu fui da atlética até o meio do ano.

p - desse ano ou do ano que você entrou?

e - ano passado, do ano passado. Tipo, no começo eu cheguei a treinar três esportes, até a intercalo, que seria um campeonato só de calouros, aí eu saí de dois e fiquei em um. Só que assim, eles exigem muito da gente, são quatro treinos semanais de duas horas, eu moro longe, tinha treino que acabava 10 horas da noite.

p - e para você voltar e pegar ônibus.

e - isso, para depois acordar 5h20 da manhã para vir pra cá de novo, aí eu não aguentei e saí.

p - e você fazia quais modalidades?

e - eu fiz tênis de mesa, que foi o que eu fiquei até mais tempo, basquete, e vôlei, é que se eu morasse perto eu continuaria em algum deles, porque eu gosto bastante de esporte, na verdade eu não fazer nenhum hoje em dia é por causa do tempo.

p - sim, consome bastante.

e - sim.

p - e como era a relação desses perfis... desculpa, das modalidades?

e - aí, eles eram muito legais, eu gostava bastante deles, eles só eram meio loucos as vezes, e as vezes não estudavam tanto.

p - era um pessoal mais voltado para...

e - para a atlética mesmo, tanto é que a gente chama eles de atlétiqueros. O pessoal da atlética e o pessoal do CA, que são perfis completamente diferentes, e tem quem não é de nada, tipo eu, eu não sou de nada.

p - mas você participou um pouco da atlética.

e - sim, eu fui um pouquinho da atlética, mas eu não consegui me adaptar também ao ritmo deles. Que muitas vezes eles faltam em aula, e eu não sou muito de faltar em aulas, ou deixam só para estudar por resumo, eu não consigo fazer isso.

p - seu foco então é muito mais no curso do que...

e - do que na própria atlética em si.

p - e de perfil, você acha que a galera da atlética tem um perfil diferenciado? Em relação a, sei lá, condição socioeconômica por exemplo. É um pessoal com uma condição um pouco melhor?

e - hum, alguns sim, eu acho isso. Porque quando eu vi, mesmo eles falando "não tem problema você ter menos dinheiro", tem problema porque você tem que pagar o anual da atlética, você tem que pagar os campeonatos e o uniforme, isso tipo, vai dinheiro. Fora que se tem um campeonato, você tem que comer alguma coisa, ficar, viajar sei lá, para algum campeonato, sei lá, INTERMED, que nunca é em São Paulo. Você tem que pagar, vai, 500 reais pra ir pra ficar uns dias lá. Aí isso pesou também um pouquinho.

p - uhum, com certeza, eles usaram esses termos "não tem problema você ter menos dinheiro"?

e - é, eles falaram que davam um jeito. Tipo, davam um jeito, mas fica car... Eu não sei, eu não gostava de precisar de dinheiro dos outros ou ficar devendo alguma coisa do tipo, daí eu preferi sair.

p - entendi, você se auto coibia nesse sentido, não era uma coisa externa mesmo.

e - não, não era, era uma coisa minha.

w - entendi, e aí você ficou meio ano na atlética, daí você entrou na ortopedia e você saiu da ortopedia e foi para endócrino.

e - não... Na ortopedia eu comecei no comecinho desse ano, é que tem um ano de duração e eu acho que eu entrei em maio. Aí eu saí em maio desse ano.

p - nossa, então você fazia três modalidades da atlética, a liga...?

e - é o que eu falei, esses dias eu estou fazendo mais coisas do que no ano passado, só que eu saí da atlética, né? Aí dava mais tempo para fazer as coisas...

p - sim, e são atividades acadêmicas também do que eu entendo.

e - isso...

p - por exemplo, fazer parte do DCC e etc.

e - isso, DCC, diretoria do Abraços, eu to em três ligas.

p - três ligas?!

e - é.

p - você está na endócrino...?

e - na de oratória e retórica, para me ajudar a tirar inibição, e eu criei uma de autismo.

p - você quem criou?

e - é, com outro grupo assim, uma de autismo, que era uma coisa que demandava. Que a Medicina lida, mas não tem essa matéria no currículo.

p - sim.

e - que seria algo mais para... Seria mais para pediatria, em si, né? Ou para psiquiatria...

p - como se fosse uma ponte entre as duas áreas?

e - é, isso.

p - interessante.

e - e eu faço monitoria também, monitoria de histologia.

p - de sociologia?

e - histologia.

p - ah sim, histologia, desculpa. Monitoria... da... Ah que você acompanha as aulas e etc.

e - isso, e eu ajudo o professor.

p - nossa, é bastante coisa na verdade que você faz.

e - é que eu preenchi o tempo assim, eu gosto de fazer.

p - sim, então como hoje você vem e fica o dia inteiro aqui.

e - fico, o dia inteiro.

p - e também no meu entender está super relacionado ao seu desejo de ensinar.

e - sim, eu falei, tanto é que na entrevista, eu tenho esse interesse também porque eu quero ter a experiência de ensinar alguém, pra ver, porque eu começo ensinando um por um, aí depois dá pra ensinar, sei lá, um grupo maior, uma turma, para perder minha vergonha aos poucos.

p - sim, essa relação de ensino mesmo é diferenciada, é complicadinho mesmo.

p - a questão mesmo da sua vivência acadêmica acho que já perguntei tudo, você também me falou que é tranquilo dos espaços de circulação e de dizer o que você pensa, apesar da timidez você não sente nenhuma coerção nesse sentido?

e - pelo menos entre meus grupos não.

p - mas assim de uma forma geral, todos os alunos da UNIFESP.

e - ah não, aí tem eu acho. Principalmente aquela rixa Atlético CA. Eu vejo isso muito claro.

p - mas como isso funciona dentro das suas opiniões ou do que você tem pra falar?

e - não, é que eu não tenho nada contra, tanto que a gente fala que o DCC é a Suíça, a gente é tanto amigo da Atlético como do CA, mas o que eu vejo dos outros, por exemplo, alguém do CA quase nunca acho que vai na Atlético, que é muito muito CA, porque tem um pessoal que frequenta o CA que treina, mas o pessoal da Atlético o CA não (frequenta).

p - entendi.

e - mas são muito aquilo de os extremos, tem aqueles os extremos Atletiqueiros, e os extremos CA, aí tem os INTERMEDIários e tipo tem os que não participam de nada.

p - e a galera que participa do DCC que é a Suíça.

e - é exatamente.

p - mas de opinião, do que você possa falar, tem alguma coisa que seja tabu? Por

exemplo, vou comentar algo do SUS, eu sou uma pessoa pró SUS, não vou comentar isso porque sei que é problema. Ou sou uma pessoa que sou contra o SUS não vou falar disso se não a galera do CA vai me encher o saco. Tem algo que pegue assim nesse sentido?

e - ah eu não... Pelo menos para mim não.

p - nesse sentido então pra você é tranquilo.

e - para mim é tranquilo... Assim, tem pessoas da minha sala que tem umas falas estranhas, né?

p - uhum, tipo como?

e - "aí, matéria da parte de preventiva, matéria mais de humanas é desnecessário no curso de Medicina"

p - hum, você acha que essas áreas são mais desvalorizadas?

e - por alguns sim, porque eles acham que não importa, porque o importante é clínica. Por exemplo, a gente teve uma matéria de... aí, é que não me lembro o nome da matéria, que foi de SUS. É que foi... depende, tem uma outra coisa de parte burocrática mesmo, mas eu achei superimportante, porque eu quero trabalhar no SUS mais para frente também, então achei uma coisa legal. Mas tem gente que ia na aula e tipo dormia, não fazia nada, porque não achava importante.

p - como algo secundário, mas isso é mais uma coisa de nicho, não é uma coisa do grupo inteiro.

e - não, é que depende do perfil, depende da pessoa também, e não é só o Atletiqueiro ou só isso, é muito a pessoa.

p - entendi, tem pessoas da Atlético que valorizam o SUS.

e - Isso, tem pessoas que mesmo não sendo...

p - mas para além dos grupos, por exemplo, talvez a galera com mais condição aquisitiva você acha, do que você nota né, que não é uma coisa que a gente consegue a pescar tão fácil, você diria que é uma galera que tende a valorizar mais... desvalorizar mais essa questão humana...?

e - alguns sim.

p - uhum, você acha que tem uma correlação então, se você fosse chutar?

e - então, é que eu não sei se essa... Eu diria que tem, mas eu não sei se é porque eles não

têm noção dessa realidade, porque eles não têm nenhum contato com isso. Eu já vi gente que não tinha cartão do SUS.

p - nossa.

e - e até hoje não têm cartão do SUS.

p - ia sempre em hospital particular.

e - é então, acho que não tem essa noção, a primeira vez que ele entrou numa UBS (Unidade Básica de Saúde) foi por causa da matéria que a gente tinha que visitar UBS, foi tipo isso assim, uma realidade...

p - completamente díspar.

e - é, por isso que...

p - isso acaba contando na opinião.

e - é.

p - entendi.

p - e assim, sua turma é a primeira turma de cotistas 50%, né?

e - eu acho que é...

p - antes foram turmas de 37...

e - era um pouco menos.

p - era um pouco menos, isso, você acha que isso pega de alguma forma?

e - eu acho que pega, principalmente assim que eu vejo para minha turma, não para turma do terceiro ano agora que é a 83 mais a 82. A 82 tem gente muito rica, e assim é perceptível a separação assim entre o pessoal mais rico que frequenta Atlética e tem um triplex, e sei lá o pessoal mais pobre que sei lá, mora em Carapicuíba vem todo dia de manhã.

p - de trem.

e - exatamente.

p - e o que transparece nesse perfil que você me disse que é muito visível e gritante.

e - eu acho que... Sei lá, primeiro pelo grupinho mesmo que não se junta muito, pelo local que fica, esse pessoal fica mais na Atlética ou em barzinhos mais caros, e não sei... Talvez o jeito de se vestir também, porque... Não tem jeito, eles se vestem melhor, eles não pegam metrô lotado, não vem morrendo...

p - não chegam suados, e etc.

e - exatamente, mais isso.

p - e no discurso assim? Surge isso ou não?

e - não muito, depende.

p - de dizerem que vocês (sua turma) são os alunos cotistas ou coisa assim, isso acaba aparecendo?

e - na minha turma não aparece porque eu acho que tem bastante cotista, mas eu não sei nas outras... É que na nossa turma, querendo ou não, dividiu bastante e a gente já percebeu a diferença, por exemplo, na formatura. Eles queriam cobrar 12.000 de formatura.

p - nossa!

e - não tem quase ninguém aderindo porque 50% da turma é cotista, né? Eles até diminuíram o valor, mas mesmo assim ainda fica caro.

p - sim, é complicado, outra realidade.

e - aí você já vê essa diferença, fora que o perfil em relação a festas.

p - festas que frequentam?

e - é, festas que frequentam, tem umas festas da Atlética que são supercaras, não é acessível ou sempre tem festa, tem gente que vai em toda festa. Não dá para ficar pagando 50 reais por semana.

p - sim, fora todo o role de transporte para quem mora longe.

e - sim, ou mesmo gente que mora perto. Você paga, sabe, 1000 reais por mês...

p - ah sim!

e - para morar perto,

p - sim por conta da localização por ser bastante caro.

e - é...

p - então acaba mesmo polarizando nesse sentido, você diria?

e - eu acho que sim.

p - não propositalmente...

e - não propositalmente, mas é pela condição que a pessoa tem de viver em determinados níveis assim...

p - e os espaços que você frequenta, sei lá você vai mais nas festas e acaba desenvolvendo mais proximidade dessa galera que frequenta as festas.

e - exatamente, seria mais por isso.

p - mas não tipo um estigma mesmo entre cotistas e não cotistas, isso não surge?

e - não, não, pelo menos eu não vejo isso. É porque eu sou cotista, eu ando com o pessoal que também não é cotista, então eu não vejo diferença.

p - uhum, na sua turma pelo menos não surge, mas assim tem apelidos que as outras turmas dão para vocês ou você já escutou alguma história?

e - não...

p - isso não surgiu também?

e - eu sei de professores que não gostam dos cotistas.

p - sério? Me fala mais

e - tem, então, é que assim foi um comentário que soltou que tem professores que são contra cotas, como está acontecendo na USP que eles não queriam cotas. Que falam que os cotistas são ruins, tanto é que acho que no primeiro ano que teve cota, na turma 70 e pouco, os cotistas que entraram eram julgados, porque eram poucos, pouquíssimos.

p - sim, acho que 15% se eu não me engano.

e - e o problema é que eu acho que esses cotistas que entraram não fizeram um bom trabalho e meio que não estudavam direito. Daí eles ficaram com uma visão ruim disso, mas agora que está entrando bastante gente eu acho que não tem mais isso, porque muitas vezes o que eu vejo na minha turma é que muitos cotistas estudam muito mais do que aqueles que não são cotistas.

p - sim.

e - porque eles são sei lá, mais julgados.

p - uma seriedade talvez.

e - é, e também porque eu acho que o processo de entrada foi mais difícil. Porque tem gente que sei lá, veio de uma escola totalmente estadual, teve que fazer 3 ou 4 anos de cursinho para pelo menos passar, sabe?

p - e aí a valorização disso é maior.

e - das dificuldades mesmo.

p - sim... acaba dando mais valor mesmo, essa coisa de você faltar aula para ir na atlética...

e - não... não rola.

p - os cotistas acabam sendo um pouco mais sérios nesse sentido.

e - pelo menos eu acho, para mim pesou um pouco isso.

p - sim, como "foi difícil entrar aqui, então eu vou aproveitar"

e - é, exatamente.

p - faz sentido mesmo.

p - e você sabe qual era o professor que era contra ou os professores que eram contra no caso?

e - não sei, é que eu não conheço os professores.

p - nem de matéria?

e - é que são professores da clínica e eu ainda estou no ciclo básico. Os do ciclo básico...

p - são tranquilos?

e - mas os da clínica eu sei que tem alguns que são mais antigões, sabe?

p - hum, a galera mais velha talvez?

e - é, eu acho que a galera mais velha.

p - são mais conservadores.

e - exatamente, bem mais conservadores, e tem aquela tradição de família passar e tudo o mais.

p - é porque tem muito forte essa coisa de que quem entra na Medicina tem parentes médicos, não é?

e - exatamente, tem muito isso.

p - isso acaba contando, e essa coisa do "está no sangue", da vocação, é um discurso forte.

e - talvez querendo ou não as cotas retiram um pouco das vagas para eles assim.

p - você está reservando 50%.

e - exatamente, porque quem tem parente médico e quer que o filho seja médico tem dinheiro para pagar um particular não vai deixar numa pública, daí diminui a vaga, e no particular fica mais concorrida.

p - na verdade você aumenta a concorrência pelo sistema universal.

e - sim, mas acho que isso, pelo menos na UNIFESP, deu uma acalmada assim, eles estão aceitando bem mais.

p - teve algum momento que isso foi mais... para além disso que você me citou, aliás, essa turma que você me citou foi aqui da UNIFESP então?

e - foi, só que é uma turma que eu não conheci. Eu conheci a 79 e foi antes da 79.

p - uhum, 74 você falou?

e - 70 e alguma coisa, eu não sei qual que é a turma...

p - mas para a 79 já estava tranquilo?

e - eu acho que estava, é que assim o pessoal da 79 que eu conheci foi o pessoal da

Atlética, um pessoal com um pouco mais de dinheiro.

p - um pessoal com um pouco mais de condição, isso não toca diretamente.

e - é... Eu não posso falar sobre isso assim, é que querendo ou não... Por exemplo, são 120 pessoas da sala, eu conheço o pessoal da minha sala porque eu já vi eles, mas das outras turmas tem gente que eu não faço ideia.

p - natural, o curso é grande, entram 120 alunos por ano.

e - e normalmente quem não faz parte da Atlética, do CA e de nada, você... Ele fica meio apagado, não aparece tanto.

p - não está nem tanto nas outras oportunidades de... Convívio social mesmo.

e - isso...

p - e machismo? Você acha que é uma coisa que pega aqui no curso? Dos alunos, dos professores comentários machistas?

e - dos alunos... alguns, alguns têm mesmo, mas aí é uma coisa deles que eles têm que ajeitar.

p - não tem uma coisa de perfil?

e - hum não, não tem um perfil, pelo menos eu não acho, mas pensamento individual mesmo e dos professores já teve aulas meio machistas, mas não sei se tem como chegar no professor e falar porque é uma coisa que assim...

p - hierárquica, lógico...

e - fora que a idade, é muito difícil você mudar a mentalidade de uma pessoa que sei lá já viveu com 60 anos com essa mentalidade, é mais... não sei, não adianta bater de frente.

p - mas o que pegou desse professor foi algo sério?

e - não, não, foi mais um incomodo, assim, não precisava disso para aula, não é?

p - uhum, poderia ter sido feito de outra forma. Mas não foi nenhum comentário forte como dizer: "Nem sei porque que tem mulher aqui", isso não surgiu?

e - não, não, isso não.

p - ah legal.

e - isso ainda bem que não.

p - mas é complicado, a Medicina na verdade era uma área bastante masculina, agora está rolando uma feminização.

e - é, eu acho que tem 50/50 ou um pouquinho menos.

p - já é mais mulheres.

e - está mais misturado agora.

p - sim, que bom.

p - tem áreas que você diria que são mais valorizadas nesse sentido de status profissional mesmo.

e - neurocirurgia... Eu acho que dermatologista, porque eles falam que ganha bem.

p - essa coisa do...

e - é, acho que do financeiro, tem bastante do financeiro. Deixa eu ver, cirurgia no geral, pelo menos eu acho...

p - é valorizado...

e - agora não me vem muito a mente, acho que é mais isso...

p - e das áreas menos valorizadas?

e - eu não sei se seriam menos valorizadas, mas seriam as que enchem mais o saco ou as mais zoadas, vamos dizer assim, psiquiatria, ortopedia, apesar de ganhar bem, porque fala que é pedreiro e não precisa ser médico. Talvez um pouco da parte preventiva, porque tem médico que vai para essa área, acho que essa parte também um pouquinho.

p - mas é estigmatizada como por exemplo os psiquiatras ou é estigmatizada de outra forma.

e - e que falam que psiquiatra não é médico.

p - é sim, mas eu digo assim, na Medicina preventiva a galera fala "não esse pessoal...", isso você também já falou que na psiquiatria é forte deles falarem que não ganha muito, não é?

e - ah não sei, é que talvez muita gente tenha uma imagem forte talvez da Medicina como aquele que passa em filme, sabe? Então quando você foge um pouquinho daquilo talvez seja um pouquinho...

p - desse imaginário social do que é o médico.

e - é, daquele que vai ser rico, milionário e vai ter um super casão, e nem sempre é assim. Então eu acho que talvez isso pese um pouco.

p - e assim eu vi que você gosta de ler.
e - gosto, mas infelizmente eu não consigo ler agora.
p - normal, a vida acadêmica é isso mesmo.
e - só lê livro gente, pelo amor de deus!
p - só lê livro da matéria.
e - livro didático! Exatamente.
p - as coisas que você gosta, literatura, etc. acabam ficando batidas. Mas o que você tem lido e o que você costuma ler e gosta de ler, quando você tem tempo.
e - nas férias eu gosto de ler ficção científica, bastante.
p - mais romances assim.
e - ... é, mas assim, eu gosto de literatura brasileira, só que não... É poema, essas coisas eu não gosto, é mais literatura mesmo assim..
p - tipo Machado, sei lá?
e - tipo Machado de Assis, José de Alencar...
p - crônicas?
e - eu gosto muito de relacionar essa literatura com o momento dele para tentar entender.
p - sim, o contexto.
e - eu gosto bastante de literatura em si, em relação a ficção científica eu gosto daqueles meios tecnológicos assim, ou que sejam bem locões, com magia e tudo o mais.
p - tipo sci-fi e etc? Ou tipo cyber-punk ou algo assim?
e - hmm, eu não conheço... Então, é que eu sei o nome dos livros, sei lá, tem o Jogador Numero 1, que eu não sei se você conhece.
p - sim, já ouvi falar, que é um jogo e etc.
e - isso, eu gosto muito, muito desse livro, mas eu meio que estou tentando ler outras coisas, eu peguei para ler nas férias tô com o livro em casa inclusive o Laranja Mecânica.
p - uhum.
e - que eu li o Admirável Mundo Novo e eu amei...
p - do Huxley?
e - isso! Eu amei esse livro. E como falaram do Laranja Mecânica, eu falei "ah, vou ler".
p - o do Huxley também tem algo de tecnológico distópico assim...
e - sim, sim eu gosto bastante assim, e eu gosto daqueles best sellers famosinhos.

p - sim, ah é válido, eu também leio bastante coisa de best seller.

p - e você diria que seus hábitos culturais modificaram com a entrada na UNIFESP?

e - na verdade eu acho que se modificou deeeee desde o terceiro ano do médio, que começou a ficar mais pesado, porque no terceiro ano eu comecei a fazer pré TCC, aí tinha que me matar para fazer o pré TCC, no quarto ano eu fiz a federal, com o TCC, mais o cursinho.

p - nossa.

e - então não tinha...

p - tempo.

e - não tinha tempo nem de dormir, não é? Aí no primeiro ano foi pesado, aí assim, antes quando, sei lá, estava no médio ou no fundamental mesmo, eu assistia muita TV, ficava no computador, eu lia muito, lia acho que uns 5 livros por mês quase, e agora assim... nem um por semestre, só nas férias.

p - quando você tem tempo.

e - pelo menos, em relação a cinema, eu comecei a ir mais agora. Porque agora que eu ganho bolsa aqui, eu tenho meu dinheiro e aí eu não preciso ficar pedindo para o meu pai, eu me sinto menos culpada.

p - sua bolsa é auxílio permanência?

e - isso, isso, é auxílio permanência, pelo menos no cinema eu vou mais, e como tem um aqui perto, é só sair daqui e ir pra lá...

p - ah é...?

e - é, o do Santa Cruz

p - ah é verdade, o cinemark.

e - isso!

p - mas assim, mudou, sei lá, o seu perfil de consumo? Não sei...

e - de filme não, de filme eu continuo vendo aqueles com bastante ação, de super heróis que eu gosto bastante. De livro eu tento pegar, por exemplo, esses que eu falei um pouco distópicos, mas que são um pouco mais reflexivos em algumas partes, porque eu comecei a ver coisas mais interessantes assim... Tem uns livros que eu já lia lá atrás que eu falo "eu já não conseguiria ler de novo eles" como alguns do romantismo, sabe? É muito...

p - sim, é muito pouco crítico...

e - exatamente!

p - distante da realidade.

e - exatamente, seria mais essa parte crítica mesmo.

p - da sua entrada na UNIFESP essa parte crítica começou a pesar?

e - eu acho que sim, pesou um pouco mais, eu comecei a mudar um pouquinho minha visão de mundo, daquele mundo cor de rosa.

p - uhum.

e - uma porque eu tive que ficar mais independente, agora eu que cuido do meu dinheiro e tudo o mais...

p - sei, você amadureceu.

e - é, eu tive que amadurecer um pouquinho.

p - mas da atividade médica mesmo isso não influenciou, por assim dizer.

e - não sei...

p - ah não sei, um grupo de alunos a galera costuma ler tal mais coisa, então você acaba direcionando, não de propósito, surgem os tópicos e você acaba direcionando nesse sentido...

e - ah não, não influenciou não.

p - uhum.

e - é que meus amigos também não leem muito.

p - uhum entendi.

e - aí isso não aconteceu...

p - não teve essa correlação, certo...

p - sobre a sua escolha de curso, você me falou que seu pai foi a pessoa que mais foi importante para sua escolha, eu queria que você me dissesse porque especificamente.

e - é porque assim, primeiro quando eu fazia cursinho, eu tinha feito (ensino médio) federal e lá o ensino é muito bom para exatas, para humanas eu não tive professor de história por três anos, só no último ano que eu tive. É, então era muito fraco.

p - engraçado, porque geralmente o ensino público, principalmente o estadual, tem dificuldade de professor física, química...

e - sim, é que lá o pessoal de exatas é muito pesado, tanto é que foi um baque para mim que na minha primeira prova tirei 3,5 em matemática, a partir disso eu comecei a estudar e não tirei mais vermelha.

p - sim.

e - mas... O que aconteceu, como eu tive essa grande... Assim, defasagem de matérias humanas, e Medicina querendo ou não é uma coisa muito concorrida que você tem que saber tudo de tudo. A começar por aí, aí eu tinha que estudar isso no cursinho, muito e fora fazer as coisas da federal. Continuando, quando eu prestei, eu tinha uma orientadora no Etapa porque eu ganhei bolsa no Etapa, então ela acompanhava a gente para orientar. Aí quando eu falei "ah, eu coloquei Medicina na UNICAMP" só que na UNICAMP você não poderia errar 10 questões para passar. Acho que no ano anterior tinha que acertar 80 ou alguma coisa do tipo.

p - quase gabaritar.

e - é, aí ela falou "porque que você colocou isso se você não quer isso?" e eu falei "mas eu não tenho certeza" e se eu... e para eu ir para lá, pro meu pai... batalhar para ir para lá, só fazendo Medicina, não é?

p - uhum.

e - aí ela ficou meio brava e primeiro falou meio assim "não tinha como você acreditar tanto em alguém que fez um ano de cursinho morrendo..."

p - e saiu de ensino público...

e - "e saiu do ensino público", não é ruim, é muito bom porque a parte de exatas normalmente que o pessoal tem muita dificuldade. Só que assim, tem uma grande defasagem de quem fez Etapa ou Bandeirantes, para quem fez isso, sabe?

p - uhum

e - ah e outra coisa, a minha mãe, a minha mãe falou "porque você está prestando Medicina? Você está perdendo seu ano", meu pai foi o único que acreditou e falou "ah, se você quer, você vai" foi o único mais que acreditou mesmo em mim.

p - essa boa vontade então de falar "não, vai atrás, corre atrás, vai dar certo".

e - isso, e a minha avó também não queria que eu fizesse Medicina...

p - é então, eu gostaria que você me falasse um pouco dessas críticas. Você falou que a avó materna foi a mais forte, mas além disso

teve a sua mãe e mesmo no Etapa a galera cri...

e - sim... É porque... Era meio que assim, como eu não tinha certeza, eu não era muito assim "ah, porque se eu colocasse Medicina e não passasse nem da primeira fase?" Aí eu teria perdido um ano, sabe? Então era mais por causa dessa coisa mesmo, mas daí no final eu passei lá também.

p - e quando você passou todo mundo fez festa.

e - sim, sim.

p - mas...

e - mas, eu acho que foi mais por causa disso, porque querendo ou não, eu estava morrendo aquele ano e eu acho que ela via esse meu cansaço, e assim, eu estudava bastante. Só que quem fazia cursinho estudava muito mais do que eu, então tem essa defasagem também, e eu acho que isso foi mais acumulando mesmo. E a minha mãe era porque... Minha mãe é meio negativa mesmo, mas uma coisa dela mesmo.

p - uhum, mas então quando você falou de fazer Medicina mesmo veio essa crítica por parte da sua mãe, de menos assim "fé" nesse sentido. Sua avó pelo seu cansaço...

e - é, na verdade minha avó não queria mesmo, eu acho que foi por causa da experiência que ela teve acompanhando meu avô. Porque ela viu que Medicina é triste, em parte, ela não queria muito isso.

p - tem que ter uma certa frieza mesmo.

e - é, e também ser forte para aguentar...

p - sim, você tá se relacionando com um paciente e ele morre.

e - exatamente.

p - é difícil...

e - acho que é mais por causa disso que ela não queria, tanto é que mesmo eu passando ela ficou contente mas ela sempre ficou com o pé atrás. Agora que ela está aceitando mais, é que ela um pouco cabeça dura.

p - é, pessoas mais velhas...

e - sim, e aquela tradição super japonesa também.

p - é muito forte isso na sua família então?

e - a parte da minha avó só, porque a minha mãe já... a minha avó da parte da mãe é italiana com alemã.

p - achava que eles fossem japoneses também.

e - não, meu avô o pai da minha mãe é japonês, mas a minha avó é italianona mesmo daquelas grandonas.

p - sim!

e - aí já é mais misturado mesmo.

p - entendi, nesse sentido já é mais...

e - isso, mas que como eu moro com a minha avó paterna, aí tem mais a tradição japonesa.

p - ah você morava com a sua avó?

e - moro.

p - eu achava que você morava com seus pais.

e - e com a minha avó.

p - a ta, entendi.

e - é que como minha avó moraria sozinha, e a casa da minha avó é tipo a três quarteirões da minha.

p - então basicamente...

e - é, basicamente ela mora lá, ela vive em casa na verdade, na verdade ela dorme em casa e vai na casa dela todo dia.

p - entendi.

e - para ter companhia também...

p - sim, e também por segurança, por ser uma senhora de idade...

e - sim, sim, sim...

p - entendi.

p - ah outra coisa, sobre essa coisa do dinheiro da graduação, foi por conta da sua avó materna também.

e - sim.

p - que você anotou que ela falou "profissão difícil e que precisaria ter muito dinheiro durante a graduação".

e - sim, porque tem aquela visão... É que assim, aqui eu ganho bolsa, então eu me sustento pela bolsa, se não meu pai teria que pagar muita coisa para mim. Tipo comida, eu fico o dia inteiro aqui.

p - então você tem que comer aqui.

e - exatamente, o bom é que tem o bandex, que é 2,50 ainda dá para...

p - bandeijão salva demais...

e - salva bastante, isso porque eles querem aumentar o preço... Dobrar o preço no caso, mas é muito disso. Por exemplo, a

formatura, você se matou, você passou fez 6 anos, e seria legal ter uma formatura, mas não tenho condições de pagar 12 mil numa formatura. Fora que comprar material, um esteto, quase 1000 reais de esteto.

p - nossa!

e - na verdade, vai uns 700 comprando aqui.

p - mas mesmo assim, 700 Reais!

e - é caro, sabe?

p - uhum!

e - fora que você também ao longo do curso tem que trocar um pouco de vestimenta.

p - tem que ficar mais parecido com o pessoal da Medicina...

e - isso, isso, aí é um pouco caro.

p - nesse sentido...

e - isso, e assim uma coisa que a gente não tinha noção porque a gente não tinha parente médico, tem no máximo um tio, mas é longe assim, é comprar os livros. Eles tinham essa... Pensavam isso, sabe? E o livro de Medicina é um absurdo de caro.

p - é caríssimo.

e - aí conforme fui vendo e fui conhecendo, tem a biblac que tem livros, tem muito PDF, a gente viu que não tem tanto gasto assim.

p - nesse sentido querendo ou não o PDF acabou abatendo bastante.

e - nossa, sim! Muito, porque comprar livro de Medicina sem condições. Fora que você só usa para aquele ano e não usa mais também.

p - sim, uhum, acaba ficando encostado.

e - aí foi mais isso, e como tem a bolsa agora eu...

p - consegue se sustentar.

e - eu me sustento.

p - e faz quanto tempo que você conseguiu ela?

e - desde o começo do ano passado.

p - aí que bom, foi logo que você entrou na graduação então.

e - isso, isso.

p - que ótimo...

e - para ajudar.

p - e no caso seus pais não fizeram, são seus tios que tem superior.

e - é, na verdade... Eu tenho uma tia que é irmã da minha mãe formada em direito, só

que ela não passou na OAB. Só que o marido dela é médico, ele que é o médico médico mesmo, só que ele mora em outra cidade do interior de São Paulo. A gente não tem taaaanta....

p - ah entendi, não tem esse contato, essa proximidade de sei lá, de ele falar para você como você vai fazer durante a graduação...

e - não, não tem.

p - e por exemplo dessas indicações do que fazer durante a graduação, rola por conta dos seus amigos?

e - por amigos e por professores...

p - veteranos?

e - é alguns veteranos, muitos veteranos, principalmente do DCC porque eles são quarto ano, terceiro ano, eles dão umas dicas do que fazer, e eu faço mentoria que é com um professor que ajuda um grupo de alunos e aí muitas dúvidas a gente pede pra ele.

p - então sua relação mesmo com os professores e os alunos nesse sentido é muito boa.

e - sim.

p - e quando você se mudou da sua escola para o instituto federal, você sentiu muita diferença?

e - sim.

p - e do federal para o Etapa diferença também?

e - sim.

p - nossa, de qualidade assim mesmo?

e - oh, é que eu fiz o fundamental público, então assim uma coisa gritante que eu vi, não tinha mais briga na federal, e não tinha aquelas pessoas meio estranhas, tipo uns funkeirinhos que iam de chinelo e bermuda e ficavam sei lá fumando alguma coisa, então isso foi muito gritante.

p - a galera da federal era mais focada.

e - fora que o perfil, eles estudavam, na minha (antiga) escola não. Além das provas que eram assim chocantes de difíceis, nas partes de exatas, que me fizeram estudar, que no meu fundamental estudando ou não estudando você tirava nota.

p - você tinha facilidade?

e - é que nem tinha prova também, era muito largado assim...

p - muito jogado.

e - porque assim, se desse prova, ia pai reclamar, porque sei lá tirava... E o ruim também é que a nota era P, S, NS. Não era de 0 a 10, agora voltou o de 0 a 10. Mas não avaliava muita coisa, fora que eu tinha muita aula vaga. Meu fundamental, no segundo fundamental que eu deveria ter ciências, eu tive ciências em um ano, depois disso ou o professor vinha, entrava de licença, ficava faltando. Português também, tenho uma grande defasagem de português por causa disso, na federal eu tive uma professora muito boa, que assim me ensinou muita coisa do que eu sei hoje, fora isso eu não tive mais.

p - essa defasagem assim, para humanidades, você precisa ter uma boa gramática, uma boa escrita para a redação é fundamental.

e - sim, e por exemplo em redação eu não sou muito boa, não.

p - mas faz sentido porque desde o ensino fundamental você já tinha essa defasagem de ensino mesmo, é natural que você tenha inclusive flertado com essa área de exatas.

e - exatamente, eu sempre preferi exatas, eu acho mais palpável também... Mas eu gosto de humanas, mas eu gosto mais de saber do que aquela coisa de...

p - trabalhar com isso.

e - exatamente, acho mais complicado.

p - por conta dessa falta de referencial mesmo.

e - exatamente, eu acho que é mais por isso mesmo.

p - uhum, entendi.

p - e agora que você me falou de exatas, o que era muito forte pra você fazer engenharia da informática?

e - aí, eu gostava de fazer o programa.

p - o código.

e - exatamente. E eu gostava muito de mexer em site, sabe? Montar o site, montar a loja, mexer com banco de dados, só que eu percebi mais que é hobbie e não que é uma coisa para se trabalhar a vida inteira.

p - sim, é chatinho mesmo, é mais alienante.

e - nossa perder noite por causa de uma vírgula num código era terrível.

p - sim, era terrível mesmo, eu sai dessa área também por isso, porque não aguentava.

e - mas era legal, tanto é que eu percebi que o curso de informática me ajudou muito aqui.

p - para mim também.

e - é que assim, que quando eu... tanto é que eu sempre fui indecisa, quando eu prestei para ETEC, Federal, bla bla bla, meu pai falou "faz informática que vai servir para qualquer coisa", tanto é que serviu muito assim, tipo aqui eu ajudo muito as pessoas na parte de tecnologia.

p - tecnologia em que sentido?

e - por exemplo, faz a planilha de excel mais inteligente, vamos dizer assim, que faz tudo automático, eu quem faço! Por exemplo, no DCC além do ... que vai sair agora, eu sou a que mais faz, sabe? Então é uma coisa que mais gerencia isso.

p - entendi, que acabou então vindo a calhar.

e - exatamente, me ajudou bastante em relação a isso.

p - e por exemplo esses programas de estatística como SPSS, acaba tendo facilidade também?

e - eu nunca tive contato, eu ainda não tive contato, mas eu espero...

p - ah mas eu imagino que você vá ter...

e - é que eu não sei, eu acho que eu tenho facilidade assim de olhar e entender mais fácil, sabe?

p - sim, porque você já está acostumada.

e - exatamente, com aquele ambiente.

p - sim, acaba contando. Mas assim para além do gosto pessoal a ideia de fazer engenharia não tinha outra razão forte, assim?

e - não, acho que por isso que acabou ficando de lado também...

p - entendi.

p - você tem alguma ideia de especialização que você gostaria de fazer depois da Medicina? Sei lá, para alguma área que você vá?

e - hum, talvez endocrinologia que eu gosto bastante...

p - uhum, mas isso surgiu agora por conta desse contato com o endócrino.

e - é, sim... é porque eu gosto muito de bioquímica e fisiologia, e a endocrinologia que é ao meu ver o que mais lida com isso, porque você entende o que está errado na fisiologia você entende todo o sintoma e tudo o que tem.

p - entendi.

e - eu acho isso o mais legal.

p - esse interesse mesmo tá ligado a essa sua área de interesse e gosto pela química e tudo o mais, que você inclusive pensou em fazer.

e - sim, pensei em fazer química, é que eu acho que é uma coisa mais lógica assim. Se não for para endócrino vai ser algo mais clínico mesmo, cirurgia não, eu não tenho muito estômago para cirúrgico.

p - para esse coisa de lidar com o... o quadro cirúrgico mesmo.

e - cortar, assim, o sangue, não dá muito para mim.

p - exige bastante estômago...

e - é eu nunca fui assim, eu melhorei bastante, mas mesmo assim não dá.

p - não, entendi, não é mesmo sua praia.

e - não...

p - tem mais alguma coisa que você ache relevante me falar? Algo da Medicina, algo que você queira me dizer?

e - ah eu não sei, a única coisa que eu acho em relação a faculdade em si, que ela me ajudou muito é que ela me fez amadurecer muito assim. Tem um professor que é meu mentor da mentoria, é que ele fala isso, é que assim. No começo do ano passado eu era uma pessoa, e agora eu sou completamente diferente. Pelo menos, eu evoluí em sentido a visão crítica, eu consigo analisar mais coisas. Eu perdi a vergonha muito, porque se fosse antes eu não conseguiria falar assim.

p - sim, de se inscrever para a entrevista você diria não.

e - não, não conseguiria. Em relação a administração, porque assim, eu sou presidente da liga, sou diretoria do abraços, eu sou administradora geral do DCC, foi algo que assim, a faculdade em si me fez e eu gosto dessa parte de gerenciamento, sabe? De fazer tudo funcionar? Eu acho que isso foi um benefício pela faculdade.

p - mas você acha que isso surgiu pela faculdade de qual forma? Assim, o que fez você acabar indo para essas áreas, de gerência, de...

e - eu não sei... É assim, não é que foi uma coisa "ah eu gosto disso, eu fui" foi uma coisa...

p - é que me parece algo ao contrário de você.

e - é... É que assim, eu sempre fui bem organizada, o pessoal até brinca que eu tenho toque, e eu não tenho toque, mas eu gosto de organizar bem. Por exemplo, uma coisa que eu percebi que me ajudou bastante foi o DCC, e tinha algumas coisas bagunçadas e eu fui começando a ajeitar, sabe? E isso foi aumentando, esse ajeitar, aí foi ajudando muito a evoluir isso.

p - entendi, você tem esse perfil de pessoa que organiza para trabalhar.

e - é, eu gosto disso.

p - entendo, e aí nesse sentido você acabou ingressando em outras áreas e esse seu perfil mais organizacional ou organizado acaba sendo valorizado.

e - isso, ajuda.

p - e isso surge no comentário do seu professor orientador?

e - é, ele falou isso, ele falou isso, que na terça passada a gente foi num karaokê de despedida do ano, e ele me sorteou de amigo secreto, ele falou "quão bem essa faculdade te fez" foi bem legal.

p - você amadureceu como pessoa mesmo...

ANEXO 21 – ENTREVISTA COM ALUNO 71

Pesquisador - eu vou começar pelo básico, eu gostaria que você me dissesse como que surgiu o interesse pelo curso de Medicina.

Entrevistado - quando eu saí do ensino médio, eu prestei biologia, eu não sou de São Paulo, eu nunca tinha vindo para São Paulo, uma vez na vida, não conhecia nada. Mas eu achava que queria biologia, porque sempre foi um assunto que eu gostei, prestei para biologia, passei em biologia e entrei na USP aqui em São Paulo, lá no Butantã para fazer biologia. Aí eu fiz um ano e meio de biologia, isso foi em 2014, eu entrei em 2014. E eu me decepcionei com o curso, com a área de trabalho, coisas que eu pensava em fazer eu vi que eram totalmente diferentes do que eu achava e eu optei por sair. E quando eu saí, eu não sabia muito o que eu ia fazer, não tinha muita certeza se eu ia para uma coisa mais acadêmica, não tinha muita certeza... E aí tem um... Familiar meu em específico que faz Medicina, e me levou para conhecer um pouco da rotina, achei interessante. Aqui na UNIFESP tem um Workshop, não sei se você conhece, que o pessoal mais velho faz para pessoas que não estão na Medicina conhecer como é o dia a dia. Eu vim e participei disso, e eu achei que era uma profissão que eu conseguiria... Se eu quisesse para área acadêmica eu conseguiria, mas se eu quisesse trabalhar com outras coisas também tem um mercado de trabalho amplo. É uma profissão que eu considero valorizada, é uma profissão que... dá pra você ajudar muita gente de maneiras muito diferentes, você pode dar aula, você pode trabalhar em pronto socorro, você pode fazer prevenção, e é muito amplo e aí eu me interessei e acabei prestando sem ter muita certeza, nunca foi meu sonho meu sonho de criança, nunca tinha pensado em fazer Medicina, achava que seria um péssimo médico, mas eu resolvi arriscar e vim.

p - e aí você passou e veio?

e - passei e vim.

p - mas assim, como eu posso dizer, teve alguma coisa para... você... eu imagino na

verdade que Medicina é um vestibular superconcorrido.

e - sim.

p - e eu estou vendo que você é super jovem na verdade, você entrou assim, você acabou de sair do ensino médio e já passou em biologia na USP.

e - é, eu entrei, eu era um ano adiante, entrei com 17 na USP e aí eu fiz 18 no primeiro ano, saí na metade do segundo ano, fiz 6 meses de cursinho e entrei aqui, eu entrei com... 19.

p - nossa, foi assim super-rápido, e teve alguma coisa dessa... em algum momento, sei lá, entrar na Medicina foi uma barreira pra você? Algo como sei lá o vestibular é muito concorrido, etc, ou isso foi tranquilo?

e - eu pensava, mas eu encarava mais como um desafio, não como uma barreira, algo a ser superado, não era uma...

p - entendi, algo como vou correr atrás e...

e - é, num foi uma coisa que assim, nas minhas escolhas prévias me afastou disso, é concorrido, mas eu acho que se eu estudar eu consigo. Pelo menos preparado eu consigo ficar.

p - certo, foi mais mesmo por uma questão do interesse pela área por ser uma área de múltiplas faces de atuação. E essa coisa também de fazer pelo próximo e tudo o mais, isso foi forte para você?

e - foi forte, até hoje é bem forte.

p - você tem um interesse de dar um retorno.

e - tenho, tenho...

p - eu queria que você me falasse um pouco então de como está sendo sua vivência na Medicina aqui e do curso.

e - certo... bom estou no segundo ano...

p - especialmente comparado com biologia.

e - especialmente comparado? Então beleza. Vou falar da biologia e depois eu faço um panorama. É na biologia... Eu sentia que eu era menos participativo do que eu sou aqui, talvez por falta de...

p - interesse?

e - também, mas talvez por falta de... Não diria oportunidade, por exemplo, projetos,

eu participo vários projetos aqui na UNIFESP, dou aula em cursinho popular, participo de um projeto de visita no hospital, tem ligas acadêmicas, tem várias coisas. Na biologia era só a graduação, não fazia mais nada além da graduação, eu ia lá, tinha aula, voltava para casa e estudava e tinha aula, não tinha nada além da graduação.

p - era uma rotina estritamente acadêmica.

e - estritamente acadêmica. E a biologia era um curso MUITO acadêmico, até aqui ainda está, mas você vê que tem uma interface clínica, tem todo um fut... A biologia era um curso extremamente acadêmico, então se você quisesse fazer uma coisa fora daquilo, não tinha muita saída, então você tinha que procurar por fora, e foi uma coisa que eu senti que eu não fiz lá, totalmente acadêmico total.

p - e não tinha, sei lá, os professores também não falavam das oportunidades ou iniciação científica?

e - não, não, era bem pouco incentivada. A área acadêmica era incentivada, mas tirando se você não quisesse seguir a área acadêmica, era bem pouco incentivada. E eu, uma outra comparação, eu acho que lá era mais leve assim o curso, era mais tranquilo. Não diria tranquilo de dificuldade, mas de carga de horária, de professor de matéria mesmo, aqui eu acho que é um curso pesado.

p - mas lá também era por turno, não era integral?

e - então, teoricamente era integral, mas é integral porque tem dias que você tem aula de tarde, tem dias que tem aula de manhã, alguns dias tem aula o dia inteiro, mas só tem um ou dois semestres que é o dia inteiro, o resto é todo... Tem uma aula na segunda à tarde, uma na terça à tarde, quarta feira o dia inteiro, é bem... Separado. Em Medicina é todo dia integral, só terça feira a tarde a gente não tem aula. E cedo, tem eletiva, mas aqui na Medicina eu sinto que sou muito mais ativo na graduação, eu consigo participar de projeto, consigo fazer iniciação científica, lá eu tentei, mas não deu muito certo.

p - não rolou?

e - não... Então isso foi uma coisa que eu... prometi para mim mesmo quando eu saí da

biologia "não, a próxima graduação que eu entrar, independente de qual for eu quero participar mais de coisas fora", porque eu sentia que eu estudava, estudava, estudava, ia bem nas provas, mas faltava alguma coisa, sabe? Tipo o que eu estou fazendo aqui? Eu só tendo livro e tal, aqui eu me sinto mais completo com isso.

p - mais integrado?

e - mais integrado, mais útil acho que é uma palavra interessante, mais participativo, você vê que está fazendo alguma coisa que está ajudando alguém. No começo da graduação de Medicina muita gente entra com essa coisa de vamos ajudar as pessoas, vamos salvar as pessoas, e os dois, três primeiros anos você não tem muito isso, fica bem distante dos pacientes, então no começo principalmente pegar essas coisas me ajudou bastante, mas...

p - então eu queria te perguntar dessa coisa mesmo da própria integração do curso. Você diria então que essa experiência que você teve na biologia de alguma forma, não sei como eram os outros alunos e etc, ou como era a vivência dentro da USP, mas de alguma forma isso te preparou para você aproveitar as oportunidades aqui?

e - com certeza...

p - você via que a galera da USP aproveitava como... Tinha um perfil de alunos que estava em todos os roles, todas as outras coisas e IC e você ficava "meu, como essa galera conhece isso"?

e - isso...

p - isso acabou incentivando você a ter essa postura mais proativa aqui?

e - com certeza, sem dúvida nenhuma, eu acho ótimo e não me arrependo de ter tentado biologia, não me arrependo de ter saído também, eu acho que me ajudou bastante... a não ser... Eu era calouro aqui, mas eu já sabia mais ou menos como funciona a faculdade, como você tem que estudar, como é que são os professores, que existem os projetos de extensão. Quando você entra cru eu acho que você fica bem mais perdido.

p - com certeza, por um tempo de adaptação e etc.

p - e me fala uma coisa, quem foi a pessoa de influência mais importante do seu curso você marcou você. Eu entendo que você entrou na biologia e partiu de você essa troca, mas não teve nenhuma figura mais...

e - para biologia especificamente?

p - Não para Medicina na verdade.

e - hum...

p - algum médico que você conhecia, ou como você me contou...

e - é eu acho que seria esse familiar, que eu te falei que é um primo meu. Mas... Ele teve uma influência grande, tem até hoje, eu moro com ele, passei a morar com ele esse ano, ele me influência acho que não só na escolha, mas também na escolha... Não na escolha, mas talvez algumas linhas de pensamento assim, eu concordo com muitas coisas que ele fala, acho muito legal projetos que ele desenvolve. Acho que sim, acho que seria essa pessoa.

p - e esse seu familiar mesmo da Medicina.

e - é.

p - e ele é médico?

e - ele vai se formar ano que vem, está na graduação.

p - uhum, entendi, e ele já sabe qual especialidade que vai cursar?

e - eu acho que vai fazer clínica médica, mas ele não tem certeza.

p - uhum, e sabe porque da clínica?

e - porque da clínica?

p - isso... Porque ele optou por clínica?

e - ele tem um perfil... Mais clínico assim, ele gosta de conversa, ele gosta do contato com a pessoa, ele se interessa muito pelo raciocínio clínico, ele gosta muito da área cirúrgica, só que ele acha muito cansativo, muita carga de trabalho, muitas horas parado prestando atenção em uma coisa só, e acho que na clínica ele consegue desenvolver melhor.

p - esses aspectos... Isso pra você também acaba surgindo como horizonte?

e - sim, eu me vejo mais em uma área clínica assim...

p - então assim, de preferência por especialização e o que você vai fazer depois

do curso, você vai se especializar em clínica mesmo?

e - eu acho que... É, eu diria que em uma área clínica. Eu não sei se... Eu não sei se é porque eu ainda não tive muito contato com cirurgia, tive mais contato com a clínica, mas a cirurgia... Não é algo que me atrai, não é que eu não goste, mas não me atraí pra fazer...

p - a princípio não te chama atenção.

e - exato.

p - certo, e aí sua família é de outro estado e porque você veio fazer aqui em São Paulo? Não fez em outra universidade no estado que sua família mora?

e - Então, a distância da minha cidade até aqui é mais perto do que da minha cidade até a universidade do meu Estado.

p - ah sim, fica no limítrofe assim do Estado?

e - sim, mas no caso da biologia foi porque... Quando você entra você não tem muita noção, né? Você fica olhando aqueles guia de estudante, ranking e a USP sempre apareceria como primeira e melhor universidade da América Latina, tanto na Biologia como em universidade em si. E aí eu coloquei na cabeça que eu queria passar lá e deu certo. E no caso da Medicina, eu passei em outras faculdades, passei na UNICAMP, na UFMG, eu optei por ficar aqui primeiro porque eu acho aqui uma ótima faculdade, uma faculdade muito bem representada num cenário médico, e porque eu já estava acostumado, já estava aqui em São Paulo e para mim seria muito mais fácil continuar aqui. Eu sempre muito de cidade quando era pequeno, então não seria problema para mim por exemplo mudar para outra cidade, mas como eu já estava aqui, já estava adaptado, tinha um lugar para morar, eu achei melhor ficar aqui.

p - entendi, e você mudou para cá quando, na época do cursinho?

e - para cá para...?

p - para São Paulo.

e - eu mudei quando eu entrei na biologia em 2014.

p - hum, entendi, ah é verdade, você ficou mesmo na Paulista por conta de já ter se

estabelecido em São Paulo e isso acabou contribuindo, certo.

e - isso.

p - eu queria te perguntar dessa pergunta sobre "a obtenção de um professor orientador e realização de uma iniciação científica é um processo simples e fácil ingresso", você colocou que discorda totalmente, e agora você me falou que você começou uma IC também.

e - tô num pré estágio assim...

p - no processo, mas você diria... porque assim essa coisa do discorda totalmente então.

e - simples de fácil acesso...?

p - isso.

e - eu acho que existe uma facilidade no sentido de que existe grande oferta, isso eu poderia concordar com esse lado da frase, tem muitas iniciações científicas e muitos professores que você pode buscar. Mas eu acho que a escolha e a manutenção daquilo é um processo muito difícil, você se encaixar em um laboratório, se encaixar com aquela linha de pesquisa. Às vezes é um negócio que na hora que você procurou, você estava super empolgado, mas na hora que o negócio começa a desenvolver você acha que não tem nada a ver com você. E eu vejo isso com vários amigos meus que fazem iniciação científica...

p - mas os professores assim, por exemplo, eles costumam falar bastante disso, dessa da área acadêmica.

e - não, tem bastante, eles tentam puxar sardinha pro lado deles, existe essa de "olha, eu trabalho com tal coisa".

p - se vocês quiserem me procurar pra fazer uma IC...

e - isso, "fico em tal lugar".

p - mas isso aparece nas aulas ou tipo sei lá de maneira mais pessoal? Algo como, você foi bem na prova e o professor diz "ah gostei da sua prova" e etc.

e - aparece nas aulas mesmo.

p - nas aulas mesmo...

e - assim, não é direto assim "ah vamos fazer uma IC" já ouvi isso. Mas na maioria das vezes no meio da aula, o cara coloca um

trabalho dele "olha eu desenvolvi esse trabalho no meu laboratório" então aquilo é um chamariz pro pessoal, "legal o trabalho que o cara faz" e aí ele vai atrás.

p - vou dar uma olhada...

e - é, mas... a oferta eu acho grande, mas esse processo de ir conseguir e se manter, eu acho bem...

p - e o contato assim com o professor no caso? Que você falou da oferta deles se apresentarem, mas o acesso ao professor, a resposta dele ao seu interesse...

e - olha... Eu acho que isso é uma coisa bastante heterogênea, no meu caso foi bem tranquilo, eu peguei o e-mail dele e fui conversar com ele depois da aula, ele me passou o e-mail, demorou um pouco para responder, eu achei até que ele tinha largado mão, mas deu certo, foi super atencioso, mostrou o laboratório. Mas assim por exemplo, vou usar um exemplo específico dessa semana, uma das áreas além da área de clínica que eu tenho interesse é anestesiologia, é muito interessante, gosto de fisiologia, tem bastante integração. Eu entrei no site do departamento de anestesiologia da UNIFESP para ver as linhas de pesquisa. Sei lá, vai que a minha iniciação científica não dá certo, eu tenho pelo menos um step.

p - sim.

e - e assim, o site não existe, está escrito assim "estamos melhorando o site" e você não tem acesso às linhas de pesquisa. Você entra no site de dermatologia e não tem acesso às linhas de pesquisa, você entra no site de tal coisa... Então você tem que procurar pelos professores, tem que olhar "nossa, tal professor eu sei que ele é da anestesia, vamos ver o que ele pesquisa" você procura o nome do cara, vai no Lattes do cara e encontra. Só que assim, isso é bastante variável, tem sites que são muito bons. Oftalmologia é espetacular, tem lá todas as linhas de pesquisa, site de ciência básica são bons, das áreas básicas. Mas tem uns sites que estão totalmente jogados. Eu acho que é fácil no sentido o professor tá lá, você chega e conversa com ele, mas se você não conhece a pessoa e só se interessa pela linha de pesquisa fica um pouco complicado.

p - e se você não tem esse *know how* que você aprendeu na biologia...

e - exato, isso é difícil tem muita gente que fica barrado por vergonha, por medo de ir lá e bater na porta do professor, porque não sabe onde procurar as coisas, isso tem bastante.

p - como chegar.

e - isso.

p - você vê isso bastante na sua convivência mesmo com os alunos.

e - vejo.

p - daqui?

e - isso.

p - e assim como você já tem esse conhecimento, você acha que tem algum perfil de aluno que acaba aproveitando mais dessas coisas? Sei lá, talvez os alunos mais velhos?

e - mais velhos, alunos que fizeram outras graduações, acho que eles conseguem aproveitar mais. Por exemplo, tem várias pessoas na minha sala que fizeram outras graduações, acho que a pessoa quando ela toma uma decisão, quando ela completou já uma graduação ou que ela é mais velha, ela toma uma decisão mais assertiva assim, sabe?

p - sim.

e - tem vários amigos meus que entraram em iniciação científica e que são mais novos, que eles se mantêm porque eles tem bolsa, porque o cara não gosta mais do que ele faz, por ele estaria fazendo outra coisa, mas essas outras pessoas eu vejo que elas se engajam mais, elas aproveitam mais, eu acho que sim.

p - você acha que tem um viés econômico na verdade nisso? De como você mantém essa coisa toda da necessidade da bolsa, você tem mais liberdade para buscar o que te interessa?

e - acho que sim, acho que faz sentido.

p - mas para além do que faz sentido assim, do que vivência e vê na fala dos alunos. Dos alunos que vêm de uma condição econômica melhor, ou que os pais fizeram graduação, sabe?

e - certo.

p - já sabe, tipo "não, procura isso aqui que é legal", você vê traços disso?

e - vejo, vejo, orientação de pais, de pessoas mais velhas que já tiveram uma vivência na faculdade. Mas quanto a essa questão da bolsa, eu acho que não, eu acho que a questão da escolha sim, de correr mais atrás acho que tem muita influência de outras graduações, de idade, de pais, mas a questão da bolsa não, porque eu tenho colegas de ótima condição financeira que se mantêm por causa da bolsa e o cara não gosta mais do que ele faz, e tenho colegas de péssima condição financeira que trabalha na iniciação científica sem bolsa. É uma coisa que, por exemplo, tem uma bolsa aqui da UNIFESP, as pessoas que dependem dessa bolsa tendem a procurar mais rápido as bolsas porque elas precisam de dinheiro para se manter na faculdade, mas eu não generalizaria assim não.

p - sim, um perfil de aluno que costuma buscar isso você acha que não tem?

e - não...

p - e quanto às extensões também você não chegou a participar de nenhuma, nenhum projeto de extensão aqui ainda?

e - aqui eu participo, na biologia não participava de nenhum, mas aqui eu participo...

p - me fala um pouco mais.

e - eu adoro as extensões, acho que todo mundo que participa adora as extensões porque... Tira um pouco daquela coisa só de graduação de estudar, livro puro bruto.

p - esse academicismo puro assim.

e - isso, exato, tem muitas extensões aqui, a gente nem tem contato com todas elas, porque tem bastante. Tem o cursinho popular aqui o CUJA.

p - e você dá aula no CUJA.

e - sim, eu dou aula no CUJA, eu vou sair esse ano, eu entrei ano passado, fiquei ano passado como plantonista e esse ano eu dei aula.

p - uhum, de qual disciplina?

e - física.

p - física.

e - participo do CUJA, adoro o CUJA inclusive minha última aula é hoje. Tem um

projeto chamado Abraços, não sei se alguém já comentou com você.

p - não ouvi.

e - a gente faz visita no hospital para pacientes para tentar conversar, sobre qualquer... Para tentar tirar aquela coisa de estar no hospital doente, conversa sobre a vida, o que você gosta de fazer, que time você torce, umas coisas assim.

p - uhum, na qualidade e médicos?

e - na qualidade de...

p - estudantes?

e - estudantes, ou de pessoas que querem conversar as vezes a gente tenta não andar de jaleco e todas essas coisas. Vai como um visitante, que faz parte de um projeto social e quer conversar com você sobre qualquer coisa. Tem as ligas acadêmicas, que são projetos de extensão também...

p - desculpa, você chegou a falar para mim de qual liga você estava fazendo parte agora?

e - não, eu faço da de acupuntura e de oratória e retórica. Que é uma liga... Vou justificar não as duas coisas, mas o geral, eu tento entrar em ligas, até agora pelo menos, que são ligas mais amplas, assim sabe? Porque tem liga de tal coisa específica de tal doença, sabe? Não sei se vale a pena entrar nessa liga, acho que ligas com temas mais amplos, ou com atividades mais... Atividade teórica, tem atendimento, tem outra coisa, você acompanha cirurgia, acho que você acaba ganhando mais do que uma liga muito específica. Acupuntura é uma coisa que eu não vou ter na graduação, só se eu procurar a liga, fui atrás da liga. Oratória e retórica é uma coisa que você não vai ter na graduação, então fui atrás da liga também.

p - mas rola um interesse assim para além do interesse prático pela coisa, um interesse pessoal pela acupuntura?

e - sim, com certeza, é uma área que eu queria conhecer mais, não sabia nada sobre acupuntura, queria conhecer como era o pensamento deles, com certeza rola um interesse também, acho que as duas coisas caminham...

p - convergem.

e - sim.

p - e de onde surgiu o seu interesse pela acupuntura?

e - eu acho que... existi um estigma muito grande da sociedade sobre acupuntura, tanto do lado de "meu deus ela resolve todos os problemas" quanto do lado de "é pseudociência, não tem nada", então é uma área que eu não tinha conhecimento nenhum, conheci pessoas que já tinham feito, mas não sabia como é que funcionava, qual era o raciocínio. Aqui na escola é muito forte acupuntura, absurdamente forte, o professor titular é uma referência mundial em acupuntura o cara é bom mesmo.

p - mas tem muita procura pela liga de acupuntura?

e - tem, é uma liga bem prática, você atende, você vai no ambulatório e faz acupuntura nos pacientes, aprende bastante e é uma coisa que eu não vou ter contato na graduação, sabe? Então é um campo de...

p - unir o útil ao agradável.

e - exatamente, é útil, é prático e é uma área que eu não conheço nada e que eu gostaria de conhecer.

p - esse aspecto prático então eu vejo que é algo marcante pra você, porque surge bastante, tanto para dar aula no CUJA, quanto para participar do abraços, tem essa questão do uso social também que eu vejo que te interessa, essa coisa de fazer, de lidar e de por a mão na massa...

e - sim, sei lá, eu não sei se vale muito a pena entrar em uma liga que só vou ficar tendo aula teórica, sabe? Isso eu já tenho na graduação, então eu tento pegar extensões que me tirem um pouco dessa coisa que eu já tenho. Que me de alguma coisa diferente.

p - uhum, mas e a retórica, como ela se encaixa nisso?

e - eu entrei na liga ano passado e esse ano eu virei diretoria. Igual abraços, ano passado eu entrei no abraços e esse ano eu sou da diretoria do abraços. Acupuntura eu entrei esse ano, e eu não sei, eu não lembro exatamente, mas eu lembro que quando saiu a liga, eu achei muito interessante o tema, falei "nossa, tema importante, você tem que fazer apresentação oral à faculdade inteira, saber falar, saber apresentar é uma coisa

muito importante", é um tema muito interessante também como você pode usar a retórica para convencer alguém, como é que você faz uma apresentação de slide boa então foi uma coisa que me interessou e de novo que eu não tenho na graduação e eu acho que em nenhum outro lugar se eu não corresse atrás, sabe? Fazer um curso de oratória, eu vi a oportunidade e falei "pô, vou tentar entrar" e realmente foi uma liga que me ajudou bastante.

p - entendi, como se fosse mesmo uma habilidade de uso prático que você desenvolveu.

e - isso, exato, exato.

p - da retórica.

e - exato.

p - é que assim a retórica é na verdade uma coisa cara, pelo menos quando eu penso na retórica, penso em duas grandes disciplinas, penso na filosofia e no direito. Essa área mesmo de humanidades e de ciências humanas de debate político é algo que te interessa pessoalmente ou é algo mais secundário assim?

e - as ciências humanas em si me interessam, eu gosto muito de literatura, gosto muito de... História, geografia, sempre foram minhas matérias favoritas. Nunca pensei em fazer Direito pela questão prática de trabalho, não, mas isso por exemplo, a questão de retórica especificamente não é uma coisa que me chama tanto atenção porque eu sou uma pessoa que não gosta muito de entrar nesses debates. A parte da oratória de expor ideias, dar uma aula, fazer uma apresentação.

p - muito mais a habilidade prática.

e - isso, exato, essa questão de debate mesmo nunca foi muito minha pegada. Tanto que eu acho que isso foi uma das coisas que não me fez ir para um curso da área de humanidades, eu gosto muito da área para estudar.

p - mais um interesse.

e - mas prático, ir lá, fazer debater, ir no juri defender alguém, fazer uma crítica a um livro. Acho que não seria muito...

p - frequentar os espaços de debates não seria muito então...

e - isso, eu gosto muito de assistir, mas participar não é minha pegada.

p - interessante.

e - não sei porque, mas realmente eu gosto de ver as pessoas debatendo diferentes ideias, acho interessante, mas estar ali no meio não me atrai.

p - entendo, então quanto a espaços mais politizados como o CA assim...

e - tenho vários amigos que são do CA, já fui no CA algumas vezes, mas num tenho muito...

p - não engajou.

e - não engajei...

p - outra coisa que eu queria te perguntar, na pergunta 73 eu coloquei "me sinto a vontade na UNIFESP tanto nas aulas quanto em outros espaços, não sinto qualquer tipo de pressão em relação a alunos ou professores, sinto liberdade para dizer o que penso e me expressar quanto minhas ideias ou posições", você disse que discorda totalmente. Me fale um pouco disso.

e - seguinte, a UNIFESP tem ambientes e pessoas que fazem dela de diferentes...

p - visões de mundo.

e - visões de mundo muito heterogêneas... E assim eu percebo que existe uma certa barreira em alguns grupos, então tem pessoas que pensam de determinada maneira e quando você questiona aquilo, não que as pessoas debatam de volta, mas você fica meio mal visto assim...

p - estigmatizado.

e - estigmatizado, ainda existe aquela velha briga entre atlética e centro acadêmico apesar das pessoas falarem que não existe, existe. Isso tem mudado cada vez mais, eu percebo isso, com as gerações mais novas. Mas quando você pega ainda residentes, quando você pega pessoas que estão no sexto ano ou no quinto ano, acho que essa visão é muito mais forte, quanto mais velho você vai pegando mais forte fica.

p - mais pró atlética eu imagino.

e - sim, é bem... as pessoas expõem opiniões e as vezes as pessoas não concordam, eu acho minha sala muito quebrada assim, tem grupos muito bem definidos na minha sala.

Não que um grupo brigue com o outro ou não interaja, mas existem grupos separados na sala.

p - existem questões que tendem a polarizar.
e - isso, exato, exatamente.

p - e você diria que por exemplo, é que assim, a sua turma é a primeira turma de 50% cotistas, não é?

e - é.

p - você diria que isso acaba surgindo nessas, nesses debates e discussões, nessas politizações e polarizações? Assim não de maneira clara, mas que você fala que determinado grupo você fala "não, esses caras certamente não são cotistas".

e - sim, com certeza.

p - me fala um pouco mais disso então e de como isso aparece.

e - ahm... Eu acho que algumas prioridades, acho que é a principal coisa, eu vejo que a maioria das pessoas cotistas dão muito mais prioridade e foco na graduação do que algumas pessoas não cotistas. Existe um grupo específico de pessoas na minha sala que nenhuma delas é cotista e as pessoas pensam todas da mesma maneira, não estão nem aí para a graduação, me assusta um pouco isso.

p - que curioso.

e - não vou dizer que todos os cotistas são...

p - sim, uhum, focados e etc.

e - mas em geral eles têm prioridades diferentes, o cara quer aprender, o cara quer pegar uma bolsa de iniciação científica.

p - ele está muito mais ligado às coisas da... Da vivência acadêmica mesmo da faculdade.

e - sim, eu acho que sim, eu sinto isso.

p - e esses não cotistas são mais apáticos quanto a vida acadêmica.

e - sim.

p - mas tem outros espaços que eles são assim super... Que eles são mais focados, vamos dizer assim a atlética.

e - atlética, festas em geral, uma ou outra aula, mas... Tem um grupo específico de umas 10 pessoas que é bem... Não que... Eu conversei com várias pessoas mesmo, mas... Você vê que o cara está pensando em uma outra coisa. Eu estava conversando esses

dias com um amigo meu sobre isso, que ele fala assim "85% da nossa sala é ótima" e eu concordo com ele que é ótima. Mas tem 15% ali que é um grupo de pessoas que não... Parece que não caiu a ficha ainda da responsabilidade que eles estão lidando.

p - parecem... Menos maduros?

e - menos maduros, nossa, bem, bem e isso não tem a ver com a idade.

p - sim, tem a ver com a trajetória pessoal.

e - eu tenho a clara visão assim, porque tem gente da minha sala que entrou com 17 anos e não está nem aí com a graduação e tem gente na sala que entrou direto do terceiro e é o melhor aluno da sala. Então isso é bem... Não é a idade que influencia, mas o jeito que o cara pensa.

p - a vivência mesmo.

e - o ambiente que vem influência bastante.

p - e dessa galera que não tem nada a ver a maioria mesmo é de não cotistas?

e - não cotista.

p - um pessoal que você acha que seria assim mais bem nascido você acha.

e - eu acho que sim. Acho que tem uma influência, a pessoa pensa de uma maneira diferente.

p - sim, você tem outras referências no mundo, de encaixar as coisas assim para o seu entendimento. E essa galera está mais no CA... CA não, na Atlética.

e - na Atlética.

p - e sobre a Atlética, como fica a Atlética nesse jogo todo? Você acha que sei lá, a galera da Atlética acaba aproveitando melhor as oportunidades do curso em algum sentido, sei lá. A Atlética por essa relação social com os médicos mais velhos.

e - acho que sim, acho que algumas coisas eles conseguem...

p - me fale um pouco disso...

e - conseguem... Talvez ter contatos mais facilmente, acho que isso existe sim, especialmente em algumas áreas da Medicina, falando pelo que eu já ouvi das pessoas. Ortopedia é uma área que as pessoas da atlética sempre vão, e porque o cara da Atlética tem interesse em esporte e a ortopedia tem uma...

p - parece que há uma relação.

e - tem uma relação e existe um certo protecionismo contra isso, a pessoa tem contato mais fácil, o cara que treina com ele é residente de ortopedia.

p - isso acaba valendo.

e - isso acontece, com certeza. Já foi muito mais forte isso pelo que as pessoas falam antes. Você é da Atlético você passa, você é da UNIFESP você passa na UNIFESP, você presta na USP, você não passa. Existe professores de faculdade dentro das diferentes áreas, hoje em dia está muito mais aberto. Clínica médica você pega aqui 50% dos residentes são do nordeste, não tem nada a ver com a UNIFESP, é bem aberto.

p - então quer dizer que a residência, eu não sabia mesmo, ela não está necessariamente relacionada ao curso?

e - não, você pode...

p - você pode prestar residência em outra faculdade?

e - posso, posso prestar em qualquer faculdade, é como se fosse um vestibular, você paga a inscrição, faz a prova, e não está relacionada ao curso, pode fazer em qualquer lugar. E existe algumas... Alguns lugares que protegem mais, tem alguns lugares que são mais abertos, tem algumas áreas que protegem mais, tem algumas áreas que são mais abertas, varia bastante.

p - e essas áreas que protegem mais, costumam ser áreas mais valorizadas dentro da Medicina? Tanto socialmente como assim...

e - certo, é...

p - por exemplo, você falou da ortopedia, que acaba congregando que são uma galera, que como a gente estava conversando, são um pessoal um pouco mais bem-nascido. Isso acaba rolando para outras áreas, como cirurgia por exemplo?

e - vou pensar... Olha, eu não diria que congrega no sentido monetário, eu diria que congrega num perfil de pessoa. As pessoas que fazem ortopedia elas têm o estigma de serem pessoas brutas, uma pessoa zoeira, uma pessoa que não está nem aí para nada. Existe esse estereótipo, a pessoa que faz cirurgia é um cara mais resolutivo, um cara

que não quer muito papo com paciente, o cara que quer ir lá, operar, abrir, sabe? Existe esse... O cara que faz clínica, é a pessoa que gosta mais de contato com o paciente, que tem a cabeça mais aberta, isso existe com certeza absoluta. Mas não sei se no aspecto financeiro.

p - se o aspecto financeiro é algo tão forte assim.

e - é.

p - hum, como eu posso dizer, por exemplo. Na verdade, é que o aspecto financeiro surgiu também pelos contatos da ortopedia que ligam uma coisa com a outra.

e - um perfil de profissional com certeza, isso...

p - perfil de profissional como?

e - existe dentro das áreas... Ah o cara que gosta de esporte, o cara que é mais festa vai para essa área.

p - da ortopedia.

e - é, o cara que gosta de contato com o paciente, pensamento mais aberto, gosta de conversar, gosta de tal coisa, vai para essa área. Isso existe, e é um estereótipo, de uma certa maneira, mas é um estereótipo...

p - que acaba se confirmando.

e - que é reforçado.

p - é porque assim, se é estereótipo, por mais que seja um exagero, tem uma dimensão de real.

e - sim.

p - se não aquilo não se tornaria o estereótipo.

p - E tem áreas que são mais valorizadas?

e - mais valorizadas. Tem.

p - sei lá, cirurgia do coração é muito legal, é o *crème de la crème* da Medicina.

e - neurocirurgia.

p - neurocirurgia?

e - neurocirurgia é a área deus, os caras são deuses.

p - a galera fala que se médico acha que deus neurocirurgião tem certeza.

e - tem certeza, é, neurocirurgião não reza, bate um papo com deus. Tem essas coisas assim...

p - mas aqui assim o que você vê disso?

e - eu vejo que muitas pessoas, eu percebi isso não sei porque, muitas pessoas, falando especificamente da neurocirurgia e depois eu abranjo. Muitas pessoas entram com "quero ser neurocirurgião" e muita gente se decepciona, mas existe muito entre os calouros essa questão de "nossa neurocirurgia, neurocirurgia é super legal e não sei o que" e as pessoas vão perdendo ao longo da graduação essa, esse gosto pela neurocirurgia.

p - e por que? Você sabe?

e - porque é uma carreira muito desgastante, é uma residência muito difícil de passar, é muito concorrida, é a segunda residência mais concorrida da Paulista.

p - a primeira é oftalmo?

e - Oftalmo, por um candidato eu acho, uma é 21 candidatos por vaga e a outra é 20. É muito desgastante, é muito cobrado, as pessoas da neurocirurgia são um poucos... Difíceis de lidar pelo que eu percebo da liga que o pessoal fala. Eu não fiz parte da liga de neurocirurgia, nunca pensei em fazer na neurocirurgia, acho uma chatice ficar lá 12 horas em pé operando alguém. Mas, é... As pessoas vão perdendo, vendo que não quer aquilo para a vida dela, não quer aquele estilo de vida. Estilo de vida é uma coisa que conta muito assim, sabe? Para a maioria das pessoas, a pessoa vê que vai ter que ficar plantões absurdos, que vai dormir na residência, aí a pessoa acaba desistindo. Mas existem áreas que são mais valorizadas, oftalmo, é uma área tranquila, você fica dentro do consultório. Pode fazer outras coisas? Poder, pode, mas no geral você vai ficar no consultório.

p - vai de um extremo ao outro, não é? Comparando, porque se oftalmo acaba oferecendo essa coisa do ritmo que você vai dar para sua vida, por um lado. O neuro no outro é completamente o contrário, está muito mais relacionado a um reconhecimento de *status*.

e - *status*, com certeza *status*. Neurologia em si tem *status* também, é então oftalmo, dermato, uma área mais tranquila, você não precisa ficar dando plantão, tem uma área de estética muito grande. Sem querer depreciar

nenhuma das especialidades, eu pensei em todas elas, menos em neurocirurgia. Eu penso assim "acho super legal, é uma área que super falta no SUS, por exemplo, tem pouquíssimos oftalmos, tem pouquíssimos dermatologistas. E tem áreas que são desvalorizadas, psiquiatria é uma área desvalorizada.

p - que curioso.

e - as pessoas tem interesse em psiquiatria, mas ninguém segue, sabe? Ah eu acho legal estudar, mas eu não quero ser psiquiatra.

p - por que?

e - hoje em dia, Medicina tá muito relacionada a procedimento. A maioria dos médicos ganha em cima de procedimentos. Então por isso dermatologista é muito atrativo também, você faz muito procedimento, exame.

p - é praticamente um microcirurgião.

e - exato. Psiquiatria não tem procedimento nenhum, não tem exame, é a especialidade mais clínica que existe, porque é simplesmente diagnóstico clínico, você faz uma conversa com o paciente e acaba desanimando as pessoas. E é uma área difícil também, a lida com os pacientes é bem complicado. Medicina da família é uma outra área que é desvalorizada.

p - por que Medicina da família é desvalorizada? Voltando na questão do neurocirurgião e do psiquiatra na verdade, na minha cabeça parecem áreas próximas, porque querendo ou não você está mexendo com mente e com cognição e... Mas é curioso como uma tem um *status* social e a outra é completamente diferente.

e - eu acho que tem muito a ver com ganho, que neurocirurgião ganha rios de dinheiro. E eu acho que tem essa questão do *status* do cirurgião, sabe? Que eu sou resolutivo, eu abro, eu tiro, eu fecho e resolvo o problema e opera a cabeça e faço cirurgias supercomplexas, isso existe com certeza. Mas eu acho que o psiquiatra tem essa questão de dificuldade...

p - de ser uma área mais acadêmica?

e - de ser uma área mais acadêmica, a galera que vai... Por exemplo, pessoas que gostam muito de humanas tendem para psiquiatria.

p - a mim me parece o caminho natural.
e - sim, então varia bastante isso. Mas Medicina da família, por exemplo, é uma área que é muito desvalorizada. Primeiro que é uma área nova e as pessoas não conhecem muito, mas tem aquela questão do SUS, o cara faz Medicina da família é comunista, é socialista.
p - mas as pessoas falam isso mesmo?
e - não, não falam abertamente, mas ah o cara que faz Medicina da família é um cara que tem um pensamento mais de esquerda.
p - isso surge.
e - surge, ah é "eu vou trabalhar no SUS, não tem nada" existe essa visão ainda, a gente sabe que isso existe também, mas existem lugares ótimos de trabalhar no SUS. E Medicina da família é uma área que está crescendo cada vez mais e tem um ganho bastante razoável. É que eu acho que se você compara com outras especialidades, talvez não seja um... Um... Ganho tão atraente.
p - até porque você tem uma questão de ganho de *status* também que não se pode desconsiderar.
e - isso, com certeza, eu acho que tem um *status* você falar que você é médico da família, ninguém sabe o que o cara faz...
p - não tem uma especialidade...
e - exato, é bem... Tem essa questão do *status* com certeza.
p - mas assim a galera daqui você diria que tem essa questão de estigma contra essa questão... Contra essa questão... Contra o SUS mesmo, isso surge em falas assim dos alunos.
e - eu não generalizaria de falar que é a opinião da turma, mas existem pessoas que com certeza.
p - dentro desse mesmo perfil que você me falou também dessa diferença desse alunado de cotistas e não cotistas? Por exemplo, os cotistas tendem a valorizar as ideias do sul com mais facilidade em relação aos não cotistas?
e - acho que sim...
p - isso aparece e surge?
e - uhum...
p - e além de Medicina da família o que você diria que é mais desvalorizado?

e - desvalorizado? Medicina da família...
p - essas áreas mais sociais?
e - mais sociais? Medicina preventiva... Ahm, é... É essas áreas que não tem tanto exame, não tem tanto procedimento, uma área mais social. Eu acho psiquiatria uma área extremamente social.
p - sim, com certeza, então nessas áreas sociais rola essa desvalorização.
e - acho que tanto dentro do curso de Medicina como da sociedade em geral assim.
p - sim.
e - acho que isso influencia também, as pessoas tendem a ver o cirurgião como master como abre e resolve e o clínico que não pede exame, faz um exame físico e uma anamnese, uma pergunta... perfeita e daí "não, ele não me pediu exame, ele não tem como saber o que eu tenho"
p - é muito mais presente no imaginário social?
e - isso existe, nossa muito, e eu percebo isso claramente.
p - e... Então, desculpa, perdi o foco do que eu estava falando.
e - relaxa, é uma conversa...
p - essa coisa de me sinto a vontade da UNIFESP tanto na sala de aula como em outros espaços, nessa questão do social, isso surge?
e - sim, sim...
p - acaba rolando essas dissidências?
e - é aquela coisa "a gente é muito aberto a discussão", mas quando acontece a discussão as pessoas, isso acontece bastante.

p - eu gostaria de falar dos seus pais, os dois são formados em administração, seu pai é de contábeis e sua mãe é administradora, né?
e - isso, perfeito.
p - e nessa coisa... E os dois são bancários de instituições públicas?
e - sim...
p - e assim pra sua própria formação pessoal mesmo e acadêmica, isso surgiu enquanto... Eles souberam te orientar, no sentido de "essa escola é boa, isso aqui é legal você fazer"?

e - eu diria que no aspecto acadêmico eu acho que não, porque nenhum dos dois fez uma faculdade grande, reconhecida, são muito bem sucedidos nas áreas deles, não sei se satisfeitos, mas bem sucedidos, mas nessa questão de orientação eu diria que não.

p - de escolhas escolares, por exemplo?

e - é isso daí foi uma coisa... Eu sempre mudei muito de cidade igual eu te falei, então de três em três anos eu estava em uma cidade diferente estudando em uma escola diferente, então existia essa questão de "fazia um grupo", eles estavam lá no banco né, daí perguntavam "ah onde o seu filho estuda?" "estuda em tal lugar" aí ia lá visitar a escola e colocava, não era muito uma questão de indicação, sei lá mais conhecimento do lugar mesmo e onde a maioria das pessoas daqui estuda, tal lugar, deve ser boa.

p - onde é uma boa escola.

e - isso, um familiar meu estudou lá e gostou, vou colocar lá, tem essa questão.

p - e você sempre estudou em escola particular, não é? E você costumava trocar...

e - eu já estudei em escola pública, mas o maior período foi em escola particular.

p - foi na sua... Na educação infantil.

e - isso, isso.

p - e daí do fundamental em diante você foi em particular e sempre em particular.

e - sim, sempre em particular.

p - e dessa mudança pro Anglo no caso, você sentiu alguma diferença grande?

e - no... cursinho?

p - sim, da escola para o cursinho, como que era a sua...

e - ah da escola para o cursinho? Perfeito.

p - isso.

e - ah enorme, a diferença é enorme. Eu acho que o cursinho valoriza muito mais a questão de passar no vestibular. Você tem uma meta que é passar no vestibular, os professores são ótimos, espetaculares, eles te dão o maior apoio do mundo, e eu quando eu entrei no cursinho aqui em São Paulo eu entendi porque pessoas de onde eu venho dificilmente vão passar em Medicina na USP ou em Medicina aqui. Porque o preparo que a pessoa tem lá do ensino médio até mesmo

no cursinho é muito discrepante do preparo que uma pessoa tem aqui no Anglo da vida ou no Poliedro da vida.

p - mas isso academicamente falando, em relação, sei lá, às matérias ou isso culturalmente falando também? Porque eu entendo que existe uma diferença cultural de uma cidade do interior para São Paulo.

e - acho que culturalmente no sentido de interesse, muita gente lá fala "não vou nem prestar porque não é para mim".

p - exato, esse negócio não é para mim.

e - agora, não diria nas matérias, mas os professores tendem a ser bem melhores, o apoio que a escola te dá é maior. Lógico que assim, tenho colegas meus que saíram já do terceiro ano e vieram de escolas muito boas, muito boas, que eram muito melhores do que os cursinhos. Mas no geral, falando pessoalmente, uma diferença absurda, os professores muito melhores.

p - e o Anglo quando você fez ainda não estava aqui em São Paulo?

e - não, aqui em São Paulo, esse é o nome da rua.

p - ah achei que fosse uma cidade.

e - não, não.

p - ah sim, com certeza se você cursou uma escola mais no interior e agora você veio para a capital.

e - é bem diferente.

p - sim, um salto cultural grande na verdade de vivências.

e - e acho que a visão de mundo dos caras, assim tipo, o cara conhece todas as provas da Fuvest, todas as provas da UNIFESP, ele prepara o material, é uma outra pegada...

p - sim, com certeza.

p - e você diria que com a sua vinda para São Paulo mudou o seu consumo cultural?

e - meu consumo, nossa, absurdamente. Tanto por acesso, porque sei lá, minha cidade tem poucos habitantes, não tem exposição, não tem show, não tem nenhum cinema, teatro muito mais ou menos assim. Eu nunca fui num teatro na minha cidade, tanto acesso quanto a conhecer que existe, sabe?

p - uma dimensão de real daquilo.

e - sim, exato.

p - e aí assim afetou na sua escolha por leituras? Eu vi que você lê bastante, queria que você me falasse um pouco do que você lê.

e - o que eu leio. Gosto muito de literatura brasileira, muito muito, sempre gostei. Leio muito... Gosto muito de contos, leio livros de contos. Meu escritor preferido é Guimarães Rosa, de longe assim, disparado. Adoro o cara, daqui um tempo vou terminar de ler a obra completa dele, se deus quiser. Eu tendo a ler mais isso, literatura brasileira, contos, leio um ou outro livro de literatura estrangeira, gosto muito de poesia. Não tenho muito um perfil, mas normalmente literatura brasileira, não que eu não leia a estrangeira, mas...

p - mas a brasileira te chama mais atenção.

e - é uma coisa que, eu já discuti isso com algumas pessoas, ah eu gosto de Mia Couto também uma literatura Moçambicana, Africana em geral, o que eu conheço Africano é dele.

p - e como que surgiu esse interesse? Porque assim, em verdade é um interesse, não diria em comum, mas literatura brasileira mesmo a galera tem mais contato quando está no vestibular.

e - sim.

p - e me parece algo um pouco distante de Best Seller, não é?

e - muito...

p - que é o que mais sai, como diz o nome... E como é que surgiu esse interesse por essa leitura mais refinada?

e - ah eu acho que um pouco por... Eu sempre gostei de ler, mas quando eu era criança eu tendia a ler outras coisas, lia...

p - não, naturalmente porque você era adolescente.

e - não vou ler Grande Sertão Veredas com 10 anos de idade.

p - isso já seria de assustar!

e - mas assim, eu não sei, a faculdade... A faculdade não, a escola ensino médio, e a interpretação que existe do livro, você saber o que o cara quis dizer com aquilo, a escolha, o trabalho que ele teve para fazer aquilo, nada que está ali no livro é por acaso, ele não

escolhe um nome de personagem por acaso. Não só literatura brasileira, qualquer literatura e... Sabe? O que aquilo representa, está dentro de uma questão cultural do país, não é simplesmente "estou fazendo para vender este livro", é uma coisa mais... Existe um sentido em tudo aquilo, é uma escrita muito mais... Que tem um significado muito maior do que um Best Seller.

p - muito mais artístico do que comercial?

e - muito mais artístico do que comercial... E o caso da Brasileira especificamente foi pela questão do contexto, sabe? Acho difícil... Eu entendo que tem grandes livros que são universais, você vai poder ler ele em qualquer lugar, mas você ler a obra de um cara que escreveu sobre o seu país, ou sobre um contexto que você está mais próximo é mais rico do que de um contexto mais distante... Eu acho difícil, por exemplo, e por questão de tradução também, eu acho complicado porque você perde muita coisa na tradução, então literatura portuguesa em geral acho que é uma coisa mais acessível no sentido de você entender mais profundamente o que ele está querendo dizer e não simplesmente ler o livro por ler, sabe? Acho que é por isso a literatura brasileira.

p - e tem alguma coisa a ver com a relação da vivência médica isso ou não?

e - será?

p - pessoalmente assim você diria o que?

e - eu acho que... Não sei te falar cara, eu acho que...

p - é uma outra dimensão assim? Sem uma correlação direta?

e - eu acho que tem no sentido de que a literatura e a Medicina são áreas onde você entra em contato com características humanas que outras áreas talvez não permita você entrar. Tem grandes escritores que são médicos, Guimarães Rosa ele mesmo, então eu acho que ajuda no sentido de entendimento das pessoas, uma boa literatura te ajuda a entender mais as pessoas e me ajuda na Medicina, com certeza, no sentido mais subjetivo.

p - certo, mas assim diretamente sem correlação.

e - não.

p - algo como escolhi ler Guimarães Rosa porque eu faço.

e - não, forma alguma, foi anterior a isso...

p - entendi.

p - e eu vi aqui também que você fez viagens internacionais.

e - é, fiz uma acho...

p - isso, duas, eu queria saber para onde, porque e como foi isso.

e - eu fiz uma quando eu era mais novo, que eu fui para Foz do Iguaçu e conheci ali a região do Paraguai e a Argentina e fiz uma para Buenos Aires. As duas foram viagens de família assim de férias, uma foi a minha mãe e meu pai e a outra foi só eu e minha mãe.

p - mas vocês decidiram...?

e - é foi meio "ah vamos conhecer?" vamos, e foi assim, acho que por indicação de "ah minha mãe tem uma amiga que foi, gostou"

p - então vamos lá, pode ser legal.

e - isso, a de Foz de Iguaçu, que é no Brasil mas a gente foi também para Argentina e o Paraguai, foi bem interessante, gostoso. Eu gosto de coisa de natureza. Biologia...

p - é um interesse seu.

e - é, tem um canto no coração, eu gosto de natureza, gosto de... Achei super legal. E a de Buenos Aires foi incrível assim, nossa...

p - você tem assim uma gama de interesses na verdade, você é bem...

e - eclético?

p - não, para além disso, você tem diversos interesses mas você tem um conhecimento sólido sobre muita coisa, tanto quanto biologia, é que biologia você cursou um ano e meio, mas de literatura você tem muita desenvoltura no falar também, eu noto isso...

e - obrigado.

p - imagine! E esse refinamento assim cultural que você tem, essa vivência de uma forma geral?

e - de onde ela vem?

p - é, eu pergunto isso da literatura também, mas onde você pegou essa facilidade de falar, a gente troca de assunto muito rápido, mas você consegue falar muito bem. Você acha que isso possa ser característica dos seus pais?

e - talvez, acho que sim...

p - seus pais também falam bem?

e - falam bem, ambos são introspectivas mas que conversando pessoalmente falam muito bem. Meu pai é um cara extremamente inteligente eu acho absurdo, é um cara que consegue falar sobre qualquer assunto.

p - usa diversas referências.

e - lê muito, não livro, mas lê muito jornal, muita revista, muito informado e essa questão que eu falei para você de debate e de conflito eu acho que eu herd... Peguei um pouco dele, porque o meu pai é um cara que ele não entra em conflito, ele abre a mão do dele para não, sabe? E aí você está em um grupo que tem uma determinada opinião, você joga com aquela opinião, e você tá no grupo que tem outra opinião você joga com essa opinião também.

p - algo meio coringa assim...

e - é, acho que foi, mas essa questão social, opa essa questão cultural, não foi assim, porque meus pais não são grandes leitores, não ouvem nada muito... Não gostam de música, não têm nenhum interesse nisso.

p - mas são muito bem articulados.

e - são muito bem articulados, mas essa questão de escolha de ler, o que ouvir, o que ver, acho que foi mais da vida, você vai conhecendo pessoas que você admira que gostam daquilo, você pega um pouco daquilo para você.

p - uhum, não ouve algo direto assim por exemplo.

e - gostaria de ter feito mais viagens internacionais hahaha no futuro quem sabe?

p - com certeza!

p - eu queria que você me falasse um pouco dessa sua preferência... Por exemplo, por cinemas menores?

e - perfeito, claro.

p - BA, Itau cultural.

e - Caixa Belas Artes, com certeza. Ahm, pra falar a verdade faz muito que eu não vou ao cinema.

p - imagino que por conta da rotina de Medicina.

e - nossa, é uma beleza... Vamos pensar, como eu vou falar isso...

p - como é que surgiu isso.

e - como é que surgiu isso.

p - isso.

e - primeira coisa a vinda para São Paulo, na minha cidade não tinha espaço para filmes... Filmes que não são blockbusters vamos dizer assim, ou que não vendem muito, não vão chegar ao cinema de lá. Não, de jeito nenhum. E até filmes que estão concorrendo ao oscar e que estão bem cotados, vou dar um exemplo recente, Lalaland por exemplo, não chegou no cinema de lá, eu não sei porque. Sei lá, filme de super-herói chega, e eu não tenho anda contra esses filmes, são filmes divertidos para você vê...

p - mas as vezes a gente quer algo mais...

e - isso, eu acho que é uma coisa que cai um pouco na questão da literatura ali, sabe? Você vê aquilo por diversão, você lê livros por diversão, mas não tem nada por trás ali, você não aprendeu nada com aquilo, você não se emocionou além de dar risada ou ficar animado, mas... Não tem isso e essa questão dos cinemas menores eu acho interessante porque você tem acesso a coisas que você não tem acesso coisas que você não tem acesso em nenhum outro lugar. É um ambiente agradável assim, um ambiente gostoso.

p - o público talvez?

e - o público, é um público bem diferente, você vê coisas totalmente diferentes que você não veria em outros lugares.

p - tipo do público assim você diz ou dos filmes?

e - dos filmes, dos filmes, e o público é um público muito diverso, é um público que você não vê numa sala de cinema normal... normal?

p - mainstream assim...

e - isso, um público desse tipo. Assim, não vou falar pra você que eu sou super hipster que vai na sessão do filme ucraniano do Belas Artes, mas eu gosto, acho interessante. São filmes que... São filmes bons que eu não vou conseguir ver em outros lugares, num lugar gostoso, então acho que...

p - tanto pelo ambiente como pelo conteúdo, no caso o filme.

e - exato.

p - e isso acabou surgindo depois que você veio para São Paulo?

e - com certeza, essa é uma das coisas que me fazem não querer sair de São Paulo, não exatamente o filme, mas a questão cultural como um todo é uma coisa que me faz não querer sair de São Paulo.

p - uhum, muito bom.

p - e ai você tem um irmão?

e - não, não, eu marquei que tenho irmão?

p - é que você falou que tem duas pessoas... Você é filho único então?

e - sou filho único...

p - é são duas pessoas da sua família que estão no curso superior na sua geração. Eu imaginei que fosse seu irmão.

e - não, são dois primos.

p - ah sim.

e - dois primos? É, dois primos.

p - e eles estão fazendo o que?

e - um faz Medicina e o outro que faz direito, um é esse que mora comigo e o outro faz direito.

p - e vocês tiveram uma convivência muito próxima sempre?

e - esse que faz direito já tive assim quando era criança, era muito próximo, muito muito próximo como se fosse irmão mesmo, e esse que faz Medicina estou tendo uma convivência mais próxima agora, porque ele está morando comigo, eu divido o quarto com ele então é uma convivência bem próxima, mas sim são esses dois as grandes vertentes assim da...

p - de referências que cresceram com você.

e - isso...

p - e me fala uma coisa, seus avós, você tem contato com eles?

e - os quatro estão vivos, mas eu tenho bem mais contatos com avós maternos do que paternos, por exemplo esse primo meu é da parte paterna, então eu acho que por não ter tanto contato com avós paternos, quando eu vou para cidade do lado da minha, eu vou na casa dos meus avós maternos, vou visitar meus avós paternos mas muito rapidamente. Durmo na casa dos meus avós maternos...

p - a relação com os seus avós paternos é muito mais próxima?

e - muito mais próxima, absurdamente mais próxima.

p - e essa coisa de eles serem trabalhadores rurais, etc, eu imagino que eles devam ficar muito contentes que você entrou na Medicina.

e - ah adoram... Porque acham que já é médico.

p - bom, de alguma forma é, né? Você chegou lá no topo de uma carreira superconcorrida.

e - sim, lógico, ah muito orgulho assim, sabe? E tem aquela questão da simplicidade, são pessoas muito simples, vivem em uma casa muito simples, tem objetivos totalmente diferentes de vida do que eu tenho ou do que...

p - de vivência, de *ethos* essa coisa mesmo de São Paulo.

e - sim, do que eles querem, do que eles almejam, o que era sonho para eles e o que eles conseguiram realizar, é uma vivência totalmente diferente da minha, mas eles tem muito orgulho.

p - então assim, nessa sua mudança para São Paulo, você diria que essa relação mudou? Ou não, manteve o mesmo?

e - ... Vamos pensar. Eu acho que mudou no sentido de... De menos frequência de visitas, então fica uma coisa mais, mais...

p - espaçada.

e - mais espaçada, tem menos contato, então quando vai é uma coisa mais animada, então...

p - mas assim, por exemplo, dos assuntos que vocês conversavam.

e - não, acho que não.

p - manteve isso.

e - manteve, falo um pouco da Medicina, mas nada muito absurdo assim.

p - sim, nada muito distante.

e - não é uma mudança absoluta de assunto não.

p - algo do nível de que você mudou tanto que já não consegue mais conviver.

e - não, de modo algum.

p - e assim, sua turma, você diria que ela é vista de alguma maneira diferente por professores ou outros alunos pelo fato de ser

50% de cotas e etc, você acha que isso acaba pesando de alguma forma?

e - não, acho que não.

p - isso não surge.

e - não, de modo algum, eu nunca percebi pelo menos.

p - entendi, como nunca ouviu nenhum comentário.

e - não, de jeito nenhum.

p - acho que é isso, tem mais alguma coisa que você acha interessante comentar comigo do curso de Medicina ou do que você queira dizer.

e - acho que tem.

p - hum.

e - uma das coisas que me dificultava para entrar na Medicina, que eu falei para você que nunca pensei em fazer Medicina, nunca foi meu sonho de criança. Foi aquela visão, eu tinha uma visão primeiro no sentido que eu não achava que eu não era capaz, não de passar, mas de ser médico. E eu tinha aquela visão que as pessoas que fazem Medicina são as pessoas que sempre quiseram isso, pessoa que "nossa eu nasci operando".

p - vocacionado.

e - vocação, vocação eu acho, a palavra vocação.

p - uhum.

e - quando eu entrei, eu tive um choque muito grande quanto a isso, porque eu vi que 80% da minha sala, ou nunca tinha pensado em fazer Medicina e está aqui porque passou e vamos ver o que que é, ou não sabe o que quer fazer da vida e está aqui. Isso existe muito, muito, muito. Tem muita gente que sempre quis, mas tem muita gente que não sabe nem o que está fazendo aqui, que não sabe se quer estar aqui ainda ou não. Isso foi um choque muito grande para mim, totalmente diferente do que eu pensava que seria. E o primeiro ano da Medicina, daí uma coisa que me chocou também ou que me impressionou também, é aquela questão de que, não sei se você está abordando isso em algum aspecto da sua pesquisa, eu acho que não, mas a questão de saúde mental do estudante de Medicina. É uma coisa, agora esse ano teve muita questão na USP dos

suicídios, aqui tem vários casos também, e é uma coisa que eu nunca conheci fora da graduação assim, não tinha conhecimento da existência. Eu percebi que é muito prevalente isso, é uma coisa muito prevalente, tem muita gente com depressão, muita gente com ansiedade, muita gente que não sabe o que quer fazer e está indo só.

p - gente bastante atormentada.

e - muito, muito, muito. Isso no primeiro ano foi uma coisa que me impactou, não ver que isso existe, mas como incluso na estatística de incidência, eu tive depressão no primeiro ano, ano passado e eu acho que em grande parte, não necessariamente quanto ao curso, mas quando aquela coisa assim, eu tinha saído da biologia, entrei aqui, e não sabia o que eu queria, continuava não sabendo o que eu queria e eu falava "nossa, isso não tem sentido nenhum, o que eu estou fazendo aqui?" e eu percebi que isso é uma coisa muito prevalente aqui e é meio triste ver isso, porque tem muita gente que passa a faculdade inteira assim, depois forma e continua assim, é bem complicado.

p - essa coisa então desse imaginário da vocação, de ter nascido, você acha que isso contribui para isso então?

e - eu acho que contribui, acho que contribui sim... Acho que pode contribuir de maneira negativa e positiva, positiva no sentido que o cara aguenta mais, eu sempre quis estar aqui e acho tudo maravilhoso, e negativa no sentido de quebra de expectativa, o cara entra achando que vai ser maravilhoso e vem o ciclo básico e quebra perna e o cara fica totalmente decepcionado com o curso, existe as duas facetas. Mas acho que mais pelo lado positivo, a pessoa aguenta mais, fez 3 ou 4 anos de cursinho para entrar e é isso e está super feliz.

p - e as cotas nesse caso, você acha que influenciou, sei lá, na tentativa da galera, você sente assim que isso é uma fala recorrente de "não, eu tentei em Medicina, eu quis entrar em Medicina agora porque isso se tornou um horizonte viável para mim por conta das cotas"?

e - olha, eu nunca vi um comentário, mas eu acho que sim. Sem explicitamente ser visto,

eu acho que muitas pessoas daqui tentaram por causa da questão da cota, ou conseguiram por causa da questão da cota. Tenho ótimos... Tenho amigos que ralaram muito, trabalharam de madrugada, assim uma coisa absurda, mas eu acho que sim.

p - as cotas acabaram tornando isso um horizonte possível então.